This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

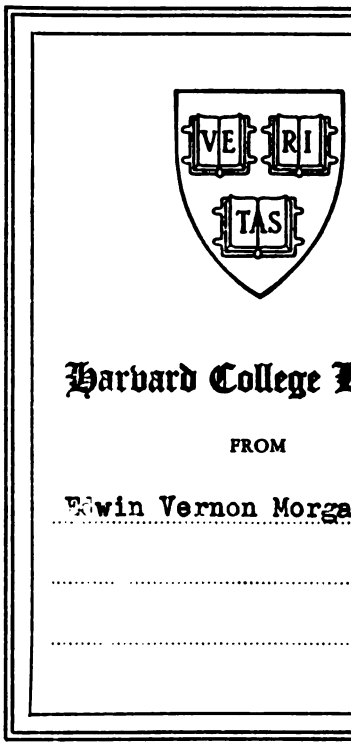
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

HN 7U57 3

Digitized by Google

SA 6035. 07



Harvard College Library

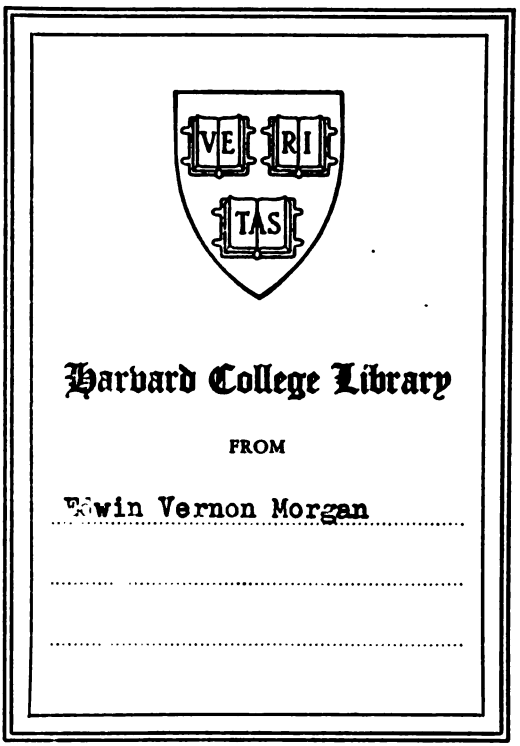
FROM

Edwin Vernon Morgan

Digitized by Google

Digitized by Google

SA 6035. 07



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

TRATADO

DESCRIPTIVO DO BRASIL

EM 1587

OBRA DE

GABRIEL SOARES DE SOUSA

Senhor de engenho da Bahia, n'ella residente dezesete annos
seu vereador da Camara, etc.

Edição castigada pelo estudo e exame de muitos codices manuscriptos existentes no Brasil, em Portugal, Hespanha e França, e accrescentada de alguns commentarios á obra por Francisco Adolpho de Varnhagen.

Segunda Edição mais correcta e accrescentada com um additamento

---

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DE JOÃO IGNACIO DA SILVA
81 Rua da Assembléa 81

1879

Digitized by Google

SA 6035.87

HARVARD COLLEGE LIBRARY
GIFT OF
EDWIN VERNON MORGAN
OCT. 22, 1915.

Digitized by Google

AO

INSTITUTO HISTORICO DO BRASIL

SENHORES.

Sabeis como a presente obra de Gabriel Soares, talvez a mais admiravel de quantas em portuguez produziu o seculo quinhentista, prestou valiosos auxilios aos escriptos do padre Cazal e dos contemporaneos Southey, Martius e Denis, que d'ella fazem menção com elogios não equivocos.

Sabeis tambem como as *Reflexões criticas* que sobre essa obra escrevi, foram as primicias que offereci ás letras, por intermedio da Academia das Sciencias de Lisboa que se dignou, ao acolhel-as no corpo de suas memorias, contar-me nos do seu gremio. Sabeis como aquella obra corria espuria, pseudonyma e corrompida

Digitized by Google

no titulo e na data, quando as *Reflexões criticas* lhe restituiram genuinidade de doutrina e legitimidade de autor e de titulo, e lhe fixaram a verdadeira idade. Sabereis, finalmente, como nada tenho poupado para restaurar a obra, que por si constitue um monumento levantado pelo colono Gabriel Soares á civilisação, colonisação, letras e sciencias do Brasil em 1587.

Essa restauração dei-a por emquanto por acabada; e desde que o Sr. Ferdinand Denis a inculcou ao publico europeu, com expressões tão lisongeiras para um de vossos consocios, creio que devemos corresponder a ellas provando nossos bons desejos, embora a realidade do trabalho não vá talvez corresponder á expectativa do illustre escriptor francez quando disse: « Ce beau livre... a été l'objet d'une... (permitti-me, Senhores, calar o epitheto com que me quiz favorecer)... dissertation de M. Adolfo de Varnhagen. Le... écrivain que nous venons de nommer a soumis les divers manuscrits de Gabriel Soares à un sérieux examen, il a vu même celui de Paris, et il est le seul qui puisse donner aujourd'hui une édition correcte de cet admirable traité, si précieux pour l'empire du Brésil. »

Sem me desvanecer com as expressões lisongeiras que acabo de transcrever do benevolo e elegante escriptor, não deixo de me reconhecer um tanto habilitado a fazer-vos a proposta que hoje vos faço de imprimirdes o codice que vos offereço.

Não ha duvida, Senhores, que foi o desejo de ver

Digitized by Google

o exemplar da Bibliotheca de Paris o que mais me levou a essa capital do mundo litterario em 1847. Não ha duvida que, além d'este codice, tive eu occasião de examinar uns vinte mais. Vi tres na Bibliotheca Eborense, mais tres na Portuense e outros na das Necessidades em Lisboa. Vi mais dois exemplares existentes em Madrid: outro mais que pertenceu ao convento da congregação das Missões e tres da Academia de Lisboa, um dos quaes serviu para o prélo, outro se guarda no seu archivo, e o terceiro na livraria conventual de Jesus. Igualmente vi tres copias de menos valor que ha no Rio de Janeiro (uma das quaes chegou a estar licenciada para a impressão); a avulsa da collecção de Pinheiro na Torre do Tombo, e uma que em Neuwied me mostrou o velho principe Maximiliano, a quem na Bahia fôra dada de presente. Em Inglaterra deve seguramente existir, pelo menos, o codice que possuiu Southey; mas foram inuteis as buscas que ahi fiz após elle, e no Museu Britanico nem se quer encontrei noticia de algum exemplar.

Nenhum d'aquelles codices porém é, a meu ver, o original; e baldados foram todos meus esforços para descobrir este, seguindo as indicações de Nicoláo Antonio, de Barbosa, de Leon Pinelo e de seu addicionador Barcia. Na Bibliotheca de Christovão de Moura, hoje existente em Valencia e pertencente ao Principe Pio, posso assegurar-vos que não existe elle, pois que, graças á bondosa amizade d'este cavalheiro, me foi per-

Digitized by Google

mittido desenganar-me por meu proprio exame. A livraria do conde de Villa-Umbrosa guarda-se incommunicavel na ilha de Malhorca, e não ha probabilidade de que quando n'ella se ache ainda o codice que menciona Barcia, possa elle ser o original. A do conde de Vimieiro foi consumida pelas chammas, as quaes póde muito bem ser que devorassem os quadernos originaes do punho do nosso colono.

Graças porém ás muitas copias que nos restam — a uma das de Evora sobretudo, creio poder dar no exemplar que vos offereço o monumento de Gabriel Soares, tão correcto quanto se poderia esperar sem o original, em quanto o trabalho de outros e a discussão não o aperfeiçoem ainda mais, como terá de succeder.

Acerca do autor talvez que o tempo fará descobrir na Bahia mais noticias. Era filho de Portugal, passou á Bahia em 1570, fez-se senhor de engenho e proprietario de roças e fazendas em um sitio entre o Jaguaribe e o Jequiriçá. Voltando á Peninsula dirigiu-se a Madrid, onde estava no 1° de Março de 1587, em que offertou seu livro a Christovão de Moura por meio da seguinte carta:

« Obrigado de minha curiosidade fiz, por espaço de 17 annos que residi no Estado do Brasil, muitas lembranças por escripto do que me pareceu digno de notar, as quaes tirei a limpo n'esta côrte em este quaderno, emquanto a dilação de meus requerimentos me deu para isso lugar; ao que me dispuz entendendo convir ao

Digitized by Google

serviço de El-Rei Nosso Senhor, e compadecendo-me da pouca noticia que n'estes reinos se tem das grandezas e estranhezas d'esta provincia, no que anteparei algumas vezes, movido do conhecimento de mim mesmo, e entendendo que as obras que se escrevem tem mais valor que o da reputação dos autores d'ellas.

« Como minha tenção não foi escrever historia que deleitasse com estylo e boa linguagem, não espero tirar louvor d'esta escriptura e breve relação (em que se contém o que pude alcançar da cosmographia e descripção d'este Estado), que a V. S. offereço; e me fará mercê aceital-a, como está merecendo a vontade com que a offereço: passando pelos desconcertos d'ella, pois a confiança d'isso me fez suave o trabalho e tempo que em a escrever gastei: de cuja substancia se podem fazer muitas lembranças á S. M. para que folgue de as ter d'este seu Estado, a que V. S. faça dar a valia que lhe é devida; para que os moradores d'elle roguem a Nosso Senhor guarde a mui illustre pessoa de V. S. e lhe accrescente a vida por muitos annos. Em Madrid o 1º de Março de 1587.— *Gabriel Soares de Souza.* »

Para melhor intelligencia das doutrinas do livro acompanho esta copia dos commentos que vão no fim. Preferi este systema ao das notas marginaes inferiores, que talvez seriam para o leitor de mais commodidade; porque não quiz interromper com a minha mesquinha prosa essas paginas venerandas de um escriptor quinhentista. Abstive-me tambem da tarefa, aliás enfado-

Digitized by Google

nha para o leitor, de acompanhar o texto com variantes que tenho por não legitimas.

Esta obra, doze annos depois, já existia em Portugal ou por copia ou em original; e em 1599 a cita e copia Pedro de Mariz na segunda edição de seus *Dialogos*. Mais tarde copiou d'ella Fr. Vicente de Salvador, e por conseguinte o seu confrade Fr. Antonio Jaboatão. Simão de Vasconcellos aproveitou do capitulo 40 da 1ª parte as suas Noticias 51 a 55, e do capitulo 70 a Noticia 66.

Assim, se vós o resolverdes, vai finalmente correr mundo, de um modo condigno, a obra de um escriptor de nota. Apezar dos grandes dotes do autor, que o escripto descobre, apezar de ser a obra tida em conta, como justificam as muitas copias que d'ella se tiraram, mais de dois seculos correram sem que houvesse quem se decidisse a imprimil-a na integra. As mesmas copias por desgraça foram tão mal tiradas que d'isso proveio que o nome do autor ficasse esgarrado, o titulo se trocasse e até na data se commettessem enganos!

Peza-nos ver nos tristes azares d'este livro mais um desgraçado exemplo das injustiças ou antes das infelicidades humanas. Se esta obra se houvesse impresso pouco depois de escripta, estaria hoje tão popular o nome de Soares como o de Barros. O nosso autor é singelo, quasi primitivo no estylo, mas era grande observador, e, ao ler o seu livro, vos custa a descobrir se elle, com estudos regulares, seria melhor geographo que historiador, melhor botanico que corographo, melhor ethnographo que zoologo.

Digitized by Google

Em 1825 realisou a tarefa da primeira edição completa a Academia de Lisboa; mas o codice de que teve de valer-se foi infelizmente pouco fiel, e o revisor não entendido na nomenclatura das cousas da nossa terra. Ainda assim muito devemos a essa primeira edição: ella deu publicamente importancia ao trabalho de Soares, e sem ella não teriamos tido occasião de fazer sobre a obra os estudos que hoje nos fornecem a edição que proponho, a qual, mais que a mim, a deveis á corporação vossa co-irmã, a Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Madrid, 1° de Março de 1851.

F. A. de Varnhagen.

Digitized by Google

Digitized by Google

ADDITAMENTO

Algumas noticias biographicas a cerca de Gabriel Soares de Sousa, tiradas da 2.ª edição da Historia Geral do Brasil, do editor Visconde de Porto Seguro.

Os primeiros cuidados de D. Francisco de Sousa, logo que chegou á Bahia, foram os de dar cumprimento e execução ás ordens recebidas, para que auxiliasse efficazmente a Gabriel Soares, na sua projectada expedição á actual provincia de Minas, subindo pelo Paraguassú até as suas cabeceiras, e passando depois d'estas ás vertentes do Rio de S. Francisco, segundo um roteiro, que, conforme dissemos, uns sete annos antes, recebêra, deixado por seu irmão João Coelho de Sousa, o qual, depois de haver percorrido os sertões durante trez annos, e de haver n'elles descoberto metaes preciosos, e, segundo parece, até já diamantes, ao fallecer, quando regressava de taes descobrimentos, nas cabeceiras do rio Paraguassú, lhe mandára entregar a sua derrota por um portador de confiança.

Era Gabriel Soares nascido em Portugal, talvez na propria cidade de Lisboa, onde tinha duas irmãs. Em 1567, passava á Monomotapa, acompanhando a Francisco Barreto, quando, arribando á Bahia, preferiu ficar n'esta cidade, onde foi medrando; chegando a fazer-se até senhor de um grande engenho de assucar no rio

Digitized by Google

Jequiriçá. Por morte de seu irmão João Coelho, de quem já tratamos, herdeiro do seu itinerario do descobrimento de varias minas nos sertões, resolveu passar á Europa, a requerer concessões e privilegios; mas houve tal dilação no despacho de seus requerimentos, que tendo partido da Bahia em fins de Agosto de 1584, só depois de meados de Dezembro de 1590 foi despachado. N'esse intervallo, talvez com objecto de recommendar-se offereceu, no 1.º de Março de 1587, a D. Christovão de Moura, estadista influente no governo, o precioso escripto a cerca do Brasil de que já demos noticia.

As concessões obtidas pelo mesmo Soares reduziram-se:

A uma carta rêgia ao governador do Brasil, afim de que fossem postos ás suas ordens duzentos indios frecheiros; e a mais oito alvarás, todos da mesma data dispondo:

Que o mesmo Gabriel Soares de Sousa, « capitão mór e governador da conquista e descobrimento do Rio de S. Francisco, » teria o direito de nomear, por seu fallecimento, um successor que gozaria dos mesmos titulos e poder.

Em ter faculdade de prover todos os officios da justiça e da fazenda no seu districto.

Em lhe ser concedido, para quatro cunhados e dois primos, que com elle iriam, o habito de Christo, com 50 rs., e no fim da jornada, o fôro de fidalgo e moradia para os mesmos; e mais dois habitos para os capitães que o acompanhassem.

Digitized by Google

Em poder conceder o foro de cavalleiros fidalgos até cem pessoas dos do seu sequito.

Em poder fazer promessas de mais recompensas aos que se distinguissem.

Em lhe ser facultado o tirar das prisões, para levar comsigo, os condemnados a degredo que escolhesse, sendo de officios mechanicos, mineiros, etc.

Em ser a estes contado, como tempo do degredo, o da expedição.

Finalmente, em ficar autorisado, se quizesse, a proseguir os descobrimentos ainda mais além do Rio de S. Francisco; e por conseguinte até dos proprios terrenos das actuaes provincias de Goyaz e Matto Grosso, se lá chegasse.

Os alvarás, mandados passar por Este vão da Gama, foram escriptos por João da Gama, ambos mui provavelmente ainda aparentados com o famoso descobridor da India, Vasco da Gama. Depois de chegar á Lisboa, para se embarcar, obteve o mesmo Soares mais duas graças, em 27 de Janeiro immediato; a saber uma ordem para n'esse porto se lhe dar embarcação, e mantimento ordinario ás pessoas que com elle iam, e outra para o governador do Brasil lhe dar cincoenta quintaes de algodão em caroço, do que houvesse pertencente á Fazenda, afim de se fazerem armas, para os que o deviam acompanhar á nova conquista.

Auxiliado com tantos favores, partiu a final de Lisboa, o novo « capitão mór e governador » Gabriel Soares de

Digitized by Google

Sousa, na urca flamenga denominada *Grifo-Dourado*, em 7 de abril de 1591, conduzindo comsigo uns tresentos e sessenta homens, incluindo quatro religiosos carmelitas, um dos quaes, Fr. Hieronymo de Canavezes, veiu até a ser depois provincial.

O projecto de Soares era chegar ás cabeceiras do Rio de S. Francisco, onde se deviam encontrar as minas, de que nos lugares de que levava nota pelo roteiro de seu irmão, dava conta o mesmo roteiro; e cuja existencia veiu a confirmar-se no seguinte seculo; pois essas minas se achavam evidentemente no districto da provincia, que, pelas que depois n'ella se descobriram, se ficou chamando de *Minas*, como sabemos.

Infelizmente, o seu completo descobrimento e exploração, e por conseguinte o principo da colonisação n'esse districto, ainda então teve de ficar aprasado, em virtude dos successivos mallogros que acompanharam a dita expedição de Gabriel Soares, incluindo a sua propria morte, succedida proximamente na paragem onde tivéra lugar a de seu irmão, e a de um indio por nome *Aracy* (o sol) que lhe servia de guia.

O principio do mallogro da expedição procedeu de haver em meados de Junho, naufragado a urca onde vinham todos, em Vazabarris; onde, graças á recente colonisação por Christovão de Barros, não cahiram victimas dos indios.

Salvando-se a maior parte da tripolação, passou o mesmo Soares á Bahia, onde refeito com os auxilios que

Digitized by Google

lhe deu D. Francisco de Sousa, emprehendeu a expedição, indo primeiro ás suas terras, onde acabou de prover-se de carnes e farinhas, e logo varou até metter-se no conhecido Boqueirão, por onde forçosamente devia entrar para seguir caminho, subindo com o rio Paraguassú pela margem direita.

Seguiu sempre subindo até o arrayal, mais ou menos encostado á margem direita do mesmo rio até uma paragem, em que, com parte da gente que levava, deixou assentado um arrayal; por ventura a proprio chamado de João Amaro; pois tinha ordem de ir deixando no caminho pequenas povoações, ou arrayaes fortificados, de 50 em 50 leguas, proximamente. — No caminho, até esse arrayal, lhe adoeceram muitos homens de sezões, e perdeu muitos animaes mordidos dos morcegos; pragas estas que deviam ser mui nocivas, quando os sertanejos tiveram mais tarde que abandonar este caminho, cortando do Boqueirão ao arrayal de João Amaro, pela chamada *Travessia*, terreno sem pastos e quasi sem agua.

D'esse primeiro arrayal, proseguiram, sempre pela margem direita do Paraguassú acima, não sem grandes trabalhos para evitar ciladas dos gentios, a abrir picadas, e juntar os animaes, que se estraviavam, e as vezes de todo se perdiam, já mordidos das cobras, já comidos pelos tigres; e finalmente pelos obstaculos offerecidos pelo proprio rio, que ladeavam; o qual, com suas subitas cheias, deixava muitas vezes os expedicionarios ilhados, e na necessidade de esperarem que as aguas baixassem.

Digitized by Google

Por fim, chegaram ás primeiras grandes vertentes que vem do S. O.; e tomaram por uma d'ellas, começando a subida da serra, não longe, ao parecer, da actual povoação de Santa Isabel do Paraguassú.— Para transpôr a dita serra, gastaram alguns dias, cobertos de nevoeiros, com bastante frio, não havendo por ahi lenha para se aquecerem, nem pasto para os animaes, que já estavam mui dizimados, de nada lhe servindo muito salitre que tinham á vista. Aqui começaram todos a esmorecer; e como perfaziam já cincoenta leguas desde o arrayal anterior, decidiu-se Gabriel Soares a fundar o segundo; mas logo cançado dos trabalhos, adoeceu, e falleceu pouco depois.

Substituiu-o immediatamente no mando o mestre de campo Julião da Costa; o qual, vendo-se privado do guia indio *Aracy*, por ventura esmoreceu. Retirou-se com todos os da expedição para uma paragem mais sadia, e d'ahi escreveu ao governador, narrando-lhe o succedido, e pedindo-lhe novas ordens. Resolveu então este mandar regressar toda expedição, e apoderando-se de todos os roteiros, premeditou já então vir a recolher d'ella os fructos, como particular, apenas largasse o governo. E' o que devemos concluir, em vista do que depois praticou, vindo a requerer e obter os mesmos privilegios e concessões outorgados a Soares, e ainda outros mais.

O grande interesse que nos merece Gabriel Soares, como chefe d'essa expedição, embora mallograda, e ainda mais como um dos primeiros escriptores ácerca do Brasil em todos os ramos, e com especialidade das noti-

Digitized by Google

cias ethnographicas dos indios, nos induzem a incluir aqui as clausulas principaes do seu testamento, que deixou na Bahia, feito em 10 do Agosto de 1584, antes de embarcar-se para Europa, a requerer. Depois do cabeçalho, e de mais seis itens, encommendando-se à Virgem e a varios santos prosegue:

« D'onde quer que eu fallecer, me enterrarão no habito de S. Bento, havendo mosteiro de sua ordem, onde me enterrarão; e não havendo maneira d'este habito, e havendo mosteiro de S. Francisco, me enterrarão no seu habito, e os religiosos de ambas estas ordens me acompanharão, e a cada um darão de esmola cinco mil reis e pelo habito dez cruzados.

Se Deus fôr servido, que eu falleça n'esta cidade e capitania, meu corpo será enterrado em S. Bento da dita cidade, na capella-mòr, onde se me porá uma campa com um letreiro que diga *AQUI JAZ UM PECCADOR* o qual estará no meio de um escudo que se lavrará na dita campa; e sendo Deus servido de me levar no mar ou em Hespanha, todavia se porá na dita capella mór a dita campa com o dito letreiro em a qual sepultura se enterrará minha mulher Anna de Argollo.

« Acompanhará o meu corpo se fallecer n'esta cidade, o cabido, a quem se dará a esmola costumada, e os padres de S. Bento levarão de offerta um porco e seis almudes de vinho e cinco cruzados.

« Acompanhar-me-hão dois pobres cada um com sua tocha ou cirios nas mãos, e darão de aluguel á confraria d'onde forem, um cruzado de cada uma, e a cada pobre pelas levarem dôis tostões.

Digitized by Google

« Não dobrarão sinos por mim, e sómente se farão os signaes que se fazem por um pobre quando morre.

« Deixo á casa da santa misericordia d'esta cidade quarenta mil reis de esmola, para se dourar o retabulo, e para missas (?) cinco mil reis.

« Deixo á confraria do SS. Sacramento cinco mil reis e á de Nossa Senhora do Rosario dois mil reis.

« Far-me-hão no mosteiro de S. Bento, quer falleça n'esta capitania, quer em outra qualquer parte, tres officios de nove lições, em tres dias a fio; tanto que eu fallecer, ou se souber a certeza de minha morte, em cada officio se dará de offerta um porco e cinco alqueires de farinha, e não me farão pompa nenhuma, sómente me porão um panno preto no chão, com dois bancos cobertos de preto, e em cada um cinco velas accesas.

« Em cada officio d'estes me dirão cinco missas rezadas, á honra das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, com seus responsos sobre a sepultura.

« Nos outros dias seguintes, me dirão em tres dias afios cada dia cinco missas rezadas; as primeiras cinco á honra dos gozos de Nossa Senhora, e a outro dia as outras cinco á honra dos cinco mysterios gloriosos da Madre de Deus, conforme a contemplação do Rosario, e no outro dia as outras cinco á honra dos cinco passos dolorosos da Madre de Deus.

« Me dirão na mesma casa, acabados os officios atraz cento e cincoenta missas rezadas e quinze cantadas, e as cantadas darão de offerta a cada uma sua gallinha e canada de vinho, e umas e outras sahiram com seu res-

Digitized by Google

ponso sobre a minha sepultura, e as missas se repartirão pela maneira seguinte:

« Nos primeiros cinco dias se dirão, em cada dia, dez missas rezadas e uma cantada, como acima fica dito, á honra dos prazeres que se contemplam no rosario de Nossa Senhora.

« Nos outros cinco dias logo seguintes, se dirão em cada dia outras dez missas rezadas e uma cantada. á honra dos cinco mysterios dolorosos da Virgem Nossa Senhora.

« Nos outros cinco dias seguintes, se dirão em cada dia outras dez missas rezadas e uma cantada á honra dos cincos mysterios gloriosos da Virgem Madre de Deus. E se não houver padres no dito mosteiro, que bastem para dizerem estas missas juntas, humildemente peço ao padre abbade que ordene com os padres do collegio ou da Sé, com que se possam dizer estas missas, como tenho declarado, porque tenho confiança na Madre de Deus que, no cabo d'estas missas, sahirá minha alma do purgatorio.

« Como se acabar de dizer estas missas, como tenho declarado, ao outro dia seguinte se me diga um officio de nove lições, como os que acima tenho declarado.

« Mando que se digam pela alma de meu pai e mãi cincoenta missas rezadas, as quaes se dirão como se acabarem as que acima tenho declarado.

« Mando que se tomará de minha fazenda a valia de quinhentos cruzados, que se repartirão por cinco moças pobres, cem cruzados por cada uma para ajuda de seus

Digitized by Google

casamentos, o que repartirá o padre abbade, com informação do provedor da santa misericordia.

« Eu tenho duas irmãs viuvas; uma se chama D. Margarida de Sousa e outra Maria Velha, ambas moradoras em Lisboa, e não tenho herdeiro forçado, e darão a uma d'ellas de minha fazenda, do rendimento d'ella vinte mil reis a cada uma; e fallecendo alguma d'ellas ou sendo já fallecida, darão a que ficou viva, cada anno quarenta mil reis em sua vida tão sómente, os quaes lhe mandarão por lettra à Lisboa, de maneira que lhe seja paga a dita quantia.

« Declaro que tenho um livro das contas que tenho com as pessoas a quem devo, pelo qual se fará conta com as pessoas a quem estou em obrigação, ao pé de cujo titulo fica assignado por mim, ao qual livro se dará inteiro credito, porque, pelas declarações d elle, deixo desencarregada minha consciencia.

« N'este mesmo livro de minha razão tenho escripto o que tenho de meu, assim de fazenda de raiz, como escravos, bois de carros e eguas, e outros moveis, indios forros; e n'elle tenho em lembrança os encargos em que estou, assim ás pessoas que me servem e servirão, como á outras pessoas, ao qual se dará outrosim inteiro credito; por que o fiz só afim de concertar minha consciencia: o que não posso tratar nem esmiunsar n'este testamento pelas mudanças que o tempo faz, e eu não saber qual ha de ser a derradeira hora que meu Senhor ha de chamar me, para a qual não achei melhor remedio que este.

Digitized by Google

« Depois do meu fallecimento se ordenará o inventario de minha fazenda, e se fará conta do que devo, e se porá em ordem de se pagarem as minhas dividas, para o que se venderão os moveis de casa, bois e eguas, e assucar que se achar; e para o que restar se concertarão meus testamenteiros com os credores, para se pagarem pelos rendimentos de minha fazenda, se d'isso forem contentes, o que se ha de negociar, de maneira, que a minha alma não pene na outra vida; por isso, e não querendo elles esperar, em tal caso se arrendará o engenho de antemão ou se venderão as novidades d'elle; e quando isto não bastar, se venderão as terras que tenho no Jequiriçá, que com as aguas e fazenda valem muito, por serem muitas e boas : em tudo farão meus testamenteiros, de maneira, que eu fique desencarregado.

« Declaro por meus testamenteiros ao Rev. padre Fr. Antonio Ventura e á minha mulher Anna de Argollo, para que ambos façam cumprir este meu testamento como se n'elle contém ; e sendo caso que ella, ou por não poder estar presente na cidade, ou por suas indisposições não possa acudir a fazer cumprir este meu testamento, que tudo o feito pelo Rev. padre sómente fica valioso. E porque o tempo faz grandes mudanças, que com ellas ha viver e morrer, e ausentar, não podendo por algum licito impedimento cumprir o Rev. padre este meu testamento, digo que em tal caso seja meu testamenteiro, o Rev. padre que lhe succeder no cargo de abbade do dito mosteiro de S. Bento: mas ainda que o

Digitized by Google

Rev. padre Fr. Antonio Ventura não seja abbade, sempre quero que elle seja meu testamenteiro.

Como Nosso Senhor não foi servido que eu tivesse filhos de minha mulher, nem outros alguns, nem sobrinhos, filhos de meus irmãos, nem herdeiros forçados a quem pertença minha fazenda, e porque não herdei de meus pais, nem de meus avós, e adquiri por minha industria e trabalho, e por ventura alguns encargos de consciencia que ora não sei declarar, digo e declaro por meu herdeiro de toda minha fazenda ao mosteiro de S. Bento da cidade do Salvador, Bahia de todos os Santos, com condição que eu e minha mulher Anna de Argollo nos enterremos ambos na dita capella mór, que ora é e fallecendo antes que se faça a capella mór da igreja nova, passarão a nossa ossada á dita capella mòr da igreja nova, onde estará a minha sepultura, com a campa no meio da capella, com o letreiro (1) que atraz fica declarado.

« Serão obrigados o abbade e religiosos que ora são, e ao diante forem, me dizerem cada dia uma missa rezada por minha alma, para emquanto o mundo durar, com seu responso sobre a sepultura; e cada anno, pela semana dos Santos, um officio de nove lições.

« E sendo caso que Deus se sirva de me levar para si no mar ou em Hespanha, d'onde meus ossos não podem ser trazidos a este mosteiro, digo que, sem embargo d'isso, se me ponha esta sepultura na capella mór,

1) Acha-se com effeito na capella mór uma campa com a inscripção.

Digitized by Google

d'elle, para lembrança de se me dizer o responso sobre ella e para se enterrar minha mulher tão sómente.

Declaro que os chãos, que tenho n'esta cidade, que houve de Antonio de Affonceca, de Anna de Paiva, de Pedro Fernandes e de Braz Affonso, e a terra que tenho vallada no caminho da Villa-Velha, da banda do mar e da outra banda que foi de Antonio de Oliveira, queria que ficasse tudo a meu quinhão, por tudo ser mui necessario para o mosteiro, onde podem fazer muitas terecenas ao longo do mar para alugar, e pelo *caminho acima muitos fóros de casas, e muitas casas ao longo da estrada, que tudo pelo tempo adiante, virão a render muito para o convento.*

E porque hei este testamento por acabado, pelo qual dou por revogado todos os que tenho feito antes d'este, e este só quero que valha, porque esta é a minha derradeira vontade, o qual fiz por minha mão e assignado por mim—*Gabriel Soares de Sousa.* (2)

Como producção litteraria, a obra de Soares é seguramente o escripto mais producto do proprio exame, observação e pensar, e até diremos mais encyclopedico da litteratura portugueza n'esse periodo. Nos assumptos de que trata, apenas fôra precedido uns dez annos pela obra (3) muito mais laconica, mas que lhe serviu

2) A approvação d'este testamento foi feito em 21 de Agosto de 1584, e a abertura em 10 de Julho de 1592.

3) "Historia da provincia Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brazil; feita por Pero de Magalhães de Gandavo„: etc. anno 1576. Acha-se reimpressa no Tom. 21 da *Rev. do Inst.*

Digitized by Google

de estimulo, do grammatico Pero de Magalhães de Gandavo, autor que publicou o primeiro livro em portuguez acerca do Brasil, e que ainda mais estimamos, por haver sido amigo de Camões, e por haver, por assim dizer, posto em contacto com o nosso paiz, o grande poeta, quando este escreveu em verso a epistola offerecendo-a a D. Leoniz Pereira, antigo governador de Malaca.

« A breve historia sua que illustrasse
A terra Santa Cruz pouco sabida (4). »

Nos Lusiadas apenas Camões se lembrou do Brasil escrevendo uma vez este nome, e outra o de *Santa Cruz* (5); nunca o de America.

Seja embora rude, primitivo e pouco castigado o estylo de Soares, confessamos que ainda hoje nos encanta o seu modo de dizer; e ao comparar as descripções com a realidade, quasi nos abysmâmos ante a profunda, observação que não cançava, nem se distrahia variando de assumpto.

Como corographo, o mesmo é seguir o roteiro de Soares, que o de Pimentel ou de Roussin; em topographia ninguem melhor do que elle se occupou da Bahia; como phytologo faltam-lhe naturalmente os principios da sciencia botanica; mas Dioscorides ou Plinio não explicam melhor as plantas do velho mundo,

4) Camões; Ded. da obra de Gandavo.

5) " De Santa Cruz o nome lhe poreis". Camões X, 140; Veja tambem 11,45; V, 4; VII, 14: X, 63 e 139.

Digitized by Google

que Soares as do novo, que desejava fazer conhecidas. A obra contemporanea que o jesuita José de Acosta publicou em Sevilla em 1590, com o titulo de *Historia Natural e Moral das Indias*, e que tanta celebridade chegou a adquirir, bem que pela fórma e assumptos se possa comparar á de Soares, é-lhe muito inferior quanto á originalidade e copia de doutrina. O mesmo dizemos das de Francisco Lopez de Gomara, e de Gonçalo Fernandez de Oviedo. O grande Azara, com o talento natural que todos lhe reconhecem, não tratou instinctivamente, no fim do seculo passado da zoologia austro-americana melhor que o seu predecessor portuguez; e n'uma ethnographia geral dos povos barbaros, nenhumas paginas poderão ter mais cabida pelo que respeita ao Brasil, que as que nos legou o senhor de engenho das visinhanças do Jequiriçá. Causa pasmo como a attenção de um só homem poude occupar-se em tantas cousas « que juntas se vêm raramente, — como as que se contêm na sua obra, que trata a um tempo, em relação ao Brasil, de geographia, de historia, de topographia, de hydrographia, de agricultura entretropica, de horticultura brasileira, de materia medica indigena, das madeiras de construcção e de marcenaria, da zoologia em todos os seus ramos, de economia administrativa e até de mineralogia! (6)

6) A primeira edição começou-se na typographia do Arco do Cego in-fol; mas não se concluiu, nem se expôz ao publico: realisou-se a publicação pela primeira vez nas *Memorias* da Academia de Lisboa em 1825, no t. III das de Ultramar: os primeiros 29 capitulos se deram de novo á luz pelo MS. da Bib. R. de Paris, Jornal "*O Patrio*

Digitized by Google

Pouco depois de haver o Brasil passado ao dominio do rei de Hespanha, avisava propheticamente ao governo da metropole o dito Gabriel Soares.

« Vivem os moradores tão atemorisados, que estão sempre com o fato entrouxado para se recolherem para o matto, como fazem com a vista de qualquer náo grande; temendo serem corsarios: á cuja affronta S. M. deve manda acudir com muita brevidade; pois ha perigo na tardança, o que não convem que haja; porque, se os estrangeiros se apoderarem d'esta terra, custará muito lançal-os fóra d'ella, pelo grande apparelho que têm para n'ella se fortificarem; com o que se inquietará toda a Hespanha, e custará a vida de muitos capitães e soldados, e muitos milhões do ouro em armadas, e no apparelho d'ellas, ao que agora se póde atalhar, acudindo-lhe com presteza devida.

---

ta Brasileiro „, Paris, 1830. porém a edição mais correcta é a do Rio de Janeiro em 1851, com os commentarios que lhe juntou o A. da presente historia, quando primeiro secretario do Instituto. Soares partiu para a Europa em 1584 (Carta de Christ. de Barros dé 1584) depois de haver feito testamento na Bahia em 10 de Agosto d'este anno, approvado em 21 d.°

Digitized by Google

PRIMEIRA PARTE

ROTEIRO GERAL

COM LARGAS INFORMAÇÕES DE TODA A COSTA DO BRASIL

PROEMIO

Como todas as cousas tem fim, convém que tenham principio, e como o de minha pretenção é manifestar a grandeza, fertilidade e outras grandes partes que tem a Bahia de todos os Santos e o demais Estado do Brasil, do que se os Reis passados tanto se descuidaram ; a El-Rei Nosso Senhor convém, e ao bem do seu serviço, que lhe mostre, por estas lembranças, os grandes merecimentos d'este seu Estado, as qualidades e estranhezas d'elle, etc. ; para que lhe ponha os olhos e bafeje com seu poder ; o qual se engrandeça e estenda a felicidade, com que se engrandeceram todos os Estados que reinam debaixo da sua protecção ; porque está muito desamparado depois que El-Rei D. João III passou d'esta vida para a eterna, o qual o principiou com tanto zelo, que para o engrandecer mettêu n'isso tanto cabedal, como é notorio, o qual se vivêra mais dez annos, deixára n'elle edificadas muitas cidades, villas e fortalezas mui populosas, o que se não effeituou depois do seu fallecimento, antes se arruinaram algumas povoações que em seu tempo se fizeram. Em reparo e accrescentamento estará bem empregado todo o cuidado que Sua Magestade mandar ter d'este novo reino ; pois está capaz para se edificar n'elle um grande imperio, o qual com pouca despeza d'estes reinos se fará tão soberano,

Digitized by Google

que seja um dos Estados do mundo, porque terá de costa mais de mil leguas, como se verá por este Tratado no tocante á cosmographia d'elle, cuja terra é quasi toda muito fertil, mui sadia, fresca e lavada de bons ares, e regada de frescas e frias aguas. Pela qual costa tem muitos, mui seguros e grandes portos, para n'elles entrarem grandes armadas com muita facilidade; para as quaes tem mais quantidade de madeira que nenhuma parte do mundo, e outros muitos apparelhos para se poderem fazer.

É esta provincia mui abastada de mantimentos de muita substancia e menos trabalhosos que os de Hespanha. Dão-se n'ella muitas carnes assim naturaes d'ella, como das de Portugal, e maravilhosos pescados; onde se dão melhores algodões que em outra parte sabida, e muitos assucares tão bons como na ilha da Madeira. Tem muito páo de que se fazem as tintas. Em algumas partes d'elle se dá trigo, cevada, e vinho muito bom, e em todas todos os fructos e sementes de Hespanha, do que haverá muita qualidade, se Sua Magestade mandar prover n'isso com muita instancia, e no descobrimento dos metaes que n'esta terra ha; porque lhe não falta ferro, aço, cobre, ouro, esmeralda, crystal e muito salitre, e em cuja costa sahe do mar todos os annos muito bom ambar; e de todas estas e outras podiam vir todos os annos a estes reinos em tanta abastança, que se escusem os que vem a elles dos estrangeiros, o que se póde facilitar sem Sua Magestade metter mais cabedal n'este Estado que o rendimento d'elle nos primeiros annos; com o que o póde mandar fortificar e prover do necessario a sua defensão; o qual está hoje em tamanho perigo, que se n'isso cahirem os corsarios, com mui pequena armada se senhorearão d'esta provincia, por razão de não estarem as povoações d'ella fortificadas, nem terem ordem com que possam resistir a qualquer affronta que se offerecer; do que vivem os moradores d'ella tão atemorisados, que estão sempre com o fato entrouxado para se recolherem para o matto, como fazem com a vista de qualquer náo grande, temendo-se serem corsarios; a cuja affron-

Digitized by Google

ta Sua Magestade deve mandar acudir com muita brevidade; pois ha perigo na tardança, o que não convém que haja; porque se os estrangeiros se apoderarem d'esta terra custará muito lançal-os fóra d'ella, pelo grande apparelho que tem para n'ella se fortificarem, com o que se inquietará toda Hespanha, e custará a vida de muitos capitães e soldados, e muitos milhões de ouro em armadas e no apparelho d'ellas, ao que agora se póde atalhar acudindo-lhe com a presteza devida. Não se crê que Sua Magestade não tenha a isto por falta de providencia, pois lhe sobeja para as maiores emprezas do mundo; mas de informação do sobredito, que lhe não tem dado quem d'isso tem obrigação. E como a eu tambem tenho de seu leal vassallo, satisfaço da minha parte com o que se contém n'este Memorial, que ordenei pela maneira seguinte.

CAPITULO I.

Em que se declara quem foram os primeiros descobridores da provincia do Brasil, e como está arrumada.

A provincia do Brasil está situada além da linha equinocial da parte do sul, debaixo da qual começa ella a correr junto do rio que se diz das Amazonas; onde se principia o norte da linha da demarcação e repartição; e vai correndo esta linha pelo sertão d'esta provincia até 45 gráos, pouco mais ou menos.

Esta terra se descobriu aos 25 dias do mez de Abril de 1500 annos por Pedro Alvares Cabral, que n'este tempo ia por capitão-mór para a India por mandado de El-Rei D. Manoel, em cujo nome tomou posse d'esta provincia, onde agora é a capitania do Porto Seguro, no lugar onde já esteve a villa de Santa Cruz, que assim se chamou por se aqui arvorar uma muito grande, por mandado de Pedro Alvares Cabral, ao pé da qual mandou dizer, em seu dia, a 3 de Maio, uma solemne missa com muita festa, pelo qual respeito se chama a villa do mesmo nome, e a provincia muitos annos foi nomeada

Digitized by Google

por de Santa Cruz e de muitos Nova Lusitania : e para solemnidade d'esta posse plantou este capitão no mesmo lugar um padrão com as armas de Portugal, dos que trazia para o descobrimento da India, para onde levava sua derrota.

A estas partes foi depois mandado por S. A. Gonçalo Coelho com tres caravelas de armada, para que descobrisse esta costa, com as quaes andou por ellas muitos mezes buscando-lhe os portos e rios, em muitos dos quaes entrou, e assentou marcos dos que para este descobrimento levava ; no que passou grandes trabalhos pela pouca experiencia e informação que se até então tinha de como a costa corria, e do curso dos ventos com que se navegava. E recolhendo-se Gonçalo Coelho com perda de dois navios, com as informações que pôde alcançar, as veio dar a El-Rei D. João o III, que já n'este tempo reinava, o qual logo ordenou outra armada de caravelas que mandou a estas conquistas, a qual entregou a Christovão Jacques, fidalgo da sua casa que n'ella foi por capitão-mór, o qual foi continuando no descobrimento d'esta costa, e trabalhou um bom pedaço sobre aclarar a navegação d'ella, e plantou em muitas partes padrões que para isso levava.

Contestando com a obrigação do seu regimento, e andando correndo a costa foi dar com a bocca da Bahia, a que pôz o nome de Todos os Santos, pela qual entrou dentro, e andou especulando por ella todos os seus reconcavos, em um dos quaes, a que chamam o rio do Paraguassú, achou duas náos francezas que estavam ancoradas resgatando com o gentio, com as quaes se pôz as bombardas, e as metteu no fundo ; com o que se satisfez, e recolheu-se para o reino, onde deu suas informações a S. A., que com ellas, e com as primeiras e outras que lhe tinha dado Pedro Lopes de Sousa, que por esta costa tambem tinha andado com outra armada, ordenou de fazer povoar esta provincia, e repartir a terra d'ella por capitães e pessoas que se offereceram a metter n'isso todo o cabedal de suas fazendas, do que faremos particular menção em seu lugar.

Digitized by Google

CAPITULO II.

Em que se declara a repartição que fizeram os Reis Catholicos de Castella com El-Rei D. João II de Portugal.

Para se ficar bem entendendo aonde demora, e se estende o Estado do Brasil, convém que em summa declaremos como se avieram os Reis na repartição de suas conquistas, o que se fez por esta maneira. Os Reis Catholicos de Castella, D. Fernando e D. Isabel, sua mulher, tinham começado de entender no descobrimento das Indias occidentaes e algumas ilhas, e porque esperavam de ir este descobrimento em tanto crescimento como foi, por atalharem as differenças que sobre isso se podíam offerecer, concertaram-se com El-Rei D. João o III de Portugal se fizesse uma repartição liquida, para cada um mandar conquistar para sua parte livremente, sem escrupulo de se prejudicarem. E accordados os reis d'esta maneira deram conta d'este concerto ao Papa, que além de approvar, o louvou muito. E como tiveram o consentimento de Sua Santidade,ordenaram a repartição d'esta concordancia, fazendo baliza na ilha das do Cabo Verde, de barlavento mais occidental, que se entende a de Santo Antão, e contando d'ella 21 gràos e meio equinocciaes de dezesete leguas e meia cada grào, e lançada d'aqui uma linha meridiana de norte sul, que ficassem as terras e ilhas que estavam por descobrir para a parte do oriente, da corôa de Portugal ; e lançada esta linha mental como está declarado, fica o Estado do Brasil da dita corôa, o qual se começa além da ponta do Rio das Amazonas da banda de oeste, pela terra dos Caribas, d'onde se principia o norte d'esta provincia, e indo correndo esta linha pelo sertão d'ella ao sul parte o Brasil e conquistas d'elle além da bahia de S. Mathias, por 45 gráos pouco mais ou menos, distantes da linha equinocial,e altura do polo antarctico, e por esta conta tem de costa mil e cincoenta leguas, como pelas cartas se póde ver segundo a opinião de Pedro Nunes, que n'esta arte atinou melhor que todos os do seu tempo.

Digitized by Google

CAPITULO III.

Em que se declara o principio d'onde começa a correr a costa do Estado do Brasil

Mostra-se claramente, segundo o que se contém n'este capitulo atraz, que se começa a costa do Brasil além de Rio das Amazonas da banda de oeste pela terra que se diz dos Caribas do rio de Vicente Pinson. D'este rio de Vicente Pinson á ponta do Rio das Amazonas, a que chamam o Cabo Corso, são quinze leguas, a qual ponta está debaixo da linha equinocial; d'esta ponta do rio á outra ponta da banda de leste são trinta e seis leguas. E' ao mar doze leguas da bocca d'este rio estão ilhas, as quaes demoram em altura de um terço de grão da banda do sul. Estas ilhas se mostram na carta mais chegadas á terra, o que é erro manifesto. N'estas ilhas ha bons portos para surgirem navios, mas para bem hão se de buscar de baixamar, nordeste-sudoeste, porque n'esta conjuncção se descobre melhor o canal. A este rio chama o gentio Mar doce por ser um dos maiores do mundo, o qual é muito povoado de gentio domestico e bem acondicionado,e segundo a informação que se d'este rio tem, vem do sertão mais de mil leguas até o mar; pelo qual ha muitas ilhas grandes e pequenas quasi todas povoadas de gentio de differentes nações e costumes, e muito d'elle costuma pelejar com setas hervadas. Mas toda a gente que por estas ilhas vive, anda despida ao modo do mais gentio do Brasil e usam dos mesmos mantimentos e muita parte dos seus costumes; e na boca d'este rio, e por elle acima algumas leguas, com parte da costa da banda de leste, é povoado de *Tapuias*, gente branda e mais tratavel e domestica que o mais gentio que ha na costa do Brasil, de cujos costumes diremos adiante em seu lugar.

Digitized by Google

CAPITULO IV.

Em que se dão em summa algumas informações que se tem d'este Rio das Amazonas

Como não ha cousa que se encubra aos homens que querem commetter grandes emprezas, não pôde estar encoberto este rio do mar doce ou das Amazonas ao capitão Francisco de Arelhana que, andando na conquista do Perú em companhia do governador Francisco Pissarro, e indo por seu mandado com certa gente de cavallo descobrindo a terra, entrou por ella dentro tanto espaço que se achou perto do nascimento d'este rio. E vendo-o caudaloso, fez junto d'elle embarcações, segundo o costume d'aquellas partes, em as quaes se embarcou com a gente que trazia e se veio por este rio abaixo, em o qual se houveram de perder por levar grande furia e correnteza, e com muito trabalho tornou a tomar porto em povoado; na qual jornada teve muitos encontros de guerra com o gentio e com um grande exercito de mulheres que com elle pelejaram com arcos e flexas, d'onde o rio tomou o nome das Amazonas. Livrando-se este capitão d'este perigo e dos mais por onde passou, veiu tanto por este rio abaixo até que chegou ao mar; e d'elle foi ter á uma ilha que se chama a Margarita, d'onde se passou á Hespanha. Dando suas informações ao Imperador Carlos V, que está em gloria, lhe ordenou uma armada de quatro náos para commetter esta empreza, em a qual partiu do porto de S. Lucar com sua mulher para ir povoar a bocca d'este rio, e o ir conquistando por elle acima, o que não houve effeito por na mesma bocca d'este rio fallecer este capitão de sua doença, d'onde sua mulher se tornou com a mesma armada para Hespanha.

N'este tempo pouco mais ou menos andava correndo a costa do Brasil em uma caravela como aventureiro Luiz de Mello, filho do alcaide-mór de Elvas, o qual, querendo passar a Pernambuco, desgarrou com o tempo e as aguas por esta costa abaixo, e vindo correndo a ribeira, entrou no rio do Maranhão, e n'este das Amazonas, de cuja grandeza se contentou muito; e tomou

Digitized by Google

lingua do gentio de cuja fertilidade ficou satisfeito, e muito mais das, grandes informações que na ilha da Margarita lhe deram alguns soldados, que alli achou, que ficaram da companhia do capitão Francisco de Arelhana, os quaes facilitaram a Luiz de Mello a navegação d'este rio, e que com pouco cabedal e trabalho adquirisse por elle acima muito ouro e prata. Do que movido Luiz de Mello, se veiu á Hespanha e alcançou licença de El-Rei D. João III de Portugal para armar á sua custa e commetter esta empreza, para o qne se fez prestes na cidade de Lisboa; e partiu do porto d'ella com tres náos e duas caravelas, cóm as quaes se perdeu nos baixos do Maranhão, com a maior parte da gente que levava; e elle com algumas pessoas escaparam nos bateis e uma caravela em que foi ter ás Antilhas. E depois d'este fidalgo ser em Portugal, se passou á India, onde acabou valorosos feitos: e vindo-se para o reino muito rico e com tenção de tornar a commetter esta jornada acabou no caminho em a náo S. Francisco, que desappareceu sem até hoje se saber novas d'elle.

CAPITULO V.

Que declara a costa da ponta do Rio das Amazonas até o do Maranhão

Aponta de leste do Rio das Amazonas está em um gáro da banda do sul; d'esta ponta ao rio da Lama ha 35 leguas, a qual está em altura de um gráo e tres quartos; e ainda que este rio se chame da Lama, podem entrar por elle dentro, e estarem muito seguras de todo o tempo, náos de 200 toneis, o qual rio entra pela terra dentro muitas leguas.

D'este rio á ponta dos baixos são nove leguas, a qual está na mesma altura de um gráo e 3/4. N'esta ponta ha abrigada para os barcos da costa poderem ancorar.

Da ponta dos baixos á ponta do rio do Maranhão são dez leguas, onde chega a Serra Escalvada, e entre ponta e ponta tem a costa algumas abrigadas, onde podem ancorar navios da costa: a qual ponta está em dois gráos da banda do sul.

Digitized by Google

Até aqui se corre a costa noroeste-sueste e toma da quarta de leste-oeste ; e d'esta ponta do rio a outra ponta são 17 leguas, a qual está em altura de dois gráos e tres quartos. Tem este rio do Maranhão na bocca, entre ponta e ponta d'ellas para dentro, uma ilha que se chama das Vaccas, que será de tres leguas, onde esteve Ayres da Cunha quando se perdeu com sua armada n'estes baixos ; e aqui n'esta ilha estiveram tambem os filhos de João de Barros e a tiveram povoado, quando tambem se perderam nos baixos d'este rio ; onde fizeram pazes com o gentio *Tapuia*, que tem povoado parte d'esta costa, e por este rio acima; onde mandavam resgatar mantimentos e outras cousas para remedio de sua mantença.

Por este rio entrou um Bastião Marinho, piloto da costa, com um caravelão e foi por elle acima algumas vinte leguas, onde achou muitas ilhas cheias de arvoredo e a terra d'ellas alcantilada com soffrivel fundo ; e muitos braços em que entram muitos rios que se mettem n'este : o qual affirmou ser toda a terra fresca, cheia de arvoredo e povoado de gentio, e as ilhas tambem. N'este rio entra o de Pindaré que vem de muito longe.

Para se entrar n'este rio do Maranhão, vindo do mar em fóra, ha de se chegar bem á terra da banda de leste por fugir dos baixos e do aparcellado ; e quem entrar por entre ella e a ilha entra seguro.

Quem houver de ir d'este rio do Maranhão para o da Lama ou para o das Amazonas ha de se lançar por fóra dos baixos com a sonda na mão, e não vá por menos de doze braças; porque esta costa até aqui dez leguas ao mar, vasa e enche n'ella a maré muito depressa, e em conjuncção de lua tem grandes macaréos ; mas para bem não se ha de commetter o canal de nenhum d'estes rios senão de baixa-mar na costa, o que se pode saber pela lua, o que convém que seja, pelos grandes perigos que n'esta entrada se offerecem, assim de macaréos, como por espraiar e esparcelar o mar oito e dez leguas da terra; pelo que é forçado chegar-se á terra de baixa-mar, pois então se descobre o canal mui bem; e n'este rio do Maranhão não podem entrar por este respeito navios grandes.

Digitized by Google

CAPITULO VI.

Em que se declara a costa do Rio do Maranhão até o Rio Grande,

Atraz fica dito como a ponta de sueste do rio do Maranhão, que se chama esparcelada está em dois gráos e 3/4. D'esta ponta á bahia dos Santos são treze leguas, a qual está na mesma altura, e esta bahia é muito suja e tem alguns ilhéos ; mas tambem entram n'ella muitos navios da costa, onde tem surgidouro e bôa abrigada e maneira para se fazer aguada n'ella. D'esta bahia dos Santos ao rio de João de Lisboa são quatro leguas, o qual está na mesma altura ; onde tambem entram caravelões por terem n'elle grande abrigada. Do rio de João de Lisboa á bahia dos Reis são nove leguas; a qual está em dois gráos. N'esta bahia estão algumas ilhas alagadas da maré de aguas vivas por entre as quaes entram caravelões e surgem á vontade. D'esta bahia ao Rio do Meio são 17 leguas, o qual está na mesma altura de dois gráos, onde tambem entram caravelões. Entre este e a bahia dos Reis entra outro rio que se chama do Parcel, onde tambem os navios da costa tem boa colheita, D'este Rio do Meio á bahia do Anno Bom são 11 leguas, a qual costa está na mesma altura de dois gráos, aonde entram navios da costa e tem muito bôa colheita, a qual bahia tem um grande baixo ; no meio e dentro n'ella se vêm metter no mar o Rio Grande dos Tapuias, e se navega um grande espaço pela terra dentro e vem de muito longe ; o qual se chama dos Tapuias por elles virem por elle abaixo em canôas a mariscar ao mar d'esta bahia, da qual á bahia da Corôa são 10 leguas; e está na mesma altura onde entram e surgem caravelões da costa. Da bahia da Corôa até o Rio Grande são tres leguas, onde começaremos o capitulo que segue. E corre-se a costa até aqui léste-oeste,

Digitized by Google

CAPITULO VII.

Em que se declara a costa do Rio Grande até o de Jagoarive

Como fica dito, o Rio Grande está em dois gráos da parte do sul, o qual vem muito longe e traz muita agua, por se metterem n'elle muitos rios: e segundo a informação do gentio nasce de uma lagôa em que se affirma acharem-se muitas perolas. Perdendo-se, haverá dezeseis annos, um navio nos baixos do Maranhão, da gente que escapou d' elle que veiu por terra, affirmou um Nicolão de Rezende, d'esta companhia, que a terra toda ao longo do mar até este Rio Grande era escalvada a mór parte d'ella, e outra cheia de palmares bravos, e que achára uma lagôa muito grande, que seria de 20 leguas pouco mais ou menos; e que ao longo d'ella era a terra fresca e coberta de arvoredo; e que mais adiante achára outra muito maior a que não vira o fim, mas que a terra que visinhava com ella era fresca e escalvada, e que em uma e em outra havia grandes pescarias,de que se aproveitavam os *Tapuias*, que viviam por esta costa até este Rio Grande: dos quaes disse que recebêra com os mais companheiros bom tratamento. Por este Rio Grande entram navios da costa e tem n'elle boa colheita, o qual se navega com barcos algumas leguas. D'este Rio Grande ao dos Negros são sete leguas, o qual está em altura de dois gráos e um quarto; e do Rio dos Negros ás Barreiras Vermelhas são seis leguas, que estão na mesma altura; e em uma parte e outra tem os navios da costa surgidouro e abrigada. Das Barreiras Vermelhas á Ponta dos Fumos são quatro leguas, a qual está em dois gráos e I/3. D'esta ponta ao Rio da Cruz são sete leguas e está em dois gráos e meio em que tambem tem colheita os navios da costa. Affirma o gentio que naces este rio de uma lagôa, ou de junto d'ella, onde tambem se criam perolas, e chama-se este Rio da Cruz, porque se mettem n'elle perto do mar dois riachos, em direito um do outro, com que fica a agua em cruz. D'este rio ao do Parcel são oito leguas, o qual está em dois gráos e meio: e faz-se na boca d'este rio uma bahia toda esparcellada.

Digitized by Google

Do Rio do Parcel á enseada do Macorive são onze leguas, e está na mesma altura, a qual enseada é muito grande e ao longo d'ella navegam navios da costa; mas dentro em toda tem bom surgidouro e abrigo ; e no Rio das Ostras, que fica entre esta enseada e a do Parcel, o tem tambem. Da enseada do Macorive ao Monte de Li são quinze leguas e está em altura de dois gráos e dois terços, onde ha porto e abrigada para os navios da costa ; e entre este porto e a enseada de Macorive tem os mesmos navios surgidouro e abrigada no no porto que se diz dos parceis. Do Monte de Li ao Rio Joaguarive são dez leguas, o qual está em dois gráos e 3/4, e junto da barra d'este rio se mette outro n'elle, que se chama o Rio Grande, que é extremo entre os *Tapuias* e os *Pitigoares*. N'este rio entram navios de honesto porte até onde se corre a costa leste-oeste; a terra d'aqui até o Maranhão é quasi toda escalvada; e quem quizer navegar por ella e entrar em qualquer porto dos nomeados, ha de entrar n'este rio de Jagoarive por entre os baixos e a terra, porque tudo até o Maranhão defronte da costa são baixos, e póde navegar sempre por entre elles e a terra, por fundo de tres braças e duas e meia, achando tudo limpo, e quanto se chegar mais á terra se achará mais fundo. N'esta boca do Jagoarive está uma enseada onde navios de todo o porte podem ancorar e estar seguros.

CAPITULO VIII.

Em que se declara a costa do rio de Jagoarive até o cabo de S. Roque

Do rio de Jagoarive de que se trata acima até á bahia dos Arrecifes são oito leguas, a qual demora em altura de tres gráos. N'esta bahia se descobrem de baixa-mar muitas fontes de agua doce muito boa, onde bebem os peixes bois, de que ahi ha muitos, que se matam arpoando-os, assim o gentio *Pitigoar*, que aqui vinha, como os caravelões da costa, que por aqui passam desgarrados, onde acham bom surgidouro e abrigada.

D'esta bahia ao rio S. Miguel são sete leguas, a qual está em altura de tres gráos e 2/3, em a qual os navios da costa surgem por acharem n'ella boa abrigada. D'esta

Digitized by Google

bahia ao Rio Grande são quatro leguas, o qual está em altura de quatro gráos. Este rio tem duas pontas sahidas ao mar, e entre uma e outra ha uma ilhota, que lhe faz duas barras, pelas quaes entram navios da costa. Defronte d'este rio se começam os baixos de S. Roque, e d'este Rio Grande ao Cabo de S. Roque são dez leguas, o qual está em altura de quatro gráos e um seismo: entre este cabo e a ponta do Rio Grande se faz de uma ponta á outra uma grande bahia, cuja terra é boa e cheia de mato, em cuja ribeira ao longo do mar se acha muito sal feito. Defronte d'esta bahia estão os baixos de S. Roque, os quaes arrebentam em tres ordens, e entra-se n'esta bahia por cinco canaes que vem ter ao canal que está entre um arrecife e outro, pelos quaes se acha fundo de duas, tres, quatro e cinco braças, por onde entram os navios da costa á vontade.

CAPITULO IX.

Em que se declara a costa do Cabo de S. Roque até o porto dos Buzios.

Do Cabo de S. Roque á ponta de Goaripari são seis leguas, a qual está em quatro gráos e 1/4, onde a costa é limpa e a terra escalvada, de pouco arvoredo e sem gentio. De Goaripari á enseada da Itapitanga são sete leguas, a qual está em quatro gráos e 1/4; da ponta d'esta enseada á ponta de Goaripari são tudo arrecifes, e entre elles e a terra entram náos francezas e surgem n'esta enseada á vontade, sobre a qual está um grande médão de arêa; a terra por aqui ao longo do mar está despovoada do gentio por ser esteril e fraca. Da Itapitanga ao Rio Pequeno, a que os indios chamam Baquipe, são oito leguas, a qual está em cinco gráos e um seismo. N'este rio entram chalupas francezas a resgatar com o gentio e carregar do páo de tinta, as quaes são das náos que se recolhem na enseada de Itapitanga.

Andando os filhos de João de Barros correndo esta costa, depois que se perderam, lhes mataram n'este lugar os *Pitiguares* com favor dos francezes, induzidos d'elles, muitos homens. D'este Rio Pequeno ao outro Rio Grande

Digitized by Google

são tres leguas, o qual está em altura de cinco gráos e 1/4 ; n'este Rio Grande podem entrar muitos navios de todo o porte, porque tem a barra funda de dezoito até seis braças, e entra-se n'elle como pelo arrecife de Pernambuco, por ser da mesma feição. Tem este rio um baixo á entrada da banda do norte, onde corre agua muito á vasante e tem dentro algumas ilhas de mangues, pelo qual vão barcos por elle acima quinze ou vinte leguas e vem de muito longe. Esta terra do Rio Grande é muito soffrivel para este rio se haver de povoar, em o qual se mettem muitas ribeiras em que se podem fazer engenhos de assucar pelo sertão. N'este rio ha muito páo de tinta, onde os francezes o vão carregar muitas vezes.

Do Rio Grande ao porto dos Buzios são dez leguas, e está em altura de cinco gráos e 2/3 : entre este porto e o rio estão uns lençóes de arêa como os de Tapoam junto da Bahia de todos os Santos. N'este Rio Grande achou Diogo Paes de Pernambuco, lingua do gentio, um castelhano entre os *Pitiguares*, com os beiços furados como elles, entre os quaes andava havia muito tempo, o qual se embarcou em uma náo para França, porque servia de lingua dos francezes entre o gentio nos seus resgates. N'este porto dos Buzios entram caravelões da costa em um riacho que n'este lugar se vem metter no mar.

CAPITULO X

Em que se declara a terra e costa do porto dos Buzios até a Bahia da Traição, e como João de Barros mandou povoar a sua capitania.

Do porto dos Buzios á Itacoatigara são nove leguas, e este rio se chama d'este nome por estar em uma ponta d'elle uma pedra de feição de pipa como ilha, a que o gentio por este respeito pôz este nome, que quer dizer ponta da pipa ; mas o proprio nome do rio é Garatui, o qual está em altura de seis gráos. Entre esta ponta e porto dos Buzios está a enseada de Tabatinga, onde tambem ha surgidouro e abrigada para navios em que detraz da ponta costumavam ancorar náos francezas e fazer sua carga de páo da tinta. De Itacoatigara ao rio

Digitized by Google

de Goaramatai são duas leguas, o qual está em seis gráos esforçados; de Goaramatai ao rio de Caramative são duas leguas, o qual está em seis gráos e 1/4, e entre um e outro rio está a enseada Aratipicaba, onde dos arrecifes para dentro entram náos francezas e fazem sua carga.

D'este porto para baixo, pouco mais ou menos, se estende a capitania de João de Barros, feitor que foi da casa da India, a quem El-Rei D. João III de Portugal fez mercê de cincoenta leguas de costa partindo com a capitania de Pero Lopes de Sousa, de Tamaracá. Desejoso João de Barros de se aproveitar d'esta mercê, fez á sua custa uma armada de navios em que embarcou muitos moradores com todo o necessario para se poder povoar esta sua capitania, e em a qual mandou dois filhos seus que partiram com ella, e proseguindo logo sua viagem em busca da costa do Brasil, foram tomar terra junto do rio do Maranhão, em cujos baixos se perderam. D'este naufragio escapou muita gente com a qual os filhos de João de Barros se recolheram em uma ilha que está na boca d'este rio do Maranhão, aonde passaram muitos trabalhos, por se não poderem communicar d'esta ilha com os moradores da capitania de Pernambuco e das mais capitanias, os quaes, depois de gastarem alguns annos, despovoaram e se vieram para este reino. N'esta armada, e em outros navios que João de Barros depois mandou por sua conta em soccorro de seus filhos, gastou muita somma de mil cruzados, sem d'esta despeza lhe resultar nenhum proveito, como fica dito atraz. Tambem lhe mataram os *Pitiguares* muita gente aonde se chama o Rio Pequeno.

CAPITULO XI

Em que se declara a costa da Bahia da Traição até a Parahyba.

Do rio de Camaratibe até á Bahia da Traição são duas leguas, a qual está em seis gráos e 1/3, onde ancoram náos francezas e entram dos arrecifes para dentro. Chama-se esta bahia pelo gentio *Pitiguar* Acajutibiro, e os portuguezes, da Traição, por com ella matarem uns poucos de castelhanos e portuguezes que n'esta costa

Digitized by Google

se perderam. N'esta bahia fazem cada anno os francezes muito páo de tinta e carregam d'elle muitas náos. D'esta Bahia da Traição ao rio Magoape são tres leguas, o qual está em seis gráos e meio. Do rio de Magoape ao da Parahyba são cinco leguas, o qual está em seis gráos e tres quartos; a este rio chamam na carta de marear, de S. Domingos, onde entram náos de duzentos toneis, e no rio de Magoape entram caravelas da costa; mas o rio de S. Domingos se navega muito pela terra dentro, de onde elle vem de bem longe. Tem este rio um ilheo da boca para dentro que lhe faz duas barras, e pela que está da banda do norte entram caravelões que navegam por entre a terra e os arrecifes até Tamaracá, e pela outra barra entram as náos grandes; e porque entravam cada anno n'este rio náos francezas a carregar o páo da tinta, com que abatia o que ia para o reino das mais capitanias por conta dos portuguezes; e porque o gentio *Pitiguar* andava mui levantado contra os moradores da capitania de Tamaracá e Pernambuco, com o favor dos francezes, com os quaes fizeram n'estas capitanias grandes damnos, queimando engenhos e outras muitas fázendas, em que mataram muitos homens brancos e escravos; assentou Sua Magestade de o mandar povoar e fortificar, para o que mandou a isso Fructuoso Barbosa com muitos moradores, o que se começou a fazer com mui grande alvoroço dos moradores d'estas duas capitanias, foi Deus servido que lhe succedesse mal com lhe matarem os *Pitiguares* (em cuja companhia andavam muitos francezes), trinta e seis homens e alguns escravos em uma cilada, com o qual successo se descontentaram muito os moradores de Pernambuco; e se desavieram com Fructuoso Barbosa, de feição que se tornaram para suas casas, e elle ficou impossibilitado para poder pôr em effeito o que lhe era encommendado, o que se depois effectuou com o favor e ajuda que para isso deu Diogo Flores de Baldez, general da armada que foi ao estreito de Magalhães.

Digitized by Google

CAPITULO XII

Em que se trata de como se tornou a commetter a povoação do rio da Parahyba.

Na Bahia de todos os Santos soube o general Diogo Flores, vindo ahi do estreito de Magalhães com seis náos que lhe ficaram da armada que levou, como os moradores de Pernambuco e Tamaracá pediam muito afincadamente ao governador Manoel Telles Barreto, que então era do Estado do Brasil, que os fosse soccorrer contra o gentio *Pitiguar* que os ia destruindo, com o favor e ajuda dos francezes, os quaes tinham n'este rio da Parahyba quatro navios para carregar do páo da tinta: e, posto este negocio em conselho, se assentou que o governador n'aquella conjuncção não era bem que sahisse da Bahia, pois não havia mais de seis mezes que era á ella chegado, onde tinha por prover em grandes negocios convenientes ao serviço de Deus e de El-Rei e do bem commum, mas que, pois n'aquelle porto estava o general Diogo Flores, com aquella armada, e Diogo Vaz da Veiga com duas náos portuguezas da armada em que do reino fôra o governador, das quaes vinha por capitão para o reino, que um capitão e outro fossem fazer este socorro, indo por cabeça principal o capitão Diogo Flores de Baldez, o qual chegou a Pernambuco com a armada toda junta, com que veiu o ouvidor geral Martim Leitão e o provedor mór Martim Carvalho para em Pernambuco, a favorecerem com gente e mantimentos, como o fizeram, a qual gente foi por terra e o general por mar com esta armada, com a qual ancorou fóra da barra, e não entrou dentro com mais que com a sua fragata e uma náo das de Diogo Vaz da Veiga, de que era capitão Pedro Corrêa de Lacerda, em a qual o mesmo Diogo Vaz ia, e com todos os bateis das outras náos. Em os francezes vendo esta armada puzeram fogo ás suas náos e lançaram-se com o gentio, com o qual fizeram mostras de quererem impedir a desembarcação, o que lhe não serviu de nada, que o general desembarcou a pé enxuto sem lh'o poderem impedir, e chegou a gente de Pernambuco e Tamaracá por terra com muitos

Digitized by Google

escravos, e todos juntos ordenaram um forte de terra e faxina onde se recolheram, no qual Diogo Flores deixou cento e tantos homens dos seus soldados com um capitão para os caudilhar, que se chamava Francisco Castrejon que se amassou tão mal com Fructuoso Barbosa, não o querendo conhecer por governador, que foi forçado deixal-o n'este forte só e ir-se para Pernambuco, de onde se queixou á Sua Magestade para que provesse sobre o caso, como lhe parecesse mais seu serviço. E sendo ousente Fructuoso Barbosa, veiu o gentio por algumas vezes affrontar este forte e pôl-o em cerco, o qual soffreu mal o capitão Francisco Castrejon, e, apertado dos trabalhos, desamparou este forte e o largou aos contrarios, passando-se por terra á capitania de Tamaracá que é d'ahi dezeito leguas, e pelo caminho lhe matou o gentio alguma gente que lhe ficou atraz, como foram mulheres e outra gente fraca, mas, sabendo os moradores de Pernambuco este destroço, se ajuntaram e tornaram a este rio da Parahyba, com Fructuoso Barbosa, e se tornaram a apoderar d'este forte, o qual Sua Magestade tem agora soccorrido com gente, munições e mantimentos necessarios, a quem se ajuntou uma aldêa de gentio *Tupinambá*, que se apartou dos *Pitiguares*, e se veiu viver á borda da agua, para ajudar a favorecer este forte. Este rio da Parahyba é mui necessario fortificar-se, á uma por tirar esta ladroeira dos francezes d'elle, á outra por se povoar, pois é a terra capaz para isso, onde se podem fazer muitos engenhos de assucar. E povoado este rio, como convém, ficam seguros os engenhos da capitania de Tamaracá e alguns da de Pernambuco, que não lavram com temor dos *Pitiguares*, e outros se tornarão a reformar, que elles queimavam e destruiram. Dos quaes *Pitiguares* é bem que façamos este capitulo, que se segue, antes que saiamos do seu limite.

Digitized by Google

CAPITULO XIII

Que trata da vida e costumes do gentio Pitiguar

Não é bem que passemos já do rio da Parahyba, onde se acaba o limite por onde reside o gentio *Pitiguar*, que tanto mal tem feito aos moradores das capitanias de Pernambuco e Tamaracá, e a gente dos navios que se perderam pela costa da Parahyba atê o rio do Maranhão. Este gentio senhorêa esta costa do Rio Grande até o da Parahyba, onde se confinaram antigamente com outro gentio, que chamam os *Caytés*, que são seus contrarios, e se faziam cruelissima guerra uns aos outros, e se fazem ainda agora pela banda do sertão onde agora vivem os *Caytés*, e pela banda do Rio Grande são fronteiros dos *Tapuias*, que é gente mais domestica, com quem estão ás vezes de guerra e ás vezes de paz, e se ajudam uns aos outros contra os *Tabajáras*, que visinham com elles pela parte do sertão. Costumam estes *Pitiguares* não perdoarem a nenhum dos contrarios que captivam, porque os matam e comem logo. Este gentio é de má estatura, baços de côr, como todo o outro gentio; não deixam crescer nenhuns cabellos no corpo senão os da cabeça, porque em elles nascendo os arrancam logo; fallam a lingua dos *Tupinambás e Caytés*; têm os mesmos costumes e gentilidades, o que declaramos ao diante no titulo dos *Tupinambás*. Este gentio è muito bellicoso, guerreiro e atraiçoado, e amigo dos francezes, a quem faz sempre boa companhia, e industriado d'elles inimigo dos portuguezes. São grandes lavradores dos seus mantimentos, de que estão sempre mui providós, e são caçadores bons e taes flecheiros; que não erram flechada que atirem. São grandes pescadores de linha, assim no mar como nos rios de agua doce. Cantam, bailam, comem e bebem pela ordem dos *Tupinambás*, onde se declarará miudamente sua vida e costumes, que é quasi o geral de todo o gentio da costa do Brasil.

Digitized by Google

CAPITULO XIV.

Em que se declara a costa do rio da Parahyba até Tamaracá, e quem foi o seu primeiro capitão

Do rio da Parahyba, que se diz tambem o rio de S. Domingos, ao rio de Jagoaripe são duas leguas, em o qual entram barcos. Do rio de Jagoaripe ao da Aramama são duas leguas, o qual está em altura de sete gráos, onde entram caravelões dos que navegam entre a terra e o arrecife. D'este rio ao da Abionabiajá são duas leguas, cuja terra é alagadiça quasi toda, e entre um rio e outro ancoravam os tempos passados náos francezas, e d'aqui entravam para dentro. D'este rio ao da Capivarimirim são seis leguas, o qual está em altura de seis gráos e meio, cuja terra é toda chã. De Capivarimirim a Tamaracá são seis leguas, e está em sete gráos e 1/3. Tamaracá é uma ilha de duas leguas onde está a cabeça d'esta capitania e a villa de Nossa Senhora da Conceição. Do redor d'esta ilha entram no salgado cinco ribeiras em tres das quaes estão tres engendos; onde se fizeram mais, se não foram os *Pitiguares* que vem correndo a terra por cima e assolando tudo. Até aqui, como já fica dito, tem o rio de Tamaracá umas barreiras vermelhas na ponta da barra; e quem houver de entrar por ella dentro ponha-se nordeste sudoeste com as barreiras, e entrará a barra á vontade, e d'ahi para dentro o rio ensinará por onde hão de ir. Por esta barra entram navios de cem toneis, e mais, a qual fica da banda do sul da ilha, e a outra barra da banda do norte se entra ao suéste, pela qual se servem caravelões da costa. De Tamaracá ao rio de Igaruçú são duas leguas, aonde se extrema esta capitania da de Pernambuco; d'esta capitania fez El-Rei D. João III de Portugal mercê a Pero Lopes de Sousa, que foi um fidalgo muito honrado, o qual, sendo mancebo, andou por esta costa com armada á sua custa, em pessoa foi povoar esta capitania com moradores que para isso levou do porto de Lisboa de onde partiu; no que gastou alguns annos e muitos mil cruzados com muitos trabalhos e perigos, em que se viu, assim no mar pelejando com algumas náos francezas que encontrava (do que os francezes nunca sahiram bem),

Digitized by Google

como em terra em brigas que com elles teve de mistura com os *Pitiguares*, de quem foi por vezes cercado e offendido, até que os fez affastar d'esta ilha de Tamaracá e vesinhança d'ella : e esta capitania não tem de costa mais de vinte e cinco ou trinta leguas, por Pero Lopes de Sousa não tomar as cincoenta leguas de costa que lhe fez mercê S. A. todas juntas, mas tomou aqui a metade e a outra demazia junto á capitania de S. Vicente, onde chamam Santo Amaro.

CAPITULO XV.

Que declara a costa do rio de Igaruçú até Pernambuco

A villa de Cosmos está junto ao rio de Igarucú que é marco entre a capitania de Tamaracá e a de Pernambuco; a qual villa será de duzentos visinhos pouco mais ao menos, em cujo termo ha tres engenhos de assucar muito bons. Do rio de Igaruçú ao porto da vila de Olinda são quatro leguas, a qual está em altura de oito gráos. N'este porto de Olinda se entra pela boca de um arrecife, de pedra ao susudoéste e depois norte sul, e, entrando para dentro ao longo do arrecife, fica o Rio Morto pelo qual entram até acima navios de cem toneis até duzentos, tomam meia carga em cima e acabam de carregar onde chamam o Poço, defronte da boca do arrecife, onde convêm que os navios estejam bem amarrados, porque trabalham aqui muito por andar n'este porto sempre o mar de levadio ; por esta boca entra o salgado pela terra dentro uma legua, ao pé da villa; e defronte do surgidouro dos navios faz este rio outra volta deixando no meio uma ponta de arêa onde está uma ermida do Corpo Santo. N'este lugar vivem alguns pescadores e officiaes da ribeira, e estão alguns armazens em que os mercadores agasalham os assucares e outras mercadorias ; e d'esta ponta da arêa da banda de dentro se navega este rio até o varadouro, que está ao pé da villa, com caravelões e barcos, e do varadouro para cima se navega com barcos de navios obra do meia legua, onde se faz aguada fresca para as náos da ribeira que vem do

Digitized by Google

engenho de Jeronymo de Albuquerque: tambem se mettem n'este rio outras ribeiras por onde vão os barcos dos navios a buscar os assucares aos paços onde os trazem encaixados e em carros: este esteiro e limite do arrecife é muito farto de peixe de redes que por aqui pescam e do marisco: perto de uma legua da boca d'este arrecife está outro boqueirão, que chamam a Barreta, por onde podem entrar barcos pequenos estando o mar bonançoso: d'esta Barreta por diante corre este arrecife ao longo da terra duas leguas, e entre ella e elle se navega com barcos pequenos quem vem do mar em fóra, e quem puzer os olhos na terra em que está situada esta villa, parecer-lhe-ha que é o Cabo de Santo Agostinho por ser muito semelhante a elle.

CAPITULO XVI.

Do tamanho da villa de Olinda e da grandeza de seu termo, quem foi o primeiro povoador d'ella

A villa de Olinda é cabeça da capitania de Pernambuco, a qual povôou Duarte Coelho, que foi um fidalgo, de cujo esforço e cavallaria escusaremos tratar aqui em particular, por não escurecer o muito que d'elle dizem os livros da India, de cujos feitos estão cheios. Depois que Duarte Coelho veiu da India a Portugal a buscar satisfação de seus serviços, pediu a S. A. que lhe fizesse mercê de uma capitania n'esta costa, que logo lhe concedeu, abalisando-lh'a da boca do Rio de S. Francisco da banda do noroéste e correndo d'ella pela costa, cincoenta leguas contra Tamaracá que se acabam no rio de Igaruçú, como já fica dito; e como a este valoroso capitão sobravam sempre espiritos para commetter grandes feitos, não lhe faltaram para vir em pessoa povoar e conquistar esta sua capitania, onde veiu com uma frota de navios que armou á sua custa, em a qual trouxe sua mulher e filhos e muitos parentes de ambos, e outros moradores com a qual tomou este porto que se diz de Pernambuco, por uma pedra que junto d'elle está furada no mar, que quer dizer pela lingua do gentio, mar furado. Chegando Duarte Coelho a este porto desembarcou n'elle e fortificou-se, onde agora está a villa

Digitized by Google

em um alto livre de padrastos, da melhor maneira que foi possivel, onde fez uma torre de pedra e cal, que ainda agora está na praça da villa, onde muitos annos teve grandes trabalhos de guerra com o gentio e francezes que em sua companhia andavam, dos quaes foi cercado muitas vezes, mal ferido e mui apertado ,onde lhe mataram muita gente ; mas elle com a constancia de seu esforço não desistiu nunca da sua pretenção ; e não tão sómente se defendeu valorosamente, mas offendeu e resistiu aos inimigos, de maneira que os fez affastar da povoação e despejar as terras visinhas aos moradores d'ellas, de onde depois seu filho, do mesmo nome, lhe fez guerra, maltratando e captivando n'este gentio, que é o que se chama *Cayté*, que o fez despejar a costa toda, como esta o é hoje em dia, e affastar mais de cincoenta leguas pelo sertão. N'estes trabalhos gastou Duarte o velho muitos mil cruzados que adquiriu na India, a qual despeza foi bem empregada, pois d'ella resultou ter hoje seu filho Jorge de Albuquerque Coelho dez mil cruzados de renda, que tanto lhe importa a sua redizima e dizima do pescado e os fóros que lhe pagam os engenhos, dos quaes estão feitos em Pernambuco cincoenta, que fazem tanto assucar que estão os dizimos d'elles arrendados em dezenove mil cruzados cada anno. Esta villa de Olinda terá setecentos visinhos pouco mais ou menos, mas tem muitos mais no seu termo, porque em cada um d'estes engenhos vivem vinte e trinta visinhos, fóra os que vivem nas roças afastados d'elles, que é muita gente; de maneira que, quando fôr necessario ajuntar-se esta gente com armas, pôr-se-hão em campo mais de tres mil homens de peleja com os moradores da villa de Cosmos, entre os quaes haverá quatrocentos homens de cavallo. Esta gente póde trazer de suas fazendas quatro ou cinco mil escravos de Guiné e muitos do gentio da terra. É tão poderosa esta capitania que ha n'ella mais de cem homens que tem de mil até cinco mil cruzados de renda, e alguns de oito, dez mil cruzados. D'esta terra sahiram muitos homens ricos para estes reinos que foram á ella muito pobres, com os quaes entram cada anno d'esta capitania quarenta e cincoenta navios carregados de assucar e páo-brazil, o qual é o mais fino que se acha em toda a costa ; e importa tanto

Digitized by Google

este páo á S. Magestade, que o tem agora novamente arrendado por tempo de dez annos por vinte mil cruzados cada anno. E parece que será tão rica e tão poderosa, d'onde sahem tantos provimento para estes reinos, que se devia de ter mais conta com a fortificação d'ella, e não consentir que esteja arriscada a um corsario a saquear e destruir, o que se póde atalhar com pouca despeza e menos trabalho.

CAPITULO XVII

Em que se declara a terra e costa que ha do porto de Olinda até o Cabo de Santo Agostinho.

Do porto de Olinda á ponta de Pero Cavarim são quatro leguas. Da ponta de Pero Cavarim ao rio de Jaboatão é uma legua, em o qual entram barcos. Do rio de Jaboatão ao Cabo de Santo Agostinho são quatro leguas. o qual cabo está em oito gràos e meio. Ao socairo d'este cabo da banda do norte podem surgir náos grandes quando cumprir, onde tem boa abrigada. Do Cabo até Pernambuco corre-se a costa norte sul.

Quem vem do mar em fóra, para conhecer este cabo de Santo Agostinho, verá por cima d'elle uma serra sellada, que é boa conhecença ; porque por aquella parte não ha outra serra da sua altura e feição, a qual está quasi léste oèste com o cabo, e toma uma quarta de nordéste sudoéste. E para quem vem ao longo da costa bota o Cabo fóra com pouco mato e em manchas ; e ver-lhe-hão que tem da banda do sul, cinco leguas afastado d'elle, a Ilha de Santo Aleixo, que é baixa e pequena. Até este Cabo é a terra povoada de engenhos de assucar, e por junto d'elle passa um rio que se diz do Cabo (onde tambem estão alguns), o qual sahe ao mar duas leguas do Cabo, e mistura-se ao entrar do salgado com o rio de Ipojuca, que está duas leguas da banda do sul ; n'este rio entram e sahem caravelões do serviço dos engenhos, que estão nos mesmos rios, onde se recolhem com tempo barcos da costa.

Digitized by Google

CAPITULO XVIII

Em que se declara a costa do Cabo e rio do Ipojuca até o Rio de S. Francisco.

Já fica dito como se mette o rio de Ipojuca com o do Cabo ao entrar no salgado, agora digamos como d'elle ao porto das Gallinhas são duas leguas. A terra que ha entre este porto e o rio de Ipojuca é toda alagadiça. N'este porto e rio das Gallinhas entram barcos da costa. Do rio das Gallinhas á ilha de Santo Aleixo é uma legua, em a qual ha surgidouro e abrigo para as náos, e está afastada da terra firme uma legua; da ilha de Santo Aleixo ao rio de Maracaípe são seis leguas; onde entram caravelões, o qual tem uns ilhéos na bocca. De Maracaípe ao Rio Formoso são duas leguas, o qual tem um arrecife ao mar defronte de si, que tem um boqueirão por onde entram navios da costa, o qual está em nove gráos, cuja terra é escalvada mas bem provida de caça. Do Rio Formoso ao de Una são tres leguas, o qual tem na boca uma ilha de mangues da banda do norte, a qual se alaga com a maré, e mais adiante chegadas á terra tem sete ilhetas de mato. N'este rio Una ao porto das Pedras são quatro leguas, o qual está em nove gráos e meio. Entre este e o rio Una se faz uma enseada muito grande, onde podem surgir e barlaventear náos que nadem em fundo de cinco até sete braças, porque tanto tem de fundo.

E corre-se a costa do Cabo de Santo Agostinho até este porto das Pedras nornordéste susudôeste. D'este porto ao rio Camaragipe são tres leguas, cuja fronteira é de um banco de arrecifes que tem algumas abertas por onde entram barcos da costa, e ficam seguros de todo o tempo entre os arrecifes e a terra. N'este rio de Camaragipe entram navios de honesto porte, e na ponta da barra d'elle da banda do sul tem umas barreiras vermelhas, cuja terra ao longo do mar é escalvada até o rio de Santo Antonio Merim, que está d'elle duas leguas, onde tambem entram caravelões da costa. Do rio de Santo Antonio Merim ao Porto Velho dos Francezes são tres leguas, onde elles costu-

Digitized by Google

mam a ancorar com as suas náos e resgatar com o gentio. Do Porto Velho dos Francezes ao rio de S.Miguel são quatro leguas, que está em dez gráos, em o qual entram navios da costa, e entre um e outro entra no mar o rio da Alagoa, onde tambem entram caravelões, o qual se diz da Alagoa, por nascer de uma que está afastada da costa, ao qual rio chamam os indios o porto Jaragoá. Do rio de S. Miguel ao Porto Novo dos Francezes são duas leguas, defronte do qual fazem os arrecifes que (vão correndo a costa), uma aberta por onde os francezes costumam a entrar com suas náos, e ancoravam entre o arrecife e a terra por ter fundo para isso, onde estavam mui seguros, e d'aqui faziam seu resgate com o gentio. Do Porto Novo dos Francezes ao de Sapetiba é uma legua, do qual ao rio de Currurupe são tres leguas, em o qual entram navios da costa, cuja terra ao longo do mar é fraca, mas para dentro duas leguas é arresoada. D'este rio do Currurupe, até o Rio de S. Francisco são seis leguas.

Da ponta da barra Currurupe, contra o Rio de S. Francisco se vai armando uma enseada de duas leguas, em a qual bem chegado á terra estão os arrecifes de D. Rodrigo, onde tambem se chama o Porto dos Francezes, por se elles costumarem recolher aqui com suas náos á abrigada d'esta enseada, e iam por entre os arrecifes e a terra, com suas lanchas, tomar carga do páo da tinta no rio de Currurupe.

Aqui se perdeu o bispo do Brasil D. Pedro Fernandes Sardinha com sua náo vinda da Bahia para Lisboa, em a qual vinha Antonio Cardoso de Barros, provedor mór, que fôra do Brasil, e dois conegos e duas mulheres honradas e casadas, muitos homens nobres e outra muita gente, que seriam mais de cem pessoas brancas, afôra escravos, a qual escapou toda d'este naufragio, mas não do gentio *Cayté*, que n'este tempo senhoreava esta costa da bocca d'este Rio de S. Francisco até o da Parahyba: depois que estes *Caytés* roubaram este bispo e toda esta gente de quanto salvaram, os despiram, e amarraram a bom recado, e pouco a pouco os foram matando e comendo, sem escapar mais que dois indios da Bahia com um portuguez que sabia a

Digitized by Google

lingua, filho do meirinho da correição. A terra que ha por cima d'esta enseada até perto do Rio de S. Francisco é toda alagadiça, cuja agua se ajunta toda em uma ribeira, que se d'ella faz, a qual vai entrar no Rio de S. Francisco duas leguas da barra para cima; corre-se a costa do Rio de S. Francisco até o porto das Pedras nornordeste susudoeste, e toma da quarta de norte sul.

CAPITULO XIX.

Que trata de quem são estes Caytés, que foram moradores na costa de Pernambuco.

Parece que não é bem que passemos adiante do Rio de S. Francisco sem dizermos que gentio é este *Cayté*, que tanto mal tem feito aos portuguezes n'esta costa, o que agora cabe dizer d'elles.

Este gentio nos primeiros annos da conquista d'este estado do Brasil senhoreou d'esta costa da boca do Rio de S. Francisco até o rio Parahyba, onde sempre teve guerra cruel com os *Pitiguares*, e se matavam e comiam uns aos outros em vingança de seus odios, para execução da qual entravam muitas vezes pela terra dos *Pitiguares* e lhes faziam muito damno. Da banda do Rio de S. Francisco guerreavam estes *Pitiguares* em suas embarcações com os *Tupinambás*, que viviam da outra parte do rio, em cuja terra entravam a fazer seus saltos, onde captivavam muitos, que comiam sem lhes perdoar.

As embarcações, de que este gentio usava, eram de uma palha comprida como a das esteiras de tabúa, que fazem em Santarem, a que elles chamam periperí, a qual palha fazem em molhos muito apertados com umas varas como vime, a que elles chamam timbós, que são muito brandas e rijas, e com estes molhos atados em umas varas grossas faziam uma feição de embarcações, em que cabiam dez a doze indios, que se remavam muito bem, e n'ellas guerreavam com os *Tupinambás* n'este Rio de S. Francisco, e se faziam uns a outros muito damno. E aconteceu por muitas

Digitized by Google

vezes fazerem os *Caytés* d'esta palha tamanhas embarcações, que vinham n'ellas ao longo da costa fazer seus saltos aos *Tupinambás* junto da Bahia, que são cincoenta leguas. Pela parte do sertão, confinava este gentio com os *Tapuias* e *Tupinaês*, e se faziam crueis guerras, para cujas aldêas ordinariamente havia fronteiros, que as corriam e salteavam. E quando os *Caytés*, matavam, ou captivavam alguns contrarios d'estes, tinham-no por mór honra, que não quando faziam outro tanto aos *Pitiguares* nem aos *Tupinambás*, Este gentio é da mesma côr baça, e tem a vida e costumes dos *Pitiguares*, e a mesma lingua que é em tudo como a dos *Tupinambás*, em cujo titulo se dirá muito de suas gentilidades.

São estes *Caytés* mui bellicosos e guerreiros, mas mui atraiçoados e sem nenhuma fé nem verdade, o qual fez os damnos, que fica declarado, á gente da náo do bispo, a Duarte Coelho, e a muitos navios e caravelões, que se perderam n'esta costa, dos quaes não escapou pessoa nenhuma, que não matassem e comessem, cujos damnos Deus não permittiu, que durassem mais tempo; mas ordenou de os destruir d'esta maneira. Confederaram-se os *Tupinambás* seus visinhos com os *Tupinaês* pelo sertão, e ajuntaram-se uns com os outros pela banda de cima, d'onde os *Tapuias* tambem apertavam estes *Caytés*, e deram-lhe nas costas, e de tal feição os apertáram, que os fizeram descer todos para baixo, junto do mar, onde os acabaram de desbaratar; e os que não puderam fugir para a serra do Aquetiba não escaparam de mortos ou captivos. D'estes captivos iam comendo os vencedores quando queriam fazer suas festas, e venderam d'elles aos moradores de Pernambuco e aos da Bahia infinidade de escravos a troco de qualquer cousa, ao que iáo ordinariamente caravelões de resgate, e todos vinham carregados d'esta gente, a qual Duarte Coelho de Albuquerque por sua parte acabou de desbaratar.

E d'esta maneira se consumiu este gentio, do qual não ha agora senão o que se lançou muito pela terra dentro, ou se misturou com seus contrarios sendo seus escravos, ou se aliaram por ordem de seus casamentos.

Digitized by Google

Por natureza são estes *Caitès* grandes musicos e amigos de bailar, são grandes pescadores de linha e nadadores, tambem são mui crueis uns para os outros para se venderem, o pai aos filhos, os irmãos e parentes uns aos outros ; e de maneira são crueis, que aconteceu o anno de 1571 no Rio de S. Francisco estando n'elle algumas embarcações da Bahia resgatando com este gentio. em uma de um Rodrigo Martins, estavam alguns escravos resgatados, em que entrava uma india *Caité*, a qual enfadada de lhe chorar uma criança sua filha a lançou no rio, onde andou de baixo para cima um pedaço sem se afogar, até que de outra embarcação se lançou um indio a nado, por mandado de seu senhor que a foi tirar; onde a baptizaram e durou depois alguns dias.

E como no titulo dos *Tupinambás* se conta por extenso a vida e costumes, que toca á mór parte do gentio que vive na costa do Brasil, temos que basta o que está dito até agora dos *Caitès*.

CAPITULO XX

Que trata da grandeza do Rio de S. Francisco e seu nascimento.

Muito havia que dizer do Rio de S. Francisco, se lhe coubéra fazel-o n'este lugar, do qual se não pode escrever aqui o que se deve dizer d'elle, porque será escurecer tudo o que temos dito, e não se pode cumprir com o que está dito e promettido, que é tratar toda a costa em geral, e em particular da Bahia de Todos os Santos, a quem é necessario satisfazer com o devido. E este rio contente-se por ora de se dizer d'elle em somma o que fôr possivel n'este capitulo, para com brevidade chegarmos a quem está esperando por toda a costa.

Está o Rio de S. Francisco em altura de dez gráos e um quarto, a qual tem na bocca da barra duas leguas de largo, por onde entra a maré com o salgado para cima duas leguas sómente, e d'aqui para cima é agua doce, que a maré faz recuar outras duas leguas, não havendo agua do monte. A este rio chama o gentio o Pará,

Digitized by Google

o qual é mui nomeado entre todas as nações, das quaes foi sempre muito povoado, e tiveram uns com outras sobre os sitios grandes guerras, por ser a terra muito fertil pelas suas ribeiras, e por acharem n'elle grandes pescarias.

Ao longo d'este rio vivem agora alguns *Caitès*, de uma banda, e da outra vivem *Tupinambás*; mais acima vivem os *Tapuias* de differentes castas, *Tupinaês*, *Amoipiras*, *Ubirájáras* e *Amazonas;* e além d'ellas, vive outro gentio (não tratando dos que communicam com os portuguezes), que se atavia com joias de ouro, de que ha certas informações. Este gentio se affirma viver á vista da Alagoa Grande, tão afamada e desejada de descobrir, da qual este rio nasce. E é tão requestado este rio de todo o gentio, por ser muito farto de pescado e caça, e por a terra d'elle ser muito fertil como já fica dito; onde se dão mui bem toda a sorte de mantimentos naturaes da terra.

Quem navega por esta costa conhece este rio quatro e cinco leguas ao mar por as aguagens, que d'elle sahem furiosas e barrentas. Navega-se este rio com caravelões até a cachoeira, que estará da barra vinte leguas, pouco mais ou menos, até onde tem muitas ilhas, que o fazem espraiar muito mais que na barra, por onde entram navios de cincoenta toneis pelo canal do sudoeste, que é mais fundo que o do nordeste. Da barra d'este rio até á primeira cachoeira ha mais de 300 ilhas; no inverno não traz este rio agua do monte, como os outros, nem corre muito; e no verão cresce de dez até quinze palmos. E começa a vir esta agua do monte, de Outubro por diante até Janeiro, que é força do verão n'estas partes; e n'este tempo se alagam a mór parte d'estas ilhas, pelo que não criam nenhum arvoredo nem mais que canas bravas de que se fazem flechas.

Por cima d'esta cachoeira, que é de pedra viva, tambem se póde navegar este rio em barcos, se se lá fizerem, até o sumidouro, que póde estar da cachoeira oitenta ou noventa leguas, por onde tambem tem muitas ilhas. Este sumidouro se entende no lugar, onde este rio sahe de debaixo da terra, por onde vem escondido dez ou doze leguas, no cabo das quaes arrebenta até onde se

Digitized by Google

póde navegar, e faz seu caminho até o mar. Por cima d'este sumidouro está a terra cheia de mato, sem se sentir que vai o rio por baixo, e d'este sumidouro para cima se póde tambem navegar em barcos; se os fizerem lá: os indios se servem por elle em canoas, que para isso fazem. Está capaz este rio para se perto da barra d'elle fazer uma povoação valente de uma banda, e da outra para segurança dos navios da costa, e dos que o tempo alli faz chegar, onde se perdem muitas vezes, e podem os moradores, que n'elle vivem, fazer grandes fazendas e engenhos até a cachoeira, em derredor da qual ha muito páo-brasil, que com pouco trabalho se póde carregar.

Depois que este Estado se descobriu por ordem dos reis passados, se trabalhou muito por se acabar de descobrir este rio, por todo o gentio que n'elle viveu, e por elle andou affirmar que pelo seu sertão havia serras de ouro e prata; á conta da qual informação se fizeram muitas entradas de todas as capitanias sem poder ninguem chegar ao cabo; com este desengano e sobre esta pretenção veiu Duarte Coelho a Portugal da sua capitania de Pernambuco a primeira vez, e da segunda tambem teve desenho; mas desconcertou-se com S. A. pelo não fartar das honras que pedia. E sendo governador d'este Estado Luiz de Brito de Almeida mandou entrar por este rio acima a um Bastião Alvares, que se dizia do Porto Seguro, o qual trabalhou por descobrir quanto poude, no que gastou quatro annos e um grande pedaço da Fazenda d'El-Rei, sem poder chegar ao sumidouro, e por derradeiro veiu acabar com quinze ou vinte homens entre o gentio *Tupinambá*, á cujas mãos foram mortos; o que lhe aconteceu por não ter cabedal de gente para se fazer temer, e por querer fazer esta jornada contra agua; o que não aconteceu a João Coelho de Sousa, porque chegou acima do sumidouro mais de cem leguas, como se verá do roteiro que se fez da sua jornada. A' boca da barra d'este rio corta o salgado a terra da banda do sudoeste, e faz ficar aquella ponta de arêa e mato em ilha, que será de tres leguas de comprido. E quando este rio enche com agua do monte não entra o salgado com a maré por elle acima,

Digitized by Google

mas até á barra é agua doce, e traz n'este tempo grande correnteza.

CAPITULO XXI

Em que se declara a costa do Rio de S. Francisco até o de Sergipe.

Do Rio de S. Francisco ao de Guaratiba são duas leguas, em o qual entram barcos da costa, e tem este rio na boca uma ilha, que é a que vem da ponta da barra do Rio de S. Francisco: este rio se navega pela terra dentro tres leguas, e faz um braço na entrada junto do arrecife, por onde entra o salgado até entrar no Rio de S. Francisco uma legua da barra, por onde vão barcos de um rio ao outro, o qual braço faz a ilha declarada. Do rio de Guaratiba a sete leguas está um riacho a que chamam de Aguaboa, pelo ella ser, o qual, como chega perto do salgado, faz uma volta ao longo d'elle, fazendo uma lingua de terra estreita entre elle e o mar; de uma legua de comprido, e no cabo d'esta legua se mette o mar: entre um rio e outro é tudo praia de arêa, onde se chama a enseada de Vazabarris, á qual tem diante de si tudo arrecifes de pedra, com alguns boqueirões para barcos pequenos, por onde podem entrar com bonança. D'esse riacho de Aguaboa a uma legua está o rio de Ubirapatiba, por cuja barra podem entrar barcos e caravelões da costa com a prôa ao lesnoroeste. A este rio vem o gentio *Tupinambá* mariscar, por achar por aquelles arrecifes muitos polvos, lagostins e caranguejos; e a pescar á linha, onde matam muito peixe, o qual se navega pela terra dentro mais de tres leguas. D'este rio Ubirapatiba a sete leguas está o rio de Seregipe em altura de onze gráos e dois terços, por cuja barra com bateis diante costumavam entrar os francezes com suas náos do porte de cem toneis para baixo, mas não tomavam dentro mais que meia carga, e fóra da barra acabavam de carregar com suas lanchas, em que acabavam de acarretar o páo que alli resgatavam com os *Tupinambás*, onde tambem resgatavam com os mesmos algodão e pimenta da terra. Tem este rio duas leguas por elle acima a terra fraca, mas d'ahi avante é muito boa

Digitized by Google

para se poder povoar, onde convém muito que se faça uma povoação, assim para atalhar que não entrem alli francezes, como por segurar aquella costa do gentio que vive por este rio acima, o qual todos os annos faz muito damno, assim nos barcos, que entram n'ella e no Rio Real no inverno com tempo, como em homens, que commettem este caminho para Pernambuco fugindo á justiça, e nos que pelo mesmo respeito fogem de Pernambuco para a Bahia; os quaes de maravilha escapam que os não matem e comam. Tem este rio de Seregipe na barra de baixamar tres braças, e dentro cinco e seis braças, cuja barra se entra lessueste e oesnoroeste, e quem quer entrar pelo boqueirão do baixio vai com a prôa ao norte; e como está dentro a loesnoroeste va demandar a ponta do sul, e d'ella para dentro se vai ao norte; e quem vem de mar em fóra verá por cima d'este rio um monte mais alto que os outros, da feição de um ovo, que está afastado da barra algumas seis leguas, pelo qual é a terra bem conhecida. A este monte chamam os indios Manhana, que quer dizer entre elles espia, por se ver de todas as partes de muito longe. E corre-se a costa d'este rio ao de S. Francisco nornordeste susudoeste.

CAPITULO XXII

Em qne se declara a costa do rio Seregipe até o Rio Real.

D'este rio de Seregipe, de que acima dissemos, a quatro leguas está outro rio, que se diz do Cotigipe, cuja boca é de meia legua; no meio do qual tem uma ilha em que tem umas moitas verdes, a qual ilha faz duas barras a este rio; pela do sul podem entrar navios de oitenta toneis, porque no mais debaixo tem de fundo duas braças de baixamar, e mais para dentro tem cinco braças; pela barra do norte entram caravelões da costa. Tem este rio á boca da barra uns bancos de arêa que botam meia legua ao mar. Por este rio se navega tres leguas, que tantas entra a maré por elle acima, o qual é muito farto de peixe e marisco, cuja terra é soffrivel para se poder povoar, e no sertão d'ella tem grandes matas de páo-brasil.

Digitized by Google

D'este rio de Cotigipe ao rio de Pereira, a que outros chamam de Cannafistula, são quatro leguas. Do qual até Seregipe faz a terra outra enseada, a que tambem chamam de Vazabarris, no seio da qual está o rio de Cotigipe, de que já fallamos, a que muitos chamam do nome da enseada. Do rio de Pereira á duas leguas está a ponta do Rio Real, d'onde se corre a costa até Seregipe, nornordeste susudoeste.

CAPITULO XXIII

Que trata do Rio Real e seus merecimentos.

Parece que quem tem tamanho nome como o Rio Real, que deve de ter merecimentos capazes d'elle, os quaes convem que venham a terreiro, para que cheguem á noticia de todos. E comecemos na altura, em que está, que são doze gráos escaços: a barra d'este rio terá de ponta a ponta meia legua, em a qual tem dois canaes, por onde entram navios da costa de quarenta toneladas, e pela barra do sudoeste podem entrar navios de sesenta toneis, estando com as balizas necessarias. porque tem dois mares em flor: da barra para dentro tem o rio muito fundo, onde se faz uma bahia de mais de uma legua onde os navios têm grande abrigada com todos tempos, em a qual ha grandes pescarias de peixe boi, e de toda a outra sorte de pescado, e tem muito marisco. Entra a maré por este rio acima seis ou sete leguas, e divide-se em tres ou quatro esteiros onde se vêm metter outras ribeiras de agua doce. Até onde chega o salgado, é a terra fraca e pouca d'ella servirá de mais que de criações de gado: mas d'onde se acaba a maré para cima é a terra muito boa e capaz para dar todas as novidades, do que lhe prantarem, em a qual se podem fazer engenhos de assucar, por se darem n'ella as canas muito bem.

Pelo sertão d'este rio ha muito páo-brasil, que com pouco trabalho todo póde vir ao mar, para se poder carregar para estes reinos. E para que esta costa esteja segura do gentio, e os francezes desenganados de não poderem vir resgatar com elle entre a Bahia e Pernam-

Digitized by Google

buco, convém ao serviço de S. Magestade, que mande povoar e fortificar este rio, o que se póde fazer com pouca despeza de sua Fazenda, do que já El-Rei D. Sebastião, que está em gloria, foi informado; e mandou mui afincadamente a Luiz de Brito, que n'este tempo governava este Estado, que ordenasse com muita brevidade como se povoasse este rio, no que elle metteu todo o cabedal, mandando a isso Garcia d'Avila, que é um dos principaes moradores da Bahia, com muitos homens das ilhas e da terra, para que assentassem uma povoação onde parecesse melhor; o que fez pelo rio acima tres leguas, onde o mesmo governador foi em pessoa com a força da gente que havia na Bahia, quando foi dar guerra ao gentio d'aquella parte, o qual passou por esta nova povoação, de cujo sitio elle e toda a companhia se descontentaram: e com razão; porque estava longe do mar, para se valerem da fartura d'elle, e longe da terra boa, que lhe pudesse responder com as novidades costumadas. D'onde se afastaram por temerem o gentio que por alli vivia; ao qual Luiz de Brito deu tal castigo n'aquelle tempo, como se não deu n'aquellas partes, por que mandou destruir os mais valorosos e maiores dos corsarios capitães d'aquelle gentio, que nunca houve n'aquella costa, sem lhe custar a vida a mais que a dois escravos, os quaes principaes do gentio foram mortos, e os seus que escaparam com vida ficaram captivos. E quando se o governador recolheu, se despovoou este principio de povoação, sem se tornar mais a bulir n'isto; por se entender ser necessario fazer-se uma casa forte á custa de S. A., a qual Luiz de Brito não ordenou por ser chegado o cabo de seu tempo, e succeder-lhe Lourenço da Veiga, que não buliu n'este negocio pelos respeitos, que não são sabidos, para se aqui declararem.

Digitized by Google

CAPITULO XXIV

Em que se declara a terra que ha do Rio Real, até o rio de Itapocurú.

Do Rio Real ao de Itapocurú são quatro leguas, sem de um rio a outro haver na costa por onde entre um barquinho, por tudo serem arrecifes ao longo da costa, cuja terra ao longo d'ella é muita fraca, que não serve se não para criações de gado. A boca d'este rio é muito suja de pedras, mas podem-se quebrar umas pontas de baixamar de aguas vivas, com que lhe fique canal aberto, para poderem por elle entrar caravelões da costa de meia agua cheia por diante. Da boca d'este rio para dentro faz-se uma maneira de bahia, onde de baixamar podem nadar náos de duzentos toneis: entra a maré por este rio acima cinco leguas ou seis, as quaes se podem navegar com barcos; e onde se mistura o salgado com agua doce para cima dez ou doze leguas se póde tambem navegar com barquinhos pequenos; e por aqui acima é a terra muito boa para se poder povoar, porque dá muito bem todos os mantimentos, que lhe plantam, e dará muito bons cannaviaes de assucar, porque quando Luiz de Brito foi dar guerra ao gentio do Rio Real, se acharam pelas roças d'estes indios, que viviam ao longo d'este rio, mui grossas e mui formosas cannas de assucar, pelo que povoando-se este rio, se podem fazer n'elle muitos engenhos de assucar, porque tem ribeiras que se n'elle mettem muito acommodadas para isto; n'este mesmo tempo se achou entre este rio e o Real, cincoenta ou sessenta leguas pelo sertão, uma lagôa de quinhentas braças de comprido e cem de largo, pouco mais ou menos, cuja agua é mais salgada que a do mar, a qual alagôa estava cercada de um campo todo cheio de perrexil muito mais viçoso que o que nasce ao longo do mar, e tocado por fóra nos beiços era tão salgado como se lhe déra o rocio do mar; n'este mesmo campo afastado d'esta alagôa quinhentas ou seiscentas braças estava outra alagôa, ambas em um andar, cuja agua era muito doce, e o peixe que ambas tinham era da mesma sorte, e em ambas havia muitos porcos d'agua, dos quaes os gentios

Digitized by Google

matou muita quantidade d'elles. Este rio perto do mar é muito farto de pescado e marisco, e para cima de peixe de agua doce, e pela terra ao longo d'elle tem muita caça de toda a sorte, o qual no verão traz mais agua que o Mondego, e está em doze gráos: cujo nascimento é para a banda do loeste mais de cem leguas do mar, e está povoado do gentio *Tupinambá*.

CAPITULO XXV

Em que se declara a terra, que ha do Itapocurú até Tatuapará.

Do rio Itapocurú a Tatuapará são oito ou nove leguas, cuja terra ao longo do mar é muito fresca e baixa, e não serve se não para criação de gado; mas duas leguas pela terra dentro é soffrivel para mantimentos, pela qual atravessam cinco rios e outras muitas ribeiras, que vêm sahir ao mar n'estas oito leguas; de que não ha que tratar, por se metterem no mar por cima dos arrecifes sem fazerem barra por onde possa andar um barquinho; porque toda esta costa do Rio Real até Tatuapará ao longo do mar é cheia de arrecifes de pedra, que se espraiam muito, por onde não é possivel lançar-se gente em terra, nem chegar nenhum barco se não for no Itapocurú, como fica dito.

Tatuapará é uma enseada, onde se mette um riacho d'este nome, em o qual entram caravelões da costa com preamar: n'esta enseada têm os navios muito boa abrigada e surgidouro, de que se aproveitam os que andam pela costa. Aqui tem Garcia d'Avila, que é um dos principaes e mais ricos moradores da cidade do Salvador, uma povoação com grandes edificios de casas de sua vivenda, e uma igreja de Nossa Senhora, mui ornada, toda de abobada, em a qual tem um capellão que lhe ministra os Sacramentos.

Este Garcia d'Avila tem toda sua fazenda em criações de vaccas e eguas, e terá alguns dez curraes por esta terra adiante: e os padres da companhia tem n'este direito uma aldêa de indios forros *Tupinambás*, a qual se chama de Santo Antonio, onde haverá mais de trezen-

Digitized by Google

tos homens de peleja; e perto d'esta aldêa tem os padres tres curraes de vaccas, que grangeam, os quaes têm na aldêa uma formosa igreja de Santo Antonio, e um recolhimento onde estão sempre um padre de missa e um irmão, que doutrinam estes indios na nossa santa fé catholica, no que os padres trabalham todo o possivel; mas por demais, porque é este gentio tão barbaro, que até hoje não ha nenhum que viva como christão, tanto que se apartam da conversação dos padres oito dias. Esta enseada de Tatuapará está em altura de doze gráos esforçados, e corre-se a costa d'aqui até o Rio Real nornordeste susudoeste.

CAPITULO XXVI

Em que se declara a terra e costa de Tatuapará até o rio de Joanne.

De Tatuaporá ao rio Jacoipe são quatro leguas, as quaes ao longo do mar estão occupadas com curraes de gado, por serem de terra baixa e fraca; os quaes curraes são de Garcia d'Avila e de outras pessoas chegadas á sua casa. De Tatuapará até este rio não ha onde possa entrar um barco senão n'este rio de Jacoipe e aqui com bonança ainda com trabalho; mas atraz uma legua, onde se chama o porto de Braz Affonso, onde os arrecifes, que vêm de Tatuapará, fazem uma aberta, podem entrar caravelões, e do arrecife para dentro ficam seguros com todo tempo. Este rio de Jacoipe se passa de baixamar acima da barra uma legua a váo, ao longo do qual tem o mesmo Garcia d'Avila um curral de vaccas. D'este rio de Jacoipe até o rio de Joanne são cinco leguas, até onde são tudo arrecifes, sem haver onde possa entrar um barco, senão onde chamam o porto de Arambepe onde os arrecifes fazem outra aberta, por onde com bonança podem entrar barcos, e ficarem dentro dos arrecifes seguros.

De Jacoipe a Arambepe são duas leguas onde se perdeu a náo Santa-Clara, que ia para a India, estando sobre amarra, e foi tanto o tempo que sobreveiu, que a fez ir á çacea, que foi forçado cortarem-lhe o mastro grande,

Digitized by Google

o que não bastou para se remediar, e os officiaes da náo desconfiados da salvação, sendo meia noite deram á vella do traquete para ancorarem em terra e salvárem as vidas; o que lhe succedeu pelo contrario; porque sendo esta costa toda limpa, afastada dos arrecifes, foram varar por cima de uma lage, não se sabendo outra de Pernambuco até a Bahia, a qual lage está um tiro de falcão ao mar dos arrecifes, onde se esta náo fez em pedaços, e morreram n'este naufragio passante de trezentos homens, com Luiz de Alter de Andrade, que ia por capitão. Toda esta terra até o rio de Joanne, tres leguas do mar para o sertão, está povoada de curraes de vaccas de pessoas diversas; e n'esta comarca, tres leguas do mar, tem os padres da companhia duas aldêas de indios forros *Tupinambás*, e de outras nações, em as quaes terão setecentos homens de peleja pelo menos; os quaes os padres doutrinam, como fica dito, da aldêa de Santo Antonio. Est'outras se dizem, uma de Santo Espirito, e a outra de S. João; onde têm grandes igrejas da mesma advocação e recolhimento para os padres, que n'ellas rezidem e para outros que muitas vezes se lá vão recrear. E á sombra e circuito d'estas aldêas têm quatro ou cinco curraes de vaccas ou mais, que grangeam, de que se ajudam a sustentar. Por onde estas aldêas estão é a terra boa, onde se dão todos os mantimentos da terra muito bem, por ser muito fresca com muitas ribeiras de agua; n'este limite lança o mar fóra todos os annos muito ambar pelo inverno, que estes indios vão buscar, o qual dão aos padres. E corre-se esta costa de Tatuapará até este rio de Joaane nornordeste susudoeste.

CAPITULO XXVII

Em que se declara a costa do rio de Joanne até a Bahia.

O rio do Joanne traz tanta agua, quando se mette no mar, como o Zezere quando se mette no Téjo, o qual entra no mar por cima dos arrecifes, onde espraia muito, o qual se passa de maré vazia a vão por junto da barra; mas não póde entrar por ella nenhuma jangada por ser

Digitized by Google

tudo pedra viva, e de preamar não tem sobre si tres palmos de agua, a qual anda alli sempre mui levantada, Este rio está em altura de doze gráos e dois terços. D'este rio até Tapoam são tres leguas, cuja terra é baixa e fraca, e não serve ao longo do mar mais que para gado; e até quatro leguas pela terra dentro está este limite e a terra d'elle occupada com curraes de vaccas. Esta terra e outra tanta além do rio de Joanne é do concelho da cidade do Salvador. A Tapoam é uma ponta sahida ao mar, com uma pedra no cabo cercada d'elle, a que o gentio chama d'este nome, que quer dizer pedra baixa : defronte d'esta ponta, em um alto, está uma fazenda de Sebastião Luiz, com hermida de S. Francisco. Esta ponta é a que na carta de merear se chama os Lençóes de Arêa, por onde se conhece a entrada da Bahia ; e para o sertão, duas leguas está uma grossa fazenda de Garcia d'Avila com outra hermida de S. Francisco mui concertada e limpa. D'esta ponta de Tapoam á duas leguas está o rio Vermelho, que é uma ribeira assim chamada que se aqui vem metter no mar, até onde são tudo arrecifes cerrados sem entrada nenhuma. N'este rio Vermelho póde desembarcar gente com bonança, e estarem barcos da costa ancorados n'esta bocca d'elle,não sendo travessia na costa nem ventos mareiros: até aqui está toda a terra ao longo do mar occupada com criações de gado vaccum. E pela terra dentro duas leguas, têm os padres da companhia uma grossa fazenda com dois curraes de vaccas, em a qual têm umas casas de refrigerio, onde se vão recrear e convalescer das enfermidades, e levam a folgar os governadores; onde tem um jardim muito fresco, com um formoso tanque de agua, e uma hermida muito concertada, onde os padres, quando lá estão, dizem missa. D'este rio Vermelho até a ponta do Padrão é uma legua, e corre-se a costa do rio de Joanne á ponta do Padrão nornordeste sudoeste.

Digitized by Google

CAPITULO XXVIII

Em que se declara como Francisco Pereira Coutinho foi povoar a Bahia de Todos os Santos e os trabalhos que n'isso teve

Quem quizer saber quem foi Francisco Pereira Coutinho, lêa os livros da India, e sabel-o-ha; e verão seu grande valor e heroicos feitos dignos de differente descanço do que teve na conquista do Brasil, onde lhe coube por sorte a capitania da Bahia de Todos os Santos, de que lhe El-Rei D. João III, de gloriosa memoria fez mercê, pela primeira vez, da terra que ha da ponta do Padrão até o Rio de S. Francisco ao longo do mar, e para o sertão de toda a terra que couber na demarcação d'este Estado, e lhe fez mercê da terra da Bahia com seus reconcavos. E como este esforçado capitão tinha animo incansavel, não receou de ir povoar a sua capitania em pessoa, e fez se prestes com muitos moradores casados e outros solteiros, que embarcou em uma armada, que fez á sua custa, com a qual partiu do porto de Lisboa. E com bom vento fez a sua viagem até entrar na Bahia e desembarcou da ponta do Padrão d'ella para dentro, e fortificou-se, onde agora chamam a Villa Velha; em o qual sitio fez uma povoação e fortaleza sobre o mar, onde esteve de paz com o gentio os primeiros annos, no qual tempo os moradores fizeram suas roças e lavouras. D'esta povoação para dentro fizeram uns homens poderosos, que com elle foram, dois engenhos de assucar, que depois foram queimados pelo gentio, que se alevantou, e destruiu todas as roças e fazendas, pelas quaes mataram muitos homens, e nos engenhos quando deram n'elles. Pôz este alevantamento a Francisco Pereira em grande aperto; porque lhe cercaram a villa e fortaleza, tomando-lhe a agua e mais mantimentos, os quaes n'este tempo lhe vinham por mar da capitania dos ilheos, os quaes iam buscar da villa as embarcações, com grande risco dos cercados, que estiveram n'estes trabalhos, ora cercados, ora com tregoas sete ou oito annos, nos quaes passaram grandes fomes, doenças e mil infortunios, a quem este gentio *Tupinambá* matava gente cada dia com o que se ia apou-

Digitized by Google

quentando muito : onde mataram um seu filho bastardo, e alguns parentes e outros homens de nome, com o que a gente, que estava com Francisco Pereira, desesperada de poder resistir tantos annos á tamanha e tão apertada guerra, se determinou com elle apertando-o que ordenasse de os pôr em salvo, antes que se acabasse de consumir em poder de inimigos tão crueis, que ainda não acabavam de matar um homem, quando o espedaçavam e comiam. E vendo este capitão sua gente, que já era mui pouca, tão determinada, ordenou de a pôr em salvo e passou-se por mar com ella em uns caravelões que tinha, para a capitania dos Ilheos : do que se espantou o gentio muito, e arrependido da ruim visinhança que lhe tinha feito, movido tambem de seu interesse, vendo, que como se foram os portuguezes lhe ia faltando os resgates, que lhes elles davam a troco de mantimentos, ordenaram de mandar chamar Francisco Pereira mandando-lhe prometter toda a paz e boa amizade, o qual recado foi d'elle festejado, e embarcou-se logo com alguma gente em um caravelão que tinha, e outro em que vinha Diogo Alvares, de alcunha o *Caramurú*, grande lingua do gentio, e partiu-se para Bahia, e querendo entrar pela barra dentro, lhe sobreveiu muito vento e tormentoso, que o lançou sobre os baixos da ilha de Taparica, onde deu á costa; salvou-se a gente toda d'este naufragio, mas não das mãos dos *Tupinambás*, que viviam n'esta ilha, os quaes se ajuntaram, e á traição mataram a Francisco Pereira e a gente do seu caravelão, do que escapou Diogo Alvares com os seus, com boa linguagem. D'esta maneira acabou ás mãos dos *Tupinambás* o esforçado cavalleiro Francisco Pereira Coutinho, cujo esforço não poderam render os *Rumes* e *Malabares* da India, e foi rendido d'estes barbaros; o qual não sómente gastou a vida n'esta pretenção, mas quanto em muitos annos ganhou na India com tantas lançadas e espingardadas, e o que tinha em Portugal, com o que deixou sua mulher e filhos postos no hospital.

Digitized by Google

CAPITULO XXIX

Em que se torna a correr a costa e explicar a terra d'ella da ponta do Padrão até o rio de Camamú

Não tratamos da Bahia mais particularmente por ora, porque lhe não cabe n'este lugar dizer mais, para no seu se dizer o promettido; pois á sua conta se fez outro memorial, de que pegaremos como acabarmos de correr a costa, e far-lhe-hemos seu officio da melhor maneira que soubermos.

E tornando á ponta do Padrão d'ella, que está em altura de treze gráos esforçados: dizemos que d'esta ponta á do morro de S. Paulo na ilha de Tinharé são nove ou dez leguas, a qual ponta está em treze gráos e meio, e corre-se com a ponta do Padrão nordeste sudoeste.

Faz esta ilha de Tinharé da banda sul um morro escalvado, que se diz de S. Paulo, a cuja abrigada ancoram náos de todo o porte, e quem quizer entrar d'esta ponta para dentro póde ir bem chegado ao morro, e achará fundo de cinco e seis braças. N'esta ilha de Tinharé junto do morro esteve a primeira povoação da capitania dos Ilhéos, d'onde despovoaram logo por não contentar a terra aos primeiros povoadores, a qual ilha está tão chegada á terra firme que no mais estreito não ha mais canal que de um tiro de espingarda de terra á terra.

De Tinharé á ilha de Boipeba são quatro leguas; esta ilha possuem os padres da companhia do collegio da Bahia, a qual e a de Tinharé estão povoadas de portuguezes, que despejaram a terra firme com medo dos *Aymorés*, que lhe destruiram as fazendas e mataram muitos escravos. De Boipeba ao rio de Camamú são tres leguas, o qual está em quatorze gráos. Tem este rio de Camamú uma bocca grande e n'ella uma ilha pequena perto da ponta da banda do norte, e tem bom canal para poderem entrar n'elle náos grandes, as quaes hão de entrar chegadas á ponta da banda do sul, onde tem seis e sete braças de fundo. Da barra d'este rio para dentro tem uma formosa bahia com muitas

Digitized by Google

ribeiras que se n'ella mettem, onde se podem fazer muitos engenhos. Este rio é muito grande e notavel, e vem de muito longe, o qual se navega do salgado para cima cinco ou seis leguas até á cachoeira, que lhe impede não se navegar muitas leguas, porque pelo sertão se póde navegar; porque traz sempre muita agua: cuja terra com dez leguas de costa possuem os padres da companhia por lhe fazer d'ella doação Mem de Sá; os quaes padres a começaram a povoar, e alguns outros moradores; mas todos despejaram por mandado dos *Aymorés* que lhes deram tal trato, que os fez passar d'alli para as ilhas de Boipeba e Tinharé. E corre-se a costa d'esta ilha ao Camamú norte sul pouco mais ou menos.

CAPITULO XXX

Em que se declara a terra que ha do rio de Camamú até os Ilhéos

Este rio de Camamú está em altura de quatorze gráos; e d'elle ao das Contas são seis leguas, cuja costa se corre norte sul. Tem este rio das Contas, a que os indios chamam Jussiape, para o conhecer quem vem de mar em fóra, sobre a bocca uns campinhos descobertos do matto, e ao mar uma pedra como ilhéo que está na mesma bocca, pela qual entram navios do honesto porte, porque tem fundo e canal para isso bem chegado á esta Pedra. Este rio vem de muito longe, e traz mais agua sempre que o Tejo, o qual se navega da barra para dentro sete ou oito leguas até á cachoeira, e d'ella para cima se póde tambem navegar, por ter fundo para isso. E é muito farto de pescado e marisco e de muita caça, cuja terra é grossa e boa, e tem muitas ribeiras para engenhos que se vêm metter n'este rio (os quaes se deixam de fazer por respeito dos *Aymorés*, pelo que não está povoado) o qual está em quatorze gráos e um quarto. D'este rio das Contas á duas leguas está outro rio que se chama Amemoão, e d'elle á uma legua está outro rio que se chama Japarape,

Digitized by Google

os quaes se passam a vão ao longo do mar, que tambem estão despovoados. De Japarape ao rio de Taipe são tres leguas; este rio de Taipe vem de muito longe, em o qual se mettem muitas ribeiras que o fazem caudaloso, cujo nascimento é de uma lagoa que tem em si duas ilhas. Da lagoa para baixo e perto do mar tem outra ilha e um engenho mui possante de Luiz Alvares de Espenha, junto do qual engenho está uma lagôa grande de agua doce em que se tomam muitas arraias e outro peixe do mar e muitos peixes bois, cousa que faz grande espanto, por se não achar peixe do mar em nenhumas alagoas. De Taipe ao rio de S. Jorge, que é o dos Ilhéos, são duas leguas, a qual terra é toda boa, e está muito d'ella aproveitada com engenhos de assucar, ainda que estão mui apertados com esta praga dos *Aymorés;* e para se conhecer a barra dos Ilhéos, ha se de vir correndo a costa á vista da praia para se poderem ver os ilhéos, porque são pequenos, e tres; e entre a terra e o ilhéo grande ha bom surgidouro, e os navios que houverem de entrar no rio vão pelo canal que está norte sul como o ilhéo grande onde os navios estão seguros com todo o tempo, e tambem estão á sombra do ilhéo grande. Este rio tem alguns braços que se navegam com caravelões e barcas para serviço dos engenhos que tem; cuja terra é muito fertil e grossa e de muita caça; e o rio tem grandes pescarias e muito marisco, o qual está em altura de quinze gráos escassos, e corre-se a costa d'elle ao Rio das Contas norte sul.

CAPITULO XXXI

Em que se contém como se começou de povoar a capitania dos Ilhéos por ordem de Jorge de Figueiredo Corrêa.

Quando el-rei D. João 3.º repartiu parte da terra da costa do Brasil em capitanias, fez mercê de uma d'ellas, com cincoenta leguas de costa, a Jorge de Figueiredo Corrêa, escrivão da sua Fazenda; a qual se começa da ponta da Bahia do Salvador da banda

Digitized by Google

do sul, que se entende da ilha de Tinharé (como está julgado por sentença que sobre este caso deu Mem de Sá sendo governador, e Braz Fragoso sendo ouvidor geral e provedor mór do Brasil) e vai correndo ao longo da costa cincoenta leguas. E como Jorge de Figueiredo por respeito de seu cargo não podia ir povoar esta capitania em pessoa, ordenou de o mandar fazer por outrem, para o que fez prestes à custa de sua fazenda uma frota de navios com muitos moradores providos do necessario para a nova povoação. E mandou por seu logo-tenente a um castelhano muito esforçado, experimentado e prudente, que se chamava Francisco Romeiro: o qual partiu do porto de Lisboa com sua frota, e fez sua viagem para esta costa do Brasil, e foi ancorar e desembarcar no porto de Tinharé, e começou a povoar em cima do morro de S. Paulo, do qual sitio se não satisfez. E como foi bem visto e descoberto do rio dos Ilhéos, que assim se chama pelos que tem defronte da barra, d'onde a capitania tomou o nome, se passou com toda a gente para este rio, onde se fortificou e assentou a villa de S. Jorge, onde agora está, em a qual nos primeiros annos teve muitos trabalhos de guerra com o gentio; mas como eram *Tupiniquins*, gente melhor acondicionada que o outro gentio, fez pazes com elles, e fez-lhe tal companhia que com seu favor foi a capitania em grande crescimento, onde homens ricos de Lisboa mandaram fazer engenhos de assucar, com que se a terra ennobreceu muito; a qual capitania Jeronymo de Alarcão, filho segundo de Jorge de Figueiredo, com licença de S. A. vendeu a Lucas Giraldes, que n'ella metteu grande cabedal com que a engrandeceu, de maneira que veiu a ter oito ou nove engenhos. Mas deu n'esta terra esta praga dos *Aymorés* de feição que não ha ahi já mais que seis engenhos, e estes não fazem assucar, nem ha morador que ouse plantar cannas, porque em indo os escravos ou homens ao campo não escapam a estes alarves, com medo dos quaes foge a gente dos Ilhéos para a Bahia, e tem a terra quasi despovoada, a qual se despovoará de todo, se S. Magestade com muita instancia lhe não valer. Esta villa foi muito abastada e rica, e teve quatrocentos ou quinhentos visi-

Digitized by Google

nhos; em a qual está um mosteiro dos padres da companhia, e outro que se agora começa, de S. Bento, e não tem nenhuma fortificação nem modo para se defender de quem a quizer afrontar.

CAPITULO XXXII

Em que se declara quem são os Aymorés, sua vida e costumes.

Parece razão que não passemos avante sem declarar que gentio é este a quem chamam *Aymorés*, que tanto damno têm feito á esta capitania dos Ilhéos, segundo fica dito, cuja costa era povoada dos *Tupiniquins*, os quaes a despovoaram com medo d'estes brutos, e se foram viver ao sertão; dos quaes *Tupiniquins* não ha já n'esta capitania senão duas aldêas, que estão junto dos engenhos de Henrique Luiz, as quaes têm já muito pouca gente.

Descendem estes *Aymorés* de outros gentios a que chamam *Tapuias*, dos quaes nos tempos d'atrás se ausentaram certos casaes, e foram-se para umas serras mui asperas fugindo a um desbarate em que os puzeram seus contrarios, onde residiram muitos annos sem verem outra gente; e os que d'estes descenderam, vieram a perder a linguagem, e fizeram outra nova que se não entende de nenhuma outra nação do gentio de todo este Estado do Brasil. E são estes *Aymorés* tão selvagens que dos outros barbaros, são havidos por mais que barbaros, e alguns se tomaram já vivos em Porto Seguro e nos Ilhéos, que se deixaram morrer de bravos sem quererem comer. Começou este gentio a sahir ao mar no rio das Caravelas junto de Porto Seguro, e corre estes matos e praias até o rio de Camamú, e d'ahi veiu a dar assaltos perto de Tinharé, e não descem á praia senão quando vêm dar assaltos. Este gentio tem a côr do outro, mas são de maiores corpos e mais robustos e forçosos; não têm barbas nem mais cabellos no corpo que os da cabeça, porque os arrancam todos; pelejam com arcos e flechas muito grandes, e são tamanhos frecheiros, que não erram nunca tiro; são mui ligeiros á maravilha e

Digitized by Google

grandes corredores. Não vivem estes barbaros em aldêas, nem casas, como o outro gentio, nem ha quem lh'as visse nem saiba, nem désse com ellas pelos matos até hoje; andam sempre de uma para a outra pelos campos e matos, dormem no chão sobre folhas; e se lhes chove arrimam-se ao pé de uma arvore, onde engenham as folhas por cima, quanto os cobre, assentando-se em cocoras; e não se lhe achou até agora outro rasto de gazalhado. Não costumam estes alarves fazer roças, nem plantar alguns mantimentos; mantêm-se dos fructos silvestres e da caça que matam, a qual comem crúa ou mal assada, quando tem fogo; machos e femeas todos andam tosquiados, e tosquiam-se com umas cannas que cortam muito; a sua falla é rouca da voz, a qual arrancam da garganta com muita força, e não se poderá escrever, como vasconço. Vivem estes barbaros de saltear toda a sorte de gentio que encontram, e nunca se viram juntos mais que vinte até trinta frecheiros; não pelejam com ninguem de rosto a rosto; toda a sua briga é atraiçoada, dão assaltos pelas roças e caminhos por onde andam, esperando o outro gentio e toda a sorte de creatura em ciladas detraz das arvores cada um per si, d'onde não erram tiro, e todas as flechas empregam, e se lhe fazem rosto logo fogem cada um para sua parte; mas como vêm a gente desmandada, fazem parada e buscam aonde fiquem escondidos, até que passem os que seguem e dão-lhe nas costas, empregando suas flechadas á vontade. Estes barbaros não sabem nadar, e qualquer rio que se não passa a vão basta para defensão d'elles; mas para o passarem vão buscar o vão muitas leguas pelo rio acima. Comem estes selvagens carne humana por mantimento, o que não tem o outro gentio que a não come senão por vingança de suas brigas e antiguidade de seus odios. A capitania de Porto Seguro e a dos Ilhéos estão destruidas e quasi despovoadas com o temor d'estes barbaros, cujos engenhos não lavram assucar por lhe terem morto todos os escravos e gente d'elles, e a das mais fazendas, e os que escaparam das suas mãos lhe tomaram tamanho medo, que em se dizendo *Aymorés* despejam as fazendas, e cada um trabalha por se pôr em salvo, o que tambem fazem os homens brancos, dos quaes têm morto estes alarves de

Digitized by Google

vinte e cinco annos a esta parte, que esta praga persegue estas duas capitanias, mais de trezentos homens portuguezes e de tres mil escravos. Costumam-se ordinariamente cartearem-se os moradores da Bahia com os dos Ilhéos, e atravessavam os homens este caminho ao longo da praia, como lhe convinha, sem haver perigo nenhum, o que estes *Aymorés* vieram a sentir, e determinaram-se de virem vigiar estas praias e esperar a gente que por ellas passava, onde tem mortos, e com estes muitos homens e muitos mais escravos; e são estes salteadores tamanhos corredores, que lhes não escapava ninguem por pés, salvo os que se lhe mettiam no mar, onde se elles não atrevem a entrar: mas andam-nos esperando que saiam á terra até á noite que se recolhem; pelo que este caminho está vedado, e não atravessa ninguem por elle se não com muito risco de sua pessoa; e se senão busca algum remedio para destruirem estes alarves elles destruirão as fazendas da Bahia, para onde vão caminhando de seu vagar. E como elles são tão esquivos inimigos de todo o genero humano, não foi possivel saber mais de sua vida e costumes, e o que está dito póde bastar por ora: e tornemos a pegar da costa começando dos Ilhéos por diante.

CAPITULO XXXIII

Em que se declara a costa do rio dos Ilhéos até o Rio Grande.

Para satisfazermos com o promettido convém que digamos que terra corre do rio de S Jorge dos Ilhéos por diante, do qual á duas leguas está o rio Cururupe. D'este rio a cinco leguas está outro rio que se chama Patipe, e em nenhum d'elles pódem entrar barcos, por não terem barra para isso, cuja costa é de praia e limpa, e a terra por dentro baixa ao longo do mar. D'este rio ao Rio Grande são sete leguas, o qual está em quinze gráos e meio, e tem na boca tres moitas de mato que do mar parecem ilhas, por onde é muito bom de conhecer. Na ponta da barra da banda do norte da parte de fóra tem bom abrigo para ancorarem navios da costa, os

Digitized by Google

quaes entram n'este rio se querem; em cujo canal na barra tem duas braças, depois uma, e d'ahi por diante tres, quatro e cinco braças. Este rio se navega por elle acima em barcos oito ou dez leguas; n'este rio será uma povoação muito proveitosa por ser muito grande e ter grandes pescarias e muito marisco e caça, cuja terra é muito boa, onde se darão todos os mantimentos que lhe plantarem; e corre-se a costa d'este Rio Grande ao dos Ilhéos norte sul.

Este rio vem de muito longe e traz sempre muita agua e grande correnteza, pelo qual vieram abaixo alguns homens dos que foram á serra das Esmeraldas com Antonio Dias Adorno, os quaes vieram em suas embarcações a que chamam canôas, que são de um páo, que tem a casca muito dura e o mais muito mole, o qual cavacam com qualquer ferramenta, de maneira que lhe deitam todo o miolo fóra, e fica sómente a casca; e ha d'estas arvores algumas tamanhas, que fazem d'ellas canôas que levam de vinte pessoas para cima.

Sebastião Fernandes Tourinho, morador em Porto Seguro, com certos companheiros entrou pelo sertão, onde andou alguns mezes á ventura sem saber por onde caminhava, e metteu-se tanto pela terra dentro, que se achou em direito do Rio de Janeiro, o que souberam pela altura do sol, que este Sebastião Fernandes sabia muito bem tomar, e por conhecerem a serra dos Orgãos, que cahe sobre o Rio de Janeiro; e chegando ao campo grande acharam alagôas, e riachos, que se mettiam n'este Rio Grande: e indo com rosto ao noroeste, deram em algumas serras de pedras, por onde caminharam obra de trinta leguas, e tornando a leste alguns dias deram em uma aldêa de *Tupiniquins* junto de um rio, que se chama Razo-Aguipe; e foram por elle abaixo com o rosto ao norte vinte e oito dias em canôas; em as quaes andaram oitenta leguas. Este rio tem grande correnteza, e entram n'elle dois rios, um da banda do leste, e outro da banda do loeste, com os quaes se vem metter este rio Razo-Aguipe no Rio Grande. E depois que entraram n'elle navegaram nas suas canôas por elle abaixo vinte e quatro dias, em os quaes chegaram ao mar, vindo sempre com a proa ao loeste. E fa-

Digitized by Google

zendo esta gente sua viagem, achou no sertão d'este rio no mais largo d'elle, que será em meio caminho do mar, vinte ilhas afastadas umas das outras uma legua, duas e tres e mais; e acharam quarenta leguas de barra, pouco mais ou menos um sumidouro, que vai por baixo da terra mais de uma legua, quando é no verão, que no inverno traz tanta agua, que alaga tudo. Do sumidouro para cima tem este rio grande fundo, e a partes tem poços que têm seis e sete braças, por onde se póde navegar em grandes embarcações: e quasi toda a terra de longo d'elle é muito boa.

CAPITULO XXXIV

Em que se declara a costa do Rio Grande até o de Santa Cruz.

Do Rio Grande ao seu Braço são duas leguas, pelo qual Braço entram caravelões, que por elle vão entrar no mesmo Rio Grande, meia legua da barra para cima. Do Braço do Rio Grande ao rio Boiquisape são tres leguas, e do Boiquisape á ponta dos baixos de Santo Antonio são quatro leguas, e da ponta de Santo Antonio ao seu rio é meia legua: do rio de Santo Antonio ao de Sernanbitibe são duas leguas; e d'este rio de Santo Antonio e da sua ponta até o rio de Sernanbitibe estão uns baixos com canal entre elles e a costa, por onde entram barcos pequenos pela ponta de Santo Antonio; e mais ao mar ficam uns arrecifes do mesmo tamanho com canal entre uns e outros. E defronte do rio de Santo Antonio têm estes arrecifes do mar um boqueirão, por onde póde entrar uma náo e ir ancorar pelo canal, que se faz entre um arrecife e o outro, onde estará seguro; no mesmo arrecife do mar está outro boqueirão, por onde podem entrar caravelões da costa defronte do rio de Sernanbitibe, pelo qual se póde ir buscar o porto. Do rio de Sernanbitibe ao de Santa Cruz são duas leguas, onde esteve um engenho de assucar. N'este porto de Santa Cruz entram náos da India de todo o porte, as quaes entram com a proa a loeste, e surgem em uma ensea-

Digitized by Google

da como concha, onde estão muito seguras de todo o tempo. Este rio de Santa Cruz está em dezeseis gráos e meio, e corre-se a costa do Rio Grande até esta de Santa Cruz nordeste sudoeste, o que se ha de fazer afastado da terra duas leguas por amor dos baixos. N'este porto de Santa Cruz esteve Pedro Alvares Cabral, quando ia para a India, e descobriu esta terra, e aqui tomou posse d'ella, onde esteve a villa de Santa Cruz, a qual terra estava povoada então de *Tupiniquins*, que senhoreavam esta costa do rio Camamú até o de Cricaré, de cuja vida e feitos diremos ao diante. Esta villa de Santa Cruz se despovoou d'onde esteve, e a passaram para junto do rio de Sernanbitibe, pela terra ser mais sadia e accommodada para os moradores viverem.

CAPITULO XXXV

Em que se declara a costa e terra d'ella do rio de Santa Cruz até o Porto Seguro.

Do rio de Santa Cruz ao de Itacumirim é meia legua: onde esteve o engenho de João da Rocha. Do rio de Itacumirim ao de Porto Seguro é meia legua; e entre um e outro está um riacho, que se diz de S. Francisco junto das barreiras vermelhas. Defronte do rio de Itacumirim até o de Santa Cruz vai uma ordem de arrecifes, que tem quatro boqueirões, por onde entram barcos pequenos; e faz outra ordem de arrecifes baixos mais ao mar, que se começam defronte do engenho de João da Rocha, e por entre uns arrecifes, e os outros é a barra do Porto Seguro, por onde entram navios de sessenta toneis; e se é navio grande, toma meia carga em Porto Seguro, e vai acabar de carregar em Santa Cruz.

Porto Seguro está em dezeseis gráos e dois terços, e quem vem de mar em fóra vá com boa vigia por amor dos báixos. E para conhecer bem a terra, olhe para ao pé da villa, que está em um alto, e verá umas barreiras vermelhas, que é bom alvo, ou baliza, para por elle a conhecer. Entra-se esse rio leste oeste

Digitized by Google

com a proa n'estas barreiras vermelhas até entrar dentro do arrecife; e como estiver dentro vá com a proa ao sul, e ficará dentro do rio. Da outra banda dos baixos e contra o sul está outra barra, por onde entram navios do mesmo porte: quem entrar por esta barra, como estiver dentro d'ella, descobrirá um riacho, que se diz de S. Francisco; e como o descobrir vá andando para dentro até chegar ao porto. De Porto Seguro á villa de Santo Amaro é uma legua, onde está um pico mui alto em que está a hermida de Nossa Senhora d'Ajuda, que faz muitos milagres. De Santo Amaro ao Rio de Tororam é uma legua, onde está um engenho, que foi de Manoel Rodrigues Magalhães, e junto a este engenho uma povoação, que se diz de S. Tiago do Alto, em o qual rio entram caravelões, D'este Rio de Tororam ao de Maniape são duas leguas, e antes de chegarem a elle estão as barreiras vermelhas, que parecem, a quem vem do mar, rochas de pedras. Do Rio de Maniape ao de Urubuguape é uma legua, onde está o engenho de Gonçalo Pires. Do Rio de Urubuguape ao Rio do Frade é uma legua, onde entram barcos, e chama-se do Frade, por se n'elle afogar um nos tempos atraz. Do Rio do Frade ao de Juhuacema são duas leguas, onde esteve uma villa que se despovcou o anno de 1564, pela grande guerra que tinha os moradores d'ella com os *Aymorés*. N'este lugar esteve um engenho, onde chamam a ponta de Cururumbabo

CAPITULO XXXVI

Em que se declara, quem povoou a capital do Porto Seguro,

Não é bem que passemos mais avante sem declararmos cuja é esta capitania do Porto Seguro, e quem foi o povoador d'ella; da qual fez El-Rei D. João III de Portugal mercê a Pedro de Campos Tourinho, que foi um cavalleiro natural da villa de Vianna da foz de Lima, homem nobre, esforçado, prudente, e muito visto na arte do marear; cuja doação foi de cincoenta leguas de costa, como as mais que ficam declaradas.

Digitized by Google

Para Pedro do Campo poder povoar esta capitania vendeu toda sua fazenda, e ordenou á sua custa uma frota de navios, que fez prestes, em a qual se embarcou com sua mulher Ignez Fernandes Pinto e filhos, e muitos moradores casados, seus parentes e amigos, e outra muita gente, com a qual se partiu do porto de Vianna. E com bom tempo foi demandar a terra do Brasil, e foi tomar porto no rio de Porto Seguro onde desembarcou com sua gente, e se fortificou no mesmo lugar, onde agora está a villa cabeça d'esta capitania, a qual em tempo de Pedro do Campo floresceu, e foi mui povoada de gente; o qual edificou mais a villa de Santa Cruz, e a de Santo Amaro, de que já fallámos; e em seu tempo se ordenaram alguns engenhos de assucar, no que teve nos primeiros annos muito trabalho com a guerra, que lhe fez o gentio *Tupiniquim*, que vivia n'aquella terra, o qual lh'a fez tão cruel, que o teve cercado por muitas vezes, e posto em grande aperto com o que lhe mataram muita gente; mas como assentaram pazes, ficou o gentio quieto, e d'ahi por diante ajudou aos moradores fazer suas roças, e fazendas, a troco do resgate, que por isso lhe davam. Por morte de Pedro do Campo ficou esta capitania mal governada com seu filho Fernão do C. Tourinho; e apoz elle durou pouco, e se começou logo a desbaratar; a qual herdou uma filha de Pedro do Campo, que se chamou Leonor do Campo que nunca casou. Esta Leonor do Campo com licença d'El-Rei vendeu esta capitania a D. João de Alencastro, primeiro duque de Aveiro, por cem mil réis de juro, o qual a favoreceu muito com gente e capitão que a governasse, e com navios que ella todos os annos mandava, e com mercadorias: onde mandou fazer á sua custa engenho de assucar, e provocou á outras pessoas de Lisbôa a que fizessem outros engenhos, em cujo tempo os padres da companhia edificaram na villa de Porto Seguro um mosteiro, onde residem sempre dez ou doze religiosos, que governam ainda agora algumas aldêas de *Tupiniquins* christãos, que estão n'esta capitania; em a qual houve em tempo do duque sete ou oito engenhos de assucar,

Digitized by Google

onde se lavrava cada anno muito, que se trazia a este reino, e muito páo de tinta, de que na terra ha muito. N'esta capitania se não deu nunca gado vaccum por respeito de certa herva, que lhe faz camaras, de que vem a morrer; mas dá-se á outra criação de egoas, jumentos, e cabras muito bem: e de jumentos ha tanta quantidade na terra, que andam bravos pelo mato em bandos, e fazem nôjo ás novidades; os quaes ficaram no campo dos moradores, que d'esta capitania se passaram para as outras, fugindo dos *Aymorés*, em o qual tem feito tamanha destruição, que não tem já mais que um engenho que faça assucar, por terem mortos todos os escravos dos outros e muitos portuguezes; pelo que estão despovoados, e postos por terra, e a villa de Santo Amaro e a de Santa Cruz quasi despovoadas de todo; e a villa de Porto Seguro está mais damnificada, e falta de moradores, em a qual se dão as cannas de assucar muito bem; e muitas uvas, figos, romãs, e todas as fructas de espinho, onde a agua de flor é finissima, e se leva á Bahia a vender por tal. Esta capitania parte com a dos Ilhéos pelo Rio Grande pouco mais ou menos, e pela outra parte com a do Espirito Santo, de Vasco Fernandes Coutinho para onde imos caminhando.

CAPITULO XXXVII

Em que se declara a terra, e costa do Porto Seguro, até o Rio das Caravelas.

Da villa de Porto Seguro á ponta Cororumbabo são oito leguas, cuja costa se corre norte sul: esta ponta é baixa, e de areia, a qual apparece no cabo do arrecife, e demora ao noroeste, e está em altura de dezesete gráos e um quarto. Este arrecife é perigoso e corre afastado da terra legua e meia. Da ponta de Cororumbabo ao cabo das barreiras brancas são seis leguas, até onde corre este arrecife, que começa da ponta de Cororumbabo, porque até o cabo d'estas barreiras brancas se corre esta costa por aqui, afastado da terra legua e meia. Do cabo das barreiras brancas ao Rio

Digitized by Google

das Caravelas são cinco ou seis leguas, em o qual caminho ha alguns baixos, que arrebentam em frol, de que se hão de guardar com boa vigia os que por aqui passarem. Defronte de Jucurú está uma rodella de baixos, que não arrebentam, que é necessario que sejam bem vigiados; e corre-se a costa de Cururumbabo até o rio das Caravelas norte sul, o qual está em dezoito gráos.

Tem este rio na boca uma ilha de uma legua, que lhe faz duas barras, a qual está povoada com fazendas, e criações de vaccas, que se dão n'ella muito bem. Por este rio acima entram caravelões da costa, mas tem na boca da barra muitas cabeças ruins, pelo qual entra a naré tres ou quatro leguas, que se navegam com barcos.

A terra por este rio acima é muito boa, em que se dão todos os mantimentos, que lhe plantam, muito bem, e póde-se fazer aqui uma povoação, onde os moradores d'ella estarão muito providos de pescado e mariscos, e muita caça, que por toda aquella terra ha. Este rio vem de muito longe, e pelo sertão é povoado do gentio bem acondicionado, que não faz mal aos homens brancos, que vão por elle acima para o sertão. Aqui n'este rio foi desembarcar Antonio Dias Adorno com a gente que trouxe da Bahia, quando por mandado do governador Luiz de Brito de Almeida foi ao sertão no descobrimento das esmeraldas, e foi por este rio acima com cento e cincoenta homens, e quatrocentos Indíos de paz e escravos, e todos foram bem tratados e recebidos dos gentios, acharam pelo sertão d'este rio das Caravelas.

CAPITULO XXXVIII

Em que se declara a terra que ha do rio das Caravelas até Cricaré.

Do rio das Caravelas até o rio de Peruipe são tres leguas, as quaes se navegam pelo canal indo correndo a costa. N'este rio entram caravelões da costa, junto da qual a terra faz uma ponta grossa ao mar de

Digitized by Google

grande arvoredo, e toda a mais terra é baixa. Do direito d'sta ponta se começam os Abrolhos e seus baixos; mas entre os baixos e a terra ha fundo de seis e se'te braças uma legua ao mar sómente, por onde vai o canal.

D'este rio Peruipe ao de Mocuripe são cinco leguas, o qual tem na boca uma barreira branca como lençol, por onde é bom de conhecer; o qual está dezoito gráos e meio. Por este rio Mocuripe entram caravelões da costa á vontade, e ha maré por elle acima muito grande espaço, cuja terra é boa e para se fazer conta d'ella para se povoar; porque ha n'ella grandes pescarias, muito marisco e caça.

D'este rio de Mocuripe ao de Cricaré são dez leguas, e corre-se a costa do rio das Caravelas até Cricaré norte sul, e toma da quarta nordeste sudoeste, o qual rio Mocuripe está em dezoito gráos e tres quartos; pelo qual entram navios de honesto porto, e é muito capaz para se poder povoar, por a terra ser muito boa e de muita caça, e o rio de muito pescado e marisco, onde se pódem fazer engenhos de assucar, por se metterem n'elle muitas ribeiras de agua, boas para elles. Este rio vem de muito longe, e navega-se quatro ou cinco leguas por elle acima; o qual tem na barra, da banda do sul quatro abertas, uma legua e mais uma da outra, as quaes estão na terra firme por cima da costa, que é baixa e sem arvoredo, e de campinas. E quem vem do mar em fóra parecem-lhe estas abertas bocas de rios, por onde a terra é boa de conhecer. Até aqui senhorearam a costa os *Tupiniquins*, de quem é bem que digamos n'este capitulo que se segue antes que cheguemos á terra dos *Goaitacazes*.

CAPITULO XXXIX

Em que se declara quem são os Tupiniquins e sua vida e costumes.

Já fica dito como o gentio *Tupiniquim* senhoreou e possuiu a terra da costa do Brasil, ao longo do mar, do rio de Camamú até o rio de Cricaré, o qual tem agora

Digitized by Google

despovoado toda esta comarca fugindo dos *Tupinambás* seus contrarios, que os apertaram por uma banda, e aos *Aymorés* que os offendiam por outra: pelo que se afastaram do mar, e fugindo ao máo tratamento que lhes alguns homens brancos faziam por serem pouco temementes a Deus. Pelo que não vivem agora junto do mar mais que os christãos de que já fizemos menção. Com este gentio tiveram os primeiros povoadores das capitanias dos Ilhéos e Porto Seguro e dos do Espírito Santo, nos primeiros annos, grandes guerras e trabalhos, de quem receberam muitos damnos; mas pelo tempo adiante vieram a fazer pazes, que se cumpriram e guardaram bem de parte a parte, e de então para agora foram os *Tupiniquins* muito fieis e verdadeiros aos portuguezes. Este gentio e os *Tupinaês* descendem todos de um tronco, e não se têm por contrarios verdadeiros, ainda que muitas vezes tivessem differenças e guerras, os quaes *Tupinaês* lhe ficavam nas cabeceiras pela banda do sertão, com quem a maior parte dos *Tupiniquins* agora estão misturados. Este gentio é da mesma côr baça e estatura que o outro gentio de que fallámos, o qual tem a linguagem, vida e costumes e gentilidades dos *Tupinambás*, ainda que são seus contrarios, em cujo titulo se declarará mui particularmente tudo o que se póde alcançar. E ainda que são contrarios os *Tupiniquins* dos *Tupinambás*, não ha entre elles na lingua e costumes mais differença, da que têm os moradores de Lisboa dos da Beira; mas este gentio é mais domestico, e verdadeiro que todo outro da costa d'este Estado. E' gente de grande trabalho e serviço, e sempre nas guerras ajudaram aos portuguezes, contra os *Aymorés*, *Tapuias e Tamoios*, como ainda hoje fazem esses poucos que se deixaram ficar junto do mar e das nossas povoações, com quem visinham muito bem, os quaes são grandes pescadores de linha, caçadores e marinheiros, são valentes homens, caçam, pescam, cantam, bailam, como os *Tupinambás*, e nas cousas de guerra são mui industriosos, e homens para muito, de quem se faz muita conta a seu modo entre o gentio.

Digitized by Google

CAPITULO XL

Em que se declara a costa de Cricaré até o Rio Doce, e do que se descobriu por elle acima, e pelo Aceci.

Do rio de Cricaré até o Rio Doce são dezesete leguas, as quaes se correm pela costa norte sul; o qual Rio Doce está em altura de dezenove gráos.

A terra d'este rio ao longo do mar é baixa e afastada da costa; por ella dentro tem arrumada uma serra, que parece a quem vem do mar em fóra, que é a mesma costa. A boca d'este rio é esparcelada bem uma legua e meia ao mar; mas tem seu canal, por onde entram navios de quarenta toneis, o qual rio se navega pela terra dentro algumas leguas, cuja terra ao longo do rio por alli acima é muito boa, que dá todos os mantimentos acostumados muito bem, onde se darão muito bons cannaviaes de assucar, se os plantarem, e se podem fazer alguns engenhos, por ter ribeiras mui accommodadas a elles. Este Rio Doce vem de muito longe e corre até o mar quasi leste oeste, pelo qual Sebastião Fernandes Tourinho, de quem fallámos, fez uma entrada navegando por elle acima, até onde o ajudou a maré, com certos companheiros, e entrando por um braço acima, que se chama Mandi, onde desembarcou, caminhou por terra obra de vinte leguas com o rosto a les-sudoeste, e foi dar com uma lagoa, a que o gentio chama boca do mar, por ser muito grande e funda, da qual nasce um rio que se mette n'este Rio Doce, e leva muita agua. Esta lagoa cresce ás vezes tanto, que faz grande enchente n'este Rio Doce. D'esta lagoa corre este rio a leste, e d'ella a quarenta leguas tem uma cachoeira; e andando esta gente ao longo d'este rio, que sahe da lagoa mais de trinta leguas, se detiveram alli alguns dias; tornando a caminhar andaram quarenta dias com o rosto a loeste: e no cabo d'elles chegaram, aonde se mette este rio no Doce, e andaram n'estes quarenta dias setenta leguas pouco mais ou menos. E como esta gente chegou a este Rio Doce, e o acharam tão possante, fizeram n' elle canoas de casca, em que se embarcaram, e foram por alli acima, até onde se mette n'este rio outro

Digitized by Google

a que chamam Aceci, pelo qual entraram e foram quatro leguas, e no cabo d'ellas desembarcaram e foram por terra com o rosto ao noroeste onze dias, e atravessaram o Aceci, e andaram cincoenta leguas, ao longo d'elle da banda ao sul trinta leguas. Aqui achou esta gente umas pedreiras, umas pedras verdoengas, e tomam do azul, que tem que parece turquescoas, e affirmou o gentio aqui visinho, que no cimo d'este monte se tiravam pedras muito azues, e que havia outras que segundo sua informação tem ouro muito descoberto. E quando esta gente passou o Aceci a derradeira vez, d'alli cinco ou seis leguas da banda do norte achou Sebastião Fernandes uma pedreira de esmeraldas e outra de safiras, as quaes estão ao pé de uma serra cheia de arvoredo do tamanho de uma legua, e quando esta gente ia do mar por este Rio Doce acima sessenta ou setenta leguas da barra acharam umas serras ao longo do Rio de Arvoredo, e quasi todas de pedra, em que tambem acharam pedras verdes; e indo mais acima quatro ou cinco leguas da banda do sul está outra serra, em que affirma o gentio haver pedras verdes e vermelhas tão compridas como dedos, e outras azues todas mui resplandecentes.

D'esta serra para a banda de leste pouco mais de uma legua está uma serra, que é quasi toda de crystal muito fino, a qual cria em si muitas esmeraldas, e outras pedras azues. Com estas informações que Sebastião Fernandes deu a Luiz de Frito, sendo governador, mandou Antonio Dias Adorno, como ja fica dito atraz, o qual achou ao pé d'esta serra da banda do norte as esmeraldas, e da de leste as safiras. Umas e outras nascem no crystal, d'onde trouxeram muitas e algumas muito grandes, mas todas baixas; mas presume-se, que debaixo da terra as deve de haver finas, porque estas estavam á flôr da terra. Em muitas partes achou esta gente pedras desacostumadas de grande peso, que affirmam terem ouro e prata, do que não trouxeram amostras, por não poderem trazer mais que as primeiras e com trabalho: a qual gente se tornou para o mar pelo Rio Grande abaixo, como já fica dito. E Antonio Dias Adorno, quando foi á estas pedras, se

Digitized by Google

recolheu por terra atravessando pelos *Tupinaês* e por entre os *Tupinambás*, e com uns e outros teve grandes encontros, e com muito trabalho e risco de sua pessoa chegou á Bahia e fazenda de Gabriel Soares de Sousa.

CAPITULO XLI

Em que se declara a costa do Rio Doce até o do Espirito Santo.

Do Rio Doce ao dos Reis Magos são oito leguas; e faz a terra de um rio ao outro uma enseada grande: o qual rio está em dezenove gráos e meio, e corre-se a costa de um a outro nordeste sudoeste. Na boca d'este rio dos Reis Magos estão tres ilhas redondas, por onde é bom de conhecer; em o qual entram navios da costa, cuja terra é muito fertil, e boa para se poder povoar; onde se podem fazer alguns engenhos de assucar, por ter ribeiras que n'elle se mettem, mui accommodadas para isso. Navega-se n'este rio da barra para dentro quatro ou cinco leguas, em o qual ha grandes pescarias e muito marisco; e no tempo que estava povoado de gentio, havia n'elle muitos mantimentos que aqui iam resgatar os moradores do Espirito Santo, o que causava grande fertilidade.

Da terra dos Reis Magos ao rio das Barreiras são oito leguas, do qual se faz pouca conta; do rio das Barreiras á ponta do Tubarão são quatro leguas, sobre o qual está a serra do Mestre Alvaro; da ponta do Tubarão á ponta do morro de João Moreno são duas leguas, onde está a villa de Nossa Senhora da Victoria: entre uma ponta e outra está o rio do Espirito Santo, o qual tem defronte da barra meia legua ao mar uma lagoa, de que se hão de guardar. Em direito d'esta ponta da banda do norte, duas leguas pela terra dentro, está a serra do Mestre Alvaro, que é grande e redonda, a qual está afastada das outras serras: esta serra apparece, a quem vem do mar em fóra, muito longe, que é por onde se conhece a barra: esta barra faz uma enseada grande, a qual tem umas ilhas dentro, e entra-se nordeste sudoeste. A primeira ilha, que está

Digitized by Google

n'esta barra, se chama de D. Jorge, e mais para dentro está outra, que se diz de Valentim Nunes. D'esta ilha para a Villa Velha estão quatro penedos grandes descobertos: e mais para cima está a ilha de Anna Vaz: mais avante está o ilhéo da Viuva; e no cabo d'esta bahia fica a ilha de Duarte de Lemos, onde está assentada a villa do Espirito Santo, a qual se edificou no tempo da guerra pelos *Guaitacazes*, que apertaram muito com os povoadores da Villa Velha. Defronte da villa do Espirito Santo, da banda da Villa Velha está um penedo mui alto a pique sobre o rio, ao pé do qual se não acha fundo: é capaz este penedo para se edificar sobre elle uma fortaleza, o que se póde fazer com pouca despeza, da qual se póde defender este rio ao poder do mundo todo. Este rio do Espirito Santo está em altura de vinte gráos e um terço.

CAPITULO XLII

Em que se declara como El-Rei fez mercê da capitania do Espirito Santo a Vasco Fernandes Coutinho, e como elle a foi povoar em pessoa.

Razão tinha Vasco Fernandes Coutinho de se contentar com os grandes e heroicos feitos que tinha com as armas acabado nas partes da India, onde nos primeiros tempos de sua conquista se achou, no que gastou o melhor de sua idade; e passando-se para estes reinos em busca do galardão de seus trabalhos, pediu em satisfação d'elles a S. A. licença para entrar em outros maiores, pedindo que lhe fizesse mercê de uma capitania na costa do Brasil, porque a queria ir povoar, e conquistar o sertão d'ella, a cujo requerimento El-Rei D. João III de Portugal satisfez, fazendo-lhe mercê de cincoenta leguas de terra ao longo da costa no dito Estado, com toda a terra para o sertão, que coubesse na sua demarcação, começando onde acabasse Pedro de Campo, capitão de Porto Seguro. Contente este fidalgo com a mercê que pediu, para satisfazer á grandeza de seus pensamentos, ordenou á sua custa uma frota de navios, mui provida de moradores e das munições de guerra ne-

Digitized by Google

cessarias, com tudo o que mais convinha á esta empreza, em a qual se embarcaram, entre fidalgos e criados d'el-Rei, sessenta pessoas, entre as quaes foi D. Jorge de Menezes, o de Maluco, e D. Simão de Castello Branco, que por mandado de S. A. iam cumprir suas penitencias á estas partes. Embarcado este valoroso capitão, com sua gente na frota que estava prestes, partiu do porto de Lisboa com bom tempo, e fez sua viagem para o Brasil, onde chegou a salvamento á sua capitania; em a qual desembarcou e povoou a villa de Nossa Senhora da Victoria, a que agora chamam a Villa Velha, onde se logo fortificou, a qual em breve tempo se fez uma nobre villa para aquellas partes. De redor d'esta villa se fizeram logo quatro engenhos de assucar mui bem providos e acabados, os quaes começaram de lavrar assucar, como tiveram canas para isso, que se na terra deram muito bem. N'estes primeiros tempos teve Vasco Fernandes Coutinho algumas escaramuças com o gentio seu vizinho, com o qual se houve de feição que, entendendo estes indios que não podiam ficar bem do partido, se afastaram da vizinhança do mar por aquella parte, por escusarem brigas que da vizinhança se seguiam. A este gentio chamam *Guaytacazes,* de quem diremos adiante.

Como Vasco Fernandes viu o gentio quieto, e a sua capitania tanto avante, e em termos de florescer de bem em melhor, ordenou de vir para Portugal a se fazer prestes do necessario (para ir conquistando a terra pelo sertão até descobrir ouro e prata) e a outros negocios que lhe convinham; e concertando suas cousas, como relevava, se partiu, e deixou a D. Jorge de Menezes para em sua ausencia a governar; ao qual os *Tupiniquins*, de uma banda e os *Guaytacazes*, da outra fizeram tão crua guerra que lhe queimaram os engenhos e muitas fazendas, o desbarataram e mataram ás flexadas; o que tambem fizeram depois a D. Simão de Castello Branco, que lhe succedeu na capitania, e a outra muita gente; e puzeram a villa em cerco e em tal aperto que, não podendo os moradores d'ella resistir ao poder do gentio, a despovoaram de todo e se passaram á ilha de Duarte de Lemos, onde ainda estão; a qual ilha se afasta da terra firme um tiro de berço.

Digitized by Google

Esta villa se povoou de novo com o titulo do Espirito Santo, e muitos dos moradores, não se havendo alli por seguros do gentio, se passaram á outras capitanias. E tornando-se Vasco Fernandes para a sua capitania, vendo-a tão desbaratada, trabalhou todo o possivel por tormar satisfação d'este gentio, o que não foi em sua mão, por estar impossibilitado de gente e munições de guerra, e o gentio mui soberbo com as victorias que tinha alcançado; antes viveu muitos annos afrontado d'elle n'aquella ilha, onde a seu requerimento o mandou soccorrer Mem de Sá, que n'aquelle tempo governava este Estado; o qual ordenou na Bahia uma armada bem fornecida de gente e armas, que era de navios da costa mareaveis, da qual mandou por capitão a seu filho Fernão de Sá, que com ella foi entrar no rio de Cricaré, onde ajuntou com elle a gente do Espirito Santo, que lhe Vasco Fernandes Coutinho mandou; e, sendo a gente toda junta, desembarcou Fernão de Sá em terra, e deu sobre o gentio de maneira, que o pôz logo em desbarate nos primeiros encontros, o qual gentio se reformou e ajuntou logo, e apertou com Fernão de Sá, de maneira que o fez recolher para o mar; o que fez com tamanha desordem dos seus, que, antes de poder chegar ás embarcações, mataram a Fernão de Sá, com muita da sua gente ao embarcar; mas já agora esta capitania está reformada com duas villas, em uma das quaes está um mosteiro dos padres da companhia, e tem seus engenhos de assucar e outras muitas fazendas. No povoar d'esta capitania gastou Vasco Fernandes Coutinho muitos mil cruzados que adquiriu na India, e todo o patrimonio que tinha em Portugal, que todo para isso vendeu, o qual acabou n'ella tão pobremente, que chegou a darem-lhe de comer por amor de Deus, e não sei se teve um lençol seu, em que o amortalhassem. E seu filho do mesmo nome vive hoje na mesma capitania tão necessitado que não tem mais de seu que o titulo de capitão e governador d'ella.

Digitized by Google

CAPITULO XLIII

Em que se vai declarando a costa do Espirito Santo, até o cabo de S. Thomé.

Do rio do Espirito Santo ao Goarapari são oito leguas; e faz-se entre um e outro rio uma enseada. Chegado a este rio de Goarapari estão as serras, que dizem de Porocão, e corre-se a costa do morro de João Moreno até este rio norte sul; e defronte do morro de João Moreno está a Ilha Escalvada. Do rio de Goarapari á ponta de Leritibi são sete leguas; e corre-se a costa nordeste sudueste, cuja terra é muido alta: esta ponta tem, da banda do norte, tres ilhas, obra de duas leguas ao mar e a primeira está meia legua da terra firme, as quaes tem bom surgidouro; e estão estas ilhas defronte do rio Goarapari. A terra d'este rio até Leritibe é muito grossa e boa para povoar como a melhor do Brasil, a qual foi povoada dos *Guaytacazes*. Esta ponta de Leritibe tem um arrecife ao mar, que boja bem uma legua e meia, a qual ponta è de terra baixa, ao longo do mar. De Leritibe até Tapemerim são quatro ou cinco leguas, cuja costa se corre nordeste sudoeste, a qual está em vinte gráos e tres quartos. De Tapemerim a Managé são cinco leguas, a qual está em vinte e um gráos: de Managé ao rio de Parahyba são cinco leguas, e corre-se a costa nordeste sudoeste, e toma da quarta ao norse sul; o qual rio de Parahyba está em vinte um gráo e dois terços. Este rio de Parahyba tem barra e fundo por onde entram navios de honesto porte, o qual se póde tornar a povoar, por derredor d'elle e ao longo do mar. Da Parahyba ao cabo de S. Thomé são sete leguas, cuja costa se corre nordeste sudoeste, o qual cabo está em vinte e dois gráos. Pelo nome d'este cabo o tomou a capitania tembem de S. Thomé, até onde corre o limite dos *Guaytacazes*, de quem diremos em seu lugar.

Digitized by Google

CAPITULO XLIV

Em que se trata de como Pedro de Góes foi povoar a sua capitania de Parahyba ou de S. Thomé.

Pedro de Góes foi um fidalgo muito honrado, cavalleiro e experimentado, o qual andou na costa do Brasil com Pedro Lopes de Sousa, e se perdeu com elle no Rio da Prata; e pela affeição que tomou d'este tempo á terra do Brasil, pediu a el-Rei D. João, quando repartiu as capitanias, que lhe fizesse mercê, de uma, da qual S. A. lhe fez mercê, dando-lhe trinta leguas de terra ao longo da costa, que se começariam, onde se acabava a capitania de Vasco Fernandes Coutinho, e d'ahi até onde acaba Martim Affonso de Sousa; e que, não as havendo entre uma capitania e outra, que lhe dava sómente o que houvesse, o que não passaria dos baixos dos Pargos. Da qual capitania foi tomar posse em uma frota de navios, que á sua custa para isso fez, que proveu de moradores, armas e o mais necessario para tal empreza: com a qual frota se partiu do porto de Lisboa, e fez sua viagem com prospero tempo, e foi tomar terra e porto na sua capitania, e desembarcou no rio Parahyba, onde se fortificou, e fez uma povoação em que esteve pacificamente os primeiros dois annos, com os gentios *Guaytacazes* seus visinhos, com quem teve depois guerra cinco ou seis annos, dos quaes se defendeu com muito trabalho e risco de sua pessoa, por lhe armarem cada dia mil traições, fazendo pazes, que lhe logo quebravam; com o que lhe foram matando muita gente, assim n'estas traições como em cercos, que lhe puzeram mui prolongados; com o que padeceu crueis fomes, o que não podendo os moradores soffrer, apertaram com Pedro de Góes rijamente, que a despovoasse, no que elle se determinou obrigado d'estes requerimentos e das necessidades em que o tinham posto os trabalhos, e ver que não era soccorrido do reino como devêra. E vendo-se já sem remedio, foi forçado a despejar a terra, e passar-se com toda a gente para a capitania do Espirito Santo, onde estava a esse tempo Vasco Fernandes Coutinho, que lhe mandou para isso algumas embarcações. E como Pedro

Digitized by Google

de Góes teve embarcação, se tornou para estes reinos mui desbaratado: dos quaes voltou a ir ao Brasil por capitão-mór do mar com Thomé de Sousa, que n'este Estado foi o primeiro governador geral; com quem ajudou a povoar e fortificar a cidade do Salvador na Bahia de todos os Santos.

N'esta povoação que Pedro de Góes fez na sua capitania gastou toda sua fazenda que tinha no reino, e muitos mil cruzados de Martim Ferreira, que o favoreceu muito com pretenção de fazerem por conta da companhia grandes engenhos, o que não houve effeito pelos respeitos declarados n'este capitulo.

CAPITULO XLV

Em que se diz quem são os « Guaytacazes », sua vida e costumes.

Pois que temos declarado quasi toda a costa que senhoreavam os *Guaytacazes*, não é bem que nos despidamos d'ella, passando por elles, pois temos dito parte dos damnos que fizeram aos povoadores do Espirito Santo e aos da Parahyba, os quaes antigamente partiam pela costa do mar da banda do sul com os *Tamoyos*, e de norte com os *Papanazes*, que viviam entre elles e os *Tupiniquins*, e como eram seus contrarios, vieram a ter com elles tão cruel guerra que os fizeram despejar a ribeira do mar, e irem-se para o sertão; com o que ficaram senhores da costa, até confinar com os *Tupiniquins*, cujos contrarios tambem são, e se matam e comem uns aos outros: entre os quaes estava por marco o rio de Cricaré.

Este gentio foi o que fez despovoar a Pedro de Góes, e que deu tantos trabalhos a Vasco Fernandes Coutinho. Este gentio tem a côr mais branca que os que dissemos atraz, e tem differente linguagem; é muito barbaro; o qual não grangea muita lavoura de mantimentos; plantam sómente legumes, de que se mantêm, e a caça que matam ás flexadas, porque são grandes flexeiros. Não costuma esta gente pelejar no mato, mas em campo descoberto, nem são muito amigos de comer carne humana,

Digitized by Google

como o gentio atraz; não dormem em redes, mas no chão com folhas debaixo de si. Costumavam estes barbaros, por não terem outro remedio, andarem no mar nadando, esperando os tubarões com um páo muito agudo na mão, e em remettendo o tubarão a elles, lhe davam com o páo, que lhe mettiam pela garganta com tanta força que o afogavam e matavam, e o traziam á terra, não para o comerem, para o que se não punham em tamanho perigo, senão para lhes tirar os dentes, para os engastarem nas pontas das flexas. Tem esse gentio muita parte dos costumes dos *Tupinambás*, assim no cantar, no bailar, tinger-se de genipapo, na feição do cabello da cabeça, e no arrancar os mais cabellos do corpo, e outras gentilidades muitas, que, por escusar prolixidade, as guardamos para se dizerem uma só vez.

CAPITULO XLVI

Em que se declara em summa quem são os Papanazes e seus costumes.

Parece conveniente este lugar para se brevemente dizer quem são os *Papanazes*, de quem atraz fizemos menção, e porque passámos o limite de sua vivenda nos tempos antigos, não é bem que os guardemos para mais longe.

Este gentio, como fica dito, viveu ao longo do mar entre a capitania de Porto Seguro e a do Espirito Santo, d'onde foi lançado pelos *Tupiniquins* seus contrarios, e pelos *Guaytacazes*, que tambem o eram e são hoje seus inimigos, e uns e outros lhe fizeram tão cruel guerra, que os fizeram sahir para o sertão, onde agora têm sua vivenda, cuja linguagem entende os *Tupiniquins* e *Guaytacazes*, ainda que mal. Este gentio dorme no chão sobre folhas, como os *Guaytacazes*, tambem se não occupa em grandes lavouras; mantêm-se estes selvagens de caça e peixe do rio, que matam; os quaes são grandes flexeiros e pelejam com arcos e flexas, andam nús como o mais gentio, não consentem cabellos nenhum no corpo senão os da cabeça, pin-

Digitized by Google

tam-se e enfeitam-se com pennas de côres dos passaros ; cantam e bailam ; têm muita gentilidades, das que usam os *Tupinambás;* mas entre si têm um costume que não é tão barbaro como todos os outros que todo o gentio costuma, que é, se um indio d'estes mata outro da mesma geração em alguma briga, ou por desastre, são obrigados os parentes do matador a entregal-o aos parentes do morto, que logo o afogam e o enterram, estando uns e outros presentes, e todos n'este ajuntamento fazem grande pranto, comendo e bebendo todos juntos por muitos dias, e assim ficam todos amigos: e sendo caso que o matador fuja, de maneira que os parentes o não possam tomar, lhe tomam um filho ou filha, se o tem, ou irmão, e se não tem um nem outro, entregam pelo matador o parente mais chegado, ao qual não matam ; mas fica captivo do mais proximo parente do morto, e com isso ficam todos contentes e amigos como o eram antes do acontecimento do morto.

CAPITULO XLVII

Em que se torna a dizer de como corre a costa do Cabo de S. Thomé até o Cabo Frio.

Do Cabo de S. Thomé á Ilha de Santa Anna são oito leguas, e corre-se a costa nordeste sudoeste. A terra firme d'esta costa é muito fertil e boa. Esta ilha de Santa Anna fica em vinte e dois gráos e um terço, a qual está afastada da terra firme duas leguas para o mar, e tem dois ilhéos junto de si. E quem vem do mar em fóra parece-lhe tudo uma cousa. Tem esta ilha da banda da costa bom surgidouro e abrigada por ser limpo tudo, onde tem de fundo cinco e seis braças: e na terra firme defronte da ilha tem boa aguada, e na mesma ilha ha boa agua de uma lagôa. Por aqui não ha de que guardar senão do que virem sobre a agua.

E quem vem do mar em fóra para saber se está tanto avante como esta ilha, olhe para a terra firme, e verá no meio das serras um pico, que parece frade

Digitized by Google

com capello sobre as costas, o qual demora a loeste noroeste, e podem os navios entrar por qualquer das bandas da ilha como lhe mais servir o vento, e ancorar defronte entre ella e a terra firme.

Da ilha de Santa Anna á Bahia do Salvador são tres leguas, e d'esta bahia á Bahia Formosa são sete leguas; da Bahia Formosa ao Cabo Frio são duas leguas. E corre-se a costa norte sul. Até esta Bahia Formosa corriam os *Guaytacazes* no seu tempo, mas vivem já mais afastados do mar, pelo que não ha que arrecear para se povoar qualquer parte d'esta costa do Espirito Santo até o Cabo Frio.

CAPITULO XLVIII

Em que se explicam os reconcavos do Cabo Frio.

O Cabo Frio está em vinte e tres gráos; o qual parece, a quem vem do mar em fóra, ilha redonda com uma forcada no meio, porque a terra, que está entre o Cabo e as serras, é muito baixa, e quando se vem chegando a elle, apparece uma rocha com riscos brancos, por onde é muito bom de conhecer. E ainda que, pelo que se julga do mar, a terra do Cabo parece ilha, e o não seja, por onde o parece, na verdade o Cabo é ilha; porque o corta o mar por onde se não enxerga de fóra; mas é de maneira que póde passar um navio por entre elle e a terra firme á vontade. E tem um baixo n'este canal bem no meio, de duas braças de fundo; o mais é alto, que basta para passar uma náo.

Perto do Cabo estão umas ilhas, no meio das quaes é limpo e bom o porto para surgirem náos de todo porte, e não ha senão guardar do que virem. Duas leguas do Cabo da banda do norte está a Bahia Formosa, e defronte d'ella ficam as ilhas, e entre esta bahia e as ilhas ha bom surgidouro. No fim d'esta bahia para o norte está a Casa de Pedra, perto da qual está um rio pequeno, que tem de fóra bom surgidouro, e de dez até quinze braças de fundo, afastado um pouco de uma ilha que está na boca da bahia. E perto d'esta ilha é alto para ancorar náos, mas perigoso; porque

Digitized by Google

se venta sudoeste e oeste, faz aqui damno no primeiro impeto, porque vem com muita furia como trovoada de Guiné, a qual trovoada é de vento secco e claro. Costumavam os francezes entrar por este rio pequeno a carregar páo brasil, que traziam para as náos que estavam surtas na bahia ao abrigo das ilhas. Por esta bahia entra a maré muito pela terra dentro, que é muito baixa, onde de 20 de Janeiro até todo o Fevereiro se coalha a agua muito depressa, e sem haver marinhas, tiram os indios o sal coalhado e duro, muito alvo, ás mãos cheias, de baixo da agua, chegando-lhe sempre a maré, sem ficar nunca em secco.

CAPITULO XLIX

Em que se declara a terra que ha do Cabo Frio até o Rio de Janeiro.

Do Cabo Frio ao Rio de Janeiro são dezoito leguas, que se repartem d'esta maneira: do Cabo Frio ao rio de Sacorema são oito leguas; de Sacorema ás ilhas de Maricá são quatro leguas, e de Maricá ao Rio de Janeiro são seis leguas, cuja costa se corre leste oeste: o qual Rio está em vinte e tres gráos, e tem sobre si umas serras mui altas que se vêm de muito longe vindo do mar em fóra, a que chamam os Orgãos, e uma d'estas serras parece do mar gavea de náo, por onde se conhece a terra bem. Este Rio tem de boca de ponta á ponta, perto de meia legua, e na de lessudoeste tem um pico de pedra muito alto e mui a pique sobre a barra. Na outra ponta tem outro padrasto, mas não é tão alto nem tão aspero, e de um ao outro se defenderá a barra valorosamente. No meio d'esta barra, entre ponta e ponta, creou a natureza uma lagea de cincoenta braças de comprido e vinte e cinco de largo, onde se póde fazer uma fortaleza, que seja uma das melhores do mundo, o que se fará com pouca despeza, com o que se defenderá, este Rio a todo o poder que o quizer entrar; porque o fundo da barra é por junto d'esta lagea a tiro de espingarda d'ella, e forçado as náos que quizerem entrar den-

Digitized by Google

tro hão de ir á falla d'ella, e não lhe ficará outro padrasto mais que o do pico de pedra, d'onde lhe podem chegar com artilharia grossa; mas é este pico tão aspero que parece impossivel poder-se levar artilharia grossa acima, e segurando-se este pico ficará a fortaleza da lagea inexpugnavel. E uma cousa e outra se póde fortificar com pouca despeza, pela muita pedra que para isso tem ao longo do mar, bem defronte, assim para cantaria como para alvenaria, e grande apparelho para se fazer muita cal de ostras, de que n'este Rio ha infinidade.

CAPITULO L

Em que se declara a entrada do Rio de Janeiro e as ilhas que tem defronte.

Defronte da barra do Rio de Janeiro, ao sul d'ella quatro ou cinco leguas, estão duas ilhas baixas, e ao noroeste d'ellas está um porto de arêa bem chegado á terra, onde ha abrigada do vento sul, sueste, leste e noroeste, e como fôr outro vento convém fugir na volta de leste ou do norte, que serve para quem vem para o reino; e quem houver de ancorar aqui, póde-se chegar á terra até quatro ou cinco braças de fundo para ficar bem; e quem houver de entrar no Rio, dando-lhe o vento lugar, entre pela banda do leste, e sendo o vento oeste, vá pela barra de oeste pelo meio do canal, que está entre a ponta de Cara de Cão e a lagea; mas a barra de leste é melhor por ser mais larga: e por cada uma d'ellas tem fundo oito até doze braças até á ilha da Viragalham: e quanto mais fôrem a loeste, tanto menos fundo acharão, depois que passarem a ilha, e para a banda de leste acharão mais fundo em passando a ilha de Viragalham, que se chama assim, por ser este o nome do capitão francez, que esteve com uma fortaleza n'esta ilha, que é a que Mem de Sá tomou e arrazou.

Defronte da barra d'este Rio, ao mar d'ella, está uma ilha, a que chamam ilha Redonda; e afastado d'ella para a banda de leste está outra ilha, a que

Digitized by Google

chamam a ilha Raza: e defronte d'esta ilha e a ponta da lagoa estão tres ilhas no meio, e chegando á terra está outro ilhote, a que chamam Jeribátuba, em derredor da qual estão quatro ilhotes.

CAPITULO LI

Em que particularmente se explica a bahia do Rio de Janeiro da ponta do Pão de Assucar para dentro.

E' tamanha cousa o Rio de Janeiro da boca para dentro, que nos obriga a gastar o tempo em o declarar n'este lugar, para que se veja como é capaz de se fazer mais conta d'elle do que se faz. E comecemos do Pão de Assucar, que está da banda de fóra da barra, que é um pico de pedra mui alto, da feição do nome que tem, do qual á ponta da barra que se diz de Cara de Cão ha pouco espaço; e a terra, que fica entre esta ponta e o Pão de Assucar, é baixa e chã; e virando-se d'esta ponta para dentro da barra se chama Cidade Velha, onde se ella fundou primeiro. Aqui se faz uma enseada, em que podem surgir navios, se quizerem, porque o fundo é de vasa, e tem cinco, seis, e até sete braças. Esta enseada se chama de Francisco Velho, por ter aqui sua vivenda e grangearia, a qual é afeiçoada em compasso até outra ponta adiante que se chama da Carioca, junto da qual entra uma ribeira, que se chama do mesmo nome, d'onde bebe a cidade. Da ponta da Cara de Cão á cidade póde ser meia legua: ésta ponte de Cara de Cão fica quasi em padrasto da lagea, mas não é muito grande por ella não ser muito alta.

A cidade se chama S. Sebastião, a qual edificou Mem de Sá em um alto, em uma ponta de terra que está defronte da ilha de Viragalham; a qual está lançada d'este alto por uma ladeira abaixo: e tem em cima no alto um nobre mosteiro e collegio de padres da companhia, e ao pé d'ella está uma estancia com artilharia para uma banda e para outra, um módo de fortaleza em uma ponta, que defende o porto, mas não a barra por lá não chegar bem a artilharia.

Digitized by Google

Ao pé d'esta cidade defronte da ponta do arrecife d'ella tem bom surgidouro, que tem de fundo cinco e seis braças, e chegando-se mais á terra tem tres e quatro braças, onde os navios tem abrigo para os ventos geraes do inverno, que são sul e susoeste. E quem quizer ir para dentro ha de passar por um banco, que tem de preamar até vinte palmos de agua: e passando este banco virando para detraz da ponta da cidade acharão bom fundo, onde os navios estão seguros de todo tempo, por a terra fazer aqui uma enseada. E quando os navios quizerem sahir d'este porto carregados, hão de botar fóra por entre a ilha e a ponta da terra firme pela banda do norte, e hão de rodear a ilha em redondo para tornarem a surgir defronte da cidade, e surgirem junto da ilha de Viragalham entre ella e a cidade: no qual lugar acharão de fundo tres braças, e tres e meia: onde tem porto morto; e defronte d'este porto é o desembarcadouro da cidade, onde se diz as casas de Manoel de Brito.

CAPITULO LII

Em que se explica a terra da bahia do Rio de Janeiro da ponta da cidade para dentro até tornar á barra.

Na ponta d'esta cidade e ancoradouro dos navios, que está detraz da cidade, está uma ilheta, que se diz a da madeira, por se tirar d'ella muita; a qual serve aos navios que aqui se recolhem de concertar as vellas. E d'esta ponta a uma legua está outra ponta, fazendo a terra em meio uma enseada, onde está o porto que se diz de Martim Affonso, onde entra n'esta bahia um riacho, que se diz Yabubiracica: defronte d'este porto de Martim Affonso estão espalhados seis ilhéos de arvoredo. E d'esta ponta por diante se torna a terra a recolher, á maneira de enseada, e d'alli a meia legua faz outra ponta e antes d'ella entra outro riacho no salgado, que se chama Unhauma; e á ponta se chama Braço pequeno. D'esta ponta que se diz Braço pequeno por diante foge a terra para traz muito, onde se faz

Digitized by Google

um esteiro, por onde entra a maré tres leguas; e fica a terra na boca d'este esteiro de ponta a ponta, um tiro de berço: d'onde começa a terra a fazer outra enseada, que de ponta a ponta são duas leguas, a qual terra é alta até á ponta. Defronte d'esta enseada está a ilha de Salvador Corrêa, que se chama Parnápicú, que tem tres leguas de comprido, e uma de largo, em a qual está um engenho de assucar, que lavra com bois, que elle fez. Atravessando esta ilha por mar á cidade são duas leguas, a qual ilha tem de redor de si oito ou nove ilhas, que dão páo brasil, Do cabo d'esta enseada grande, e da ponta da terra alta, se faz outra enseada apertada na boca, em a qual se mette um rio, que nasce ao pé da serra dos Orgãos, que está cinco leguas pela terra dentro, o qual se chama Magipe e mais adiante legua e meia entra outro riacho n'esta bahia que se chama Sururuy. D'este rio Sururuy a duas leguas entra outro n'esta bahia, que se chama Macucú, que se navega pela terra dentro quatro leguas, em o qual se mette outro rio, que se chama dos *Guaytacazes,* que vem de muito longe. Defronte do rio de Macucú está uma ilha, que se chama Caiaiba, e d'esta ilha a uma está outra, que se chama Pacatá; e d'esta á Salvador Corrêa é legua e meia: e estão estas ilhas todas tres em direito leste oeste umas das outras. E d'esta ilha Pacatá direito ao sul estão seis ilhéos, e para o sueste estão cinco em duas carreiras. Da ponta do rio Macucú para a banda de leste se recolhe a terra e faz uma enseada até outra ponta da terra sahida, ao mar, em que entra um riacho, que se chama Baxindiba, e da ponta d'este riacho á de Macucú é legua e meia. Defronte de Baxindiba, está outra ilha, cheia de arvoredo; de Baxindiba se torna a afastar a terra para dentro fazendo outra enseada, com muitos mangues no meio, em a qual se mette outro rio, que se diz Suaçuna, e haverá de ponta a ponta duas leguas. E no meio bem em direito das pontas está outra ilha cheia de arvoredo, e a outra ponta d'esta enseada se diz Mutungabo Da ponta de Mutumgabo se esconde a terra para dentro bem dois terços de legua, onde se mette um rio, que se chama Páo Doce, e faz uma

Digitized by Google

volta tornando a terra a sahir para fora bem meia legua, onde faz outra ponta, que se chama Urumaré. D'esta ponta á de Matungabo é uma legua, e bem em direito d'estas pontas, em meio d'esta enseada, está outra ilha de arvoredo. D'esta ponta de Mutungabo á de Mucucú são quatro leguas; da ponta de Urumaré a dois terços de legua está outra ponta, onde se começam as barreiras vermelhas, que ficam defronte da cidade, onde bate o mar da bahia: e defronte d'esta ponta para o norte está uma ilha, que se diz de João Fernandes, diante da qual está outra mais pequena. Das barreiras vermelhas se vai afeiçoando a terra ao longo da agua como cabeça de cajado, onde se faz uma enseada, que se chama de Piratininga, e a ponta e lingua de terra d'alla vem quasi em direito de Viragalham. a qual ponta se chama de Lery, e o cotovello d'esta lingua de terra faz uma ponta defronte da de Cara de Cão que fica em padrasto sobre a lagea da barra, na qual ponta está outra lagea, que o salgado aparta de terra qualquer cousa, a qual fica ao pé do pico do padrasto, que está sobre a barra. Entram por esta barra do Rio de Janeiro náos de todo o porte, as quaes podem estar n'este rio seguras, como fica dito; de maneira, que terá esta bahia do Rio de Janeiro em redondo da ponta de Cara de Cão, andando por dentro até o mar, á outra ponta da lagea vinte leguas pouco mais ou menos que se navega em barcos, e pelo mais largo haverá de terra a terra seis leguas.

CAPITULO LIII

Que trata como o governador Mem de Sá foi ao Rio de Janeiro.

Não é bem que passemos avante sem primeiro se dar conta da muita, que os annos passados se teve com o Rio de Janeiro. E como El-Rei D. João III, de Portugal, fosse informado como os francezes tinham feito n'este Rio uma fortaleza na ilha de Viragalham, que foi o capitão que n'ella residia, que se assim chama-

Digitized by Google

va, mandou a D. Duarte da Costa que n'este tempo era governador d'este Estado, que D. Duarte fez com muita diligencia, e avisou d'isso a S. A. a tempo, que tinha eleito para governador geral d'este Estado a Mem de Sá a quem encommendou particularmente, que trabalhasse por pôr esta ladroeira fóra d'este Rio. E fallecendo El-Rei n'este conflicto, succedendo no governo a Rainha D. Catharina, sua mulher, que está em gloria, sabendo da vontade de S. A. escreveu ao mesmo Mem de Sá, que com a brevidade possivel fosse a este Rio e lançasse os francezes d'elle, ao que obedecendo o governador fez prestes a armada, que do reino para isso lhe fôra, de que ia por capitão mór Bartholomeu de Vasconcellos; á qual ajuntou outros navios de El-Rei, que na Bahia havia, e dez ou doze caravelões; e feita a frota prestes, mandou embarcar n'ella as armas e munições de guerra e os mantimentos necessarios, em a qual se embarcou a mór parte da gente nobre da Bahia, e os homens de armas, que se puderam juntar, com muitos escravos e indios forros. E indo o governador com esta armada correndo a costa, de todas as capitanias levou gente que por sua vontade o quizeram acompanhar n'esta empreza, e, seguindo sua viagem, chegou ao Rio de Janeiro com toda a armada junta, onde o vieram ajudar muitos moradores de S. Vicente. E foi recebido da fortaleza de Viragalham, que n'este tempo era ido á França, com muitas bombardadas, o que não foi bastante para Mem de Sá deixar de se chegar á fortaleza com os navios de maior porte a varejar com artilharia grossa; e com os navios pequenos mandou desembarcar a gente em uma ponta da ilha, onde mandou assestar artilharia, d'onde bateram a fortaleza rijamente. E como os francezes se viram apertados despejaram o castello e fortaleza uma noite; e lançaram-se na terra firme com o gentio *Tamoyo*, que os favorecia muito; e entrada a fortaleza, mandou o governador recolher a artilharia e munições de guerra, que n'ella havia; e mandou-a desfazer e arrazar por terra, e avisou logo do succedido a Rainha em uma náo franceza, que n'este Rio tomou, e como houve monção se recolheu

Digitized by Google

o governador para a Bahia (visitando as capitanias todas) aonde chegou a salvamento. Mas não alcançou esta victoria tanto a seu salvo, que lhe não custasse primeiro a vida de muitos portuguezes e indios *Tupinambás* que lhe os francezes mataram ás bombardadas e espingardadas; mas como a Rainha soube d'esta victoria, e entendendo quanto convinha á corôa de Portugal povoar-se e fortificar-se o Rio de Janeiro, estranhou muito a Mem de Sá o arrazar a fortaleza, que tomou aos francezes, e não deixar gente n'ella, que a guardasse e defendesse, para se povoar este Rio (o que elle não fez por não ter gente que bastasse para poder defender esta fortaleza); e que logo se fizesse prestes e fosse povoar este Rio, e o fortificasse edificando n'elle uma cidade que se chamasse de S. Sebastião: e para que isto pudesse fazer com mais facilidade, lhe mandou uma armada de tres galeões, de que ia por capitão mór Christovam de Barros, com a qual, e com dois navios de El-Rei que andavam na costa, e outros seis caravelões, se partiu o governador da Bahia com muitos moradores d'ella que levavam muitos escravos comsigo, e partiu-se para o Rio de Janeiro, onde lhe succedeu o que n'este capitulo se segue.

CAPITULO LIV

Que trata de como Mem de Sá foi povoar o Rio de Janeiro.

Partindo Mem de Sá para o Rio de Janeiro foi visitando a capitania dos Ilhéos, Porto Seguro e a do Espirito Santo, das quaes levou muitos moradores, que como aventureiros os foram acompanhando com seus escravos n'esta jornada; e como chegou ao Rio de Janeiro viu que lhe havia custar mais do que cuidava, como lhe custou; porque o achou fortificado dos francezes na terra firme, onde tinham feito cercas mui grandes e fortes de madeira, com seus baluartes e artilharia, que lhes umas náos que alli foram carregar de páo deixaram, com muitas espingardas.

Digitized by Google

N'estas cercas estavam recolhidos com os francezes os indios *Tamoios*, que estavam já tão adestrados d'elles, que pelejavam muito bem com suas espingardas, para o que não lhe faltava polvora nem o necessario, por de tudo estarem bem providos das náos acima ditas. Desembarcando o governador em terra, tiveram os portuguezes grandes escaramuças com os francezes e *Tamoyos*; mas uns e outros se recolheram contra sua vontade para as suas cercas, que logo foram cercadas e postas em grande aperto; mas primeiro que fossem entradas custou a vida a Estacio de Sá, sobrinho do governador, e a Gaspar Barbosa, pessoa de muito principal estima, e a outros muitos homens e escravos, e com tudo foram as cercas entradas e muitos dos contrarios mortos e os mais captivos. E como os *Tamoyos* não tiveram entre si francezes, se recolhêram pela terra dentro, d'onde vinham muitas vezes fazer seus saltos, do que nunca sahiram bem. E como Mem de Sá viu que tinha lançado os inimigos da porta, ordenou de fortificar este Rio, fazendo-lhe uma estancia ao longo d'agua para defender a barra, a qual depois reedificou Christovam de Barros, sendo capitão d'este Rio; e assentou a cidade, que murou com muros de taipas com suas torres, em que pôz artilharia necessaria; onde edificou algumas igrejas com sua casa de Misericordia e hospital, e um mosteiro de padres da companhia, que agora é collegio, em que os padres ensinam latim; para o que lhe faz S. A. mercê cada anno de dois mil cruzados. E acabada de fortificar e povoar essa cidade, ordenou o governador de se tornar para a Bahia, deixando n'ella por capitão a seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá com muitos moradores e officiaes de justiça e de fazenda convenientes ao serviço d'El-Rei e ao bem da terra: o qual Salvador Corrêa defendeu esta cidade alguns annos mui valorosamente, fazendo guerra ao gentio, de que alcançou grandes victorias, e dos francezes, que do Cabo Frio os vinham ajudar e favorecer; aos quaes foi tomar dentro no Cabo Frio uma náo que passava de duzentos toneis, com canôas que levou do Rio de Janeiro, com as quaes a abalroou e tomou á força de armas. A esta cidade mandou depois El-Rei D. Sebastião por

Digitized by Google

capitão e governador Christovam de Barros, que a accrescentou. fazendo n'ella em seu tempo muitos serviços á S. A., que se não podem particularisar em tão pequeno espaço.

CAPITULO LV

Em que se trata de como foi governador do Rio de Janeiro Antonio Salema.

Informado El-Rei D. Sebastião, que gloria haja, do Rio de Janeiro, e do muito para que estava disposto, ordenou de partir este Estado do Brasil em duas governanças, e deu uma d'ellas ao Dr. Antonio Salema, que estava na capitania de Pernambuco por mandado de S. A. com alçada, a qual repartição se estendia da capitania de Porto Seguro até S. Vicente. Esta repartição se fez no anno de 1572: começava no limite em que partem as duas capitanias dos Ilhéos e do Porto Seguro, e d'alli tudo para o sul; e a outra do dito limite até tudo que ha para o norte, deu a Luiz de Brito de Almeida. E era cabeça d'esta governança a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, onde o governador assistiu; e começou um engenho, que lhe S. A. mandou fazer, para o que lhe mandou dar quatro mil cruzados, o qual se não acabou; sendo mui necessario para os moradores fazerem suas casas, e para a terra ir em grande crescimento. No tempo que Antonio Salema governou o Rio de Janeiro, iam cada anno náos francezas resgatar com o gentio ao Cabo Frio, onde ancoravam com suas náos na bahia que atraz fica declarado, e carregavam de páo de tinta á sua vontade; e vendo Antonio Salema tamanho desaforo, determinou de tirar essa ladroeira d'esse lugar, e fez-se prestes para ir fazer guerra ao gentio de Cabo Frio, para o que ajuntou quatrocentos homens brancos e setecentos indios, com os quaes, por conselho de Christovam de Barros, foram ambos em pessoa ao Cabo Frio, que está dezoito leguas do Rio, onde acharam os *Tamoyos*, com cercas muito fortes recolhidos n'ellas com alguns francezes dentro,

Digitized by Google

onde uns e os outros se defenderam valorosamente ás espingardadas e flechadas: e não podendo os francezes soffrer o aperto em que estavam, se lançaram com o governador, que lhes desse a vida, com que os *Tamoyos* foram entrados, e mortos infinitos, e captivos oito ou dez mil almas. E com esta victoria, que os portuguezes alcançaram, ficaram os *Tamoyos* tão atemorisados, que despejaram a ribeira do mar, e se foram para o sertão; pelo que não tornaram mais náos francezas a Cabo Frio a resgatar. E porque d'este successo fez Antonio Salema um tratado, havemos por escusado tratar mais d'este caso n'este capitulo.

CAPITULO LVI

Em que se conclue com o Rio de Janeiro com a tornada de Salvador Corrêa a elle.

Vendo El-Rei D. Sebastião, que haja gloria, o pouco de que lhe servira dividir o Estado do Brasil em duas governanças, assentou de o tornar a ajuntar, como d' antes andava, e de mandar por capitão e governador ao Rio de Janeiro sómente a Salvador Corrêa de Sá, e que viessem as appellações á Bahia, como d'antes era; onde o dito Salvador Corrêa foi e está hoje em dia, onde tem feito muitos serviços a S. Magestade, do modo como procede na governança e defensão d' esta cidade, e no fazer da guerra ao gentio, de que tem alcançado grandes victorias, e tambem serviu a S. Magestade em palejar com tres náos francezas, que queriam entrar pela barra do Rio de Janeiro; o que lhe defendeu ás bombardadas, e não quiz consentir que communicassem com a gente da terra, por se dizer trazerem cartas do Senhor D. Antonio. E foi esta cidade em tanto crescimento em seu tempo, que pela engrandecer ordenou de fazer um engenho de assucar na sua ilha, que faz muito assucar; e favoreceu a Christovam de Barros para mandar fazer outro, que tambem está moente e corrente, com os quaes esta cidade está muito avante, e com um formoso collegio dos padres da companhia, cujas obras, Salvador Corrêa

Digitized by Google

ajudou e favoreceu muito. N'este Rio de Janeiro se podem fazer muitos engenhos por ter terras e aguas para isso, em o qual se dão as vaccas muito bem, e todo o gado de Hespanha: onde se dá trigo, cevada, vinho, marmelos, romãs, figos e todas as fructas de espinho; e é muito farto de pescado e marisco, e de todos os mantimentos que se dão na costa do Brasil: onde ha muito páo do Brasil, e muito bom.

CAPITULO LVII

Em que se declara a costa do Rio de Janeiro até S. Vicente.

Da ponta de Cara de Cão do Rio de Janeiro á ponta do rio de Marambaya são nove leguas, onde se faz uma enseada: e defronte d'esta enseada está uma ilha de arvoredo, que se chama a Ilha Grande, a qual faz de cada banda duas barras com a terra firme; porque tem em cada boca um penedo no meio, que lhe faz duas abertas, e navega-se por entre esta ilha e a terra firme com navios grandes e náos de todo o porte. Ao mar d'esta ilha está um ilheo, que se chama de Jorge Grego. Esta Ilha Grande está em vinte e tres gráos, a qual tem sete ou oito leguas de comprido, cuja terra é muito boa, toda cheia de arvoredo, com aguas boas para engenhos. Quem vem do mar em fóra parece-lhe esta ilha cabo de terra firme por estar chegada á terra.

Esta ilha se deu de sesmaria a um desembargador que é fallecido, e não a povoou, sendo ella tanto para se fazer muita conta d'ella; na qual ha muito bom porto para surgirem navios. Defronte d'esta ilha na ponta d'ella da banda de loeste está a Angra dos Reis; e corre-se esta ilha lesto oeste: e quem navegar por entre ella e a terra firme não tem que recear; porque tudo é limpo e sem baixo nenhum. Da ponta da Ilha Grande ao morro do Caruçú são nove leguas, o qual morro está em vinte e tres gráos e um quarto e tem um ilheo na ponta, e entre ella e a Ilha Grande, na enseada junto á terra firme, tem duas ou

Digitized by Google

tres ilhetas de arvoredo. Do morro de Caruçú á ilha das Couves são quatro leguas, a qual está chegada á terra: da ilha das Couves ao porto dos Porcos são duas leguas, o qual porto é muito bom, e tem defronte uma ilha do mesmo nome. Do porto dos Porcos á ilha de S. Sebastião são cinco leguas, a qual está em vinte e quatro gráos, e tem cinco ou seis leguas de comprido, cuja terra é boa para se poder povoar. E para boa navegação ha de se navegar entre esta ilha e a terra firme, mas acostar antes á banda da ilha, por ter mais fundo.

Ao sudoeste d'esta ilha está outra ilha, que se chama dos Alcatrazes, a qual tem tres picos de pedra, e um d'elles muito mais comprido que os outros. Por dentro d'esta ilha de S. Sebastião d'ahi a tres leguas ao sudoeste d'ella estão duas ilhetas: uma se diz da Victoria, e a outra dos Buzios. Da ilha de S.Sebastião ao Monte do Trigo são quatro leguas; do Monte do Trigo á barra de S. Vicente são quatro leguas. E corre-se esta costa da Ilha Grande até S. Vicente lesnordeste e oessudoeste.

CAPITULO LVIII

Em que se declara quem é o gentio Tamoyo de que tanto fallámos.

Ainda que pareça ser já fóra do seu lugar tratar aqui do gentio *Tamoyo*, não lhe cabia outro, por a costa da terra que elles senhorearam passar além do Rio de Janeiro até Angra dos Reis; pelo que se não podia dizer d'elles em outra parte mais accommodada. Estes *Tamoyos* ao tempo que os portuguezes descobriram esta provincia do Brasil senhoreavam a costa d'elle desde o rio do cabo de S. Thomé até a Angra dos Reis; do qual limite foram lançados para o sertão, onde agora vivem. Este gentio é grande de corpo e mui robusto, são valentes homens e mui bellicosos, e contrarios de todo o gentio senão dos *Tupinambás*, de quem se fazem parentes, cuja falla se parece muito uma com a outra, e tem as mesmas gentilida-

Digitized by Google

des, vida e costumes, e são amigos uns dos outros. São estes *Tamoyos* mui inimigos dos *Guaitacazes*, de quem já fallámos, com quem partem, segundo já fica dito, e cada dia se matam e comem uns aos outros. Por est'outra parte de S. Vicente partem com os *Goaynazes*, com quem tambem têm continua guerra, sem se perdoarem. Pelejam estes indios com arcos e flechas, no que são muito destros, e grandes caça dores e pescadores de linha, e grandes mergulhadores, e á flecha matam tambem muito peixe, de que se aproveitavam quando não tinham anzoes. As suas casas são mais fortes que a dos *Tupinambás* e do outro gentio, e têm as suas aldêas mui fortificadas com grandes cercas de madeira. São havidos estes *Tamoyos* por grandes musicos e bailadores entre todo o gentio; os quaes são grandes componedores de cantigas de improviso; pelo que são muito estimados do gentio, por onde quer que vão. Trazem os beiços furados e n'elles umas pontas de osso compridas com uma cabeça como prego em que mettem esta ponta, e para que não cáia a tal cabeça lhe fica de dentro do beiço por onde a mettem. Costumam mais em suas festas enfeitarem-se com capas e carapuças de pennas de cores de passaros. Com este gentio tiveram grande entrada os francezes, de quem foram bem recebidos no Cabo Frio e no Rio de Janeiro, onde os deixaram fortificar e viver até que o governador Mem de Sá os foi lançar fóra; e depois Antonio Salema no Cabo Frio. N'estes dois rios costumavam os francezes resgatar cada anno muitos mil quintaes de páo brasil, aonde carregavam d'elle muitas náos que traziam para França.

CAPITULO LIX

Em que se declara a barra e povoações da capitania de S. Vicente.

Está o rio e barra de S. Vicente em altura de vinte e quatro gráos e meio, o qual rio tem a boca grande e muito aberta onde se diz a barra de Estevam da Costa. E quem vem do mar em fóra para conhecer

Digitized by Google

a barra, verá sobre ella uma ilha com um monte, da feição de moela de gallinha, com tres mamilhões. Por esta barra entram náos de todo o porte, as quaes ficam dentro do rio mui seguras de todo o tempo; pelo qual entra a maré cercando a terra de maneira que fica em ilha muito chegada á terra firme, e faz este braço do rio muitas voltas. Na ponta d'esta barra, da banda de leste, está a villa de Nossa Senhora da Conceição; e d'esta ponta á outra, que se diz de Estevam da Costa, se estende a barra de S. Vicente, e entrando por este rio acima está a terra toda povoada de uma banda e da outra de fazendas mui frescas; e antes que cheguem á Villa estão os engenhos dos Esquertes de Frandes e o de José Adorno; e no rio está uma ilheta além da qual á mão direita está a villa de S. Vicente, que é cabeça d'esta capitania. Pelo sertão d'esta capitania nove leguas está a villa de S. Paulo, onde geralmente se diz O Campo, em a qual villa está um mosteiro dos padres da companhia, e de redor d'ella quatro ou cinco leguas estão quatro aldêas de indios forros christãos, que os padres doutrinam; e servem-se d'esta villa para o mar pelo esteiro do Ramalho. Tem esta villa mais dois ou tres engenhos de assucar na ilha e terra firme; mas todos fazem pouco assucar por não irem lá navios que o tragam. E aparta-se esta capitauia de S, Vicente, de Martim Affonso de Sousa com a de S. Amaro de seu irmão Pedro Lopes, pelo esteiro da villa de Santos, d'onde se começa a capitania da villa de S. Amaro.

CAPITULO LX

Em que se declara cuja é a capitania de S. Vicente.

Parece que é necessario, antes de passar mais adiante, declarar cuja é a capitania de S. Vicente, e quem foi o povoador d'ella, da qual fez El-Rei D. João III de Portugal mercê a Martim Affonso de Sousa, cuja fidalguia e esforço é tão notorio a todos, que é escusado bulir n'este lugar n'isso, e os que d'elle não sabem

Digitized by Google

muito vejam os livros, da India e verão os feitos maravilhosos que n'ella acabou, sendo capitão-mór do mar e depois governador. Sendo este fidalgo mancebo, desejoso de commetter grandes emprezas, aceitou esta capitania com cincoenta leguas da costa, como as de que já fizemos menção, a qual determinou de ir povoar em pessoa, para o que fez prestes uma frota de navios, que proveu de mantimentos e munições de guerra como convinha; em a qual embarcou muitos moradores casados que o acompanharam; com os quaes se partiu do porto de Lisboa, d'onde começou a fazer sua viagem, e com prospero tempo chegou á esta provincia do Brasil, e no cabo da sua capitania tomou porto no rio que se agora chama de S. Vicente, onde se fortificou e assentou a primeira villa, que se diz do mesmo nome do rio que fez cabeça da capitania. E esta villa foi povoada de muita e honrada gente que n'esta armada foi, a qual assentou em uma ilha, d'onde lançou os *Goaynazes*, que é o gentio que a possuia e senhoreava aquella costa até contestarem com os *Tamoyos*; a qual villa floresceu muito n'estes primeiros annos; por ella ser a primeira em que se fez assucar na costa do Brasil, d'onde se as outras capitanias provêram de cannas de assucar para plantarem, e de vaccas para criarem, e inda agora floresce e tem em si um honrado mosteiro de padres da companhia, e alguns engenhos de assucar, como fica dito. Com o gentio teve Martim Affonso pouco trabalho, por ser pouco bellicoso e facil de contentar, e como fez pazes com elle, e acabou de fortificar a villa de S. Vicente e a da Conceição, se embarcou em certos navios que tinha, e foi correndo a costa descobrindo-a, e os rios d'ella até chegar ao Rio da Prata, pelo qual navegou muitos dias com muito trabalho, aonde perdeu alguns dos navios pelos baixos do mesmo Rio, em que se lhe afogou alguma gente, d'onde se tornou a recolher para a capitania que acabou de fortificar como pôde. E deixando n'ella quem a governasse e defendesse, se veiu para Portugal, chamado de S. Alteza, que se houve por servido d'elle n'aquellas partes, e o mandou para as da India. E depois de a governar se veiu para estes reinos

Digitized by Google

que tambem ajudou a governar com El-Rei D. João, que o fez do seu conselho d'Estado; e o mesmo fez reinando El-Rei D. Sebastião, no tempo que governava a Rainha D. Catharina sua avó e depois o cardeal D. Henrique, para o que tinha todas as partes convenientes. N'estes felices annos de Martim Affonso favoreceu muito esta sua capitania com navios e gente que a elle mandava, e deu ordem com que mercadores poderosos fossem e mandassem a ella fazer engenhos de assucar e grandes fazendas, como tem até hoje em dia, do que já fizemos menção.

Tem este Rio de S. Vicente grande commodidade para se fortificar e defender, ao que é necessario acudir com brevidade, por ser mui importante esta fortificação ao serviço de S. Magestade, porque, se se apoderarem d'ella os inimigos, serão máos de lançar fóra, pelo commodo que têm na mesma terra, para se fortificarem n'ella, e defenderem de quem os quizer lançar fóra. Por morte de Martim Affonso herdou esta capitania seu filho primogenito Pero Lopes de Sousa, por cujo fallecimento a herdou seu filho Lopo de Sousa.

CAPITULO LXI

Em que se declara a capitania de Santo Amaro, e quem povoou

Está tão mistica a capitania de S. Vicente com a de Santo Amaro, que, se não foram de dois irmãos, amaçaram-se muito mal os moradores d'ellas, as quaes iremos dividindo como podermos. Indo pelo Rio de S. Vicente acima, antes que cheguem á ilha que n'elle está, á mão direita d'elle, está a boca do esteiro e porto da villa de Santos, por onde entra a maré, cercando esta terra até se ajuntar com est'outro esteiro de S. Vicente; e entrando por este esteiro de Santos, á mão esquerda d'elle está situada a villa do mesmo nome, a qual fica tambem em ilha cercada de agua toda, que se navega com barcos, e lhe dá jurisdicção da capitania de Santo Amaro; e tornando á ponta de

Digitized by Google

Estevam da Costa que está na boca da barra de S. Vicente, d'ella a tres leguas ao longo da costa, está a villa de Santo Amaro, junto da qual está o engenho de Francisco de Barros. De Santo Amaro fez Pero Lopes de Sousa, cabeça d'esta capitania. D'esta villa de Santo Amaro á barra de Britioga são duas leguas ; onde está um forte com artilharia e bombardeiros, que se chama de S. Filippe. Por esta barra entra a maré cercando esta terra até se ajuntar com o esteiro de Santos, por onde fica Santo Amaro tambem em ilha, e da ponta onde está esta fortaleza, estão no rio duas ilhetas. Defronte da fortaleza de S. Filippe faz uma ponta muito chegada a est'outra, onde está outra torre com bombardeiros e artilharia, que se diz de S. Thiago, e por entre uma e outra pódem entrar nàos grandes por ter fundo para isso, se d'estas fortalezas lh'o não impedirem ; e passando d'estas torres pelo esteiro acima da banda da terra firme estão os rios seguintes, que estão povoados com engenhos e outras fazendas, os quaes se vêm metter aqui no salgado : Rio dos Lagartos, o Piraquê, o de S. João, o de S. Miguel, o da Trindade, o das Cobras, o do engenho de Paulo de Proença, o Rio dos Frades, onde está o engenho de Domingos Leitão, que é já da capitania de S. Vicente, o de Santo Amaro, o do engenho de Antonio do Valle, o de Manoel de Oliveira, concluindo é marco entre a capitania de S. Vicente e a de Santo Amaro o esteiro de Santos.

Atraz fica dito como Pero Lopes de Sousa não quiz tomar as cincoenta leguas de costa de que lhe El-Rei fez mercê todas juntas, e de que tomou metade em Tamaracá e a outra em Santo Amaro, de que agora tratamos. Esta capitinia foi povoar em pessoa este fidalgo, e fez para o poder fazer uma frota de navios em que se embarcou com muitos moradores, com os quaes partiu do porto de Lisboa e se foi á provincia do Brasil, por onde levava sua derrota, e foi tomar porto no de S. Vicente, d'onde se negociou e fez as povoações e fortalezas acima ditas, no que passou grandes trabalhos e gastou muitos mil cruzados, a qual agora possue uma sua neta, por não ficar d'elle herdeiro varão a quem ella com a de Tamaracá houvesse de vir.

Digitized by Google

CAPITULO LXII

Em que se declara parte da fertilidade da terra de S. Vicente

N'estas capitanias de S. Vicente e Santo Amaro são os ares frios e temperados como em Hespanha, cuja terra é mui sadia e de fresca e delgadas aguas, em as quaes se dá o assucar muito bem, e se dá trigo e cevada, do que se não usa na terra por os mantimentos d'ella serem muito bons e facilissimos de grangear, de que os moradores são mui abastados e de muito pescado e marisco, onde se dão tamanhas ostras que têm a casca maior que um palmo, e algumas muito façanhosas. Do trigo usam sómente para fazerem hostias e alguns mimos. Tem esta capitania muita caça de porcos e veados, e outras muitas alimarias e aves, e criam-se aqui tantos porcos e tamanhos, que os esfolam para fazerem botas, e couros de cadeiras, o que acham os moradores d'estas capitanias mais proveitosos e melhor que de couro das vaccas, de que n'estas capitanias ha muita quantidade por se na terra darem melhor que na Hespanha, onde as carnes são muito gordas e gostosas, e fazem vantajem ás das outras capitanias, por a terra ser mais fria.

Dão-se n'esta terra todas as frutas de espinho que tem Hespanha, ás quaes a formiga não faz nojo, nem a outra cousa, por se não criar na terra como nas outras capitanias; dão-se n'estas capitanias uvas, figos, romãs, maçãs, e marmelos em muita quantidade, e os moradores da villa de S. Paulo têm já muitas vinhas; e ha homens n'ella que colhem já duas pipas de vinho por anno, e por causa das plantas é muito verde, e para se não avinagrar lhe dão uma fervura no fogo; e tambem ha já n'esta terra algumas oliveiras que dão fruto, e muitas rosas, e os marmelos são tantos, que os fazem de conserva, e tanta marmelada que a levam a vender por as outras capitanias. E não ha duvida se não que ha n'estas capitanias outra fruta melhor que é prata, o que se não acaba de descobrir, por não ir á terra quem a saiba tirar das minas e fundir.

Digitized by Google

CAPITULO LXIII

Que trata de quem são os Goaynazes, e de seus costumes

Já fica dito como os *Tamoyos* são fronteiros de outro gentio, que se chamam os *Goaynazes*, os quaes têm sua demarcação ao longo da costa por Angra dos Reis, e d'ahi até o rio de Cananea, cnde ficam visinhando com outra casta de gentios, que se chama os *Carijós*. Estes *Goaynazes* têm continuamente guerra com os *Tamoyos* de uma banda, e com os *Carijós* da outra, e matam-se uns aos outros cruelmente; não são os *Goaynazes* maliciosos, nem refalsados, antes simples e bem acondicionados, e facilimos de crer em qualquer cousa. É gente de pouco trabalho, muito mollar, não usam entre si lavoura, vivem de caça que matam e peixe que tomam nos rios, e das frutas silvestres que o mato dá; são grandes flexeiros e inimigos de carne humana. Não matam aos que captivam, mas aceitam-nos por seus escravos; se encontram com gente branca, não fazem nenhum damno, antes boa companhia, e quem acerta de ter algum escravo *Goaynâ* não espera d'elle nenhum serviço, porque é gente folgasã de natureza e não sabe trabalhar. Não costuma este gentio fazer guerra a seus contrarios fóra dos seus limites, nem os vão buscar nas suas vivendas, porque não sabem pelejar entre o mato, se não no campo, aonde vivem, e se defendem com seus arcos e flexas dos *Tamoyos*, quando lhe vem fazer guerra, com quem pelejam no campo mui valentemente e ás flexadas, as quaes sabem empregar tão bem como os seus contrarios. Não vive este gentio em aldêas com casas arrumadas, como os *Tamoyos* seus visinhos; mas em covas pelo campo debaixo do chão, onde têm fogo de noite e de dia, e fazem suas camas de rama e pelles de alimarias que matam. A linguagem d'este gentio é differente da de seus visinhos, mas entendem-se com os *Carijós*; são na côr e proporção do corpo como os *Tamoyos*, e têm muitas gentilidades, como o mais gentio da costa.

Digitized by Google

CAPITULO LXIV

Em que se declara a costa do rio do Santo Amaro até á Cananea

Atraz fica dito como se divide a capitania de S. Vicente da de Santo Amaro pelo esteiro de Santos, e como a villa de Santo Amaro é cabeça d'esta capitania, da qual o rio da Cananea são vinte e cinco leguas ou trinta, antes da qual se acaba a capitania de Santo Amaro, e corre-se esta costa de Santo Amaro até a Cananea nordeste sudoeste, e toma da quarta do leste oeste, a qual terra é toda boa para se poder aproveitar, e tem muitos riachos, que se vêm metter no mar, entre os quaes é um que está onze leguas, antes que cheguem á Cananea, a qual faz na boca uma enseada, que tem uma ilha junto ao rio, que se diz a ilha Branca. Este rio da Cananea está em vinte e cinco gráos e meios, em o qual rio entram navios da costa, e se navega por elle acima algumas leguas, e é mui capaz para se poder povoar, e para se fazer muita conta d'elle, por ser muito abastado de pescado e marisco, e por ter muita caça, cuja terra é muito fertil, em a qual se dão muitos mantimentos dos naturaes, e se dará tudo o que lhe plantarem, e toda a criação de gado que lhe lançarem, por ter grande commodo para isso. Tem o rio da Cananea na boca uma abra grande, no meio da qual bem defronte do rio tem uma ilha, e n'esta abra está grande porto e abrigada para os navios, onde podem estar seguras náos de todo o porte, porque tem fundo para isso.

CAPITULO LXV

Em que se declara a costa da Cananea até o Rio de S. Francisco

Do rio da Cananea até o cabo do Padrão são cinco leguas, junto do qual está uma ilheta chegada á terra e chama-se este cabo do Padrão, por aqui se assentár um pelos primeiros decobridores d'esta costa. Do cabo

Digitized by Google

do Padrão ao rio de Santo Antonio são oito leguas, o qual está em vinte gráos esforçados e dois terços. N'este rio entram barcos da costa á vontade. Do rio de Santo Antonio ao Alagado são cinco leguas, e entre um e outra está uma ilheta chegada á terra,

Do rio Alagado ao de S. Francisco são cinco leguas, o qual está em vinte seis gráos e dois terços, e tem na boca tres ilhéos. N'este rio entram navios da costa, onde estão seguros de todo o tempo: chama-se este Rio de S. Francisco, porque affirmam os povoadores da capitania de S. Vicente, que se informaram do gentio, d'onde vinha este rio, que entra no mar d'esta costa, e que lhe affirmaram ser um braço do Pará, a que os portuguezes chamam de S. Francisco, que é o que já dissemos, o que não parece possivel, segundo o lugar onde se vai metter no mar tão distante d'este. Por este rio entra a maré muito, por onde se navega com barcos, em o qual se mettem muitas ribeiras Este rio tem grandes pescarias e muito marisco, e a terra ao longo tem muita caça, e grande commodo para se poder povoar, por ser muito fertil, e dará tudo o que lhe plantarem. A terra d'este rio é alta e fragosa e povoada de gentio *Carijó*.

Corre-se esta costa da Cananea até o rio de S. Francisco nordeste sudoeste, e todas estas ilhas que estão por ella, as que estão á boca do Rio de S. Francisco, tem bom porto e surgidouro para os navios ancorarem.

CAPITULO LXVI

Em que se declara a costa do Rio de S. Francisco até a de Jumirim ou Itapucurú

Do Rio de S. Francisco ao dos Dragos são cinco leguas, pelo qual entram caravelões, e tem na boca tres ilhéos. Do rio dos Dragos á bahia das Seis Ilhas são cinco leguas; d'esta bahia ao rio Itapucurú são quatro leguas, o qual está em vinte e oito gráos escassos; e corre-se a costa do Itapucurú até o Rio de

Digitized by Google

S. Francisco norte sul. Este rio acima dito, a que outros chamam Jumirim, tem a boca grande e ao mar d'elle tres ilhetas, pela qual entram caravelões : e corre-se por elle acima leste oeste, pelo qual entra a maré muito, onde ha boas pescarias e muito marisco. A terra d'este rio é alta e fragosa, e tem mais arvoredos que a terra atraz, especialmente aguas vertentes ao mar. A terra do sertão é de campinas, como a de Hespanha, e uma e outra é muito fertil e abastada de caça e muito acommodada para se poder povoar, porque se navega muito espaço por ella acima.

Este rio está povoado de *Carijós* contrarios dos *Goayanazes* de que fallamos. Já estes *Carijós* estão de paz com os portuguezes, que vivem na capitania de S. Vicente e Santo Amaro, os quaes vêm por mar resgatar com elles n'este rio, onde se contratam, sem entre uns e outros haver desavença alguma.

CAPITULO LXVII

Em que se declara a terra que ha de Itapucurú até o Rio dos Patos

Do rio de Itapucurú até o Rio dos Patos são quatro leguas, o qual está em vinte e oito gráos. Este rio é muito grande, cuja boca se serra com a ilha de Santa Catharina, por onde entram os navios da costa, e a maré muito espaço, por onde se navega. Mettem-se n'este rio muitas ribeiras, que vêm do sertão ; o qual é muito acommodado para se poder povoar, por a terra ser muito fertil para tudo que lhe plantarem, a qual tem muita caça de veados, de porcos e de muitas aves, e o rio é mui provido de marisco, e tem grandes pescarias até onde possuem a terra os *Carijós*; e d'aqui por diante é a vivenda dos *Tapuias*, e está por marco entre uns e outros este Rio dos Patos.

A'boca d'este rio está situada a ilha de Santa Catharina, que vai fazendo abrigo á terra até junto de Itapucurú, que fica a maneira de enseada. Tem esta ilha de comprido oito leguas, e corre-se norte sul, a qual da banda do mar não tem nenhum surgidouro, salvo

Digitized by Google

um ilhéo, que está na ponta do sul, e outrò que tem na ponta do norte; a qual ilha é coberta de grande arvoredo, e tem muitas ribeiras d'agua dentro e tem grande commodidade para se poder povoar, por ser a terra grossa muito boa e ter grandes portos, em que podem estar seguras de todo o tempo muitas náos. Mostra esta ilha uma bahia grande, que vai por detraz, entre ella a terra firme, onde ha grande surgidouro e abrigada para náos de todo porte; n'esta enseada que se faz da ilha para terra firme estão muitas ilhetas: está esta boca e ponta da ilha da banda do norte em vinte oito gráos de altura.

CAPITULO LXVIII

Em que se declara parte dos costumes dos Carijós

Atraz fica dito como os *Carijós* são contrarios dos *Goayanazes*, e como se matam uns aos outros; agora cabe aqui dizer d'elles o que se pode alcançar e saber de sua vida e costumes. Este gentio possuè esta costa d'este rio da Cananea onde parte com os *Goayanazes*; em a qual se fazem uns aos outros mui continua e cruel guerra, pelejando com arcos e flexas, que os *Carijós* sabem tão bem manear como seus visinhos e contrarios. Este gentio é domestico, pouco bellicoso, de boa razão; segundo seu costume, não come carne humana, nem mata homens brancos que com elles vão resgatar, sustentam-se de caça e peixe que matam, e de suas lavouras que fazem, onde plantam mandioca e legumes como os *Tamoyos* e *Tupiniquins*, Vivem estes indios em casas bem cobertas e tapadas com cascas de arvores, por amor do frio que ha n'aquellas partes. Esta gente é de bom corpo, cuja linguagem é differente da de seus visinhos, fazem suas brigas com os contrarios em campo descoberto, especialmente com os *Goayanazes* com quem têm suas entradas de guerra: e como os desbaratados se acolhem ao mato se têm por seguros, porque nem uns nem outros sabem pelejar por entre elle. Costuma este gentio no inverno lançar sobre si umas pelles da caça que matam, uma por di-

Digitized by Google

ante, outra por detraz; têm mais muitas gentilidades, manhas e costumes, como os *Tupinambás,* em cujo titulo se contam mui particularmente.

CAPITULO LXIX

Em que se declara a costa do Rio dos Patos até o da Alagôa

Do Rio dos Patos ao rio de D. Rodrigo são oito leguas; e corre-se a costa norte sul, até onde a terra é algum tanto alta, o qual porto está em vinte e oito gràos e um quarto. Este porto está no cabo da ilha de Santa Catharina, o qual está em uma bahia que a terra faz para dentro, onde ha grande abrigada e surgidouro, para os navios estarem seguros de todos os ventos, tirado o nordeste que corsa no verão e venta igual, com o qual se não encrespa o mar. Do porto de D. Rodrigo ao porto e rio da lagôa são treze leguas, o qual nome tomou por o porto ser uma calheta grande e redonda e fechada na boca que parece a lagoa, onde tambem entram navios da costa o estão mui seguros. Do Rio dos Patos até aqui é esta terra à vista do mar sem mato, mas está vestida de herva verde, como a de Hespanha, onde se dão muito bem todos os fructos que lhe plantam; em a qual se dará maravilhosamente a criação das vaccas e todo o mais gado que lhe lançarem; por ser a terra fria e ter muitas aguas para o gado beber. Esta terra é possuida dos *Tapuias,* ainda que vivem algum tanto afastados do mar por ser a terra desabrigada dos ventos: mas o porto de D. Rodrigo é sufficiente para se poder povoar, pela fertilidade da terra e pela commodidade que tem ao longo do mar de pescarias e muito marisco, e por a terra ter muita caça. E o porto da Alagôa, com que concluimos este capitulo, tem um ilhéo junto da boca da barra.

Digitized by Google

CAPITULO LXX

Em que se declara a costa do porto da Alagôa até o rio de Martim Affonso

Do porto da Alagôa ao porto e rio de Martim Affonso são vinte e duas leguas, as quaes se correm pela costa nordeste sudoeste e toma da quarta de norte sul. Este rio está em trinta gràos e um quarto; e chama-se de Martim Affonso por elle o descobrir quando andou correndo esta costa de S. Vicente até o Rio da Prata. Este rio tem muito bom porto de fóra para navios grandes e dentro para os da costa, cuja terra é baixa e da qualidade da de traz. Tem este rio duas leguas ao mar uma ilha aonde ha bom porto e abrigada para surgirem navios de todo o porte; entra a marè por este rio muito, aonde ha muito marisco, cuja terra é de campinas que estão sempre cheias de herva verde com algumas rebôleiras de mato, onde se dará tudo o que lhe plantarem, e se criará todo o gado que lhe lançarem; por ser terra fria, e ter muitas aguas de alagoas e ribeiras para o gado poder beber, pelo que este rio se póde povoar, onde os moradores que n'elle viverem estarão mui descançados, o qual é povoado de *Tapuias* como a mais terra atraz. Entre o porto da Alagoa e o de Martim Affonso está o porto que se diz de Santa Maria e o que se diz da Terra Alta, e em um e outro podem surgir os caravelões da costa.

CAPITULO LXXI

Em que se declara a costa do rio de Martim Affonso até o porto de S. Pedro

Do rio de Martim Affonso á bahia dos arrecifes são dez leguas, e da bahia ao rio do porto de S. Pedro são quinze leguas, o qual rio está em altura de trinta e um grão e meio; cuja costa se corre nordeste sudoeste; da banda do sudoeste d'este porto de S. Pedro se faz uma ponta de arêa, que boja ao mar bem legua e meia. N'este porto ha um bom surgidouro e abrigada

Digitized by Google

para os navios entrarem seguros sobre amarra, em o qual se vem metter no salgado um rio de agua doce.

Esta terra é muito baixa e não se vê de mar em fóra senão de muito perto, e toda é de campos coberta de herva verde, muito boa para mantença de criação de gado vaccum e de toda a sorte, por onde ha muitas lagôas e ribeiras de agua para o gado beber. E tem esta terra algumas reboleiras de mato á vista umas das outras, onde ha muita caça de veados e porcos que andam em bandos, e muitas outras alimarias e aves, e ao longo da costa ha grandes pescarias e sitios acommodados para povoações com seus portos, onde entram caravelões, em a qual terra se darão todos os fructos que lhe plantarem, assim naturaes como de Hespanha: e dos mantimentos de terra se aproveita o gentio *Tapuia*, em suas roças e lavouras, que fazem afastadas do mar tres ou quatro leguas, por estarem lá mais abrigados dos ventos do mar, que cursam no inverno, onde ao longo d'elle não tem nenhum abrigo, e porque lhe fica a lenha muito longe.

CAPITULO LXXII

Em que se conta como corre a costa do rio de S. Pedro até o cabo de Santa Maria

Do porto de S. Pedro ao cabo de Santa Maria são quarenta e duas leguas, as quaes se correm pela costa nordeste sudoeste, o qual está em trinta e quatro gráos; e tem da banda do sueste, duas leguas ao mar, tres ilhéos altos que se dizem os Castilhos, entre os quaes e a terra firme ha bôa abrigada e surgidouro para náos de todo o porte.

Toda esta terra é baixa sem arvoredo, mas cheia de herva verde em todo o anno, e ha partes que tem algumas reboleiras de mato; a herva d'estes campos é muito boa para criações de gado de toda sorte, onde se dará muito bem por ser a terra muito temperada no inverno, e no verão lavada de bons ares frescos e sadios, pela qual ha muitas aguas frescas para os gados beberem assim de

Digitized by Google

lagoas como de ribeiras, onde se darão todos os fructos de Hespanha muito bem, como em S. Vicente, e pelo Rio da Prata acima nas povoações dos castelhanos, onde se dá tanto trigo, que aconteceu o anno de 83 vir ao Rio de Janeiro uma das náos em que passou D. Alonso, Vizorei da provincia de Chile, que desembarcou em Buenos-Ayres, a qual carregou n'este porto de trigo, que se vendeu no Rio de Janeiro a tres reales a fanega, o qual se dará muito bem do Rio de Janeiro por diante, d'onde se póde prover toda a costa do Brasil.

Esta costa desde o Rio dos Patos até a boca do Rio da Prata é povoada de *Tapuias*, gente domestica e bem acondicionada, que não come carne humana, nem faz mal á gente branca que os communica, como são os moradores da capitania de S. Vicente, que vão em caravelões resgatar por esta costa com este gentio alguns escravos, cera da terra, porcos, galinhas e outras cousas, com quem não tem nunca desavença; e porque a terra é muito rasa e descoberta aos ventos, e não tem matos nem abrigadas, não vivem estes *Tapuias* ao longo do mar, e têm suas povoações afastadas para o sertão ao abrigo da terra, e vem pescar e mariscar pela costa.

Não tratamos aqui da vida e costumes d'este gentio, porque se declara ao diante no titulo dos *Tapuias*, que vivem no sertão da Bahia, e ainda que vivam tão afastados d'estes, são todos uns e têm quasi uma vida e costumes.

CAPITULO LXXIII

Em que se declara a costa do cabo de Santa Maria até a boca do Rio da Prata

Do cabo de Santa Maria á ilha dos Lobos são quinze leguas, cuja costa se corre nornordeste, susudoeste a qual está em trinta e quatro gráos e dois terços, cuja terra firme faz defronto da ilha a maneira de ponta. Entre esta ponta e a ilha ha boa abrigada e porto para navios.

Digitized by Google

D'esta ponta se vai recolhendo a terra para dentro até outra ponta, que está outra ilha, que se diz das Flôres, que está legua e meia afastada d'esta ponta, que se chama do Arrecife, pelo haver d'ahi para dentro até o Monte de Santo Ovídio, está na boca de um rio, que se vem metter aqui no salgado.

D'esta ponta da ilha dos Lobos, que está na boca do Rio da Prata, á outra banda do rio, que se diz a ponta de Santo Antonio, são trinta e quatro leguas. Está o meio da boca do Rio da Prata em trinta e cinco gráos e dois terços; e ao mar quarenta leguas, bem em direito d'esta boca do Rio está um ilhéo, cercado de baixos de redor d'elle obra de duas leguas, onde se chama os Baixos de Castelhanos, porque aqui se perdeu uma náo sua, o qual ilhéo está na mesma altura de trinta e cinco gráos e dois terços.

A terra junto da boca d'este rio é da qualidade da outra terra do cabo de Santa Maria, onde se dará tambem grandemente o gado vaccum e tudo o mais que lhe lançarem.

D'este Rio da Prata, nem de sua grandeza não temos que dizer n'este lugar, porque é tão nomeado que se não póde tratar d'elle sem grandes informações, do muito que se póde dizer dos seus reconcavos, ilha, rios que se n'elle mettem, fertilidade da terra e povoações que por elle acima têm feito os castelhanos, que escaparam da armada que se n'elle perdeu ha muitos annos, os quaes se casaram com as indias da terra, de que nascêram grande multidão de mestiços que agora tem povoado muitos lugares, o qual Rio da Prata é povoado muitas leguas por elle acima dos *Tapuias* atraz declarados.

CAPITULO LXXIV

Em que se declara a terra e costa da ponta do Rio da Prata da banda do sul até além da bahia de S. Mathias

A ponta do Rio da Prata que se diz de Santo Antonio, que está da banda do sul, demora em trinta e seis gráos e meio, defronte da qual são baixos uma

Digitized by Google

legua ao mar. Da ponta de Santo Antonio ao Cabo Branco são vinte e duas leguas e fica-lhe em meio uma enseada, que se diz de Santa Apolonia, a qual é cheia de baixos, e toda a costa de ponta a ponta uma e duas leguas ao mar são tudo baixos. Este Cabo Branco está em trinta e sete gràos e dois terços, e corre-se a costa nornordeste susudoeste. Do Cabo Branco ao Cabo das Correntes são vinte e cinco leguas, e fica entre um cabo e o outro a Angra das Arêas, ao mar da qual sete ou oito leguas são tudo baixos. Este Cabo está em trinta e nove gràos, cuja costa se corre nornordeste susudoeste. Do Cabo das Correntes ao Cabo Aparcellado são oitenta e seis leguas, e corre-se a costa de ponta a ponta lesnordeste oessudoeste, o qual Cabo Aparcellado está em quarenta e um gràos, cuja costa é cheia de baixos, e a partes os tem cinco e seis leguas ao mar; é toda de arêa, e a terra muito baixa, por onde se mettem alguns esteiros no salgado, onde se póde recolher caravelões da costa, que são navios de uma só coberta que andam em seis e sete palmos de agua, d'este Cabo Aparcellado se torna a recolher a terra para dentro leste oeste, até a ponta da bahia de S. Mathias, que está na mesma altura de quarenta e um gràos, que serão vinte e sete leguas, e da ponta Aparcellada a quatro leguas, em uma enseada que faz a terra, está uma ilheta, e na ponta d'esta enseada da banda de loeste está outra ilha uma legua do mar.

Da ponta da bahia de S. Mathias até a ponta de terra do Marco são trinta e oito leguas, cuja costa se corre norte sul, a qual é toda aparcellada, e antes de chegar á esta ponta do Marco está outra ilha. A terra aqui é baixa e pouco proveitosa. N'esta ponta do Marco se acaba a demarcação da corôa de Portugal n'esta costa do Brasil, que está em quarenta e quatro gràos pouco mais ou menos, segundo a opinião do Dr. Pedro Nunes, cosmographo d'El-Rei D. Sebastião, que está em gloria, que n'esta arte foi em seu tempo o maior homem de Hespanha.

Digitized by Google

SEGUNDA PARTE

MEMORIAL E DECLARAÇÃO

DAS GRANDEZAS DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS, DE SUA FERTILIDADE E DAS NOTAVEIS PARTES QUE TEM

CAPITULO I

Atraz fica dito, passando pela Bahia de Todos os Santos, que se não soffria n'aquelle lugar tratar-se das grandezas d'ella, pois não cabiam alli; o que se faria ao diante mui largamente, depois que se acabasse de correr a costa com que temos já concluido. Da qual podemos agora tratar e explicar o que se d'ella não sabe para que venham á noticia de todos os occultos d'esta illustre terra, por cujos merecimentos deve de ser mais estimada e reverenciada do que agora é, ao que queremos satisfazer com singelo estilo pois o não temos grave, mas fundado tudo na verdade.

Como El-Rei D. João III de Portugal soube da morte de Francisco Pereira Coutinho, sabendo já das grandes partes da Bahia, da fertilidade da terra, bons ares, maravilhosas aguas e da bondade dos mantimentos d'ella, ordenou de a tomar á sua conta para a fazer povoar, como meio e coração de toda esta costa, e mandar edificar n'ella uma cidade, d'onde se pudessem ajudar e soccorrer todas as mais capitanias e povoações d'ella como a membros seus; e pondo S. Alteza em effeito esta determinação tão acertada, mandou fazer prestes uma armada e provel-a de todo o necessario para esta empreza, em a qual mandou embarcar Tho-

Digitized by Google

mé de Sousa do seu conselho, e o elegeu para edificar esta nova cidade, de que o fez capitão, e governador geral de todo o Estado do Brasil: ao qual deu grande alçada e poderes em seu regimento, com que quebrou as doações aos capitães proprietarios por terem demasiada alçada, assim no crime como no civel; de que se elles aggravaram á S Alteza, que no caso os não proveu, entendendo convir a si a seu serviço. E como a dita armada esteve prestes, partiu Thomé de Sousa do porto de Lisboa aos 2 dias de Fevereiro de 1549 annos; e levando prospero vento chegou á Bahia de Todos os Santos, para onde levava sua derrota, aos vinte e nove dias de Março do dito anno, e desembarcou no porto de Villa Velha, povoação que Francisco Pereira edificou, onde pôz mil homens, convêm a saber: seiscentos soldados e quatrocentos degradados e alguns moradores casados, que comsigo levou, e outros criados d'El-Rei que iam providos de cargos, que pelo tempo em diante serviram.

CAPITULO II

Em que se contem quem foi Thomé de Sousa e de suas qualidades.

Thomé de Sousa foi um fidalgo honrado, ainda que bastardo, homem avisado, prudente e mui experimentado na guerra de Africa e da India, onde se mostrou mui valoroso cavalleiro em todos os encontros em que se achou; pelos quaes serviços e grande experiencia que tinha, mereceu fiar d'elle El-Rei tamanha empreza como esta que lhe encarregou, confiando de seus merecimentos e grandes qualidades que daria a conta d'ella que se d'elle esperava; a quem deu por ajudadores ao Dr. Pedro Borges, para com elle servir de ouvidor geral, pôr o governo da justiça em ordem em todas as capitanias; e a Antonio Cardoso de Barros para tambem ordenar n'este Estado o tocante á Fazenda de S. Alteza, porque até então não havia ordem em uma cousa nem em outra, e cada um vivia ao som da sua vontade. O qual Thomé de Sousa tam-

Digitized by Google

bem levou em sua companhia padres da de Jesus, para doutrinarem e converterem o gentio na nossa santa fé catholica, e a outros sacerdotes, para ministrarem os sacramentos nos tempos devidos. E no tempo que Thomé de Sousa desembarcou achou na Villa Velha a um Diogo Alvares, de alcunha o Caramurú, grande lingua do gentio, o qual depois da morte de Francisco Pereira fez pazes com o gentio; e, com ellas feitas, se veiu dos Ilhéos a povoar o assento das casas em que d'antes vivia, que era afastado da povoação; onde se fortificou e recolheu com cinco genros que tinha, e outros homens, que o acompanharam, dos que escaparam da desaventura de Francisco Pereira, os quaes, ora com armas, ora com boas razões se foram defendendo e sustentando até á chegada de Thomé de Sousa, por cujo mandado Diogo Alvares quietou o gentio e o fez dar obediencia ao governador, e offerecer-se ao servir: o qual gentio em seu tempo viveu muito quieto e recolhido, andando ordinariamente trabalhando na fortificação da cidade a troco do resgate que lhe por isso davam.

CAPITULO III

Em que se declara como se edificou a cidade do Salvador.

Como Thomé de Sousa acabou de desembarcar a gente d'armada e a assentou na Villa Velha, mandou descobrir a bahia, e que lhe buscassem mais para dentro alguma abrigada melhor que a em que estava a armada, para a tirarem d'aquelle porto da Villa Velha onde não estava segura, por ser muito desabrigado; e por se achar logo o porto e ancoradouro, que agora está defronte da cidade, mandou passar a frota para lá por ser muito limpo e abrigado; e como teve a armada segura mandou descobrir a terra bem, e achou que defronte do mesmo porto era o melhor sitio que por alli havia para edificar a cidade, e por respeito do porto assentou que não convinha fortificar-se no porto de Villa Velha, por defronte d'este porto

Digitized by Google

estar uma grande fonte bem á borda da agua que servia para aguada dos navios e serviço da cidade, o que pareceu bem á todas as pessoas do conselho que n'isso assignaram. E tomada esta resolução se pôz em ordem para este edificio, fazendo primeiro uma cerca muito forte de páo a piquo, para os trabalhadores e soldados poderem estar seguros do gentio. Como foi acabada, arrumou a cidade d'ella para dentro, arruando-a por boa ordem com as casas cobertas de palma ao modo de gentio, em as quaes por entretanto se agazalharam os mancebos e soldados que vieram na armada. E como todos foram agazalhados, ordenou de cercar esta cidade de muros de taipa grossa, o que fez com muita brevidade, com dois baluartes ao longo do mar e quatro da banda da terra, em cada um d'elles assentou muito formosa artilharia que para isso levava, com o que a cidade ficou muito bem fortificada para se segurar do gentio: em a qual o governador fundou logo um collegio dos padres da companhia, e outras igrejas e grandes casas, para viverem os governadores, casas da camara, cadeia, alfandega, contos, fazenda, armazens, e outras officinas convenientes ao serviço de S. Alteza.

CAPITULO IV

Em que se contem como El-Rei mandou outra armada em favor de Thomé de Sousa.

Logo no anno seguinte de 1550 se ordenou outra armada, com gente e mantimentos, em soccorro d'esta nova cidade, da qual foi por capitão Simão da Gama de Andrade com o galeão velho muito afamado e outros navios marchantes, em a qual foi o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, pessoa de muita autoridade, grande exemplo e estremado pregador, o qual levou toda a clerezia, ornamentos, sinos, peças de prata e outras alfaias do serviço da igreja, e todo o mais conveniente ao serviço do culto divino: e sommou a despeza que se fez no sobredito, e no cabedal que se

Digitized by Google

metteu na artilharia, munições de guerra, soldos, mantimentos, ordenados dos officiaes, passante de trezentos mil cruzados.

E logo no anno seguinte mandou S. Alteza em favor d'esta cidade outra armada, e por capitão d'ella Antonio de Oliveira com outros moradores casados e alguns forçados, em a qual mandou a Rainha D. Catharina, que está em gloria, algumas donzellas de nobre geração, das que mandou criar e recolher em Lisboa no mosteiro das orphãs, as quaes encommendou muito ao governador por suas cartas, para que as cazasse com pessoas principaes d'aquelle tempo; a quem mandava dar em dote de casamento os officios do governo da fazenda e justiça, com o que a cidade se foi ennobrecendo, e com os escravos de Guiné, vaccas e eguas que S. Alteza mandou a esta nova cidade, para que se repartissem pelos moradores d'ella, e que pagassem o custo por seus soldos e ordenados, e o mais lhe mandava pagar em mercadorias pelo preço que custavam em Lisboa, por a esse tempo não irem a essas partes mercadores, nem havia para que, por na terra não haver ainda em que pudessem fazer seus empregos; pelo qual respeito S. Alteza mandava cada anno em soccorro dos moradores d'esta cidade uma armada com desgradados, moças orphãs, e muita fazenda, com o que a foi ennobrecendo e povoando com muita presteza, do que as mais capitanias se foram tambem ajudando, as quaes foram visitadas pelo governador e postas na ordem conveniente ao serviço d'El-Rei, e ao bem de sua justiça e fazenda.

CAPITULO V

Em que se trata como D. Duarte da Costa foi governar o Brasil.

Como Thomé de Sousa acabou o seu tempo de governador, que gastou tão bem gastado n'este novo Estado do Brasil, requereu á S. Alteza que o mandasse tornar para o reino, a cuja petição El-Rei satisfez com mandar por governador a D. Duarte da Costa, do seu conselho; ao qual deu a armada conveniente a tal pessoa

Digitized by Google

em que passou a este Estado, com a qual chegou á salvamento á Bahia de Todos os Santos; desembarcou na cidade do Salvador, nome que lhe S. A. mandou pôr; e lhe deu por armas uma pomba branca em campo verde, com um rollo á roda branco, com letras de ouro que dizem

Sic illa ad Arcam reversa est,

e a pomba tem tres folhas de oliva no bico: onde lhe foi dada posse da governança por Thomé de Sousa, que se logo embarcou na dita armada e se veiu para o reino, onde serviu a El-Rei D. João e a seu neto El-Rei D. Sebastião, de veador, e no mesmo cargo serviu depois á Rainha D. Catharina em quanto viveu.

E tornando a D. Duarte, como tomou a posse da governança, trabalhou quanto foi possivel, por fortificar e defender esta cidade do gentio que em seu tempo se alevantou e commetteu grandes insultos, os quaes elle emendou dissimulando alguns com muita prudencia, e castigando outros com as armas, fazendo-lhe crua guerra, a qual caudilhava seu filho D. Alvaro da Costa que n'estes trabalhos o acompanhou, e se mostrou n'elles muito valoroso capitão.

Em todo o tempo que D. Duarte governou o Brasil, foi todos os annos favorecido e ajudado com armadas que do reino lhe mandavam, e em que lhe foram muitos moradores e gente forçada com todo o necessario, ao qual succedeu Mem de Sá, em cujos feitos já tocamos, o qual foi tambem governar este Estado por mandado d'El-Rei D. João o III, a quem a fortuna favoreceu de feição em quatorze annos, que foi governador do Brasil, que subjugou e desbaratou todo o gentio *Tupinambá* da comarca da Bahia e a todo o mais até o Rio de Janeiro, de cujos feitos se póde fazer um notavel tratado; o qual Mem de Sá foi pouco favorecido d'estes reinos, por lhe fallecer logo El-Rei D. João que com tanto fervor trabalhava por acrescentar e engrandecer este seu Estado, a quem a Rainha D. Catharina, no tempo que governou estes reinos, foi imitando; mas como ella desistiu da governança d'elles, foram esfriando os favores e soccorros

Digitized by Google

que cada anno esta nova cidade recebia, para a qual não mandaram d'alli por diante mais que um galeão d'armada, em que iam os governadores que depois a foram governar, pelo que este Estado tornou atraz de como ia florescendo. E se esta cidade do Salvador cresceu em gente, edificios e fazenda como agora tem, nasceu-lhe da grande fertilidade da terra que ajudou aos moradores d'ella, de maneira que tem hoje no seu termo, da Bahia para dentro, quarenta engenhos de assucar, mui prosperos de edificios, escravaria e outra muita fabrica, dos quaes houvéra muitos mais, se os moradores foram favorecidos como convinha, e como elles estão merecendo por seus serviços, com os quaes o governador Mem de Sá destruiu e desbaratou o gentio que vivia de redor da Bahia, a quem queimou e assolou mais de trinta aldêas, e os que escaparam de mortos ou captivos, fugiram para o sertão e se afastaram do mar mais de quarenta leguas, e com os mesmos moradores soccorreu e ajudou o dito Mem de Sá as capitanias dos Ilhéos, Porto Seguro e a do Espirito Santo, as quaes estavam mui apertadas do gentio d'aquellas partes e com elles foi lançar por duas vezes os francezes fóra do Rio de Janeiro e a povoal-o, onde acabaram muitos d'estes moradores sem até hoje ser dada nenhuma satisfação a seus filhos. E todos foram fazer estes e outros muitos serviços á sua custa, sem lhe darem soldo nem mantimentos, como se costuma na India e nas outras partes, e a troco d'estes serviços e despezas dos moradores d'esta cidade não se fez até hoje nenhuma honra nem mercê a nenhum d'elles, do que vivem mui escandalisados e descontentes.

CAPITULO VI

Em que se declara o clima da Bahia, como cruzam os ventos na sua costa e correm as aguas.

A Bahia de Todos os Santos está arrumada em treze gráos e um terço, como fica dito atraz; onde os dias em todo o anno são quasi iguaes com as noites e a diffe-

Digitized by Google

rença que tem os dias de verão aos do inverno é uma hora até hora e meia. E começa-se o inverno d'esta provincia no mez de Abril, e acaba-se por todo o julho, em o qual tempo não faz frio que obrigue aos homens se chegarem ao fogo, senão ao gentio porque andam despidos. Em todo este tempo do inverno correm as aguas ao longo da costa a cem leguas ao mar d'ella, das partes do sul para os rumos do norte, por quatro e cinco mezes, e as vezes cursam os ventos do sul, sudoeste e lessueste, que ha travessia na costa de Porto Seguro atè o cabo Santo Agostinho.

Começa-se o verão em Agosto como em Portugal em Março, e dura até todo o mez de Março, em o qual tempo reinam os ventos nordestes e lesnordestes, e correm as aguas na costa ao som dos ventos da parte do norte para o sul, pela qual razão se não navega ao longo d'esta costa senão com as monções ordinarias. Em todo o tempo do anno, quando chove, fazem os céos da Bahia as mais formosas mostras de nuvens de mil cores e grande resplandor, que se nunca viram em outra parte, o que causa grande admiração. E ha-se de notar que, n'esta comarca da Bahia, em rompendo a luz da manhã, nasce com ella juntamente o sol, assim no inverno como no verão. E em se recolhendo o sol á tarde, escurece juntamente o dia e cerra-se a noite lógo; a que mathematicos dêm razões sufficientes que satisfaçam a quem quizer saber este segredo, porque os mareantes e philosophos que a esta terra foram, nem outros homens de bom juizo não têm atinado até agora com a causa porque isso assim seja.

CAPITULO VII

Em que se declara o sitio da cidade do Salvador.

A cidade do Salvador está situada na Bahia de Todos os Santos uma legua da barra para dentro em um alto, com o rosto ao poente, sobre o mar da mesma Bahia; a qual cidade foi murada e torreada em

Digitized by Google

tempo do governador Thomé de Sousa, que a edificou como atraz fica dito, cujos muros se vieram ao chão por serem de taipa e se não repararem nunca, em o que se descuidaram os governadores, pelo que elles sabem, ou por se a cidade ir estendendo muito por fóra dos muros; e, seja pelo que for, agora não ha memoria aonde elles estiveram. Terá esta cidade oitocentos visinhos, pouco mais ou menos, e por fóra d'ella em todos os reconcavos da Bahia, haverá mais de dois mil visinhos, d'entre os quaes e os da cidade, se póde ajuntar, quando cumprir, quinhentos homens de cavallo e mais de dois mil de pé, afóra a gente dos navios que estão sempre no porto. Está no meio d'esta cidade uma honesta praça, em que se correm touros quando convem, em a qual estão da banda do sul umas nobres casas, em que se agazalham os governadores, e da banda do norte tem as casas do negocio da Fazenda, alfandega e armazens; e da parte de leste tem a casa da camara, cadêa e outras casas de moradores, com que fica esta praça em quadro e o pelourinho no meio d'ella, a qual da banda do poente está desabafada com grande vista sobre o mar; onde estão assentadas algumas peças de artilharia grossa, d'onde a terra vai muito a pique sobre o mar; ao longo do qual é tudo rochedo mui aspero; e d'esta mesma banda da praça, dos cantos d'ella, descem dois caminhos em voltas para a praia, um da banda do norte que é serventia da fonte que se diz do Pereira e do desembarcadouro da gente dos navios; o caminho que está da parte do sul é serventia para Nossa Senhora da Conceição, aonde está o desembarcadouro geral das mercadorias, ao qual desembarcadouro vai ter outro caminho de carro, por onde se estas mercadorias e outras cousas que aqui se desembarcam, levam em carros para a cidade. E tornando á praça, correndo d'ella para o norte vai uma formosa rua de mercadores até a sé, no cabo da qual, da banda do mar, está situada a casa da Misericordia e hospital, cuja igreja não é grande, mas mui bem acabada e ornamentada; e se esta casa não tem grandes officinas e enfermarias, é por ser muito pobre e não

Digitized by Google

ter nenhuma renda de S. Magestade, nem de pessoas particulares, e sustenta-se sómente de esmolas que lhe fazem os moradores da terra que são muitas, mas são as necessidades mais, por a muita gente do mar e degradados que d'estes reinos vão muitos pobres, os quaes em suas necessidades não têm outro remedio que o que lhe esta casa dá, cujas esmolas importam cada anno tres mil cruzados pouco mais ou menos, que se gastam com muita ordem na cura dos enfermos e remedio dos necessitados.

CAPITULO VIII

Em que se declara o sitio da cidade, da Sé por diante

A Sé da cidade do Salvador está situada com o rosto sobre o mar da Bahia, defronte do ancoradouro das náos, com um taboleiro defronte da porta principal, bem a pique sobre o desembarcadouro, d'onde tem grande vista.

A igreja é de tres naves, de honesta grandeza, alta e bem assombrada, a qual tem cinco capellas muito bem feitas e ornamentadas, e dois altares nas hombreiras da capella mór. Está esta Sé em redondo cercada de terreiro, mas não está acabada da torre dos sinos e da do relogio, o que lhe falta, e outras officinas muito necessarias, por ser muito pobre e não ter para fabrica mais do que cem mil réis cada anno, e estes muito mal pagos. Serve-se n'esta igreja o culto divino com cinco dignidades, seis conegos, dois meios conegos, quatro capellães, um cura e coadjutor, quatro moços de coro e mestre da capella, e muitos d'estes ministros não são sacerdotes; e ainda que são tão poucos, fazem-se n'ella os officios divinos com muita solemnidade, o que custa ao bispo um grande pedaço da sua casa; por contentar os sacerdotes que prestam para isso, com lhe dar a cada um, um tanto com que queiram servir de conegos e dignidades, do que os clerigos fogem, por não ter cada conego, mais de trinta mil réis, e as dignidades a trinta e cinco, ti-

Digitized by Google

rado o deão que tem quarenta mil réis, o que lhes não basta para se vestirem. Pelo que querem antes ser capellães da Misericordia ou dos engenhos; onde têm de partido sessenta mil réis, casas em que vivam e de comer: e n'estes lugares rendem-lhe suas ordens e pé de altar outro tanto. Está esta Sé muito necessitada de ornamentos, e os de que se serve estão mui damnificados; e de maneira, que nas festas principaes, se aproveita o cabido dos das confrarias, onde os pedem emprestados; de que S. Magestade não deve estar informado, que se o estivéra, tivéra já mandado prover esta necessidade, em que está o culto divino, pois manda receber os dizimos d'este seu Estado, cuja cabeça está tão damnificada, que convém acudir-lhe com remedio devido com muita presteza.

CAPITULO IX

Em que se declara como corre a cidade do Salvador da Sé por diante

Passando além da Sé pelo mesmo rumo do norte, corre outra rua mui larga, tambem occupada com lojas de mercadores, a qual vai dar comsigo em um terreiro mui bem assentado e grande, aonde se representam as festas a cavallo, por ser maior que a praça, o qual está cercado em quadro de nobres casas. E occupa este terreiro e parte da rua da banda do mar um sumptuoso collegio dos padres da Companhia de Jesus, com uma formosa e alegre igreja, onde se serve o culto divino com mui ricos ornamentos, a qual os padres tem sempre mui limpa e cheirosa.

Tem este collegio grandes dormitorios e muito bem acabados, partes dos quaes ficam sobre o mar com grande vista; cuja obra é de pedra e cal, com todas as escadas, portas e janellas de pedrarias, com varandas, e cubiculos mui bem forrados, e por baixo lageados com muita perfeição, o qual collegio tem grandes cercas até o mar, com agua muito boa dentro, e ao longo do mar tem umas terracenas, onde

Digitized by Google

recolhem o que lhe vem embarcado de fóra. Tem este collegio ordinariamente oitenta religiosos, que se occupam em prégar e confessar alguma parte d'elles, outros ensinam latim, artes, theologia e casos de consciencia, com o que tem feito muito fruto na terra; o qual está muito rico, porque tem de S. M. cada anno quatro mil cruzados e davantagem, importar-lhe-ha a outra renda que tem na terra outro tanto; porque tem muitos curraes de vaccas, onde se affirma, que trazem mais de duas mil vaccas de ventre, que n'esta terra parem todos os annos, e tem outra muita grangearia de suas roças e fazendas onde tem todas as novidades dos mantimentos, que se na terra dão em muita abastança.

CAPITULO X

Em que se declara como corre a cidade por este rumo até o cabo.

Passando avante do collegio, vai outra rua muito comprida pelo mesmo rumo do norte, muito larga e povoada de casas e moradores além da qual no arrabalde da cidade, em um alto, está um mosteiro de capuchinhos de Santo Antonio, que ha pouco tempo, se começou de esmolas do povo, que lhes comprou este assento, e outros devotos lhe deram outros chãos juntos d'elle, em que lhe os moradores fizeram uma igreja, com a qual e o mais recolhimento que está feito, se podem accommodar até vinte religiosos, e pelo tempo adiante lhe farão outro recolhimento como os padres quizerem, os quaes têm n'este recolhimento sua cerca com agua dentro, a qual cerca vem correndo de cima onde está o mosteiro até o mar. E tornando d'este mosteiro para a praça pela banda da terra vai a cidade muito bem arruada, com casas de moradores com seus quintaes, os quaes estão povoados de palmeiras carregadas de cocos e outras de tamaras, e de laranjeiras e outras arvores de espinho, figueiras, romeiras e parreiras, com o que

Digitized by Google

fica muito fresca; a qual cidade por esta banda da terra está toda cercada com uma ribeira de agua, que serve de lavagem e de se regarem algumas hortas, que ao longo d'ella estão.

CAPITULO XI

Em que se declara como corre a cidade da praça para a banda do sul.

Tornados á praça, pondo o rosto no sul, corre outra rua muito formosa povoada de moradores, no cabo da qual está uma hermida de Santa Luzia, onde está uma estancia com artilharia. E ao longo d'esta rua lhe fica outra muito bem assentada, tambem toda povoada de lojas de mercadores, e no topo d'ella está uma formosa igreja de Nossa Senhora d'Ajuda com sua capella de abobada; no qual sitio, no principio d'esta cidade esteve a Sé.

Passando mais avante com o rosto ao sul, no outro arrebalde da cidade, em um alto e campo largo, está situado um mosteiro de S. Bento, com sua claustra, e largas officinas e seus dormitorios, onde se agasalham vinte religiosos que n'aquelle mosteiro ha, os quaes têm sua cerca e horta com uma ribeira de agua, que lhe nasce dentro, que é a que rodêa toda a cidade, como fica atraz dito. Este mosteiro de S. Bento é muito pobre, o qual se mantem de esmolas que pedem os frades pelas fazendas dos moradores, e não tem nenhuma renda de S. Magestade, em quem será bem empregada pelas necessidades que tem, cujos religiosos vivem santa e honesta vida, dando de si grande exemplo, e estão bemquistos e mui bem recebidos do povo, os quaes haverá tres annos, que foram á esta cidade com licença de S. Magestade fundar este mosteiro, que lhes os moradores d'ella fizeram á sua custa com grande fervor e alvoroço.

E não se faz aqui particular menção das outras ruas da cidade, porque são muitas, e fóra nunca acabar querel-as particularisar.

Digitized by Google

CAPITULO XII

Em que se declaram outras partes que a cidade tem para notar

Tem esta cidade grandes desembarcadouros com tres fontes na praia ao pé d'ella, em as quaes os mareantes fazem sua aguada bem á borda do mar, das quaes se serve tambem muita parte da cidade, por serem estas fontes de muito boa agua. No principal desembarcadouro está uma fraca hermida de Nossa Senhora da Conceição, que foi a primeira casa de oração e obra em que se Thomé de Sousa occupou.

A vista d'esta cidade é mui aprazivel ao longe, por estarem as casas com os quintaes cheios de arvores, a saber: de palmeiras que apparecem por cima dos telhados, e de laranjeiras que todo o anno estão carregadas de laranjas, cuja vista de longe é mui alegre, especialmente do mar, por a cidade se estender muito ao longo d'elle, n'este alto. Não tem a cidade nenhum padrasto, d'onde a possam offender, se a cercarem como ella merece, o que se póde fazer com lhe ficar dentro uma ribeira de agua, que nasce junto d'ella, que a vai cercando toda, a qual se não bebe agora, por estar o nascimento d'ella pizado dos bois, que vão beber, e porcos; mas limpa, é muito boa agua; da qual se não aproveitam os moradores por haver outras muitas fontes de que bebe cada um, segundo a affeição, que lhe tomam, e da que lhe fica mais perto se ajuda por serem todas de boa agua.

A terra que esta cidade tem, uma e duas leguas á roda, está quasi toda occupada com roças, que são como os casaes de Portugal, onde se lavram muitos mantimentos, fructas e hortaliças, d'onde se remedea toda a gente da cidade que o não tem de sua lavra, á cuja praça se vai vender, do que está sempre mui provida, e o mais do tempo o está do pão, que se faz das farinhas que levam do reino a vender ordinariamente á Bahia, onde tambem levam muitos vinhos

Digitized by Google

da ilha da Madeira, e das Canarias, onde são mais brandos, e de melhor cheiro e còr e suave sabor, que nas mesmas ilhas d'onde os levam; os quaes se vendem em lojas abertas, e outros mantimentos de Hespanha, e todas as drogas, sedas e pannos de toda a sorte, e as mais mercadorias acostumadas.

CAPITULO XIII

Em que se declara o como se tratam os moradores da cidade do Salvador, e algumas qualidades suas.

Na cidade do Salvador e seu termo ha muitos moradores ricos de fazendas de raiz, peças de prata e ouro, jaezes de cavallos, e alfaias de casa, em tanto, que ha muitos homens que têm dois e tres mil cruzados em joias de ouro e prata lavrada. Ha na Bahia mais de cem moradores que têm cada anno de mil cruzados até cinco mil de renda, e outros que têm mais: cujas fazendas valem vinte mil até cincoenta e sessenta mil cruzados, e davantagem, os quaes tratam suas pessoas mui honradamente, com muitos cavallos, criados e escravos, e com vestidos demasiados, especialmente as mulheres, porque não vestem senão sedas, por a terra não ser fria, no que fazem grandes despezas, mórmente entre a gente de menor condição; porque qualquer peão anda com calções e gibão de setim ou damasco, e trazem as mulheres com vasquinhas e gibões do mesmo, os quaes, como tem qualquer possibilidade, têm suas casas mui bem concertadas e na sua mesa serviço de prata, e trazem suas mulheres mui bem ataviadas de joias de ouro.

Tem esta cidade quatorze peças de artilharia grossa, e quarenta pouco mais ou menos, de artilharia miuda: a artilharia grossa está assentada nas estancias atraz declaradas, e em outra que está na ponta do Padrão para defender a entrada da barra aos navios dos corsarios, se a commetterem, d'onde não lhe póôem fazer mais damno que afastal-os da carreira, para que

Digitized by Google

não possam tomar o porto do primeiro bordo, porque é a barra muito grande e podem passar as náos que quizerem, sem lhes a artilharia fazer nôjo.

CAPITULO XIV

Que trata de como se póde defender a Bahia com mais facilidade.

Não parece desproposito dizer n'este lugar, que tem El-Rei Nosso Senhor obrigação de com muita instancia mandar acudir ao desamparo em que esta cidade está, mandanda-a cercar de muros e fortificar, como convém ao seu serviço e segurança dos moradores d'ella; porque está arriscada a ser saqueada de quatro corsarios, que a forem commetter, por ser a gente espalhada por fóra, e a da cidade não ter onde se possa defender, até que a gente das fazendas e engenhos a possa vir soccorrer. Mas emquanto não fôr cercada, não tem remedio mais facil para se poder defender dos corsários que na Bahia entrarem, que pelo mar com quatro galeotas que com pouca despeza se podem fazer, e estarem sempre armadas; á sombra das quaes podem pelejar muitas barcas dos engenhos, e outros barcos, em que se póde cavalgar artilharia, para poderem pelejar; e esta armada se pode favorecer com as náos do reino, que de continuo estão no porto oito e dez, e d'aqui para cima até quinze e vinte, que estão tomando carga de assucar e algodão, em as quaes se póde metter gente da terra a defender, e alguma artilharia com que offender aos contrarios, os quaes se não levarem a cidade do primeiro encontro, não a entram depois, porque póde ser soccorrida por mar e por terra de muita gente portugueza até a quantia de dois mil homens, de entre os quaes podem sahir dez mil escravos de peleja, a saber: quatro mil pretos de Guiné, e seis mil indios da terra mui bons flexeiros, que juntos com a gente da cidade, se fará mui arrazoado exercito com o qual corpo de gente,

Digitized by Google

sendo bem caudilhada, se póde fazer muito damno a muitos homens de armas, que sahirem em terra, aonde se hão de achar mui embaraçados, e pejados por entre o matto que é mui cego e ser-lhe-ha forçado recolher-se com muita pressa, o que Deus não permitta que aconteça, pelo desapercebimento que esta cidade tem; do que sabem a certeza os inglezes, que á ella foram já; d'onde podem tirar grande presa, da maneira que agora está, se a commetterem com qualquer armada, porque acharão no porto muitos navios carregados de assucar e algodão, e muita somma d'elle recolhido pelas terracenas que estão na praia dos mercadores, tanto das mercadorias eomo de muito dinheiro de contado, muitas peças de ouro e prata, e muitas afaias de casa.

CAPITPLO XV

Em que se declaram as grandes qualidades que tem a Bahia de Todos os Santos

El-Rei D. João III de Portugal, que está em gloria, estava tão afeiçoado ao Estado do Brasil, especialmente á Bahia de Todos Santos, que se vivêra mais alguns annos, edificára n'elle um dos mais notaveis reinos do mundo, e engrandecêra a cidade do Salvador de feição que se podéra contar entre as mais notaveis de seus reinos: para o que ella estava mui capaz, e agora o está ainda mais em poder e apparelho para isso, porque é senhora d'esta Bahia, que é a maior e mais formosa que se sabe pelo mundo; assim em grandeza como em fertilidade e riqueza. Porque esta Bahia é grande, e de bons ares, mui delgados e sadios, de muito frescas e delgadas aguas, e mui abastada de mantimentos naturaes da terra, de muito caça, e muitos e mui saborosos pescados e fructas, a qual está arrumada pela maneira seguinte.

A Bahia se entende da ponta do Padrão ao morro de Tinharé que demora um do outro nove ou dez

Digitized by Google

leguas, ainda que o capitão da capitania dos Ilhéos não quer consentir que se entenda senão da ponta da ilha de Taparica á do Padrão: mas está já averiguada por sentença, que se entende a Bahia da ponta do Padrão até Tinharé, como já fica dito; a qual sentença se deu por haver duvida entre os rendeiros da capitania dos Ilhéos e da Bahia, sobre a quem pertenciam os dizimos do pescado, que se pescava junto a este morro de Tinharé, o qual dizimo se sentenciou ao rendeiro da Bahia, por se averiguar entender-se a Bahia do morro para dentro, como na verdade se deve de entender,

CAPITULO XVI

Em que se declaram as barras que tem a Bahia de Todos os Santos, e como está arrumada a ilha de Taparica, entre uma barra e a outra.

Acima fica dito como dista a ponta de Tinharé da do Padrão nove ou dez leguas, entre as quaes pontas da banda de dentro d'ellas está lançada uma ilha de sete leguas de comprido que se chama *Itaparica*, a qual Thomé de Sousa, sendo governador geral do Estado do Brasil, deu de sesmaria a D. Antonio de Ataide primeiro conde de Castanheira, o que lhe S. Alteza depois confirmou, e lhe fez nova doação d'ella, com titulo de capitão e governador; ao que veiu com embargos a camara da cidade do Salvador, sobre o que contendem ha mais de trinta annos, e lhe impediu sempre a jurisdicção, sem até agora se averiguar esta causa. Deixa esta ilha entre si e o morro de Tinharé outra bahia mui grande, com fundo e porto, em que pódem entrar náos de todo o porte, e tem grande ancoradouro e abrigada á sombra do morro, de que se aproveitam muitas vezes as náos que vem do reino, quando lhe escacea o vento, e não podem entrar na bahia da ilha para dentro. Da ponta d'esta ilha de Itaparica á ponta do Padrão está a

Digitized by Google

barra de leste, e entre a outra ponta da ilha e á ponta de Jaguaripe está a barra de loeste, por cada uma d'estas barras se entra na bahia com a proa ao norte. A barra de loeste se chama de Jaguaripe por se metter n'ella um rio do mesmo nome. Haverá da terra firme á esta ponta da ilha perto de uma legua de terra a terra, a qual barra é aparcellada por ser cheia de baixos de arêa, mas tem um canal estreito por onde navegam, pelo qual entram caravellões da costa e barcas dos engenhos; mas ha de ser com tempos bonançosos, porque com marulho não se enxerga o canal. E corre grande perigo quem se aventura a commetter esta barra de Jaguaripe com tempo fresco e tormentoso.

CAPITULO XVII

Em que se declara como se navega pela barra de Santo Antonio para entrar na Bahia.

A barra principal da Bahia é a da banda de leste, a que uns chamam a barra da cidade e outros de Santo Antonio, por estar junto d'ella da banda de dentro em um alto uma sua hermida; a qual barra tem de terra a terra duas leguas, e tanto dista da ponta do Padrão á terra de Taparica como á ponta onde está o curral da Cosme Garção, que é mais sahida ao mar. Da banda da ilha tem esta barra uma legua de baixos de pedra, onde o mar anda o mais do tempo em flôr. Por entre estes baixos ha um canal por onde entram com bonança navios de quarenta toneis, e fica a barra por onde as náos costumam entrar e sahir da parte do Padrão, a qual tem uma legua de largo, que toda tem fundo, por onde entram náos da India de todo o porte, em o qual espaço não ha baixo nenhum. Por esta barra podem entrar as náos de noite e dia com todo o tempo, sem haver de que se guardar, e os pilotos, que sabem bem esta costa, se não podem alcançar esta barra com de dia,

Digitized by Google

e conhecem a terra, quando a vêm de mar em fóra, maream-se com a ponta do Padrão, e como ficam a barlavento d'ella, navegam com a prôa ao norte e vão dar comsigo no ancoradouro da cidade, onde ficam seguros sobre amarra de todos os ventos tirado o sudoeste, que, quando venta, ainda que é muito rijo, no inverno, nunca passa a sua tormenta de vinte e quatro horas, em as quaes se amarram os navios muito bem, e ficam seguros d'esta tormenta, que de maravilha acontece: em o qual tempo se ajudam os navios uns aos outros, de maneira que não corre perigo, e d'este porto da cidade, onde os navios ancoram, á ponta do Padrão póde ser uma legua.

CAPITULO XVIII

Em que se declara o tamanho do mar da Bahia em que podem andar náos á vella, e de algumas ilhas.

Da banda da cidade á terra firme da outra banda, que chamam do Paraguaçú são nove ou dez leguas de travessia, e fica n'este meio uma ilha, que chamam a dos Frades, que tem duas leguas de comprido, e uma de largo. Ao norte d'esta ilha está outra, que chamam de Maré, que tem uma legua de comprido e meia de largo; e dista uma ilha da outra tres leguas. Da ilha de Maré á terra firme da banda do poente haverá espaço de meia legua. Da ilha dos Frades á de Taparica são quatro leguas. Da cidade á ilha de Maré são seis leguas, e haverá outro tanto da mesma cidade á ilha dos Frades, de maneira que da ponta da ilha de Taparica até a dos Frades, e á ilha de Maré, e d'ella á terra firme contra o rio de Matoim, e d'esta corda para a cidade, por todo este mar até á boca da barra, se pode balraventear com náos de todo o porte sem acharem baixos nenhuns, como se afastarem da terra um tiro de berço. Esta ilha dos Frades é de um João Nogueira, lavrador, o qual está de assento n'ella com seis ou sete lavradores, que n'ella tem da

Digitized by Google

sua mão, onde tem suas grangearias de roças de mantimentos, com criações de vaccas e porcos; a qual ilha tem muitas aguas mas pequenas para engenhos, cuja terra é fraca para canaviaes de assucar. A ilha de Maré é muito boa terra para canaveaes, e algodões, e todos os mantimentos, onde está um engenho de assucar que lavra com bois, que é de Bartholomeu Pires mestre da capella da Sé aonde estão assentados de sua mão passante de vinte moradores, os quaes têm aqui uma igreja de Nossa Senhora das Neves, muito bem concertada, com seu cura que administra os Sacramentos a estes moradores.

CAPITULO XIX

Em que se declara a terra da Bahia, da cidade até á ponta de Tapagipe, e a suas ilhas.

Atraz fica dito como da cidade até á ponta do Padrão ha uma legua: agora convem que vamos correndo toda a redondeza da Bahia e reconcavos d'ella, para se mostrar o muito que tem para ver, e que notar.

Começando da cidade para a ponta de Tapagipe, que é uma legua, no meio d'este caminho se faz um engenho de agua em uma ribeira chamada agua dos Meninos, o qual não será muito proveitoso por ser tão perto da cidade. Este engenho faz um morador dos principaes da terra, que se chama Christovão de Aguiar de Altero, e n'esta ponta de Tapagipe estão umas olarias de Garcia de Avila e um curral de vaccas do mesmo, a qual ponta bem chegada ao cabo d'ella tem uma aberta pelos arrecifes, por onde entram caravelões, que com tempo se recolhem aqui, e da boca da barra para dentro tem uma calheta onde estes caravelões e barcos estão seguros. N'esta ponta, quando se fundou a cidade, houve pareceres que ella se edificasse, por ficar mais segura e melhor assentada e muito forte, a qual está norte e sul com a ponta do Padrão.

Digitized by Google

Virando d'esta ponta, sobre a mão direita está um esteiro mui fundo, por onde entram náos de quatrocentos toneis, ao qual chamam Pirajá, Este esteiro faz para dentro grandes voltas; em uma d'ellas tem uma praia onde se põe os navios a monte muito á vontade, e se calafetam muito bem ás marés, porque com as aguas vivas descobrem até a quilha, aonde se queimam e calafeteam bem.

D'este esteiro para dentro ao longo d'esta ponta estão tres ilhetas povoadas e lavradas com canaveaes e roças, e na terra d'esta ponta estão outras duas olarias de muita fabrica, por haver aqui muito e bom barro, d'onde se provêm d'elle os mais dos engenhos, pois se purga o assucar com este barro.

CAPITULO XX

Em que se declaram os engenhos de assucar que ha n'este rio de Pirajá.

Entrando por este esteiro, pondo os olhos na terra firme, tem uma formosa vista de tres engenhos de assucar, e outras muitas fazendas mui formosas da vista do mar, e no cabo do salgado se mette n'elle uma formosa ribeira de agua, com que móe um engenho de assucar de S. Magestade, que alli está feito com uma igreja de S. Bartholomeu, freguezia d'aquelle limite, o qual engenho anda arrendado em seiscentas e cincoenta arrobas de assucar branco cada anno. Pelo sertão d'este engenho, meia legua d'elle, está outro de Diogo da Rocha de Sá, que móe com outra ribeira, o qual está muito ornado de edificios com uma igreja de S. Sebastião muito bem concertada. A' mão esquerda d'este engenho de S. Magestade está outro de João de Barros Cardoso, meia legua para a banda da cidade até onde este esteiro faz um braço, por onde se serve com suas barcas; o qual engenho tem grande aferida e fabrica de escravos, grandes edificios e outra muita grangearia de roças canaveaes e curraes de vaccas,

Digitized by Google

onde tambem está uma hermida de Nossa Senhora da Encarnação muito bem concertada de todo o necessario. E entre um engenho e outro está uma casa de cozer meles com muita fabrica, a qual é de Antonio Nunes Reimão. A mão direita d'este engenho de S. Magestade está outro de D. Leonor Soares, mulher que foi de Simão da Gama de Andrade, o qual móe com uma ribeira de agua com grande aferida e está bem fabricado. Este rio de Pirajá é mui farto de pescado e marisco de que se mantem a cidade e fazendas de sua visinhança, em o qual andam sempre sete ou oito barcos de pescar com redes, onde se toma muito peixe, e no inverno em tempo de tormenta pescam dentro n'elle os pescadores de jangadas dos moradores da cidade e os das fazendas duas leguas á roda, e sempre tem peixe de que se todos remedeiam.

CAPITULO XXI

Em que se declara a terra e sitio das fazendas que ha da boca de Pirajá até o rio de Matoim.

Por este rio de Pirajá abaixo, e da boca d'elle para fóra ao longo do mar da Bahia, por ella acima, vai tudo povoado de formosas fazendas e tão alegres da vista do mar, que não cansam os olhos de olhar para ellas.

E no principio está uma de Antonio de Oliveira de Carvalhal, que foi alcaide mór de Villa Velha, com uma hermida de S. Braz; e vai correndo esta ribeira do mar da Bahia com esta formosura até Nossa Senhora da Escada, que é uma formosa igreja dos padres da Companhia, que a tem muito bem concertada; onde ás vezes vão convalescer alguns padres de suas enfermidades, por ser o lugar para isso; a qual igreja está uma legua do Rio de Pirajá e duas da cidade. De Nossa Senhora da Escada, para cima se recolhe a terra para dentro até o porto de Paripe, que é d'ahi uma legua, cujo espaço se chama Praia Grande, pelo ella ser e muito formosa, ao longo da qual está tudo povoado de mui alegres fazendas, e de um engenho de assucar

Digitized by Google

que móe com bois, e está muito bem acabado, cujo senhorio se chama Francisco de Aguilar, homem principal, costelhano de nação. D'este porto de Paripe obra de quinhentas braças pela terra dentro está outro engenho de bois que foi de Vasco Rodrigues Lobato, todo cercado de canaveaes de assucar, de que se faz muitas arrobas.

Do porto do Paripe se vai a terra afeiçoando á maneira de ponta lançada ao mar, e corre assim obra de uma legua, onde está uma hermida de S. Thomé em um alto, ao pé do qual ao longo do mar estão umas pégadas assignaladas em uma lagea, que diz o gentio, que diziam seus antepassados que andára por alli havia muito tempo um santo, que fizéra aquelles signaes com os pés. Toda a terra por aqui é mui fresca, povoada de canaveaes e pomares de arvores de espinho, e outras fructas de Hespanha e da terra; d'onde se ella torna a recolher para dentro, fazendo outra praia mui formosa e povoada de mui frescas fazendas, por cima das quaes apparece a igreja de Nossa Senhora do O, freguezia da povoação de Paripe, que está junto d'ella, arruada e povoada de moradores, que é a mais antiga povoação e julgado da Bahia.

D'esta praia se torna a terra a afeiçoar á maneira de ponta para o mar, e na mais sahida a elle se chama a ponta do Toquetoque, d'onde a terra torna a recuar para traz até á boca do rio de Matoim, tudo povoado de alegres fazendas. Do porto de Paripe ao rio de Matoim são duas leguas, e de Matoim á cidade são cinco leguas.

CAPITULO XXII

Em que se declara o tamanho do rio de Matoim e os engenhos que tem.

Entra a maré pelo rio de Matoim acima quatro leguas, o qual tem da boca, de terra a terra, um tiro de berço uma da outra, e entrando por elle acima mais de uma legua vai povoado de muitas e mui

Digitized by Google

frescas fazendas, fazendo algumas voltas, esteiros e enseadas, e no cabo d'esta legua se alarga o rio muito de terra á terra; e á mão direita por um braço acima está o famoso engenho de Paripe, que foi de Affonso de Torres e agora é de Balthazar Pereira, mercador. A este engenho pagam fôro todos as fazendas que ha no porto de Paripe, a que tambem chamam do Tubarão, até a boca de Matoim, e pelo rio acima duas leguas.

E virando d'este engenho para cima sobre a mão direita, vai tudo povoado de fazendas, e em uma de Francisco Barbuda, está uma hermida de S. Bento e mais adiante, em outra fazenda de Christovão de Aguiar, está outra hermida de Nossa Senhora: e assim vai correndo esta terra até o cabo do Salgado, mui povoada de nobres fazendas, mui ornadas de aposentos, e no cabo d'este está um engenho de bois de duas moendas de Gaspar Dias Barbosa, peça de muito preço o qual tem n'elle uma igreja de Santa Catharina. Junto d'este engenho está uma ribeira em que se póde fazer um engenho d'agua mui bom, o qual se não faz por haver demanda sobre esta agua, entre partes que a pretendem.

Da outra banda d'este engenho está assentado outro que se diz de Sebastião da Ponte, que móe com uma ribeira que chamam Cotigipe, o qual engenho está muito adornado de edificios mui aperfeiçoados; e tornando por este rio abaixo, sobre a mão direita obra de meia legua, está uma ilha de Jorge de Magalhães, mui formosa por estar toda lavrada de canaveaes, e no meio d'ella em um alto tem umas nobres casas cercadas de larangeiras arruadas, e outras arvores, cousa muito para ver; e descendo uma legua abaixo do engenho de Cotigipe está uma ribeira que se chama de Aratú, em a qual Sebastião de Faria tem feito um soberbo engenho de agua, com grandes edificios de casas de purgar e de vivenda, e uma igreja de S. Jeronymo, tudo de pedra e cal, no que gastou mais de doze mil cruzados.

Meia legua d'este engenho pelo rio abaixo está uma ribeira a que chamam de Carnaibuçú, onde não está

Digitized by Google

engenho feito por haver litigio sobre esta agua. Na boca d'esta ribeira está uma ilha muito fresca, que é de Nuno Fernandes; á uma legua está um engenho de bois, de que é senhorio Jorge Antunes, o qual está mui petrechado de edificios de casas, e tem uma igreja de Nossa Senhora do Rosario.

D'este engenho até a boca do rio será uma legua pouco mais ou menos, o qual está povoado de mui grandes fazendas, cujos edificios e canaveaes estão á vista d'este rio, que é mui formoso e largo de alto até baixo.

Defronte da boca d'este rio de Matoim está a ilha de Maré, que começa a correr d'elle para cima, no comprimento d'ella, da qual fica dito atraz, o que se podia dizer.

CAPITULO XXIII

Em que se declara a feição da terra da boca de Matoim até o esteiro de Mataripe, e os engenhos que tem em si

Sahindo pela boca de Matoim fóra, virando sobre a mão direita, vai a terra fabricada com fazendas e canaveaes d'alli á meia legua onde está outro engenho de Sebastião de Faria, de duas moendas que lavram com bois, o qual tem grandes edificios assim do engenho, como de casas de purgar, de vivenda e de outras officinas e tem uma formosa igreja de Nossa Senhora da Piedade, que é freguezia d'este limite; a qual fazenda mostra tanto apparato da vista do mar, que parece uma villa.

E indo correndo a ribeira do Salgado, d'este engenho a meia legua, está tudo povoado de fazendas, e no cabo está uma que foi do Deão da Sé, com uma hermida de Nossa Senhora muito concertada, a qual está em uma ponta da terra. Defronte d'esta ponta bem chegada á terra firme está uma ilha, que se diz de Pedro Fernandes, onde elle vive com sua familia, e tem sua grangearia de canaveaes e roças com agua dentro.

Digitized by Google

Da fazenda de Deão se começa de ir armando a enseada que dizem de Jacarecanga, no meio da qual está um formoso engenho de bois de Christovão de Barros, até onde está tudo povoado de fazendas e lavrado de canaveaes; este engenho tem mui grandes edificios e uma igreja de Santo Antonio. Esta enseada está em feição de meia lua, e terá segundo a feição da terra duas leguas, em a qual está uma ribeira de agua, em que se póde fazer um engenho, o qual se deixa de fundar por se não averiguar o letigio que sobre ella ha; e toda esta enseada á roda, sobre a vista da agua, está povoada de fazendas e formosos canaveaes.

E sahindo d'esta enseada, virando sobre a ponta da mão direita, vai correndo a terra fazendo um canto em espaço de meia legua, em a qual estão dois engenhos de bois, um de Tristão Rodrigo junto da ponta da enseada, defronte da qual á ilha de Maré está um ilhéo que se chama de Pacé, d'onde tomou o nome a terra firme d'este limite. Este engenho de Tristão Rodrigo tem uma fresca hermida de Santa Anna. O outro engenho está no cabo d'esta terra, que é de Luiz Gonçalves Varejão, em o qual tem outra igreja de Nossa Senhora do Rosario, que é freguezia d'esse limite.

D'este engenho se torna a afeiçoar a terra fazendo ponta para o mar, que terá comprimento de meia legua, e no cabo d'ella se chama a ponta de Thomaz Alegre, até onde está tudo povoado de fazendas e canaveaes, em que entra uma casa de meles de Marcos da Costa. Defronte d'esta ponta está o fim da ilha de Maré, e d'aqui torna a fugir a terra para dentro, fazendo um modo de enseada em espaço de uma legua que toda está povoada de nobres fazendas e grandes canaveaes, no cabo da qual está um formoso engenho de agua de Thomaz Alegre, que tem uma hermida de Santo Antonio mui bem concertada. D'este engenho á uma legua é o cabo de um esteiro, que se diz a Petinga, até onde está tudo povoado e plantado de canaveaes mui formosos. Esta Petinga é uma ribeira assim chamada, onde se póde fazer um formoso en-

Digitized by Google

genho de agua, o que se não faz por haver contenda sobre a dita ribeira.

Por aqui se serve o engenho de Miguel Baptista, que está pela terra dentro meia legua, o qual tem mui ornados edificios, e uma hermida de Nossa Senhora mui concertada. E tornando atraz ao esteiro e porto de Petinga, torna a terra a correr para o mar obra de meia legua, onde faz uma ponta em redondo, onde está uma formosa fazenda de André Monteiro, da qual torna a terra a recuar para traz outra meia legua por um esteiro acima, que se diz de Mataripe, onde está uma casa de meles de João Adrião mercador; por este esteiro se serve a igreja, e julgado do lugar de Tayaçupina (?), que está meia legua pela terra dentro em um alto á vista do mar, povoação em que vivem muitos moradores que lavram n'este sertão algodões e mantimentos, e a igreja é da invocação de Nossa Senhora do O.

CAPITULO XXIV

Em que se declara o sitio da terra da boca do esteiro de Mataripe até á ponta de Marapé, e dos engenhos que em si tem.

D'este esteiro de Mataripe ao de Caipe será meia legua, ou menos, a qual está toda lavrada e aproveitada de muitos canaveaes que os moradores, que por esta terra vivem, têm feito. N'este esteiro de Caipe está um engenho de bois de duas moendas, peça de muita estima, o qual é de Martin Carvalho, onde tem uma hermida da Santissima Trindade mui concertada com as mais officinas necessarias.

Defronte d'este esteiro de Caipe está um ilhéo de pedra, meia legua ao mar, que se diz Itapitanga, do qual esteiro corre a terra quasi direita obra de uma legua ou mais, no cabo da qual está outro engenho de bois, fazenda muito grossa de escravos e canaveaes, com nobres edificios de casas, com uma fresca igreja de Nossa Senhora das Neves muito bem acabada; o qual engenho é

Digitized by Google

de André Fernandes Margalho, que o herdou de seu pai com muita fazenda. Ao longo d'esta terra, um tiro de berço, está estendida a ilha de Cururupeba, que é de meia legua de comprido, a qual é dos padres da Companhia, que a tem arrendada a sete ou oito moradores, que n'ella vivem.

Entre esta ilha e a dos Frades estão duas ilhetas, em cada uma das quaes está um morador, que a lavra, e são de Antonio da Costa. D'este engenho de André Fernandes para cima vai fazendo a terra uma enseada de uma legua, no cabo da qual está o esteiro de Parnamirim; e defronte d'esta enseada bem chegadas á terra firme estão tres ilhas; a primeira defronte do engenho, que é do mesmo André Fernandes, que tem perto de meia legua, onde tem alguns moradores que lavram cannas e mantimentos; e junto d'esta ilha está outra mais pequena, que é do mesmo, d'onde tira lenha para o engenho; e mais avante de Parnamirim está outra ilha, que se diz a das Fontes, que é de João Nogueira, a qual é de meia legua, onde tambem vivem sete ou oito moradores. A terra de todas estas tres ilhas é alta e muito boa. Na boca do esteiro de Parnamirim está um engenho de bois de Belchior Dias Porcalho, que tem uma hermida de Santa Catharina. Por este esteiro de Parnamirim entra a maré uma legua, no cabo da qual está outro engenho de bois de Antonio da Costa, que está muito bem acabado. Este esteiro de uma parte e da outra está todo lavrado de canaveaes, e povoado de formosas fazendas, no meio do qual está uma ilha de Vicente Monteiro, toda lavrada com uma formosa fazenda. E tornando a boca d'este esteiro, andando sobre a mão direita d'ahi á uma legua, está tudo povoado de moradores, onde tem muito boas fazendas de canaveaes e algodões, a qual terra se chama Tamarari, no meio da qual está uma igreja de Nossa Senhora, que é freguezia d'este limite, Esta terra faz no cado uma ponta; e virando d'ella sobre a mão direita vai fugindo a terra para traz, até dar em outro esteiro que chamam Marapé, onde se começam as terras de Mem de Sá, que agora são de seu genro o conde de Linhares.

Digitized by Google

CAPITULO XXV

Em que se declara o rio de Seregipe, e terra d'elle á boca do Paraguaçú.

Partindo com a terra da Tamarari começa a do engenho do conde de Linhares, a qual está muito mettida para dentro fazendo uma maneira de enseada, a que chamam Marapé, a qual vai correndo até a boca do rio de Seregipe, e terá a grandura de duas leguas, que estão povoadas de mui grossas fazendas. Entra a maré por este rio de Seregipe passante de tres leguas, onde se mette uma ribeira, que se diz Traripe, onde esteve já um engenho, que fez Antonio Dias Adorno, o qual se despovoou por lhe arrebentar um açude, que lhe custou muito a fazer; pelo que está em mortuario; mas não estará assim muito tempo, por ser a terra muito boa e para se metter n'ella muito cabedal.

Descendo por este esteiro abaixo, legua e meia sobre a mão direita, está situado o afamado engenho de Mem de Sá, que agora é do conde de Linhares seu genro, o qual está mui fabricado de casa forte e de purgar; com grande machina de escravos e outras bemfeitorias, com uma igreja de Nossa Senhora da Piedade. D'esta banda do engenho até a barra do rio, que podem ser duas leguas, não vive nenhum morador; por ser necessaria a terra para o meneio do engenho, e por ter perto da barra uma ribeira, onde se póde fazer outro engenho muito bom; mas da outra banda do rio, de cima até abaixo, está tudo povoado de muitas fazendas, com mui formosos canaveaes, entre os quaes está uma, que foi de um Gonçalo Annes que se metteu frade de S. Bento, onde os frades têm feito uma igreja do mesmo Santo com seu recolhimento, onde dizem missa aos vizinhos. Na boca d'este rio, fóra da barra d'elle, está uma ilha que chamam Cajaiba, que será de uma legua de comprido e meia de largo, onde estão assentados dez ou doze moradores, que n'ella têm bons canaveaes e roças de mantimentos, a qual é do conde de Linhares. Junto d'esta ilha está outra pequena despovoada, de muito boa terra.

Digitized by Google

E bem chegado a terra firme, no cabo do rio da banda do engenho está outra ilha, de meia legua em quadro, por entre a qual e a terra firme escassamente póde passar um barco, a qual tambem com as duas atraz são do conde de Linhares. Da boca d'este rio de Seregipe, virando ao sahir d'ella sobre a mão direita, vai fazendo a terra grandes enseadas, em espaço de quatro leguas, até onde chamam o Acúm, por ter o mesmo nome uma ribeira, que alli se vem metter no salgado, em a qual se podem fazer dois engenhos, os quaes não estão feitos por ser esta terra do engenho do conde de Linhares e não a querer vender nem aforar, pelo que vivem poucos moradores n'ella, onde o conde tem um formoso curral de vaccas. Do cabo d'esta terra do conde á boca do rio Paraguaçú, são tres ou quatro leguas, despovoadas de fazendas, por a terra ser fraca e não servir para mais que para criação de vaccas, onde estão alguns curraes d'ellas.

Esta terra foi dada a Braz Fragoso de sesmaria, e pelo rio de Paraguaçú acima quatro leguas; a qual se vendeu a Francisco de Araujo, que agora a possue com algumas fazendas que n'ella fez onde a terra é boa, que é pelo rio acima.

APITULO XXVI

E'm que se declara a grandeza do rio Paraguaçú, e os seus engenhos na terra d'El-Rei.

Este rio de Paraguaçú é mui caudaloso, e terá na boca de terra á terra um tiro de falcão, por o qual entra a maré, que sobe por elle acima seis leguas; e de uma banda e da outra até a ilha dos Francezes, que são duas leguas, é a terra alta e fraca e mal povoada, salvo de alguns curraes de vaccas. Da barra d'este rio para dentro está uma ilha de meia legua de comprido, e de quinhentas braças de largo e á partes de menos, a qual se chama de Gaspar Dias Barbosa, cuja terra é baixa e fraca. E tornando acima no cabo d'estas duas leguas está uma ilha, que chamam dos Francezes, mui alterosa,

Digitized by Google

que terá em roda seiscentas braças, onde elles em tempo atraz, chegavam com suas náos por ter fundo para isso, e estavam n'esta ilha seguros do gentio, com o qual faziam d'ella seus resgates á vontade. D'esta ilha para cima se abre uma formosa bahia, até a boca do rio da Agua Doce, que serão duas leguas; e defronte d'esta ilha dos Francezes está uma casa de meles de Antonio Peneda, E sahindo d'esta ilha para fóra, pondo a vista sobre a mão direita, faz este rio um reconcavo de tres leguas, cousa mui formosa, a que chamam Uguape; e olhando pela mão esquerda se estende perto de duas leguas, parte das quaes estão occupadas com tres ilhéos despovoados, mas cheios de arvoredo que se podem povoar, e de uma ilha de Antonio de Paiva, que está aproveitada com canaveaes, onde a terra firme se vai apertando, que ficará acima d'esta ilha o rio de terra á terra uma meia legua. Mas tornando á casa de meles de Antonio Peneda, virando d'ella para a enseada de Uguape, sobre a mão direita, d'aqui a duas leguas, é a terra fraca e não serve senão para curraes de vaccas. No meio d'este caminho está uma ilha rasa, que Antonio Dias Adorno teve já cheia de mantimentos; além da qual está outra ilha, que chamam da Ostra; d'onde se tem tirado tanta quantidade que se fizeram de ostras mais de dez mil moios de cal, e vai-se cada dia tirando tanta que faz espanto, sem se acabar. No cabo d'estas duas leguas começa a terra boa, que está povoada até o engenho de Antonio Lopes Ulhoa, de muitos canaveaes e formosas fazendas, no que haverá espaço de uma legua. Este engenho móe com grande aferida, e está mui ornado com edificios de pedra e cal, e a ribeira com que móe se chama Ubirapitanga. E indo d'este engenho para cima, sobre a mão direita ao longo do salgado, vai povoada a terra de fazendas e canaveaes, em que entra uma casa de meles de Antonio Rodrigues, e andando assim até junto do rio da Agua Doce do Paraguaçú, que podem ser duas leguas, vão dar com o notavel e bem assentado engenho de João de Brito de Almeida, que está senhoreando esta bahia com a vista, o qual engenho é de pedra e cal,

Digitized by Google

e tem grandes edificios de casas, e muito formosa igreja, de S. João, de pedra e cal; o qual engenho tem mui grande aferida, e móe com uma ribeira que vem a este sitio por uma levada de uma legua, feita toda por pedra viva ao picão com suas açudadas, com muros e botareos de pedra e cal, cousa muito forte. E antes de se chegar a este engenho, junto da terra d'elle, estão tres ilhéos de arêa pequenos cheios de mangues, onde se vai mariscar. Acima d'este engenho um tiro de berço d'elle, entra n'esta bahia, que este rio aqui faz, o rio da Agua Doçe do Paraguaçú, o qual terá na boca de terra á terra um tiro de falcão de espaço, e nevega-se por elle acima até á cachoeira, que pode ser á tres leguas, com barcos grandes; e indo por elle acima sobre a mão direita tem poucas fazendas, por ser a terra do engenho de João de Brito. E antes de chegarem á cachoeira, á vista d'elle, está outro engenho de agua mui bem acabado, o qual fez um Rodrigo Martins, mameluco, por sua conta, e de Luiz de Brito de Almeida, junto do qual vivem muitos mamelucos com suas fazendas.

CAPITULO XXVII

Em que se declara a terra do rio de Paraguaçú, tocante á capitania de D. Alvaro.

Até agora tratamos n'este capitulo atraz da grandeza do rio de Paraguaçú, no tocante á terra d'El-Rei, e d'aqui por diante convem tratar do mesmo rio, e declarar a terra da outra banda, que é da capitania de D. Alvaro da Costa, que tem da boca da barra d'este rio por elle acima dez leguas de terra, e ao longo do mar da bahia até o rio de Jagoaripe, e por elle acima outras dez leguas; de que lhe El-Rei D. João lhe fez mercê, com titulo de capitão e governador d'esta terra, de que diremos n'este capitulo.

Digitized by Google

Começando da cachoeira d'este rio de Paraguaçú para baixo, descendo sobre a mão direita, o qual rio está povoado de muitos moradores por onde faz muitos esteiros, em que se mettem outras ribeiras, sem haver ainda nenhum engenho; e sahindo pela boca fóra d'este rio á bahia que o salgado n'elle faz, e virando sobre a mão direita, obra de uma legua, ao longo das ilhas de que já dissemos, se vai dar no braço que se diz de Igaraçú: e por elle acima espaço de duas leguas vai o rio mui largo, cuja terra da parte esquerda é fraca, de campinas, e mal povoadas de fazendas, e da banda direita é a terra boa, mas muito fragosa e povoada de fazendas. No cabo d'estas duas leguas se aparta este rio em tres braços, por onde entra a maré. E no braço da mão direita está o engenho de Lopo Fernandes, obra mui forte, e de pedra e cal assim o engenho como os mais edificios, e a igreja, que é de Nossa Senhora da Graça, obra mui bem acabada, com seus canaveaes ao redor do engenho, de que faz muito assucar. Pelo braço do meio vai subindo a maré duas leguas, no cabo das quaes se mette n'elle uma formosa ribeira de agua, que se diz Igaruçú, onde se póde fazer um engenho; e de uma banda e da outra é tudo povoado de roças e canaveaes. Na ponta d'esta terra entre um esteiro e outro está uma hermida de S. João; e pelo outro esteiro que está á mão esquerda está um prospero engenhos de pedra e cal, com grandes edificio de casas de vivenda e de purgar, e uma formosa igreja. Este engenho é copioso como os mais do rio, o qual edificou Antonio Adorno, cujos herdeiros o possuem agora.

N'este rio de Paraguaçú e em todos os seus reconcavos, por onde entra o salgado, ha muito marisco de toda a sorte, especialmente ostras muito grandes, onde em uma maré vasia quatro negros carregam um barco d'ellas, e tem grandes pescarias, assim de rede como de linha, especialmente na bahia que faz abaixo; porque por uma banda tem duas leguas de comprido, e por outra duas de largo, pouco mais ou menos, e em toda a terra d'este rio ha muita caça.

Digitized by Google

CAPITULO XXVIII

Em que se declara e como corre a terra do rio de Paraguaçú ao longo do mar da Bahia, até a boca de Jaguaripe e por este rio acima.

Do cabo do rio Paraguaçú, onde se elle mette na bahia grande, vai fazendo a terra umas enseadas de arêa obra de duas leguas, que estão povoadas de curraes de vaccas e de pescadores, e no cabo d'estas duas leguas faz a terra uma ponta de arêa muito sahida ao mar da bahia, a qual corta a maré a passos; e quando é cheia, fica parte d'esta ponta em ilha e passada da outra banda tem sete ou oito ilhéos de arêa cheios de mangues; e tornando a correr a costa contra Jaguaripe, se vai armando em enseadas obra de tres leguas que estão povoadas, até em direito da ilha da Pedra, de curraes de vaccas e fazendas de gente pobre, que não plantam mais que mantimentos, de que se mantêm. Esta ilha da Pedra é de pouco mais de meia legua de comprido e tem muito menos de largura; e mais avante está outra ilha que tem mais de legua de comprido, que se diz a de Fernão Vaz. Por detraz d'esta ilha vai correndo a costa da terra firme mui chegada á ellas, a qual costa por detraz d'estas ilhas terá tres leguas de espaço até chegar ao rio de Jaguaripe, tudo terra despovoada por ser fraca de campinas, onde se mette no salgado uma ribeira, que se chama Pujuca, que servirá para um engenho, ainda que junto do porto vem a agua baixa, e será necessario fazer o engenho um pedaço pela terra a dentro, por amor da aferida. E virando da boca de Jaguaripe para cima, d'ahi á duas leguas, é a terra mui fraca, que não serve senão para vaccas e roças de mantimentos; e do cabo d'estas duas leguas até á cachoeira é a terra soffrivel e tem cinco ribeiras, que se vêm metter a este rio, em que se podem fazer cinco engenhos, os quaes não são já feitos por o capitão d'esta terra não querer dar aguas menos de a dois por cento do fôro, que no cabo de anno vem

Digitized by Google

a montar oitenta a cem arrobas de assucar, que valem a oitocentos réis cada arroba.

Este rio de Jaguaripe é tamanho como o Douro, mas mais aprazivel na frescura: navega-se até a cachoeira que está cinco leguas da barra, e duas leguas abaixo da cachoeira é agua doce, a qual o salgado com a força da maré faz recuar até á cachoeira. Junto da cachoeira, virando sobre a mão direita, para baixo está um engenho de agua de Fernão Cabral de Ataide, obra mui formosa e ornada de nobres edificios de casas de vivenda e de outras officinas, e de uma igreja de S. Bento mui bem acabada, o qual engenho está feito nas terras de El-Rei, que estão livres de todo o fôro, que costumam pôr os capitães. D'este engenho para baixo vivem alguns moradores que têm suas roças e canaveaes ao longo do rio, que o aformoseam muito, em o qual se vêm metter tres ribeiras por esta mesma banda, capazes de tres engenhos, que se n'ellas podem mui bem fazer, duas leguas abaixo de Fernão Cabral; mas a terra d'esta banda é rasa e de arêa, que não serve para mais que para lenha dos mesmos engenhos, a qual terra fica no cabo em lingua estreita defronte da ilha de Fernão Vaz, a qual ponta tem uma ilhota no cabo, onde se vem ajuntar o rio de Irajuhi com o de Jaguáripe.

CAPITULO XXIX

Em que se explica o tamanho e formosura do rio Irajuhi e seus reconcavos.

Correndo por esta ponta de entre ambos os rios acima com a mão direita ao longo da terra, da ponta duas leguas pelo rio acima, é a terra fraca que não serve senão para lenha dos engenhos; d'aqui para cima uma legua da cachoeira d'este rio, é tudo povoado de canaveaes e fazendas de moradores, até onde a agua salgada se mette por dois esteiros acima, onde se ajuntam com elle duas ribeiras de agua em as quaes estão dois engenhos, os quaes deixemos estar para dizermos pri-

Digitized by Google

meiro do rio de Irajuhi, que vai por este meio um quarto de legua para cima, povoado de canaveaes e fazendas em que entra uma casa de meles de muita fabrica de Gaspar de Freitas, além da qual junto á cachoeira está situado o engenho de Diogo Corrêa de Sande, que é uma das melhores peças da Bahia, por que está mui bem acabado, com grandes aposentos e outras officinas, e uma fresca igreja de Vera Cruz.

E tornando abaixo ao esteiro da mão direita, que se chama Caipe; indo por elle acima, está um soberbo engenho com casas de purgar e de vivenda, e muitas outras officinas, com grande e formosa igreja de S. Lourenço, onde vivem muitos visinhos em uma povoação que se diz a Graciosa. Esta terra é muito fertil e abastada de todos os mantimentos e de muitos canaveaes de assucar, a qual é de Gabriel Soares de Sousa; e d'este engenho ao de Diogo Corrêa não ha mais distancia que quatrocentas braças de caminho de carro, e para visinharem se servem os carros de um engenho ao outro por cima de duas pontes, e atravessam estes rios e ficam os engenhos á vista um do outro.

E tornando ao outro esteiro que fica da outra banda do rio Irajuhi, onde se mette a ribeira que se diz de Jacerú, com a qual móe outro engenho que agora novamente fez o mesmo Diogo Corrêa, o qual está mui bem acabado e aperfeiçoado com as officinas necessarias; todo este esteiro está povoado de fazendas de moradores com formosos canaveaes; e descendo por este rio abaixo, ao longo da terra da mão direita, andando mais de uma legua, vai a terra povoada da mesma maneira, onde este rio é como o Téjo de Villa Franca para cima.

E d'aqui até em direito da ponta que divide este rio de Jaguaripe é a terra fraca, onde ha tres esteiros que entram por ella dentro duas leguas, em os quaes se mettem ribeiras com que se podem móer engenhos; mas a terra não é capaz para dar muitos annos canas E abaixo d'este esteiro está uma ilheta que chamam do Sal, porque o gentio, quando vivia mais perto do mar, costumava-o vir fazer alli, defronte do qual está

Digitized by Google

outra ilheta no cabo da ponta de ambos os rios. D'esta ilha até a ponta da barra haverá uma legua, tudo terra de pouca substancia.

D'esta terra á ilha de Fernão Vaz é perto de uma legua, e entre esta ilha e a de Taparica e a terra firme, fica quasi em quadra uma bahia de uma legua, onde se mette a barra que se chama de Jaguaripe, de que se faz já menção.

CAPITULO XXX.

Em que se declara a terra que ha da boca da barra de Jaguaripe até Juquirijape, e d'hi até o rio de Una.

Da ponta da barra de Jaguaripe ao rio de Juquirijape são quatro leguas ao longo do mar, á feição de enseadas quasi pelo rumo de norte e sul, cuja terra é baixa e fraca com pouco mato, pelo qual atravessam das campinas quatro ribeiras de pouco cabedal, a qual terra não serve para mais que para criações de vaccas. Este rio de Jaquirijape tem a barra pequena e baixa, por onde não podem entrar mais que caravelões da costa por ter uma lagea na boca que a toma toda; da barra para dentro até a cachoeira é muito fundo, por onde podem navegar navios de cem toneis e de mais; e de uma parte á outra póde haver quatro leguas. Este rio é tão formoso como o de Guadiana, mas tem muito mais fundo; e tem indo por elle acima, de uma banda e da outra até duas leguas, a terra fraca, e pela mór parte de campinas com muitos alagadiços, terra boa para vaccas; e tem indo por elle acima mais avante dois esteiros, em os quaes se podem fazer dois engenhos.

Do esteiro mais do cabo, para a banda da cachoeira uma legua toda de vargea, e terra mui grossa para canaveaes; da outra banda é a terra mais somenos, e junto d'esta cachoeira se vem metter uma ribeira com grande aferida, onde Gabriel Soares tem começado um engenho, em o qual tem feito grandes bemfeitorias, e assentado uma aldêa de escravos com um feitor que

Digitized by Google

os manda. Na barra d'este rio tem uma roça com mantimentos, e gente com que se grangea. Este rio é muito provido de pescado, marisco e muita caça, e frutas silvestres.

Da barra de Juquirijape ao curral de Sebastião da Ponte sorão cinco leguas ao longo do mar, tudo despovoado em feição de enseada, onde se mettem tres ribeiras que nascem nas campinas d'esta terra, que não servem para mais que para creação de vaccas. Toda esta praia e costa no inverno é mui desabrigada até á barra de Jaguaripe, onde o tempo leste e lessueste é travessia, e toma aqui os caravelões da costa que se mettem por esta barra, e elles não acertam com a boca de Juquirijape para recolherem dentro, não tem outro remedio senão varar em terra, onde não ha perigo das pessoas por ser tudo arêa. Este curral de Sebastião da Ponte está em uma ponta sahida ao mar com o rosto no morro de Tinharé, da qual vai fugindo a terra para dentro, fazendo uma enseada até o rio Una, que será tres leguas todas de praia. Por este rio entra a marè mais de duas leguas, no cabo das quaes está situado o engenho de Sebastião da Ponte, que tem duas moendas de agua em uma casa que móe ambas com uma ribeira, o qual engenho è mui grande e forte, está mui bem fabricado de casas de vivenda, de purgar e outras officinas, com uma formosa igreja de S. Gens com tres capellas de abobada; e por este rio Una vivem alguns moradores que n'elle tem feito grandes fazendas de canaveaes e mantimentos.

CAPITULO XXXI.

Em que se explica a terra do Rio Una até Tinharé, e da ilha de Taparica com outras ilhas.

Da boca do Rio Una á uma legua se mette no mar outro rio, que se diz Tairiri; pelo qual entra a marè duas ou tres leguas, onde Fernão Rodrigues de Sousa fez uma populosa fazenda com um engenho mui bem acabado e aperfeiçoado, com as officinas acostumadas e

Digitized by Google

uma igreja de Nossa Senhora do Rosario muito bem concertada, onde tem muitos homens de soldo para se defenderem da praga dos *Aimorés*, que lhe fizeram já muito damno. E tornando á boca d'este rio, que está muito visinho da ilha de Tinharé, d'onde vai correndo até o morro, fazendo uma enseada de obra de tres leguas até a ponta do morro, onde se acaba o que se entende a Bahia de Todos os Santos. Esta ilha faz abrigada á esta terra até a ponta do curral, por a sua terra ser alta, a qual é fraca para canaveaes, onde vivem alguns moradores, que n'ella estão assentados da mão de Domingos Saraiva, que é senhor d'esta ilha, o qual vivia n'ella e tem ahi sua fazenda com grandes criações e uma hermida onde lhe dizem missa. Da boca d'este rio de Tairiri á esta ilha póde ser um tiro de falcão. No mar que ha entre esta ilha e a terra firme, ha grandes pescarias e muito marisco, onde por muitas vezes no inverno lança o mar fóra n'esta ilha e nas praias de defronte até o Juquirijape ambar gris muito bom.

Tornando á ilha de Taparica, de que atraz se faz menção, pela banda de Tinharé não tem porto aonde se possa desembarcar por ser cercada de baixos de pedra, aonde o mar quebra ordinariamente, a qual pela banda de dentro da bahia tem muitos portos, onde os barcos podem desembarcar com todo tempo. Tem esta ilha pela banda de dentro grandes pontas e enseadas, aonde com tormenta se recolhem as embarcações, que vem das outras partes da bahia para a cidade.

Na ponta d'essa ilha de Taparica defronte da barra de Jagoaripe está uma ilheta junto á ella, que se diz de Lopo Rebello, que está cheia de arvoredo, d'onde se tira muita madeira. E d'aqui para dentro é povoada Taparica de alguns moradores, que vivem junto ao mar, que lavram canas e mantimentos, e criam vaccas. E d'aqui até Tamarãtiba serão duas leguas da costa d'esta ilha, entre a qual e a de Tamarãtiba haverá espaço de um tiro de falcão. Esta ilha de Tamarãtiba tem uma legua de comprido, e meia de largo, cuja terra não serve para mais que para mantimentos, onde vivem seis ou sete moradores, a qual é do conde de Castanheira. Junto da Ta-

Digitized by Google

marãtiba da banda da terra firme está uma ilheta S. Gonçalo, cheia de arvoredo, muito rasa, cuja terra é fraca e de arêa, onde o mais do tempo estão differentes pescadores de rede, por haver alli muitos lanços; e diante d'ella estão tres ilhéos rasos, fazendo uma ponta ao mar contra a outra que vem da banda do Paraguaçú, e póde haver de uns aos outros uma legua; do mar contra a ponta de Taparica está outro ilhéo raso com arvoredo que não serve senão a pescadores de redes. No cabo da ilha Tamarãtiba entre ella e de Taparica estão tres ilhéos de arêa pequenos, e junto d'elles está uma ilheta, que chamam dos Porcos, que será de seiscentas braças em quadro. Mais avante junto da terra de Taparica está outra ilheta, que se diz de João Fidalgo, onde vive um morador. Avante d'esta ilheta, em uma enseada grande que Taparica faz, está um engenho de assucar que lavra com bois, o qual é de Gaspar Pacheco, por cujo porto se servem os moradores que vivem pelo sertão da ilha, onde tem uma igreja de Santa Cruz: e d'este engenho á duas leguas está a ponta de Taparica, que é mais sahida ao mar, que se chama ponta da Cruz até onde está povoada a ilha de moradores, que lavram mantimentos e algumas canas. D'esta ponta uma legua ao norte está uma ilha que se diz a do Mêdo, cuja terra é rasa e despovoada por ser de arêa e não ter agua.

Da ponta de Taparica se torna a recolher a terra fazendo rosto para cidade, a qual está toda povoada de moradores que lavram muitos mantimentos e canaveaes. E na fazenda de Fernão de Sousa está uma igreja mui bem concertada da advocação de Nossa Senhora, onde os visinhos d'esta banda têm missa aos domingos e dias santos.

E por aqui temos concluido com a redondeza da Bahia e suas ilhas, que são trinta e nove, a saber, vinte e duas ilhas e dezesete ilhéos; fóra as ilhas que ha dentro nos rios, que são dezeseis entre grandes e pequenas, que junto todas fazem a somma de cincoenta e cinco; e tem a Bahia da ponta do Padrão,

Digitized by Google

andando-a por dentro sem entrar nos rios, até chegar a ponta do Tinharé, cincoenta e tres leguas.

CAPITULO XXXII

Em que se contem quantas igrejas, engenhos e embarcações tem a Bahia.

Pois que acabamos de explicar a grandeza da Bahia e seus reconcavos, convem que lhe juntemos o seu poder, não tratando da gente, pois o fizemos atraz.

Mas comecemos nos engenhos, nomeando-os em summa ainda que particularmente se dissesse de cada um seu pouco, havendo que dizer d'elles e de sua machina muito, os quaes são moentes e correntes trinta e seis, convêm a saber: vinte e um que moem com agua e quinze que moem com bois, e quatro que se andam fazendo. Tem mais oito casas de cozer meles, de muita fabrica e mui proveitosas. Sahem da Bahia cada anno d'estes engenhos passante de cento e vinte mil arrobas de assucar, e muitas conservas. Tem a Bahia com seus reconcavos sessenta e duas igrejas, em que entra a Sé, e tres mosteiros de religiosos, das quaes são dezeseis freguezias curadas, convem a saber: nove vigararias que paga S. M. e outras sete pagam aos curas os freguezes, e a mór parte das outras igrejas tem capellães e suas confrarias como em Lisboa; e todas estas igrejas estão mui concertadas, limpas e providas de ornamentos, em as quaes nos dias dos oragos se lhe faz muita festa. Todas as vezes que cumprir ao serviço de S. Magestade, se ajuntarão na Bahia mil e quatrocentas embarcações: de quarenta e cinco para setenta palmos de quilha, cem embarcações mui fortes, em cada uma das quaes podem jogar dois falcões por prôa e dois berços por banda; e de quarenta e quatro palmos de quilha até trinta e cinco se ajuntarão oitocentas embarcações, nas quaes póde jogar pelo menos um berço por prôa; e se, cumprir ajuntarem-se as mais pequenas embarcações ajuntar-se-hão trezentos barcos de trinta e quatro palmos de

Digitized by Google

quilha para baixo, e mais de duzentas canoas, e todas estas embarcações mui bem remadas. E são tantas as embarcações na Bahia, porque se servem todas as fazendas por mar; e não ha pessôa que não tenha seu barco, ou canôa pelo menos, e não ha engenho que não tenha de quatro embarcações para cima; e ainda com ellas não são bem servidos.

CAPITULO XXXIII

Em que se começa a declarar a fertilidade da Bahia e como se n'ella dá o gado da Hespanha.

Pois se tem dado conta tão particular da grandura da Bahia de Todos os Santos e do seu poder, é bem que digamos a fertilidade d'ella um pedaço, e como produz em si as criações das aves e alimarias de Hespanha e os frutos d'ella, que n'esta terra se plantam.

Tratando em summa da fertilidade da terra, digo que acontece muitas vezes valer mais a novidade de uma fazenda que a propriedade; pelo que os homens se mantem honradamente com pouco cabedal, se se querem accommodar com a terra e remediar com os mantimentos d'ella, do que é muito abastada e provida.

As primeiras vaccas que foram á Bahia, levaram-nas de Cabo Verde e depois de Pernambuco, as quaes se dão de feição, que parem cada anno e não deixam nunca de parir por velhas; as novilhas como são de anno esperam o touro, e aos dois annos vem paridas, pelo que acontece muitas vezes mamar o bezerro na novilha e a novilha na vacca juntamente, o que se tambem vê nas eguas, cabras, ovelhas e porcas; e porque as novilhas esperam o touro de tão tenra idade, se não consentem nos curraes os touros velhos, porque são pezados e derream as novilhas, quando as tomam; as vaccas são muito gordas e dão muito leite, de que se faz muita manteiga e as mais cousas de leite que se fazem em Hespanha; e depois de velhas criam algumas no buxo umas maçãs tamanhas como uma pélla e maiores, e quando são ainda novas tem o carão

Digitized by Google

de fóra como o couro da banda do carnaz; as pelles das mais velhas são pretas e lisas que parecem vidradas no resplandor e brandura, umas e outras são muito leves e duras, e dizem que tem virtude.

As egoas foram á Bahia de Cabo Verde, das quaes se inçou a terra, de modo que custando em principio a sessenta mil réis e a mais, pelo que levavam lá muitas todos os annos e cavallos, multiplicaram de uma tal maneira, que valem agora a dez e a doze mil reis; e ha homens que têm em suas grangearias quarenta e cincoenta, as quaes parem cada anno; e esperam o cavallo poldras de um anno, como as vaccas, e algumas vezes parem duas crianças juntas. São tão formosas as egoas da Bahia, como as melhores de Hespanha, das quaes nascem formosos cavallos e grandes corredores, os quaes até a idade de cinco annos são bem acondicionados, e pela maior parte como passam d'aqui criam malicia e fazem-se mui desassocegados, mal arrendados e ciosos; assim elles como as egoas andam desferrados,mas não faltam por isso em nada por serem mui duros de cascos. Da Bahia levam os cavallos a Pernambuco por mercadoria onde valem a duzentos e a trezentos cruzados e mais.

Os jumentos se dão da mesma maneira que as egoas, mas são de casta pequena; os cavallos não querem tomar as burras por nenhum caso; mas os asnos tomam as egoas por invenção e artificio, por ellas serem grandes e elles pequenos, que lhe não podem chegar, e as egoas esperam-nos bem, pelo que ha poucas mulas mas estas que ha, ainda que são pequenas, são muito formosas, bem feitas e de muito trabalho.

As ovelhas e as cabras foram de Portugal e de Cabo Verde, as quaes se dão muito bem, umas e outras parem, tirada a primeira paridura, duas crianças, e muitas vezes tres, as quaes emprenham como são de quatro mezes, e parem cada anno pelo menos duas vezes, cuja carne é sempre muito gorda, mui sadia e saborosa; e quanto mais velha é melhor, e umas e outras dão muito e bom leite, de que se fazem queijos e manteiga.

Digitized by Google

Os cordeiros e cabritos são sempre muito gordos e saborosos; a carne dos bodes é gorda e muito dura; a dos carneiros é magra, em quanto são novos e depois de velhos não tem preço; e criam sobre o cacho uma carne como ubre de vaccas de tres dedos de grosso.

A porca pare infinidade de leitões, os quaes são muitos tenros e saborosos, e como a leitoa é de quatro mezes espera o macho, pelo que multiplicam cousa de espanto, porque ordinariamente andam prenhes, de feição que parem tres vezes por anno, se lhe não falta o macho. A carne dos porcos é muito sadia e saborosa, a qual se dá aos doentes como gallinha, e come-se todo o anno, por em nenhum tempo ser prejudicial, mais não fazem os toucinhos tão gordos como em Portugal, salvo os que se criam nas capitanias de S. Vicente e nas do Rio de Janeiro.

As gallinhas da Bahia são maiores e mais gordas que as de Portugal, e grandes poedeiras é muito saborosas; mais é de espantar, que como são de tres mezes, esperam o gallo, e os frangãos da mesma idade tomam as femeas, os quaes são feitos gallos e tão tenros, saborosos e gordos como se não viu em outra parte.

As pombas de Hespanha se dão na Bahia, mas fazem-lhe muito nôjo as cobras que lhe comem os ovos e os filhos, pelo que se não podem criar em pombaes.

Os gallipavos se criam, e tambem fazem tão formosos como em Hespanha, e davantagem, cuja carne é muito gorda e saborosa; os quaes se criam sem mais ceremonias que as gallinhas. E tambem se dão muito bem os patos e ganços de Hespanha, cuja carne é muito gorda e saborosa.

CAPITULO XXXIV

Em que se declara as arvores de Hespanha que se dão na Bahia, e como se criam n'ella

Parece razão que se ponha em capitulo particular os frutos de Hespanha e de outras partes, que se dão na Bahia de Todos os Santos.

Digitized by Google

E comecemos nas canas de assucar, cuja planta levaram á capitania dos Illéos das ilhas da Madeira e de Cabo Verde; as quaes recebeu esta terra de maneira em si, que as dá maiores e melhores que nas ilhas e parte d'onde vieram á ella, e que em nenhuma outra parte que se saiba que crie canas de assucar; porque na ilha da Madeira, Cabo Verde, S. Thomé, Trudente, Canarias, Valencia e na India não se dão as canas se se não regam os canaveaes como as hortas e se lhes não estercam as terras, e na Bahia plantam-se pelos altos e pelos baixos, sem se esterçar a terra, nem se regar; e como as canas são de seis mezes, logo acamam e é forçoso cortal-as para plantar em outra parte, porque aqui se não dão tão compridas como lanças; e na terra baixa não se faz assucar da primeira novidade que preste para nada, porque acamam as canas e estão tão viçosas que não coalha o summo d'ellas, se as não misturam com canas velhas, e como são de quinze mezes, logo fiam novidade ás canas de prantas; e as de soca como são de anno logo se cortam. Na ilha da Madeira e nas mais partes aonde se faz assucar cortam as canas de pranta de dois annos por diante e a soca de tres anno, e ainda assim, são canas mui curtas, onde a terra não dá mais que duas novidades. E na Bahia ha muitos canaveaes que ha trinta annos que dão canas; e ordinariamente as terras baixas nunca cançam e as altas dão quatro e cinco novidades e mais.

Das arvores a principal é a parreira, a qual se dá de maneira n'esta terra que nunca lhe cahe a folha, se não quando a podam que lh'a lançam fóra; e quantas vezes a podam, tantas dá fruto; e porque duram poucos annos com a fertilidade, se as podam muitas vezes no anno; é a poda ordinaria duas vezes para darem duas navidades, o que se faz em qualquer tempo do anno conforme ao tempo que cada um quer as uvas, porque em todo o anno madurecem e são muito doces e saborosas, e não amadurecem todas juntas; e ha curiosos que têm nos seus

Digitized by Google

jardins pé de parreira que tem uns braços com uvas, maduras, outros com agraços, outros com fruto em flôr e outros podados de novo; e assim em todo o anno tem uvas maduras, em uma só parreira; mais não ha n'aquella terra mais planta que de uvas ferraes e outras uvas pretas, e se não ha n'esta terra muitas vinhas é por respeito das formigas, que em uma noite que dão em uma parreira, lhe cortam a folha e fruto e o lançam no chão, pelo que não ha na Bahia tanto vinho como na ilha da Madeira, e como se dá na capitania de S. Vicente, porque não tem formiga que lhe faça nôjo, onde ha homens que colhem já a tres e quatro pipas de vinho cada anno, ao qual dão uma fervura no fogo por se lhe não azedar, o que deve de nascer das plantas.

As figueiras se dão de maneira, que no primeiro anno que as plantam vem como novidade, e d'ahi por diante, dão figos em todo o anno, ás quaes nunca cahe folha; e as que dão logo novidade e figos em todo a anno são figueiras pretas, que dão mui grandes e saborosos figos pretos, e as arvores não são muito grandes, nem duram muito tempo, porque como são de cinco, seis annos, logo se enchem de carrapatos que as comem, e lhe faz cahir a folha e ensoar o fruto, os quaes figos pretos não criam bicho como os de Portugal, Tambem ha outras figueiras pretas que dão figos bebaras mui saborosos, as quaes são maiores arvores e duram perfeitas mais annos que as outras, mas não dão a novidade tão depressa como ella.

As romeiras se plantam de quaesquer raminhos, os quaes pegam e logo dão fruto aos dois annos; as arvores não são nunca grandes, mas dão romãs em todo o anno, e não lhes cahe nunca a folha de todo; o fruto d'ellas é maravilhoso no gosto e de bom tamanho, mas não dão muitas romãs por pecarem muito e cahirem no chão estando em flôr, com as quaes arvores tem as formigas grande guerra, e não se defendem d'ellas senão com testos de agua ao pé que fica no meio; e se se atravessa uma palha por cima, por ella lhe dão logo tal assalto que lhe lan-

Digitized by Google

çam a folha toda no chão; pelo que se sustentam com trabalho estas arvores e as parreiras, que á figueira não faz a formiga nôjo.

As larangeiras se plantam de pevide, e faz-lhe a terra tal companhia, que em tres annos se fazem arvores mais altas que um homem, e n'este terceiro anno dão fruto, o qual é o mais formoso e grande que ha no mundo; e as laranjas doces tem mui suave sabor, e é o seu doce mui doce, e a camisa branca com que se vestem os gomos é tambem muito doce. As laranjeiras se fazem muito grandes e formosas, e tomam muita flôr de que se faz agua muito fina e de mais suave cheiro que a de Portugal; e, como as laranjeiras doces são velhas, dão as laranjas com uma ponta de azedo muito galante, ás quaes arvores as formigas em algumas partes fazem nojo, mas com pouco trabalho se defendem d'ellas. Tomam estas arvores a flôr em Agosto, em que se começa n'aquellas partes a primavera.

As limeiras se dão da mesma maneira, onde ha poucas que dem fruto azedo, por se não usar delle na terra. As limas doces são muito grandes, formosas e muito saborosas, as quaes fazem muita vantagem ás de Portugal assim no grandor, como no sabor. As arvores das limas são tamanhas como as laranjeiras, a quem a formiga faz o mesmo damno, se lhe póde chegar, e plantam-se de pevide tambem.

As cidreiras se plantam de estaca mas de pevide se dão melhor; porque dão fruto ao segundo anno; e as cidras são grandissimas e saborosas, as quaes fazem muita vantagem ás de Portugal, assim no grandor, como no sabor; e faz-se d'ellas muita conserva. Algumas tem o amago doce, outras azedo, e em todo o anno as cidreiras estão de vez para dar fruto, porque tem cidras maduras, verdes, outras pequenas e muita flôr; a quem as formigas não fazem nôjo, porque tem o pé da folha muito duro.

Dão-se na Bahia limões francezes tamanhos, como cidras de Portugal, e são mui saborosos; e outros limões de perdiz e os gallegos; uns e outros se plan-

Digitized by Google

tam de pevide, e todos aos dous annos vêm com novidade, os quaes muito depressa se fazem arvores mui formosas e tomam muito fruto, o qual dão em todo o anno, como está dito das cidreiras; e alguns d'estes limoeiros se fazem muito grandes, especialmente os galegos.

Tambem se dão na Bahia outras arvores de espinho que chamam azambôas, de que não ha muitas na terra, por se não aproveitarem n'ella d'este fruto.

As palmeiras que dão os cocos, se dão na Bahia melhor que na India, porque, mettido um coco debaixo da terra, a palmeira que d'elle nasce dá coco em cinco e seis annos, e na India não dão estas palmas fruto em vinte annos. Foram os primeiros cocos á Bahia de Cabo Verde, d'onde se encheu a terra, e houvera infinidade d'elles se não se seccaram, como são de oito e dez annos para cima; dizem que lhes nasce um bicho no olho que os faz seccar. Os cocos são maiores e melhores que os das outras partes, mas não ha quem lhes saiba matar este bicho, e aproveitar-se do muito proveito que na India se faz dos palmares, pelo que não se faz n'esta terra conta d'estas arvores.

Tamareiras se dão na Bahia muito formosas, que dão tamaras mui perfeitas; as primeiras nasceram dos caroços que foram do Reino e depois de semeadas e nascidas, d'ahi a oito annos, deram fruto e dos caroços d'este fruto ha outras arvores que dão já, mas não faz ninguem conta d'ellas; e póde-se contar por estranheza esta brevidade; porque se tem que quem semeia estas tamaras, elle nem seus filhos lhe comem o fruto senão seus netos. Estas tamareiras não dão fruto se não houver macho entre ellas, e a arvore que é macho não dá fruto e é mui ramalhuda do meio para cima, e as folhas são de côr verde escuro; as femeas têm uma copa em cima, e a côr dos ramos é de um verde claro.

CAPITULO XXXV.

Em que se conta de outros frutos estrangeiros que se dão na Bahia.

Da ilha de S. Thomé levaram á Bahia gengibre, e começou-se de plantar obra de meia arroba d'elle, repartindo por muitas pessoas, o qual se deu na terra de maneira que d'ahi a quatro annos se colheram mais de quatro mil arrobas, a qual é com muita vantagem do que vem da India,

Digitized by Google

em grandeza e fineza; porque se colheu d'elle penca que pesava dez e doze arrateis, mas não o sabiam curar bem, como o da India, porque ficava denegrido. do qual se fazia muita e boa conserva, do que se não usa já na terra por El-Rei defender que o não tirem para fóra. Como se isto soubé o deixaram os homens pelos campos, sem o quererem recolher, e por não terem nenhuma sahida para fóra apodreceram na terra muitas logeas cheias d'elle.

Arroz se dá na Bahia melhor que em outra nenhuma parte sabida, porque o semeam em brejos e em terra enxuta; como fôr terra baixa é sem duvida que o anno dê novidade; de cada alqueire de semeadura se recolhe de quarenta para sessenta alqueires, o qual é tão grado e formoso como o de Valencia: e a terra em que se semea se a tornam a limpar dá outra novidade, sem lhe lançarem semente nova, senão a que lhe cahiu ao colher da novidade. Levaram a semente do arroz ao Brazil de Cabo Verde, cuja palha se a comem os cavallos lhe faz muito mormo, e, se comem muito d'ella, morrem d'isso.

Da ilha de Cabo Verde e da de S. Thomé foram á Bahia inhames que se plantaram na terra logo, onde se deram de maneira que pasmam os negros de Guiné, que são os que usam mais d'elle; e colhem inhames que não póde um negro fazer mais que tomar um ás costas: o gentio da terra não usa d'elles, porque os seus, a que chamam carazes, são mais saborosos, de quem diremos em seu logar.

CAPITULO XXXVI.

Em que se diz as sementes de Hespanha que se dão na Bahia, e o como se procede com ellas.

Não é razão que deixemos de tratar das sementes de Hespanha que se dão na Bahia, e de como frutificaram. E peguemos logo dos melões que se dão em algumas partes muito bem, e são mui arrazoados, mas não chegam todos a maduros, porque lhes corta um bicho o pé, cujas pevides tornam a nascer se as semeam.

Pepinos se dão melhor que nas hortas de Lisboa, e duram quatro e cinco mezes os pepineiros, e dão novidade que é infinita, sem serem regados, nem estercados

Aboboras das de conservas se dão mais e maiores que nas hortas de Alvalade, das quaes se faz muita conserva e as

Digitized by Google

abobreiras duram todo um anno, sem se seccarem, dando sempre novidade mui perfeitas.

Melancias se dão maiores e melhores que onde se podem dar bem em Hespanha, das quaes se fazem latadas que duram todo o verão verdes, dando sempre novidade; e faz-se d'ellas conserva mui substancial.

Aboboras de quaresma, a que se chamam de Guiné, se dão na Bahia façanhosas de grandes, muitas e mui gostosas; cujas pevides e das outras aboboras, melancias e pepinos, se tornam a semear, e nada se rega.

Mostarda se semea ao redor das casas das fazendas uma só vez, da qual ordinariamente nascem mostardeiras, e colhe-se cada anno muita e boa mostarda.

Nabos e rabãos se dão melhores que entre Douro e Minho; os rabãos queimam muito, e dão alguns tão grossos como a perna de um homem, mas uns nem outros não dão semente senão fallida e pouca e que não torna a servir.

As couves tronchudas e murcianas se dão tão boas como em Alvalade, mas não dão sementes: como as colhem cortam-nas pelo pé, onde lhes arrebentam muitos filhos, que como são do tamanho da couvinha, as tiram e plantam como convinham, as quaes pegam todas sem seccar uma, e criam-se d'elles melhores couves que da couvinha, com o que se escusa semente de couve.

Alfaces se dão a maravilha de grandes e doces, as quaes espigam e dão semente muito boa.

Coentros se dão tamanhos que cobrem um homem, os quaes espigam e dão muita semente.

Endros se dão tão altos que parecem funcho, e onde os semeam uma vez, ainda que seccam, outros tornam a nascer, se lhe alimpam a terra, ainda que lh'a não cavem.

Funcho se dá com vara tamanha, que parece uma cana de roca muito grossa, e dá muita semente como os endros, e não ha quem os desince da terra onde se semeam uma vez.

A salsa se dá muito formosa, e se no verão tem conta com ella, deitando-lhe uma pouca de agua, nunca se secca, mas não dá semente, nem espiga.

A hortelã tem na Bahia por praga nas hortas, porque onde a plantam lavra toda a terra e arrebenta por entre a outra hortaliça.

A semente de cebolinho nasce mui bem, e d'elles se dão muito boas cebolas, as quaes espigam, mas não secca aquella maçaroca em que criam a semente, a qual está em flôr e

Digitized by Google

com o pezo que tem, faz vergar o grelo até dar com esta maçaroca no chão, cujas flores se não seccam, mas quantas são tantas pegam no chão, e nasce de cada uma um cebolinho, a cujo pé chegam uma pequena de terra, e cortam o grelo da cebola, para que não abale o cebolinho, o qual se cria assim e cresce até ter disposição para se transpôr.

Alhos não dão cabeça na Bahia, por mais que os deixem estar na terra, mas na capitania de S. Vicente se faz cada dente que plantam tamanho como uma cebola em uma só peça, e corta-se em talhadas para se pizarem.

Bringelas se dão na Bahia maiores e melhores que em nenhuma parte, as quaes fazem grandes arvores, e torna a nascer a sua semente muito bem.

Tanchagem se semea uma só vez, a qual dá muita semente que se espalha pela terra que se toda inça d'ella.

Poejos se dão muito e bem aonde quer que os plantam, lavram a terra toda como a hortelã, mas não espigam nem florescem.

Agriões nascem pelas ruas onde acertou de cahir alguma semente, e pelos quintaes quando chove, a qual semente vai ás vezes misturada com a da hortaliça,e fazem-se muito formosos, e dão tanta semente que não ha quem os desince, e tambem os ha naturaes da terra pelas ribeiras sombrias.

Mangericão se dá muito bem de semente, mas não se usa d'ella na terra, porque com um só pé se enche todo um jardim, dispondo raminhos sem raiz e por pequenos que sejam, todos prendem, sem seccar nenhum como se tivessem raizes, a qual se faz mais alto e forte que em Portugal, e dura todo o anno não o deixando espigar, e espiga com muita semente se lh'a querem apanhar, o que se não usa.

Alfavaca se planta da mesma maneira, a qual se dá pelos matos tão alta que cobre um homem, a quem a formiga não faz damno como ao mangericão.

Beldros nem beldroegas se não semeam, porque nascem infinidade de uns e de outros, sem os semearem, nas hortas e quintaes e em qualquer terra que está limpa de mato; são naturaes da mesma terra.

As chicorias e os maturços se dão muito bem e dão muita semente e boa para tornar a semear.

As senouras, selgas, espinafres se dão muito bem, mas não espigam, nem dão semente; nem os cardos: vai muita semente de Portugal, de que os moradores aproveitam.

Digitized by Google

CAPITULO XXXVII.

Em que se declara que cousa é a mandioca.

Até agora se disse da fertilidade da terra da Bahia tocante ás arvores de fruto de Hespanha, e ás outras sementes, que se n'ella dão. E já que se sabe como n'esta provincia fructificam as alheias, saibamos dos seus mantimentos naturaes: e peguemos primeiro da mandioca, que é o principal mantimento e de mais substancia, a que em Portugal chamam farinha de páu.

Mandioca é uma raiz da feição dos inhames e batatas, e tem a grandura conforme a bondade da terra, e a criação que tem. Ha casta de mandioca, cuja rama é delgada e da côr como ramos de sabugueiro, e fôfos por dentro; a folha é de feição e da brandura da da parra, mas tem a côr do verde mais escura, os pés d'estas folhas são compridos e vermelhos, como os das mesmas folhas das parreiras. Planta-se a mandioca em covas redondas como melões muito bem cavadas, e em cada cova se metem tres quatro páusinhos da rama, de palmo cada um, e não entram pela terra mais que dous dedos, os quaes páus quebram á mão, ou os cortam com faca ao tempo que os plantam, porque em fresco deitam leite pelo córte, donde nascem e se geram as raizes; e fazem-se estas plantadas mui ordenadas seis palmos de uma cova a outra. Arrebenta a rama d'esta mandioca dos nós d'estes páusinhos aos tres dias até os oito, segundo a fresquidão do tempo, os quaes ramos são muito tenros e muito cheios de nós, que se fazem ao pé de cada folha, por onde quebram muito; quando a planta rebenta é por estes nós, e quando os olhos nascem d'elles são como de parreira. A grandura da raiz e da rama da mandioca é conforme a terra em que a plantam, e a criação que tem: mas ordinariamente é a rama mais alta que um homem, e a partes cobre um homem a cavallo; mas ha uma casta, que de sua natureza dá pequenos ramos, a qual plantam em lugares sujeitos aos tempos tormentosos, porque a não arranque e quebre o vento. Ha casta de mandioca, que se a deixam criar, dá raizes de cinco seis palmos de comprido, e tão grossos como a perna de um homem: querem-se as roças da mandioca limpas de herva, até que tenha disposição para criar boa raiz.

Ha uma casta de mandioca, que se diz manipocamirim, e outra que chamam manaibussú, que se quer comesta de

Digitized by Google

anno e meio por diante; e ha outras castas, que chamam taiaçu e manaibarú, que se querem comestas de um anno por diante, e duram estas raizes debaixo da terra sem apodrecerem tres, quatro annos.

Ha outras castas, que se dizem manaitinga e parati, que se começam a comer de oito mezes por diante, e se passa de anno apodrécem muito; esta mandioca manaitinga e parati se quer plantada em terras fracas e de arêa.

Planta-se a mandioca em todo o anno não sendo no inverno, e quer mais tempo secco que invernoso; se o inverno é grande apodrece a raiz da mandioca nos lugares baixos. Lança a rama da mandioca na entrada do verão, umas flores brancas como de jasmins, que não tem nenhum cheiro, e por onde quer que quebram a folha lança leite, a qual folha o gentio come cozida em tempo de necessidade, com pimenta da terra. A formiga faz muito damno á mandioca, e se lhe come a folha, mais de uma vez, fa-la seccar; a qual como é comesta d'ella nunca dá boa raiz, e para se deffenderem as roças d'esta praga da formiga, buscam-lhe os formigueiros donde as arrançam com enchadas e as queimam; outros costumam ás tardes, antes que se recolham, pizarem a terra dos olhos dos formigueiros com picões muito bem, para que de noite, em que ellas dão os seus assaltos, se detenham em tornar a furar a terra para sahirem fóra, e lançam-lhe de redor folhas de arvores, que ellas comem, e das da mandioca velha, com o que, quando sahem acima se embaraçam até pela manhãa, que se recolhem aos formigueiros; e se as formigas vem de fóra das roças a comer a ellas, lançam-lhes d'esta folha no caminho, antes que entrem na roça, o qual caminho fazem muito limpo, por onde vão e vem a vontade, e cortam-lhe a herva com o dente, e desviam-na do caminho. N'este trabalho andam os lavradores até que a mandioca é de seis mezes, que cobre bem a terra com a rama, que então não lhe faz a formiga nojo, porque acha sempre pelo chão as folhas, que cahem de cima, com o que se contentam, e nas terras novas não ha formiga que faça nojo a nada.

CAPITULO XXXVIII.

Que trata das raizes da mandioca e do para que servem.

As raizes da mandioca comem-nas as vaccas, egoas, ovelhas, cabras, porcos e a caça do mato, e todos engordam

Digitized by Google

com ellas comendo-as cruas, e se as comem os Indios, ainda que sejam assadas, morrem d'isso por serem muito peçonhentas; e para se aproveitarem os Indios e mais gente d'estas raizes depois de arrancadas, rapam-nas muito bem até ficarem alvissimas, o que fazem com cascas de ostras, e depois de lavadas, ralam-nas em uma pedra ou ralo que para isso tem, e depois de bem raladas, espremem esta massa em um engenho de palma, a qué chamam tapitim, que lhe faz lançar a agua que tem toda fóra, e fica esta massa toda muito enxuta, da qual se faz a farinha que se come, que cozem em um alguidar para isso feito, em o qual deitam esta massa e a enxugam sobre o fogo, onde uma india a meche com um meio cabaço, como quem faz confeitos, até que fica enxuta e sem nenhuma humidade, e fica como cuscuz; mas mais branca, e d'esta maneira se come, é muito doce e saborosa. Fazem mais d'esta massa, depois de espremida, umas filhós, a que chamam beijús, estendendo-a no alguidar sobre o fogo, de maneira que ficam tão delgadas como filhós mourisças, que se fazem de massa de trigo, mas ficam tão iguaes como obreas, as quaes se cozem n'este alguidar até que ficam muito seccas e torradas.

D'estes beijús são mui saborosos, sadios e de boa digestão, que é o mantimento que se usa entre gente de primor, o que foi inventado pelas mulheres portuguezas, que o gentio não usava d'elles. Fazem mais d'esta mesma massa tapiocas, as quaes são grossas como filhós de polme e moles, e fazem-se no mesmo alguidar como os beijús, mas não são de tão boa digestão, nem tão sadios; e querem-se comidas quentes, com leite tem muita graça; e com assucar clarificado tambem.

CAPITULO XXXIX.

Em que se declara quão terrivel peçonha é a da agua da mandioca.

Antes de passarmos avante, convém que declaremos a natural estranheza da agua da mandioca que ella de si deita quando a espremem depois de ralada, porque é a mais terrivel peçonha que ha nas partes do Brasil, e quem quer que a bebe não escapa por mais contrapeçonha que lhe dem; a qual é de qualidade que as gallinhas em lhe tocando com o bico, e levando uma só gota para baixo, cahem todas da outra banda mortas, e o mesmo acontece aos patos, perús,

Digitized by Google

papagaios e a todas as aves ; pois os porcos, cabras, ovelhas, em bebendo o primeiro bocado dão tres e quatro voltas em redondo e cahem mortas ; cuja carne se faz logo negra e nojenta ; e o mesmo acontece a todo o genero de alimaria que a bebe; e por esta razão se espreme esta mandioca por curtir em covas cobertas, e em outras partes, aonde não faça nojo ás criações, e se estas alimarias comem a mesma mandioca por espremer, engordam com ella e não lhes faz damno. Tem esta agua tal qualidade que se metem n'ella uma espada ou coçolete, espingarda ou outra qualquer cousa cheia de ferrugem, lha come em vinte e quatro horas, de maneira que ficam limpas como quando sahem da mó, do que se aproveitam algumas pessoas para limparem algumas peças de armas da ferrugem que na mó se não pódem alimpar sem entrar pelo são. Nos lugares onde se esta mandioca espreme, se criam da agua d'ella uns bichos brancos como vermes grandes que são peçonhentissimos, com os quaes muitas indias mataram seus maridos e senhores, e matam a quem querem, do que tambem se aproveitavam, segundo dizem, algumas mulheres brancas contra seus maridos ; e basta lançar-se um d'estes bichos no comer para uma pessoa não escapar, sem lhe aproveitar alguma contrapeçonha, porque não mata com tanta presteza como a agua de que se criam, e não se sente este mal senão quando não tem remedio nenhum.

CAPITULO XL.

Que trata da farinha que se faz da mandioca.

O mantimento de mais estima e proveito que se faz da mandioca é a farinha fresca, a qual se faz d'estas raizes, que se lançam primeiro a curtir, de que se aproveita o gentio ; e os Portuguezes, que não fazem a farinha da mandioca crua, de que atraz temos dito, senão por necessidade.

Costumam as indias lançar cada dia d'estas raizes na agua corrente ou na encharcada, quando não tem perto a corrente, onde está a curtir até que lança a casca de si ; e como está d'esta maneira, está curtida ; da qual traz para casa outra tanta como lança na agua para curtir, as quaes raizes escascadas ficam muito alvas e brandas sem nenhuma peçonha, que toda se gastou na agua, as quaes se comem assadas e são muito boas.

E para se fazer a farinha d'estas raizes se lavam primeiro

Digitized by Google

muito bem, e depois desfeitas á mão, se espremem no tapeti, cuja agua não faz mal; depois de bem espremidas desmancham esta massa sobre uma urupema, que é como joeira, por onde se côa o melhor, e ficam os caroços em cima, e o pó que se coou lançam-no em um alguidar que está sobre o fogo, aonde se enxuga e coze da maneira que fica dito, e fica como cuscuz, a qual em quente e em fria é muito boa e assim no sabor, como em ser sadia e de boa digestão. Os indios usam d'estas raizes tão curtidas que ficam denegridas e a farinha azeda. Os Portuguezes não a querem curtida mais que até dar a casca, á qual mandam misturar algumas raizes de mandioca crua, com o que fica a farinha mais alva e doce; e d'esta maneira se aproveitam da mandioca, a qual farinha fresca dura sem se damnar cinco a seis dias, mas faz-se secca; e quem é bem servido em sua casa, come-a sempre fresca e quente.

Estas raizes da mandioca curtida tem grande virtude para curar postemas, as quaes se pizam muito bem sem se espremerem; e feito da massa um emplasto, posto sobre a postema a mollefica de maneira que a faz arrebentar por si, se a não querem furar.

CAPITULO XLI.

Que trata do muito para que prestam as raizes da carimá.

Muito é para notar que de uma mesma cousa sáia peçonha e contrapeçonha, como da mandioca, cuja agua é cruelissima peçonha, e a mesma raiz secca é contrapeçonha, a qual se chama carimá que se faz d'esta maneira. Depois que as raizes da mandioca estão curtidas na agua, se põe a enxugar sobre o fogo em cima de umas varas, alevantadas tres e quatro palmos do chão, e como estão bem seccas, ficam muito duras, as quaes raizes servem para mil cousas, e tem outras tantas virtudes: a principal serve de contrapeçonha para os mordidos das cobras, e que comem bichos peçonhentos, e para os que comem a mesma mandioca por curtir assada, cuidando que são outras raizes, que chamam aipis, bons de comer, que se parecem com ella; a qual carimá se dá d'esta feição: tomam estas raizes seccas, e rapam-lhe o defumado da parte de fóra e ficam alvissimas e pisam-nas muito bem, e depois peneiram-as e fica o pó d'ellas tão delgado e mimoso como de farinha muito boa;

Digitized by Google

e tomada uma pouca d'esta farinha e delida em agua fria, que fique como amendoada, e dada a beber ao tocado da peçonha, faz-lhe arreveçar quanto tem no bucho, com o que a peçonha que tem no corpo não vai por diante. E tambem serve esta carimá para os meninos que tem lombrigas, aos quaes se dá a beber desfeita na agua, como fica dito, e mata-lhes as lombrigas todas; e uma cousa e outra está muito experimentada, assim pelos Indios, como pelos Portuguezes.

Da mesma farinha da carimá se faz uma massa que posta sobre feridas velhas que tem carne podre lh'a come toda, até que deixa a ferida limpa; e como os Indios estão doentes, a sua dieta é fazerem d'este pó da carimá uns caldinhos no fogo (como os de poejos) que bebem, com que se acham mui bem por ser muito leve, e o mesmo usam os brancos no matto lançando-lhe mel ou assucar, com o que se acham bem; e outras muitas cousas de comer se fazem d'esta carimá que se apontam no capitulo que se segue.

CAPITULO XLII.

Em que se declara que cousa é farinha de guerra, e como se faz da carimá, e outras cousas.

Farinha de guerra se diz, porque o gentio do Brazil costuma chamar-lhe assim pela sua lingua; porque quando determinam de a ir fazer a seus contrarios algumas jornadas fóra de sua casa, se provê d'esta farinha, que levam ás costas ensacada em uns fardos de folhas, que para isso fazem, da feição de uns de couro, em que da India trazem especiaria e arroz; mas são muito mais pequenos, onde levam esta farinha muito calcada e enfolhada, de maneira que ainda que lhe caia em um rio e que lhe chova em cima, não se molha. Para se fazer esta farinha se faz prestes muita somma de carimá, a qual depois de rapada a pisam em um pilão, que para isso tem, e como é bem pisada a peneiram muito bem, como no capitulo antes fica dito. E como tem esta carimá prestes, tomam as raizes da mandioca por curtir, e ralam como convém uma somma d'ellas, e depois de espremidas como se faz á primeira farinha que dissemos atraz, lançam uma pouca d'esta massa em um alguidar, que está sobre o fogo, e por cima d'ella uma pouca de farinha da carimá, e embrulhada uma com outra a vão mechendo sobre o fogo, e assim como se vai cozendo

Digitized by Google

lhe vão lançando do pó da carimá, e trazem-na sobre o fogo, até que fica muito enxuta e torrada, que a tiram fóra.

D'esta farinha de guerra usam os Portuguezes que não tem roças, e os que estão fóra d'ellas na cidade, com que sustentam seus creados e escravos, e nos engenhos se provêm d'ella para sustentarem a gente em tempo de necessidade, e os navios, que vem do Brazil para estes reinos, não tem outro remedio de matalotagem, para se sustentar a gente até Portugal, senão o da farinha de guerra; e um alqueire d'ella da medida da Bahia, que tem dous de Portugal, se dá de regra a cada homem para um mez, a qual farinha de guerra é muito sadia e desenfastiada, e molhada no caldo da carne ou do peixe fica branda e tão saborosa como cuscuz. Tambem costumam levar para o mar matalotagem de beijús grossos muito torrados, que dura um anno, e mais sem se danarem como a farinha de guerra. D'esta carimá e pó d'ella bem peneirado fazem os Portuguezes muito bom pão, e bolos amassados com leite e gemmas de ovos, e d'esta mesma massa fazem mil invenções de beilhós, mais saborosos que de farinha de trigo, com os mesmos materiaes, e pelas festas fazem as frutas doces com a massa d'esta carimá, em lugar da farinha de trigo, e se a que vai á Bahia do reino não é muito alva e fresca, querem as mulheres antes a farinha de carimá, que é alvissima e lavra-se melhor, com a qual fazem tudo muito primo.

CAPITULO XLIII.

Em que se declara a qualidade dos aipins.

Dá-se n'esta terra outra casta de mandioca, a que o gentio chama aipins, cujas raizes são da feição da mesma mandioca, a rama e a folha são da mesma maneira, sem haver nenhuma differença, e planta-se de mistura com a mesma mandioca, e para se recolherem estas raizes as conhecem os indios pela côr dos ramos, no que atinam poucos Portuguezes. E estas raizes dos aipins são alvissimas; como estão cruas sabem ás castanhas cruas d'Hespanha; assadas são muito doces, e tem o sabor das mesmas castanhas assadas, e d'avantagem, as quaes se comem tambem cozidas, e são muito saborosas; e de uma maneira e da outra são ventosas como as castanhas. D'estes aipins se aproveitam nas povoações novas, porque como são de cinco mezes se começam a

Digitized by Google

comer assados, e como passam de seis mezes, fazem-se duros, e não se assam bem ; mas servem então para beijús e para farinha fresca, que é mais doce que a da mandioca, as quaes raizes duram pouco debaixo da terra, e como passam de oito mezes apodrecem muito.

D'estes aipins ha sete ou oito castas; mas os que mais se estimam, por serem mais saborosos, são uns que chamam gerumús. Os indios se valem dos aipins para nas suas festas fazerem d'elles cozidos seus vinhos, para o que os plantam mais que para os comerem assados, como fazem os Portuguezes.

E porque tudo é mandioca, concluamos que o mantimento d'ella é o melhor que se sabe, tirado o do bom trigo, porque pão de trigo do mar, de milho, de centeio, de cevada. não presta a par da mandioca, arroz, inhames e cocos.

Milho de Guiné se dá na Bahia, como ao diante se verá: mas não se tem lá por mantimento, e ainda digo que a mandioca é mais sadia e proveitosa que o bom trigo, por ser de melhor digestão. E por se averiguar por tal, os governadores Thomé de Souza, D. Duarte e Mem de Sá não comiam no Brazil pão de trigo, por se não acharem bem com elle, e assim o fazem outras muitas pessoas.

CAPITULO XLIV.

Em que se apontam alguns mantimentos de raizes que se criam debaixo da terra na Bahia.

Como fica dito da mandioca o que em breve se póde dizer d'ella, convém que declaremos d'aqui por diante outros mantimentos que se dão na Bahia debaixo da terra.

E peguemos logo nas batatas, que são naturaes da terra e se dão n'ella, de maneira que onde se plantam uma vez nunca mais se desinçam, asquaes tornam a nascer das pontas das raizes, que ficaram na terra, quando se colheu a novidade d'ellas. As batatas não se plantam da rama como nas Ilhas, mas de talhadas das mesmas raizes, e em cada enxadada, que dão na terra, sem ser mais cavada, mettem uma talhada de batata ; as quaes se plantam em Abril, e começam a colher a novidade em Agosto, donde tem que tirar até todo o Março, porque colhem umas batatas grandes e ficam outras pequenas, que se vão creando em quinze e vinte dias.

Ha umas batatas grandes, e brancas e compridas como as

Digitized by Google

das Ilhas; ha outras pequenas e redondas como tubaras da terra, e mui saborosas ; ha outras batatas que são roxas ao longo da casca e brancas por dentro; ha outras que são todas encarnadas e mui gostosas; ha outras que são côr azul anilada muito fina, as quaes tingem as mãos; ha outras verdoengas muito doces e saborosas: e ha outra casta, de côr almecegada, mui saborosas ; e outras todas amarellas, de côr muito tostada, as quaes são todas humidas e ventosas, de que se não faz muita conta entre gente de primor, senão entre lavradores.

Dão-se na Bahia outras raizes maiores que batatas, a que os indios chamam carazes, que se plantam da mesma maneira que as batatas, e como nascem, poem-lhe ao pé uns páos, por onde atrepam os ramos que lançam, como herva. Estes carazes se plantam em Março e colhem-se em Agosto, os quaes se comem cozidos e assados, como os inhames, mas tem melhor sabor : os mais d'elles são brancos, outros roxos, outros brancos por dentro e roxos por fóra junto á casca, que são os melhores, e de mór sabor ; outros são todos negros como pós; e uns e outros se curam no fumo, e duram de um anno para outro. Da massa d'estes carazes fazem as Portuguezas muitos manjares com assucar, e cozidos com carne tem muita graça.

Dão-se n'esta terra outras raizes tamanhas como nozes e avellãs, que se chamam mangarazes ; e quando se colhem arrancam-nos debaixo da terra em touças como junça, e tira-se de cada pé duzentos e trezentos juntos ; e o que está no meio é como um ovo, e como um punho, que é a planta donde nasceram os outros ; o qual se guarda para se tornar a plantar : e quando o plantam se faz em talhadas, como as batatas e carazes ; mas plantam-se tão juntos e pela ordem com que se dispõe a couvinha, e não se cava a terra toda, mas limpa do mato a cada enchadada mettem uma talhada. As folhas d'estes mangarazes nascem em moutas como os espinafres, e são da mesma côr e feição, mas muito maiores, e assim molles como as dos espinafres, as quaes se chamam taiaobas, que se comem esperregadas como elles ; e são mui medicinaes, e tambem servem cozidas com o peixe. As raizes d'estes mangarazes se comem cozidas com agua e sal, e dão a casca como tremoços, e molhados em azeite e vinagre, são mui gostosos ; com assucar fazem as mulheres d'elles mil manjares ; e colhem-se duas novidades no anno ; os que se plantam em Março se colhem em Agosto; e os que se plantam em Setembro se colhem em Janeiro.

Digitized by Google

Dão-se n'esta terra outras raizes, que se chamam taiázes, que se plantam como os mangarazes, e são de feição de maçarocas, mas cintadas com uns perfilos com barbas, como raizes de cannas de roça, as quaes se comem cozidas na agua, mas sempre ficam tezas. As folhas são grandes, de feição e côr das dos platanos que se acham nos jardins de Hespanha, aos quaes chamam taiaobuçú ; comem-se estas folhas cozidas com peixe em lugar dos espinafres, e com favas verdes em lugar das alfaces, e tem mui avantajado sabor: os indios as comem cozidas na agua e sal, e com muita somma de pimenta.

CAPITULO XLV.

Em que se contém o milho que se dá na Bahia, e para o que serve.

Dá-se outro mantimento, em todo o Brazil, natural da mesma terra, a que os indios chamam ubatim, que é o milho de Guiné, que em Portugal chamam zaburro. As espigas, que este milho dá, são de mais de palmo ; cuja arvore é mais alta que um homem, e da grossura das cannas da roça, com nós e vãs por dentro ; e dá tres, quatro, e mais espigas d'estas em cada vara. Este milho se planta por entre a mandioca e por entre as cannas novas de assucar, e colhe-se a novidade aos tres mezes, uma em Agosto, e outra em Janeiro. Este milho come o gentio assado por fruto, e fazem seus vinhos com elle cozido, com o qual se embebedam, e os Portuguezes que communicam com o gentio, e os mestiços não se desprezam d'elle,e bebem-no mui valentemente. Costuma este gentio dar suadouros com este milho cozido aos doentes de boubas, os quaes tomam com o bafo d'elle, com o que se acham bem ; dos quaes suadouros se acham sãos alguns homens brancos e mestiços que se valem d'elles; o que parece mysterio, porque este milho por natureza é frio. Plantam os Portuguezes este milho para matença dos cavallos, e criação das gallinhas e cabras, ovelhas e porcos: e aos negros de Guiné o dão por fruta, os quaes o não querem por mantimento sendo o melhor da sua terra: a côr geral d'este milho é branca ; ha outro almecegada, outro preto, outro vermelho, e todo se planta á mão, e tem uma mesma qualidade.

Ha outra casta de milho, que sempre é molle, do qual fazem os Portuguezes muito bom pão e bolos com ovos e

Digitized by Google

assucar. O mesmo milho quebrado e pizado no pilão é bom para se cozer com caldo de carne, ou pescado, e de gallinha, o qual é mais saboroso que o arroz, e de uma casta e outra se curam ao fumo, onde se conserva para se não danar; e dura de um anno para outro.

CAPITULO XLVI.

Em que se apontam os legumes que se dão na Bahia.

Pois que até aqui tratámos dos mantimentos naturaes da terra da Bahia, é bem que digamos dos legumes, que se n'ella criam. E comecemos pelas favas, que os indios chamam comendá, as quaes são muito alvas, e do tamanho e maiores que as de Evora em Portugal; mas são delgadas e amassadas, como os figos passados.

Ha outras favas meias brancas e meias pretas; mãs são pequenas; e estas favas se plantam á mão na entrada do inverno, e como nascem põe-se ao pé de cada uma um páo por onde atrepam, como fazem em Portugal ás ervilhas; e se tem por onde atrepar fazem grande ramada: a folha é como a dos feijões de Hespanha, mas maior; a flôr é branca: começam a dar a novidade no fim do inverno e dura mais de tres mezes. Estas favas são em verdes mui saborosas, e cozem-se com as ceremonias que se costumam em Portugal, e são reimosas como as do reino; e dão em cada bainha quatro e cinco favas, e depois de seccas se cozem muito bem, e não criam bichos, como as de Hespanha, e são muito melhores de cozer; e de uma maneira e de outra fazem muita vantagem no sabor ás de Portugal, assim as declaradas como a outra casta de favas, que são brancas e pintadas todas de pontos negros.

Dão-se n'esta terra infinidade de feijões naturaes d'ella, uns são brancos, outros pretos, outros vermelhos, e outros pintados de branco e preto, os quaes se plantam á mão, e como nascem põe-se-lhe a cada pé um páo, por onde atrepam como se faz ás ervilhas, e sobem de maneira para cima que fazem d'elles latadas nos quintaes, e cada pé dá infinidade de feijões, os quaes são da mesma feição que os de Hespanha, mas tem mais compridas bainhas, e a folha e flôr como as ervilhas; cozem-se estes feijões sendo seccos como em Portugal, e são mui saborosos, e em quanto são verdes cozem-se com a casca como fazem ás ervilhas, e são mui desenfastiados.

Digitized by Google

Chamam os indios gerumús ás abobras da quaresma, que são naturaes d'esta terra, das quaes ha dez ou doze castas, cada uma de sua feição : e plantam-nas duas vezes no anno, em terra humida e solta, as quaes se estendem muito pelo chão, e dá cada abobreira muita somma : mas não são tamanhas como as da casta de Portugal. Costuma o gentio cozer e assar estas abobras inteiras por lhe não entrar agua dentro, e depois de cozidas as cortam como melões, e lhes deitam as pevides fóra, e são assim mais saborosas que cozidas em talhadas, e curam-se no fumo para durarem todo o anno.

As que em Portugal chamamos cabaços, chama o gentio pela sua lingua gerumuyê, das quaes tem entre si muitas castas de differentes feições, tirando as abobras compridas, de que dissemos atraz. Estas abobras ou cabaços semeia o gentio para fazer d'ellas vasilhas para seu uso, as quaes não costuma comer, mas deixam-nas estar nas abobreiras até se fazerem duras, e como estão de vez curam-nas no fumo, de que fazem depois vasilhas para acarretarem agua, por outras pequenas bebem, outras meias levam ás costas cheias de agua quando caminham : e ha alguns d'estes cabaços tamanhos que levam dous almudes e mais, em os quaes guardam as sementes que hão de plantar ; e costumam tambem cortar estes cabaços em verdes, como estão duros, pelo meio, e depois de curadas estas metades servem-lhes de gamelas, e outros despejos, e as ametades dos pequenos servem-lhes de escudelas, e dão-lhes por dentro uma tinta preta, por fóra outra amarella, que se não tira nunca ; e estas são as suas porcelanas.

CAPITULO XLVII.

Em que se declara a natureza dos amendois, e o para que servem.

Dos amendoîs temos que dar conta particular, porque é cousa, que se não sabe haver senão no Brazil, os quaes nascem debaixo da terra, onde se plantam á mão, um palmo um do outro ; as suas folhas são como as dos feijões de Hespanha, e tem os ramos ao longo do chão. E cada pé dá um grande prato d'estes amendoîs, que nascem nas pontas das raizes, os quaes são tamanhos como bolotas, e tem a casca da mesma grossura e dureza, mas é branca e crespa, e tem dentro de cada bainha tres e quatro amendoîs, que são da

Digitized by Google

feição dos pinhões com casca, e ainda mais grossos. Tem uma tona parda, que se lhes sahe logo como a do miolo dos pinhões, o qual miolo é alvo. Comestos crus tem sabor de gravanços crus, mas comem-se assados e cozidos com a casca, como as castanhas, e são muito saborosos, e torrados fóra da casca são melhores. De uma maneira e d'outra é esta fruta muito quente em demasia, e causam dôr de cabeça, a quem come muitos, se é doente d'ella. Plantam-se estes amendoîs em terra solta e humida, em a qual planta e beneficio d'ella não entra homem macho; só as indias os costumam plantar, e as mestiças; e n'esta lavoura não entendem os maridos, e tem para si que se elles ou seus escravos os plantarem, que não hão de nascer. E as femeas os vão apanhar, e segundo seu uso hão de ser as mesmas que os plantem; e para durarem todo o anno curam-nos no fumo, onde os tem até vir outra novidade.

D'esta fruta fazem as mulheres portuguezas todas as cousas doces, que fazem das amendoas, e cortados os fazem cobertos de assucar de mistura como os confeitos. E tambem os curam em peças delgadas e compridas, de que fazem pinhoadas; e quem os não conhece, por tal a come se lh'a dão. O proprio tempo em que se os amendoîs plantam é em Fevereiro, e não estão debaixo da terra mais que até Maio, que é o tempo em que se lhes colhe a novidade, o que as femeas vão fazer com grande festa.

CAPITULO XLVIII.

Em que se declara quantas castas de pimenta ha na Bahia.

A' sombra d'estes legumes, e na sua visinhança, podemos ajuntar quantas castas de pimenta ha na Bahia, segundo nossa noticia: e digamos logo da que chamam cuihem, que são tamanhas como cerejas, as quaes se comem em verdes, e depois de maduras cozidas inteiras com o pescado e com os legumes, e de uma maneira e d'outra queimam muito, e o gentio come-a inteira misturada com a farinha.

Costumam os Portuguezes, imitando o costume dos indios, seccarem esta pimenta, e depois de estar bem secca a pizam de mistura com sal, ao que chamam juquiray, em a qual molham o peixe e a carne, e entre os brancos se traz no saleiro, e não descontenta a ninguem. Os indios a comem misturada com a farinha, quando não tem que comer com

Digitized by Google

ella. Estas pimenteiras fazem arvores de quatro e de cinco palmos de alto, e duram muitos annos sem se seccar.

Ha outra pimenta, a que pela lingua dos negros se chama cuihemoçu; esta é grande e comprida, e depois de madura faz-se vermelha; e usam d'ella como da de cima; e faz arvores de altura de um homem, e todo o anno dá novidade; sempre tem pimentas vermelhas, verdes, e flôr, e dura muitos annos sem se seccar.

Ha outra casta, que chamam cuiepiá, a qual tem bico, feição, e tamanho de gravanços; come-se em verde, crua e cozida como a de cima, e como é madura faz-se vermelha, a qual queima muito; a quem as gallinhas e passaros tem grande affeição; e faz arvore meã que em todo o anno dá novidade.

Ha outra casta, que chamam sabãa, que é comprida e delgada, em verde não queima tanto como quando é madura, que é vermelha; cuja arvore é pequena, dá fruta todo o anno, e tambem se usa d'ella como da mais.

Ha outra casta que se chama cuihejurimú, por ser da feição de abobora, assim amassada; esta quando é verde tem a côr azulada, e como é madura se faz vermelha; da qual se usa como das mais de que temos dito, cuja arvore é pequena e em todo o anno dá novidade.

Ha outra casta que chamam cumari, que é bravia e nasce pelos matos, campos e pelas roças, a qual nasce do feitio dos passaros que a comem muito, por ser mais pequena que gravanços; mas queima mais que todas as que dissemos, e é mais gostosa que todas; e quando é madura faz-se vermelha, e quando se acha d'esta não se come da outra; faz-se arvore pequena, tem as flôres brancas como as mais, e dá novidade em todo o anno.

CAPITULO XLIX.

D'aqui por diante se dirá das arvores de fruto, começando nos cajús e cajuis.

Convém tratar d'aqui por diante das arvores de fruto naturaes da Bahia, aguas vertentes ao mar e á vista d'elle; e demos o primeiro logar e capitulo por si aos cajueiros, pois é uma arvore de muita estima, e ha tantos ao longo do mar e na vista d'elle. Estas arvores são como figueiras grandes, tem a casca da mesma côr, e a madeira branca e mole como figueira, cujas folhas são da feição da cidreira

Digitized by Google

e mais macias. As folhas dos olhos novos são vermelhas, muito brandas e frescas, a flôr é como a do sabugueiro, de bom cheiro, mas muito breve. A sombra d'estas arvores é muito fria e fresca, o fruto é formosissimo ; algumas arvores dão fruto vermelho e comprido, outras o dão da mesma côr e redondo.

Ha outra casta que dá o fruto da mesma feição, mas a partes vermelho e n'outras de côr almecegada; ha outras arvores que dão o fruto amarello e comprido como peros d'El-Rei, mas são em tudo maiores que os peros e da mesma côr.

Ha outras arvores que dão este fruto redondo, e uns e outros são muito gostosos, sumarentos e de suave cheiro, os quaes se desfazem todos em agua.

A natureza d'estes cajús é fria, e são medicinaes para doentes de febres, e para quem tem fastio, os quaes fazem bom estomago, e muitas pessoas lhes tomam o sumo pelas manhãs em jejum, para conservação do estomago, e fazem bom bafo a quem os come pela manhã, e por mais que se coma d'elles não fazem mal a nenhuma hora do dia, e são de tal digestão que em dous credos se esmoem.

Os cajús silvestres travam junto do olho que se lhes bota fóra, mas os que se criam nas roças e nos quintaes comem-se todos sem terem que lançar fóra por não travarem. Fazem-se estes cajús de conserva, que é muito suave, e para se comerem logo cozidos no assucar cobertos de canella não tem preço. Do sumo d'esta fruta faz o gentio vinho, com que se embebeda, que é de bom cheiro e saboroso.

E' para notar que no olho d'este pomo tão formoso cria a natureza outra fruta parda, a que chamamos castanha, que é da feição e tamanho de um rim de cabrito, a qual castanha tem a casca muito dura e de natureza quentissima e o miolo que tem dentro ; deita esta casca um oleo tão forte, que aonde toca na carne faz empola, o qual oleo é da côr de azeite e tem o cheiro mui forte. Tem esta castanha o miolo branco, tamanho como o de uma amendoa grande, a qual é muito saborosa, e quer arremedar no sabor aos pinhões, mas é de muita vantagem. D'estas castanhas fazem as mulheres todas as conservas doces que costumam fazer com as amendoas, o que tem graça na suavidade do sabor ; o miolo d'estas castanhas, se está muitos dias fóra da casca, cria ranço do azeite que tem em si ; quando se quebram estas castanhas para lhes tirarem o miolo, faz o azeite que tem a casca pellar as mãos a quem as quebra.

Digitized by Google

Estas arvores se dão em arêa e terras fracas, e se as cortam tornam logo á rebentar, o que fazem poucas arvores n'estas partes. Cria-se n'estas arvores uma resina muito alva, da qual as mulheres se aproveitam para fazerem alcorce de assucar em logar de alquitira. Nascem estas arvores das castanhas, e em dous annos se fazem mais altas que um homem, e no mesmo tempo dão fruto, o qual, emquanto as arvores são novas, é avantajado no cheiro e sabor.

Ha outra casta d'esta fruta, que os Indios chamam cajuî, cuja arvore é nem mais nem menos que a dos cajús, senão quanto é muito mais pequena, que lhe chega um homem do chão ao mais alto d'ella a colher-lhe o fruto, que é amarello, mas não é maior que as cerejas grandes, e tem maravilhoso sabor com pontinha de azedo, e criam tambem sua castanha na ponta, as quaes arvores se não dão ao longo do mar, mas nas campinas do sertão além da Cátinga.

CAPITULO L.

Em que se declara a natureza das pacobas e bananas.

Pacoba é uma fruta natural d'esta terra, a qual se dá em uma arvore muito molle e facil de cortar, cujas folhas são de doze e quinze palmos de comprido e de tres e quatro de largo; as de junto ao olho são menores, muito verdes umas e outras, e a arvore da mesma côr, mas mais escura; na India chamam a estas pacobeiras figueiras e ao fruto figos.

Cada arvore d'estas não dá mais que um só cacho que pelo menos tem passante de duzentas pacobas, e como este cacho está de vez, cortam a arvore pelo pé e de um só golpe que lhe dão com uma fouce a cortam e cerceam, como se fôra um nabo, do qual córte corre logo agua em fio, e dentro em vinte e quatro horas torna a lançar do meio do córte um olho mui grosso d'onde se gera outra arvore; de redor d'este pé arrebentam muitos filhos que aos seis mezes dão fruto, e o mesmo faz á mesma arvore. E como se corta esta pacobeira, tiram-lhe o cacho que tem o fruto verde e muito tezo, e dependuram-no em parte onde amadureça, e se façam amarellas as pacobas; e na casa onde se fizer fogo amadurecem mais depressa com a quentura; e como esta fruta está madura, cheira muito bem. Cada pacoba d'estas tem um palmo de comprido e a grossura de um pepino, ás quaes tiram as cascas, que são de grossura das das favas; e fica-lhe o miolo inteiro almecegado, muito saboroso. Dão-se estas

Digitized by Google

pacobas assadas aos doentes em logar de maçãs, das quaes se faz marmelada muito soffrivel, e tambem as concertam como beringelas, e são muito gostosas; e cozidas no assucar com canella são estremadas, e passadas ao sol sabem a pecegos passados. Basta que de toda a maneira são muito boas, e dão-se em todo o anno; mas no inverno não ha tantas como no verão, e a estas pacobas chama o gentio pacobuçú, que quer dizer pacoba grande.

Ha outra casta que não são tamanhas, mas muito melhores no sabor, e vermelhaças por dentro quando as cortam, e se dão e criam da mesma maneira das grandes.

Ha outra casta, que os indios chamam pacobamirim, que quer dizer pacoba pequena, que são do comprimento de um dedo, mas mais grossas; estas são tão doces como tamaras, em tudo mui excellentes.

As bananeiras tem as arvores, folhas e criação como as pacobeiras, e não ha nas arvores de umas ás outras nenhuma differença, as quaes foram ao Brazil de S. Thomé, aonde ao seu fruto chamam bananas e na India chamam a estas figos de horta, as quaes são mais curtas que as pacobas, mas mais grossas e de tres quinas; tem a casca da mesma côr e grossura da das pacobas, e o miolo mais molle e cheiram melhor como são de vez, ás quaes arregoa a casca como vão amadurecendo e fazendo algumas fendas ao alto, o que fazem na arvore; e não são tão sadias como as pacobas.

Os negros de Guiné são mais affeiçoados a estas bananas que ás pacobas, e d'ellas usam nas suas roças; e umas e outras se querem plantadas em valles perto da agua, ou ao menos em terra que seja muito humida para se darem bem e tambem se dão em terras seccas e de arêa; quem cortar atravessadas as pacobas ou bananas, ver-lhes-ha no meio uma feição de crucifixo, sobre o que os contemplativos tem muito que dizer.

CAPITULO LI.

Em que se diz que o fruto é o que se chama mamões jacarateás.

De Pernambuco veio á Bahia a semente de uma fruta, a que chamam mamões; os quaes são do tamanho e da feição e côr de grandes peros camoezes, e tem muito bom cheiro como são de vez, que se fazem nas arvores, e em

Digitized by Google

casa acabam de amadurecer; e como são maduros se fazem molles como melão; e para se comerem cortam-se em talhadas como maçã, e tiram-lhe as pevides que tem envoltas em tripas como as de melão, mas são crespas e pretas como grãos de pimenta da India, ás quaes talhadas se apara a casca, como a maçã, e o que se come é da côr e brandura do melão, o sabor é doce e muito gostoso. Estas sementes se semearam na Bahia, e nasceram logo; e tal agazalhado lhe fez a terra que no primeiro anno se fizeram as arvores mais altas que um homem, e ao segundo começaram de dar fruto, e se fizeram as arvores de mais de vinte palmos de alto, e pelo pé tão grossas como um homem pela cinta; os seus ramos são as mesmas folhas arrumadas como as das palmeiras; e cria se o fructo no tronco entre as folhas.

Entre estas arvores ha machos, que não dão fruto como as tamareiras, e umas e outras em poucos annos se fazem pelo pé tão grossas como uma pipa, e d'avantagem.

N'esta terra da Bahia se cria outra fruta natural d'ella, que em tudo se parece com estes mamões de cima, senão que são mais pequenos, á qual os Indios chamam jaracateá, mas tem a arvore delgada, de cuja madeira se não usa. Esta arvore dá a flôr branca, o fruto é amarello por fóra, da feição e tamanho dos figos bêberas ou longaes brancos, que tem a casca dura e grossa, a que chamam em Portugal longaes; d'esta maneira tem esta fruta a casca, que se lhe apara quando se come, tem bom cheiro, e o sabor toca de azedo, e tem umas sementes pretas que se lançam fóra.

CAPITULO LII.

Em que se diz de algumas arvores de fruto que se dão na visinhança do mar da Bahia.

Na visinhança do mar da Bahia se dão umas arvores nas campinas e terras fracas, que se chamam mangabeiras, que são do tamanho de pecegueiros. Tem os troncos delgados, e a folha miuda, e a flôr como a do marmeleiro; o fruto é amarello córado de vermelho, como pecegos calvos, ao qual chamam mangabas; que são tamanhas como ameixas e outras maiores, as quaes em verdes são todas cheias de leite, e colhem-se inchadas para amadurecerem em casa, o que fazem de um dia para o outro, porque se amadurecem na arvore cahem no chão. Esta fruta se come toda sem se deitar nada fóra como figos, cuja casca é tão del-

Digitized by Google

gada que se lhe pella se as enxovalham, a qual cheira muito bem e tem suave sabor, é de boa digestão e faz bom estomago, ainda que comam muitas; cuja natureza é fria, pelo que é muito boa para os doentes de febres por ser muito leve. Quando estas mangabas não estão bem maduras, travam na boca como as sorvas verdes em Portugal, e quando estão inchadas são boas para conserva de assucar, que é muito medicinal e gostosa.

Engá é arvore desaffeiçoada que se não dá senão em terra boa, de cuja lenha se faz boa decoada para os engenhos. E dá uma fruta da feição dos alfarrobas de Hespanha, e tem dentro umas pevides como as das alfarrobas, e não se lhe come senão um doce que tem derredor das pevides, que é muito saboroso.

Cajá é uma arvore comprida, com copa como pinheiro; tem a casca grossa e aspera, e se a picam deita um oleo branco como leite em fio, que é muito pegajoso. A madeira é muito molle e serve para fazer decoada para os engenhos; dá a flôr branca como de maceira, e o fruto é amarello do tamanho das ameixas, tem grande caroço e pouco que comer, a casca é como a das ameixas. Esta fruta arregoa, se lhe chove, como é madura, a qual cahe com o vento no chão, e cheiram muito bem o fruto e as flôres, que são brancas e formosas: o sabor é precioso, com ponta de azedo, cuja natureza é fria e sadia; dão esta fruta aos doentes de febres, por ser fria e appetitosa, e chama-se como a arvore, que se dá ao longo do mar.

Bacoropary é outra arvore de honesta grandura, que se dá perto do mar, e quando a cortam corre-lhe um oleo grosso d'entre a madeira e a casca, muito amarello e pegajoso como visco. Dá esta arvore um fruto tamanho como fruta nova, que é amarello e cheira muito bem; e tem a casca grossa como laranja, a qual se lhe tira muito bem, e tem dentro dous caroços juntos, sobre os quaes tem o que se lhe come, que é de maravilhoso sabor.

Piquihi é uma arvore real, de cuja madeira se dirá adiante, a qual arvore dá fruta como castanhas, cuja casca é parda e teza, e tirada, ficam umas castanhas alvissimas, que sabem como pinhões crús, e cada arvore dá d'isto muito.

Digitized by Google

CAPITULO LIII.

Que trata da arvore dos ambús, que se dá pelo sertão da Bahia.

Ambú é uma arvore pouco alegre á vista, aspera da madeira, e com espinhos como romeira, e do seu tamanho, a qual tem a folha miuda. Dá esta arvore umas flores brancas, e o fruto, do mesmo nome, do tamanho e feição das ameixas brancas, e tem a mesma côr e sabor, e o caroço maior. Dá-se esta fruta ordinariamente pelo sertão, no matto que se chama a Cátinga, que está pelo menos afastado vinte leguas do mar, que é terra secca, de pouca agua onde a natureza criou a estas arvores para remedio da sêde que os indios por alli passam. Esta arvore lança das raizes naturaes outras raizes tamanhas e da feição das botijas, outras maiores e menores, redondas e compridas como batatas, e acham-se algumas afastadas da arvore cincoenta e sessenta passos, e outras mais ao perto. E para o gentio saber onde estas raizes estão, anda batendo com um páu pelo chão, por cujo tom o conhece, onde cava e tira as raizes de tres e quatro palmos de alto, e outras se acham á flor da terra, ás quaes se tira uma casca parda que tem, como a dos inhames, e ficam alvissimas e brandas como maçãs de coco; cujo sabor é mui doce, e tão sumarento que se desfaz na boca tudo em agua frigidissima e mui desencalmada; com o que a gente que anda pelo sertão mata a sêde onde não acha agua para beber, e mata a fome comendo esta raiz, que é mui sadia, e não fez nunca mal a ninguem que comesse muita d'ella. D'estas arvores ha já algumas nas fazendas dos Portuguezes, que nasceram dos caroços dos ambús, onde dão o mesmo fruto e raizes.

CAPITULO LIV.

Em que se diz de algumas arvores de fruto afastadas do mar.

Afastado do mar da Bahia e perto d'elle se dão umas arvores que chamam Sabucai, que são mui grandes, de cujo fruto tratamos aqui sómente. Esta arvore toma tanta flôr amarella, que se lhe não enxerga a folha ao longe, a qual flôr é muito formosa, mas não tem nenhum cheiro. Nasce d'esta flor uma bola de páo tão dura como ferro, que está por dentro cheia de fruto. Terá esta bola uma polegada de

Digitized by Google

grosso, e tem a boca tapada com uma tapadoura tão justa que se não enxerga a junta d'ella, a qual se não despega senão como a fruta que está dentro e de vez, que esta bola cahe no chão, a qual tem por dentro dez ou doze repartimentos, e em cada um uma fruta tamanha como uma castanha de Hespanha, ou mais comprida ; as quaes castanhas são muito alvas e saborosas, assim assadas como cruas ; e despegadas estas bolas das castanhas e bem limpas por dentro, servem de graes ao gentio, onde pizam o sal e a pimenta.

Piquiá é uma arvore de honesta grandura, tem a madeira amarella e boa de lavrar, a qual dá um fruto tamanho como marmelos que tem o nome da arvore ; este fruto tem a casca dura e grossa como cabaço, de côr parda por fóra, e por dentro é todo cheio de um mel branco muito doce ; e tem misturado umas pevides como de maçãs, o qual mel se lhe come em sorvos, e refresca muito no verão.

Macugé é uma arvore comprida,delgada e muito quebradiça, e dá-se em arêas junto dos rios, perto do salgado, e pela terra dentro dez ou doze leguas. Quando cortam esta arvore, lança de si um leite muito alvo e pegajoso, que lhe corre em fio; a qual dá umas frutas do mesmo nome, redondas, com os pés compridos e côr verdoenga, e são tamanhas como maçãs pequenas; e quando são verdes travam muito, e são todas cheias de leite. Colhem-se inchadas para amadurecerem em casa, e como são maduras tomam a côr almecegada; comem-se todas como figos, cujo sabor é mui suave, e tal que lhe não ganha nenhuma fruta de Hespanha, nem de outra nenhuma parte; e tem muito bom cheiro.

Genipapo é uma arvore que se dá ao longo do mar e pelo sertão, de cujo fruto aqui tratamos sómente. A sua folha é como de castanheiro,a flôr é branca,da qual lhe nasce muita fruta, de que toma cada anno muita quantidade ; as quaes são tamanhas como limas, e da sua feição; são de côr verdoenga, e como são maduras se fazem de côr pardaça, e molles, e tem honesto sabor e muito que comer, com algumas pevides dentro, de que estas arvores nascem. Quando esta fruta é pequena, faz-se d'ella conserva,e como é grande antes de amadurecer tinge o sumo d'ella muito, com a qual tinta se tinge toda a nação do gentio em lavores pelo corpo e quando põe esta tinta é branca como agua, e como se enxuga se faz preta como azeviche : e quanto mais a lavam, mais preta se faz; e dura nove dias, no cabo dos quaes se

Digitized by Google

vai tirando. Tem virtude esta tinta para fazer seccar as bustelas das boubas aos indios, e a quem se cura com ella.

Pela terra dentro ha outra arvore, a que chamam guti que é de honesta grandura; dá uma fruta do mesmo nome, do tamanho e côr das peras pardas, cuja casca se lhe apara; mas tem grande caroço, e o que se lhe come se tira em talhadas, como ás peras, e é muito saboroso; e lançadas estas talhadas em vinho não tem preço. Faz-se d'esta fruta marmelada muito gostosa, a qual tem grande virtude para estancar cambras de sangue.

Nas campinas ha outra arvore a que chamam ubucaba, cuja madeira é mole, e dá umas frutas pretas e miudas como murtinhos, que se comem, e tem sabor mui soffrivel.

Mondururú é outra arvore que dá umas frutas pretas, tamanhas como avelãs, que se comem todas, lançando-lhes fóra umas pevides brancas que tem, a qual fruta é muito saborosa.

Ha outra outra arvore como larangeira que se chama comichã, a qual carrega todos os annos de umas frutas vermelhas, tamanhas e de feição de murtinhos, que se comem todas lançando-lhes fóra uma pevide preta que tem, que é a semente d'estas arvores, a qual fruta é muito gostosa.

Mandiba é uma arvore grande que dá fruto do mesmo nome tamanho como cerejas, de côr vermelha, e muito doce; come-se como sorva lançando-lhe o caroço fóra e uma pevide que tem dentro, que é a sua semente.

Cambuy é uma arvore delgada de cuja madeira se não usa, a qual dá uma flôr branca, e o fruto amarello do mesmo nome; do tamanho, feição e côr das maçãs d'anafega. Esta fruta é mui saborosa, e tem ponta de azedo; lança-se-lhe fóra um carocinho que tem dentro como coentro.

Dá-se no mato perto do mar e afastado d'elle uma fruta que se chama curuanhas, cuja arvore é como vides, e trepa por outra arvore qualquer, a qual tem pouca folha; o fruto que dá é de uns oito dedos de comprido e de tres a quatro de largo, de feição da fava, o qual se parte pelo meio como fava e fica em duas metades, que tem dentro tres e quatro caroços, da feição das colas de Guiné, da mesma côr e sabor, os quaes caroços tem virtude para o figado. Estas metades tem a casquinha muito delgada como maçãs, e o mais que se come é da grossura de uma casca de laranja; tem estremado sabor; comendo-se esta fruta crua, sabe e cheira a camoezas, e assada tem o mesmo sabor d'ellas as-

Digitized by Google

sadas ; faz-se d'esta fruta marmelada muito boa, a qual por sua natureza envolta no assucar cheira a almiscar, e tem o sabor de perada almiscarada ; e quem a não conhece entende e affirma que é perada.

Os araçazeiros são outras arvores que pela maior parte se dão em terra fraca na visinhança do mar, as quaes são como macieiras na grandura, na côr da casca, no cheiro da folha e na côr e feição d'ella. A flôr é branca, da feição da de murta, e cheira muito bem. Ao fruto chamam araçazes, que são da feição das nesperas, mas alguns muito maiores. Quando são verdes tem a côr verde, e como são maduros tem a côr das peras ; tem o olho como nesperas, e por dentro caroços como ellas, mas muito mais pequenos. Esta fruta se come toda, e tem ponta de azedo mui saboroso, da qual se faz marmelada, que é muito boa e melhor para os doentes de cambras.

Perto do salgado ha outra casta de araçazeiros, cujas arvores são grandes, e o fruto como laranja, mas mui saboroso, ao qual aparam a casca por ser muito grossa.

Araticú é uma arvore do tamanho de uma amoreira, cuja folha é muito verde escura, da feição da da larangeira mas maior ; a casca da arvore é como de loureiro, a madeira é muito molle, a flôr é fresca, grossa e pouco vistosa, mas o fruto é tamanho como uma pinha, e em verde é lavrado como pinha, mas o lavor é lizo e branco. Como este fruto é maduro, arregoa todo pelos lavores que ficam então brancos, e o pomo é muito molle e cheira muito bem, e tamanho é o seu cheiro que, estando em cima da arvore, se conhece debaixo que está maduro pelo cheiro. Este fruto por natureza é frio e sadio ; para se comer corta-se em quartos, lançando-lhe fóra umas pevides que tem amarellas e compridas, como de cabaços, das quaes nascem estas arvores ; e aparam-lhe a casca de fóra que é muito delgada, e todo mais se come, que tem muito bom sabor com ponta de azedo, a qual fruta é para a calma mui desenfastiada.

Pino é uma arvore comprida, delgada, esfarrapada da folha, a qual é do tamanho e feição da folha da parra. O seu fruto nasce em ouriço cheio de espinhos como os das castanhas, e tirado este ouriço fóra fica uma cousa do tamanho de uma noz, e da mesma côr, feição e dureza, o qual lhe quebram, e tiram lhe de dentro dez ou doze pevides do tamanho de amendoas sem casca, mas mais delgadas, ás quaes tiram uma camisa parda que tem como as

Digitized by Google

amendoas, e fica-lhe o miolo alvissimo, que tem o sabor como as amendoas; de que se fazem todas as frutas doces que se costumam fazer das amendoas, os quaes pinos, lançados em agua fria, incham e ficam muito desenfastiados para comer, e são bons para dôr de cabeça, de que se fazem amendoados. Dão se estas arvores em ladeira sobre o mar e á vista d'elle, em terras dependuradas.

Abajerú é uma arvore baixa como carrasco, natural donde lhe chega o rocio do mar, pelo que se não dão estas arvores senão ao longo das praias, cuja folha é aspera, e dá uma flôr branca e pequena. O fruto é do mesmo nome e da feição e tamanho das ameixas de cá, e de côr roxa: come-se como ameixas, mas tem maior caroço; o sabor é doce e saboroso.

Amaytim é uma arvore muito direita, comprida e delgada; tem a folha como figueira, dá uns cachos maiores que os das uvas ferraes; tem os bagos redondos, tamanhos como os das uvas mouriscas, e muito esfarrapados, cuja côr é roxa, e cobertos de um pello tão macio como velludo; mettem-se estes bagos na boca e tiram-lhe fóra um caroço como de cereja, e a pelle que tem o pello, entre a qual e o caroço tem um doce mui saboroso como o sumo das boas uvas.

Apé é uma arvore do tamanho e feição das oliveiras, mas tem a madeira aspera e espinhosa como romeira, a folha é da feição de pecegueiro e da mesma côr. Esta arvore dá um fruto do mesmo nome, da feição das amoras, mas nunca são pretas, e tem a côr brancacenta; come-se como as amoras; tem bom sabor, com ponta de azedo, mui appetitoso para quem tem fastio; as quaes arvores se dão ao longo do mar e á vista d'elle.

Murici é uma arvore pequena, muito secca da casca e da folha, cuja madeira não serve para nada; dá umas frutas amarellas, mais pequenas que cerejas, que nascem em pinhas como ellas, com os pés compridos; a qual fruta é molle e come-se toda; cheira e sabe a queijo do Alemtejo que requeima. Estas arvores se dão nas campinas perto do mar em terras fracas.

Copiuba é uma arvore da feição do loureiro, assim na côr da casca do tronco como na folha, a qual carrega por todos os ramos de uma fruta preta do mesmo nome, maior que murtinhos e toma tantos ordinariamente que negrejam ao longe. Esta fruta se come como uvas, e tem o sabor d'ellas quando as vendimam, que estão muito maduras, e

Digitized by Google

tem uma pevide preta que se lhe lança fóra. Dão-se estas arvores ao longo do mar e dos rios por onde entra a maré.

Maçarandiba é uma arvore real de cuja madeira se dirá ao diante. Só lhe cabe aqui dizer do seu fruto, que é da côr dos medronhos e do seu tamanho, cuja casca é teza e tem duas pevides dentro, que se lhe lançam fòra com a casca; o mais se lhe come, que é doce e muito saboroso; e quem come muita d'esta fruta que se chama como a arvore, pegam-se-lhe os bigodes com o sumo d'ella, que é muito doce e pegajoso e para os indios lhe colherem esta fruta cortam as arvores pelo pé como fazem a todas que são altas. Estas se dão ao longo do mar ou á vista d'elle.

Mocury é uma arvore grande que se dá perto do mar, a qual dá umas frutas amarellas, tamanhas como abricoques, que cheiram muito bem, e tem grande caroço; o que se lhe come é de maravilhoso sabor, e aparam-lhe a casca de fóra.

Cambucá é outra arvore de honesta grandura, que dá umas frutas amarellas do mesmo nome, tamanhas como abricoques, mas tem maior caroço e pouco que comer; é muito doce e de honesto sabor.

CAPITULO LV.

Em que se contêm muitas castas de palmeiras que dão fruto pela terra da Bahia no sertão e algumas junto do mar.

Como ha tanta diversidade de palmeiras que dão fruto na terra da Bahia, convém que as arrumemos todas n'este capitulo, começando logo em umas a que os indios chamam pindoba, que são muito altas e grossas, que dão flôr como as tamareiras, e o fruto em cachos grandes como os coqueiros, cada um dos quaes é tamanho que não póde um negro mais fazer que leval-o ás costas; em os quaes cachos tem os cocos tamanhos como peras pardas grandes, e tem a casca de fóra como coco, e outra dentro de um dedo de grosso, muito dura, e dentro d'ella um miolo massiço com esta casca, d'onde se tira com trabalho, o qual é tamanho como uma bolota, e mui alvo e duro para quem tem ruins dentes; e se não é de vez, é muito tenro e saboroso; e de uma maneira e outra é bom mantimento para o gentio quando não tem mandioca, o qual faz d'estes cocos azeite para suas mesinhas. Do olho d'estas palmeiras se tiram palmitos façanhosos de cinco a seis palmos de comprido, e tão

Digitized by Google

grossos como a perna de um homem. De junto do olho d'estas palmeiras tira o gentio tres e quatro folhas cerradas, que se depois abrem á mão, com as quaes cobrem as casas, a que chamam pindobuçú, com o que fica uma casa por dentro, depois de coberta, muito formosa; a qual palma no verão é fria, e no inverno quente; e se não fôra o perigo do fogo, é muito melhor e mais sadia cobertura que a da telha.

Anajamirim é outra casta de palmeiras bravas que dão muito formosos palmitos, e o fruto como as palmeiras acima; mas são os cocos mais pequenos, e as palmas que se lhe tiram de junto dos olhos tem a folha mais miuda, com que tambem cobrem as casas onde se não acham as palmeiras acima. Os cachos d'estas palmeiras e das outras acima nascem em uma maçaroca parda de dous a tres palmos de comprido, e como este cacho quer lançar a flôr arrebenta esta maçaroca ao comprido e sahe o cacho para fóra, e a maçaroca fica muita liza por dentro e dura como páo; da qual se servem os indios como de gamellas, e ficam da feição de almadia.

Ha outras palmeiras bravas que chamam japeraçaba, que tambem são grandes arvores; mas não serve a folha para cobrir casas, porque é muito rara e não cobre bem, mas serve para remedio de quem caminha pelo mato cobrir com ella as choupanas, as quaes palmeiras dão tambem palmito no olho e seus cachos de cocos, tamanhos como um punho, com miolo como as mais, que tambem serve de mantimento ao gentio, e de fazerem azeite; o qual e o de cima tem o cheiro muito fortum.

Paty é outra casta de palmeiras bravas muito compridas e delgadas; as mais grossas são pelo pé como a coxa de um homem, tem a rama pequena, molle e verde-escura. Os palmitos que dão são pequenos, e os cocos tamanhos como nozes, com o seu miolo pequeno que se come. D'estas arvores se usa muito, porque tem a casca muito dura, que se fende ao machado muito bem, da qual se faz ripa para as casas, a que chamam pataiba, que é tão dura que com trabalho a passa um prego; e por dentro é estopenta, a qual ripa quando se lavra por dentro cheira a maçãs maduras.

Ha outras palmeiras que chamam bory, que tem muitos nós, que tambem dão cocos em cachos, mas são miudos; estas tem a folha da parte de fóra verde e da de dentro branca, com pello como marmelos, as quaes tambem dão palmitos muito bons.

Digitized by Google

Piçandós são umas palmeiras bravas e baixas que se dão em terras fracas : e dão uns cachos de cocos pequenos e amarellos por fóra, que é mantimento, para quem anda pelo sertão, muito bom, porque tem o miolo muito saboroso como avelãs, e tambem dão palmitos.

As principaes palmeiras bravas da Bahia são as que chamam ururucuri, que não são muito altas, e dão uns cachos de cocos muito miudos do tamanho e côr dos abricóques, aos quaes se come o de fóra, como os abricoques, por ser brando e de soffrivel sabor ; e quebrando-lhe o caroço, d'onde se lhe tira um miolo como o das avelãs, que é alvo e tenro e muito saboroso, os quaes coquinhos são mui estimados de todos. Estas palmeiras tem o tronco fôfo, cheio de um miolo alvo e solto como cuscuz, e molle ; e quem anda pelo sertão tira este miolo e coze-o em um alguidar ou tacho, sobre o fogo, onde se lhe gasta a humidade, e é mantimento muito sadio, substancial e proveitoso aos que andam pelo sertão, a que chamam farinha de páo.

Patioba é como palmeira nova no tronco e olho, e dá umas folhas de cinco a seis palmos de comprido e dous e tres de largo : é de côr verde e teza como pergaminho, e serve para cobrir as casas no logar onde se não acha outra, e para as choupanas dos que caminham ; quando se estas folhas seccam, fazem-se em pregas tão lindas como de leques da India ; e quando nascem, sahem feitas em pregas, como está um lèque estando fechado ; dá palmitos pequenos, mas mui gostosos.

CAPITULO LVI.

Em que se declaram as hervas, que dão fruto na Bahia, que não são arvores.

Como na Bahia se criam algumas frutas que se comem, em hervas que não fazem arvores, pareceu decente arrumal-as n'este capitulo apartadas das outras arvores. E comecemos logo a dizer dos maracujás, que é uma rama como hera e tem a folha da mesma feição, a qual atrepa pelas arvores e as cobre todas, do que se fazem nos quintaes ramadas muito frescas, porque duram, sem se seccar, muitos annos. A folha da herva é muito fria e boa para desafogar, pondo-se em cima de qualquer nascida ou chaga, e tem outras muitas virtudes ; e dá uma flôr branca muito formosa e grande que cheira muito bem, d'onde nas-

Digitized by Google

cem umas frutas como laranjas pequenas, muito lizas por fóra; a casca é da grossura da das laranjas de côr verde-clara, e tudo o que tem dentro se come, que além de ter bom cheiro tem suave sabor. Esta fruta é fria de sua natureza e boa para doentes de febres, tem ponta de azedo e é mui desenfastiada; e emquanto é nova, faz-se d'ella boa conserva; e em quanto não é bem madura, é muito azeda.

Canapú é uma herva que se parece com herva moura, e dá uma fruta como bagos de uvas brancas coradas do sol e molles, a qual se come, mas não tem bom sabor senão para os indios.

Modurucú é nem mais nem menos que uma figueira das que se plantam nos jardins de Portugal, que tem as folhas grossas, a que chamam figueiras da India; estas tem as folhas de um palmo de comprido e quatro dedos de largo e um de grosso, e nascem as folhas nas pontas umas das outras, as quaes são todas cheias de espinhos tamanhos e tão duros como agulhas, e tão agudas como ellas, e dão o fruto nas pontas e nas ilhargas das folhas, que são uns figos tamanhos como os lamparos, vermelhos por fóra, com a casca grossa que se não come; o miolo é de malhas brancas e pretas; o branco é alvissimo, e o preto como azeviche, cujo sabor é mui appetitoso e fresco; o que se cria nas arêas ao longo do mar.

Marujaiba são uns ramos espinhosos, mas limpos dos espinhos ficam umas canas pretas que servem de bordões como canas de rota, cujos espinhos são pretos, e tão agudos como agulhas. Nos pés d'estes ramos se dão uns cachos como os das tamareiras, feitos os fios em cordões cheios de bagos como os de uvas ferraes, e do mesmo tamanho; os quaes tem a casca dura e roxa por fóra, e o caroço dentro como cerejas, o qual com a casca se lhe lança fóra; e gosta-se de um sumo que tem dentro doce e suave.

Ao longo do mar se criam umas folhas largas, que dão um fruto a que chamam carauatá, que é da feição de maçaroca, e amarello por fóra; tem bom cheiro, a casca grossa e teza, a qual se lança fóra para se comer o miolo, que é mui doce; mas empola-se a boca a quem come muita fruta d'esta.

Ha uma herva que se chama nhamby, que se parece na folha com coentro, e queima como mastruços, a qual comem os Indios e os mestiços crua, e temperam as panellas dos seus manjares com ella, de quem é mui estimada.

Digitized by Google

CAPITULO LVII.

Em que se declara a propriedade dos ananazes não nomeados

Não foi descuido deixar os ananazes para este logar por esquecimento ; mas deixamo-los para elle, porque se lhe deramos o primeiro, que é o seu, não se pozeram os olhos nas frutas declaradas no capitulo atraz ; e para o pôrmos só, pois se lhe não podia dar companhia conveniente a seus merecimentos.

Ananaz é uma fruta do tamanho de uma cidra grande, mas mais comprida ; tem olho da feição dos alcachofres, e o corpo lavrado como alcachofre molar, e com uma ponta e bico em cada signal das pencas, mas é todo maciço ; e muitos ananazes lançam o olho e ao pé do fruto muitos olhos tamanhos como alcachofres. A herva em que se criam os ananazes é da feição da que em Portugal chamam herva babosa, e tem as folhas armadas, e do tamanho da herva babosa, mas não são tão grossas ; a qual herva ou ananazeiro espiga cada anno no meio como o cardo, e lança um grelo da mesma maneira, e em cima d'elle lhe nasce o fruto tamanho como alcachofre, muito vermelho, o qual assim como vai crescendo, vai perdendo a côr e fazendo-se verde; e como vai amadurecendo, se vai fazendo amarello acatacolado de verde, e como é maduro conhece-se pelo cheiro como o melão. Os ananazeiros se transpõem de uma parte para a outra, e pegam sem se seccar nenhum ; ainda que estejam com as raizes para o ar fóra da terra ao sol mais de um mez ; os quaes dão novidade d'ahi a seis mezes : e além dos filhos, que lançam ao pé do fruto e no olho, lançam outros ao pé do ananazeiro, que tambem espigam e dão seu ananaz, como a mãi donde nascêram, os quaes se transpõem, e os olhos que nascem no pé e no olho do ananaz.

Os ananazeiros duram na terra, sem se seccarem, toda a vida ; e se andam limpos de herva, que entre elles nasce, quanto mais velhos são dão mais novidade ; os quaes não dão o fruto todos juntamente ; mas em todo o anno uns mais temporãos que os outros, e no inverno dão menos fruto que no verão, em que vem a força da novidade, que dura oito mezes. Para se comerem os ananazes hão de se aparar muito bem, lançando-lhe a casca toda fóra, e a ponta de junto do olho por não ser tão doce, e depois de aparado este fruto, o cortam em talhadas redondas, como

Digitized by Google

de laranja ou ao comprido, ficando-lhe o grelo que tem dentro, que vai correndo do pé até o olho; e quando se corta fica o prato cheio de sumo que d'elle sahe, e o que se lhe come é da côr dos gomos de laranja, e alguns ha de côr mais amarella; e desfaz-se tudo em sumo na boca, como o gomo de laranja, mas é muito mais sumarento; o sabor dos ananazes é muito doce, e tão suave que nenhuma fruta de Hespanha lhe chega na formosura, no sabor e no cheiro; porque uns cheiram a melão muito fino, outros a comoezas: mas no cheiro e no sabor não ha quem se saiba afirmar em nada; porque, ora sabe e cheira a uma cousa, ora a outra. A natureza d'este fruto é quente e humido, e muito damnoso para quem tem ferida ou chaga aberta: os quaes ananazes sendo verdes são proveitosos para curar chagas com elles, cujo sumo come todo o cancere, e carne podre, do que se aproveita o gentio: e em tanta maneira come esta fruta, que alimpam com as suas cascas a ferrugem das espadas e facas, e tiram com ellas as nodoas da roupa ao lavar; de cujo sumo, quando são maduras, os Indios fazem vinho, com que se embebedam; para o que os colhem mal maduros, para ser mais azedo, do qual vinho todos os mestiços e muitos Portuguezes são mui afeiçoados. D'esta fruta se faz muita conserva, aparada da casca, a qual é muito formosa e saborosa, e não tem a quentura e humidade de quando se come em fresco.

CAPITULO LVIII.

D'aqui por diante se vão arrumando as arvores e hervas de virtude que ha na Bahia.

Não se podiam arrumar em outra parte que melhor estivessem as arvores de virtude que apoz das que dão fruto; e seja a primeira a arvore do balsamo que se chama cabureîba; que são arvores mui grandes de que se fazem eixos para engenhos, cuja madeira é pardaça e incorruptivel. Quando lavram esta madeira cheira a rua toda a balsamo, e todas as vezes que se queima cheira muito bem. D'esta arvore se tira o balsamo suavissimo, dando-lhe piques até um certo logar, donde começa de chorar este suavissimo licor na mesma hora, o qual se recolhe em algodões, que lhe mettem nos golpes; e como estão bem molhados do balsamo, os espremem em uma prensa, onde lhe tiram este licor, que é grosso e da côr do arrobe; o qual é milagroso

Digitized by Google

para curar feridas frescas, e para tirar os signaes d'ellas no rosto. O caruncho d'este páo, que se cria no logar donde sahiu o balsamo, é preciosissimo no cheiro; e amassa-se com o mesmo balsamo, e fazem d'esta massa contas, que depois de seccas ficam de maravilhoso cheiro.

De tão santa arvore como a do balsamo merece ser companheira e visinha a que chamam copaîba que é arvore grande, cuja madeira não é muito dura, e tem a côr pardaça; e faz-se d'ella taboado; a qual não dá fruto que se coma, mas um oleo santissimo em virtudes, o qual é da côr e clareza de azeite sem sal; e antes de se saber de sua virtude servia de noite nas candeias. Para se tirar este oleo das arvores lhes dão um talho com um machado acima do pé, até que lhe chegam á veia, e como lhe chegam corre este oleo em fio, e lança tanta quantidade cada arvore que ha algumas que dão duas botijas cheias, que tem cada uma quatro canadas. Este oleo tem muito bom cheiro, e é excellente para curar feridas frescas, e as que levam pontos da primeira cura soldam se as queimam com elle, e as estocadas ou feridas que não levam pontos se curam com elle, sem outras mézinhas; com o qual se cria a carne até encourar, e não deixa criar nenhuma corrupção nem materia. Para frialdades, dores de barriga e pontadas de frio é este oleo santissimo, e é tão subtil que se vai de todas as vasilhas, se não são vidradas; e algumas pessoas querem afirmar que até no vidro mingoa; e quem se untar com este oleo ha-se de guardar do ar, porque é prejudicial.

CAPITULO LIX.

Em que trata da virtude da embaîba e caraobuçú e caraobamirim.

Embaîba é uma arvore comprida e delgada, que faz uma copa em cima de pouca rama; a folha é como de figueira, mas tão aspera que os indios cepilham com ellas os seus arcos e hastes de dardos, com a qual se põe a madeira melhor que com a pelle de lixa. O fruto d'esta arvore são umas candeias e cachos como as dos castanheiros, e como amadurecem as comem os passarinhos e os indios, cujo saibo é adocicado, e tem dentro uns grãos de milho, como os figos passados, que é a semente de que estas arvores nascem: as quaes se não dão em mato virgem, se não na terra que foi já aproveitada; e assim no tronco como nos

Digitized by Google

ramos é toda oca por dentro, onde se criam infinidade de formigas miudas. Tem o olho d'esta arvore grandes virtudes para com elle curarem feridas, o qual depois de pisado se põe sobre feridas mortaes, e se curam com elle com muita brevidade, sem outros unguentos; e o entrecasco d'este olho tem ainda mais virtude, com o que tambem se curam feridas e chagas velhas; e taes curas se fazem com o olho d'esta arvore, e com o oleo do copaîba, qne se não occupam na Bahia cirurgiões, porque cada um o é em sua casa.

Caraobuçú é uma arvore como pecegueiro, mas tem a madeira muito secca e a folha miuda, como a da amendoeira: esta madeira é muito dura e de côr almecegada, a qual se parece com o páo das Antilhas; cuja casca é delgada: da folha se aproveitam os indios, e com ella pisada curam as boubas, pondo-a com o sumo em cima das bostellas ou chagas, com o que se seccam muito depressa: e quando isto não basta, queimam em uma telha estas folhas, e com o pó d'ellas, feitas em carvão, seccam estas bostellas; do que tambem se aproveitam os Portuguezes, que tem necessidade d'este remedio para curarem seus males, de que muitos tem muitos.

Caraobamirim é outra arvore da mesma casta, senão quanto é mais pequena, e tem a folha mais miuda, da qual se aproveitam como da caraoba de cima, e dizem que tem mais virtude; com as folhas d'esta arvore cozidas, tomam os Portuguezes doentes d'estes males suadouros, tomando o bafo d'esta agua, estando muito quente, de que acham muito bem; e lhes faz sahir todo o humor para fóra e seccar as bostellas, tomando d'estes nove suadores, e o sumo da mesma folha bebido por xarope.

CAPITULO LX.

Que trata da arvore da almecega e de outras arvores de virtude.

Ha outras arvores de muita estima, a que os indios chamam ubiracica; tem honesta grandura, de cuja madeira se não aproveitam, mas valem-se de sua resina, de que lança grande quantidade, e quando a deita é muito molle e pegajosa; a qual é maravilhosa almecega, que faz muita vantagem á que se vende nas boticas, e para uma arvore lançar muita picam-na ao longo da casca com muitos pi-

Digitized by Google

ques, e logo começa a lancar por elles esta almecega, que lhe os indios vão apanhando com umas folhas, aonde a vão ajuntando e fazem em pães.

Esta almecega é muito quente por natureza, da qual fazem emplastos para defensivo da frialdade, e para soldar carne quebrada, e para fazer vir a furo postemas, os quaes faz arrebentar por si, e lhes chupa de dentro os carnegões, e derretida é boa para escaldar feridas frescas, e faz muita vantagem á trebentina de beta; com a qual almecega se fazem muitos unguentos e emplastos para quebraduras de pernas, á qual os indios chamam icica.

Corneiba é uma arvore, que na folha, na flôr, na baga e no cheiro é a aroeira de Hespanha, e tem a mesma virtude para os dentes, e é differente na grandura das arvores, que são tamanhas como oliveiras, de cuja madeira se faz boa cinza para decoada dos engenhos. Naturalmente se dão estas arvores em terra de areia, debaixo de cujas raizes se acha muito anime, que é no cheiro, na vista, e na virtude como o de Guiné, pelo que se entende, que o estila de si, pelo baixo do tronco da arvore, porque se não acha junto de outras arvores.

Em algumas partes do sertão da Bahia se acham arvores de canafistula, a que o gentio chama geneûna, mas de agrestes dão a canafistula muito grossa e comprida; e tem a codea aspera, mas quebrada, e da mesma feição, assim nas pevides que tem como no preto; que se come e tem o mesmo saibo, da qual não usa o gentio, porque não sabe o para que ella presta. Em algumas fazendas ha algumas arvores de canifistula, que nascêram das sementes que foram de S. Thomé, que dão o fruto mui perfeito como o das Indias.

Cuipeûna è um arvore pontualmente como a murta de Portugal, e não tem outra differença que fazer maior arvore e ter a folha maior do viço da terra; a qual se dá pelos campos da Bahia, cuja flôr e o cheiro d'ella é da murta, mas não dá murtinhos; da qual murta se usa na Misericordia para cura dos penitentes e para todos os lavatorios, para que ella serve, porque tem a mesma virtude desecativa.

Ao longo do mar da Bahia nascem umas arvores que tem o pé como parras, as quaes atrepam por outras arvores grandes, por onde lançam muitos ramos como vides, as quaes se chamam mucunás, cujo fruto são umas favas redondas e aleonadas na côr, e do tamanho de um tostão, as quaes tem um circulo preto, e na cabeça um olho branco.

Digitized by Google

Estas favas para comer são peçonhentas, mas tem grande virtude, para curar com ellas feridas velhas d'esta maneira. Depois de serem estas favas bem seccas, hão-se de pizar muito bem, e cobrir as chagas com os pós d'ellas, as quaes comem todo o cancere e carne podre.

Criam-se n'esta terrra outras arvores semelhantes ás de cima, que atrepam por outras maiores, que se chamam o cipó das feridas, as quaes dão umas favas aleonadas pequenas, da feição das de Portugal, cuja folha pizada e posta nas feridas, sem outros unguentos, as cura muito bem.

Ha uns mangues, ao longo do mar, a que o gentio chama apareîba, que tem a madeira vermelha e rija, de que se faz carvão; cuja casca é muito aspera, e tem tal virtude que serve aos curtidores para curtir toda a sorte de pelles, em lugar de sumagre, com o que fazem tão bom curtume como com elle. Estes mangues fazem as arvores muito direitas, dão umas candeias verdes compridas, que tem dentro uma semente como lentilhas, de que elles nascem.

CAPITULO LXI.

D'aqui por diante se vai relatando as qualidades das hervas de virtude que se criam na Bahia, e comecemos logo a dizer da herva santa e outras hervas semelhantes.

Petume é a herva a que em Portugal chamam santa; onde ha muita d'ella pelas hortas e quintaes, pelas grandes mostras que tem dado da sua virtude, com a qual se tem feito curas estranhas; pelo que não diremos d'esta herva se não o que não é notorio a todos, como é matarem com o seu summo os vermes que se criam em feridas e chagas de gente desculdada; com a qual se curam tambem as chagas e feridas das vaccas e das egoas sem outra cousa, e com o sumo d'esta herva lhe encouram. Deu na costa do Brazil uma praga no gentio, como foi adoecerem do sêsso, e criarem bichos n'elle, da qual doença morreu muita somma d'esta gente, sem se entender de que; e depois que se soube o seu mal, se curaram com esta herva santa, e se curam hoje em dia os tocados d'este mal, sem terem necessidade de outra mezinga.

A folha d'esta herva, como é secca e curada, é muito estimada dos indios e mamelucos e dos Portuguezes, que bebem o fumo d'ella, ajuntando muitas folhas d'estas, torcidas umas com as outras, e mettidas em um canudo de folha de

Digitized by Google

palma, e põe-lhe o fogo por uma banda, e como faz braza mettem este canudo pela outra banda na boca, e sorvem-lhe o fumo para dentro até que lhe sahe pelas ventas fóra. Todo o homem que se toma do vinho, bebe muito d'este fumo, e dizem que lhe faz esmoer o vinho. Afirmam os indios que quando andam pelo mato e lhes falta o mantimento, matam a fome e sêde com este fumo; pelo que o trazem sempre comsigo; e não ha duvida senão que este fumo tem virtude contra a asma, e os que são doentes d'ella se acham bem com elle, cuja natureza é muito quente.

Pino é pontualmente na folha, como as que em Portugal chamam figueira do inferno. Esta herva dá o fruto em cachos cheios de bagos, tamanhos como avelãs, todos cheios de bicos, cada um d'estes bagos tem dentro um grão pardo, tamanho como um feijão, o qual pizado se desfaz todo em azeite, que serve na candeia; bebido serve tanto como purga de canafistula; e para os doentes de colica, bebido este azeite, se lhe passa o accidente logo; as folhas d'esta herva são muito boas para desafogarem chagas e postemas.

Jeticuçú é uma herva, que nasce pelos campos, e lança por cima da terra uns ramos como batatas, os quaes dão umas sementes pretas como ervilhacas grandes; deitam estas hervas umas raizes por baixo da terra como batatas, que são maravilhosas para purgar; do que se usa muito na Bahia; as quaes raizes se cortam em talhadas em verdes, que são por dentro alvissimas, e seccam-nas muito bem ao sol; e tomam d'estas talhadas, depois de seccas, para cada purga o pezo de dous reales de prata, e lançando em vinho ou em agua muito bem pizado se dá a beber ao doente de madrugada, e faz maravilhas. D'estas raizes se faz conserva em assucar raladas muito bem, como cidrada, e tomada pela manhã uma colher d'esta conserva faz-se com ella mais obra, que com assucar rozado de Alexandria.

Pecacuem são uns ramos que atrepam como parra, cuja folha é pequena, redonda e brancacenta; as suas raizes são como de junça brava, mas mais grossas, as quaes têm grande virtude para estancar cameras; do que se usa tomando uma pequena d'esta raiz pizada e lançada em agua; posta a serenar e dada a beber ao doente de cameras de sangue lh'as faz estancar logo.

Digitized by Google

CAPITULO LXII.

Em que se declara o modo com que se cria o algodão, e de sua virtude, e de outras hervas que fazem arvore.

Maniim chamam os indios ao algodão, cujas arvores parecem marmeleiros arruados em pomares, mas, a madeira d'elle é como de sabugueiro, molle e oca por dentro; a folha parece de parreira, com o pé comprido e vermelho, com o sumo da qual se curam feridas esprimido n'ellas. A flôr do algodão é uma campainha amarella muito formosa, donde nasce um capulho, que ao longe parece uma noz verde, o qual se fecha com tres folhas grossas e duras, da feição das com que se fecham os botões das rozas; e como o algodão está de vez, que é de Agosto por diante, abrem-se estas folhas, com que se fecham estes capulhos, e vão-se seccando e mostrando o algodão que tem dentro muito alvo, e se não o apanham logo, cahe no chão; e em cada capulho d'estes estão quatro de algodão, cada um do tamanho de um capulho de seda; e cada capulho d'estes tem dentro um caroço preto, com quatro ordens de carocinhos pretos, e cada carocinho é tamanho e da feição do feitio dos ratos, que é a semente donde o algodão nasce, o qual no mesmo anno que se semea dá novidade.

Estes caroços do algodão come o gentio pizados e depois cozidos, que se faz em papas que chamam mingáu.

As arvores d'estes algodoeiros duram sete a oito annos e mais, quebrando-lhe cada anno as pontas grandes á mão, porque se seccam; para que lancem outros filhos novos, em que tomam mais novidade; os quaes algodões se alimpam á enchada, duas e tres vezes cada anno, para que a herva os não acanhe.

Camará é uma herva que nasce pelos campos, que cheira a herva cidreira; a qual faz arvore, com muitos ramos como de roseira de Alexandria; cuja madeira é secca e quebradiça, a folha é como da herva cidreira; as flôres são como cravos de Tunes, amarellos, e da mesma feição, mas de feitio mais artificioso. Cozidas as folhas e flôres d'esta herva, tem a sua agua muito bom cheiro e virtude para sarar sarna e comichão, e para seccar chagas de boubas lavando-as com esta agua quente; do que se usa muito n'aquellas partes.

Ha outra casta d'este camará, que dá flôres brancas da mesma feição, a qual tem a mesma virtude; e como lhe

Digitized by Google

cahe a flôr, assim a uma como a outra, ficam-lhe umas camarinhas denegridas, que comem os meninos e os passarinhos, que é a semente, de que esta herva nasce.

Nas campinas da Bahia se dão urzes de Portugal, da mesma feição, assim nos ramos como na flôr, mas não dão camarinhas: dos quaes ramos cozidos na agua se aproveitam os indios para seccar qualquer humor ruim.

As cannas da Bahia chama o gentio ubá, as quaes tem folhas como as de Hespanha, e as raizes da mesma maneira que lavram a terra muito; as quaes cozidas em agua tem a mesma virtude desecativa que as de Hespanha. Estas cannas são compridas, cheias de nós por fóra e maciças por dentro, ainda que tem o miolo mole e estopendo. Espigam estas cannas cada anno, cujas espigas são de quinze e vinte palmos de comprido; de que os indios fazem as flexas com que atiram. E tambem se dão na Bahia as cannas de Hespanha, mas não crescem tanto como as da terra.

Jaborandi é uma herva, que faz arvore de altura de um homem, e lança umas varas em nós como cannas, por onde estalam muito como as apertam; a folha será de palmo de comprido, e da largura da folha da cidreira, a qual cheira a hortelã franceza, e tem a aspereza da hortelã ordinaria; a agua cozida com estas folhas é loura e muito cheirosa e boa para lavar o rosto, ao barbear; quem tem a boca damnada, ou chagas n'ella, mastigando as folhas d'esta herva, duas ou tres vezes cada dia, e trazendo a na boca, a cura muito depressa; queimadas estas folhas, os pós d'ellas alimpam o cancere das feridas, sem dar nenhuma pena, e tem outras muitas virtudes. Esta herva dá umas candeias como castanheiro, onde se cria a semente de que nasce.

Nascem outras hervas pelo campo, a que chamam os indios caapiam, que tem flôres brancas da feição dos bemmequeres, onde ha umas sementes como gravanço; das quaes e das flôres se faz tinta amarella como açafrão muito fino, do que usam os indios no seu modo de tintas. A arvore que faz esta herva é como a do alecrim, e tem a folha molle, e a côr de verde claro como alface.

Dão-se ao longo da ribeira da Bahia umas hervas, a que os indios chamam jaborandiba; e dão o mesmo nome da de cima, por se parecer nos ramos com ella; e os homens que andaram na India lhe chamam bétele, por se parecer em tudo com elle. A folha d'esta herva mettida na boca requeima como folhas de loiro, a qual é muito macia, e tem o verde muito escuro. A arvore que faz esta herva é tão alta

Digitized by Google

como um homem, os ramos tem muitos nós, por onde estala muito. Quem se lava com ella cozida nas partes eivadas do figado, lh'as cura em poucos dias ; e cozidos os olhos e comestos, são sanissimos para este mal do figado ; e mastigadas estas folhas e trazidas na boca, tiram a dôr de dentes.

CAPITULO LXIII.

Em que se declara a virtude de outras hervas menores.

Ha outras hervas menores, pelos campos, de muita virtude, de que se aproveitam os indios e os Portuguezes, das quaes faremos menção brevemente n'este capitulo, começando na que o gentio chama tararucu, e os Portuguezes fedegosos. Esta herva faz arvore do tamanho das mostardeiras, e tem as folhas em ramos arrumadas como folhas de arvores, as quaes são muito macias, da feição das folhas de pecegueiro, mas tem o verde muito escuro, e o cheiro da fortidão da arruda ; estas folhas deitam muito sumo, se as pizam ; o qual de natureza é muito frio, e serve para desafogar chagas : com este fumo curam o sêsso dos indios e das gallinhas ; porque criam n'elle muitas vezes bichos de que morrem, se lhe não acodem com tempo. Estas hervas dão umas flôres amarellas como as da pascoa, das quaes lhe nascem umas bainhas com semente como ervilhacas.

Pelos campos da Bahia se dão algumas hervas que lançam grandes braços como meloeiros, que atrepam se acham por onde, as quaes dão umas flôres brancas que se parecem até no cheiro com a flôr do legacão em Portugal ; cujos olhos comem os indios doentes de boubas, e outras pessoas ; e dizem acharem-se bem com elles, e afirma-se que esta é a salsaparrilha das Antilhas.

Cápeba é uma herva que nasce em boa terra perto da agua, e faz arvore como couve espigada ; mas tem a folha redonda muito grande com pé comprido, a qual é muito macia ; a arvore faz um greloôco por dentro, e muito tenro e depois de bem espigado, lança umas candeias crespas em que dá a semente, de que nasce. Esta herva é de natureza frigidissima com cujas folhas passadas pelo ar do fogo, se desafoga toda a chaga e inchação que está esquentada, pondo-lhe estas folhas em cima ; e se a fogagem é grande, secca-se esta folha ; de maneira que fica aspera, e como está secca se lhe põe outras até que o fogo abrande.

Criam-se outras hervas pelos campos da Bahia, que se

Digitized by Google

chama guaxima, da feição de tanchagem; mas tem as folhas mais pequenas, da feição de escudete, e tem o pé comprido; as quaes são brancas da banda de baixo, cuja natureza é fria; e posta sobre chagas e coçaduras das pernas que tem fogagem, as desafoga, e encouram com ellas, sem outros unguentos.

Pelos mesmos campos se criam outras hervas, a que o gentio chama caapiá, e os Portuguezes malvaisco; porque não tem outra differença do de Portugal que ser muito viçoso; mas tem a mesma virtude; da qual usam os medicos da Bahia, quando é necessario, para fazerem vir a furo as postemas e inchações.

Peipeçaba é uma herva que se parece com belverde, que se dá nos jardins de Portugal, da qual fazem as vassouras na Bahia, com que varrem as casas; cuja natureza é fria, a qual pizam os indios e curam com ella feridas frescas; e tambem entre os Portuguezes se cura com o sumo d'esta herva o mal do sêsso, para o que tem grande virtude; a qual não dá flôr, mas semente muito miuda, de que nasce.

Por estes campos se cria outra herva, a que os indios chamam campuava, que são mentrastos, nem mais nem menos que os de Hespanha, e tem a mesma virtude, cuja agua cozida é boa para lavar os pés; e são tantos que juncam com ellés as igrejas pelas endoenças, em logar de rosmaninhos.

Nas campinas da Bahia se cria outra herva, a que o gentio chama caamcuam, que tem as folhas de tres em tres em tres juntas, e são da côr da salva; e dá a flôr roxa, de que nasce uma bainha como de tremoços, que tem dentro umas sementes como lentilhas grandes; a qual herva tem o cheiro muito fortum, que causa dôr de cabeça a quem a colhe: o gado que come esta herva engorda muito no primeiro anno com ella, e depois dá-lhe como cameras de que morre: pelo qual respeito houve quem quiz desinçar esta herva de sua fazenda, e pôz um dia mais de duzentos escravos a arrancal-a do campo, os quaes não poderam aturar o trabalho mais que até o meio dia; porque todos adoeceram com o cheiro d'ella de dôr de cabeça, o que fez espanto; e os homens que tem conhecimento da herva bésteira de Hespanha, e a viram n'esta terra, affirmam que é esta mesma herva e bésteira.

Digitized by Google

CAPITULO LXIV.

D'aqui por diante se vai dizendo das arvores reaes e o para que servem, começando n'este capitulo 64, que trata do vinhatico e cedro.

Como temos dito das arvores de fruto, e das que tem virtude para curar enfermidades, convém que se declare as arvores reaes, que se dão na Bahia, de que se fazem os engenhos de assucar e outras obras, de cuja grandeza ha tanta fama.

E parece razão que se dê o primeiro logar ao vinhatico, a que o gentio chama sabigejuba, cuja madeira é amarella e doce de lavrar, a qual é incorruptivel, assim sobre a terra como debaixo d'ella, e serve para as rodas dos engenhos, para outras obras d'elles, e para casas e outras obras primas. Ha tambem façanhosos páos d'esta casta, que se acham muitos de cem palmos de roda, e outros d'aqui para baixo, mui grandes; mas os muito grandes pela maior parte são ôcos por dentro, dos quaes se fazem canôas tão compridas como galeotas; e acham-se muitos páos maciços, de que se tira taboado de tres, quatro e cinco palmos de largo. Esta madeira não se dá senão em terra boa e afastada do mar.

Os cedros da Bahia não tem differença dos das Ilhas senão na folha, que a côr da madeira e o cheiro, e brandura ao lavrar é todo um: a esta arvore chama o gentio acajacatinga, cuja madeira se não corrompe nunca; da qual se acham mui grandes páos que pela maior parte são ôcos, mas acham-se alguns maciços, de que se tira taboado de tres e quatro palmos de largo.

Pelo rio dos Ilhéos trouxe a cheia um páo de cedro ao mar, tamanho que se tirou d'elle a madeira e taboado com que se madeirou e forrou a igreja da Misericordia, e sobejou madeira: a qual é branda de lavrar e proveitosa para obras primas e outras obras dos engenhos, de que se faz muito taboado para o forro das casas e para barcos; e faz uma vantagem o cedro da Bahia ao das Ilhas, que logo perde a fortidão do cheiro, e o fato que se mette nas caixas de cedro não toma nenhum cheiro d'ellas, e as obras do cedro das Ilhas nunca jámais perderam o cheiro, e damnam com elle o fato que se n'ellas agazalha.

Digitized by Google

CAPITULO LXV.

Que trata das qualidades do pequihi e de outras madeiras reaes.

Pequihi é uma arvore grande, que se dá perto do mar, em terras baixas, humidas e fracas; acham-se muitas d'estas arvores de quarenta a cincoenta palmos de roda; cuja madeira é parda, estopenta, muito pesada, de que se fazem gangorras, mesas, virgens e esteios para engenhos, a qual dura sem apodrècer para fim dos fins, ainda que esteja lançada sobre a terra ao sol e á chuva. Quando lavram esta madeira cheira a vinagre, e sempre que se tiram d'ella os cavacos molhados, ainda que esteja cortada de cem annos; e já se viu metter um prego por uma gangorra, que havia dezeseis annos que estava debaixo da telha de um engenho, e tanto que o prego começou a entrar para dentro, começou a rebentar pelo mesmo furo um torno d'agua em fio que correu até o chão, o qual cheirava a vinagre; e se mettem os cavacos d'esta madeira no fogo, em quatro horas não pega n'elles, e já quando pega não fazem braza, nem levantam lavareda. E' esta madeira tão pesada que em a deitando na agua se vai ao fundo, da qual se fazem bons liames e outras obras para barcas grandes e navios.

Quaparaiva é outra arvore real muito grande, de que se acham muitas de trinta e quarenta palmos de roda, cuja madeira é vermelha e mui fixa, que nunca se viu podre; de que se fazem gangorras, mesas, virgens e esteios para engenhos e outras obras; e acham-se muitas arvores tão compridas d'esta casta, que cortadas direito, o grosso dá vigas de oitenta a cem palmos de comprido, fóra o delgado que fica no mato de que se fazem frexaes e tirantes dos engenhos. Estas arvores são naturaes de vargeas de arêa visinhas do salgado; e são tão pesadas que em lançando a madeira na agua se vai logo ao fundo.

Ha outras arvores tambem naturaes de vargeas de arêa, a que o gentio chama jutaypeba, cuja madeira é vermelhaça e muito fixa, que nunca apodrece; e é mui dura ao lavrar; acham-se muitas arvores d'esta casta de cincoenta a sessenta palmos de roda; e pela maior parte estas grandes são ôcas por dentro; mash a outras de honesta grandeza maciças, de que se fazem gangorras, mesas, virgens, esteiose ou tras obras de engenhos, como são os eixos. Não são estas arvores muito altas, por se desordenarem pelo

Digitized by Google

alto, lançando grandes troncos; mas tiram-se d'ellas gangorras de cincoenta a sessenta palmos de comprido, e a madeira é boa de lavrar, ainda que é muito dura e tão pesada que se vai na agua ao fundo.

Sabucai é outra arvore real que nunca apodreceu, assim debaixo da terra como sobre ella, de cujo fruto tratamos atraz, cuja madeira é vermelhaça, dura e tão pesada que se vai ao fundo; da qual se acham grandes arvôres, de que se fazem gangorras, mesas, eixos, fusos, virgens, esteios e outras obras dos engenhos. Quando se cortam estas arvores tinem n'ellas os machados como se dessem por ferro, onde se quebram muito.

CAPITULO LXVI.

Em que se acaba de concluir a informação das arvores reaes que se criam na Bahia.

Maçarandiba é outra arvore real, de cujo fruto já fica dito atraz: são naturaes estas arvores da visinhança do mar; e acham-se muitas de trinta a quarenta palmos de roda, de que se fazem gangorras, mesas, eixos, fusos, virgens, esteios e outras obras dos engenhos, cuja madeira é de côr de carne de presunto, e tão dura de lavrar que não ha ferramenta que lhe espere, e tão pesada que se vai ao fundo. Estas arvores são tão compridas e direitas que se aproveitam do grosso d'ella de cem palmos para cima, e nunca se corrompem.

Ha outra arvore real que se chama jataymondé, que não é tamanha como as de cima, mas de honesta grandura; de que se fazem eixos, fusos, virgens, esteios e outras obras dos engenhos; cuja madeira é amarella de côr formosa muito rija e doce de lavrar e incorruptivel; e é tão pesada que vai ao fundo; e não se dá em ruim terra.

Nas varzeas de arêa se dão outras arvores reaes: a que os Indios, chamam curuá, as quaes se parecem na feição, na folha, na côr da madeira, com carvalhos; e acham-se alguns de vinte e cinco a trinta palmos de roda, de que se fazem gangorras, mesas, eixos, virgens, esteios e outras obras miudas; mas não é muito fixo ao longo da terra; a qual tambem serve para liames de navios e barcos, e para taboado; e de pesado se vai ao fundo.

Ha outras arvores reaes, a que os Portuguezes chamam angelim, e os indios andurababapari, as quaes são muito

Digitized by Google

grandes e acham-se muitas de mais de vinte palmos de roda de que fazem gangorras, mesas, eixos, virgens, esteios e outras obras dos engenhos e das casas de vivenda, e boas caixas por ser madeira leve e boa de lavrar, e honesta côr.

Juquitibá é outra arvore real, façanhosa na grossura e comprimento, de que se fazem gangorras, mesas dos engenhos e outras obras, e muito taboado; e já se cortou arvore d'estas tão comprida e grossa, que deu no comprimento e grossura duas gangorras, que cada uma pelo menos ha de ter cincoenta palmos de comprido, quatro de assento e cinco de alto. Esta madeira tem a côr brancacenta, é leve e pouco duravel onde lhe chove; não se dão estas arvores em ruim terra.

Ubiraem é outra arvore real, de que se acham muitas de vinte palmos de roda para cima, de que se fazem gangorras, mesas, virgens, esteios dos engenhos, e taboado para navios, e outras obras, cuja côr é amarellaça; não muito pesada, e boa de lavrar.

Pelas campinas e terra fraca se criam muitas arvores, que se chamam sepepiras, que em certo tempo se enchem de flôr como de pecegueiro; não são arvores muito façanhosas na grandura, por serem desordenadas nos troncos mas tiram-se d'ellas virgens, esteios e fusos para os engenhos, a madeira é parda e muito rija, e tão liada que nunca fende; e para liação de navios e barcos é a melhor que ha no mundo, que soffre melhor o prego e nunca apodrece; de que se tambem fazem carros muito bons; e é tão pesada esta madeira que se vai ao fundo.

Putumujú é uma arvore real, e não se dá senão em terra muito boa; não são arvores muito grandes, mas dão tres palmos de testa. Esta é das mais fixas madeiras que ha no Brazil; porque nunca se corrompe, da qual se fazem eixos, virgens, fusos, esteios para os engenhos, e toda a obra de casas e de primor; a côr d'esta madeira é amarella com umas veias vermelhas; é pesada e dura, mas muito doce de lavrar.

Ha outras arvores, que se chamam urucuranas, que são muito compridas e de grossura, que fazem d'ellas virgens e esteios para os engenhos, e outras muitas obras de casas, e taboado para navios, a quem o gusano não faz mal; a qual madeira é pesada, e vai-se ao fundo; tem a côr de carne de fumo, e é boa de lavrar e serrar.

Digitized by Google

CAPITULO LXVII.

D'aqui por diante se trata das madeiras meãs.

Madeiras meãs, e de toda a sorte, ha tantas na Bahia, que se não podem contar, das quaes diremos alguma parte das que chegaram á nossa noticia.

E começemos no camaçari que são arvores naturaes de arêa e terras fracas. São estas arvores muito compridas e direitas, das quaes se tiram frechaes e tirantes para engenhos de cem palmos, e de cento e vinte de comprido e dois de largo, e palmo e meio afóra o delgado da ponta, que serve para outras cousas; a qual madeira serve para toda a obra das casas, do que se faz muito taboado para ellas e para os navios. Esta madeira tem a côr vermelhaça, boa de lavrar, e melhor de serrar. D'estas arvores se fazem mastros para os navios, e se foram mais leves eram melhores que os de pinho, por serem mais fortes; as quaes arvores são tão roliças, que parecem torneados. Cria-se entre a casca e o amago d'esta arvore uma materia grossa e alva, que pega como termentina; e é da mesma côr, ainda que mais alva; o que lança dando-lhe piques na casca em fio, e o mesmo lança ao lavrar e ao serrar, e lança muita quantidade; e se toca nas mãos, não se tira senão com azeite; e se isto não é termentina, parece que fazendo-lhe algum cosimento, que engrossará e coalhará como rezina, que servirá para brear os navios, de que se fará muita quantidade, por haver muita somma d'estas arvores á borda d'agua, e cada uma deita muita materia d'esta.

Guanandi é uma arvore comprida, e não muito grossa, cuja madeira é amarellaça, que serve para obra de casas em parte aonde lhe não toque a agua: a casca d'esta arvore é muito amarella por dentro, e entre ella e o páo lança um leite grosso, e de côr amarella muito fina, o qual pega como visco; e com elle armam os moços aos passaros; da qual madeira se não faz conta, nem se aproveitam d'ella senão em obras de pouca dura; as quaes arvores são muito compridas, direitas e roliças, de que se fazem mastros para navios.

Digitized by Google

CAPITULO LXVIII.

'Que trata das arvores que dão a envira, de que se fazem cordas e estopa para calafetar navios.

Acham-se pelos matos muitas arvores de que se tira a envira para calafetar : e começemos a dizer das que se chamam enviroçú, que são arvores grandes, cuja madeira é mole, e não se faz conta d'ella senão para o fogo ; as quaes tem a casca aspera por fóra, a qual se esfolla das arvores, e se pisam muito bem, faz-se branda como estopa, que serve para calafetar. Dão estas arvores umas flôres brancas como cebola cecem muito formosas, e da mesma feição, que estão fechadas da mesma maneira, as quaes se abrem como se põe o sol : e estão abertas até pela manhã, emquanto lhe não dá o sol, e como lhe chega se tornam a fechar, e as que são mais velhas cahem no chão ; cujo cheiro é suave, mas muito mimoso ; e como apertam com ellas não cheiram.

Ha uma arvore meã, que se chama ibiriba, de que se fazem esteios para os engenhos, tirantes e frechaes, e outra obra de casas, tirando taboado por ser má de serrar. Esta madeira é muito dura e má de lavrar, é muito forte para todo o trabalho, e não ha machado com que se possa cortar, que não quebre ou se trate mal, é muito boa de fender; a qual os indios fazem em fios para fachos com que vão mariscar, e para andarem de noute; e ainda que seja verde cortada d'aquella hora, pega o fogo n'ella como em alcatrão; e não apaga o vento os fachos d'ella; e em casa servem-se os indios das achas d'esta madeira, como de candeias, com que se servem de noite á falta d'ellas. Estas arvores se esfollam e abrem-se á mão, as quaes se fazem todas em fios muitos compridos, que se fiam como canhamo, de que se fazem amarras e toda a sorte de cordoalha, que é tão forte como de cairo ; e pisada esta casca muito bem, se faz tão branda e mais que estopa, com o que se calafetam os navios e barcos : e para debaixo d'agua é muito melhor que estopa, porque não apodrece n'agua, e incha muito.

Embiriti é outra arvore meã, cuja madeira é molle, e do entrecasco d'ella se tira envira branca, com que se faz em cordas tão alvas como de algodão, e morrões de espingarda muito bons, que se não apagam nunca, e fazem muito boa braza ; o qual entrecasco se tira tão facilmente, que fazem os negros de Guiné d'elle pannos de cinco a seis palmos de

Digitized by Google

largo, e do comprimento que querem; os quaes amassam e pisam com uns páos com que os fazem estender, e ficam tão delgados como lona, mas muito macios, com os quaes se cingem e cobrem.

Goayaimbira é uma arvore pequena, que não é mais grossa que a perna de um homem; cortam-n'a os indios em rolos de dez, doze palmos, e esfolam-n'a inteira para baixo como coelho, e sahem os entrecascos inteiros; de que os indios fazem aljavas em que mettem os arcos e flechas, a qual envira é muito alva; de que fazem cordas e murrões de espingarda.

CAPITULO LXIX.

Que trata de algumas arvores muito duras.

O condurú é arvore de honesta grossura, e acham-se algumas que tem tres palmos de testa, e não dão um palmo de amago vermelho, que todo o mais é branco que apodrece logo, e o vermelho é incorruptivel; de que se fazem leitos, cadeiras e outras obras delicadas. D'estes condurús novos se fazem espeques para os engenhos, porque não quebram, por darem muito de si quando lhe fazem força.

Suaçucanga é uma arvore pequena, cujo tronco não é mais grosso que a perna de um homem, a madeira é alvissima como marfim, e com as mesmas aguas, a qual é muito dura; e serve para marchetar em lugar de marfim.

Ha outras arvores grandes de que se fazem esteios para os engenhos, a que os indios chamam ubiraetá, e os Portuguezes páo-ferro, por serem muito duras e trabalhosas de cortar, cuja madeira é pardaça e incorruptivel, as quaes arvores se dão em terra de pedras e lugares asperos.

Ubirapariba é arvore grande, muito dura, de que os indios fazem os seus arcos, a madeira tem a côr parda, e é muito dura de lavrar e de cortar; que pelo ser se não aproveitam d'estas arvores, por quebrarem os machados n'ellas; cuja madeira se não corrompe, nem estalam os arcos, que se d'ella fazem: em os quaes se faz aleonada depois de cortada: e é tão pesada que, em tocando n'agua, se vai logo ao fundo.

Ubirauna são arvores grandes de que se fazem esteios para os engenhos, por se não corromper nunca; cuja madeira é preta, muito dura de lavrar, e tão pesada que se vai ao fundo se a lançam n'agua.

Digitized by Google

Mandiocahi é uma arvore assim chamada pelo gentio, de honesta grossura e comprimento, de que se fazem esteios dos engenhos e virgens, por ser madeira de muita dura, a qual é pesada e boa de lavrar, e de côr de amarellaça.

Ha outras arvores, a que o gentio chama ubirapiroca: são arvores compridas, muito direitas, de que se tira grossura até palmo e meio de testa, de que se fazem tirantes e frechaes de casas. Esta madeira é pesada e vai-se ao fundo, e é muito rija e boa de lavrar; tem estas arvores a casca lisa, a qual pella cada anno, e vem criando outra casca nova por baixo d'aquella pelle.

CAPITULO LXX.

Que trata das arvores que se dão ao longo do mar.

Ao longo do mar se criam umas arvores, a que os Portuguezes chamam espinheiros, e os indios tatagiba, que tem as folhas como romeira, e os ramos cheios de espinhos; a madeira por fóra é muito aspera e por dentro amarella de côr fina; a qual se lavra muito bem, sem embargo de ser dura; e é tão fixa que não ha quem visse nunca um páo d'estes podre, de que se fazem muitas obras boas.

Pelo salgado ha uma casta de mangues, a que os indios chamam sereîba, que se criam onde descobre a maré, os quaes lançam muitos filhos ao pé todos de uma grossura, delgados, direitos, de grossura que servem para encaibrar as casas de mato, e os mais grossos servem para as casas dos engenhos, por serem muito compridos e rijos, e de grossura bastante. D'estes mangues se faz tambem lenha para os engenhos, aos quaes cahem algumas folhas, que se fazem amarellas, de que se mantém os caranguejos, que por entre elles se criam; e dão estas arvores umas espigas de um palmo, de feição das dos feijões, e tem dentro um fruto á maneira de favas, de que tornam a nascer ao pé da mesma arvore, e por derredor d'ella.

Canapaúba é outra casta de mangues, cujas arvores são muito tortas e desordenadas, muito asperas da casca, cujas pontas tornam para baixo em ramos muito lisos, em quanto novos e direitos, e vem assim crescendo para baixo, até que chegam a maré; e como esta chega a elles logo criam ostras, com o peso das quaes vem obedecendo ao chão até que pega d'elle, e como pega logo lança ramos para cima,

Digitized by Google

que vão crescendo mui desafeiçoados, e lançam mil filhos ao longo d'agua, que tem tão juntos que se afogam uns aos outros.

CAPITULO LXXI.

Em que se trata de algumas arvores molles.

Ha umas arvores muito grandes, a que o gentio chama copaubuçú, cuja madeira é molle, e não serve senão para cinza, para os engenhos fazerem decoada. Estas arvores tem umas raizes sobre a terra, feitas por tal artificio, que parecem taboas postas ali á mão, as quaes lhe cortam ao machado; de que se tiram taboões, de que se fazem gamellas de cinco, seis palmos de largo, e sete e oito de comprido, d'onde se fazem tambem muitas rodellas, que são como as de adargoeiro, e da vantagem na levidão, cuja madeira é estopenta e muito branda, que não fende.

Paraparaiba é uma arvore, que se dá em boa terra que foi já lavrada, a qual em poucos annos se faz muito alta e grossa, e tem a casca brancacenta, a qual ao longe parece na brancura e grandura o alamo. Tem esta arvore a folha como figueira, mas os pés mais compridos, a madeira é muito molle eôca por dentro; de que fazem bombas aos caravelões da costa; e por dentro tem muitas infindas formigas.

Apeyba é uma arvore comprida muito direita, tem a casca muito verde e lisa, a qual arvore se corta de dous golpes de machado, por ser muito molle; cuja madeira é muito branca, e a que se esfolla a casca muito bem; e é tão leve esta madeira, que traz um indio do mato ás costas tres páos d'estes de vinte e cinco palmos de comprido e da grossura da sua coxa, para fazer d'elles uma jangada para pescar no mar á linha; as quaes arvores se não dão senão em terra muito boa.

Penaiba é uma arvore comprida e delgada, muito direita, cuja madeira é leve e de côr de pinho, que serve para mastros e vergas das embarcações da terra, a qual dá de si muito e não estala; mas não dura muitos annos, porque a corrompe a chuva.

Geremari é outra arvore, que se dá pela terra dentro, a qual é delgada no pé, e muito grossa em cima; e dá umas favas brancas; cuja madeira não serve mais, que para o fogo.

Digitized by Google

Dão-se nas campinas perto do mar umas arvores, que se parecem com os cajueiros, de que já fallámos, que não dão fruto, que se chama cajupeba, tem estas arvores a folha brancacenta, crespa e aspera como de amoreira, a casca d'estas arvores é secca como de sobreiro. A madeira é leve, mas muito liada, que não fende, de que se tiram curvas para barcos, e se fazem vasos de sellas, e d'estas folhas podem manter bichos de seda, se os levarem a estas partes.

Pelo sertão da Bahia se criam umas arvores muito grandes em comprimento e grossura, a que os indios chamam ubiragara, das quaes fazem umas embarcações para pescarem pelo rio e navegarem, de sessenta e setenta palmos de comprido, que são facilissimas de fazer; e porque se cortam estas arvores muito depressa por não ter dura mais; que a casca e o amago é muito molle e tanto que dous indios em tres dias tiram com suas fouces o miolo todo a estas arvores, e fica a casca só, que lhe serve de canoas, tapadas as cabeças, em que se embarcam vinte e trinta pessoas.

CAPITULO LXXII.

Em que se apontam algumas arvores de cheiro.

Entre as arvores de cheiro, que se acham na Bahia, ha uma a que os indios chamam carunje, que se parece na folha, na casca e no cheiro aos loureiros de Hespanha, mas não na baga; cuja madeira é sobre o molle, que se gasta no fogo dos engenhos.

Anhaybatãa é uma arvore que se dá em varzeas humidas e de arêa a qual na grandeza e feição é como o louro, cuja madeira é muito molle e de côr almecegada; o entrecasco d'esta arvore é da côr de canella; e cheira, queima, e sabe como canella; mas tem a quentura mais branda, e sem duvida que parece canella, e parece que se a beneficiarem, que será muito fina, porque o entrecasco dos ramos queima mais do que o do tronco da arvore.

Jacarandá é uma arvore de bom tamanho, que se dá nas campinas em terras fracas, cuja madeira é preta com algumas aguas; e é muito dura, e boa de lavrar para obras primas; e é muito pesada, e não se corrompe nunca sobre a terra, ainda que lhe dê o sol e chuva, a qual tem muito bom cheiro.

Jucuriaçu é uma arvore que se dá em terras fracas, e não é demasiada na grandeza, mas com tudo se acham algu-

Digitized by Google

mas, que dão tres palmos de testa : a madeira d'esta arvore não se corrompe nunca, é dura, pesada, e muito boa de lavrar para obras primas. Ha uma casta de côr parda, com aguas pretas, e outra vermelhaça, com aguas tambem pretas, umas e outras da feição do chamalote ; e umas e outras tem o cheiro suavissimo, e na casa onde se lavra sahe o cheiro por toda a rua, e os seus cavacos no fogo cheiram muito bem ; a qual madeira é muito estimada em toda a parte pelo cheiro e formosura.

Mucetayba é uma arvore que se dá em terras boas e não é de demasiada grandeza, a que chamam em Pernambuco páo santo ; cuja madeira é de honesta grossura, muito rija e pesada, mas boa de lavrar e melhor de tornear, e tem boas aguas, para se d'ella fazer obras de estima ; nunca se corrompe do tempo, e cheira muito bem.

Ubirataya é uma arvore que não é grande, cuja madeira é molle, de côr parda, que cheira muito bem; e na casa onde se queima recende o cheiro por toda a rua.

Entagapena é uma arvore que tem a madeira dura, com agua sobre aleonado, cheira muito bem, de que se fazem contas muito cortezãs, e o gentio as suas espadas.

CAPITULO LXXIII.

Em que se trata de arvores de que se fazem remos e hastes de lanças.

Atraz tratamos do genipapo no tocante ao fruto, agora lhe cabe tratar no tocante á madeira ; cujas arvores são altas, e de honesta grossura, tem a folha como castanheiro; a madeira é de côr branca, como buxo, de que se fazem muitos e bons remos, que duram mais que os de faia ; em quanto verdes são pezados, mas depois de seccos são muito leves ; esta madeira não fende nem estalla, de que se faz tambem toda a sorte de poleame, por ser doce de lavrar ; e cabos e cepos para toda a ferramenta de toda a sorte.

Huacã é outra arvore de que se fazem remos para os barcos, a qual se dá em terras humidas e de arêa. São estas arvores de meã grossura, e quando se lavram fazem um rôxo claro muito formoso, mas dura-lhe pouco a côr ; as quaes, depois de derrubadas, as fendem os indios de alto a baixo em quartos, para fazerem os remos, que não duram tanto como os de genipapo.

Digitized by Google

Ha outras arvores, a que os indios chamam ubiratinga, que não são grossas, mas compridas e direitas, e tem a casca aspera; a côr da madeira é açafroada e boa de fender, o que se lhe faz para fazerem hastes de lança e arremeções, que se fazem muito formosos, e de dardos que são mais pesadas que as de Biscaia; mas mais duras e formosas. Dão-se estas arvores em terras baixas e humidas perto do salgado.

CAPITULO LXXIV.

Em que se diz de algumas arvores que tem ruim cheiro.

N'estes matos se acham umas arvores meãs e direitas, de que se fazem obras de casas, a sua madeira por fóra é almecegada e o amago por dentro muito preto; mas quando a lavram não ha quem lhe soffra o fedor, porque é peor que o de umas necessarias, e chegar os cavacos aos narizes é morrer, que tão terrivel fedor tem; e mettendo-se no fogo se refina mais o fedor; a estas arvores chamam os indios ubirarema, que quer dizer madeira que fede muito.

Ha outra casta de ubirarema, cujas arvores são grandes e desordenadas nos troncos, como as oliveiras; cujos ramos, folhas, cascas e madeira fedem a alhos, de feição que quem os aperta com as mãos lhe ficam fedendo de maneira que se lhe não tira em todo o dia o cheiro, e tem estas arvores as folhas da feição das ameixeiras.

Ao pé de algumas arvores se criam uns ramos como parreiras, da grossura e da feição de uma corda meã, a que os indios chamam cipós, os quaes atrepam pelas arvores acima como as videiras; os quaes cipós cheiram a alhos, e quem pega d'elles não se lhe tira o cheiro, em todo aquelle dia, por mais que se lave.

CAPITULO LXXV.

Em que se apontam algumas arvores que dão frutos silvestres que se não comem.

Nos matos se criam umas arvores de honesta grandura, a que os indios chamam comedoy, de cuja madeira se não faz conta. Esta arvore dá umas bainhas como feijões, meios vermelhos, e meios pretos, mui duros, de finas côres, que é a semente de que as arvores nascem, os quaes servem para tentos, e são para isso mui estimados.

Digitized by Google

Araticurana é uma arvore do tamanho e feição do marmeleiro; as quaes se criam nos alagadiços, onde se ajunta a agua doce com a salgada, cuja madeira é mole e liza que se esfola toda em lhe puxando pela casca. Dão estas arvores um fruto tamanho como marmellos, lavrado pela casca, como pinha, e muito lizo, o qual arregoa como é maduro, e cheira muito bem. Este fruto comem os indios a medo, por que tem para si que quando os caranguejos da terra fazem mal, que é por comerem este fruto n'aquelle tempo.

Anhangáquiabo quer dizer pente do diabo; é arvore de bom tamanho, cujo fruto são umas bainhas grandes; tem dentro em si uma cousa branca e dura, affeiçoada como pente, do que os gentios se aproveitavam antes de communicarem com os Portuguezes e se valerem dos seus pentes.

Cuiêyba é uma arvore tamanha como nogueira, e tem a folha como nogueira, a qual se não cria em ruim terra, e dá umas flores brancas grandes. Da madeira se não trata, porque as não cortam os indios: por estimarem muito o seu fruto, que é como melões, maiores e menores de feição redonda e comprida, o qual fruto se nâo dá entre as folhas como as outras arvores, senão pelo tronco da arvore e pelos braços d'ella, cada um por si: estando esta fruta na arvore, é da côr dos cabaços verdes, e como os colhem, cortam-n'os pelo meio ao comprido e lançam-lhe fóra o miolo, que é como o dos cabaços; e vão curando estas peças até se fazerem duas, dando-lhe por dentro uma tinta preta e por fóra amarella que se não tira nunca; ao que os indios chamam cuias, que lhe servem de pratos, escudelas, pucaros, taças e de outras cousas.

Ha outras arvores meãs, a que os indios chamam jatuaîba, cuja madeira é muito pezada, ás quaes cahe a folha cada anno, e torna a rebentar de novo. Esta arvore dá umas frutas brancas do tamanho e feição de azeitonas cordovezas.

Pelo sertão se criam umas arvores a que os indios chamam beribebas, que dão um fruto do tamanho e feição de noz moscada, o qual amaruja e requeima como ella.

CAPITULO LXXVI.

Que trata dos cipós e o para que servem.

Deu a natureza no Brazil, por entre os seus arvoredos, umas cordas muito rijas e muitas, que nascem aos pés das

Digitized by Google

arvores e atrepam por ellas acima, a que chamam cipós, com que os indios atam a madeira das suas casas, e os brancos que não podem mais; com que escusam pregadura: e em outras partes servem em lugar de cordas, e fazem d'elles cestos melhores que de vime, e serão da mesma grossura, mas tem comprimento de cinco e seis braças.

N'estes mesmos matos se criam outras cordas mais delgadas e primas, que os indios chamam timbós; que são mais rijos que os cipós acima, servem do mesmo, aos quaes fendem tambem em quatro partes, e ficam uns fios mui lindos como de rota da India em cadeiras, e com estes fios atam a palma das casas quando as cobrem com ella, do que fazem tambem cestos finos: e far-se-ha d'elles tudo o que se faz da rota da India.

Ha outra casta, que os indios chamam timborana, que é da mesma feição dos timbós, mas não são tão rijos, do que se aproveitam os indios, quando não acham os timbós.

Criam-se tambem n'estes matos uns cipós muito grossos, a que os indios chamam cipó-embé, cujo nascimento é tambem ao pé das arvores, por onde atrepam; e são tão rijos que tiram com elles as gangorras dos engenhos do mato e as madeiras grossas; pelos quaes puxam cem e duzentos indios, sem quebrarem, e se acertam de quebrar, tornam-se logo a atar, e com elles varam as barcas em terra, e as deitam ao mar, e acham-nos tão grossos como são necessarios; com os quaes se escusam calabretes de linho.

CAPITULO LXXVII.

Que trata de algumas folhas proveitosas que se criam no mato.

Caeté é uma folha que se dá em terra boa e humida, que é da feição das folhas das alfaces estendidas, mas de quatro e cinco palmos de comprido, e são muito tezas: as quaes nascem em touças muito juntas, e tem o pé de quatro e cinco palmos de comprido, e não fazem arvore. Servem estas folhas aos indios para fazerem d'ellas uns vasos, em que metem a farinha, quando vão a guerra, ou algum outro caminho, onde a farinha vai de feição que ainda que chova muito não lhe entra agua dentro.

Capara é outra folha, que nasce como a de cima, mas em cada pé estão pegadas quatro folhas como as atraz, pegadas umas nas outras; com estas folhas arma o gentio em umas

Digitized by Google

varas uma feição como esteira muito tecida, e fica cada esteira de trinta palmos de comprimento e tres de largo, e assentam-nas sobre o emmadeiramento das casas, com o que ficam muito bem cobertas; e dura uma cobertura d'estas sete, oito annos e mais.

Tocum é uma herva, cujas folhas são como de canna do reino, mas mais curtas e brandas ; a vara onde se criam é cheia de espinhos pretos, e limpa d'elles fica como rota da India. Estas folhas quebram os indios ás mãos, e tiram d'ella o mais fino linho do mundo, que parece seda, de que fazem linhas de pescar torcidas á mão, e são tão rijas que não quebram com peixe nenhum. Este tocum, ou seda que d'elle sahe, é pontualmente do toque da herva da India, e assim o parece ; do qual se farão obras mui delicadas, se quizerem.

E porque se não póde aqui escrever a infinidade das arvores e hervas que ha pelos matos e campos da Bahia, nem as notaveis qualidades e virtudes que tem, achamos que bastava para o proposito d'este compendio dizer o que se contém em seu titulo ; mas ha-se de notar que aos arvoredos d'esta provincia lhe não cahe nunca a folha, e em todo o anno estão verdes e formosos.

CAPITULO LXXVIII.

Summario das aves que se criam na terra da Bahía de Todos os Santos do Estado do Brazil.

Já que temos satisfação com o que está dito no tocante ao arvoredo que ha na Bahia de Todos os Santos, e com os frutos, grandezas e estranhezas d'ella, e ainda que o que se disse é o menos que se póde dizer, por haver muitas mais arvores, convém que se dê conta quaes aves se criam entre estes arvoredos, e se mantem de seus frutos e frescura d'elle.

E peguemos logo da aguia como da principal ave de todas as criadas. A aguia, a que o gentio chama cabureaçú, é tamanha como as aguias de Hespanha, tem o corpo pardaço e as azas pretas ; tem o bico revolto, as pernas compridas, as unhas grandes e muito voltadas, de que se fazem apitos; criam em montes altos, onde fazem seus ninhos e põem dous ovos sómente ; e sustentam os filhos da caça que tomam, de que se mantêm.

Criam-se n'estes matos emas muito grandes, a que o gen-

Digitized by Google

tio chama nhandú, as quaes se criam pela terra dentro em campinas, e são tamanhas como as da Africa, e eu vi um quarto de uma depennada tamanho de um carneiro grande. São estas aves brancas, outras cinzentas, e outras malhadas de preto, as quaes tem as pennas muito grandes, mas não tem n'ellas tanta penugem como as da Alemanha; os seus ovos não são redondos, nem tamanhos como os das da Africa. Estas aves fazem os ninhos no chão, onde criam; e mantem os filhos com cobras, e outros bichos que tomam, e com frutas do campo; as quaes não voam levantadas do chão, correm em pulos, com as azas abertas: tomam-n'as os indios a coço; e tanto as seguem, até que as cançam, e de cançadas as tomam. Tem estas aves as pernas e pescoço compridos, cuja carne é dura, mas muito gostosa; das pennas se aproveita o gentio, e fazem d'ellas uma roda de penachos, que pelas suas festas trazem nas costas, que têm em muita estima.

Tabuiaiá é uma ave muito maior que pato; tem as pernas altas, os pés grossos, a côr parda, o bico grosso e grande; tem sobre o bico, que é branco, uma maneira de crista vermelha, e sobre a cabeça umas pennas levantadas, como poupa. Criam em arvores altas, os ovos são como de patos, mantem-se de frutas do mato; cuja carne é dura, mas boa para comer.

CAPITULO LXXIX.

Em que se declara a propriedade do macucagoá, motum e das gallinhas do mato.

Macuagoá é uma ave grande de côr cinzenta, do tamanho de um grande pato, mas tem no peito mais titellas que dous galipavos, as quaes são tenras como de perdiz, e da mesma côr; a mais carne é sobre dura, sendo assada, mas cozida é muito boa. Tem estas aves as pernas compridas, cheias de escamas verdoengas; tem o bico pardaço da feição da gallinha; voam pouco e ao longo do chão, por onde correm muito; e as tomam com cães a coço, e ás vezes as matam ás flexadas; criam no chão, onde põem muitos ovos, em ninhos como de gallinhas; mas tem a casca verde de côr muito fina, e mantem-se das frutas do mato.

Motúm são umas aves pretas nas costas, azas e barriga branca; são do tamanho dos gallipavos, tem as pernas compridas e pretas, e sobre a cabeça umas pennas levanta-

Digitized by Google

das como pavão, e voam pouco e baixo, correm muito pelo chão, onde os matam a flexadas e as tomam a coço com cães. Criam no chão, os seus ovos são tamanhos como de pata, muito alvos, e tão crespos da casca como confeitos, e a clara d'elles é como manteiga de porco derretida, a qual enfastia muito. Tem estas aves o bico preto como de corvo, e tocado ao redor de vermelho, á maneira de crista; a carne d'estas aves é muito boa, pontualmente como a de gallipavos, e tem no peito muitas mais titellas.

Jacús são umas aves a que os Portuguezes chamam gallinhas do mato, e são do tamanho das gallinhas e pretas; mas tem as pernas mais compridas, a cabeça e pés como gallinha, o bico preto, cacaream como perdizes, criam no chão, e têm o vôo muito curto; matêm-se de frutas, matam-n'as os indios ás flexadas; cuja carne é muito boa, e tem o peito cheio de titellas como perdiz da mesma côr, e muito tenras; a mais carne é dura para assada, e cozida é muito boa.

Tuyuyú é uma ave grande de altura de cinco palmos, tem as azas pretas, e papo vermelho, e o mais branco; tem o pescoço muito grande, e o bico de dous palmos de comprido: fazem os ninhos no chão, em montes muito altos, onde fazem grande ninho, em que põem dous ovos, cada um como um grande punho: mantem os filhos com peixe dos rios, o qual comem primeiro, e recozem-n'o no papo, e depois arreveçam-n'o, e repartem-n'o pelos filhos.

CAPITULO LXXX.

Em que se declara a natureza dos canindés, aráras e tucanos.

Canindé é um passaro tamanho como um grande gallo; tem as pennas das pernas, barriga e collo amarellas, de côr muito fina, e as costas acatazoladas de azul e verde, e as das azas e rabo azues, o qual tem muito comprido, e a cabeça por cima azul, e ao redor do bico amarello; tem o bico preto, grande e grosso; e as pennas do rabo e as das azas são vermelhas pela banda debaixo. Criam em arvores altas onde os indios os tomam novos nos ninhos, para se criarem nas casas; porque fallam e gritam muito, com voz alta e grossa: os quaes mordem mui valentemente, e comem frutas das arvores, e em casa tudo quanto lhe dão; cuja carne é dura, mas aproveitam-se d'ella os que andam pelo mato. Os indios se aproveitam das suas pennas amarellas para as

Digitized by Google

suas carapuças, e as do rabo, que são de tres e quatro palmos, para as embagaduras das suas espadas.

Arára é outro passaro do mesmo tamanho e feição do canindé, mas tem as pennas do collo, pernas e barriga vermelhas, e as das costas, das azas, e do rabo azues, e algumas verdes, e a cabeça e pescoço vermelho, e o bico branco e muito grande, e tão duro que quebram com elle uma cadeia de ferro, os quaes mordem muito e gritam mais. Criam estas aves em arvores altas, comem frutas do mato e milho pelas roças, e a mandioca quando está a curtir. Os indios tomam estes passaros quando são novos nos ninhos, para os criarem; os quaes depois de grandes cortam com o bico por qualquer páo, como se fosse uma inxó. A sua carne é como a dos canindés, de cujas pennas se aproveitam os indios.

Tucanos são outras aves do tamanho de um corvo; tem as pernas curtas e pretas, a penna das costas azulada, a das azas e do rabo anilada, o peito cheio de frouxel muito miudo de finissimo amarello, o qual os indios esfolam para forro de carapuças. Tem a cabeça pequena, o bico branco e amarello, muito grosso, e alguns são tão compridos como um palmo, e tão pesados que não podem com elle quando comem, porque tomam grande bocado, com o que viram o bico para cima, porque não póde o pescoço com tamanho peso, como têm. Criam estes passaros em arvores altas, e tomam-n'os novos para se criarem em casa; os bravos matam os indios á flexa, para lhe esfolarem o peito, cuja carne é muito dura e magra.

CAPITULO LXXXI.

Em que se diz das aves que se criam nos rios e lagoas da agua doce.

Ao longo dos rios da agua doce se criam mui formosas garças a que o gentio chama uratinga, as quaes são brancas, e tamanhas como as de Hespanha. Tem as pernas longas pescoço e bico mui comprido, pernas e pés amarellos, e tem entre os encontros um molho de plumas, que lhe chegam á ponta do rabo, que são mui alvas e formosas, e para estimar; e são estas garças muito magras, e criam no chão junto da agua; mantem-se do peixe, que tomam nos rios, e esperam mal que lhe atirem.

Criam-se mais ao longo d'estes rios e nas alagôas muitas

Digitized by Google

adens, a que o gentio chama upeca, que são da feição das de Hespanha, mas muito maiores, as quaes dormem em arvores altas, e criam no chão perto da agua. Comem peixe, e da mandioca que está a curtir nas ribeiras; tomam os indios estas adens, quando são novas, e criam-n'as em casa, onde se fazem muito domesticas.

Aguapeaçoca é uma ave do tamanho de um frangão; tem as pernas muito compridas, e o pescoço e o vestido de penna aleonada, e derredor do bico uma rosa muita amarella; e tem nos encontros das azas dous esporões de osso amarello, e nas pontas d'ellas outros dous, com que offendem aos passaros com que pelejam. Andam estas aves nas alagôas, e criam nas junqueiras junto d'ellas, onde põem tres ovos não mais, e mantem-se de caracóes que buscam.

Jabacatim é um passaro tamanho como um pintão, tem o bico comprido, o peito vermelho, a barriga branca, as costas azues, criam em buracos, que fazem nas barreiras sobre os rios, ao longo dos quaes andam sempre com os pés pela agua a tomar peixinhos, de que se mantem.

E ha outros mais pequenos da mesma feição e costumes, a que o gentio chama garirama.

Jacuaçu são outras aves da feição das garças grandes, e do seu tamanho; são pardas e pintadas de branco, andam nos rios e lagôas, criam ao longo d'ellas e dos rios, no chão; mantem-se do peixe que tomam.

CAPITULO LXXXII.

Das aves que se parecem com perdizes, rolas e pombas.

Picaçu é como pomba brava, mais pequena alguma cousa, tem a côr cinzenta, os pés vermelhos; cria no chão, onde põe dous ovos; tem o peito e carne mui saborosa.

Payrary é uma ave do tamaho, côr e feição das rolas, as quaes criam no chão em ninhos, em que poem dous ovos, e tomam-n'os em redes, e amançam-n'as em casa de maneira que criam como pombas, as quaes tem o peito muito cheio, e boa carne.

Jurutis é outra casta de rolas do mesmo tamanho, mas são aleonadas, e tem o bico pardo; tambem criam no chão onde põem dous ovos, e tomam-n'as em redes, cuja carne é miuto tenra e boa.

Nambú é uma ave da côr e tamanho da perdiz, tem os pés e bico vermelho, voam ao longo do chão, por onde cor-

Digitized by Google

rem muito, e criam em ninhos que fazem no chão, onde põem muitos ovos. Estas aves tem grande peito cheio de titellas muito tenras e saborosas.

Ha outras aves, a que os indios chamam piquepebas, que são da feição das rolas, e da mesma côr, mas são mais pequenas, e tem as pernas vermelhas e o bico preto: estas andam sempre pelo chão, onde criam, e põem dous ovos: as quaes o mais do tempo andam esgaravatando a terra com o bico, buscando umas pedrinhas brancas de que se mantem.

CAPITULO LXXXIII.

Em que se relata a diversidade que ha de papagaios.

Ageruaçu são uns papagaios grandes todos verdes, que tem tamanho corpo como uma ádem, os quaes se fazem mui domesticos em casa, onde fallam muito bem: estes no mato criam em ninhos, em arvores altas; são muito gordos e de boa carne, e muito saborosos; mas hão de ser cozidos.

Ageruété são uns papagaios verdadeiros que se levam á Hespanha, os quaes são verdes, e tem os encontros das azas vermelhos, e o tocado da cabeça amarello; criam nas arvores em ninhos, e comem a fruta d'ellas, de que se mantem; cuja carne se come; e para se amançarem tomam-n'os novos.

Ha outros papagaios a que chamam coricas, que são todos verdes, e não tem mais que o só queixo amarello, e algumas pennas nas azas encarnadas; os quaes criam em ninhos nas arvores, d'onde fazem grande damno nas searas do milho; tomam-n'os novos para se amançarem em casa, onde fallam muito bem; cuja carne comem os que andam pelo mato, mas é dura.

Marcaná é um passaro verde todo, como papagaio, tem a cabeça toucada de amarello, o bico grosso e sobre o grande, e voltado para baixo, o rabo comprido e vermelho: criam-se em arvores altas, em ninhos; e amamçam-se alguns por que fallam, cuja carne é dura, mas come-a quem não tem outra melhor.

Ha uns passarinhos todos verdes, que tem os pés e bico branco, a que os indios chamam tuim; tem o bico revolto para baixo, e criam em arvores, em ninhos de palha, perto do mar e não os ha pelo sertão; os quaes andam em bandos: tomam-n'os em novos para se criarem

Digitized by Google

em casa, onde fallam muito claro e bem, e tem muita graça no que dizam.

Ha outros passaros todos verdes, maiores que os tuins, que tem o bico branco voltado, toucado de amarello e azul, que criam em arvores, em ninhos, d'onde se tomam em novos, para se criarem em casa, aonde fallam tambem; estes andam em bandos destruindo as milharadas.

CAPITULO LXXXIV.

Em que se conta a natureza de algumas aves da agua salgada.

Na Bahia ao longo da agua salgada, nas ilhas que ella tem, se criam garcetas pequenas, a que os indios chamam carabuçú: algumas são brancas e outras pardas, as quaes dão umas plumas cinzentas pequenas, muito fidalgas para gorro; todas criam ao longo do mar, onde tomam peixe, de que se mantem, e caranguejos novos; e esperam bem a espingarda.

Ha outros passaros, a que os indios chamam uirateonteon, que se criam perto do salgado, que são pardos, e tem o pescoço branco, o bico verde, e são tamanhos como adens, e tem os pés da sua feição. Estes passaros andam no mar perto da terra, e voam ao longo d'agua tanto sem descançar, até que cahem como mortos; e assim descançam até que se tornam levantar, e voam.

Carapirá é uma ave, a que os mareantes chamam rabiforcado, os quaes se vão cincoenta e sessenta leguas ao mar, d'onde se recolhem para a Bahia, diante de algum navio do reino, ou do vento sul que lhe vem nas costas ventando, d'onde tornam logo fazer volta ao mar; mas criam em terra ao longo d'elle.

Jaború é outra ave tamanha como um grou, tem a côr cinzenta, as pernas compridas, o bico delgado e mais que de palmo de comprido; estas aves criam em terra ao longo do salgado, e comem o peixe que tomam no mar, perto da terra por onde andam.

Ao longo do salgado se criam uns passaros, a que os indios chamam urateon; são pardos, tamanhos como frangãos, tem as pernas vermelhas, o bico preto e comprido; são mui ligeiros, e andam sempre sobre a agua salgada, saltando em pulos, espreitando os peixinhos de que se mantem.

Digitized by Google

Ao longo do mar se criam outros passaros a que os indios chamam aty ; tem o corpo branco, as azas pretas, e o bico de peralto, com que cortam o peixe como com tesoura ; tem as pernas curtas e brancas ; andam sempre nas barras do rio buscando peixe, do que comem.

Matuim-açú são uns passaros, que andam sempre sobre os mangues, tamanhos como franganitos, de côr pardaça ; tem as pernas e bico preto, e mantem-se de peixe que tomam.

Matuimirim são outros passaros de feição dos de cima, mas mais pequenos e brancacentos ; mantem-se do peixe que tomam ; e uns e outros criam no chão ao longo do salgado.

Pitaoão são passarinhos do tamanho e côr dos canarios, e tem uma corôa branca na cabeça ; fazem grandes ninhos nos mangues, ao longo dos rios salgados, onde põem dous ovos; e mantem-se dos peixinhos que alcançam pór sua lança.

Ha umas aves como garcetas, a que os indios chamam socóry, que tem as pernas compridas e amarellas, o pescoço longo, o peito pintado de branco e pardo, e todo o mais pardo ; criam em terra no chão, perto da agua salgada, aonde se mantem do peixe que n'ella tomam, e de caranguejos dos mangues.

Margui é um passaro pequeno e pardo, tem as pernas mui compridas, o bico e pescoço longo ; e está sempre olhando para o chão e como vê gente foge dando um grande grito. Estas aves se criam ao longo do salgado, e mantem-se do peixe que tomam no mar.

CAPITULO LXXXV.

Em que se trata de algumas aves de rapina que se criam na Bahia.

Urubús são uns passaros pretos, tamanhos como corvos, mas tem o bico mais grosso, e a cabeça como gallinha cucurutada, e as pernas pretas, mas tão sujos que fazem seu feitio pelos pernas abaixo, e tornam-n'o logo a comer. Estas aves tem grande fáro de cousas mortas, que é o que andam sempre buscando para sua mantença, as quaes criam em arvores altas : algumas ha manças em poder dos indios que tomaram nos ninhos.

Tôató é um passaro, que é na feição, na côr e no tamanho

Digitized by Google

um gavião, e vive de rapina no mato; e em povoado não lhe escapa pintão que não tome, e criam em arvores altas.

Uraoaçú são como os minhotos de Portugal, sem terem nenhuma differença; são pretos e tem grandes azas, cujas pennas os indios aproveitam para empenarem as flexas, os quaes vivem de rapina no mato, e em povoado destroem uma fazenda de gallinhas e pintãos.

Sabiápitanga são uns passaros pardos como pardaes, que andam pelos monturos, e correm pelo chão com muita ligeireza, e mantem-se da mandioca que furtam dos indios quando está a curtir; os quaes criam em ninhos em arvores.

Carácará são uns passaros tamanhos como gaviões, tem as costas pretas, as azas pintadas de branco e o rabo, o bico revolto para baixo, os quaes se mantem de carrapatos, que trazem as alimarias, e de lagartixas que tomam; e quando as levam no bico vão apóz elles uns passarinhos, que chamam suiriri, para que as larguem; e vão-n'os picando, até que de perseguidos se põem no chão, com a lagartixa debaixo dos pés, para a defender.

Oacaoam são passaros tamanhos como gallinhas, tem a cabeça grande, o bico preto voltado para baixo, a barriga branca, o peito vermelho, o pescoço branco, as costas pardas, o rabo e azas pretas e brancas. Estes passaros comem cobras que tomam, e quando fallam se nomeam pelo seu nome; em os ouvindo, as cobras lhes fogem, por que lhe não escapam; com as quaes mantem os filhos. E quando o gentio vai de noite pelo mato que se teme das cobras vai arremedando estes passaros para as cobras fugirem.

Pela terra dentro se criam umas aves, a que os indios chamam urubutinga, que são do tamanho dos gallipavos; e são todos brancos, e tem crista como os gallipavos. Estas aves comem carne que acham pelo campo morta, e ratos que tomam; as quaes põem um só ovo, que mettem em um buraco, onde o tiram; e mantem n'elle o filho com ratos que lhe trazem para comer.

CAPITULO LXXXVI.

Em que se contém a natureza de algumas aves nocturnas.

Urucuream é uma ave, pontualmente como as corujas de Hespanha; umas são cinzentas e outras brancas; gritam de noite como corujas; as quaes criam no mato em tronco

Digitized by Google

de arvores grossas, e em povoado nas igrejas, de cujas alampadas comem o azeite.

Jucurutú é uma ave tamanha como um frango, que em povoado anda de noite pelos telhados ; e no mato cria em tocas de arvores grandes, e anda ao longo dos caminhos ; e aonde quer que está, toda a noite está gritando pelo seu nome. Esta ave é de côr brancacenta, tem as pernas curtas, a cabeça grande com tres listas pardas por ella que parecem cutiladas, e duas pennas n'ella de feição de orelhas.

Ha outros passaros, a que os indios chamam ubujaús, que são tamanhos como pintãos, tem a cabeça grande, o rabo comprido ; e são todos pardos e muito cheios de penugem, os quaes andam de noite gritando cuxaiguigui.

Ha outros passaros do mesmo nome mais pequenos, que são pintados, os quaes andam de madrugada dando os mesmos gritos e uns e outros criam no chão, onde põem dous ovos somente ; e mantem-se das frutas do mato.

Ha outros passaros pardos, a que os indios chamam oitibó, com que tem grande agouro ; os quaes andam ordinariamente gritando oitibó, e de dia não os vê ninguem ; e mantem-se das frutas e folhas de arvores, onde lhe amanhece.

Aos morcegos chamam os indios andura ; e ha alguns muito grandes, que tem tamanhos dentes como gatos, com que mordem ; criam nos concavos das arvores, e nas casas e logares escuros ; as femeas parem quatro filhos e trazem-os pendurados ao pescoço com as cabeças para baixo, e pegados com as unhas ao pescoço da mãe ; quando estes morcegos mordem alguem que está dormindo de noite, fazem-n'o tão subtilmente que se não sente ; mas a sua mordedura é mui peçonhenta. Nas casas de purgar assucar se criam infinidade d'elles, onde fazem muito damno, sujando o assucar com o seu feitio, que é como de ratos ; e comem muito d'elle.

CAPITULO LXXXVII.

Em que se declara de alguns passaros de diversas côres e costumes.

Uranhengatá é uma ave do tamanho de um estorninho, que tem o peito, pescoço, barriga e coxas de fino amarello, e as costas, azas e rabo de côr preta mui fina, e a cabeça e de redor do bico um só queixo amarello, e as pernas e pés como floùba ; os quaes criam em ninhos, em arvores altas,

Digitized by Google

onde os tomam em novos e os criam em casa, onde se fazem tão domesticos, que vão comer ao mato e tornam para casa.

Sabiátinga são uns passarinhos brancos, que tem as pontas das azas pretas, e as do rabo que tem compridas, os quaes criam em ninhos que fazem nas arvores, mantem-se das pimentas que buscam; de cujo feitio se criam pelo campo muitas pimenteiras.

Tiépiranga são passaros vermelhos do corpo, que tem as azas pretas, e são tamanhos como pintarroxos; criam em arvores, onde fazem seus ninhos; aos quaes os indios esfolam os peitos para forrarem as carapuças, por serem muito formosos.

Gainambî são uns passarinhos muito pequenos, de côr apavonada, que tem os bicos maiores que o corpo, e tão delgados como alfinetes: comem aranhas pequenas e fazem os seus ninhos das suas têas; tem as azas pequenas e andam sempre bailando no ar, espreitando as aranhas; criam em tocas de arvores.

Ha outra ave, a que os indios chamam ayayá, que é do tamanho de uma franga toda vermelha, tem o bico verde, os pés pretos e o cabo do bico amaçado como pata; fazem seus ninhos em arvores altas, e mantem-se da fruta d'ellas.

Jaçanã são uns passaros pequenos todos encarnados e os pés vermelhos: criam-se em arvores altas, onde fazem os ninhos, e mantem-se das frutas do mato.

Ha outros passarinhos pequenos todos vestidos de azul, côr muito subida, aos quaes os indios chamam sayubui, que tem o bico preto, e criam em arvores, e mantem-se dos bichinhos da terra.

Tupiana são uns passarinhos que tem o peito vermelho, a barriga branca e o mais azul; e tem os bicos compridos, muito delgados; e criam nas arvores, em ninhos, e mantem-se de bichinhos.

Tiéjuba são passarinhos pequenos que tem o corpo amarello, as azas verdes, o bico preto; criam em tocas de arvores, e mantem-se de pedrinhas que apanham pelo chão.

Macacica é um passaro pequeno que tem as azas verdes, a barriga amarella, as costas e o rabo pardo, e o bico preto; fazem estes passaros os ninhos nas pontas das arvores, dependurados por um fio da mesma arvore; e os ninhos são de barro e palha, com curucheos por cima muito agudos, e servem-se por uma portinha, onde põem dous ovos; e

Digitized by Google

fazem os ninhos d'esta feição por fugirem ás cobras que lhes comem os ovos, se os acham em outra parte,

Ha outros passaros que os indios chamam sijá, que são tamanhos como papagaios todos verdes, e o bico revolto para baixo, os quaes criam em tocas de arvores, de cuja fruta se mantem.

CAPITULO LXXXVIII.

Em que se trata de alguns passarinhos que cantam.

Suiriri são uns passarinhos como chamarizes, que criam em ninhos nas arvores, os quaes se mantem com bichinhos e formigas, das que tem azas, a que em Portugal chamam agudes; estes se criam em gaiolas, ondé cantam muito bem, mas não dobram muito quando cantam.

Ha outros passaros pretos, com os encontros amarellos, a que os indios chamam urandi, que criam em ninhos de palha, onde põem dous ovos, os quaes cantam muito bem.

Ha outros passarinhos, a que os indios chamam uraenhangatá, que são quasi todos amarellos, que criam em ninhos de palha que fazem nas arvores, os quaes cantam nas gaiolas muito bem.

Criam-se em arvores baixas em ninhos outros passaros. a que o gentio chama sabiá coca, que são todos aleonados muito formosos, os quaes cantam muito bem.

Pexarorem são uns passarinhos todos pretos tamanhos como calhandros, que andam sempre por cima das arvores, mas comem no chão bichinhos e cantam muito bem.

Querejuá são uns passarinhos todos azues de côr finissima, que andam sempre por cima das arvores, onde criam e se mantem com o fruto d'ellas, e cantam muito bem.

Muiepereru são uns passarinhos pardos tamanhos como carriças; criam nos buraros das arvores e das pedras, põem muitos ovos, comem aranhas e minhocas, cantam como roxinóes, mas não dobram tanto como elles.

CAPITULO LXXXIX.

Que trata de outros passaros diversos.

Nhapupé é uma ave do tamanho de uma franga, de côr aleonada, tem os pés como gallinha, a qual anda sempre

Digitized by Google

pelo chão, onde cria e põem muitos ovos de fina côr aleonada, cuja carne é dura, e come-se cozida.

Saracura é uma ave tamanha como gallinha, de côr aleonada, que tem as pernas muito compridas, e o pescoço e bico comprido; cria no chão, onde chega a maré de aguas vivas, que se mistura com agua doce ; as quaes não andam pelo salgado, nem pelo mato grande, mas ao longo d'elle : de noite carcarêa como perdiz; e tem o peito cheio de titellas tenras, e a mais carne é boa tambem.

Orús são umas aves tamanhas como papagaios, de côr preta e o bico revolto ; criam em arvores altas, e quando tem filhos nos ninhos remettem aos indios, que lh'os querem tomar ; estas aves tem grande peito cheio de titellas, as quaes e a mais carne são muito tenras e saborosas como gallinha.

Anú é outra ave preta, do tamanho e feição de gralha ; e andam sempre em bandos, voando de arvore em arvore ao longo do chão ; criam em arvores baixas em ninhos, e mantem-se de uma baga preta como murtinhos, e de outras frutinhas que buscam.

Magoari é outra ave de côr branca, que faz tamanho vulto como uma garça, e tem as pernas e pés mais compridos que as garças, e o pescoço tão longo que quando vôa o faz em voltas ; e tem o bico curto e o peito muito agudo e nenhuma carne, porque tudo é penna ; e vôa muito ao longe, e corre pelo chão por entre o mato, que faz espanto.

Aracoâ é outro passaro tamanho como um frangão, de côr parda ; tem as pernas como de frangãos, mas os dedos muito compridos e o rabo longo ; e tem duas goelas, ambas por uma banda, que leva ao longo do peito até abaixo onde se juntam ; criam-se estas aves em arvores, e comem fruta d'ellas.

Sabiáuna são uns passarinhos pretos que andam sempre entre arvoredo ; comem frutas e bichinhos, criam nas arvores em ninhos de palha.

Atiaçú é um passaro tamanho como um estorninho, tem as costas pardas, o peito e a barriga branca, o rabo comprido, as pernas verdoengas, os olhos vermelhos ; criam em arvores, comem o fruto d'ellas, e cantam em assobios.

Ha uns passarinhos pequenos todos pretos, a que os indios chamam timuna, que criam em ninhos de palha, mantem-se de frutas e minhocas.

Uanandi é um passaro pequeno pardo, pintado de preto

Digitized by Google

pelas costas e branco na barriga ; e tem o bico curto, e cria em ninhos de palha que faz nas arvores.

Ha outros passaros, a que o gentio chama uapicú, tamanhos como tordos, têm o corpo preto e as azas pintadas de branco, e o bico comprido, tão duro e agudo que fura com elle as arvores que tem abelheiras até que chega ao mel, de que se mantem ; e quando dão as picadas no páo, sôa a pancada a oitenta passos e mais ; os quaes passaros tem na cabeça um cucuruto vermelho e alevantado, e criam nas tocas das arvores.

CAPITULO XC.

Que trata de alguns bixos menores que tem azas e tem alguma semelhança de aves.

Como foi forçado dizer-se de todas as aves como fica dito, convém que junto d'ellas se diga de outros bichos que tem azas e mais aparencia de aves que de alimarias, ainda que sejam immundicias, e pouco proveitosas ao serviço dos homens.

Comecemos logo dos gafanhotos, a que o gentio chama tacura, os quaes se criam na Bahia muito grandes, e andam muitas vezes em bandos, os quaes são da côr dos que ha em Hespanha, e ha outros pintados, outros verdes e de differentes cores, e tem maiores azas que os de Hespanha, e quando voam abrem-n'as como passaros e não são muito damninhos.

Ha outros bichos a que os indios chamam tacuranda, e em Portugal saudes, os quaes são muito formosos, pintados e grandes, mas não fazem mal a nada.

Nas tocas das arvores se criam uns bichinhos como formigas, com azas brancas, que não sahem do ninho senão depois que chove muito, e o primeiro dia de sol, a que os indios chamam arará ; e quando sahem fóra é voando ; e sahe tanta multidão que cobre o ar, e não torna ao lugar donde sahiu, e perde-se com o vento.

As borboletas a que chamam mariposa, chamam os indios sarará ; as quaes andam de noite de redor das candeias, maiormente em casas palhoças do mato, e em noites de escuro, e são tão perluxas ás vezes que não ha quem se valha com ellas, porque se vem ao rosto e dão enfadamento ás cêas, porque se põem no comer, e não deixam as candeias dar seu lume, o que acontece em povoado.

Digitized by Google

Ha outra casta de borboletas grandes, umas brancas, e outras amarellas, e outras pintadas, muito formosas á vista, a que os indios chamam panamá, as quaes vem ás vezes de passagem no verão em tanta multidão, que cobrem o ar, e põem logo todo um dia em passar por cima da cidade do Salvador á outra banda da Bahia, que são nove ou dez leguas de passagem. Estas borboletas fazem muito damno nos algodões quando estão em flôr.

CAPITULO XCI.

Em que conta a propriedade das abelhas da Bahia.

Na Bahia ha muitas castas de abelhas. Primeiramente ha umas a que o gentio chama herú, que são grandes e pardas; estas fazem o ninho no ar, por amor das cobras, como os passaros de que dissemos atraz; onde fazem seu favo e criam mel muito bom e alvo, que lhe os indios tiram com fogo, do que ellas fogem muito; as quaes mordem valentemente.

Ha outra casta de abelhas a que os indios chamam tapiuja, que tambem são grandes, e criam em ninhos que fazem nas pontas dos ramos das arvores com barro, cuja abobada é tão subtil que não é mais grossa que papel. Estas abelheiras crestam tambem com fogo, a quem os indios comem as crianças, e ellas mordem muito.

Ha outra casta de abelhas, maiores que as de Hespanha, a que os indios chamam taturama: estas criam nas arvores altas, fazendo seu ninho de barro ao longo do tronco d'ellas, e dentro criam seu mel em favos, o qual é baço, e ellas são pretas e mui crueis.

Ha outra casta de abelhas a que o gentio chama cabecé, que mordem muito, que tambem fazem o ninho em arvores, onde criam mel muito alvo e bom; as quaes são louras, e mordem muito.

Ha outra casta de abelhas, a que os indios chamam caapoam, que são pequenas, e mordem muito a quem lhe vai bolir no seu ninho, que fazem no chão, de barro sobre um torrão; o qual é redondo, do tamanho de uma panella, e tem serventia ao longo do chão, onde criam seu mel, que não é bom.

Cabatan são outras abelhas que não são grandes, que fazem seu ninho no ar, dependurado por um fio, que desce da ponta de um raminho: e são tão bravas que, em sentindo

Digitized by Google

gente, remettem logo aos beiços, olhos e orelhas, onde mordem cruelmente ; e n'estes ninhos armam seus favos, onde criam mel branco e bom.

Saracoma são outras abelhas pequenas que fazem seu gazalhado entre folhas das arvores, onde não criam mais que sete ou oito juntas ; e fazem alli seu favo, em que criam mel muito bom e alvo ; estas mordem rijamente, e dobram umas folhas sobre outras, que tecem com uns fios como aranhas, onde tem os favos.

Ha outra casta de abelhas, a que o gentio chama cabaojuba, que são amarellas, e criam nas tocas das arvores, e são mais crueis que todas ; e em sentindo gente remettem logo a ella ; e convem levar apparelho de fogo prestes, com o qual lhe tiram os favos cheios de mel muito bom.

Capueruçú é outra casta de abelhas grandes : criam seus favos em ninhos, que fazem no mais alto das arvores, do tamanho de uma panella, os quaes são de barro ; os indios os crestam com fogo, e lhes comem os filhos, que lhe acham; as quaes tambem mordem onde chegam a quem lhes vai bolir.

CAPITULO XCII.

Que trata das vespas e moscas.

Criam-se na Bahia muitas vespas, que mordem muito ; em especial umas, a que chamam os indios terigoá, que se criam em ramos de arvores poucas juntas, e cobrem-se com uma capa que parece têa de aranha, d'onde fazem seu officio em sentindo gente.

Amisagoa é outra casta de vespas, que são á maneira de moscas, que se criam em um ninho, que fazem nas paredes, e nas barreiras da terra, tamanhos como uma castanha com nm olho no meio, por onde entram, o qual ninho é de barro, e ellas mordem a quem lhe vai bulir n'elle.

E porque as moscas se não queixem, convem que digamos de sua pouca virtude : e começemos nas que se chamam mutuca, que são as moscas geraes e enfadonhas que ha em Hespanha ; as quaes adivinham a chuva, começando a morder onde chegam, de maneira que, se se sente sua picada, é que ha boa novidade.

Ha outra casta de moscas, a que os indios chamam muruanja, que são mais miudas que as de cima e azuladas ;

Digitized by Google

estas seguem sempre os cães e comem-lhe as orelhas: e se, tocam em sangue ou chaga, logo lançam varejas.

Merús, são outras moscas grandes e azuladas que mordem muito, onde chegam, tanto que por cima de rede passam o gibam a quem está lançado n'ella, e logo fazem arrebentar o sangue pela mordedura: aconteceu muitas vezes pôrem ellas varejas a homens que estavam dormindo, nas orelhas, nas ventas e no céo da boca, e lavrarem de feição por dentro as varejas, sem se saber o que era, que morreram alguns d'isso.

Tambem ha outras como as de cavallo, mas mais pequenas e muito negras, que tambem mordem onde chegam.

CAPITULO XCIII.

Que trata dos mosquistos, grillos, bizouros e brocas que ha na Bahia.

Digamos logo dos mosquitos, a que chamam nhitinga; e são muito pequenos e da feição das moscas; os quaes não mordem, mas são muito enfadonhos, porque se põem nos olhos, nos narizes; e não deixam dormir de dia no campo, se não faz vento. Estes são amigos de chagas, e chupam-lhe a peçonha que tem; e se se vão pôr em qualquer cossadura de pessoa sã, deixam-lhe a peçonha n'ella, do que se vem muitas pessoas a encher de boubas. Estes mosquitos seguem sempre em bandos as indias, que andam nuas, mormente quando andam sujas do seu costume.

Marguis são uns mosquitos que se criam ao longo do salgado, e outros na terra perto d'agua, e apparecem quando não ha vento; e são tamanhos como um pontinho de penna, os quaes onde chegam são fogo de tamanha comichão e ardor que fazem perder a paciencia, mormente quando as aguas são vivas; e crescem em partes despovoadas; e se lhe põem a mão, desfazem-se logo em pó.

Ha outra casta que se cria entre os mangues, a que os indios chamam inhatiúm, que tem as pernas compridas, e zunem de noite, e mordem a quem anda onde os ha, que é ao longo do mar; mas se faz vento não apparece nenhum.

Pium é outra casta de mosquitos tamanhos como pulgas grandes com azas; e em chegando estes á carne, logo sangram sem se sentir, e em lhe tocando com a mão se esborrácham; os quaes estão cheios de sangue; cuja mordedora

Digitized by Google

causa muita comichão depois, e quer-se esprimida do sangue por não fazer guadelhão na carne.

Ha outra casta de mosquitos, a que os indios chamam nhatium-açú; estes são de pernas compridas, e mordem e zunem pontualmente como os que ha em Hespanha, que entram nas casas onde não ha fogo; e de que todos são inimigos.

Tambem se cria na Bahia outra immundicia, a que chamamos brocas, que são como pulgas, e voam sem lhe enxergarem azas; as quaes furam as pipas do vinho e do vinagre, de maneira que fazem muita perda, se as não vigiam; e furam todas as pipas e barris vazios, salvo se tiveram azeite; e nas terras povoadas de pouco fazem mais damno.

Ha tambem grande copia de grillos na Bahia, que se criam pelo mato e campos; que andam em bandos, como gafanhotos; e se criam tambem nas casas de palha, em quanto são novas; nas quaes se recolhem muitos entre a palma que vem domat o; os quaes são muito damninhos; porque roem muito os vestidos, a que podem chegar; e mettem-se muitas vezes nas caixas, onde fazem destruição no fato que acham no chão, o qual cortam de maneira que parece cortado á tesoura; mas como as casas são defumadas recolhem-se todos para o mato: estes são grandes e pequenos, e tem azinhas; e saltam como gafanhotos.

Tambem se criam n'estas partes muitos bisouros, a que os indios chamam unauna; mas não fazem tão ruim feitio com as maçãs que fazem os de Hespanha; andam por logares sujos, tem azas, e são negros; com a cabeça, pescoço e pernas muito resplandecentes, e tudo muito duro, mas são muito maiores que os de Hespanha; e tem dous cornos virados com as pontas uns para os outros; e parecem de azeviche.

CAPITULO XCIV.

Em que se declara a natureza das antas do Brazil. Apontamentos das alimarias, que se criam na Bahia e da condição e natureza d'ellas.

Bem podemos dizer n'este logar que alimarias se mantêm e criam com a fertilidade da Bahia, para se acabar de crer e entender o muito que se diz de suas grandezas.

E comecemos das antas a que os indios chamam tapiruçú, por ser a maior alimaria que esta terra cria; as quaes são

Digitized by Google

pardas, com o cabello assentado, do tamanho de uma mula mas mais baixas das pernas; e tem as unhas fendidas como vacca, e o rabo muito curto, sem mais cabello que nas ancas; e tem o focinho como mulla, e o beiço de cima mais comprido que o debaixo, em que tem muita fôrça, Não correm muito, e são pezadas para saltar: defendem-se estas alimarias no mato, com as mãos, das outras alimarias, com o que fazem damno aonde chegam; comem frutas silvestres e hervas; parem uma só criança; e emquanto são pequenas são raiadas de preto e amarello tostado ao comprido do còrpo, e são muito formosas; mas depois de grandes tornam-se pardas: e emquanto os filhos não andam, estão os machos por elles e emquanto a femea vai buscar de comer. Matam-n'as em fojos, em que cahem, ás flexadas. A carne é muito gostosa, como a de vacca, mas não tem sebo; e quer-se bem cozida, porque é dura; e tem o cacho como maçã do peito da vacca; e no peito não tem nada. Os ossos d'estas alimarias queimados e dados a beber são bons para estancar camaras; as suas pelles são muito rijas, e em muitas partes as não passa flexa ainda que seja de bom braço, as quaes os indios comem cozidas pegadas com a carne. D'estas pelles, se são bem cortidas, se fazem mui boas couraças, que as não passa estocada.

Se tomam estas antas pequenas, criam-se em casa, onde se fazem muito domesticas, e tão mansas que comem as espinhas, e os ossos com os cachorros e gatos de mistura; e brincam todos juntos.

CAPITULO XCV.

Em que se trata de uma alimaria que se chama juguareté.

Tem para si os Portuguezes que jaguareté é onça, e outros dizem que é tigre: cuja grandura é como um bezerro de seis mezes; fallo dos machos, porque as femeas são maiores. A maior parte d'estas alimarias são ruivas, cheias de pintas pretas; e algumas femeas são todas pretas; e todos tem o cabello nedio, e o rosto a modo de cão e as mãos e unhas muito grandes, o rabo comprido; e o cabello n'elle como nas ancas. Tem prezas nos dentes como libréo, os olhos como gato, que lhe luzem de noite tanto que se conhecem por isso a meia legua; tem os braços e pernas muito grossos; parem as femeas uma e duas cri-

Digitized by Google

anças; se lhes matam algum filho andam tão bravas que dão nas roças dos indios, onde matam todos quantos podem alcançar; comem a caça que matam, para o que são mui ligeiras, e tanto que lhes não escapa nenhuma alimaria grande por pés: e saltam por cima apique altura de dez, doze palmos; e trepam pelas arvores apóz os indios, quando o tronco é grosso; salteam o gentio de noite pelos caminhos onde os matam e comem; e quando andam esfaimadas entram-lhe nas casas das roças se lhes não sentem fogo, ao que tem grande medo. E na visinhança das povoações dos Portuguezes fazem muito damno nas vaccas, e como se começam a encarniçar n'ellas destroem um curral; e tem tanta força que com uma unhada que dão em uma vacca lhe derrubam a anca no chão.

Armam os indios a estas alimarias em mondéos, que é uma tapagem de páo a-pique, muito alta e forte, com uma só porta; onde lhe armam com uma arvore alta e grande levantada do chão, onde lhe põem um cachorro ou outra alimaria preza; e indo para a tomar cahe esta arvore que está deitada sobre esta alimaria, onde dá grandes bramidos; ao que os indios acodem e a matam ás flexadas; e comem-lhe a carne, que é muito dura e não tem nenhum sebo.

CAPITULO XCVI.

Que trata de outra casta de tigres e de alimaria damninhas.

Criam-se no rio de S. Francisco umas alimarias tamanhas como poldros, ás quaes os indios chamam jaguaruçú que são pintadas de ruivo e preto e malhas grandes; e tem as quatro prezas dos dentes do tamanho de um palmo: criam-se na agua d'este rio, no sertão; donde sahem a terra fazer suas prezas em antas; e ajuntam-se tres e quatro d'estas alimarias, para levarem nos dentes a anta ao rio, onde a comem á sua vontade, e a outras alimarias; e tambem aos indios que podem apanhar.

Jaguaracangoçú é outra alimaria e casta de tigre ou onça da que tratamos já: e são muito maiores, cuja cabeça é tão grande como de um bom novilho. Criam-se estas alimarias pelo sertão longe do mar, e tem as feições e mais condições dos tigres, de que primeiro fallamos. Quando estas alimarias matam algum indio que se encarniçam n'elle, fazem despovar toda uma aldeia, porque em sahindo algu-

Digitized by Google

ma pessoa d'ella fóra de casa não escapa que a não matem e comam.

Ha outra alimaria, a que o gentio chama suçuarana, que é do tamanho de um rafeiro, tem o cabello comprido e macio, o rabo como cão, o rosto carrancudo, as mãos como rafeiro, mas tem maiores unhas e mui agudas e voltadas; vivem de rapina, tem muita ligeireza para correr e saltar; e são semelhantes na rapina ao lobo, e matam os indios se os podem alcançar, e pela terra dentro as ha muito maiores que na visinhança do mar. Para os indios matarem estas alimarias esperam-n'as em cima das arvores, donde as flexam, e lhe comem a carne; as quaes não tem mais que uma só tripa.

CAPITULO XCVII.

Em que se declaram as castas dos veados que esta terra cria.

Criam-se nos matos d'esta Bahia muitos veados, a que os indios chamam suaçú, que são ruivos e tamanhos como cabras; os quaes não tem cornos nem sebo, como os de Hespanha. Correm muito; as femeas parem uma só criança. Tomam-n'os em armadilhas, e com cães; cuja carne é sobre o duro, mas saborosa: as pelles são muito boas para botas, as quaes se curtem com casca de mangues; e fazem-se mais brandas que as dos veados de Hespanha.

Mais pela terra dentro pelas campinas se criam outros veados brancos que tem cornos, que não são tamanhos como os de Hespanha; mas são muito maiores que os primeiros; os quaes andam em bandos como cabras, e tem a mesma qualidade das que se criam perto do mar.

Entrando pelo mato além das campinas, na terra dos Tabajares, se criam uns veados ruivaços, maiores que os de Hespanha, e de maior cornadura, dos quaes se acha armação pelo mato de cinco e seis palmos de alto, e de muitos galhos: os quaes mudam os cornos como os de Hespanha, e tem as pelles muito grossas, e não tem nenhum sebo: as femeas parem uma só criança, ás quaes os indios chamam suaçupára, cuja carne é muito boa; os quaes matam em armadilhas, em que os tomam, ás flexadas.

Digitized by Google

CAPITULO XCVIII.

Em que se trata de algumas alimarias que se mantem de rapina.

Tamandoá é um animal do tamanho de uma raposa, que tem o rosto como furão; a côr é preta, o rabo delgado na arreigada, e com o cabello curto; e d'ahi para a ponta é muito felpudo, e tem n'ella os cabellos grossos como cavallo, e tamanhos e tantos que se cobre todo com elles quando dorme; tem as mãos como cão, com grandes unhas e muito voltadas, de que se fazem apitos. Este bicho se mantem de formigas que toma da maneira seguinte: chega-se a um formigueiro, deita-se ao longo d'elle como morto, e lança-lhe a lingua fóra, que tem muito comprida, ao que acodem as formigas com muita pressa: e cobrem-lhe a lingua umas sobre outras; e como a sente bem cheia recolhe-a para dentro, e engole-as; o que faz até que não póde comer mais, cuja carne comem os indios velhos, que os mancebos tem nojo d'ella.

Jaguapitanga é uma alimaria do tamanho de um cachorro, de côr preta, e tem o rosto de cordeiro; tem pouca carne, as unhas agudas, e é tão ligeira que se mantem no mato de aves que andam pelo chão, que toma a coço, e em povoado faz officio de raposa, despovoa uma fazenda de gallinhas que furta.

Coaty é um bicho tamanho como gato, tem o focinho como furão e mais comprido. São pretos, e alguns ruivos; tem os pés como gato, o rabo grande e felpudo, o qual trazem sempre levantado para o ar; são mui ligeiros, andam pelas arvores, de cujas frutas se mantem, e de passaros que n'ellas tomam. Tomam-n'os os cães quando os acham fóra do mato, a que ferem com as unhas mui valentemente; os novos se amançam em casa, onde tomam as gallinhas que podem alcançar; as femeas parem tres e quatro.

Maracajás são uns gatos bravos tamanhos como cabritos de seis mezes; são muito gordos, e na feição pontualmente como os outros gatos, mas pintados de amarello e preto em raias, cousa muito formosa; e são felpudos, mas tem o cabo muito macio, e as unhas grandes e muito agudas; parem muitos filhos, e mantem-se das aves que tomam pelas arvores, por onde andam como bogios. Os que se tomam pequenos fazem-se em casa muito domesticos, mas não lhe escapa gallinha nem papagaio, que não matem.

Digitized by Google

Serigoé é um bicho do tamanho de um gato grande, de côr preta e alguns ruivaços; tem o focinho comprido, e o rabo, em o qual, nem na cabeça, não tem cabello; as femeas tem na barriga um bolso em que trazem os filhos metidos, emquanto são pequenos, e parem quatro e cinco; tem as têtas junto do bolso, onde os filhos mamam; e quando emprenham geram os filhos n'este bolso, que está fechado, e se abre quando parem; onde trazem os filhos até que podem andar com a mãe; que se lhe fecha o bolso. Vivem estes de rapina, e andam pelo chão, escondidos espreitando as aves, e em povoado as gallinhas; e são tão ligeiros que lhes não escapam.

CAPITULO XCIX.

Que trata da natureza e estranheza do jaguarecaca.

Jaguarecaca é um animal do tamanho de um gato grande; tem a côr pardaça e o cabello comprido, e os pés e mãos da feição dos bogios; o rosto como cão, e o rabo comprido, o qual se mantem das frutas do mato. Anda sempre pelo chão, onde pare uma só criança, o qual é tão estranho e fedorento, que por onde quer que passa deixa tamanho fedor que, um tiro de pedra afastado de uma banda e da outra, não ha quem o possa soffrer, e não ha quem por ali possa passar mais de dous mezes, por ficar tudo tão empeçonhentado com o máo cheiro que se não póde soffrer. D'este animal pegam os cães quando vão á caça, mas vão-se logo lançar na agua, e esfregam-se com a terra por tirarem o fedor de si, o que fazem por muitos dias sem lhes aproveitar, e o caçador fica de maneira que por mais que se lave fica sempre com este terrivel cheiro, que lhe dura tres e quatro mezes; e como este bicho se vê em pressa preseguido dos cães, lança de si tanta ventosidade, e tão peçonhenta que perfuma d'esta maneira a quem lhe fica perto; e com estas armas se defendem das onças e de outros animaes, quando se vê perseguido d'elles, cuja artilharia tem tanta força que a onça e os outros inimigos que o buscam se tornam, e o deixam; e vão-se logo lavar e esfregar pela terra, por tirar de si tão terrivel cheiro. E aconteceu a um Portuguez, que encontrando com um d'estes bichos, que trazia o seu caçador do mato morto para mézinhas, ficou tão fedorento que não podendo soffrer-se a si se fez mui amarello, e se foi para casa doente do cheiro que em si tra-

Digitized by Google

zia, que lhe durou muitos dias. A carne d'este bicho é boa para estancar camaras de sangue ; mas a casa onde está fede toda a vida, pelo que as indias a tem assada muito embrulhada em folhas, depois de bem sêca ao ar do fogo ; e a tem no fumo para se conservar ; mas nem isso basta para deixar de feder na rua, emquanto está na casa.

CAPITULO C.

Em que se declara a natureza dos porcos do mato que ha na Bahia.

Criam-se nos matos da Bahia porcos montezes, a que os indios chamam tajaçú, que são de côr parda e pequenos ; tudo tem semelhante com o porco, senão o rabo, que não tem mais comprido que uma pollegada ; e tem embigo nas costas ; as femeas parem muitos no mato, por onde andam em bandos, comendo as frutas d'elle; onde os matam com cachorros e armadilhas, e ás flexadas ; os quaes não tem banha, nem toucinho, senão uma pelle viscosa ; a carne é toda magra, mas saborosa, e carregada para quem não tem boa disposição.

Tajaçutirica é outra casta de porcos montezes maiores que os primeiros, que tem os dentes como os montezes de Hespanha ; e os indios que os flexam, hão de ter prestes aonde se acolham, porque se não põem em salvo com muita presteza, não lhes escapam ; os quaes são muito ligeiros e bravos, e tem tambem o embigo nas costas ; e não tem banha, nem toucinho, mas a carne mais gostosa que os outros ; e em tudo mais são como elles.

Tajaçuété é outra casta de porcos montezes que são maiores que os de que fica dito, e tem toucinho como os montezes de Hespanha, e grandes prezas e o embigo nas costas, mas não são tão bravos e perigosos para os caçadores ; os quaes os fazem levantar com os cachorros para os flexarem ; e estes e os mais andam em bandos pelo mato, onde as femeas parem muitos filhos ; e no tempo das frutas entram pelas aldêas dos indios e pelas casas ; os quaes fazem muito damno nas roças e nos canaveaes de assucar. A estes porcos cheira o embigo muito mal ; e se quando os matam lh'o não cortam logo, cheira-lhe a carne muito ao mato ; e se lh'o cortam é muito saborosa.

Digitized by Google

CAPITULO CI.

Dos porcos e outros bichos que se criam na agua doce.

Nos rios de agua doce e nas lagôas tambem se criam muitos porcos, a que os indios chamam capibaras, que não são tamanhos como os porcos do mato; os quaes tem pouco cabello, e a côr cinzenta, e o rabo como os outros; e não tem na boca mais que dous dentes grandes, ambos debaixo na dianteira, que são do comprimento e grossura de um dedo; e cada um é fendido pelo meio e fica de duas peças e tem mais outros dous queixaes, todos no queixo debaixo, que no de cima não tem nada; os quaes parem e criam os filhos debaixo da agua, onde tomam peixinhos e camarões que comem; tambem comem herva ao longo da agua, donde sahem em terra, e fazem muito damno nos canaveaes de assucar, e roças que estão perto da agua, onde os matam em armadilhas: cuja carne é molle, e o toucinho pegajoso; mas salpreza é boa de toda a maneira, mas carregada para quem não tem saude.

Criam-se nos rios de agua doce outros bichos, que se parecem com lontras de Portugal, a que o gentio chama jagoarapeba, que tem o cabello preto, e tão macio como velludo. São do tamanho de um gozo, tem a cabeça como de gato, e a boca muito rasgada e vermelha por dentro e nos dentes grandes prezas, as pernas curtas. Andam sempre n'agua, onde criam e parem muitos filhos e onde se mantem dos peixes que tomam e de camarões: não sahem nunca fóra da agua, onde gritam quando vem gente ou outro bicho.

Arerã é outro bicho da agua doce, tamanho como um grande rafeiro, de côr parda, e outros pretos. Tem a feição de cão, e ladram como cão, e remettem á gente com muita braveza: as femeas parem muitos filhos juntos; e se os tomam novos, criam-se em casa, onde se fazem domesticos. Mantem-se do peixe e dos camarões que tomam na agua; cuja carne comem os indios.

Nos mesmos rios se criam outros bichos, a que os indios chamam vivia, que são do tamanho dos gozos, felpudos do cabello, e de côr cinzenta; tem o focinho comprido e agudo, as orelhas pequeninas e redondas, do tamanho de uma casca de tramoço; tem o rabo muito comprido e grosso pela arreigada, como carneiro; quando gritam no rio, nomeam-se pelo seu nome; tem as mãos e unhas de cão,

Digitized by Google

andam sempre na agua, onde as femeas parem muitos filhos; mantem-se do peixe e camarões que tomam, cuja carne comem os indios.

CAPITULO CII.

De uns animaes a que chamam tatús.

Tatuaçú é um animal estranho, cujo corpo é como um bacoro, tem as pernas curtas cheias de escamas, o focinho comprido cheio de conchas, as orelhas pequenas, e a cabeça, que é toda cheia de conchinhas; os olhos pequeninos, o rabo comprido cheio de laminas em redondo, que cavalga uma sobre outra; e tem o corpo todo coberto de conchas feitas em laminas, que atravessam o corpo todo, de que tem armado uma formosa coberta; e quando se este animal teme de outro, mette-se todo debaixo d'estas armas, sem lhe ficar nada de fóra, as quaes são muito fortes; tem as unhas grandes, com que fazem as covas debaixo do chão, onde criam; e parem duas crianças. Mantem-se de frutas silvestres e minhocas, andam de vagar, e se cahem de costas, tem trabalho para se virar; e tem a barriga vermelhaça toda cheia de verrugas. Matam-n'os os indios em armadilhas onde cahem; tiram-lhe o corpo inteiro fóra d'estas armas, que estendidas são tamanhas como uma adarga; cuja carne é muito gorda e saborosa, assim cozida, como assada.

Ha uma casta de tatús pequenos da feição dos grandes, os quaes tem as mesmas manhas e condição; mas quando se temem de lhe fazerem mal, fazem-se em uma bola toda coberta em redondo com suas armas, onde ficam mettidos sem lhes apparecer cousa alguma; cuja carne é muito boa; comem e criam como os grandes. A estes chamam tatú-merim.

Ha outros tatús meãos, que não são tamanhos como os primeiros, de que se acham muitos no mato, cujo corpo não é maior que de um leitão; tem as pernas curtas cobertas de conchas, a cabeça comprida cheia de conchas, os dentes de gato, as unhas de cão, o rabo comprido e muito agudo coberto de conchas até a ponta, e por cima sua coberta de laminas como os grandes que são muito rijas, e na barriga não tem nada; cuja carne quando estão gordos é boa, mas cheira ao mato; mantem-se de frutas e minhocas,

Digitized by Google

criam debaixo do chão em covas, e tem as mais manhas e condições dos outros.

Tatúpeba é outra casta de tatús maiores que os communs, que ficam n'esta addição acima, os quaes tem as conchas mais grossas, e são muito baixos das mãos e pernas, e tem-n'as muito grossas, e são muito carrancudos; e andam sempre debaixo do chão como toupeiras, e não comem mais que minhocas; e em tudo o mais são semelhantes aos de cima: e matam-n'os os indios quando vêem bolir a terra; cuja carne é muito boa.

CAPITULO CIII.

Em que se relata a propriedade das pacas e cotias.

Criam-se n'estes matos uns animaes, a que os indios chamam pacas, que são do tamanho de leitões de seis mezes, tem a barriga grande, e os pés e mãos curtos, as unhas como cachorros, a cabeça como lebre, o pello muito macio, raiado de preto e branco ao comprido do corpo; tem o rabo muito comprido, correm pouco. As femeas parem duas e tres crianças, comem frutas e herva, criam em covas. Tomam-se como cães, e com armadilhas, a que chamam mondéos; são algumas vezes muito gordos, e tem a banha como porco; cuja carne é muito sadia e gostosa, assim assada, como cozida: pella-se como leitão sem se esfolar, e assada faz couros como leitão, e de toda a maneira é muito boa carne.

Cotias são uns bichos tamanhos como coelhos grandes, mas são muito barrigudos; tem o cabello como lebre, a cabeça com o fucinho agudo, e os dentes mui agudos, os dous dianteiros são compridos e agudissimos, com o que os indios se sarjam como com uma lanceta; tem os pés e mãos como coelhos, as unhas como cão, criam em covas, em que parem duas e tres crianças; mantem-se com frutas; quando correm fazem na anca uma roda de cabellos, que alli tem compridos, são muito ligeiras, em tanto que não ha cão que as tome, senão nas covas, onde se defendem com os dentes; tambem se tomam em laços; se as tomam em pequenas, fazem-se tão domesticas como coelhos; mas são damninhas, porque roem muito o fato; cuja carne se não esfola, mas pellam-n'as, como leitão; cozida e assada é muito boa.

Cotimerim é outra casta de cotias do tamanho de um

Digitized by Google

laparo; tem o focinho comprido, e são muito felpudas, de côr parda; e tem o rabo muito felpudo, o qual viram para cima e passa-lhe a felpa por cima da cabeça, com que se cobrem: e trepam muito pelas arvores; onde matam outros bichos, que chamam saguins; do que se mantem, criam em covas debaixo do chão, e tem os dentes muito agudos.

CAPITULO CIV.

Que trata das castas dos bogios e suas condições.

Nos matos da Bahia se criam muitos bogios de diversas maneiras: a uns chamam guigós, que andam em bandos pelas arvores, e como sentem gente, dão uns assovios com que se avisam uns aos outros, de maneira que em um momento corre a nova em espaço de uma legoa, com que entendem que é entrada gente, para se pôrem em salvo. E se atiram alguma flexada a algum, e o não acertam, matam-se todos de rizo; estes bogios criam em tocas de arvores, de cujos frutos e da caça se mantem.

Guaribas é outra casta de bogios que são grandes e mui entendidos; estes tem barbas como um homem, e o rabo muito comprido; os quaes como se sentem flexados dos indios, se não cahem da flexada, fogem pela arvore acima, mastigando folhas, e mettendo-as pela flexada, com que tomam o sangue e se curam; e aconteceu muitas vezes tomarem a flexa que tem em si, e atirarem com ella ao indio que lhe atirou, e ferirem-n'o com ella; e outras vezes deixam-se cahir com a flexa na mão sobre o indio, que os flexou. Estes bogios criam tambem nos troncos das arvores, de cujas frutas se mantem, e de passaros que tomam; e as femeas parem uma só criança.

Saguins são bogios pequeninos mui felpudos e de cabello macio, raiados de pardo e preto e branco; tem o rabo comprido e muita felpa no pescoço, a qual trazem sempre arrepiada, o que os faz muito formosos; e criam-se em casa, se os tomam novos, onde se fazem muito domesticos; os quaes criam nas tocas das arvores, e mantem-se do fruto d'ellas, e das aranhas que tomam.

Do Rio de Janeiro vem outros saguins da feição d'estes de cima, que tem o pello amarello muito macio, que cheiram muito bem; os quaes e os de traz são muito mimosos, e morrem em casa, de qualquer frio, e das aranhas de

Digitized by Google

casa; que são mais peçonhentas que as das arvores, onde andam sempre saltando de ramo em ramo.

Ha nos matos da Bahia outros bogios, a que os indios chamam sahanhangá, que quer dizer bogio diabo, que são muito grandes, e não andam senão de noite; são da feição dos outros, e criam em concavos de arvores; mantem-se de frutas silvestres; e o gentio tem agouro n'elles, e como os ouvem gritar, dizem que ha de morrer algum.

CAPITULO CV.

Que trata da diversidade dos ratos que se comem, e coelhos e outros ratos de casa.

Pelo sertão ha uns bichos a que os indios chamam saviá e são tamanhos como laparos; têm o rabo comprido, o cabello como lebre; criam em covas no chão; mantem-se das frutas silvestres tomam-n'os em armadilhas, cuja carne é muito estimada de toda a pessoa, por ser muito saborosa, e parece-se com a dos coelhos.

Aperiás são outros bichos tamanhos como laparos, que não tem rabo; e tem o rosto da feição de leitão, as orelhas como coelho, e o cabello como lebre; criam em covas, comem frutas e cannas de assucar, a que fazem muito damno, cuja carne é muito saborosa. Mais pela terra dentro ha outros bichos da feição de ratos, mas tamanhos como coelhos, com o cabello branco, a que os indios chamam saviátinga, os quaes criam em covas, e comem frutas; cuja carne é muito boa, sadia e saborosa.

No mesmo sertão ha outros bichos da feição de ratos, tamanhos como coelhos, a que os indios chamam saviácoca, que tem o cabello vermelho, criam em covas, e mantem-se da fruta do mato; cuja carne é como de coelhos.

Em toda a parte dos matos da Bahia se criam coelhos como os de Hespanha, mas não são tamanhos, a que os indios chamam tapotim; e todas as feições tem de coelhos, senão o rabo, porque o não tem; os quaes criam em covas, e as femeas parem muitos; cuja carne é como a dos coelhos e muito saborosa.

Em algumas partes dos matos da Bahia se criam uns bichos, sobre o grande, com todas as feições e parecer de ratos, a que os gentios chamam jupati, que se não comem, os quaes criam em os troncos das arvores velhas; e as

Digitized by Google

femeas tem um bolso na barriga em que trazem sete e oito filhos, até que são criados, que tantos parem.

Aos ratos das casas chamam os indios saviá, onde se criam infinidade d'elles, os quaes são muito damninhos, e de dia andam pelo mato, e de noite vem-se meter nas casas.

CAPITULO CVI.

Que trata dos cágados da Bahia.

Em qualquer parte dos matos da Bahia se acham muitos cágados, que se criam pelos pés das arvores, sem irem á agua, a que os indios chamam jabuty; ha uns que são muito maiores que os de Hespanha, mais altos e de mais carne, e tem as conchas lavradas em compartimentos oitavados de muito notavel feitio; os lavores dos compartimentos são pretos, e o meio de cada um é branco e almecegado. Estes cágados tem as mãos, pés, pernas, pescoço e cabeça, cheios de verrugas tamanhas, como chicharos, muito vermelhas, e agudas nas pontas; estes põem infinidade de ovos, de que nascem em terra humida, onde criam debaixo de arvoredo; mantem-se de frutas, que caem pelo chão; e metidos em casa comem tudo quanto acham pelo chão; cuja carne é muito gorda, saborosa e sadia para doentes.

Ha outros cágados, que tambem se criam no mato, sem irem á agua, a que os indios chamam jabutiapeba; os quaes tem os mesmos lavores nas conchas, mas são muito amassados, e tem as costas muito chãs, e não tem verrugas; tem pouca carne e mui saborosa: criam e mantem-se pela ordem dos de cima.

Ha outras castas de cágados da feição dos de Hespanha, a que os indios chamam jabutemirim, que se criam e andam sempre na agua, que tambem são mui saborosos e medicinaes; e dos que se criam na agua ha muitas castas de diversas feições, que tem as mesmas manhas, e natureza, mas mui differentes na grandura. E pareceu-me decente arrumar n'este capitulo os cágados por serem animaes que se criam na terra, e se mantem de frutas d'ella.

Digitized by Google

CAPITULO CVII.

Em que se declara que bicho é o que se chama preguiça.

N'estes matos se cria um animal mui estranho, a que os indios chamam ahy, e os portuguezes preguiça, nome certo mui acommodado a este animal, pois não ha fome, calma, frio, agua, fogo, nem outro nenhum perigo que veja diante, que o faça mover uma hora mais que outra; o qual é felpudo como cão d'agua, e do mesmo tamanho; e tem a côr cinzenta, os braços e pernas grandes, com pouca carne, e muita lã; tem as unhas como cão e muito voltadas; a cabeça como gato, mas coberta de gadelhas que lhe cobrem os olhos; os dentes como gato. As femeas parem uma só criança, e tral-a des que a pare, ao pescoço dependurada pelas mãos, até que é criada e póde andar por si; e parem em cima das arvores, de cujas folhas se mantem, e não se descem nunca ao chão, nem bebem; e são estes animaes tão vagarosos que posto um ao pé de uma arvore, não chega ao meio d'ella desde pela manhã até ás vesperas, ainda que esteja morta de fome e sinta ladrar os cães que a querem tomar; e andando sempre, mas muda uma mão só muito de vagar, e depois a outra, e faz espaço entre uma e a outra, e da mesma maneira faz aos pés, e depois á cabeça; e tem sempre a barriga chegada á arvore, sem se pôr nunca sobre os pés e mãos; e se não faz vento, por nenhum caso se move do lugar onde está encolhida até que o vento lhe chegue: os quaes dão uns assobios, quando estão comendo de tarde em tarde, e não remetem a nada, nem fazem resistencia a quem quer pegar d'elles, mais que pegarem-se com as unhas á arvore onde estão, com que fazem grande preza; e acontece muitas vezes tomarem os indios um d'estes animaes, e levarem-n'o para casa, onde o tem quinze e vinte dias, sem comer cousa alguma, até que de piedade o tornam a largar; cuja carne não comem por terem nojo d'ella.

CAPITULO CVIII.

Que trata de outros animaes diversos.

N'estes matos se cria um animal, a que os gentios chamam jupará, que quer dizer noite, que é do tamanho de um bogio, e anda de arvore em arvore como bogio, por ser muito ligeiro; cria no concavo das arvores, onde pare um

Digitized by Google

só filho, e mantem-se dos frutos silvestres. Este animal tem a boca por dentro até as goelas, e lingua tão negra, que faz espanto, pelo que lhe chamam noite, cuja carne os indios não comem por terem nojo d'ella.

Ha outro bicho que no mato se cria a que chamam os indios coandú, que é do tamanho de um gato; não corre muito, por ser pesado no andar; cria no tronco das arvores onde está mettido de dia; e de noite sahe da cova ou ninho a andar pela arvore, onde faz sua morada, a buscar uma casta de formigas que se cria n'ella, a que chamam copy, de que se mantem. Este bicho pare uma só criança, e tem a côr pardaça, o qual dorme todo o dia, e anda de noite. E no lugar onde pariu ahi vive sempre, e os filhos, e toda a sua geração que d'elle procede; e não buscam outro lugar senão quando não cabem no primeiro.

Cuim é outro bicho assim chamado dos indios, que é do tamanho de um laparo, tem os pés muito curtos, o rabo comprido, o focinho como doninha; e é todo cheio de cabellos brancos e tezos, e por entre o cabello é todo cheio de espinhos até o rabo, cabeça, pés, os quaes são tamanhos como alfinetes; com os quaes se defende de quem lhe quer fazer mal, sacodindo-os de si com muita furia, com o que fere os outros animaes; os quaes espinhos são amarellos, e tem as pontas pretas e mui agudas; e por onde estão pegados no couro são farpados. Estes bichos correm pouco, criam debaixo do chão, onde parem uma só criança, e mantem-se de minhocas e frutas, que acham pelo chão.

Acham-se outros bichos pelo mato a que os indios chamam queiroá, que são, nem mais nem menos, como ouriços cacheiros de Portugal, da mesma feição, e com os mesmos espinhos; e criam em covas debaixo do chão; mantem-se de minhocas e de frutas que cahem das arvores, cuja carne os indios não comem.

CAPITULO CIX.

Em que se declara a qualidade das cobras, lagartos e outros bichos.

Agora cabe aqui dizermos que cobras são estas do Brazil, de que tanto se falla em Portugal e com razão; porque tantas e tão estranhas, não se sabe onde as haja.

Comecemos logo a dizer das cobras a que os indios chamam giboias, das quaes ha muitas de cincoenta e sessenta

Digitized by Google

palmos de comprido, e d'aqui para baixo. Estas andam nos rios e alagôas, onde tomam muitos porcos d'agua, que comem; e dormem em terra, onde tomam muitos porcos, veados e outra muita caça, o que engolem sem mastigar, nem espedaçar; e não ha duvida senão que engolem uma anta inteira, e um indio; o que fazem porque não tem dentes, e entre os queixos lhe moem os ossos para o poderem engolir. E para matar uma anta ou um indio, ou outra qualquer caça, cingem-se com ella muito bem, e como tem segura a preza, buscam-lhe o sesso com a ponta do rabo, por onde o metem até que matam o que tem abarcado; e como tem morta a caça, moem-n'a entre os queixos para a poder melhor engolir. E como tem a anta, ou outra cousa grande que não póde digirir, empanturra de maneira que não podem andar. E como se sente pezada, lança-se ao sol como morta, até que lhe apodrece a barriga, e o que tem n'ella; do que dá o faro logo a uns passaros que se chamam urubús, e dão sobre ella, comendo-lhe a barriga com o que tem dentro, e tudo o mais, por estar podre; e não lhe deixam senão o espinhaço, que está pegado na cabeça e na ponta do rabo, e é muito duro; e como isto fica limpo da carne toda, vão-se os passaros; e torna-lhe a crescer a carne nova, até ficar a cobra em sua perfeição; e assim como lhe vai crescendo a carne, começa a bolir com o rabo, e torna a reviver, ficando como d'antes: o que se tem por verdade, por se ter tomado d'isto muitas informações dos indios e dos linguas que andam por entre elles no sertão, os quaes o affirmam assim.

E um Jorge Lopes, almoxarife da capitania de S. Vicente, grande lingua, e homem de verdade, affirmava que indo para uma aldeia do gentio no sertão, achára uma cobra d'estas, no caminho, que tinha liado tres indios para os matar, os quaes livrára d'este perigo ferindo a cobra com a espada por junto da cabeça e do rabo, com o que ficou sem força para os apertar, e que os largára; e que acabando de matar esta cobra, lhe achára dentro quatro porcos, a qual tinha mais de sessenta palmos de comprido; e junto do curral de Garcia de Avila, na Bahia, andavam duas cobras que lhe matavam e comiam as vaccas, o qual affirmou que adiante d'elle lhe sahira um dia uma, que remetteu a um touro, e que lh'o levou para dentro de uma lagôa; a que acudiu um grande libréo, ao qual a cobra arremetteu e engoliu logo; e não pôde levar o touro para baixo pelo impedimento que lhe tinha feito o libréo; o

Digitized by Google

qual touro sahiu acima da agua depois de afogado; e affirmou que n'este mesmo lugar mataram seus vaqueiros outra cobra que tinha noventa e tres palmos, e pesava mais do oito arrobas; e eu vi uma pelle de uma cobra d'estas que tinha quatro palmos de largo. Estas cobras tem as pelles cheias de escamas verdes, amarellas e azues, das quaes tiram logo uma arroba de banha da barriga, cuja carne os indios tem em muita estima, e os mamelucos, pela acharem muito saborosa.

CAPITULO CX.

Que trata de algumas cobras grandes que se criam nos rios da Bahia.

Sucuriú é outra casta de cobras, que andam sempre na agua, e não sahem á terra; são mui grandes, tem as escamas pardas e brancas, das quaes matam os indios muitas de quarenta a cincoenta palmos de comprido. Estas engolem um porco d'agua, cuja carne os indios e alguns Portuguèzes comem, e dizem ser muito gostosa.

Boiuna é outra casta de cobras, que se criam na agua, nos rios do sertão, as quaes são descompassadas de grandes e grossas, cheias de escamas pretas, e tem tamanha garganta que engolem um negro sem o tomarem, em tanto que quando o engolem ou alguma alimaria, se mettem na agua para o afogarem dentro, e não sahem da agua senão para remetterem a uma pessoa ou caça, que anda junto ao rio; e se com a pressa com que engolem a preza se embaraça e peja, com o que não póde tornar para a agua d'onde sahiu, morre em terra, e sahe-se a pessoa ou alimaria de dentro viva; e affirmam os linguas, que houve indios, que estas cobras enguliram, que estando dentro da sua barriga tiveram acordo de as matar com a faca que levavam dependurada ao pescoço, como costumam.

Nos rios e lagôas se criam umas cobras, a que os indios chamam araboya; que são mui grandes, e tem o corpo verde e a cabeça preta, as quaes não sahem nunca á terra e mantem-se dos peixes e bichos, que tomam na agua, cuja carne os indios comem.

Ha outra casta de cobras que se criam nos rios, sem sahirem á terra, a que os indios chamam taraîboia, que são

Digitized by Google

amarellas e muito compridas e grossas; as quaes se mantem do peixe que tomam nos rios e são muito gordas e boas para comer.

CAPITULO CXI.

Que trata das cobras de coral e das gereracas.

Pelos matos e ao redor das casas se criam umas cobras, a que os indios chamam gereracas; as maiores são de sete e oito palmos de comprido, e são pardas e brancacentas nas costas, as quaes se põem ás tardes ao longo dos caminhos esperando a gente que passa, e em lhe tocando com o pé lhe dão tal picada, que se lhe não acodem logo com algum defensivo, não dura o mordido vinte e quatro horas. Estas cobras se põem tambem em ramos de arvores junto dos caminhos para morderem a gente, o que fazem muitas vezes aos indios, e quando mordem pela manhã, tem a peçonha mais força, como a vibora; as quaes mordem tambem as egoas e vaccas, do que morrem algumas, sem se sentir de que, senão depois que não tem remedio. Tem estas cobras nos dentes prezas, as quaes mordem de ilharga; e aconteceu na capitania dos Ilhéos morder uma d'estas cobras um homem por cima da bota, e não sentir cousa que lhe doesse, e zombou da cobra, mas elle morreu ao outro dia; e vendendo-se o seu fato em leilão comprou outro homem as botas e morreu em vinte e quatro horas com lhe inchar as pernas; pelo que se buscaram as botas, e acharam n'ellas a ponta do dente, como de uma agulha, que estava mettida na bota; no que se viu claro que estas gereracas tem a peçonha nos dentes; estas cobras se criam entre pedras e páos podres, e mudam a pelle cada anno; cuja carne os indios comem.

Ububocas são outras cobras assim chamadas do tamanho das gereracas, mas mais delgadas, a que os Portuguezes chamam de coral, porque tem cobertos as pelles de escamas grandes vermelhas e quadradas, que parecem coral; e entre uma escama e outra vermelha, tem uma preta pequena. Estas cobras não remettem á gente, mas se lhe tocam, picam logo com os dentes dianteiros e são as suas mordeduras mais peçonhentas que as das gereracas, e de maravilha escapa pessoa mordida d'ellas. E quando estão enroscadas no chão parece um ramal de coraes; e houve homem que

Digitized by Google

tomou uma que estava dormindo, e meteu-a no seio, cuidando serem coraes, e não lhe fez mal; as quaes criam debaixo de penhascos e da rama secca.

CAPITULO CXII.

Em que se declara que cobras são as de cascavel, e as dos formigueiros, e as que chamam boitiapóia.

Boicininga quer dizer cobra que tange, pela lingua do gentio; as quaes são pequenas e muito peçonhentas quando mordem; chamam-lhe os Portuguezes cobras de cascavel, porque tem sobre o rabo uma pelle dura, ao modo de reclamo, tamanha como uma bainha de gravanço, mas é muito aguda na ponta que tem para cima, onde tem dous dentes com que mordem, que são agudos. Esta bainha lhe retine muito, quando andam, pelo que são logo sentidas, e não fazem tanto damno. E affirmam os indios, que as cobras d'esta casta não mordem com a boca, mas com aquelle aguilhão farpado que tem n'este cascavel, o qual tambem retine fóra da cobra: e tem tantos reclamos, como a cobra tem de annos; e cada anno lhe nasce um; as quaes cobras mordem ou picam com esta ponta de cascavel de salto.

Nos formigueiros velhos se criam outras cobras, que se chamam úbojára, que são de tres a cinco palmos, e tem o rabo rombo na ponta, da feição da cabeça; e não tem outra differença um do outro que ter a cabeça boca, em a qual não tem olhos e são cegas; e sahem dos formigueiros, quando se elles enchem com a agua da chuva; e como se sahem fóra, ficam perdidas sem saberem por onde andam; e se chegam a morder, são tambem mui peçonhentas. Estas cobras não são ligeiras como as outras, e andam muito de vagar, tem a pelle de côr acatasolada pela banda de cima, e pela de baixo são brancas; mantem-se nos formigueiros das formigas quando as podem alcançar, e do seu mantimento, d'onde tambem se sahem apertadas de fome.

Boitiapóias são cobras de cincoenta e sessenta palmos de comprido e muito delgadas, que não mordem a nada; porque tem o focinho muito comprido, e o queixo de baixo muito curto; onde tem a boca muito pequena e não podem chegar com os dentes a quem querem fazer mal, porque lh'o impede o focinho; mas para matarem uma pessoa ou

Digitized by Google

alimaria enroscam-se com ella, e apertam-n'a rijamente, e buscam-lhe com a ponta do rabo os ouvidos, pelos quaes lhe mettem com muita presteza, por que a tem muito dura e aguda; e por este lugar matam a preza, em que se depois desenfadam á vontade.

CAPITULO CXIII.

Em que se declara a natureza de cobras diversas.

Surucucú são umas cobras muito grandes e brancas na côr, que andam pelas arvores, d'onde remettem á gente, e a caça que passa por junto d'ellas, as quaes tem os dentes tamanhos que quando mordem levam logo bocado de carne fóra. D'estas cobras são os indios muito amigos, e tomam-n'as em umas armadilhas, que chamam mondéos, e se o macho acha alli a femea preza e morta, espera alli o armador, com quem se cinge, e não o larga até que o mata, e torna a esperar alli até que venha outra pessoa, a quem morde sómente, e com esta vingança se vai d'aquelle lugar.

Ha outra casta de cobras, a que os indios chamam tiopurana, que são de quarenta e cincoenta palmos de comprido, que não mordem nem fazem mal á gente nenhuma, e mantem-se da caça que tomam. Estas tomam os indios ás mãos, quando são novas, e prendem-n'as em casa, aonde as criam, e se fazem tão domesticas que vão buscar comer ao mato e tornam-se para casa, cuja carne é muito saborosa.

Caninam são outras cobras meãs na grandura, com a pelle preta nas costas e amarella na barriga, as quaes criam em os concavos dos páos podres, e são muito peçonhentas, e os mordidos d'ellas morrem muito depressa, se lhes não acodem logo.

Boiubú quer dizer cobra verde, que não são grandes, e criam-se no campo, onde se mantem com ratos que tomam. Estas tambem mordem gente se podem, mas são muito peçonhentas, as quaes se enroscam com as lagartixas, ratos e com outros bichos com que se atrevem, que tambem matam para comer.

Ha outra casta de cobras a que os indios chamam ubiracoá, que são pequenas e de côr ruivaça, as quaes andam sempre pelas arvores, d'onde mordem no rosto e pelos lugares altos das pessoas, e não se descem nunca ao chão; e se não acodem á mordedura d'esta com brevidade, é a sua

Digitized by Google

peçonha tão fina que faz arrebentar o sangue em tres horas por todas as partes, de que o mordido morre logo.

Urapiagáras são outras cobras, que andam pelas arvores salteando passaros, e a comer-lhes os ovos nos ninhos, do que se mantem; as quaes não são grandes, mas muito ligeiras.

CAPITULO CXIV.

Que trata dos lagartos e dos cameleões.

Nas lagôas e rios de agua doce se criam uns lagartos a que os indios chamam jacaré, dos quaes ha alguns tamanhos como um homem, e que tem a cabeça como um grande libréo; estes lagartos são todos cobertos de conchas muito rijas, os quaes não remetem á gente, antes fogem d'ella; e mantem-se do peixe que tomam, e da herva que comem ao longo da agua; e ha alguns negros que lhes tem perdido o medo, e se vão a elles, chamando-os pelo seu nome; e vão-se chegando a elles até que os tomam ás mãos e os matam para os comerem; cuja carne é um tanto adocicada, e tão gorda que tem na barriga banha como porco, a qual é alva e saborosa e cheira bem. Os testiculos dos machos cheiram como os dos gatos de algalea, e ás femeas cheira-lhes a carne de junto do vaso muito bem.

No mato se criam outros lagartos, a que os indios chamam senembús, que tambem são muito grandes, mas não tamanhos como os jacarés: estes remetem á gente, e criam-se nos troncos das arvores; cuja carne é muito boa e saborosa.

Criam-se no mato outros lagartos tamanhos como os de cima, a que os indios chamam tijuaçú, os quaes são mansos, e criam em cova na terra, mantem-se das frutas que buscam pelo mato; cuja carne é havida por muito boa e saborosa.

Pelos matos se criam outros lagartos pequenos pintados como os de Hespanha, a que os indios chamam jacarépinima, os quaes criam por entre as pedras, e em tocas de arvores, com os quaes tem as cobras grandes brigas.

Anijuacangas são outros bichos que não tem nenhuma differença dos cameleões, mas são muito maiores que os de Africa, cuja côr naturalmente é verde, a qual mudam como fazem os de Africa, e estão logo presos a uma janella um mez sem comerem nem beberem; e estão sempre virados com o rosto para o vento, de que se mantem; e não querem comer cousa, que lhes deem, do que comem os outros

Digitized by Google

animaes; são muito pezados no andar, e tomam-n'os ás mãos, sem se defenderem; os quaes tem o rabo muito comprido, e tem um modo de prepatanas n'elle como os cações.

CAPITULO CXV.

Que trata da diversidade das rãs e sapos que ha no Brazil.

Chamam os indios cururús aos sapos de Hespanha, do que não tem nenhuma differença, mas não mordem, nem fazem mal, estando vivos, mortos sim, porque o seu fel é peçonha mui cruel, e os figados e a pelle, da qual o gentio usa quando quer matar alguem. Estes sapos se criam pelos telhados, e em tocas de arvores e buracos das paredes, os quaes tem um bolso na barriga em que trazem os ovos, que são tamanhos como avellãs e amarellos como gemmas de ovos, de que se geram os filhos, onde os trazem metidos até que saiam para buscar sua vida; estes sapos buscam de comer de noite, a quem as indios comem, como as rãs; mas tiram-lhe as tripas e forçura fóra, de maneira que lhe não arrebente o fel; porque se arrebenta fica a carne toda peçonhenta, e não escapa quem a come, ou alguma cousa da pelle e forçura.

E porque as rãs são de differentes feições e costumes, digamos logo de umas a que os indios chamam juiponga, que são grandes, e quando cantam parecem caldeireiros que malham nas caldeiras; e estas são pardas, e criam-se nos rios onde desovam cada lua; as quaes se comem, e são muito alvas e gostosas.

D'esta mesma casta se criam nas lagôas, onde desovam emquanto tem agua, mas como se secca, recolhem-se para o mato nos troncos das arvores, onde estão até que chove, e como as lagôas tem qualquer agua, logo se tornam para ellas, onde desovam; e os seus ovos são pretos, e de cada um nasce um bichinho com prepatanas e rabo, e as prepatanas se lhes convertem nos braços, e o rabo se lhes converte nas pernas. Emquanto são bichinhos lhes chamam os indios juins, do que ha sempre infinidade d'elles, assim nas lagôas como no remanso dos rios; do que se enchem balaios quando os tomam, e para os alimparem apertam-n'os entre os dedos, e lançam-lhes as tripas fóra, e embrulham-n'os ás mãos cheias em folhas, e assam-n'os no borralho; o qual manjar gabam muito os linguas que tratam com o gentio, e os mestiços.

Digitized by Google

Juigiá é outra casta de rãs, que são brancacentas, e andam sempre na agua, e quando chove muito fallam de maneira que parecem crianças que choram, as quaes se comem esfoladas, como as mais; e são muito alvas e gostosas.

Ha outra casta de rãs, a que os indios chamam juihi; e são muito grandes, e de côr pretaça, e desovam na agua como as outras, as quaes, depois de esfoladas, tem tamanho corpo como um honesto coelho.

Cria-se na agua outra casta de rãs, a que os indios chamam juiperega, que saltam muito, em tanto que dão saltos do chão em cima dos telhados, onde andam no inverno, e cantam de cima como chove; as quaes são verdes, e desovam tambem na agua em lugares humidos; e esfoladas comem-se como as outras.

Ha outra casta de rãs, a que os indios chamam juigoaraigarai, que são pequenas, e no inverno quando ha de fazer sol e bom tempo, cantam toda noite no alagadiço, onde se criam, o qual signal é muito certo; estas são verdes, e desovam na agua que corre entre junco ou rama, e tambem esfoladas se comem e são muito boas.

Como não ha ouro sem fezes, nem tudo é á vontade dos homens, ordenou Deus que entre tantas cousas proveitosas para o serviço d'elle, como fez na Bahia, houvesse algumas immundicias que os enfadasse muito, para que não cuidassem que estavam em outro paraizo terreal, de que diremos d'aqui por diante; começando no capitulo que se segue das lagartas.

CAPITULO CXVI.

Que trata das lagartas que se criam na Bahia.

Soca chamam os indios á lagarta, que é tambem como bichos de seda, quando querem morrer que estão gordos, a qual se cria de borboletas grandes que vão de passagem. Ás vezes se cria essa lagarta com muita agua e morre como faz sol, outras vezes se cria com grande secca e morre como chove. Uma e outra destroe as novidades de mandioca, algodão, arroz; e faz mal á cana nova de assucar, e ás vezes é tanta esta lagarta, que vão as estradas cheias d'ellas, e deixam o caminho varrido da herva, e escaldado. E quando dão nas roças da mandioca chascam de maneira que se ouve um tiro de pedra, ás quaes comem os olhinhos novos, e depois as outras folhas; e muitas vezes é tanta que comem

Digitized by Google

a casca dos ramos da mandioca; e se se não muda o tempo, destroe as novidades de maneira que causa haver fome na terra, e o chão por onde esta praga passa, ainda que seja mato, fica escaldado de maneira que não cria herva em dous annos.

Imbuá é outra casta de lagartas verdes pintadas de preto e a cabeça branca, e outras pintadas de vermelho e preto, e todas são tão grossas como um dedo, e de meio palmo de comprido, com muitas pernas, as quaes crestam a terra e arvores por onde passam.

Ha outras mais pequenas que as de traz, que são pretas, de côr muito fina, todas cheias de pello tão macio como veludo, e tão peçonhento, que faz inchar a carne se lhe tocam, com cujo pello os indios fazem crescer a natura; e chamam a estas socauna.

Nos limoeiros e em outras arvores naturaes da terra se criam outras lagartas verdes, todas cobertas de esgalhos verdes, muito subtis e de estranho feitio, tão delgados como cabellos da cabeça, o que é impossivel poder-se contrafazer com pintura; estas tem os indios por mais peçonhentas que todas, e fogem muito d'ellas; e affirmam que fazem seccar os ramos das arvores por onde passam com lhes morderem os olhos.

Em outras arvores que se chamam cajuzeiros, se criam umas lagartas ruivaças, tamanhas como as das couves em Portugal, todas cobertas de pello, as quaes como sentem gente debaixo, sacodem este pello de si, e na carne onde chega, se levanta logo tamanha comichão que é peior que a das ortigas, o que dura todo um dia: e criam-se estas nos ramos velhos.

CAPITULO CXVII.

Que trata das lucernas e de outro bicho estranho.

Na Bahia se criam uns bichos, a que os indios chamam mamoás, aos quaes chamam em Portugal lucernas, e outros cagalume, que andam em noites escuras, assim em Portugal como na Bahia, em cujos matos os ha muito grandes; os quaes entram de noite nas casas ás escuras, onde parecem candeias muito claras, porque alumiam uma casa toda, em tanto que ás vezes acorda uma pessoa de subito vendo a casa clara, deitando-se ás escuras, do que se espanta cui-

Digitized by Google

dando ser outra cousa ; dos quaes bichos ha muita quantidade em lugares mal povoados.

Tambem se criam outros bichos na Bahia mui estranhos, a que os indios chamam buijeja, que são do tamanho de uma lagarta de couve, o qual é muito resplandecente, em tanto que estando de noite em qualquer casa, ou lugar fóra d'ella, parece uma candeia aceza, e quando anda é ainda mais resplandecente. Tem este bicho uma natureza tão estranha que parece encantamento, e tomando-o na mão parece um rubim, mui resplandecente, e se o fazem em pedaços, se torna logo a juntar e andar como d'antes ; e sobre assinte se viu por vezes em differentes partes cortar-se um d'estes bichos com uma faca em muitos pedaços, e se tornarem logo a juntar ; e depois o embrulharam em um papel durante oito dias, e cada dia o espedaçavam em migalhas, e tornava-se logo a juntar e reviver, até que enfadava, e o largavam.

CAPITULO CXVIII.

Que trata da diversidade e estranheza das aranhas e dos lacrdos.

Na Bahia se cria muita diversidade de aranhas, e tão estranhas que convem declarar a natureza de algumas. E peguemos logo nas a que chamam nhanduaçú, as quaes são tamanhas como grandes carangueijos, e muito cabelludas e peçonhentas ; remetem á gente de salto, e tem os dentes tamanhos como ratos, cujas mordeduras são mui perigosas ; e criam-se em páos podres, no concavo d'elles, e no povoado em paredes velhas.

Ha outra casta de aranhas, a que os indios chamam nhandui, que são as acostumadas em toda a parte de que se criam tantas no Brazil, com a humidade da terra que, se não alimpam as casas muitas vezes, não ha quem se defenda d'ellas. Estas fazem um bolso na barriga muito alvo, que parece de longe algodão, que é do tamanho de dous reales, e de quatro, e de oito reales, em o qual bolso criam mais de duzentas aranhas ; e como podem viver sem a mãe largam o bolso de si com ellas, e cada uma vai fazer seu ninho ; e como esta sevandija é tão nojenta, escusamos de dizer mais d'ella.

Surajú chamam os indios a um bicho como os lacráos de Portugal, mas são tamanhos como camarões, e tem duas

Digitized by Google

bocas compridas; e se mordem uma pessoa, está atormentada, com ardor vinte quatro horas, mas não periga.

Criam-se na Bahia outros bichos da feição dos lacráos, a que os indios chamam nhanduabijú, os quaes tem o corpo tamanho como um rato, e duas bocas tamanhas como de lagosta; os quaes são todos cheios de pello, e muito peçonhentos, cujas mordeduras são mui perigosas; e criam-se em tocas de arvores velhas no podre d'ellas.

Não são para lembrar as immundicias de que até aqui tratamos, porque são pouco damnosas, e ao que se póde atalhar com alguns remedios; mas á praga das formigas não se póde compadecer, porque se ellas não foram, a Bahia se podéra chamar outra terra de promissão, das quaes começaremos a dizer d'aqui por diante.

CAPITULO CXIX.

Que trata das formigas que mais damno fazem, que se chamam saúba.

Muito havia que dizer das formigas do Brazil, o que se deixa de fazer tão copiosamente como se poderá fazer, por se escusar prolixidade; mas diremos em breve de algumas, começando nas que mais damno fazem na terra, a que o gentio chama ussaúba, que é a praga do Brazil, as quaes são como as grandes de Portugal, mas mordem muito, e onde chegam destroem as roças de mandioca, as hortas das arvores de Hespanha, as larangeiras, romeiras e parreiras. Se estas formigas não foram, houvera na Bahia muitas vinhas e uvas de Portugal; as quaes formigas vem de muito longe de noite buscar uma roça de mandioca, e trilham o caminho por onde passam, como se fosse gente por elle muitos dias, e não salteam senão de noite; e por atalharem a não comerem as arvores a que fazem nojo, poem-lhe um testo de barro ao redor do pé, cheio de agua, e se de dia se lhe secou a agua, ou lhe cahiu uma palha de noite que a atravesse, trazem taes espias que são logo disso avisadas; e passa logo por aquella palha tamanha multidão d'ellas que antes que seja manhã, lhe dão com toda a folha no chão; e se as roças e arvores estão cheias de mato de redor não lhes fazem mal, mas tanto que as vêem limpas, como quem entende que tem gosto a gente d'isto, saltam n'ellas de noite, e dão-lhe com a folha no chão, para a levarem para os formigueiros; e não ha duvida senão que trazem

Digitized by Google

espias pelo campo, que levam aviso aos formigueiros; porque se viu muitas vèzes irem tres e quatro formigas para os formigueiros, e encontrarem outras no caminho e virarem com ellas, e tornarem todas carregadas, e entrarem assim no formigueiro, e sahirem-se logo d'elle infinidade d'ellas a buscarem de comer á roça, onde foram as primeiras; e tem tantos ardis que fazem espanto. E como se d'estas formigas não diz o muito que d'ellas ha que dizer, é melhor não dizer mais senão que se ellas não foram que o despovoára muita parte de Hespanha para irem povoar o Brazil; pois se dá n'elle tudo o que se póde desejar, o que esta maldição impede de maneira que tira o gosto aos homens de plantarem senão aquillo sem o que não podem viver na terra.

CAPITULO CXX.

Em que se trata da natureza das formigas de passagem.

Temos que dizer de outra casta de formigas mui estranha, a que os indios chamam goajugoajú, as quaes são pequenas e ruivas, e mordem muito; estas de tempos em tempos se sahem da cova, maiormente depois que chove muito, e torna a fazer bom tempo que se lhe enche a cova de agua; e dão em uma casa onde lhe não fica caixa em que não entrem, nem buraco, nem greta pelo chão e pelas paredes, onde matam as baratas, as aranhas e os ratos, e todos os bichos que acham; e são tantas que os cobrem de improviso, e entram-lhes pelos olhos, orelhas e narizes, e pelas partes baixas, e assim os levam para os seus aposentos, e a tudo o que matam; e como correm uma casa toda passam por diante a outra, onde fazem o mesmo e a toda uma aldêa; e são tantas estas formigas, quando passam, que não ha fogo que baste para as queimar, e põem em passar por um lugar toda uma noite, e se entram de dia todo um dia; as quaes vão andando em ala de mil em cada fileira; e se as casas em que entram são terreas, e acham a roupa da cama no chão, por onde ellas subam, fazem alevantar mui depressa a quem n'ella jaz, e andar por cima das caixas e cadeiras, sapateando, lançando-as fóra, e cossando; porque ellas, em chegando, cobrem uma pessoa toda, e se acham cachorros e gatos dormindo, dão n'elles de feição, e em outros animaes, que os fazem voar; e matam tambem as cobras que acham descuidadas; e

Digitized by Google

viu-se por muitas vezes levarem-n'as estas formigas a rastões infinidade d'ellas; e matam-n'as primeiro entrando-lhe pelos olhos e ouvidos, por onde as tratam e mordem tão mal, e de feição que as acabam.

CAPITULO CXXI.

Que trata da natureza de certas formigas grandes.

N'esta terra se criam umas formigas grandes, a que os indios chamam quibuquibura; que são as que em Portugal chamam agudes, mas são maiores. Estas sahem dos formigueiros depois que chove muito, e vão diversas voando por lugares onde enxameam grande somma de formigas, e como lhes toca qualquer cousa, ou lhes dá o vento logo lhes cahem as azas e morrem; e não póde ser menos d'estas enxamearem de vôo, porque em hortas cercadas de agua que ficam em ilha, lhes arrebentam formigueiros dentro, estando antes a terra limpa d'ellas, e não podem passar por respeito da agua que cerca estas hortas.

Criam-se na mesma terra outras formigas, a que os indios chamam içans, as quaes tem o corpo tamanho como passas de Alicante, e são da mesma côr, as quaes tem azas como os agudes, e tambem se saem dos formigueiros depois que chove muito, a enxugar-se ao sol; e tem grande boca, e tão aguda, que cortam com ella como tesoura o fato a que chegam, e quando pegam na carne de alguma pessoa se aferram de maneira que não se podem tirar senão cortando-lhe a cabeça com as unhas; as quaes se mantem das folhas das arvores e de minhocas, e outros bichinhos que tomam pelo chão; a estas formigas comem os indios torradas sobre o fogo, e fazem-lhe muita festa; e alguns homens brancos que andam entre elles, e os misticos tem por bom jantar, e o gabam de saboroso, dizendo que sabem a passas de Alicante; e torradas são brancas por dentro.

Ha outras formigas a que os indios chamam turusã, que são ruivas, e tem o corpo tamanho como grão de trigo, e grande boca; as quaes são amigas das caixas, onde roem o fato que está n'ellas, e o que acham pelo chão; em o qual fazem lavores, que parecem feitos á tesoura, e succedeu muitas vezes terem os sapateiros o calçado feito, e ficar nas encospeas do chão, onde lhe chegaram de noite, e quando veiu pela manhã as acharam todas lavradas pela banda da flôr e a tinham toda abocanhada.

Digitized by Google

CAPITULO CXXII.

Que trata de diversas castas de formigas.

Ubiraipú é outra casta de formigas, que se criam nos pés das arvores; são pardas e pequenas, mas mordem muito; as quaes se mantem das folhas das arvores, e da podridão do concavo d'ellas.

Ha outra casta, a que os indios chamam tacicema, que se criam nos manges que estão com a maré cobertos de agua até o meio; as quaes são pequenas, e fazem ninho na terra n'estas arvores, obrados como favo de mel, onde criam; a qual terra vão buscar enxuta, quando a maré está vazia; e mantem-se dos olhos dos mangues e de ostrinhas que se n'elles criam, e de uns caramujos que se criam nas folhas d'estes mangues, e que são da feição e natureza dos caracóes.

Tacibura e outra casta de formigas, que são pequenas do corpo e tem grande cabeça, tem dous corninhos n'ella; são pretas e mordem muito, e criam-se nos páos podres que estão no chão, e mantem-se d'elles e da humidade que estes páos têm em si.

Tacipitanga é outra casta de formigas pequenas, as quaes não mordem, mas não ha quem possa defender d'ellas as cousas doces, nem outras de comer. Estas se criam pelas casas em lugares occultos que se não podem achar, mas como as cousas doces entram em casa, logo lhes dão assalto, com o que enfadam muito; e são muito certas em casas velhas, que tem as paredes de terra.

Outras formigas chamam os indios taciahî, que são grandes e pretas, e criam-se debaixo do chão; tambem mordem muito, mas não se afastam muito do seu formigueiro.

CAPITULO CXXIII.

Em que se trata que cousa é o copî, que ha na Bahia, e dos carrapatos.

Copî são uns bichos que são tão prejudiciaes como as formigas, os quaes arremedam na feição ás formigas, mas são mais curtos, redondos e muito nojentos, e se lhe tocam com as mãos logo se esborracham, e ficam fedendo a percevejos e são brancacentos. Estes bichos se criam nas arvores e na madeira das casas, onde não ha quem se defenda d'elles;

Digitized by Google

os quaes vem do mato por baixo do chão a entrar nas casas, e trepam pelas paredes aos fórros e emmadeiramento d'ellas; e fazem de barro um caminho muito para ver, que vai todo coberto com uma aboboda de barro de volta de berço, cousa subtilissima e tão delgada a parede d'ella como casca de castanha, e servem-se por dentro por onde sempre caminham, uns para cima e outros para baixo; e fazem nas partes mais altas das casas seus aposentos, pelas juntas de madeira em redondo; uns tamanhos como bollas, outros como botijas, e tamanhos como pótes; e, se se não tem muito tento n'isto, destroem umas casas, e comem-lhe a madeira, e apodrentam-n'a toda; e o mesmo feitio fazem nas arvores, com que as fazem seccar: e é necessario que se alimpem as casas d'elle, de quando em quando; e quando lhe tiram fóra estes aposentos, estão todos lavrados por dentro como favo de mel, mas tem as casas mais miudas, e todas estas cheias d'este copî; o qual lançam ás gallinhas com o que engordam muito.

Pelas arvores se cria outra casta de copî preto, e do tamanho e feição do gorgulho, que em Hespanha se cria no trigo; este morde muito, e é mais ligeiro que o de cima, e faz seus ninhos pelos ramos das arvores seccas; e lavram-n'os todas por dentro.

Ha na Bahia muitos carrapatos, dos quaes se cria infinidade d'elles no mato, nas folhas das arvores, e com o vento caem no chão; e quem anda por baixo d'estas arvores leva logo seu quinhão; dos quaes nasce grande comichão; mas como se untam com qualquer azeite, logo morrem. D'estes carrapatos se pegam muitos na caça grande, e nas vaccas, onde se fazem muito grandes; mas ha uns passaros de que dissemos atraz, que os matam ás alimarias e ás vaccas, que os esperam muito bem, e mantem-se d'isto.

Tambem se criam nas palmeiras uns caracóes do tamanho de oito reales, que são baixos e enroscada a casca em voltas como a postura de uma cobra quando está enroscada, os quaes fazem mal aos indios, se comem muitos. Dos caracóes de Hespanha se criam muitos nas arvores e nas hervas.

CAPITULO CXXIV.

Que trata das pulgas e piolhos, e dos bichos que se criam nos pés.

Pulgas ha poucas no Brazil, a que os indios chamam tungaçú, e nenhuns piolhos do corpo entre a gente branca;

Digitized by Google

entre os indios se criam alguns nas redes em que dormem, como estão sujas, os quaes são compridos com feição de pernas, como os piolhos ladros, e fazem grande comichão no corpo.

Para se arrematar esta parte das informações dos bichos prejudiciaes, e de nenhum proveito que se criam na Bahia, convem que se diga que são estes bichos tão temidos em Portugal, que se metem nos pés da gente, a que os indios chamam tungas, os quaes são pretinhos, pouco maiores que ouções. Criam-se em casas despovoadas, como as pulgas em Portugal, e em casas sujas de negros que as não alimpam, e dos brancos que fazem o mesmo, mórmente se estão em terra solta e de muito pó, em os quaes lugares estes bichos saltam como pulgas nas pernas descalças; mas nos pés é a morada a que elles são mais inclinados, mórmente junto das unhas; e como estes bichos entram na carne, logo se sentem como picadas de agulha. Ha alguns que doem ao entrar na carne, e outros que fazem comichão como de frieiras; e não andam nas casas sobradadas, nem nas terreas que andam limpas, nem fazem mal a quem anda calçado; aos preguiçosos e sujos fazem estes bichos mal, que aos outros homens não; porque em os sentindo os tiram logo com a ponta de um alfinete como quem tira um oução; e os que estão entre as unhas, doem muito ao tirar; porque estão metidos pela carne, os quaes se tiram em menos espaço de uma Ave Maria; e d'onde saem fica uma covinha, em que poem-lhe uns pós de cinza ou nada, e não se sente mais dôr nenhuma; mas os preguiçosos e sujos que nunca lavam os pés, deixam estar os bichos n'elles, onde vem a crescer, e fazerem-se tamanhos como camarinhas e d'aquella côr; porque estão por dentro todos cheios de lendeas, e como arrebentam vão estas lendeas lavrando os pés, do que se vem a fazer grandes chagas.

No principio da povoação do Brazil, vieram alguns homens a perder os pés, e outros a encherem-se de boubas, o que não acontece agora; porque todos os sabem tirar, e não se descuidam tanto de si, como faziam os primeiros povoadores.

D'aqui por diante vão arrumados os peixes que se criam no mar da Bahia e nos rios d'ella.

Pois queremos manifestar as grandezas da Bahia de Todos os Santos, a fertilidade da terra, e abastança dos manti-

Digitized by Google

mentos, frutos e caça d'ella, convem que se saiba se tem o mar tão abundoso de pescado e marisco como tem a terra do muito que se n'ella cria, como já fica dito; e porque havemos de satisfazer a esta obrigação, gastando um pedaço em relatar a diversidade de peixes que este mar e os rios que n'elle entram criam, começemos logo no capitulo seguinte.

CAPITULO CXXV.

Que trata das balêas que se entram no mar da Bahia.

Entendo que cabe a este primeiro capitulo dizermos das balêas que entram na Bahia (como do maior peixe do mar d'ella), a que os indios chamam pirapuã; das quaes entram na Bahia muitas em o mez de Maio, que é o primeiro do inverno n'aquellas partes, onde andam até o fim de Dezembro que se vão: e n'este tempo de inverno, que reina até o mez de Agosto, parem as femeas á abrigada da terra da Bahia, pela tormenta que faz no mar largo, e trazem aqui os filhos, depois que parem, tres e quatro mezes, que elles tem disposição para seguirem as mães pelo mar largo; e n'este tempo tornam as femeas a emprenhar, em a qual obra fazem grandes estrondos no mar. E em quanto as balêas andam na Bahia, foge o peixe do meio d'ella para os baixos e reconcavos onde ellas não pódem andar, as quaes ás vezes pelo irem seguindo dão em secco, como aconteceu no rio de Pirajá o anno de 1580, que ficaram n'este rio duas em secco, macho e femea, as quaes foi vêr quem-quiz; e eu mandei medir a femea, que estava inteira, e tinha do rabo até a cabeça setenta e tres palmos de comprido, e dezasete de alto, fóra o que tinha mettido pela vasa, em que estava assentada; o macho era sem comparação maior, o que se não pôde medir, por a este tempo estar já despido da carne, que lhe tinham levado para azeite; a femea tinhaa boca tamanha que vi estar um negro mettido entre um queixo e outro, cortando com um machado no beiço debaixo com ambas as mãos, sem tocar no beiço de cima; e a borda do beiço era tão grossa como um barril de seis almudes; e o beiço debaixo sahia para fóra mais que o de cima, tanto que se podia arrumar de cada banda n'elle um quarto de meação; a qual balêa estava prenhe, e tiraram-lhe de dentro um filho tamanho como um barco de trinta palmos de quilha; e se fez em ambas de duas tanto azeite que fartaram a terra d'elle

Digitized by Google

dous annos. Quando estas balêas andam na Bahia acompanham-se em bandos de dez, doze juntas, e fazem grande temor aos que navegam por ella em barcos, porque andam urrando, e em saltos, lançando a agua mui alta para cima; e já aconteceu por vezes espedaçarem barcos, em que deram com o rabo, e matarem a gente d'elles.

CAPITULO CXXVI.

Que trata do espadarte e de outro peixe não conhecido que deu á costa.

Entram na Bahia, no tempo das balêas, outros peixes muito grandes, a que os indios chamam pirapicú, e os Portuguezes espadartes, os quaes tem grandes brigas com as balêas, e fazem tamanho estrondo quando pelejam, levantando sobre a agua tamanho vulto e tanta d'ella para cima, que parece de longe um navio á vella; o que se vê de tres e quatro leguas de espaço, e com esta revolta, em que andam, fazem grande espanto ao outro peixe miudo; com o que foge para os rios e reconcavos da Bahia.

Aconteceu na Bahia, em o verão do anno de 1584, onde chamam Tapoam, vir um grande vulto do mar fazendo grande marulho de diante apóz o peixe miudo que lhe vinha fugindo para a terra, até dar em secco; e como vinha com muita força, varou em terra pela praia, d'onde se não pôde tornar ao mar por vazar a maré e lhe faltar a agua para nadar; ao que acodiram os vizinhos d'aquella comarca a desfazer este peixe, que se desfez todo em azeite, como faz a balêa; o qual tinha trinta e sete palmos de comprido, e não tiuha escama, mas couro muito grosso e gordo como toucinho, de côr verdoenga; o qual peixe era tão alto e grosso que tolhia a vista do mar, a quem se punha de traz d'elle; cuja cabeça era grandissima, e tinha por natureza um só olho no meio da frontaria do rosto; as espinhas e ossos eram verdoengas: ao qual peixe não soube ninguem o nome, por não haver entre os indios nem Portuguezes quem soubesse dizer que visse nem ouvisse que o mar lançasse outro peixe como este fóra, de que se admiraram muito.

Digitized by Google

CAPITULO CXXVII.

Que trata dos homens marinhos.

Não ha duvida senão que se encontram na Bahia e nos reconcavos d'ella, muitos homens marinhos, a que os indios chamam pela sua lingua upupiara, os quaes andam pelo rio d'agua dôce pelo tempo do verão, onde fazem muito damno aos indios pescadores e mariscadores que andam em jangadas, onde os tomam, e aos que andam pela borda da agua, mettidos n'ella; a uns e outros apanham, e mettem-n'os debaixo d'agua onde os afogam: os quaes sahem á terra com a maré vazia afogados e mordidos na boca, narizes e na sua natura; e dizem outros indios pescadores que viram tomar a estes mortos que viram sobre agua uma cabeça de homem lançar um braço fóra d'ella e levar o morto; e os que isso viram se recolheram fugindo á terra assombrados, do que ficaram tão atemorizados que não quizeram tornar a pescar d'ahi a muitos dias; o que tambem aconteceu a alguns negros de Guiné; as quaes fantasmas ou homens marinhos mataram por vezes cinco indios meus; e já aconteceu tomar um monstro d'estes dous indios pescadores de uma jangada e levarem um, e salvar-se outro tão assombrado que esteve para morrer; e alguns morrem d'isto. E um mestre de assucar do meu engenho affirmou que olhando da janella do engenho que está sobro o rio, e que gritavam umas negras, uma noite, que estavam lavando umas fôrmas de assucar, víu um vulto maior que um homem á borda d'agua, mas que se lançou logo n'ella; ao qual mestre de assucar as negras disseram que aquella fantasma vinha para pegar n'ellas, e que aquelle era o homem marinho, as quaes estiveram assombradas muitos dias; e d'estes acontecimentos acontecem muitos no verão, que no inverno não falta nunca nenhum negro.

CAPITULO CXXVIII.

Que trata do peixe serra, tubarões, toninhas, e lixas.

Aragoagoay é chamado pelos indios o peixe a que os Portuguezes chamam peixe serra; os quaes tem o couro e feição dos tubarões, mas tem no focinho uma espinha de osso muito dura, com dentes de ambas as bandas mui grandes, uns de meio palmo, e outros de mais, e de menos; se-

Digitized by Google

gundo o peixe, é a espinha de seis, sete palmos de comprido, os quaes se defende com ellas dos tubarões e de outros peixes. Estes se tomam com anzóes de cadêa com arpoeiras compridas, que lhe largam para quebrar a furia e se vazar do sangue. Este peixe naturalmente é secco, e fazem-n'o em tassalhos para se seccar, que serve para a gente do serviço; e tem tamanhos figados, que se tomam muitos de cujos figados, se tiram trinta a quarenta canadas de azeite, que serve para a candeia e para concertar o breu para os barcos.

Uperu é o peixe a que os Portuguezes chamam tubarão, de que ha muita somma no mar da Bahia; estes comem gente, se lhe chegam a lanço, e andam sempre á caça do peixe miudo; aos quaes matam com anzóes de cadêa com grandes arpoeiras, como o peixe serra, em os quaes acham pegados os peixes romeiros, como nos do mar largo; cuja carne comem os indios, e em tassalhos seccos se gasta com a gente dos engenhos, os quaes tem tamanhos figados que se tira d'elles vinte, e vinte quatro canadas de azeite; cujos dentes aproveitam os indios, que os engastam nas pontas das flexas; e os que os tem são muito estimados d'elles.

Por tempo de calma apparecem no mar da Bahia toninhas, a que os indios chamam pojujî, das quaes tambem foge o peixe miudo para os reconcavos; mas não se faz conta d'ellas para as matarem em nenhum tempo.

No mar da Bahia se criam muitas lixas maiores que as de Hespanha, que apparecem em certa monsão do anno, as quaes tem tamanhos figados que se tira d'elles quinze e vinte canadas de azeite, as quaes andam ao longo da arêa onde ha pouco fundo, e tomam-n'as com arpéos, o que esperam bem; e seccas e escaladas servem para a gente dos engenhos, e para matolotagem da gente que ha de passar o mar.

CAPITULO CXXIX.

Que trata da propriedade do peixe boi.

Goarágoá é o peixe a que os Portuguezes chamam boi, que anda na agua salgada e nos rios junto da agua doce, de que elles bebem; e comem de uma herva miuda como milhã que se dá ao longo da agua; o qual peixe tem o corpo tamanho como um novilho de dous annos, e tem dous cotos como braços, e n'elles umas mãos sem dedos; não tem pés,

Digitized by Google

mas tem o rabo á feição de peixe e á cabeça e focinho como boi; tem o corpo mutio maciço, e duas goellas, e uma só tripa; o qual tem os figados e bofes e a mais forçura como boi, e tudo muito bom; não tem escama, mas pelle parda e grossa. A estes peixes se mata com arpões muitos grandes, atados a grandes arpoeiras mui fortes, e no cabo d'ellas atado um barril ou outra boia, porque lhe largam com o arpão a arpoeira, e o arpador vai em uma jangada seguindo o rasto do barril ou boia, que o peixe leva atráz de si com muita furia, até que o peixe se vasa todo de sangue, e se vem acima da agua morto; o qual levam atado á terra ou ao barco, onde o esfolam como novilho, cuja carne é muito gorda e saborosa: e tem o rabo como toucinho sem ter n'elle nenhuma carne magra, o qual derretem como banha de porco, e se desfaz todo em manteiga, que serve para tudo o para que presta a de porco, e tem muito melhor sabor: a carne d'este peixe em fresco cozida com couves sabe á carne de vacca, e salpreza melhor, e adubada parece e tem o sabor de carne de porco; e feita em tassalhos posta de fumo faz-se muito vermelha, parece e tem o sabor, cozida, de carne de porco muito boa; a qual se faz muito vermelha e é feita toda em fevras com sua gordura misturada; e em fresca e salpreza, e de vinha d'alhos, assada parece lombo de porco, e faz-lhe vantagem no sabor; as mãos cozidas d'este peixe são como as de porco, mas tem mais que comer; o qual tem os dentes como boi, e na cabeça entre os miolos tem uma pedra tamanha como um ovo de pata, feita em tres peças, a qual é muito alva e dura como marfim, e tem grandes virtudes contra a dôr de pedra: as femeas parem uma só criança, e tem o seu sexo como outra alimaria; e os machos tem os testiculos e vergalho como boi; na pelle não tem cabello nem escama.

CAPITULO CXXX.

Que trata dos peixes pésados e grandes.

Beijupirá é o mais estimado peixe do Brazil, tamanho e da feição do solho, e pardo na côr: tem a cabeça grande e gorda como toucinho, cujas escamas são grandes: quando este peixe é grande, é-o muito, e tem saborosissimo sabor: a sua cabeça é quasi massiça, cujos ossos são muito tenros, e desfazem-se na boca em manteiga todos; as femeas tem as ovas amarellas, e cada uma enche um prato grande, as

Digitized by Google

quaes são muito saborosas. Andam estes peixes pelos baixos ao longo da arêa, aonde esperam bem que os arpôem; tambem morrem á linha, mas hão lhe ir andando com a linha para comerem a isca, e assim a vão seguindo até que cahem ao anzol, onde não bolem comsigo; e porque ha poucos indios que os saibam tomar, morrem poucos.

Tapyrsiçá é outro peixe assim chamado pelos indios, em cuja lingua quer dizer olho de boi, pelo qual nome o nomeam os Portuguezes; este peixe é quasi da feição do beijupirá, senão quanto é mais barrigudo, o qual tem tambem grandes ovas e muito boas; e morrem á linha, e é muito saboroso e de grande estima.

Camuropi é outro peixe muito prezado e saboroso, tamanho como uma pescada muito grande e da mesma feição, mas cheio de escamas grossas do tamanho da palma da mão, e outras mais pequenas; e cortado em postas, está arrumado um eito de espinhas grandes, e outro de carne, e no cabo tem muitas juntas como o sável; as femeas tem ovas tamanhas que enchem um grande prato cada uma d'ellas; e quando este peixe é gordo é mui saboroso; o qual morre á linha no verão; e são muitos d'elles tamanhos que dous indios não podem com um ás costas atado em um páo.

Ha outro peixe a que os indios chamam piraquiroâ, que são como os corcovados de Portugal, que se tomam á linha, os quaes são muito estimados; porque, como são gordos, são muito saborosos em extremo.

Carapitanga são uns peixes que pela lingua do gentio querem dizer vermelhos, porque o são na côr: os grandes são como pargos; e os pequenos como gorazes, mas mais vermelhos uns e outros, e mais saborosos; os quaes morrem em todo o anno; e quando estão gordos não tem preço, e são mui sadios. Estes peixes morrem á linha em honesto fundo, e ordinariamente em todo o anno morre muita somma d'elles, os quaes a seu tempo tem ovas grandes, e muito gostosas, e salprezo é estimado.

CAPITULO CXXXI.

Que trata das propriedades dos méros, cavallas, pescadas e xaréos.

Cunapú são uns peixes, a que chamam em Portugal méros, os quaes são mui grandes, e muitos morrem tama-

Digitized by Google

nhos que lhe caberia na boca um grande leitão de seis mezes; e por façanha se meteu já um negrinho de tres annos dentro na boca de um d'estes peixes, os quaes tem tamanhos figados como um carneiro, e salpimentados são muito bons; e tem o bucho tamanho como uma grande cidra, o qual cozido e recheado dos figados tem muito bom sabor; o couro d'este peixe é tão grosso como um dedo e muito gordo, o qual se toma com qualquer anzol e linha, sem trabalharem por se soltar d'elle, e no tempo das aguas vivas se tomam em umas tapagens de pedras e de páos, a que os indios chamam camboas, onde morrem muitos, os quaes salprezos são muito bons.

Cupá são uns peixes a que os Portuguezes chamam pescadas bicudas que são pontualmente da feição das das ilhas Terceiras, mas muito maiores e mais gostosas, as quaes se tomam á linha; e salprezas de um dia para outro, fazem as postas folhas como as boas pescadas de Lisboa e em extremo são saborosas.

Guarapicú são uns peixes a que os Portuguezes chamam cavallas, das quaes ha muitas que começam a entrar na Bahia no verão com os nordestes, e recolhem-se com elles, com a criação que desovaram na Bahia. São estes peixes maiores que grandes pescadas, mas da feição e côr dos sáveis, os quaes não comem a isca estando queda; pelo que os pescadores vão andando sempre com as jangadas; e acodem então á isca, e pegam do anzol, que é grande, por trabalhar muito como se sente prezo. Este peixe é muito saboroso, e quando está gordo sabem as suas ventrechas a savel, cujo rabo é gordissimo, e tem grandes ovas em extremo saborosas; os seus ossos do focinho se desfazem todos entre os dentes em manteiga; e salprezo este peixe é muito gostoso, e se faz todo em folhas como pescada, mas é muito avantajado no sabor e levidão.

Chamam os indios guiará, a que os Portuguezes chamam charéo, que é peixe largo, branco, prateado e tezo, o qual quando é gordo é em extremo saboroso; e tem nas pontas das espinhas, nas costas, uns ossos alvos atonelados, tão grossos no meio como avelãs, mas compridos; o qual peixe morre á linha e em redes em todo o anno, e alem de ser gostoso é muito sadio.

Digitized by Google

CAPITULO CXXXII.

Em que se trata dos peixes de couro que ha na Bahia.

Panapaná é uma casta de cações, que em tudo o parecem, se não quando tem na ponta do focinho uma roda de meio compasso, de palmo e meio e de dous palmos, o qual peixe tem grandes figados como tubarões; e os grandes tomam-se com anzoes de cadêa, os pequenhos á linha e em redes de mistura com o outro peixe; comem-se os grandes seccos em tassalhos, e os pequenos frescos, e são muito gostosos e leves, frescos e seccos.

Aos cações chamam os indios socori, do que ha muitos na Bahia, que se tomam á linha e com redes; e os pequenos são mui leves e saborosos, e uns e outros não tem na feição nenhuma differença dos que andam e se tomam em Hespanha.

Ha outro peixe, a que os indios chamam curis e os Portuguezes bagres: tem o couro prateado sem escama, tomam-se á linha, tem a cabeça como enxarroco, mas muito dura; e tem o miolo d'ella duas pedrinhas brancas muito lindas; este peixe se toma em todo o anno, e é muito leve e gostoso.

Ha outra casta de bagres, que tem a mesma feição, mas tem o couro amarello, a que os indios chamam urutús, que tambem morrem em todo o anno á linha, da boca dos rios para dentro até onde chega a maré, cujas pelles se pegam muito nos dedos; e não são tão saborosos como os bagres brancos.

Chamam os indios ás moréas caramurú, das quaes ha muitas, mui grandes e mui pintadas como as de Hespanha, as quaes mordem muito, e tem muitas espinhas, e são muito gordas e saborosas; não as ha senão junto das pedras, onde as tomam ás mãos.

Arraias ha na Bahia muitas, as quaes chamam os indios jabubirá e são de muitas castas como as de Lisboa; e morrem á linha e em redes; ha umas muito grandes e outras pequenas, que são muito saborosas e sadias.

Digitized by Google

CAPITULO CXXXIII.

Que trata da natureza das albacoras, bonitos, dourados, corvinas e outros.

Tacupapirema é um peixe que arremeda as corvinas de Hespanha, o qual morre no verão, da boca dos rios para dentro até onde chega a maré, e tem uma côr amarellaça em fresco, e tem a carne molle, e salprezo faz-se em folhas como pescada, e é muito gostoso. Este peixe tem na cabeça metidas nos miolos duas pedras muito alvas do tamanho de um vintem, e morre á linha; do que ha muito por estes rios.

Bonitos entram tambem na Bahia no verão muita somma, que morrem á linha: são como os do mar largo, e tem-se em pouca estima. Tambem entram na Bahia no verão muitas douradas, que são da feição das do mar largo, mas mais seccas; morrem á linha, e não é havido por bom peixe, e tem a espinha verde.

No mesmo tempo entram na Bahia muitas albacoras, a que os indios chamam caraoatá, que são como as que seguem os navios, mas tem bichos nas ventrechas que se lhes tiram, que são como os que se criam na carne; o qual peixe é secco e toma-se á linha.

Piracuca chamam os indios ás garoupas, que são como as das Ilhas, mas muito maiores; tomam-se á linha, tem o peixe molle, mas em fresco é saboroso e sadio, e secco tambem.

Camurîs são os peixes, assim chamados pelos indios, que se parecem com os roballos de Portugal,os quaes são poucas vezes gordos e nenhumas estimadas; morrem á linha das bocas dos rios para dentro até onde chega a maré.

Abróteas morrem na Bahia, que são pontualmente como as das Ilhas Terceiras; pescam-se onde o fundo seja de pedra; é peixe molle, mas muito sadio e saboroso.

Ha outros peixes na Bahia, a que os indios chamam ubaranas, que se parecem com tainhas, os quaes morrem em todo o anno á linha, tem muitas espinhas farpadas como as do savel, e é peixe muito saboroso e sadio,

Goaivicoára são uns peixes que os Portuguezes chamam roncadores; porque roncam debaixo d'agua, dos quaes morrem em todo o anno muitos á linha; e é peixe leve e pouco estimado.

Sororocas são outros peixes da feição e tamanho dos

Digitized by Google

chicharros, que vem no verão d'arribação á Bahia, e apoz elles as cavallas de que dissemos atraz; morrem á linha e são de pouco estima. Chamam os indios ao peixe agulha timuçú, que morrem á linha no verão; e ha alguns de cinco, seis palmos de comprido: são muito gordos e de muitas espinhas, as quaes são muito verdes; e ha d'esta casta muitos peixes pequenos, de que fazem a isca para as cavallas.

Maracuguara é um peixe a que os Portuguezes chamam porco, porque roncam no mar como porco: são do tamanho e feição dos sargos, mas muito carnudos e tezos e de bom sabor, e tem grandes figados e muito gordos e saborosos, e em todo o anno se toma este peixe á linha.

Chamam os indios ás tartarugas girucóa; e tomam-se muitas na costa brava tamanhas que as suas cascas são do tamanho de adargas, as quaes põem nas arêas infinidade de ovos, dos quaes se comem sómente as gemmas, porque as claras, ainda que estejam no fogo oito dias a cozer ou assar, não se hão de coalhar nunca; e sempre estão como as dos ovos crus de gallinhas.

CAPITULO CXXXIV.

Em que se contém diversas castas de peixes que se tomam em redes.

Além dos peixes que morrem nas redes, de que fica dito atraz, se toma n'ellas o que se contêm n'este capitulo, que não morre á linha. E comecemos logo do principal, que são as tainhas, a que os indios chamam paratîs, do que ha infinidade d'ellas na Bahia; com as quaes sêcas se mantem os engenhos, e a gente dos navios do Reino, de que fazem matalotagem para o mar. Estas tainhas se tomam em redes, porque andam sempre em cardumes; e andam na Bahia ordinariamente a ellas mais de cincoenta redes de pescar; e são estas tainhas, nem mais nem menos, como as de Hespanha, mas muito mais gostosas e gordas, das quaes sahem logo em um lanço tres, quatro mil tainhas, que tambem tem boas ovas. E de noite, com aguas vivas, as tomam os indios com umas redinhas de mão, que chamam puçás, que vão atadas em uma vara arcada; e ajuntam-se muitos indios, e tapam a boca de um esteiro com varas e rama, e como a maré está cheia tapam-lhe a porta; e põem-lhe as redinhas ao longo da tapagem, quando a maré vaza, e outros

Digitized by Google

batem na agua no cabo do esteiro, para que se venham todas abaixo a meter nas redes: e d'esta maneira carregam uma canôa de tainhas, e de outro peixe que entra no esteiro.

Ha outro peixe que morre nas redes, a que os indios chamam zabucai, e os Portuguezes gallo, o qual é alvacento, muito delgado e largo, com uma boca pequenina, e faz na cabeça uma feição como crista, e nada de peralto; este peixe é muito leve e saboroso.

Tareîra quer dizer enxada, que é o nome que tem outro peixe que morre nas redes, que é quasi quadrado, muito delgado pela banda da barriga e grosso pelo lombo, o qual tambem nada de peralto, e é muito saboroso e leve.

Chamam os indios coirimas a outros peixes da feição das tainhas, que morrem nas redes e que tem o mesmo sabor, mas são muito maiores; e quando estão gordas, estão cheias de banhas, e são muito gostosas, e tem grandes ovas; as quaes morrem nas enseadas.

Arabori é um peixe de arribação, da feição das savelhas de Lisboa, e assim cheias de espinhas, as quaes salprezas arremedam ás sardinhas de Portugal no sabor; e tomam-se em redes.

Carapeba são uns peixes que morrem nas redes em todo o anno, que são baixos e largos, do tamanho dos sarguetes, e em todo o anno são gordos, saborosos e leves.

CAPITULO CXXXV.

Que trata de algumas castas de peixe medicinal.

Jagoaraçá é um peixe que morre á linha, tamanho como cachuchos, e tem a côr de peixe cabra, e feição de salmonete; tem os figados vermelhos como lacre: a carne d'este peixe é muito teza, muito saborosa; e são tão leves que se dão aos doentes.

Tomam-se na Bahia outros peixes que são pontualmente na feição, na côr, no sabor os salmonetes de Hespanha, os quaes morrem á linha junto das pedras; e são tão leves que se dão aos doentes.

Piraçaquem é um peixe da feição dos safios de Portugal, o qual não tem escama; morre á linha em todo o anno; é peixe saboroso, e muito leve para doentes.

Bodiaens é um peixe de linha, que se dá na costa das

Digitized by Google

Ilhas, dos quaes ha muitos na Bahia, é peixe molle, mas muito gostoso e leve.

Atucupa são uns peixes pequenos, e largos como chopas, que morrem á linha: e quando é gordo é muito saboroso; estes peixes nascem no inverno com agua do monte; no céo da boca tem uns carrapatos, que lhe comem todo o céo da boca, os quaes lhe morrem no verão em que lhe torna a encourar a chaga, que lhe os bichos fazem; este peixe se dá aos doentes.

Goayibicoati são uns peixes azulados pequenos, que se tomam á canna, nas pedras, que são em todo o anno muito gordos e saborosos, e leves para doentes; e outros muitos peixes ha muito medicinaes para doentes e de muita substancia, que por não enfadar não digo d'elles.

CAPITULO CXXXVI.

Que trata da natureza de alguns peixes que se criam na lama e andam sempre no fundo.

Uramaçâ é uma casta de peixe da feição de lingoados de Portugal, o qual se toma debaixo da vasa ou com redes, cujo sabor não é muito bom; e se o cozem ou assam, sem o acoutarem, faz-se em pedaços.

Nos arrecifes se tomam muito polvo, e são como os de Hespanha sem nenhuma differença, a que os indios chamam caiacanga, os quaes não andam nunca em cima d'agua; e tomam-se na baixamar de maré de aguas vivas, nas concavidades que tem os arrecifes, onde ficam com pouca agua; e de noite se tomam melhor com fachos de fogo.

Aimoré é um peixe que se cria na vasa dos rios da agua salgada, onde se tomam nas covas da vasa, os quaes são da feição e côr dos enxarrocos: e tão escorregadios como elles, e tem a cabeça da mesma maneira; são sobre o molle, mas muito gostosos cozidos e fritos, e mui leves; as suas ovas são pequenas e gostosas, mas são tão peçonhentas que de improviso fazem mal a quem as come, e fazem arvoar a cabeça, de dôr de estomago, e vomitar, e grande fraqueza, mas passa este mal logo.

Chama o gentio aimoréoçús a outros peixes, que se criam na vasa dos mesmos rios do salgado, que são da feição dos eirós de Lisboa, mas mais curtos e assim escorregadios. Estes quando estão ovados, tem as ovas tão compridas que

Digitized by Google

quasi lhe chegam á ponta do rabo, e são muito saborosas, e o mesmo peixe; mas as ovas são peçonhentas, e de improviso se acha mal quem as come como as dos aimorés; mas o peixe é muito gostoso e sadio.

Baiacú é um peixe que quer dizer sapo, da mesma côr e feição, e mui peçonhento, mormente a pelle, os figados e o fel, ao qual os indios com fome esfolam, e tiram-lhe o peçonhento fóra, e comem-n'os; mas se lhes derrama o fel, ou lhes fica alguma pelle, incha quem o come até rebentar; com os quaes peixes assados os indios matam os ratos, os quaes andam sempre no fundo da agua.

Piraquiroâ é um peixe da feição de um ouriço cacheiro, todos cheios de espinhos tamanhos como alfinetes grandes, os quaes tem pegados na pelle por duas pontas com que estão arreigados; tomam-se em redes; os quaes andam sempre ao longo da arêa no fundo; a quem os indios esfolam, e comem-lhe a carne.

Bacupuá é um peixe da feição do enxarroco nos hombros e na cabeça, mas tem a boca muito pequena e redonda; e é dos hombros para baixo muito estreito, delgado e duro como nervo, e as perpatanas do rabo são duras e grossas, e na despedida do rabo tem duas pernas como rãs, e no fim d'ellas duas perpatanas duras como as do rabo; e debaixo na barriga tem dous bracinhos curtos, e n'elles maneira de dedos; e tem as costas cheias de sarna como ostrinha, e da cabeça lhe sahe um corno de comprimento de um dedo, mas delgado e duro como osso e muito preto, e o mais é côr vermelhaça; e tem na barriga debaixo das mãos, dous buracos. Este peixe não nada, mas anda sempre pela arêa sobre as mãos, onde ha pouco agua: ao qual os indios comem esfolado, quando não tem outra cousa.

CAPITULO CXXXVII.

Que trata da qualidade de alguns peixinhos e dos camarões.

Mirocaia é um peixe, assim chamado dos indios, da feição de choupinhas, que se tomam á canna nos rios do salgado: são tezos e de fraco sabor; em cujas bocas se criam no inverno, com as cheias, uns bichos como minhocas, que lhes morrem no verão.

Piraquiras são uns peixinhos como os peixes reis de Portugal e como as ruivacas de agua doce, os quaes se tomam na agua salgada em camboas, que são umas cercas de pe-

Digitized by Google

dra ensoça onde se estes peixinhos vem recolher fugindo do peixe grande, e ficam com a maré vazia dentro nas poças, onde se enchem balaios d'elles: e em certo tempo trazem os indios d'estes lugares sacos cheios d'estes peixinhos.

Pequitins são uns peixinhos muito pequeninos que se tomam em poças d'agua, onde ficam como a maré vazia, e são tamaninos que os indios assam mil juntos, embrulhados em umas folhas debaixo do burralho, e ficam depois de assados todos pegados á feição de uma maçaroca.

Carapiaçaba são uns peixinhos que se tomam á canna, os quaes são redondos como choupinhas, e pintados de pardo e amarello, e são sempre gordos e muito bons para doentes. E afóra estes peixinhos ha mil castas de outros de que se não faz menção, por escuzar prolixidade, mas está entendido que onde ha tanta diversidade de peixes grandes, haverá muito mais dos pequenos.

Potipemas chamam os indios aos camarões, que são como os de Villa Franca, os quaes tem as unhas curtas, as barbas compridas, e são aborrachados na feição; tem a casca branda e são mui saborosos; criam-se estes nos esteiros d'agua salgada, e tomam-se em redinhas de mão, e nas redes grandes de pescar vêm de mistura com o outro peixe.

CAPITULO CXXXVIII.

Que trata da natureza dos lagostins e ussás.

Aos lagostins chama o gentio potiquequiâ; os quaes são da maneira das lagostas, mas mais pequenos alguma cousa e em tudo o mais tem a mesma feição e feitio; e criam-se nas concavidades dos arrecifes, onde se tomam em conjunção das aguas vivas muitos; e em seu tempo, que é nas marés da lua nova, estão melhores que na lua cheia, em a qual estão cheios de coraes muito grandes as femeas, e os machos muito gordos; e para se tomarem bem estes lagostins, ha de ser de noite com fachos de fogo.

O marisco mais proveitoso á gente da Bahia são uns caranguejos a que os indios chamam ussás, os quaes são grandes e têm muito que comer; e são mui sadios para mantensa dos escravos e gente do serviço; estes caranguejos se criam na vasa entre os mangues, de cuja folha se mantêm, e tem coraes uma só vez no anno; e como desovam pellam a casca, assim os machos como as femeas, e nasce-lhes outra casca por baixo; e emquanto a tem molle

Digitized by Google

estão por dentro cheios de leite, e fazem dôr de barriga aos que os comem; e quando as femeas estão com coraes, os machos estão mui gordos, tanto que parece o seu casco estar cheio de manteiga; e quando assim estão são mui gostosos, os quaes se querem antes assados que cozidos. Tem estes caranguejos no casco um fel grande, e bucho junto á boca com que come, o qual amarga muito, e é necessario tiral-o a tento; porque não faça amargar o mais. Estes ussás são infinitos, e faz espanto a quem atenta por isso, e é não haver quem visse nunca caranguejos d'esta casta quando são pequenos, que todos apparecem e sahem das covas de lama, onde fazem a sua morada, do tamanho que hão de ser; das quaes covas os tiram os indios mariscadores com o braço nú; e como tiram as femeas fóra as tornam logo a largar para que não acabem, e façam criação. Estes caranguejos tem as pernas grandes, e duas bocas muito maiores com que mordem muito, em as quaes tem tanto que comer como as das lagostas; e o que se d'ellas come e o mais do caranguejo, é muito gostoso. E não ha morador nas fazendas da Bahia que não mande cada dia um indio a mariscar d'estes caranguejos; e de cada engenho vão quatro e cinco d'estes mariscadores, com os quaes dão de comer a toda a gente de serviço; e não ha indio d'estes que não tome cada dia trezentos e quatrocentos caranguejos, que trazem vivos em um cesto serrado feito de verga delgada, a que os indios chamam samurá; e recolhem em cada samurá d'estes um cento, pouco mais ou menos.

CAPITULO CXXXIX.

Que trata de diversas castas de caranguejos.

Ha outros caranguejos, a que os indios chamam serizes, que tem outra feição mais natural com os caranguejos de Portugal, mas são muito maiores, e tem as duas bocas muito compridas e grandes, e os braços d'ellas quadrados, em o que tem muito que comer. Estes desovam em cada lua nova, em a qual as femeas tem grandes coraes vermelhos, e os machos os tem brancos, e estão muito gordos; os quaes uns e outros tem muito que comer, e em todo o tempo são muito gostosos e sadios: criam-se na praia d'arêa dentro na agua, onde os tomam ás mãos, quando a maré enche, e não tem fel como os ussás.

Digitized by Google

Criam-se outros caranguejos na agua salgada, a que os indios chamam goaiá: estes são compridos, e tem as pernas curtas e pequenas bocas: são muito poucos, mas muito bons.

Aratús são outros caranguejos pequenos, como os de Portugal, que se tomam no rio de Sacavem em Lisboa; criam-se entre os mangues, de cuja folha e casca se mantêm e sempre lhe estão roendo nos pés; dos quaes ha infinidade, mas tem a casca molle; e em seu tempo, uma vez no anno, tem as femeas coraes, e os machos estão muito gordos; e uns e outros são sadios e gostosos.

Ha outros caranguejos, a que os indios chamam goaiarara, que se criam nos rios, onde a agua doce se mistura com a salgada, os quaes são mui lizos e de côr apavonada, e tem o casco redondo, as pernas curtas, e são poucos e gostosos.

Goaiaussá são outros caranguejos que se criam dentro d'arêa, que se descobre na vasante da maré, os quaes são pequenos e brancos, e tem as covas mui fundas; e andam sempre pelas praias, em quanto não vêm gente, e como a sentem se mettem logo nas covas: e aconteceu já fazer um indio tamanha cova, para tirar um d'estes caranguejos, que lhe cahiu arêa em cima, de maneira que não pôde tirar a cabeça e afogou-se; no que os indios tomam tanto trabalho, porque lhes serve este goaiaussá de isca, que o peixe come bem; os quaes tem a casca muito molle ordinariamente, e não se comem por pequenos.

CAPITULO CXL.

Que trata das qualidades das ostras que ha na Bahia.

As mais formosas ostras que se viram são as do Brazil; e ha infinidade d'ellas; como se vê na Bahia, onde lhe os indios chamam lerîuçú, as quaes estão sempre cheias, e tem ordinariamente grandes miolos; e em algumas partes os tem tamanhos que se não podem comer senão cortadas em talhadas, as quaes cruas, assadas e fritas são muito gostosas; as boas se dão dentro da vasa no salgado, e pelos rios onde se junta a agua doce ao salgado se criam muitas na vasa, e muito grandes, mas quando ha agua do monte, estão mui doces e sem sabores. E ha tantas ostras na Bahia e em outras partes, que se carregam barcos d'ellas muito grandes, para fazerem cal das cascas, de que se faz muita e

Digitized by Google

muito boa para as obras, a qual é muito alva; e ha engenho que se gastou nas obras d'elle mais de tres mil moios de cal d'estas ostras: as quaes são muito mais sadias que as de Hespanha.

Nos mangues se criam outras ostras pequenas, a que os indios chamam lerîmerim, e criam-se nas raizes e ramos d'elles até onde lhes chega a maré de preamar; as quaes raizes e ramos estão tão cobertos d'estas ostras, que se não enxerga o páo, e estão umas sobre outras; as quaes são pequenas, mas muito gostosas; e nunca se acabam, porque tiradas umas, logo lhe nascem outras; e em todo o tempo são muito boas e muito leves.

Ha outras ostras, a que os indios chamam lerîpebas, que se criam em baixos de arêa de pouca agua, as quaes são como as salmoninas, que se criam no rio de Lisboa, defronte do Barreiro, da feição de vieiras. Estas lerîpebas são um marisco de muito gosto, e estão na conjuncção da lua nova muito cheias, cujo miolo é sobre o tezo e muito excellente; em as quaes se acham grãos de aljofar pequenos, e criam-se logo serras d'estas leripebas umas sobre as outras, muito grandes: e já aconteceu descer com a maré serra d'ellas até defronte da cidade, com que a gente d'ella e do seu limite teve que comer mais de dous annos.

CAPITULO CXLI.

Que trata de outros mariscos que ha na Bahia.

Na Bahia se criam outras sortes de marisco miudo debaixo da arêa. Primeiramente sernambis é marisco que se cria na vasa, que são como as ameijoas grandes de Lisboa; mas tem a casca muito redonda e grossa, e tem dentro grande miolo de côr pardaça, que se come assado e cozido, mas o melhor d'este marisco é frito; porque se lhe gasta do fogo a muita reima que tem, e um cheiro fortum que assado e cozido tem; e de toda a maneira este marisco é prezado.

Em os baixos da arêa que tem a Bahia se cria outro marisco, a que os indios chamam tarcobas, que são da feição e tamanho das ameijoas de Lisboa, e tem o mesmo gosto e sabor, assim cruas coma abertas no fogo; as quaes se tiram de baixo da arêa, e tem-se em casa na agua salgada vivas, quinze e vinte dias, as quaes, além de serem maravilhosas no sabor, são muito leves.

Digitized by Google

Criam-se na vasa da Bahia infinidade de mexilhões, a que os indios chamam sururús, que são da mesma feição e tamanho e sabor dos mexilhões de Lisboa, os quaes tem carangueijinhos dentro, e o mais que tem os de Lisboa; e com a minguante da lua estão muito cheios.

Dos berbigões ha grande multidão na Bahia, nas praias da arêa, a que os indios chamam sarnambitinga, que são da mesma feição dos de Lisboa, mas tem a casca mais grossa, e são mais pequenos; comem-se abertos no fogo, e são mui gostosos, e tambem crus; mas tem um certo sabor, que requeima algum tanto na lingua.

Nas enseadas da Bahia, na vasa d'ellas, se cria outro marisco, a que os indios chamam guaripoapem, a que os Portuguezes dizem lingoeirões, os quaes são tão compridos como um dedo e mais, e da mesma grossura, e tem um miolo grande e mui gostoso, que se come aberto no fogo; e a casca se abre como a das ameijoas.

CAPITULO CXLII.

Que trata da diversidade de buzios qae se criam na Bahia.

Tapuçú são uns buzios tamanhos de palmo e meio, que tem uma borda estendida para fóra no comprimento do buzio de um coto de largo, os quaes são algum tanto baixos, e tem grande miolo; que os indios comem, mas é muito tezo; os quaes buzios servem aos indios de buzinas, e criam-se na arêa; e no miolo tem uma tripa cheia d'ella, que se lhe tira facilmente.

Ha outros buzios, a que os indios chamam oatapú, que são tamanhos como uma grande cidra, e pontagudos no fundo, e roliços com grande boca; estes tem grande miolo bom para comer, e algum tanto tezo, o qual tem uma tripa cheia de arêa, que se lhe tira bem. A estes buzios furam os indios pelo pé por tangerem com elles, e não ha barco que não tenha um, nem casa de indios onde não haja tres e quatro, com que tangem, os quaes soam muito mais que as buzinas; e criam-se estes buzios na arêa.

Tambem se criam na arêa outros buzios de tres quinas, a que os indios chamam oapuaçú, que são tamanhos como uma pinha e maiores; e no que a boca abre para fóra são mui formosos, cujo miolo é grande e saboroso, sobre o tezo, onde tem uma tripa cheia de arêa; tambem servem de buzinas aos indios.

Digitized by Google

Ferigoas são outros buzios, que se criam na arêa, tamanhos como nozes e maiores; são brancos, cheios de bichos muito bem afeiçoados, os quaes tem um miolo dentro, que cozidos e assados, se lhes tira com a mão muito bem; e tem uma tripa cheia de arêa facil de se tirar. Este marisco é de muito gosto e leve, de que ha muita somma, e com tormenta lança-os o mar fóra nas enseadas.

Ha outros buzios, a que os indios chamam ticoarapuâ, tamanhos como um ovo, com um grande bico no fundo, e são muito alvos, lavrados em caracol por fóra: tem miolo grande com tripa como est'outros, que se lhes tira, o qual é muito saboroso; e se criam tambem na arêa; do que ha muita quantidade.

Sacurauna é outra casta de buzios, que criam na arêa, tamanhos como peras pardas, que são asperos por fóra, e tem grande miolo, mas sobre o duro, e tambem tem tripa de arêa.

Ha outros buzios, que se criam na arêa, a que os indios chamam oacaré, que são muito lizos, e pintados por fóra, os quaes tem grande miolo, e sobre o tezo. Estes buzios são os com que as mulheres burnem e assentam as costuras.

Ticoerauna são uns buzios pequenos da feição de caramujos, pintados p r fóra, outros compridos, tambem pintados, que servem de tentos, os quaes se criam nas folhas dos mangues como caracóes; e cozidos tiram-se com alfinetes como caramujos, e são muito bons e saborosos. Outras muitas castas ha d'estes buzios pequenos, que por atalhar prolixidade se não diz aqui d'elles.

CAPITULO CXLIII.

Em que contém algumas estranhezas que o mar cria na Bahia.

Assim como se na terra criam mil immundicias de bichos prejudiciaes ao remedio da vida humana, como atraz no titulo das alimarias fica declarado, da mesma maneira se criam no mar, como se verá pelo que n'este capitulo se contêm.

Pindá chamam os indios aos ouriços que se criam no mar da Bahia, que são como os da costa de Portugal, os quaes se criam em pedras; e não usa ninguem d'elles para se comerem, nem para outra cousa alguma que aproveite para nada.

Lança este mar fóra muitas vezes, com tormenta, umas

Digitized by Google

estrellas da mesma feição e tamanho das que lança o mar de Hespanha, as quaes não servem para nada, a que os indios chamam jacî.

Tambem este mar lança fóra pelas praias alforrecas ou corôas de frades, como aquellas que sahem no rio de Lisbôa na praia de Belém e em outras partes; e na Bahia sahem ás vezes juntas duas, e tres mil d'ellas, a que os indios chamam muciquî.

Muitas vezes se acha pelas praias da Bahia uma cousa preta, mui liada como figado de vacca, com o que se enganaram muitos homens cuidando ser ambar, e é uma agua morta, segundo a opinião dos mareantes.

Tambem deita o mar por estas praias muitas vezes esponjas, a que os indios chamam itamanbeca, as quaes se criam no fundo do mar, d'onde umas sahem delgadas e molles, e outra tezas e aperfeiçoadas.

Aos guzanos chamam os indios ubiraçoca, do qual não é de espantar furar a madeira dos navios, pois fura as pedras, onde não acha páos, as quaes se acham cada hora lavradas d'elles, e furadas de uma banda e outra; este guzano é um bicho molle e comprido como minhoca, e da mesma feição; e tem a cabeça e boca dura, o qual se cria em uma casca roliça, retorcida, alva e dura, como buzio, e com ella faz as obras e damno tão sabido; e para roer não lança fóra d'esta casca mais que a boca, com que faz o caminho diante d'esta sua camisa, que o corpo do bicho de dentro manda para onde quer; e para este guzano não fazer tanto damno nas embarcações, permittiu a natureza que o que se cria na agua salgada morra entrando na agua doce, e o que se cria na doce morra na salgada. Na Bahia houve já muito, mas já agora não ha tanto que faça mal aos navios e outras embarcações.

Nas redes de pescar sahem ás vezes umas pedras brancas, que fizeram já aos homens terem pensamentos que era coral branco, por se criarem no fundo do mar, soltas, feitas em castelletes alvissimos, que são tão delicados, lindos, e de tanto artificio, que é cousa estranha, os quaes são muito duros e resplandecentes; e dizem alguns contemplativos que se criam dos limos do mar, porque se acham alguns muitas vezes enfarinhados de arêa congelada e dura, e elles mui brancos, mas não ainda aperfeiçoados, como cousa que se vai criando.

Digitized by Google

CAPITULO CXLIV.

Que trata da natureza e feições do peixe de agua doce.

Não menos são de notar os pescados, que se criam nos rios de agua doce da Bahia, que os que se criam no mar d'ella; do que é bem que digamos d'aqui por diante.

E comecemos das eirós, que ha n'estes rios, que se criam debaixo das pedras, a que os indios chamam mocim, as quaes são da feição e sabor das de Portugal.

Tareîras são peixes tamanhos como mugens, e maiores; mas são pretos, da côr dos enxarrocos, e tem muitas espinhas, os quaes se tomam á linha, nos rios de agua doce: tem boas ovas e nenhuma escama: do que ha grandes pescarias.

Juquiás chamam os indios a outros peixes da feição dos safios de Hespanha, mas mais pequenos; os quaes se tomam ás mãos, entre as pedras; o qual peixe não tem escama, e é mui saboroso.

Tamoatás são outro peixe d'estes rios que se não escama, por terem a casca mui grossa e dura, e que se lhe tira fóra inteira depois de assados ou cozidos, os quaes se tomam á linha; e é peixe miudo, muito gostoso e sadio.

Piranha quer dizer tesoura: é peixe de rios grandes, e onde o ha, é muito; e é da feição dos sargos, e maior, de côr mui prateada; este peixe é muito gordo e gostoso, e toma-se á linha; mas tem taes dentes que corta o anzol cerceo; pelo que os indios se não atrevem a metter n'agua onde ha este peixe; porque remete a elles muito e morde-os cruelmente; se lhes alcançam os genitaes, leva-lhes cerceos, e o mesmo faz á caça que atravessa os rios onde este peixe anda.

Querico é um outro peixe de agua doce da feição das savelhas, e tem as mesmas espinhas e muitas, e é muito estimado e saboroso, o qual peixe se toma á linha.

Cria-se n'estes rios outro peixe, a que os indios chamam oaquari, que são do tamanho e feição das choupas de Portugal, mas tem o rabo agudo, a cabeça mettida nos hombros e duas pontas como cornos; e tem a pelle grossa, a qual os indios tem por contrapeçonha para mordeduras de cobras e outros bichos, o qual se toma á cana.

Tomam-se n'estes rios outros peixes, a que os indios chamam piábâ, que são pequenos, da feição dos pachões do

Digitized by Google

rio de Lisboa, o qual é peixe saboroso e de poucas espinhas.

Tambem se tomam n'estes rios á cana outros peixes a que os indios chamam maturaqué, que são pequenos, largos e muito saborosos.

Ha outros peixes nos rios a que os indios chamam goarara, que são como ruivacas, e tem a barriga grande, os quaes se tomam á cana.

Acarás são outros peixes do rio, tamanhos como bezugos, mas tem o focinho mais comprido, que é peixe muito saboroso; o qual se toma á cana.

Ha outras muitas castas de peixes nos rios de agua doce, que para se escrever houvera-se de tomar muito de proposito mui largas informações, mas por ora deve de bastar o que está dito para que possamos dizer de algum marisco que se cria na agua doce.

CAPITULO CXLV.

Que trata do marisco que se cria na agua doce.

Assim como a natureza criou tanta diversidade de marisco na agua salgada, fez o mesmo nos rios e alagôas da agua doce, como se verá pelos mexilhões que se criam nas pedras d'estes rios e no fundo das lagôas, que são da feição e tamanho dos do mar, os quaes não são tão gostosos por serem doces.

Tambem se criam nas pedras d'estes rios caramujos maiores que os do mar e compridos, a que os indios chamam sapicaretá.

No fundo das lagôas, nas lamas d'ellas, se criam ameijoas redondas que tem grande miolo, a que os indios chamam como as do mar, as quaes são, pelo lugar onde nascem, muito ensoças.

Mais pelo sertão se criam, nos rios grandes, muito mexilhões de palmo de comprido e quatro dedos de largo, que são pela banda de dentro da côr e lustro da madre perola, que servem de colheres aos indios, os quaes tem grandes miolos, que por serem de agua dôce não são mui gostosos como os do mar.

Tambem se criam n'estes rios muitos e mui diversos camarões, dos quaes diremos o que foi possivel chegar á nossa noticia; começando primeiro dos mais geraes, que os indios chamam potim, que são muitos, do tamanho dos grandes de

Digitized by Google

Lisboa, mas são mais grossos e tem as barbas curtas, os quaes se criam entre as pedras das ribeiras e entre raizes das arvores, que vizinham com a agua, e em quaesquer hervas que se criam na agua; de que os indios se aproveitam tomando-os ás mãos; e são muito saborosos.

Ha outra casta de camarões, a que os indios chamam aratúem, que são da mesma maneira dos primeiros, mas mais pretos na côr, e tem a casca mais dura, que se criam e tomam da maneira dos de cima, os quaes cozidos são muito bons.

N'estas ribeiras se criam outros camarões a que os indios chamam arature, que tem pequeno corpo e duas bocas como alacráos e a cabeça de cada uma é tamanha como o corpo, os quaes se criam em pedras no concavo d'ellas, e da terra das ribeiras, que são muito gostosos e tomam-se ás mãos.

Potiuaçú são uns camarões que se criam nas cavidades das ribeiras, e tem tamanho corpo como os lagostins, e o pescoço da mesma maneira; tem a casca nedia e as pernas curtas, os quaes criam coraes em certo tempo, e em outro tem o casco gordo como lagostas, que se tambem tomam ás mãos, e são muito saborosos; e estes e os mais não são nada carregados.

CAPITULO CXLVI.

Em que se declara a natureza dos caranguejos do mato.

Andei buscando até agora onde agazalhar os caranguejos do mato, sem lhes achar lugar commodo, porque para os arrumar com os caranguejos do mar parecia desproposito, pois se elles criam na terra, sem verem nem tocarem agua do mar; e para os contar com os animaes tambem parece que lhe não cabia esse lugar, pois se parecem com o marisco do mar; e por não ficarem sem gazalhado n'estas lembranças, os apozentei na vizinhança do marisco da terra, ainda que se não criam n'agua estes caranguejos, mas em lugares humidos por todas as ribeiras.

A estes caranguejos da terra chamam os indios guoanhamú, os quaes se criam em vargeas humidas, não muito longe do mar, mas na vizinhança da agua doce, os quaes são muito grandes e azues, com o casco e pernas mui luzentes; os machos são muito maiores que as femeas, e tamanhos que tem os braços grandes, onde tem as bocas

Digitized by Google

com tamanhos bicos n'ellas, e tão compridos e voltados que faz com elles tamanha apparencia como faz o dedo demonstrativo da mão de um homem com o pollegar, o que é tão duro como ferro, e onde pegam com esta boca não largam até os não matarem. Criam-se estes caranguejos em covas debaixo da terra, tão fundas que com trabalho se lhe póde chegar com o braço e hombro de um indio metidos n'ella, onde os mordem mui valentemente. No mez de Fevereiro estão as femeas, e até meado de Março, todas cheias de coral mui vermelho, e tem tanto no casco como uma lagosta, o qual e tudo o mais é muito gostoso; tiram-lhe o fel ou bucho que tem, cheio de tinta preta muito amargosa; porque se se derrama faz amargar tudo o por onde elle chegou.

No mez de Agosto, que é no cabo do inverno, se sahem os machos e femeas ao sol, com o que anda a terra coberta d'elles; em o qual tempo se sahem ao sol passeando de uma parte para outra, e são então bons de tomar; e n'esta conjuncção andam os machos tão gordos que tem os cascos cheios de uma amarellidão como gemas de ovos, os quaes são mui gostosos á maravilha, mas são carregados; e para os indios os tirarem das covas sem trabalho, tapam-lh'as com um mólho de hervas, com o que elles abafam nas covas, e se vêem para tomar ar, e por não acharem caminho desempedido morrem á boca da cova abafados. Algumas vezes morreram pessoas de comerem èste guanhamú, e dizem os indios que no tempo em que fazem mal comem uma fruta, a que chamam ariticurana, de que já fizemos menção, a qual é peçonhenta.

D'aqui por diante se trata da vida e costumes do gentio da terra da Bahia.

Já era tempo de dizermos quem foram os povoadores e possuidores d'esta terra da Bahia, de que se tem dito tantas maravilhas, e quem são estes Tupinambás tão nomeados, cuja vida e costumes temos prometido por tantas vezes n'este tratado, ao que começamos satisfazer d'aqui por diante.

CAPITULO CXLVII.

Que trata de quaes foram os primeiros povoadores da Bahia.

Os primeiros povoadores que viveram na Bahia de Todos os Santos e sua comarca, segundo as informações que se

Digitized by Google

tem tomado dos indios muito antigos, foram os Tapuias, que é uma casta de gentio muito antigo. de quem diremos ao diante em seu lugar. Estes Tapuias foram lançados fóra da terra da Bahia e da vizinhança do mar d'ella, por outro gentio seu contrario, que desceu do sertão, á fama da fartura da terra e mar d'esta provincia, que se chama Tupinaês, e fizeram guerra um gentio a outro, tanto tempo quanto gastou para os Tupinaês vencerem e desbaratarem aos Tapuias, e lh'os fazerem despejar a ribeira do mar, e irem-se para o sertão, sem poderem tornar a possuir mais esta terra de que eram senhores, a qual os Tupinaês possuiram e senhorearam muitos annos, tendo guerra ordinariamente pela banda do sertão com os Tapuias, primeiros possuidores das faldas do mar; e chegando á noticia dos Tupinambás a grossura e fertilidade d'esta terra, se ajuntaram e vieram d'além do rio de S. Francisco descendo sobre a terra da Bahia, que vinham senhoreando, fazendo guerra aos Tupinaês que a possuiam, destruindo-lhe suas aldêas e roças, matando aos que lhe faziam rosto, sem perdoarem a ninguem, até que os lançaram fóra das visinhanças do mar; os quaes se foram para o sertão e despejaram a terra aos Tupinambás, que a ficaram senhoreando. E estes Tupinaês se foram pôr em frontaria com os Tapuias seus contrarios, os quaes faziam crua guerra com força, da qual os faziam recuar pela terra dentro, por se afastarem dos Tupinambás que os apertavam da banda do mar, de que estavam senhores, e assim foram possuidores d'esta provincia da Bahia muitos annos, fazendo guerra a seus contrarios com muito esforço, até á vinda dos Portuguezes a ella: dos quaes Tupinambás e Tupinaês se tem tomado esta informação, em cuja memoria andam estas historias de geração em geração.

CAPITULO CXLVIII.

Em que se declara a proporção e feição dos Tupinambás, e como se dividiram logo.

Os Tupinambás são homens de meã estatura, de côr muito baça, bem feitos e bem dispostos, muito alegres do rosto, e bem assombrados: todos tem bons dentes, alvos, miudos, sem lhe nunca apodrecerem; tem as pernas bem feitas, os pés pequenos; trazem o cabello da cabeça sempre aparado, em todas as outras partes do corpo os não consen-

Digitized by Google

tem e os arrancam como lhes nascem : são homens de grandes forças e de muito trabalho ; são muito belicosos, e em sua maneira esforçados, e para muito, ainda que atraiçoados : são muito amigos de novidades, e demasiadamente luxuriosos, e grandes caçadores e pescadores, e amigos de lavouras.

Como se este gentio viu senhor da terra da Bahia, dividiu-se em bandos por certas differenças que tiveram uns com os outros, e assentaram suas aldêas apartadas, com o que se inimizaram ; os que se apozentaram entre o rio de S. Francisco e o rio Real se declararam por inimigos dos que se apozentaram do rio Real até á Bahia, e faziam-se cada dia cruel guerra, e comiam-se uns aos outros ; e os que cativavam, e a que davam vida, ficavam escravos dos vencedores.

E os moradores da Bahia da banda da cidade se declararam por inimigos dos outros Tupinambás moradores da outra banda da Bahia, no limite do rio de Paraguassú e do de Seregípe, e faziam-se cruel guerra uns aos outros por mar ; onde se davam batalhas navaes em canôas, com as quaes faziam ciladas uns aos outros, por entre as ilhas, onde havia grande mortandade de parte a parte, e se comiam, e faziam escravos uns aos outros, no que continuaram até o tempo dos Portuguezes.

CAPITULO CXLIX.

Que trata de como se dividiram os Tupinambás, e se passaram á ilha de Taparica e d'ella a Jaguaripe.

Entre os Tupinambás moradores da banda da cidade armaram desavenças uns com os outros, sobre uma moça que um tomou a seu pai por força, sem lh'a querer tornar ; com a qual desavença se apartou toda a parentella do pai da moça, que eram indios principaes, com a gente de suas aldêas, e passaram-se á ilha de Taparica, que está no meio da Bahia, com os quaes se lançou outra muita gente, e encorporaram-se com os visinhos do rio Paraguassú, e fizeram guerra aos da cidade, a cujo limite chamavam Caramurê ; e salteavam-se uns aos outros cada dia, e ainda hoje em dia ha memoria de uma ilheta, que se chama a do Medo, por se esconderem detraz d'ella ; onde faziam ciladas uns aos outros com canôas, em que se matavam cada dia muitos d'elles.

Digitized by Google

D'estes Tupinambás, que se passaram á ilha de Taparica, se povoou o rio de Jaguaripe, Tinharé e a costa dos Ihéos; e tamanho odio se criou entre esta gente, sendo toda uma por sua avoenga, que ainda hoje, entre esses poucos que ha, se querem tamanho mal que se matam uns aos outros, se o pcdem fazer, em tanto que se encontram alguma sepultura antiga dos contrarios, lhe desenterram a caveira, e lh'a quebram, com o que tomam nome novo, e de novo se tornam a inimizar.

E em tempo que os Portuguezes tinham já povoado este rio de Jaguaripe, houve na sua povoação grandes ajuntamentos das aldêas dos indios ali visinhos, para quebrarem caveiras em terreiros, com grandes festas, para os quebradores das cabeças tomarem novos nomes, as quaes caveiras foram desenterrar a uma aldêa despovoada para vingança de morte dos pais ou parentes dos quebradores d'ellas, para o que as enfeitavam com pennas de passaros ao seu modo; em as quaes festas houve grandes bebedices, o que ordenaram os Portuguezes ali moradores para se escandalizarem os parentes dos defuntos, e se quererem de novo mal; porque se temiam que se viessem a confederar uns com os outros para lhe virem fazer guerra, o que foi bastante para o não fazerem, e se assegurarem com isto os Portuguezes que viviam n'este rio.

CAPITULO CL.

Em que se declara o modo e linguagem dos Tupinambás.

Ainda que os Tupinambás se dividiram em bandos, e se inimizaram uns com outros, todos fallam uma lingua que é quasi geral pela costa do Brazil, e todos tem uns costumes em seu modo de viver e gentilidades; os quaes não adoram nenhuma cousa, nem tem nenhum conhecimento da verdade, nem sabem mais que ha morrer e viver; e qualquer cousa que lhe digam, se lhes mette na cabeça, e são mais barbaros que quantas creaturas Deus criou. Tem muita graça quando fallam, mórmente as mulheres; são mui compendiosas na fórma da linguagem, e muito copiosos no seu orar; mas falta-lhe tres letras da do *A B C*, que são *F*, *L*, *R* grande ou dobrado, cousa muito para se notar; porque senão tem F, é porque não tem fé em nenhuma cousa que adorem; nem os nascidos entre os christãos e doutrinados pelos padres da Companhia tem fé em Deus Nosso

Digitized by Google

Senhor, nem tem verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhe faça bem. E se não tem L na sua pronunciação, é porque não tem lei nenhuma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz lei a seu modo, e ao som da sua vontade; sem haver entre elles leis com que se governem; nem tem lei uns com os outros. E se não tem esta letra R na sua pronunciação, é porque não tem rei que os reja, e a quem obedeçam, nem obedecem a ninguem, nem ao pai o filho, nem o filho ao pai, e cada um vive ao som da sua vontade: para dizerem Francisco dizem Pancico, para dizerem Lourenço dizem Rorenço, para dizerem Rodrigo dizem Rodigo; e por este modo pronunciam todos os vocabulos em que entram essas tres letras.

CAPITULO CLI.

Que trata do sitio e arrumação das aldêas, e as quantidades dos principaes d'ellas.

Em cada aldêa dos Tupinambás ha um principal, a que seguem sómente na guerra, onde lhe dão alguma obediencia, pela confiança que tem em seu esforço e experiencia, que no tempo de paz cada um faz o a que o obriga seu apetite. Este principal ha de ser valente homem para o conhecerem por tal, e aparentado e bemquisto, para ter quem ajude a fazer suas roças, mas quando as faz com ajuda de seus parentes e chegados, elle lança primeiro mão do serviço que todos. Quando este principal assenta a sua aldêa, busca sempre um sitio alto e desabafado dos ventos, para que lhe lave as casas, e que tenha a agua muito perto, e que a terra tenha disposição para de redor da aldêa fazerem suas roças e grangearias; e como escolhe o sitio a contentamento dos mais antigos, faz o principal sua casa muito comprida, coberta da palma, a que os indios chamam pindoba, e as outras casas da aldêa se fazem tambem muito compridas, e arrumadas de maneira que lhe fica no meio um terreiro quadrado, onde fazem bailes e os seus ajuntamentos; e em cada aldêa ha um cabeça, que ha de ser indio antigo e aparentado, para lhe os outros que virem n'estas casas terem respeito; e não vivem mais n'esta aldêa, que emquanto lhes não apodrece a palma das casas, que lhes dura tres, quatro annos. E como lhe chove muito n'ellas passam a aldêa para outra parte. E n'estas casas não ha nenhuns repartimentos, mais que os tirantes; e entre um e outro é um rancho onde

Digitized by Google

se agazalha cada parentella, e o principal toma o seu rancho primeiro, onde se elle arruma com sua mulher e filhos, mancebas, creados solteiros, e algumas velhas que o servem, e pela mesma ordem vai arrumando a gente da sua casa, cada parentella em seu lanço; d'onde se não poderão mudar, salvo se fôr algum mancebo solteiro, e casar, porque em tal caso se irá para o lanço onde está sua mulher; e por cima d'estes tirantes das casas lançam umas varas arrumadas bem juntas, a que chamam juráos, em que guardam suas alfaias e seus legumes, que se aqui curam ao fumo, para não apodrecerem; e da mesma maneira se arrumam e ordenam nas outras casas; e em umas e outras a gente que se agazalha em cada lanço d'estes. Quando comem é no chão em cocaras, e todos juntos, e os principaes deitados nas redes. Em estas casas tem este gentio ajuntamento, sem se pejarem uns dos outros, mas sempre o macho com femea. Se estas aldêas estão em frontaria de seus contrarios, e em lugares de guerra, faz este gentio de roda da aldêa uma cerca de páo a pique muito forte, com suas portas e seteiras, e afastado da cerca vinte e trinta palmos, fazem de redor d'ella uma rede de madeira, com suas entradas de fóra para entre ella e a cêrca; para que, se lhe os contrarios entrarem dentro, lhe sahirem; e ao recolher se embaraçarem de maneira que os possam flexar é desbaratar, como acontece muitas vezes.

CAPITULO CLII.

Que trata da maneira dos casamentos dos Tupinambás e seus amores.

A mulher verdadeira dos Tupinambás é a primeira que o homem teve e conversou, e não tem em seus casamentos outra ceremonia mais que dar o pai a filha a seu genro, e como tem ajuntamento natural, ficam casados: e os indios principaes tem mais de uma mulher, e o que mais mulheres tem, se tem por mais honrado e estimado; mas ellas dão todas a obediencia á mais antiga, e todas a servem, a qual tem armado sua rede junto da do marido, e entre uma e outra tem sempre fogo acezo; e as outras mulheres tem as suas redes, em que dormem, mas afastadas, e fogo entre cada duas redes; e quando o marido se quer ajuntar com qualquer d'ellas, vai-se lançar com ella na rede, onde se detem só aquelle espaço d'este contentamento, e torna-

Digitized by Google

se para o seu lugar; e sempre ha entre estas mulheres ciumes, mormente a mulher primeira; porque pela mór parte são mais velhas que as outras, e de menos gentileza, o qual ajuntamento é publico diante de todos. E quando o principal não é o maior da aldêa dos indios das outras casas, o que tem mais filhas é mais rico e mais estimado, e mais honrado de todos, porque são as filhas mui requestadas dos mancebos que as namoram; os quaes servem os pais das damas dous e tres annos primeiro que lh'as dêm por mulheres; e não as dão senão aos que melhor os servem, a quem os namoradores fazem a roça, e vão pescar e caçar para os sogros, que desejam de ter, e lhe trazem a lenha do mato; e como os sogros lhes entregam as damas, elles se vão agazalhar no lanço dos sogros com as mulheres, e apartam-se dos pais, mãis e irmãos, e mais parentella com quem d'antes estavam; e por nenhum caso se entrega a dama a seu marido em quanto lhe não vem seu costume; e como lhe vem é obrigada a moça a trazer atado pela cinta um fio de algodão, e em cada bucho dos braços outro, para que venha á noticia de todos. E como o marido lhe leva a flôr, é obrigada a noiva a quebrar estes fios, para que seja notorio que é feita dona; e ainda que uma moça d'estas seja deflorada por quem não seja seu marido, ainda que seja em segredo, ha de romper os fios da sua virgindade, que de outra maneira cuidará que a leva logo o diabo, os quaes desastres lhes acontecem muitas vezes; mas o pai não se enoja por isso; porque não falta quem lh'a peça por mulher com essa falta; e se algum principal da aldêa pede a outro indio a filha por mulher, o pai lh'a dá sendo menina; e aqui senão entende o preceito acima, porque elle a leva para o seu lanço, e a vai criando até que lhe venha seu costume, e antes d'isso por nenhum caso lhe toca.

CAPITULO CLIII.

Que trata dos afeites d'este gentio.

Costumam os mancebos Tupinambás se depenarem os cabellos de todo o corpo, e não deixar mais que os da cabeça, que trazem tosquiados de muitas feições, o que faziam, antes que tivessem tezouras, com umas cannas, que por natureza cortam muito; e alguns o trazem cortado por cima das orelhas, e muito bem aparado; os quaes cobrem os membros genitaes com alguma cousa por galantaria, e não

Digitized by Google

pelo cobrir ; e pintam-se de lavores pretos, que fazem com tinta de genipapo, e se tem damas, ellas tem cuidado de os pintar : tambem trazem na cabeça umas pennas amarellas, pegadas pelos pés com cêra, e arrecadas de osso nas orelhas, e grandes contas brancas, que fazem de buzios, lançadas ao pescoço ; aos quaes as mesmas damas rapam a testa com umas canninhas, e lhe arrancam os cabellos da barba, pestanas, sobrancelhas, e os mais cabellos de todo corpo, como já fica dito. E quando se estes mancebos querem fazer bizarros, arrepiam o cabello para cima com almecega, onde lhe pegam umas penninhas amarellas pegadas n'elle, e sobraçam outras contas brancas. E põem nas pernas, e nos braços umas manilhas de pennas amarellas, e sua diadema das mesmas pennas na cabeça. As moças tambem se pintam de tinta de genipapo, com muitos lavores, a seu modo, mui louçãos ; e põem grandes ramaes de contas de toda a sorte ao pescoço e nos braços ; e põem nas pernas por baixo do joelho umas tapacurás, que são do fio do algodão, tinto de vermelho, tecido de maneira que lh'as não podem tirar, o que tem tres dedos de largo ; o que lhe põem as mãis em quanto são cachopas, para que lhe engrossem as pernas pelas barrigas, em quanto crescem, as quaes as trazem nas pernas em quanto são namoradas, mas de maneira que as possam tirar, ainda que com trabalho; e em quanto são solteiras pintam-nas as mães, e depois de casada os maridos, se lhes querem bem ; as quaes moças são barbeadas, de todos os cabellos que os mancebos tiram, por outras mulheres. Estas indias tambem curam os cabellos para que sejam compridos, grossos e pretos, os quaes para terem isto os untam muitas vezes com oleo de cocos bravos.

CAPITULO CLIV.

Que trata da criação que os Tupinambás dão aos filhos, e o que fazem quando lhe nascem.

Quando estas indias entram em dores de parir, não buscam parteiras, não se guardam do ar, nem fazem outras ceremonias, parem pelos campos e em qualquer outra parte como uma alimaria ; e em acabando de parir, se vão ao rio ou fonte, onde se lavam, e as crianças que pariram ; e vêm-se para casa, onde o marido se deita logo na rede, onde está muito coberto, até que sécca o embigo da criança ; em

Digitized by Google

o qual lugar visitam seus parentes e amigos, e lhe trazem presentes de comer e beber, e a mulher lhe faz muitos mimos, em quanto o marido está assim parido, o qual está muito empanado para que lhe não dê o ar ; e dizem que se lhe der o ar que fará muito nojo á criança, e que se se erguerem e forem ao trabalho, que lhe morrerão os filhos, e elles que serão doentes da barriga ; e não ha quem lhes tire da cabeça que da parte da mãe não ha perigo, senão da sua; porque o filho lhe sahiu dos lombos, e que ellas não põem da sua parte mais que terem guardada a semente no ventre onde se cria a criança.

Como nascem os filhos aos Tupinambás, logo lhe põem o nome que lhe parece ; os quaes nomes que usam entre si são de alimarias, peixes, aves, arvores, mantimentos, peças de armas, e d'outras cousas diversas ; aos quaes furam logo o beiço debaixo, onde lhe põem, depois que são maiores, pedras por gentileza.

Não dão os Tupinambás a seus filhos nenhum castigo, nem os doutrinam, nem os reprehendem por cousa que façam ; aos machos ensinam-nos a atirar com arcos e flexas ao alvo, e depois aos passaros ; e trazem-nos sempre ás costas até a idade de sete e oito annos, e o mesmo ás femeas; e uns e outros mamam na mãe até que torna a parir outra vez ; pelo que mamam muitas vezes seis e sete annos ; ás femeas ensinam as mães a enfeitar-se, como fazem as Portuguezas, e a fiar algodão, e a fazer o mais serviço de suas casas conforme a seu costume.

CAPITULO CLV.

Em que se declara o com que se os Tupinambás fazem bizarros.

Para se os Tupinambás fazerem bizarros usam de muitas bestialidades mui estranhas, como é fazerem depois de homens tres e quatro buracos nos beiços debaixo, onde metem pedras, com grandes pontas para fóra ; e outros furam os beiços de cima, tambem como os debaixo, onde tambem metem pedras redondas, verdes e pardas, que ficam ingeridas nas faces, como espelhos de borracha ; em as quaes ha alguns que tem nas faces dous e tres buracos, em que metem pedras, com pontas para fóra ; e ha alguns que tem todos estes buracos, que, com as pedras n'elles, parecem os

Digitized by Google

demonios; os quaes soffrem estas dores por parecerem temerosos a seus contrarios.

Usam tambem entre si umas carapuças de pennas amarellas e vermelhas, que põem na cabeça, que lh'a cobre até ás orelhas; os quaes fazem colares para o pescoço de dentes dos contrarios, onde trazem logo juntos dous, tres mil dentes, e nos pés uns cascaveis de certas hervas da feição da castanha, cujo tenido se ouve muito longe. Ornam-se mais estes indios, para suas bizarrices, de uma roda de pennas de ema, que atam sobre as ancas, que lhe faz tamanho vulto que lhe cobre as costas todas de alto abaixo; e para se fazerem mais feios se tingem todos de genipapo, que parecem negros de Guiné, e tingem os pés de uma tinta vermelha muito fina, e as faces; e põem sobraçadas muitas contas de buzios, e outras pequenas de pennas nos braços; e quando se ataviam com todas estas peças, levam uma espada de páo marchetada com casca de ovos de passaros de côres diversas, e na empunhadura umas pennas grandes de passaros, e certas campainhas de pennas amarellas, a qual espada lançam, atada ao pescoço, por detraz; e levam na mão esquerda seu arco e flexas, com dentes de tubarão; e na direita um maracá, que é um cabaço cheio de pedrinhas, com seu cabo, com que vai tangendo e cantando; e fazem estas bizarrices para quando na sua aldêa ha grandes vinhos, ou em outra, onde vão folgar; pelas quaes andam cantando e tangendo sós, e depois misturados com outros; com os quaes atavios se fazem temidos e estimados.

CAPITULO CLVI.

Que trata da luxuria d'estes barbaros.

São os Tupinambás tão luxuriosos que não ha peccado de luxuria que não cometam; os quaes sendo de muito pouca idade tem conta com mulheres, e bem mulheres; porque as velhas, já desestimadas dos que são homens, grangeam estes meninos, fazendo-lhes mimos e regalos, e ensinam-lhes a fazer o que elles não sabem, e não os deixam de dia, nem de noite. E' este gentio tão luxurioso que poucas vezes tem respeito ás irmãs e tias, e porque este peccado é contra seus costumes, dormem com ellas pelos matos, e alguns com suas proprias filhas; e não se contentam com uma mulher, mas tem muitas, como já fica

Digitized by Google

dito, pelo que morrem muitos de esfalfados. E em conversação não sabem fallar senão n'estas sujidades, que cometem cada hora; os quaes são tão amigos da carne que se não contentam, para seguirem seus apetites, com o membro genital como a natureza o formou; mas ha muitos que lhe costumam pôr o pello de um bicho tão peçonhento, que lh'o faz logo inchar, com o que tem grandes dores, mais de seis mezes, que se lhe vão gastando por espaço de tempo; com o que se lhe faz o seu cano tão disforme de grosso que os não podem as mulheres esperar, nem sofrer; e não contentes estes selvagens de andarem tão encarniçados n'este peccado, naturalmente cometido, são mui afeiçoados ao peccado nefando, entre os quaes se não tem por afronta; e o que serve de macho, se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza; e nas suas aldêas pelo sertão ha alguns que tem tenda publica a quantos os querem como mulheres publicas.

Como os pais e as mãis vêem os filhos com meneos para conhecer mulher, elles lh'a buscam, e os ensinam como a saberão servir: as femeas muito meninas esperam o macho, mórmente as que vivem entre os Portuguezes. Os machos d'estes Tupinambás não são ciosos; e ainda que achem outrem com as mulheres, não matam a ninguem por isso, e quando muito espancam as mulheres pelo caso. E as que querem bem aos maridos, pelos contentarem, buscam-lhe moças com que elles se desenfadem, as quaes lhe levam á rede onde dormem, onde lhe pedem muito que se queira deitar com os maridos, e as peitam para isso; cousa que não faz nenhuma nação de gente, senão estes barbaros.

CAPITULO CLVII.

Que trata das ceremonias que usam os Tupinambás nos seus parentescos.

Costumam os Tupinambás que quando algum morre que é casado, é obrigado o irmão mais velho a casar com sua mulher, e quando não tem irmão, o parente mais chegado pela parte masculina; e o irmão da viuva é obrigado a casar com sua filha se a tem; e quando a mãi da moça não tem irmão, pertence-lhe por marido o parente mais chegado da parte de sua mãi; e se não quer casar com esta

Digitized by Google

sua sobrinha, não tolherá a ninguem dormir com ella, e depois lhe dá o marido que lhe vem á vontade.

O tio, irmão do pai da moça, não casa com a sobrinha, nem lhe toca quando fazem o que devem, mas tem-na em lugar de filha, e ella como a pai lhe obedece, depois da morte do pai, e pai lhe chama: e quando estas moças não tem tio, irmão de seu pai, tomam em seu lugar o parente mais chegado; e a todos os parentes da parte do pai em todo o gráo chamam pai, e elles a ella filha; mas ella obedece ao mais chegado parente, sempre; e da mesma maneira chamam os netos ao irmão e primo de seu avô, avô, e elles a elles netos, e aos filhos dos netos, e netas de seus irmãos e primos; e da parte da mãi tambem os irmãos e primos d'ellas chamam aos sobrinhos filhos, e elles aos tios pais; mas não lhe tem tamanho acatamento como aos tios da parte do pai; e preza-se este gentio de seus parentes, e o que mais parentes e parentas tem, é mais honrado e temido, e trabalha muito pelos chegar para si, e fazer corpo com elles em qualquer parte em que vivem; e quando qualquer indio aparentado tem agazalhado seus parentes em sua casa e lanço, quando ha de comer, deita-se na sua rede, onde lhe põem o que ha de comer em uma vasilha; e assentam-se em cocoras, suas mulheres e filhos, e todos seus parentes, grandes e pequenos; e todos comem juntos do que tem na vasilha, que está no meio de todos.

CAPITULO CLVIII.

Que trata do modo de comer e do beber dos Tupinambás.

Já fica dito como os principaes dos Tupinambás quando comem, estão deitados na rede, e como comem com elles os parentes, e os agazalha comsigo; entre os quaes comem tambem os seus criados e escravos, sem lhe terem nenhum respeito; antes quando o peixe ou carne não é que sobeje, o principal o reparte por quinhões iguaes, e muitas vezes fica elle sem nada, os quaes estão todos em cocoras, com a vasilha em que comem todos no chão no meio d'elles, e em quanto comem não bebem vinho, nem agua, o que fazem depois de comer. Quando os Tupinambás comem á noite, é no chão como está dito, e virados com as costas para o fogo, e ficam todos ás escuras; e não praticam em cousa alguma quando comem, senão depois de comer; e quando tem que, toda a noite não fazem outra cousa, até que os vence o

Digitized by Google

somno ; e por outra parte mantem-se este gentio com nada, e anda logo dous e tres dias sem comer, pelo que os que são escravos dão pouco trabalho a seus senhores pelo mantimento, antes elles mantem os senhores fazendo-lhes suas roças, e caçando, e pescando-lhes ordinariamente.

Este gentio não come carne de porco, dos que se criam em casa, senão são os escravos criados entre os brancos ; mas comem a carne dos porcos do mato e da agua : os quaes tambem não comem azeite, senão os ladinos : toda a caça, que este gentio come, não a esfola, e chamuscam-na toda ou pellam-na na agua quente, a qual comem assada ou cozida, e as tripas mal lavadas ; ao peixe não escamam, nem lhe tiram as tripas, e assim como vem do mar ou rios, assim o cozem ou assam : o sal de que usam, com que temperam o seu comer, e em que molham o peixe e carne, fazem-no da agua salgada que cozem tanto em uma vazilha sobre o fogo até que se coalha e endurece, com o que se remedeam ; mas é sobre o preto, e requeima.

Este gentio é muito amigo de vinho, assim machos como femeas, o qual fazem de todos os seus legumes, até da farinha que comem ; mas o seu vinho principal é de uma raiz a que chamam aipim, que se coze, e depois pizam-na e tornam-na a cozer, e como é bem cozida, buscam as mais formosas moças da aldêa para espremer estes aipins com as mãos, e algum mastigado com a boca, e depois espremido na vazilha, que é o que dizem que lhe põem a virtude, segundo a sua gentilidade ; a esta agua e sumo d'estas raizes lançam em grandes potes, que para isso tem, onde este vinho se coze, e está até que se faz azedo ; e como o está bem, o bebem com grandes cantares, e cantam e bailam toda uma noite ás vesperas do vinho, e ao outro dia pela manhã começam a beber, bailar e cantar ; e as moças solteiras da casa andam dando o vinho em uns meios cabaços, a que chamam cuias, aos que andam cantando, os quaes não comem nada emquanto bebem, o que fazem de maneira que vem a cahir de bebados por esse chão ; e o que faz mais desatinos n'essas bebedices, esse é mais estimado dos outros, em os quaes se fazem sempre brigas : porque aqui se lembram de seus ciumes, e castigam por isso as mulheres, ao que acodem os amigos, e jogam as ticoadas uns com os outros. São costumados a almoçar primeiro que se vão ás suas roças a trabalhar, onde não comem emquanto andam no trabalho, senão depois que se vem para casa.

Digitized by Google

CAPITULO CLIX.

Em que se declara o modo da grangearia dos Tupinambás e de suas habilidades.

Quando os Tupinambás vão ás suas roças, não trabalham senão das sete horas da manhã até ao meio dia, e os muito diligentes até horas de vespera; e não comem n'este tempo senão depois d'estas horas, que se vem para suas casas: os machos costumam a roçar os matos, e os queimam e alimpam a terra d'elles; e as femeas plantam o mantimento e o alimpam: os machos vão buscar a lenha com que se aquentam e se servem, porque não dormem sem fogo, ao longo das redes, que é a sua cama; as femeas vão buscar a agua á fonte e fazem de comer; e os machos costumam ir lavar as redes aos rios, quando estão sujas.

Não fazem os Tupinambás entre si outras obras primas que balaios de folha de palma, e outras vasilhas da mesma folha a seu modo, e do seu uso: fazem arcos e flexas, e alguns empalhados e lavrados de branco e preto, feitio de muito artificio: fazem cestos de varas, a que chamam samburá, e outras vasilhas em lavores, como as de rota da India: fazem carapuças e capas de pennas de passaros, e outras obras de penna do seu uso, e sabem dar tinta de vermelho e amarello ás pennas brancas; e tambem contrafazem as pennas dos papagaios com sangue de rãs, arrancando-lhe as verdes, e fazem-lhe nascer outras amarellas: fazem mais estes indios, os que são principaes, redes lavradas de lavores de esteiras, e de outros laços, e umas cordas tecidas, a que chamam muçuranas, de algodão, que tem o feitio dos cabos de cabresto que vem de Fez.

Quando este gentio quer tomar muito peixe nos rios d'agua doce e nos esteiros d'agua salgada, os atravessam com uma tapagem de varas, e batem o peixe de cima para baixo; onde lhe lançam muita somma de umas certas hervas pizadas, a que chamam timbó, com o que se embebeda o peixe de maneira que se vem acima d'agua como morto; onde tomam ás mãos muita somma d'elle.

As mulheres d'este gentio não cozem, nem lavam; sómente fiam algodão, de que não fazem têas, como poderam; porque não sabem tecer; fazem d'este fiado as redes em que dormem, que não são lavradas, e umas fitas com passamanes e algumas mais largas, com que ennastram os cabellos. As mulheres já de idade tem cuidado de fazerem a farinha de

Digitized by Google

que se mantém, e de trazerem a mandioca das roças ás costas para a casa; e as que são muito velhas tem cuidado de fazerem vasilhas de barro á mão; como são os potes em que fazem os vinhos, e fazem alguns tamanhos que levam tanto como uma pipa, em os quaes e em outros menores fervem os vinhos, que bebem: fazem mais estas velhas, panellas, pucaros e alguidares a seu uso, em que cozem a farinha, e outros em que a deitam e em que comem, lavrados de tintas de côres; a qual louça cozem em uma cova que fazem no chão, e põem-lhe a lenha por cima; e tem e crêm estas indias que se cozer esta louça outra pessoa, que não seja a que a fez, que ha de arrebatar no fogo; as quaes velhas ajudam tambem a fazer a farinha que se faz no seu lanço. As femeas d'estes gentios são muito afeiçoadas a criar cachorros para os maridos levarem á caça, e quando ellas vão fóra levam-nos ás costas; as quaes tambem folgam de criar gallinhas e outros passaros em suas casas. As quaes, quando com seu costume, alimpam-se com um bordão que tem sempre junto de si, que levam na mão quando vão fóra de casa; e não se pejam de se alimparem diante de gente, nem de as verem comer piolho, o que fazem quando se catam nas cabeças umas ás outras; e como os encontra a que os busca, os dá á que os trazia na cabeça, que logo os trinca entre os dentes, o que não fazem pelos comer, mas em vingança de as morderem.

CAPITULO CLX.

Que trata de algumas habilidades e costumes dos Tupinambás.

São os Tupinambás grandes flexeiros, assim para as aves como para a caça dos porcos, veados e outras alimarias; e ha muitos que matam no mar e nos rios da agua doce o peixe á flexa; e d'esta maneira matam mais peixe que outros á linha; os quaes não arreceam arremeter grandes cobras, que matam, e a lagartos que andam na agua, tamanhos como elles, que tomam vivos a braços.

Costumam mais estes indios, quando vem de caçar ou pescar, partirem sempre do que trazem com a principal da casa em que vivem, e o mais entregam a suas mulheres, ou a quem tem o cuidado de os agazalhar no seu lanço.

Tem estes indios mais que são homens enxutos, mui ligeiros para saltar e trepar, grandes corredores e estremados marinheiros, como os metem nos barcos e navios, onde

Digitized by Google

com todo o tempo ninguem toma as vellas como elles; e são grandes remadores, assim nas suas canôas, que fazem de um só páo, que remam em pé vinte e trinta indios, com o que as fazem voar: são tambem muito engenhosos para tomarem quanto lhes ensinam os brancos, como não fôr cousa de conta, nem de sentido: porque são para isso muito barbaros; mas para carpinteiros de machado, serradores, oleiros, carreiros e para todos os officios de engenhos de assucar, tem grande destinto, para saberem logo estes officios; e para criarem vaccas tem grande mão e cuidado. Tem estes Tupinambás uma condição muito bôa para frades franciscanos, porque o seu facto, e quanto tem, é commum a todos os da sua casa que querem usar d'elle; assim das ferramentas, que é o que mais estimam, como das suas roupas, se as tem, e do seu mantimento; os quaes, quando estão comendo, póde comer com elles quem quizer, ainda que seja contrario, sem lh'o impedirem nem fazerem por isso carranca.

Tambem as moças d'este gentio, que se criam e doutrinam com as mulheres portuguezas, tomam muito bem o cozer e lavrar, e fazem todas as obras de agulha que lhe ensinam, para o que tem muita habilidade, e para fazerem cousas doces, e fazem-se estremadas cozinheiras; mas são muito namoradas e amigas de terem amores com os homens brancos.

São os Tupinambás grandes nadadores e mergulhadores, e quando lhes releva, nadam tres e quatro leguas; e são taes que se de noite não tem com que pescar, se deitam na agua e como sentem o peixe comsigo, o tomam ás mãos de mergulho; e da mesma maneira tiram polvos e lagostins das concavidades do fundo do mar, ao longo da costa.

CAPITULO CLXI.

Que trata dos feiticeiros e dos que comem terra para se matarem.

Entre esse gentio Tupinambá ha grandes feiticeiros, que tem este nome entre elles, por lhe metterem em cabeça mil mentiras; os quaes feiticeiros vivem em casa apartada cada um por si, a qual é muito escura e tem a porta muito pequena, pela qual não ousa ninguem de entrar em sua casa, nem de lhe tocar em cousa d'ella; os quaes pela maior parte não sabem nada, e para se fazerem estimar e temer

Digitized by Google

tomam este officio, por entenderem com quanta facilidade se mette em cabeça a esta gente qualquer cousa; mas ha alguns que fallam com os diabos, que os espancam muitas vezes, os quaes os fazem muitas vezes ficar em falta com o que dizem; pelo que não são tão cridos dos indios como temidos. A estes feiticeiros chamam os Tupinambás pagés; os quaes se se escandalisam de algum indio por lhe não dar sua filha ou outra cousa que lhe pedem, lhe dizem,—Vai que has de morrer;—ao que chamam lançar a morte; e são tão barbaros que se vão deitar nas redes pasmados, sem quererem comer; e de pasmo se déixam morrer, sem haver quem lhe possa tirar da cabeça que podem escapar do mandado dos feiticeiros, aos quaes dão alguns indios suas filhas por mulheres, com medo d'elles, por se assegurarem suas vidas. Muitas vezes acontece apparecer o diabo a este gentio, em lugares escuros, e os espanca, de que morrem de pasmo; mas a outros não faz mal, e lhe dá novas de cousas não sabidas.

Tem este gentio outra barbaria muito grande, que se tomam qualquer desgosto, se anojam de maneira que determinam de morrer; e põem-se a comer terra, cada dia uma pouca, até que vem a definhar e inchar do rosto e olhos, e a morrer d'isso, sem lhe ninguem poder valer, nem desviar de se quererem matar; o que afirmam que lhe ensinou o diabo, e que lhes apparece, como se determinam a comer a terra.

CAPITULO CLXII.

Que trata das saudades dos Tupinambás, e como choram e cantam.

Costumam os Tupinambás que vindo qualquer d'elles de fóra, em entrando pela porta, se vai logo deitar na sua rede, ao qual se vai logo uma velha ou velhas, e põem-se em cocaras diante d'elle a choral-o em altas vozes; em o qual pranto lhe dizem as saudades, que d'elle tinham, com sua ausencia, os trabalhos que uns e outros passaram; a que os machos lhe respondem chorando em altas vozes, e sem pronunciarem nada, até que se enfadam, e mandam ás velhas que se calem, ao que estas obedecem; e se o chorado vem de longe, o vem chorar d'esta maneira todas as femeas mulheres d'aquella casa, e as parentas, que vivem nas outras, e como acabam de chorar, lhe dão as boas

Digitized by Google

vindas, e trazem-lhe de comer, em um alguidar, peixe, carne e farinha, tudo junto posto no chão, o que elle assim deitado come; e como acaba de comer lhe vem dar as boas vindas todos os da aldêa um e um, e lhe perguntam como lhe foi pelas partes por onde andou; e quando algum principal vem de fóra, ainda que seja da sua roça, o vem chorar todas as mulheres de sua casa, uma e uma, ou duas em duas, e lhe trazem presentes para comer, fazendo-lhe as ceremonias acima ditas.

Quando morre algum indio, a mulher, mãi e parentas, o choram com um tom mui lastimoso, o que fazem muitos dias; em o qual chôro dizem muitas lastimas, e magoam a quem as entende bem; mas os machos não choram, nem se costuma entre elles chorar por ninguem que lhes morra.

Os Tupinambás se prezam de grandes musicos, e, ao seu modo, cantam com soffrivel tom, os quaes têem boas vozes; mas todos cantam por um tom, e os musicos fazem motes de improviso, e suas voltas, que acabam no consoante do mote; um só diz a cantiga, e os outros respondem com o fim do mote, os quaes cantam e bailam juntamente em uma roda, em a qual um tange um tamboril, em que não dobra as pancadas; outros trazem um maracá na mão, que é um cabaço, com umas pedrinhas dentro, com seu cabo, por onde pegam; e nos seus bailos não fazem mais mudanças, nem mais continencias que bater no chão com um só pé ao som do tamboril; e assim andam todos juntos á roda, e entram pelas casas uns dos outros; onde tem prestes vinho, com que os convidar; e ás vezes andam um par de moças cantando entre elles, entre as quaes ha tambem mui grandes musicas, e por isso mui estimadas.

Entre este gentio são os musicos mui estimados, e por onde quer que vão, são bem agazalhados, e muitos atravessaram já o sertão por entre seus contrarios, sem lhe fazerem mal.

CAPITULO CLXIII.

Que trata como os Tupinambás agazalham os hospedes.

Quando entra algum hospede em casa dos Tupinambás, logo o dono do lanço da casa, onde elle chega, lhe dá a sua rede, e a mulher lhe põe de comer diante, sem lhe perguntarem quem é, nem d'onde vem, nem o que quer; e como o hospede come, lhe perguntam pela sua lingua: Vieste já?

Digitized by Google

e elle responde, sim: as quaes boas vindas lhe vem dar todos os que o querem fazer, e depois d'isso praticam muito de vagar. E quando algum hospede estrangeiro entra em alguma d'estas aldêas, vem pregando, e assim anda correndo toda a aldêa até que dá com a casa do principal, e sem fallar a ninguem deita-se em uma rede qualquer que acha mais á mão, onde lhe põem logo de comer, e como acaba de comer, lhe manda o principal armar uma rede junto da porta do seu lanço de uma banda, e elle arma a sua da outra banda, ficando a porta no meio para caminho de quem quizer entrar, e assim os da aldêa lhe vem dar as boas vindas, como acima está declarado; e n'este lugar se põem a praticar o principal com o hospede muito de vagar, de redor dos quaes se vem assentar os indios da aldêa, que querem ouvir novas, onde ninguem não responde, nem pergunta cousa alguma, até que o principal acabe de fallar, e como dá fim ás suas praticas, lhe diz que descance de seu vagar; e depois que se o principal despede do hospede, vem outros a fallar com elle, para saberem novas d'aquellas partes d'onde o hospede vem; e ao outro dia se ajunta este principal em outra casa, onde se ajuntam os anciãos da aldêa, e praticam sobre a vinda do indio estrangeiro, e sobre as cousas que contou d'onde vinha; e lançam suas contas, se vem de bom titulo ou não; e se é seu contrario, de maravilha escapa que o não matem, e lhe façam seu officio com muita festa e regozijo; ao qual hospede choram as velhas, tambem antes que coma, como atraz fica declarado.

CAPITULO CLXIV.

Que trata do uso que os Tupinambás tem em seus conselhos e das cerimonias que n'elles usam.

Quando o principal da aldêa quer praticar algum negocio de importancia, manda recado aos indios de mais conta, os quaes se ajuntam no meio do terreiro da aldêa, onde em estacas, que tem para isso mettidas no chão, armam suas redes de redor da do principal, onde tambem se chegam os que querem ouvir estas praticas, porque entre elles não ha segredo; os quaes se assentam todos em cocaras, e como tudo está quieto, propõe o principal sua pratica, a que todos estão muito attentos; e como acaba sua oração, respondem os mais antigos cada um por si; e quando um falla, callam-se

Digitized by Google

todos os outros, até que vem a concluir no que hão de fazer; sobre o que tem suas altercações muitas vezes. E alguns dos principaes, que estão n'este conselho, levam algumas cangoeiras de fumo, de que bebem; o que começa de fazer o principal primeiro; e para isso leva um moço, que lhe dá a cangoeira accesa, e como lhe toma a salva, manda a cangoeira a outro que a não tem, e assim se revezam todos os que a não tem, com ella; o que estes indios fazem por authoridade, como os da India comem o bétele, em semelhantes ajuntamentos; o que tambem fazem muitos homens brancos, e todos os mamalucos; porque tomam este fumo por mantença, e não pódem andar sem elle na boca, aos quaes dana o bafo e os dentes, e lhes faz mui ruins côres. Esta cangoeira de fumo é um canudo que se faz de uma folha de palma sêcca, e tem dentro tres e quatro folhas sêccas da herva santa, a que os indios chamam petume, a qual cangoeira atam pela banda mais apertada com um fio, onde estão as folhas do petume, e accendem esta cangoeira pela parte das folhas do petume, e como tem braza, a mettem na boca, e sorvem para dentro o fumo, que logo lhe entra pelas cachagens, mui grosso, e pelas goelas, e sahe-lhe pelas ventas fóra com muita furia; como não pódem soffrer este fumo, tiram a cangoeira fóra da boca.

CAPITULO CLXV.

Que trata de como se este gentio cura em suas enfermidades.

São os Tupinambás mui sujeitos á doença das boubas, que se pegam de uns aos outros, mórmente emquanto são meninos; porque se não guardam de nada: e tem para si que as hão de ter tarde ou cedo, e que o bom é terem-nas emquanto são meninos, os quaes não fazem outro remedio senão fazer-lh'as seccar, quando lhe sahem para fóra, o que fazem com as tingirem com ginipapo; e quando isto não basta, curam-lhe estas bustellas das boubas com a folha da caraoba, de cuja virtude temos já feito menção, e como se estas bustellas seccam, tem para si que estão sãos d'este máo humor, e na verdade não tem dôrès nas juntas como se ellas seccam. Em alguns tempos e lugares, mais que outros, são estes indios doentes de terçãs e quartãs, que lhe nasce de andar pela calma, sem nada na cabeça, e de quando estão mais suados se banharem com agua fria, metendo-se nos rios e nas fontes, muitas vezes ao dia pelo tempo da

Digitized by Google

calma; ou quando trabalham, que estão cansados e suados; ás quaes febres não fazem nenhuma cura senão comendo uns mingáos, que são uns caldos de farinha de carimã, como já fica dito, que são muito leves e sadios; e untam-se com agua do genipapo, com o que ficam todos tintos de preto, ao que tem grande devoção.

Curam estes indios algumas postemas e bexigas com sumo de hervas de virtude, que ha entre elles, com que fazem muitas curas mui notaveis, como já fica dito atraz; e quando se sentem carregados da cabeça, sarjam nas fontes, e aos meninos sarjam-nos nas pernas, quando tem febre, mas em sêcco; o que fazem as velhas com um dente de cotia muito agudo, que tem para isso.

Curam as grandes feridas e flexadas com umas hervas, que chamam cabureiba, que é milagrosa, e com outras hervas, de cujas virtudes fica dito atraz no seu titulo; com as quaes curam o cano, que se lhes enche muitas vezes de cancere; e as flexadas penetrantes e outras feridas, de que se vêm em perigo, curam por um estranho modo, fazendo em cima do fogo um leito de varas largas umas das outras, sobre as quaes deitam os feridos, com as feridas boca abaixo em cima d'este fogo, pelas quaes com a quentura se lhes sahe todo o sangue que tem dentro e a humidade; e ficam as feridas sem nenhuma humidade; as quaes depois curam com o oleo e o balsamo, ou hervas, de que já fizemos menção, com o que tem saude em poucos dias; e não ha entre este gentio medicos assignalados, mas são-no muito bons os recochilhados. D'estes indios andarem sempre nús, e das fregueirices que fazem dormindo no chão, são muitas vezes doentes de corrimentos a que elles chamam caiváras, de que lhes dóe as juntas; das quaes são os feiticeiros grandes medicos, chupando-lhe com a boca o lugar onde lhe dóe, onde ás vezes lhe mette os dentes, e tira da boca algum pedaço de ferro, páo ou outra cousa, que lhes mette na cabeça tirar d'aquelle lugar onde chupava, e que quando lhe doia lhe sahira fóra. onde lhe tinge com genipapo, com que dizem que se acha bem logo.

CAPITULO CLXVI.

Que trata do grande conhecimento que os Tupinambás tem da terra.

Tem os Tupinambás grande conhecimento da terra por onde andam, pondo o rosto no sol, por onde se governam;

Digitized by Google

com o que atinam grandes caminhos pelo deserto, por onde nunca andaram; como se verá pelo que aconteceu já na Bahia, d'onde mandaram dous indios d'estes Tupinambás degradados pela justiça, por seus delictos, para o Rio de Janeiro, onde foram levados por mar; os quaes se vieram de lá, cada um por sua vez, fugidos, afastando-se sempre do povoado, por não ser sentidos por seus contrarios; e vinham sempre caminhando pelos matos; e d'esta maneira atinaram com a Bahia, e chegaram á sua aldêa, d'onde eram naturaes, a salvamento, sendo caminho mais de trezentas leguas.

Costuma este gentio, quando anda pelo mato sem saber novas do lugar povoado, deitar-se no chão, e cheirar o ar, para ver se lhe cheira a fogo, o qual conhecem pelo faro a mais de meia legua, segundo a informação de quem com elles trata mui familiarmente; e como lhe cheirá a fogo, se sobem ás mais altas arvores que acham, em busca de fumo o que alcancam com a vista de mui longe, o qual vão seguindo, se lhes vem bem ir aonde elle está; e se lhe convem desviar-se d'elle, o fazem antes que sejam sentidos; e por os Tupinambás terem este conhecimento da terra e do fogo, se faz muita conta d'elles, quando se offerece irem os Portuguezes á guerra a qualquer parte, onde os Tupinambás vão sempre diante, correndo a terra por serem de recado, e mostrando á mais gente o caminho por onde hão de caminhar, e o lugar onde se hão de apozentar cada noite.

CAPITULO CLXVII.

Que trata de como os Tupinambás se apercebem para irem á guerra.

Como os Tupinambás são muito bellicosos, todos os seus fundamentos são como farão guerra aos seus contrarios; para o que se ajuntam no terreiro da sua aldêa as pessoas mais principaes, e fazem seus conselhos, como fica declarado; onde assentam a que parte hão de ir dar a dita guerra, e em que tempo; para o que se notifica a todos que se façam prestes de arcos e flexas e alguns pavezes, que fazem de um páo molle e muito leve, e as mulheres entendem em lhes fazerem a farinha que hão de levar, a que chamam de guerra; porque dura muito, para se fazer a dita guerra, d'onde tomou o nome; e como todos estão

Digitized by Google

prestes de suas armas e mantimentos, ás noites antes da partida anda o principal prégando ao redor das casas, e n'esta prégação lhe diz onde vão, e a obrigação que tem de ir tomar vingança de seus contrarios, pondo-lhes diante a obrigação que tem para o fazerem e para pelejarem valorosamente; promettendo-lhe victoria contra seus inimigos, sem nenhum perigo da sua parte, de que ficará d'elles memoria para os que apoz elles vierem cantar em seus louvores; e que pela manhã comecem de caminhar. E em amanhecendo, depois de almoçarem, toma cada um seu quinhão de farinha ás costas, e a rede em que ha de dormir, seu pavez e arco e flexas na mão, e outros levam além d'isto uma espada de páo a tiracollo. Os roncadores levam tamboril, outros levam buzinas, que vão tangendo pelo caminho, com que fazem grande estrondo, como chegam á vista dos contrarios. E os principaes d'este gentio levam comsigo as mulheres carregadas de mantimentos, e elles não levam mais que a sua rede e armas ás costas, e arco e flexas na mão. E antes que se abalem, faz o principal capitão da dianteira, que elles tem por grande honra, o qual vai mostrando o camínho e lugar onde hão de dormir cada noite. E a ordenança com que se põe a caminho, é um diante do outro, porque não sabem andar de outra maneira: e como sahem fóra dos seus limites, e entram pela terra dos contrarios, levam ordinariamente suas espias diante, que são sempre mancebos muito ligeiros, que sabem muito bem este officio; e com muito cuidado, os quaes não caminham cada dia mais de legua e meia até duas leguas, que é o que se póde andar até ás nove horas do dia, que é o tempo em que apozentam seu arraial, o que fazem perto d'agua, fazendo suas choupanas, a que chamam tajupares, as quaes fazem arruadas, deixando um caminho pelo meio d'ellas; e d'esta maneira vão fazendo suas jornadas, fazendo fogos nos tajupares.

CAPITULO CLXVIII.

Que trata de como os Tupinambás dão em seus contrarios.

Tanto que os Tupinambás chegam duas jornadas da aldêa de seus contrarios, não fazem fogo de dia, por não serem sentidos d'elles pelos fumos que se vêm de longe; e ordenam se de maneira que possam dar nos contrarios de madrugada, e em conjuncção de lua cheia para andarem

Digitized by Google

a derradeira jornada de noite pelo luar, e tomarem seus contrarios desapercebidos e descuidados; e em chegando á aldêa dão todos juntos tamanho urro, gritando, que fazem com isso e com suas buzinas e tamborís grande espanto; e d'esta maneira dão o seu salto nos contrarios: e do primeiro encontro não perdoam a grande nem a pequeno; para o que vão apercebidos de uns páos á feição de arrochos, com uma quina por uma ponta, com o que da primeira pancada que dão na cabeça ao contrario, lh'a fazem em pedaços. E ha alguns d'estes barbaros tão carniceiros que cortam aos vencidos, depois de mortos, suas naturas, assim aos machos como ás femeas, as quaes levam para darem a suas mulheres, que as guardam depois de mirradas no fogo, para nas suas festas as darem a comer aos maridos por reliquias, o que lhes dura muito tempo; e levam os contrarios, que não mataram na briga, cativos, para depois os matarem em terreiro com as festas costumadas.

No despojo d'esta guerra não tem o principal cousa certa, e cada um leva o que póde apanhar, e, quando os vencedores se recolhem, põem fogo ás casas da aldêa em que deram, que são cobertas de palmas até o chão. E recolhem-se logo andando todo o que lhe resta do dia, e toda a noite pelo luar com o passo mais apressado, trazendo suas espias detraz, por se arrecearem de se ajuntarem muitos do contrario, e virem tomar vingança do acontecido a seus visinhos, como cada dia lhes acontece. E sendo caso que os Tupinambás achem seus contrarios apercebidos com a sua cêrca feita, e elles se atrevem a os cercar, fazem-lhe por de redor outra contracerca de rama e espinhos muito liada com madeira que metem no chão, a que chamam caiçá, pela qual, emquanto verde não ha cousa que os rompa, e ficam com ella seguros das flexas dos contrarios, a qual caiçá fazem bem chegada á cerca dos contrarios, e de noite fallam mil roncarias, e jogam as pulhas de parte a parte, até que os Tupinambás abalroam a cerca ou levantam o cerco, se senão atrevem com elle, ou por lhes faltar o mantimento.

CAPITULO CLXIX.

Que trata de como os contrarios dos Tupinambás dão sobre elles quando se recolhem.

Acontece muitas vezes aos Tupinambás, quando se vem recolhendo para suas casas, dos assaltos que deram em seus

Digitized by Google

contrarios, ajuntar-se grande somma d'elles, e virem-lhe no alcance até lhe não poderem fugir; e ser-lhe necessario esperal-os, o que fazem ao longo d'agua, onde se fortificam fazendo sua cerca de caiçá; o que fazem com muita pressa para dormirem ali seguros de seus contrarios, mas com boa vigia; onde muitas vezes são cercados e apertados dos contrarios: mas os cercados vêem por detraz d'esta cerca a quem está de fóra, para empregarem todas as suas flexas á vontade, e os de fóra não vêem quem lhes atira; e se não vem apercebidos para os abalroarem, ou de mantimentos, para continuarem com o cèrco, se tornam a recolher, por não poderem abalroar aos Tupinambás como queriam.

E estes assaltos, que os Tupinambás vão dar nos Tupinaes e outros contrarios seus, lhes acontece tambem a elles por muitas vezes, do que ficam muito mal tratados, se não são avisados primeiro, e apercebidos; mas as mais das vezes elles são os que offendem a seus inimigos, e são mais prevenidos, quando se vêem n'estas affrontas de mandar pedir soccorro a seus vizinhos, e lh'o vem logo dar com muita presteza.

Quando os Tupinambás estão cercados de seus contrarios, as pessoas de mais authoridade d'entre elles lhes andam prégando de noite que se esforcem e pelejem como bons cavalleiros, e que não temam seus contrarios; porque muito depressa se verão vingados d'elles, porque lhes não tardará o soccorro muito; e as mesmas prégações costumam fazer quando elles tem cercado seus contrarios, e os querem abalroar; e antes que dêm o assalto, estando juntos todos á noite atraz, passeia o principal de redor dos seus, e lhes diz em altas vozes o que hão de fazer, e os avisa para que se apercebam e estejam álerta: e as mesmas pregações lhe faz, quando andam fazendo as cercas de caiçá, para que se animem, e façam aquella obra com muita pressa; e quando os Tupinambás pelejam no campo, andam saltando de uma banda para a outra, sem estarem nunca quedos, assobiando, dando com a mão no peito, guardando se das flexas que lhe lançam seus contrarios, e lançando-lhe as suas com muita furia.

CAPITULO CLXX.

Em que se declara que o Tupinambá que matou o contrario, toma logo nome, e as ceremonias que n'isso fazem.

Costuma-se entre os Tupinambás, que todo aquelle que

Digitized by Google

mata contrario, toma logo nome entre si, mas não o diz senão a seu tempo, que manda fazer grandes vinhos; e como estão para se poderem beber, tingem-se á vespera á tarde de genipapo, e começam á tarde a cantar, e toda a noite, e depois que tem cantado um grande pedaço, anda toda a gente da aldêa rogando ao matador, que diga o nome que tomou, ao que se faz de rogar, e tanto que o diz, se ordenam novas cantigas fundadas sobre a morte d'aquelle que morreu, e em louvores do que matou, o qual, como se acabam aquellas festas e vinhos, se recolhe para a sua rede, como anojado por certos dias, e não come n'elles certas cousas, que tem por agouro se as comer dentro d'aquelle tempo.

Todo o Tupinambá que matou na guerra ou em outra qualquer parte algum contrario, tanto que vem para sua casa, e é notorio aos moradores d'ella da tal morte do contrario, costumam, em o matador entrando em casa, arremeçarem-se todos ao seu lanço, e tomarem-lhe as armas e todas as suas alfaias de seu uso, ao que elle não ha de resistir por nenhum caso, e ha de deixar levar tudo sem fallar palavra: e como o matador faz estas festas deixa crescer o cabello por dó alguns dias, e como é grande, ordena outros vinhos para tirar o dó; ao que faz suas vesperas cantadas, e ao dia que se hão de beber os vinhos se tosquia o matador, e tira o dó, tornando-se a encher e tingir de genipapo, o qual tambem se risca em algumas partes do corpo com o dente de cotia, em lavores; e dão por estas sarjaduras uma tinta com que ficam vivas, e em quanto o riscado vive, o tem por grande bizarria; e ha alguns indios que tomaram tantos nomes, e se riscaram tantas vezes que não tem parte onde não esteja o corpo riscado.

Costumam tambem as irmãs dos matadores fazerem as mesmas ceremonias que fizeram seus irmãos, tosquiando-se, e tingindo-se do genipapo, e dando alguns riscos em si; e fazem o mesmo pelos primos, a que tambem chamam irmãos, e fazem tambem suas festas com seus vinhos como elles; e para se não sentir a dôr do riscar, se lavam primeiro muito espaço com agua muito quente, com que lhe enteza a carne e não sentem as sarjaduras; mas muitos ficam d'ellas tão mal tratados que se põem em perigo de morte.

Digitized by Google

CAPITULO CLXXI.

Que trata do tratamento que os Tupinambás fazem aos que cativam, e a mulher que lhe dão.

Os contrarios que os Tupinambás cativam na guerra, ou de outra qualquer maneira, metem-nos em prisões, as quaes são cordas de algodão grossas, que para isso tem mui louçãs, a que chamam muçuranas, as quaes são tecidas como os cabos dos cabrestos de Africa; e com ellas os atam pela cinta e pelo pescoço, onde lhe dão muito bem de comer, e lhe fazem bom tratamento, até que engordam, e estão estes cativos para se poderem comer, que é o fim para que os engordam; e como os Tupinambás tem estes contrarios quietos e bem seguros nas prisões, dão a cada um por mulher a mais formosa moça, que ha na sua casa, com quem se elle agazalha, todas as vezes que quer, a qual moça tem cuidado de o servir, e de lhe dar o necessario para comer e beber, com o que cevam cada hora, e lhe fazem muitos regalos. E se esta moça emprenha do que está prezo, como acontece muitas vezes, como pare, cria a criança até idade que se póde comer, que a offerece para isso ao parente mais chegado, que lh'o agradece muito, o qual lhe quebra a cabeça em terreiro com as ceremonias que se adiante seguem, onde toma o nome; e como a criança é morta, a comem assada com grande festa, e a mãi é a primeira que come d'esta carne, o que tem por grande honra, pelo que de maravilha escapa nenhuma criança que nasça d'estes ajuntamentos, que não matem; e a mãi que não come seu proprio filho, a que estes indios chamam cunhambira, que quer dizer filho do contrario, tem-n'a em ruim conta, e em peior, se o nãc entregam seus irmãos, ou parentes com muito contentamento. Mas tambem ha algumas, que tomaram tamanho amor aos cativos que as tomaram por mulheres, que lhe deram muito geito para se acolherem e fugirem das prisões, que elles cortam com alguma ferramenta, que ellas ás escondidas lhes deram, e lhe foram pôr no mato, antes de fugir, mantimentos para o caminho; e estas taes criaram seus filhos com muito amor, e não os entregaram a seus parentes para os matarem, antes os guardaram e defenderam d'elles até serem moços grandes, que como chegam a essa idade logo escapam da furia dos seus contrarios. Muitas vezes deixam os Tupinambás de matar alguns contrarios que cativaram por serem moços, e se quererem servir d'elles,

Digitized by Google

aos quaes criam e fazem tão bom tratamento que andam de maneira que podem fugir, o que elles não fazem por estarem á sua vontade; mas depois que este gentio teve commercio com os Portuguezes, folgam de terem escravos para lh'os venderem; e ás vezes depois de os criarem, os matam por fazerem uma festa d'estas.

CAPITULO CLXXII.

Que trata da festa e apparato que os Tupinambás fazem para matarem em terreiro seus contrarios.

Como os Tupinambás vêem que os contrarios, que tem cativos, estão já bons para matar, ordenam de fazer grandes festas a cada um, para as quaes ha grandes ajuntamentos de parentes e amigos, que para isso são chamados de trinta e quarenta leguas, para a vinda dos quaes fazem grandes vinhos, que bebem com grandes festas; mas fazem-nas muito maiores para o dia do sacrificio do que ha de padecer, com grandes cantares, e a vespera em todo dia cantam e bailam, e ao dia se bebem muitos vinhos pela manhã, com motes que dizem sobre a cabeça do que ha de padecer, que tambem bebe com elles. E os que cantam fundam n'esta festa suas cantigas vituperando o que ha de padecer e exalçando o matador, dizendo suas proezas e louvores; e antes que bebam os vinhos, untam o cativo todo com mel de abelhas, e por cima d'este mel o empenam todo com pennas de côres, e pintam-no a lugares de genipapo, e os pés com uma tinta vermelha, e metem-lhe uma espada de páo nas mãos para que se defenda de quem o quer matar com ella, como puder; e como estes cativos vêem chegada a hora em que hão de padecer, começam a prégar e dizer grandes louvores de sua pessoa, dizendo que já está vingado de quem o ha de matar, contando grandes façanhas suas e mortes que deu aos parentes do matador, ao qual ameaça e a toda a gente da aldêa, dizendo que seus parentes o vingarão. E começam a levar este prezo a um terreiro fóra da aldêa, que para esta execução está preparado, e metem-no entre dous mourões, que estão metidos no chão, afastados um do outro vinte palmos, pouco mais ou menos, os quaes estão furados, e por cada furo metem as pontas das cordas com que o contrario vem preso, onde fica preso como touro de cordas, onde lhe as velhas dizem que se farte de ver o sol, pois tem o fim tão chegado;

Digitized by Google

ao que o cativo responde com grande coragem, que pois elle tem a vingança da sua morte tão certa, que acceita o morrer com muito esforço. E antes de lhe chegar a execução, contemos como se prepara o matador.

CAPITULO CLXXIII.

Que trata de como se enfeita e apparata o matador.

Costumam os Tupinambás, primeiro que o matador saia ao terreiro, enfeital-o muito bem, pintal-o com lavores de genipapo todo o corpo, e põem-lhe na cabeça uma carapuça de pennas amarellas e uma diadema, manilhas nos braços e pernas, das mesmas pennas, grandes ramaes de contas brancas sobraçadas, e seu rabo de pennas de ema nas ancas e uma espada de páo de ambas as mãos muito pezada, marchetada com continhas brancas de buzios, e pintada com cascas de ovos de côres, assentado tudo, em lavores ao seu modo, sobre cera, o que fica mui igualado e bem feito; e no cabo d'esta espada tem grandes penachos de pennas de passaros feitas em molho e dependuradas da empunhadura, a que elles chamam embagadura; e como o matador está prestes para receber esta honra, que entre o gentio é a maior que póde ser, ajuntam-se seus parentes e amigos e vão-no buscar á sua casa; d'onde o vem acompanhando com grandes cantares e tangeres dos seus buzios, gaitas e tambores, chamando-lhe bemaventurado; pois chegou a ganhar tamanha honra, como é vingar a morte de seus antepassados e de seus irmãos e parentes; e com este estrondo entra no terreiro da execução, onde está o que ha de padecer, que o está esperando com grande coragem com uma espada de páo na mão, diante de quem chega o matador, e lhe diz que se defenda, porque vem para o matar, a quem responde o preso com mil roncarias; mas o solto remette a elle com a sua espada de ambas as mãos, da qual se se quer desviar o preso para alguma banda, mas os que tem cuidado das cordas pucham por ella de feição que o fazem esperar a pancada; e acontece muitas vezes que o preso primeiro que morra, chega com a sua espada ao matador que o trata muito mal, sem embargo de lhe não deixarem as cordas chegar a elle; por mais que o pobre trabalha, não lhe aproveita; porque tudo é dilatar a vida mais dous credos, onde a rende nas mãos do seu inimigo, que lhe faz a cabeça em pedaços com sua espada; e

Digitized by Google

como se acaba esta execução, tiram-no das cordas, e levam-no onde se costuma repartir esta carne; e acabado o matador de executar sua ira no cativo, toma logo entre si algum nome, o qual declara depois com as ceremonias que ficam ditas atraz; e vai-se do terreiro recolher para o seu lanço, onde tira as armas e petrechos com que se enfeitou; e a mesma honra ficam recebendo aquelles que primeiro pegaram dos cativos na guerra, do que tomam tambem novo nome, com as mesmas festas e ceremonias que já ficam ditas; o que se não faz com menos alvoroço que aos proprios matadores.

CAPITULO CLXXIV.

Em que se declara o que os Tupinambás fazem do contrario que mataram.

Acabado de morrer este preso, o espedaçam logo os velhos da aldêa, e tiram-lhe as tripas e freçura, que, mal lavadas, cozem e assam para comer; e reparte-se a carne por todas as casas da aldêa e pelos hospedes que vieram de fóra para ver estas festas e matanças, a qual carne se coze logo para se comer nos mesmos dias de festas, e outra assam muito afastada do fogo de maneira que fica muito mirrada, a que este gentio chama moquem, a qual se não come por mantimento senão por vingança; e os homens mancebos e mulheres moças provam-na sómente, e os velhos e velhas são os que se metem n'esta carniça muito, e guardam alguma da assada do moquem por reliquias, para com ella de novo tornarem a fazer festas, se senão offerecer tão cedo matarem outro contrario. E os hospedes que vieram de fóra a ver esta festa levam o seu quinhão de carne, que lhe deram do morto, assada do moquem para as suas aldêas, onde como chegam fazem grandes vinhos para com grandes festas, segundo sua gentilidade, os beberem sobre esta carne humana que levam, a qual repartem por todos da aldêa, para a provarem e se alegrarem em vingança de seu contrario que padeceu, como fica dito.

Acontece muitas vezes cativar um Tupinambá á um contrario na guerra, onde o não quiz matar para o trazer cativo para a sua aldêa, onde o faz engordar com as ceremonias já declaradas para o deixar matar a seu filho quando é moço e não tem idade para ir á guerra, o qual mata em terreiro, como fica dito, com as mesmas ceremo-

Digitized by Google

nias; mas atam as mãos ao que ha de padecer, para com isso o filho tomar nome novo e ficar armado cavalleiro, e mui estimado de todos. E se este moço matador, ou outro algum, se não quer riscar quando toma novo nome, contentam-se com se tingir de genipapo, e deixar crescer o cabello e tosquial-o, com as ceremonias atraz declaradas; e os que se riscam, quando tomam nome novo, a cada nome que tomam fazem sua feição de lavor, que para elles é grande bizarria, para que se veja quantos nomes tem.

CAPITULO CLXXV.

Que trata das ceremonias que os Tupinambás fazem quando morre algum, e como os enterram.

E' costume entre os Tupinambás que, quando morre qualquer d'elles, o leva a enterrar embrulhado na sua rede em que dormia, e o parente mais chegado lhe ha de fazer a cova; e quando o levam a enterrar vão-no acompanhando mulher, filhas e parentes, se as tem, as quaes vão pranteando até a cova, com os cabellos soltos sobre o rosto, e estão-no pranteando até que fica bem coberto de terra; d'onde se tornam para sua casa, onde a viuva chora o marido por muitos dias; e se morrem as mulheres d'estes Tupinambás, é costume que os maridos lhe façam a cova, e ajudem a levar ás costas a defunta, e se não tem já marido, o irmão ou parente mais chegado lhe faz a cova.

E quando morre algum principal da aldêa em que vive, e depois de morto alguns dias, antes de o enterrarem fazem as ceremonias seguintes. Primeiramente o untam com mel todo, e por cima do mel o empennam com pennas de passaros de côres, e põe-lhe uma carapuça de pennas na cabeça, e todos os mais enfeites que elles costumam trazer nas suas festas; e tem-lhe feito na mesma casa e lanço onde elle vivia, uma cova muito funda e grande, com sua estacada por de redor, para que tenha a terra que não caia sobre o defunto, e armam-lhe sua rede em baixo de maneira que não toque o morto no chão; em a qual rede o mettem assim enfeitado, e põem-lhe junto da rede seu arco e flexas, e a sua espada, e o maracá com que costumava tanger, e fazem-lhe fogo ao longo da rede para se aquentar, e põem-lhe de comer em um alguidar, e agua em um cabaço, como gallinha; e como esta matalotagem está feita, e lhe põem tambem sua cangoeira de fumo na mão, lançam-lhe muita

Digitized by Google

somma de madeira igual no andar da rede de maneira que não toque no corpo, e sobre esta madeira muita somma de terra, com rama debaixo primeiro, para que não caia terra sobre o defunto; sobre a qual sepultura vive a mulher, como d'antes. E quando morre algum moço, filho de algum principal, que não tem muita idade, mettem-no em cocoras, atados os joelhos com a barriga, em um pote em que elle caiba, e enterram o pote na mesma casa debaixo do chão, onde o filho e o pai, se é morto, são chorados muitos dias.

CAPITULO CLXXVI.

Que trata do successor ao principal que morreu, e das ceremonias que faz sua mulher, e as que se fazem por morte d'ella tambem.

Costumam os Tupinambás, quando morre o principal da aldêa, elegerem entre si quem succeda em seu lugar, e se o defunto tem filho que lhe possa succeder, a elle aceitam por sua cabeça; e quando não é para isso, ou o não tem, aceitam um seu irmão em seu lugar; e não os tendo que tenham partes para isso, elegem um parente seu, se é capaz de tal cargo, e tem as partes atraz declaradas.

E' costume entre as mulheres dos principaes Tupinambás, ou de outro qualquer indio, a mulher cortar os cabellos por dó, e tingir-se toda de genipapo. As quaes choram seus maridos muitos dias, e são visitadas de suas parentas e amigas; e todas as vezes que o fazem, tornam com a viuva a prantear de novo o defunto, as quaes deixam crescer o cabello, até que lhe dá pelos olhos, e se não casa com outro, logo faz sua festa com vinhos, e torna-se a tosquiar para tirar o dó, e tinge-se de novo do genipapo.

Costumam os indios, quando lhe morrem as mulheres, deixarem crescer o cabello, no que não tem tempo certo, e tingem-se do genipapo por dó; e quando se querem tosquiar, se tornam a tingir de preto á vespera da festa dos vinhos, que fazem a seu modo, cantando toda a noite, para a qual se ajunta muita gente para estes cantares, e o viuvo tosquia-se á vespera a tarde, e ao outro dia ha grandes revoltas de cantar e bailar, e beber muito; e o que n'este dia mais bebeu fez mór valentia, ainda que vomite e perca o juizo. N'estas festas se cantam as proezas do defunto ou defunta, e do que tira o dó, e o mesmo dó tomam os irmãos,

Digitized by Google

filhos, pai e mãi do defunto, e cada um por si faz sua festa, quando tira o dó apartado, ainda que o tragam por uma mesma pessoa: mas este sentimento houveram de ter os vivos dos mortos, quando estavam doentes; mas são tão desamoraveis os Tupinambás, que quando algum está doente, e a doença é comprida, logo aborrece a todos os seus, e curam d'elle muito pouco; e como o doente chega a estar mal, é logo julgado por morto; e não trabalham os seus mais chegados por lhe dar a vida, antes o desamparam, dizendo que pois ha de morrer, e não tem remedio, que para que é dar-lhe de comer, nem curar d'elle; e tanto é isto assim que morrem muitos ao desamparo, e levam a enterrar outros ainda vivos, porque como chega a perder a falla dão-no logo por morto; e entre os Portuguezes aconteceu muitas vezes fazerem trazer de junto da cova escravos seus para casa, por as mulheres o julgarem por mortos, muitos dos quaes tiveram saude e viveram depois muitos annos.

CAPITULO CLXXVII.

Que trata de como entre os Tupinambás ha muitos mamelucos que descendem dos Francezes, e de um indio que se achou muito alvo.

Ainda que pareça fóra de proposito o que se contém n'este capitulo, pareceu decente escrever aqui o que n'elle se contém, para se melhor entender a natureza e condição dos Tupinambás, com os quaes os Francezes, alguns annos antes que se povoasse a Bahia, tinham commercio; e quando se iam para França com suas náos carregadas de páo de tinta, algodão, e pimenta, deixavam entre os gentios alguns mancebos para aprenderem a lingua e poderem servir na terra, quando tornassem de França, para lhes fazer seu resgate; os quaes se amancebaram na terra, onde morreram, sem se quererem tornar para a França, e viveram como gentios com muitas mulheres, dos quaes, e dos que vinham todos os annos á Bahia e ao rio de Segeripe em náos de França, se inçou a terra de mamelucos, que nasceram, viveram, e morreram como gentios; dos quaes ha hoje muitos seus descendentes, que são louros, alvos e sardos, e havidos por indios Tupinambás, e são mais barbaros que elles. E não é de espantar serem estes descendentes dos Francezes alvos e louros, pois que sahem a seus avós;

Digitized by Google

mas é de maravilhar trazerem do sertão, entre outros Tupinambás, um menino de idade de dez annos para doze, no anno de 1586, que era tão alvo, que de o ser muito não podia olhar para a claridade ; e tinha os cabellos da cabeça, pestanas e sobrancelhas tão alvas como algodão, com o qual vinha seu pai, com quem era tão natural, que toda a pessoa que o via, o julgava por esse sem o conhecer ; e não era muito preto, e a mãi que vinha na companhia, era muito preta; e pelas informações que se então tomaram dos outros Tupinambás da companhia, achou-se que o pai d'este indio branco não descendia dos Francezes, nem elles foram áquellas partes, d'onde esta gente vinha, nunca ; e ainda que este menino era assim branco, era muito feio.

N'esta povoação onde este indio branco veio ter, que é de Gabriel Soares, aconteceu um caso estranho a uma india Tupinambá, que havia pouco que viera do sertão, a qual ia para uma roça a buscar mandioca, levando um filho de um anno ás costas, que ia chorando, do qual se enfadou a mãi de maneira que lhe fez uma cova com um páo no chão, e o enterrou vivo : e foi-se a india com as outras á roça, que seria d'alli distancia de um bom tiro de bombarda ; e arrancou a mandioca, que ia buscar ; e tornou-se com ella para casa, que seria d'onde a criança ficava enterrada, outro tiro de bombarda ; sobre o que as outras indias, que viram esta crueldade de mãi, estando fazendo a farinha, se puzeram a praticar, maravilhando-se do caso acontecido, o que ouviram outras indias da mesma casa ladinas, e foram-no contar á sua senhora, que logo se informou do caso como acontecêra, e sabendo a verdade d'elle mandou a toda pressa desenterrar a criança, que ainda acharam viva, e por ser pagã a fez baptisar logo, a qual viveu depois seis mezes.

D'aqui por diante se vai continuando com a vida e costumes dos Tupinaês e outras castas de gentio da Bahia que vive pela terra dentro de seu sertão, dos quaes diremos o que podemos alcançar d'elles ; e começando logo nos Tupinaês.

CAPITULO CLXXVIII.

Que trata de quem são os Tupinaês.

Tupinaês é uma gente do Brazil semelhante no parecer, vida e costumes dos Tupinambás, e na linguagem não tem

Digitized by Google

mais differença uns dos outros, do que tem os moradores de Lisboa dos de entre Douro e Minho; mas a dos Tupinambás é a mais pulida; e pelo nome tão semelhante d'estas duas castas de gentio se parece bem claro que antigamente foi esta gente toda uma, como dizem os indios antigos d'esta nação; mas tem-se por tão contrarios uns dos outros que se comem aos bocados, e não cançam de se matarem em guerras, que continuamente tem, e não tão sómente são inimigos os Tupinaês dos Tupinambás, mas são-no de todas as outras nações do gentio do Brazil, e entre todas ellas lhe chamam Taburas, que quer dizer contrarios. Os quaes Tupinaês nos tempos antigos viveram ao longo do mar, como fica dito no titulo dos Tupinambás, que os lançaram d'elle para o sertão, onde agora vivem, e terão occupado uma corda de terra de mais de duzentas leguas; mas ficam entresachados com elles, em algumas partes, alguns Tapuias, com quem tem tambem continua guerra.

São os Tupinaês mais atraiçoados que os Tupinambás, e mais amigos de comer carne humana, em tanto, que se lhes não acha nunca escravo dos contrarios que cativam; porque todos matam e comem, sem perdoarem a ninguem. E quando as femeas emprenham dos contrarios, em parindo lhe comem logo a criança, a que tambem chamam cunhãembira; e a mesma mãi ajuda logo a comer o filho que pariu.

CAPITULO CLXXIX.

Que trata de alguns costumes e trajes dos Tupinaês.

Costumam entre os Tupinaês trazerem os homens os cabellos da cabeça compridos até lhe cobrirem as orelhas, muito aparados sobre ellas, e desaffogado por diante; e outros o trazem copado sobre as orelhas, como crenchas; e alguns tosquiam a dianteira até as orelhas sobre pentem, e por detraz o cabello comprido; e a seu modo, de uma maneira e outra fica muito affeiçoado.

São os Tupinaês mais fracos de animo que os Tupinambás, de menos trabalho, de menos fé e verdade; são musicos de natureza, e grandes cantores de chacotas, quasi pelo modo dos Tupinambás; bailam, caçam e pescam, como elles, e pelejam em saltos, como elles; mas não são pescadores no mar, como se acham n'elle, pelo não haverem em costume,

Digitized by Google

por ser gente do sertão, e esmorecerem; e não pescam senão nos rios d'agua doce.

Estes Tupinaês andaram antigamente correndo toda a costa do Brazil, d'onde foram sempre lançados do outro gentio, com quem ficavam visinhando, por suas ruins condições; do que ficaram mui odiados de todas as outras nações do gentio.

Traz este gentio os beiços furados, e pedras n'elles e no rosto, como os Tupinambás; e ainda, se fazem mais furos n'elle, e se fazem mais bizarros; e quando se enfeitam o fazem na fórma dos Tupinambás, e trazem ao pescoço colares de dentes dos contrarios como elles, e na guerra usam dos mesmos tambores, trombetas, buzinas que costumam trazer os Tupinambás; os quaes são muito mais sujeitos ao peccado nefando, do que são os Tupinambás, e os que servem de machos se prezam muito d'isso, e o tratam, quando se dizem seus louvores.

Quando este gentio anda algum caminho, ou se acha em parte onde lhe falta fogo, esfregando um páo rijo que para isso trazem, com flexas fendidas, fazem acender esfregando muito com as mãos até que levanta labareda, o qual fogo pega nas flexas, e d'esta maneira se remedeam; do que tambem se aproveitam os Tupinambás, quando tem necessidade de fogo.

Estes Tupinaês são os fronteiros dos Tupinambás, com os quaes foram sempre apertando até que os fizeram ir visinhar com os Tapuias, com quem tem sempre guerra sem entenderem em outra cousa, da qual sahem como lhe ordena a fortuna. D'este gentio Tupinaês ha já muito pouco, em comparação do muito que houve, o qual se consumiu com fomes e guerras que tiveram com seus visinhos, de uma parte e da outra. Costumam estes indios nos seus cantares tangerem com um canudo de uma canna de seis a sete palmos de comprido, e tão grosso que cabe um braço, por grosso que seja, por dentro d'elle; o qual canudo é aberto pela banda de cima, e quando o tangem vão tocando com o fundo do canudo no chão, e tôa tanto como os seus tambores, da maneira que os elles tangem.

CAPITULO CLXXX.

Em que se declara quem são os Amoipiras e onde vivem.

Convém arrumarmos aqui os Amoipiras, porque descen-

Digitized by Google

dem dos Tupinambás, e por estarem na fronteira dos Tupinaês, além do rio de S. Francisco: e passamos pelos Tapuias, que ficam em meio para uma das bandas, por estarem espalhados por toda a terra, de quem temos muito que dizer ao diante, no cabo d'esta historia da vida e costumes do gentio.

Quando os Tupinaês viviam ao longo do mar, residiam os Tupinambás no sertão, onde certas aldêas d'elles foram fazendo guerra aos Tapuias que tinham por visinhos, a quem foram perseguindo por espaço de annos tão rijamente que entraram tanto pela terra dentro, que foram visinhar com o rio de S. Francisco. E n'este tempo outros Tupinambás fizeram despejar aos Tupinaês de junto do mar da Bahia, como já fica dito, os quaes os metteram tanto pela terra dentro, afastando-se dos Tupinambás, que tomaram os caminhos áquelles que iam seguindo os Tapuias, pelo que não puderam tornar para o mar por terem diante os Tupinaês, que, como se sentiram desapressados dos Tupinambás, que os lançaram fóra da ribeira do mar, e souberam d'est'outros Tupinambás que seguiram os Tapuias, deram-lhe nas costas e apertaram com elles rijamente, o que tambem fizeram da sua parte os Tapuias fazendo-lhe crua guerra, ao que os Tupinambás não podiam resistir; e vendo-se tão apertados de seus contrarios, assentaram de se passarem da outra banda do rio de S. Francisco, onde se contentaram da terra, e assentaram ali sua vivenda, chamando-se Amoipiras, por o seu principal se chamar Amoipira: onde esta gente multiplicou de maneira que tem senhoreado ao longo d'este rio de S. Francisco, a que o gentio chama o Pará, mais de cem leguas, onde agora vivem: e ficam-lhe em frontaria d'est'outra parte do rio, de um lado os Tapuias, e do outro os Tupinaês, que se fazem cruel guerra uns aos outros, passando com embarcações ao seu modo á outra banda, dando grandes assaltos nos contrarios, os Amoipiras aos Tapuias, que atravessam o rio em almadias, que fazem da casta de arvores grandes, cujo feitio fica atraz declarado.

CAPITULO CLXXXI.

Que trata da vida e costumes dos Amoipiras.

Tem os Amoipiras a mesma linguagem dos Tupinambás; e a differença que tem é em alguns nomes proprios,

Digitized by Google

que no mais entendem-se muito bem; e tem os mesmos costumes e gentilidade; mas são mais atraiçoados e de nenhuma fé, nem verdade.

Na terra onde este gentio vive estão mui faltos de ferramentas, por não terem commercio com os Portuguezes; e apertados da necessidade cortam as arvores com umas ferramentas de pedra, que para isso fazem; com o que ainda que com muito trabalho roçam o mato para fazerem suas roças; do que também se aproveitava antigamente todo o outro gentio, antes que communicasse com gente branca.

E para plantarem na terra a sua mandioca e legumes, cavam n'ella com uns páos tostados agudos, que lhes servem de enxadas. Os quaes Amoipiras trazem o cabello da cabeça copado e aparado ao longo das orelhas, e as mulheres trazem os cabellos compridos como as Tupinambás. Pesca este gentio com uns espinhos tortos que lhe servem de anzóes, com que matam muito peixe, e á flexa, para o que são mui certeiros, e para matarem muita caça.

Trazem os Amoipiras os beiços furados e pedras n'elles como os Tupinambás; pintam-se de genipapo, e enfeitam-se como elles; e usam na guerra tambores que fazem de um só páo que cavam por dentro com fogo tanto até que ficam mui delgados, os quaes toam muito bem; na mesma guerra usam de trombetas que fazem de uns buzios grandes furados, ou da canna da perna das alimarias que matam, a qual lavram e engastam em um páo. Em tudo o mais seguem os costumes dos Tupinambás, assim na guerra como na paz, dos quaes fica dito largamente no seu titulo. Estes Amoipiras tem por visinhos no sertão detraz de si outro gentio, a que chamam Ubirajaras, com quem tem guerra ordinariamente, e se matam e comem uns aos outros com muita crueldade, sem perdoarem as vidas, quando se cativam.

CAPITULO CLXXXII.

Que trata brevemente da vivenda dos Ubirajaras e seus costumes

Pelo sertão da Bahia além do rio de S. Francisco, partindo com os Amoipiras da outra banda do sertão, vive uma certa nação de gente barbara, a que chamam Ubirajaras, que quer dizer senhores dos páos, os quaes se não entendem na linguagem com outra nenhuma nação do gentio: tem con-

Digitized by Google

tinua guerra com os Amoipiras, e captivam-se, matam-se, e comem-se uns aos outros sem nenhuma piedade.

Estes Ubirajaras não viram nunca gente branca, nem tem noticia d'ella, e é gente muito barbara, da estatura e côr do outro gentio, e trazem os cabellos muito compridos assim os machos como as femeas, e não consentem em seu corpo nenhuns cabellos que, em lhes nascendo, não arranquem.

Fazem estes Ubirajaras suas lavouras, como fica dito dos Amoipiras, e pescam nos rios com os mesmos espinhos, e com outras armadilhas que fazem com hervas; e matam muita caça com certas armadilhas que fazem, emq ue lhe facilmente cahe.

A peleja dos Ubirajaras é a mais netavel do mundo, como fica dito, porque a fazem com uns páos tostados muito agudos, de comprimento de tres palmos, pouco mais ou menos cada um, e são agudos de ambas as pontas, com os quaes atiram a seus contrarios como com punhaes; e são tão certos com elles que não erram tiro, com o que tem grande chegada; e d'esta maneira matam tambem a caça, que, se lhes espera o tiro, não lhe escapa, os quaes com estas armas se defendem de seus contrarios tão valorosamente como seus visinhos com arcos e flexas; e quando vão á guerra, leva cada um seu feixe d'estes páos com que peleja, e com estas armas são muito temidos dos Amoipiras, com os quaes tem sempre guerra por uma banda, e pela outra com umas mulheres, que dizem ter uma só teta, que pelejam com arco e flexa, e se governam e regem sem maridos, como se diz das Amazonas; dos quaes não podemos alcançar mais informações, nem da vida e costumes d'estas mulheres.

Começa a vida e costumes dos Tapuias.

Como a tenção com que nos occupamos n'estas lembranças foi para mostrar bem o muito que ha que dizer da Bahia de Todos os Santos, cabeça do Estado do Brazil, é necessario que não fique por declarar a vida e costumes dos Tapuias, primeiros possuidores d'esta provincia da Bahia, de quem começamos a dizer o que se póde alcançar d'elles, começando no capitulo que se segue.

Digitized by Google

CAPITULO CLXXXIII.

Que trata da terra que os Tapuias possuiram e possuem hoje em dia.

Até agora tratámos de todas as castas de gentio que vivia ao largo do mar da costa do Brazil, e de algumas nações que vivem pelo sertão, de que tivemos noticia, e deixamos de fallar dos Tapuias, que é o mais antigo gentio que vive n'esta costa, do qual ella foi toda senhoreada desde a boca do rio da Prata até á do rio das Amazonas,como se vê do que está hoje povoado e senhoreado d'elles; porque da banda do rio da Prata senhoream ao longo da costa mais de cento e cincoenta leguas,e da parte do rio das Amazonas senhoream para contra o sul mais de duzentas leguas, e pelo sertão vem povoando por uma corda de terra por cima de todas as nações do gentio nomeadas, desde o rio da Prata até o das Amazonas,e toda a mais costa senhorearam nos tempos atraz, d'onde por espaço de tempo foram lançados de seus contrarios; por se elles dividirem e inimizarem uns com os outros, por onde se não favoreceram, e os contrarios tiveram forças para pouco a pouco os irem lançando da ribeira do mar de que elles eram possuidores.

Atraz fica dita como foram lançados os Tapuias da Bahia e seu limite pelos Tupinaês, os quaes se foram recolhendo para o sertão por espaço de tempo, onde até agora vivem divididos em bandos, não se acommodando uns com os outros, antes tem cada dia differenças e brigas, e se matam muitas vezes em campo; por onde se diminuem em poder, para não poderem resistir a seus contrarios com as forças nacessarias; por se fiarem muito em seu esforço e animo, não entendendo o que está tão entendido, que o esforço dos poucos não póde resistir ao poder dos muitos.

CAPITULO CLXXXIV.

Que trata de quem são os Tapuias, que são os Maracás.

Como os Tapuias são tantos e estão tão divididos em bandos,costumes e linguagem,para se poder dizer d'elles muito, era necessario de proposito e de vagar tomar grandes informações de suas divisões, vida e costumes; mas pois ao presente não é possivel, trataremos de dizer dos que visinham com a Bahia, sobre quem se fundaram todas estas

Digitized by Google

informações que n'este caderno estão relatadas: começando logo que os mais chegados Tapuias aos povoadores da Bahia são uns que se chamam de alcunha os Maracás, os quaes são homens robustos e bem acondicionados, trazem o cabello crescido até ás orelhas e copado, e as mulheres os cabellos compridos atados detraz, o qual gentio falla sempre de papo tremendo com a falla, e não se entende com outro nenhum gentio que não seja Tapuia.

Quando estes Tapuias cantam, não pronunciam nada, por ser tudo garganteado, mas a seu modo; são entoados e prezam-se de grandes musicos, a quem o outro gentio folga muito de ouvir cantar. São estes Tapuias grandes flexeiros, assim para a caça como para seus contrarios, e são muito ligeiros e grandes corredores, e grandes homens de pelejarem em campo descoberto, mas pouco amigos de abalroar cercas; e quando dão em seus contrarios, se se elles recolhem em alguma cerca, não se detem muito em os cercar, antes se recolhem logo para suas casas, as quaes tem em aldêas ordenadas, como costumam os Tupinambás.

Estes Tapuias não comem carne humana, e se tomam na guerra alguns contrarios, não os matam; mas servem-se d'elles como de seus escravos, e por taes os vendem agora aos Portuguezes que com elles tratam e communicam.

São estes Tapuias muito folgazões, e não trabalham nas roças, como os Tupinambás, nem plantam mandioca, nem comem senão legumes, que lhe as mulheres plantam, e grangeam em terras sem mato grande, a que põem o fogo para fazerem suas sementeiras; os homens occupam-se em caçar, a que são muito afeiçoados.

Costuma este gentio não matar a ningnem dentro em suas casas, e se seus contrarios, fugindo-lhe da briga, se colhem a ellas, não os hão de matar dentro, nem fazer-lhe nenhum aggravo, por mais irados que estejam; e esperam que saiam para fóra, ou se lhe passa a ira e acceitam-nos por escravos, ao que são mais afeiçoados que a matal-os, como lhe fazem a elles.

São os Tapuias contrarios de todas as outras nações do gentio, por terem guerra com elles ao tempo que viviam junto do mar, d'onde por força de armas foram lançados: os quaes são homens de grandes forças, andam nus como o mais gentio, e não consentem em si mais cabellos que os da cabeça, e trazem os beiços furados e pedras n'elles, como os Tupinambás.

Estes Tapuias são conquistados, pela banda do rio de Se-

Digitized by Google

regipe, dos Tupinambás que vivem por aquellas partes; e por outra parte os vem saltear os Tupinaês, que vivem da banda do poente: e vigiam-se ordinariamente de uns e dos outros; e está povoado d'este gentio por esta banda cincoenta ou sessenta leguas de terra; entre os quaes ha uma serra, onde ha muito salitre e pedras verdes, de que elles fazem as que trazem metidas nos beiços por bizarria.

CAPITULO CLXXXV.

Em que se declara o sitio em que vivem outros Tapuias, e de parte de seus costumes.

Pelo sertão da mesma Bahia, para a banda do poente oitenta leguas do mar, pouco mais ou menos, estão umas serras que se estendem por uma banda e para a outra, e para o sertão mais de duzentas leguas, tudo povoado de Tapuias contrarios d'estes de que até agora tratamos que se dizem os Maracás, mas todos fallam, cantam e bailam de uma mesma feição, e tem os mesmos costumes no proceder da sua vida e gentilidades, com muito pouca differença.

Estes Tapuias tem guerra por uma banda com os Tupinaês, que lhe ficam a um lado muito visinhos, e por outra parte a tem com os Amoipiras, que lhe ficam em fronteira da outra banda do rio de S. Francisco, e matam-se uns aos outros cruelmente, dos quaes se vigiam de continuo, contra quem pelejam com arcos e flexas, o que sabem tão bem manejar como todo o gentio do Brazil. São estes Tapuias grandes homens de fazer guerra a seus contrarios, e são mais esforçados que conquistadores, e mais fieis que os Tupinaês.

Vivem estes Tapuias em suas aldêas em casas bem tapadas pelas paredes, e armados de páo a pique a seu modo, muito fortes, por amor dos contrarios os não entrarem e tomarem de subito, em as quaes dormem em redes, como os Tupinambás, com fogo á ilharga, como faz todo o gentio d'esta comarca.

Não costuma este gentio plantar mandioca, nem fazer lavouras senão de milhos e outros legumes; porque não tem ferramentas com que roçar o mato e cavar a terra, e por falta d'ella quebram o mato pequeno ás mãos, e ás arvores grandes põem fogo ao pé d'onde está lavrando até que as derruba, e cavam a terra com páos agudos, para plantarem suas sementeiras, e o mais do tempo se mantem

Digitized by Google

com frutas silvestres e com caça, a que são muito afeiçoados.

Costume d'este gentio Tapuia é trazerem os machos os cabellos da cabeça tão compridos que lhe dão pela cinta, e ás vezes os trazem entrançados ou ennastrados com fitas de fio de algodão, que são como passamanes, mas muito largas; e as femeas andam tosquiadas, e trazem cingidas de redor de si umas franjas de fio de algodão, que tem os cadilhos tão compridos que bastam para lhe cobrirem suas vergonhas, o que não trazem nenhumas mulheres do gentio d'estas partes.

CAPITULO CLXXXVI.

Em que se declaram alguns costumes dos Tapuias d'estas partes.

Estes Tapuias que vivem n'esta comarca são muito musicos, e cantam pela maneira dos primeiros; trazem os beiços debaixo furados, e n'elles umas pedras verdes roliças e compridas, que lavram de vagar, roçando-as com outras pedras tanto até que as aperfeiçoam á sua vontade.

Não pescam estes indios nos rios á linha, porque não tem anzóes; mas para matarem peixe, colhem uns ramos de umas hervas como vides, mas mui compridos e brandos, e tecem-nos como rede, os quaes deitam no rio, e tapam-no de uma parte á outra; e uns tem mão n'esta rede e outros batem a agua em cima, d'onde o peixe foge e vem-se decendo até dar n'ella, onde se ajunta; e tomam ás mãos o pequeno peixe, e o grande matam ás flexadas sem errarem um.

Costumam estes Tapuias, para fazerem sal, queimarem uma serra de salitre, que está entre elles, d'onde tomam aquella cinza; e a terra queimada, lançam-na n'agua do rio em vasilhas, a qual fica logo salgada, e poem-na ao fogo onde a cozem e ferve tanto até que se coalha, e fica feito o sal em um pão; e com este sal temperam seus manjares; mas o salitre torna logo a crescer na serra para cima, mas não é tão alvo como o que não foi queimado.

Entre estes Tapuias ha outros mais chegados ao rio de S. Francisco, que estão com elles desavindos, que são mais agrestes e não vivem em casas, e fazem sua vivenda em furnas onde se recolhem; e tem uma d'estas serras mui as-

Digitized by Google

pera onde fazem sua habitação, os quaes tem os mesmos costumes que os de cima.

Corre esta corda dos Tapuias toda esta terra do Brazil pelas cabeceiras do outro gentio, e ha entre elles differentes castas, com mui differentes costumes, e são contrarios uns dos outros; entre os quaes ha grandes discordias, por onde se fazem guerra muitas vezes e se matam sem nenhuma piedade.

D'aqui por diante se declara o grande commodo que a Bahia tem para se fortificar, e os metaes que se n'ella dão.

Não parece desproposito arrumar á sombra do que está dito da Bahia de Tod s os Santos, os grandes apparelhos e commodos que tem para se fortificar, como convém ao serviço de El-Rei Nosso Senhor e ao bem da terra, para se poder resistir a quem a quizer offender; o que começamos a declarar pelo capitulo que se segue.

CAPITULO CLXXXVII.

Em que se declara a pedra que tem a Bahia para se poder fortificar.

A primeira cousa que convém para se fortificar a Bahia é que tem pedra de alvenaria e cantaria, de que ha em todo o séu circuito muita commodidade, e grande quantidade para se poder fazer grandes muros, fortalezas e outros edificios; porque de redor da cidade ha muita pedra preta, assim ao longo do mar, como pela terra, a qual é de pedreiras boas de quebrar, com a qual se fazem paredes mui bem liadas; e pelos limites d'esta cidade ha muita pedra molar, como a de alvenaria de Lisboa, com que se faz boa obra: e ao longo do mar, meia legua da cidade, e em muitos lugares mais afastados, ha muitas lagôas de pedra molle como tufo, de que se fazem cunhaes em obra de alvenaria, com os quaes se liam os edificios que se na terra fazem, e se affeiçoam os cunhaes d'estas lages com pouco trabalho, por estarem cortados pela natureza conforme o para que são necessarios.

Quando se edificou a cidade do Salvador, se aproveitaram os edificadores e povoadores d'ella de uma pedra cinzenta toa de lavrar, que iam buscar por mar ao porto de Itapibanga, que está sete leguas da cidade na mesma Bahia, da

Digitized by Google

qual fizeram as columnas da Sé, portaes e cunhaes e outras obras de meio relevo, e muitas campas e outras obras proveitosas; mas depois se descobriu outra pedreira melhor, que se arranca dos arrecifes que se cobrem com a preiamar da maré de aguas vivas ao longo do mar, a qual pedra é alva e dura, que o tempo nunca gasta, mas trabalhosa de lavrar que gasta as ferramentas muito; de que se fazem obras mui primas e formosas, e campas de sepulturas mui grandes; e parece a quem isto tem attentado que esta pedra se fez da arêa congelada; porque ao longo dos mesmos arrecifes, bem chegado a elles, é tudo rochedo de pedra preta, e est'outra é muito branca, depois de lavrada; mas não é muito macia, a qual quando a lavram faz sempre uma grã areenta, e acham-se muitas vezes no amago d'estas pedras cascas de ostras e de outro marisco, e uns seixinhos de arêa; pelo que se tem que esta pedra se formou de arêa e que se congelou com a frialdade da agua do mar, o que é facil de crêr; porque se acham por estas praias limos enfarinhados de arêa, que está congelada e dura como pedra, e alguns páos de ramos de arvores tambem cobertos d'esta massa tão dura como se foram de pedra.

CAPITULO CLXXXVIII.

Em que se declara o commodo que tem a Bahia para se poder fazer muita cal, como se faz.

A mór parte da cal que se faz na Bahia é das cascas das ostras, de que ha tanta quantidade que se faz d'ella muita cal, a qual é alvissima, e lisa tambem, como a de Alcantara; e fazem-se d'ella guarnições de estuque mui alvas e primas; e a cal que se faz das ostras é mais facil de fazer que de pedras; porque gasta pouca lenha e com lhe fazerem fogo que dure dez, doze horas, fica muito bem cozida, e é tão forte que se quer caldeada, e ao caldear ferve em pulos como a cal de pedra de Lisboa. Quanto mais que, quando não houvera este remedio tão facil, na ilha de Taparica que está defronte da cidade estão tres fórnos de cal, onde se faz muita, que se vende a cruzado o moio; a qual cal é mui estranha, porque se faz de umas pedras que se criam no mar n'este sitio d'esta ilha e em outras partes, as quaes são muito crespas e artificiosas para outras curiosidades, e não nascem em pedreiras, mas acham-se soltas em muita quantidade. Estas pedras são sobre o leve, por serem por

Digitized by Google

dentro organisadas com alfebas. Esta padra se enfórna em fórnos de arcos, com os em que cozem a louça, com sua abobada fechada por cima da mesma pedra, mas sobre os arcos está o forno todo cheio de pedra, e o fogo mette-se-lhe por baixo dos arcos com lenha grossa, e coze em uma noite e um dia, e coze muito bem; cuja cal é muita alva, e lia a obra que se d'ella faz como a de Portugal, e caldeama-na da mesma maneira; mas não leva tanta arêa como a cal que se faz das ostras e de outro qualquer marisco, de que tambem se faz muito alva e boa para todas as obras. Quanto mais que, quando não houvera remedio tão facil para se fazer infinidade de cal como o que está dito, com pouco trabalho se podia fazer muita cal, porque na Bahia, no rio de Jaguaripe, e em outras partes ha muita pedra lioz, como a de Alcantara, com umas veias vermelhas, a qual pedra é muito dura, de que se fará toda obra prima, quanto mais cal, para o que se tem já experimentado e coze muito bem; e se se não vale d'ella para fazerem cal é porque acham est'outro remedio muito perto e muito facil; e para as mesmas obras e edificios que forem necessarios, tem á Bahia muito barro de que se faz muita e boa telha, e muito tijolo de toda a sorte; do que ha em cada engenho um forno de tijollo e telha, em os quaes se coze tambem muito boa louça e formas que se faz do mesmo barro.

CAPITULO CLXXXIX.

Em que se declara os grandes apparelhos que ha na Bahia para se n'ella fazerem grandes armadas.

Pois sobejam apparelhos á Bahia para se poder fortificar, entenda-se que lhe não faltam para se poder fazer grandes armadas com que se possa defender e offender a quem contra o sabor de S. Magestade se quizer apoderar d'ella, para o que tem tantas e tão maravilhosas e formosas madeiras, para se fazerem muitas náos, galeões e galés, para quem não faltarão remos, com que se elles possam remar, muito estremados, como já fica dito atraz; pois para se fazer muito taboado para estas embarcações sobeja commodo para isso, porque ha muitas castas de madeiras, que se serram muito bem, como em seu lugar fica dito; para as quaes o que falta são serradores, de que ha tantos na Bahia escravos de diversas pessoas, que convindo ao serviço de S. Magestade trabalharem todos e fazer taboado, ajuntar-

Digitized by Google

se-hão pelo menos quatrocentos serradores escravos muito destros, e duzentos escravos carpinteiros de machado; e ajuntar-se-hão mais quarenta carpinteiros da ribeira, Portuguezes e mestiços, para ajudarem a fazer as embarcações, os quaes se occupam em fazer navios que na terra fazem, caravellões, barcas de engenho e barcos de toda a sorte. O que resta agora de madeira para fazerem estas náos e galés são mastros e vergas; d'isto ha mais apparelho na Bahia que nas provincias de Flandres; porque ha muitos mastros inteiros para se emmastrearem náos de toda a sorte, e muitas vergas, o que tudo é mais forte do que os de pinho e de mais dura (mas são mais pesados), o que tudo se achará á borda da agua. Bem sei que me estão já perguntando pela pregadura para essas armadas, ao que respondo que na terra ha muito ferro de vêas para se poder lavrar, mas que em quanto se não lavra será necessario ir de outra parte; mas se a necessidade for muita, ha tantas ferramentas na terra de trabalho, tantas ferragens dos engenhos que se poderão juntar mais de cem mil quintaes de ferro; e por que tarde já em lhe dar ferreiro, digo que em cada engenho ha um ferreiro com sua tenda, e com os mais que tem tenda na cidade e em outras partes se póde juntar cincoenta tendas de ferreiros, com seus mestres obreiros.

CAPITULO CXC.

Em que se apontam os mais apparelhos que ha para se fazerem estas armadas.

Parecerá impossivel achar-se na Bahia apparelho de estopa para se calafetarem as náos, galeões e galés que se podem fazer n'ella, para o que tem facillissimo remedio; porque ha nos matos d'esta provincia infinidade de arvores que dão envira, como temos dito, quando fallamos da propriedade d'ellas, a qual envira lhe sahe da casca que é tão grossa como um dedo; como está pisada é muito branda, e d'esta envira se calafetam as náos que se fazem no Brazil, e todas as embarcações; de que ha tanta quantidade como já dissemos atraz, a qual para debaixo da agua é muito melhor que estopa, por que não apodrece tanto, e incha muito na agua, e as costuras que se calafetam com a envira ficam muito mais fixas do que as que se calafetam com estopa, do que ha muita quantidade na terra. E se cuidar quem ler estes apontamentos que não haverá officiaes que

Digitized by Google

calafetem estas embarcações, affirmo-lhe que ha estantes na Bahia mais de duas duzias, e achar-se-hão nos navios, que sempre estão no porto, dez ou doze, que são calafates das mesmas náos, e ha muitos escravos tambem na terra que são calafates por si sós, e á sombra de quem, o sabem bem fazer.

Breu para se brearem estas embarcações não temos na terra, mas é por falta de se não dar remedio a isto; porque ao longo do mar, em terras baixas de arêa, é tudo povoado de umas arvores, que se chamam camaçari, que entre a casca e o amago lançam infinidade de resina branca, grossa como termentina de Beta, a qual é tão pegajosa, que se não tira das mãos senão com azeite quente, a qual, se houver quem lhe saiba fazer algum cozimento, será muito boa para brearem com ella os navios, e far-se-ha tanta quantidade que poderão carregar náos d'esta resina; e porque se não podem brear as náos sem se misturar com a resina graxa, na Bahia se faz muita de tubarões, lixa e outros peixes, com que se alumiam os engenhos e se bream os barcos que ha na terra, e que é bastante para se adubar o breu para muitas náos, quanto mais que se á Bahia forem Biscainhos ou outros homens que saibam armar ás balêas, em nenhuma parte entram tantas como n'ella, onde residem seis mezes do anno e mais, de que se fará tanta graxa que não haja embarcações que a possam trazer á Hespanha.

CAPITULO CXCI.

Em que se apontam os mais apparelhos que faltam para as embarcações.

Pois que temos apparelhos para lançar as embarcações que se pódem fazer na Bahia ao mar, convém que lhe demos os apparelhos com que estas embarcações possam navegar: e demos-lhe primeiro as bombas, que se fazem na terra muito boas de duas peças, porque tem estremadas madeiras para ellas; e para navios pequenos ha umas arvores que a natureza furou por dentro, que servem de bombas nos navios da costa, as quaes são muito boas.

Pois os poleames se fazem de uma arvore que chamam genipapo, que é muito bom de lavrar, e nunca fende como está secco, de que se farão de toda a sorte. Ensárcea para as embarcações tem a Bahia em muita abastança, porque se faz da mesma envira com que calafetam, antes de se

Digitized by Google

amassar, aberta em febres á mão, a qual se fia tão bem como o linho, e é mais duravel e mais rija que a de esparto, e tão boa como a do Cairo; e d'esta mesma envira se fazem amarras muito fortes e grossas e de muita dura; e ha na terra envira em abastança para se poder fazer muita quantidade de ensárcea e amarras: e para amarras tem a terra outro remedio das barbas de umas palmeiras brabas que lhes nascem ao pé, de comprimento de quinze e vinte palmos, de que se fazem amarras muito fortes e que nunca apodrecem, de que ha muita quantidade pelos matos para se fazerem muitas quando cumprir. Pelo que não falta mais agora para estas armadas que as vélas, para o que ha facilissimo remedio, quando as não houver de lonas e panno de treu; pois em todos annos se fazem grandes carregações de algodão, de que se dá muito na terra; do qual podem fazer grandes teaes de panno grosso, que é muito bom para vélas, de muita dura e muito leves, de que andam velejados os navios e barcos da costa; e dentro na Bahia trazem muitos barcos as vélas de panno de algodão que se fia na terra, para o que ha muitas tecedeiras, que se occupam em tecer teaes de algodão, que se gastam em vestidos dos indios, escravos de Guiné, e outra muita gente branca de trabalho.

CAPITULO CXCII.

Em que se aponta o apparelho que a Bahia tem para se fazer polvora, e muita picaria e armas de algodão.

Pois temos dito o apparelho que a Bahia tem para se fortificar e defender de corsarios, se a forem commeter, saibamos se tem alguns apparelhos naturaes da terra com que possam offender seus inimigos, não fallando nos arcos e flexas do gentio, com o que os escravos de Guiné, mamelucos, e outros muitos homens bravos naturaes da terra sabem pelejar, do que ha tanta quantidade n'esta provincia; mas digamos das maravilhosas armas de algodão que se fazem na Bahia, geralmente por todas as casas dos moradores, as quaos não passa bésta, nem flexa nenhuma; do que se os Portuguezes querem antes armar que de coçoletes, nem couraças; porque a flexada que dá n'estas armas resvala por ellas e faz damno aos companheiros; e d'este estofado de algodão armam os Portuguezes os corpos e fazem do mesmo estofado celladas para a cabeça, e muito

Digitized by Google

boas adargas. Fazem tambem na Bahia pavezes e rodellas de copaiba, de que fizemos menção quando fallamos da natureza d'esta arvore, as quaes rodellas são tão boas como as do adargoeiro, e davantagem por serem mais leves e estopentas, do que se farão infinidade d'ellas muito grandes e boas.

Dão-se na Bahia muitas hastes de lanças do comprimento que quizerem, as quaes são mais pezadas que as de faia, mas são muito mais fortes e formosas; e das arvores de que se estas hastes tiram, ha muitas de que se póde fazer muita picaria, e infinidade de dardos de arremeço, que os Tupinambás sabem muito bem fazer.

E chegando ao principal, que é a polvora, em todo o mundo se não sabe que haja tão bom apparelho para ella como na Bahia, porque tem muitas serras que não tem outra cousa senão salitre, o qual está em pedra alvissima sobre a terra, tão fino que assim péga o fogo d'elle como de polvora mui refinada; pelo que se póde fazer na Bahia tanta quantidade d'ella que se possa d'ella trazer tanta para Hespanha, com que se forneçam todos os estados de que S. Magestade é rei e senhor, sem esperar que lhe venha de Allemanha, nem de outras partes, d'onde trazem este salitre com tanta despeza e trabalho, do que se deve de fazer muita conta.

CAPITULO CXCIII.

Em que se declara o ferro, aço e cobre que tem a Bahia.

Bem por culpa de quem a tem não ha na Bahia muitos engenhos de ferro, pois o ella está mostrando com o dedo em tantas partes, para o que Luiz de Brito levou apparelhos para fazer um engenho de ferro por conta de S. A. e officiaes d'este mister; e o porque se não fez, não serve de nada dizer-se; mas não se deixou de fazer por falta de ribeiras de agua, pois a terra tem tantas e tão capazes para tudo; nem por falta de lenha e carvão, pois em qualquer parte onde se os engenhos de ferro assentarem ha d'isto muita abundancia. Tambem na Bahia, trinta leguas pela terra dentro, ha algumas minas descobertas sobre a terra de mais fino aço que o de Milão; o qual está em pedra sem outra nenhuma mistura de terra nem pedra; e não tem que fazer mais que lavrar-se em vergas para se poder fazer obra com elle, do que ha muita quantidade que está perdido sem haver

Digitized by Google

quem ordene de o aproveitar; e d'esta pedra de aço se servem os indios para amolarem as suas ferramentas com ella á mão.

E cincoenta ou sessenta leguas pela terra dentro tem a Bahia uma serra muito grande escalvada que não tem outra cousa senão cobre, que está descoberto sobre a terra em pedaços, feitos em concavidades, crespo que não parece senão que foi já fundido, ou ao menos que andou fogo por esta serra, com que se fez este lavor no cobre, do que ha tanta quantidade que senão acabará nunca. E nesta serra estiveram por vezes alguns indios Tupinambás e muitos mamelucos, e outros homens que vinham do resgate, os quaes trouxeram mostras d'este cobre em pedaços, que se não foram tantas as pessoas que viram esta serra se não podia crêr senão que o derreteram no caminho de algum pedaço de caldeira que levavam; mas todos affirmaram estar este cobre d'aquella maneira descoberto na serra.

CAPITULO CXCIV.

Em que se trata das pedras verdes e azues que se acham no sertão da Bahia.

Deve-se tambem notar que se acham tambem no sertão da Bahia umas pedras azues escuras muito duras e de grande fineza, de que os indios fazem pedras que mettem nos beiços, e fazem-nas muito roliças e de grande lustro, roçando-as com outras pedras, das quaes se podem fazer peças de muita estima e grande valor, as quaes se acham muito grandes; e entre ellas ha algumas que têm umas veias aleonadas que lhe dão muita graça.

No mesmo sertão ha muitas pedreiras de pedras verdes coalhadas muito rijas, de que o gentio tambem faz pedras para trazer nos beiços roliças e compridas, as quaes lavram como as de cima, com o que ficam muito lustrosas: do que se pódem lavrar peças muito ricas e para se estimarem entre principes e grandes senhores, por terem a côr muito formosa; e pódem-se tirar da pedreira pedaços de sete e oito palmos, e estas pedras tem grande virtude contra a dôr de colica.

Em muitas outras partes da Bahia, nos cavoucos que fazem as invernadas na terra, se acham pedaços de finissimo cristal, e de mistura algumas pontas oitavadas como diamante, lavradas pela natureza, que tem muita formosura

Digitized by Google

e resplandor. E não ha duvida senão que entrando bem pelo sertão d'esta terra ha serras de cristal finissimo, que se enxerga o resplandor d'ellas de muito longe, e affirmaram alguns Portuguezes que as viram que parecem de longe as serras de Hespanha quando estão cobertas de neve, os quaes e muitos mamelucos e indios que viram estas serras dizem que está tão bem criado e formoso este cristal em grandeza, que se pódem tirar pedaços inteiros de dez, doze palmos de comprido, e de grande largura e fornimento, do qual cristal póde vir á Hespanha muita quantidade para poderem fazer d'elle obras mui notaveis.

CAPITULO CXCV.

Em que se declara o nascimento das esmeraldas e safiras.

Em algumas partes do sertão da Bahia se acham esmeraldas mui limpas e de honesto tamanho, as quaes nascem dentro em cristal, e como ellas crescem muito, arrebenta o cristal; e os indios quando as acham dentro n'elle, põem-lhe o fogo para o fazerem arrebentar, de maneira que lhe possam tirar as esmeraldas de dentro, com o que ellas perdem a côr e muita parte do seu lustro, das quaes esmeraldas se servem os indios nos beiços, mas não as podem lavrar como as pedras ordinarias que trazem nos beiços de que já fallamos. E entende-se que assim como estas esmeraldas que se acham sobre a terra são finas, que o serão muito as que se buscaram debaixo d'ella, e de muito preço, porque a que a terra despede de si deve de ser escoria das boas que ficam debaixo, as quaes se não buscaram até agora por quem lhe fizesse todas as diligencias, nem chegaram a ellas mais que mamelucos e indios, que se contentavam de trazerem as que acharam sobre a terra, e em uma das partes onde se acham estas esmeraldas, que é ao pé de uma serra, onde é de notar muito o seu nascimento; porque ao pé d'esta serra da banda do nascente se acham muitas esmeraldas dentro no cristal solto onde ellas nascem; d'onde trouxeram uns indios amostras, cousa muito para ver; porque, como o cristal é mui transparente, trespassam as esmeraldas com seu resplandor da outra banda, ás quaes lhe ficam as pontas da banda de fóra que parece que as metteram á mão pelo cristal. E ao pé da mesma serra da banda do poente se acham outras pedras muito escuras que tambem nascem no cristal, as quaes mostram um rôxo côr de purpura muito

Digitized by Google

fino, e tem-se grande presumpção d'estas pedras poderem ser muito finas e de muita estima. E perto d'esta serra está outra de quem o gentio conta que cria umas pedras muito vermelhas, pequenas e de grande resplandor.

Afirmam os indios Tupinambás, os Tupinaês, Tamoios e Tapuias e os indios que com elles tratam, n'este sertão da Bahia e no da capitania de S. Vicente, que debaixo da terra se cria uma pedra do tamanho e redondeza de uma bola, a qual arrebenta debaixo da terra; e que dá tamanho estouro como uma espingarda, ao que acodem os indios e cavam a terra, onde toou este estouro, onde acham aquella bola arrebentada em quartos como romã, e que lhe sahem de dentro muitas pontas cristalinas do tamanho de cerejas, as quaes são de uma banda oitavadas e lavradas mui sutilmente em ponta como diamante, e da outra banda onde pegavam da bola tinham uma cabeça tosca, das quaes trouxeram do sertão amostras d'ellas ao governador Luiz de Brito, que quando as viu teve pensamento que seriam diamantes; mas um diamante de um anel entrava por ellas, e a casca da bola era de pedra não muito alva e ruivaça por fóra.

CAPITULO CXCVI.

Em que se declara a muita quantidade de ouro e prata que ha na comarca da Bahia.

Dos metaes de que o mundo faz mais conta, que é o ouro e prata, fazemos aqui tão pouca, que os guardamos para o remate e fim d'esta historia, havendo-se de dizer d'elles primeiro, pois esta terra da Bahia tem d'elle tanta parte quanto se póde imaginar; do que póde vir á Hespanha cada anno maiores carregações do que nunca vieram das Indias occidentaes, se S. Magestade for d'isso servido, o que se póde fazer sem se metter n'esta empreza muito cabedal de sua fazenda, de que não tratamos miudamente por não haver para que, nem fazer ao caso da tenção d'estas lembranças, cujo fundamento é mostrar as grandes qualidades do Estado do Brazil, para se haver de fazer muita conta d'elle, fortificando-lhe os portos principaes, pois tem tanto commodo para isso como no que toca á Bahia está declarado; o que se devia pôr em effeito com muita instancia, pondo os olhos no perigo em que está de chegar á noticia dos Lutteranos parte do conteúdo n'este tratado, para fazerem suas armadas, e se irem povoar esta provin-

Digitized by Google

cia, onde com pouca força que levem de gente bem armada se podem senhorear dos portos principaes, porque não hão de achar nenhuma resistencia n'elles, pois não tem nenhum modo de fortificação, d'onde os moradores se possam defender nem offender a quem os quizer entrar. Se Deus o permittir por nossos peccados, que seja isto, acharão todos os commodos que temos declarado e muita mais para se fortificarem, porque hão de fazer trabalhar os moradores nas suas fortificações com as suas pessoas, com seus escravos, barcos, bois, carros e tudo mais necessario, e com todos os mantimentos que tiverem por suas fazendas, o que lhe ha de ser forçado fazer para com isso resgatarem as vidas; e com a força da gente da terra se poderão apoderare fortificar de maneira que não haja poder humano com que se possam tirar do Brazil estes inimigos, d'onde podem fazer grandes damnos a seu salvo em todas as terras maritimas da corôa de Portugal e Castella, o que Deus não permittirá; de cuja bondade confiamos, que deixará estar estes inimigos da nossa santa fé catholica com a cegueira que até agora tiveram de não chegar á sua noticia o conteúdo n'este tratado, para que lhe não façam tantas offensas estes infieis, como lhe ficarão fazendo se se senhorearem d'esta terra, que Deus deixe crescer em seu santo serviço; com que o seu santo nome seja exalçado, para que Sua Magestade a possa possuir por muitos e felices annos com grandes contentamentos.

Digitized by Google

BREVES COMMENTARIOS

Á

PRECEDENTE OBRA DE GABRIEL SOARES.

INTRODUCÇÃO.

Quando em principios de Março d'este anno escreviamos em Madrid a dedicatoria que precede a presente edição da obra de Gabriel Soares, e lhe serve como de prefacio, não podiamos imaginar que tão cedo veriamos em execução a nossa proposta, e menos podiamos adivinhar que concorreriamos até para a realisar, sendo, ao chegar á côrte, chamado a desempenhar as funcções do cargo de primeiro secretario do nosso Instituto Historico, cargo a que, pelos novos estatutos, anda annexa a direcção dos annaes que ha quatorze annos publica esta corporação.

Animado pelo voto da maior parte de nossos consocios, entregámos ao prelo o manuscripto da obra sobre que tanto tinhamos trabalhado, e seguimos com igual voto sua impressão, sem desfeiteal-a com interrupções. E dando-nos por incompetente para a revisão das provas de um livro que quasi sabemos de cór, tivemos a fortuna de alcançar n'essa parte a coadjuvação do nosso amigo e consocio o Sr. Dr. Silva, que se prestou a esse enfadonho trabalho com o amor do estudo que o distingue. Ainda assim, tal era a difficuldade da empreza,que nos escaparam na edição algumas ligeiras irregularidades e imperfeições que se levantarão na folha das erratas, ou se advirtirão n'estes commentarios que ora redigimos, com maior extensão do que os que haviamos escripto em Madrid, e que mencionámos na dedicatoria. E' mais difficil do que parece a empreza de restaurar um codice antigo do qual existem, em vez do

Digitized by Google

original, uma infinidade de cópias mais ou menos erradas em virtude de leituras erradas feitas por quem não entendia do que lia.

O tempo fará ainda descobrir algumas correcções mais que necessitar esta obra, já pelo que diz respeito a nomes de locaes que hoje só poderão pelos habitantes d'elles ser bem averiguados, já por alguns nomes de passaros, insectos, e principalmente de peixes não descriptos nos livros, e só conhecidos dos caçadores, roceiros e pescadores.

Nos presentes commentarios não repetiremos quanto dissemos nas *Reflexões criticas*, escriptas ainda nos bancos das aulas com o tempo que forravamos depois de estudar a lição.

Além de havermos em alguns pontos melhorado nossas opiniões, evitaremos aqui de consignar citações que pudessem julgar-se nascidas do desejo de ostentar erudição; desejo que existiu em nós alguma vez, quando principiantes, por certo que já hoje nos não apoquenta.

Alguem quereria talvez que aproveitassemos para esta edição muitas noticias que, por ventura deslocadas, se encontram nas *Reflexões criticas*. De proposito porém não quizemos sobrecarregar mais estes commentarios: além de que as noticias uteis que excluimos serão unicamente algumas bibliographicas de obras ineditas, cuja existencia queriamos accusar aos litteratos, e esse serviço já está feito. Muitos dos nossos actuaes commentos versarão sobre as variantes dos textos, e sobre as differenças principaes que houver entre a nossa edição e a da academia das sciencias de Lisboa (Tom. 3.º das Memorias Ultramarinas).

Não faltará talvez quem censure o não havermos dado melhor methodo ao escripto de Soares acompanhando-o de notas que facilitassem mais a sua leitura. Repetimos que não ousámos ingerir nossa mesquinha penna em meio d'essas paginas venerandas sobre que já pesam quasi tres seculos. Nem sequer n'ellas ousámos introduzir o titulo —TRATADO DESCRIPTIVO DO BRAZIL— que adoptámos no rosto para melhor dar a conhecer o conteúdo da obra: pelo contrario conservámos effectivamente em toda esta o titulo com que já ella é conhecida e citada de — ROTEIRO GERAL — que aliás só compete á primeira parte. O que sim fizemos a beneficio dos leitores foi redigir um indice laconico e claro, introduzindo n'elle, por meio de vinte titulos, a divisão philosophica da segunda parte, sem em nada alterar a ordem e numeração dos capitulos. Cremos com

Digitized by Google

este indice, que será publicado em seguida d'estes commentarios, ter feito ao livro de Soares um novo serviço.

O publico sabe já como este livro corria anonymo; sendo que Cazal, Martius e outros o iam quasi fazendo passar por obra de um tal Francisco da Cunha, quando as *Reflexões criticas*, para accusar d'elle o autor, idade e titulo, chamaram a attenção dos litteratos sobre o que haviam consignado: 1.° a *Bibliotheca Lusitana* (Tom. 2.°, p. 321); 2.° a obra de Nicoláo Antonio (Tom. 1.°, p. 509 e Tom. 2.°, pag. 399); 3.° a do addicionador do Americano Pinelo, o Hespanhol Barcia (Tom. 2.°, col. 680 e Tom. 3.°, col. 1710) e 4.° o proprio autor, que consignou o seu nome na sua obra (Parte 1.ª, cap. 40 e Parte 2.ª, caps. 29, 30, 127 e 177).

Como sobre cada um dos capitulos de Soares temos alguma reflexão a fazer, para não introduzirmos nova numeração e adaptarmos melhor os commentarios á obra a que se destinam, os numeraremos successivamente segundo os capitulos; assim desde o 1.° até o 74 serão elles referentes aos respectivos capitulos da 1.ª parte; os 75, 76, 77, etc. pertencerão aos 1.°, 2.°, 3.°, etc. da 2.ª parte; de modo que a numeração do capitulo d'esta ultima a que se refere o commentario será conhecida logo que ao numero que tiver este se abater o mesmo 74. E vice-versa: addicionando-se 74 ao numero do capitulo da 2.ª parte se terá o do commentario respectivo. Assim o indice da obra, com os seus titulos, etc., poderá tambem consultar-se como indice d'estes

COMMENTARIOS.

1. O principio d'esta obra contém na parte historica muitos erros, nascidos de escrever o autor, só talvez por tradição, tantos annos depois dos successos que narra. A costa do Brazil foi avistada por Cabral aos 22 de Abril, e não aos 24. A missa de posse teve lugar no dia 1.° de Maio, e a 3 já a frota ia pelo mar fóra. Coelho voltou á Europa logo depois, e não quando já reinava D. João 3.°, o que equivalia a dizer uns vinte annos mais tarde. Christovam Jaques foi mandado por este ultimo rei como capitão mór da costa; mas não foi o descobridor da Bahia, que estava ella descoberta mais de vinte annos antes. Pero Lopes passou a primeira vez ao Brazil com seu irmão Martim

Digitized by Google

Affonso em 1530, e por conseguinte depois de Jaques, a respeito de quem se póde consultar a memoria que escrevemos intitulada: *As primeiras negociações diplomaticas respectivas ao Brazil.*

2. O texto da Academia de Lisboa nomêa erradamente Clemente VII como autor da bula em favor dos reis catholicos; o que deve ter procedido de nota marginal, de algum ignorante possuidor de codice, que o copista aproveitasse.

3. Acerca das informações que dá o autor dos terrenos ao norte do Amazonas, cumpre advertir que essa parte da costa era então pouco frequentada pelos nossos; e por tanto n'este capitulo, como no que diz respeito á doutrina do 1.°, o nosso A. não póde servir para nada de authoridade.

4. O descobrimento do Amazonas por Orellana foi em 1541; a sua vinda de Hespanha em meado de 1545; e a expedição de Luiz de Mello por 1554. A ida d'este cavalheiro á India em 1557 e seu naufragio em 1573 — Consulte-se Diogo do Couto, Dec. 7.ª, liv. 5.°, cap. 2.° e Déc. 9.ª, cap. 27 — e Antonio Pinto Pereira, Parte 2.ª, pags. 7 e 58.

5. Á vista da posição em se indicam os baixos, deduz-se que o A. se refere á bahia de S. José; e portanto a ilha em que naufragou Ayres da Cunha deve ser a de Santa Anna, que terá a extensão que lhe dá Soares, quando a do *Medo* ou do *Boqueirão* não tem uma legua.

Macaréo é o termo verdadeiramente portuguez para o que nós chamamos, como na lingua dos indigenas, *Pororoca*. E' o phenomeno chamado *Hyger* e *Bore* no Severn e Parret. Em França tambem o tem a Gironda com o nome cremos que de *Mascaret*. — A do Amazonas é descripta por Condamine, e tambem nos Jornaes de Coimbra ns. 30 e 87.

6. Este Rio Grande é o actual Parnahyba.

7. O Monte de Li, talvez assim chamado porque se parecia ao de igual nome na Asia, será o de Aracaty. Os Atlas de Lazaro Luiz e Fernam Vaz Dourado e outros antigos manuscriptos trazem aquelle nome.

8. Este nome de Cabo Corso aqui repetido, vem em muitas cartas antigas e modernas; o que se não dá a respeito do outro do commento 3.

9. N'este capitulo se contém a historia do castelhano feito botocudo que se embarcou para França, e deu talvez origem a unir-se este facto ao nome de Diogo Alvares, o Caramurú. Veja a nossa dissertação sobre este assumpto que o Instituto se dignou premiar.

10. E' hoje sabido, pelos documentos que encontrámos

Digitized by Google

na Torre do Tombo, como esta capitania de Barros era mixta, sendo elle donatario ao mesmo tempo que Fernam Alvares d'Andrade e Ayres da Cunha de 225 leguas de costa e não de cincoenta separadas só para elle. A expedição teve lugar por Outubro de 1535.

11. Baerl, vulgarmente chamado Barleus, chama á Bahia da traição *Tebiracajutiba*, o que corresponde talvez ao nosso *Acajutibiro*, que Cazal leu (Tom. 1.° p. 197) *Acejutibiró*.

12. A respeito da colonisação da Parahiba deve consultar-se a obra especial mandada escrever pelo P. Christovam de Gouvêa: d'ella temos por autor o P. Jeronymo Machado.

13. *Pitagoares*, diz aqui o nosso autor. Outros escrevem *Pitagudras*; o que quereria dizer que esses indios se sustentavam de camarões. *Tabajaras* significa os habitantes das aldêas, e era nome que se dava a todos os indigenas que viviam aldeados.

14. *Aramama* deve ser o mesmo rio *Guiramame* mencionado na *Razão do Estado do Brazil*, obra citada por Moraes no Diccionario, e que hoje temos certeza de haver sido escripta pelo proprio governador D. Diogo de Menezes. *Abionabiajá* ha de ser a lagôa *Aviyajá* citada na conhecida *Jornada do Maranhão*.

15. Rio de *Igaruçú* ou de *Igara-uçú* quer dizer rio da Canoa grande, ou rio da Náo. Este nome denuncia que o sitio era frequantado por navios europeus.

16. A doação de Duarte Coelho era de 60 leguas de costa e não de 50.

17. Ponta de *Pero Cavarim*, P. Lopes (Diario pag. 11) disse: *Percaauri*. Pimentel escreveu (p. 215) *Pero Cabarigo*; a mesma orthographia seguiu Antonio Mariz Carneiro. O nome era naturalmente de objecto indigeno, e degenerou em outro que se poderia crêr de algum piloto europeu.

18. As notas que o texto academico admittiu a este capitulo que trata do litoral da actual provincia das Alagôas, são evidentemente estranhas a elle; pois uma até refere um facto de 1632.— Aqui as daremos correctas para evitar ao leitor o trabalho de as ir ler onde estão:

« N'este rio Formoso, por elle acima quatro leguas, está o lugar de Serenhem. Foi sondal-o Andrés Marim, tenente de artilharia, com pilotos o anno de 1632. A melhor entrada da barra é pela banda do sul, pela qual entra por

Digitized by Google

sete, seis braças, e pela banda do norte entra por cinco e quatro: e não se ha de entrar pelo meio; porque tem de fundo braça e meia. O porto está da banda do sul.

« Tamanduaré é uma enseada oito leguas ao sul do cabo de Santo Agostinho, e uma legua ao sul do rio Formoso, e duas ao norte do rio Una; desemboca n'ella o rio das Ilhotas ou Mambucaba; está cercada da banda do mar com arrecifes, e uma barra de sete braças de fundo na boca, em baixamar de aguas vivas; e logo mais dentro seis, na maior parte d'ella cinco; e bem junto a terra quatro: tem bom fundo; cabem n'esta enseada cem navios e mais.»

19. A serra d'*Aquetiba* será talvez a que hoje se diz da *Tiuba*.

20. São curiosas as informações que Soares, só por noções dos indigenas, nos transmitte dos gentios d'além do rio de S. Francisco que se ataviavam com joias de ouro. Trata-se dos habitantes do Perú.

21. A correcção da palavra indigena—*manhana*— para significar — espia — se collige do Diccionario Brazilico, que na palavra — vigia — traz o significado — *manhane*.

22. Do nome—Rio do Pereira—se faz menção no famoso Atlas de Vaz Dourado, do qual existe na bibliotheca publica de Madrid um exemplar mais aprimorado ainda do que o que se guarda com tanto recato no archivo chamado da *Torre do Tombo* de Lisbôa. O nome de Torre de Tombo, para que de uma vez satisfaçamos em assumpto sobre que algumas pessoas nos tem por vezes pedido informações, veio de que o tombo e archivos da corôa portugueza se guardavam antigamente em uma torre do Castello de Lisbôa (onde estavam tambem os paços d'Alcaçova), e por isso os papeis se diziam guardados na *Torre de Tombo*. O terremoto de 1755 destruiu a tal torre, e o archivo passou para as abobadas do (hoje extincto) mosteiro de S. Bento, onde ainda está, com o antigo nome, pelo habito.

23. No lugar onde se lê:—Até onde chega o salgado, expressão esta mui frequente no nosso autor para designar o mar, diz o texto academico, quanto á nós menos correctamente, a *salgada*.

24. O rio *Itapocurú* diz-se hoje *Tapicurú*. — Vej. Tab. Perpet. Astron. p. 217; Paganino pag. 21; Mappa de José Teixeira (de 1764), etc. Parece ter sido o que nos mappas de Ruysch (1508), de Lazaro Luiz e Vaz Dourado se chamou de *S. Jeronymo*.

25. O texto da academia não mencionava o nome *Real*

Digitized by Google

onde na lin. 8.ª se diz:—porque toda esta costa do rio Real, etc.

26. *Jacoipe* se lê nos codices que vimos; temos porém por melhor orthographia o escrever *Jacuhipe* ou *Jacuhype*, com a Corographia Brazilica, porque o nome quer dizer o esteiro ou igarapé do jacú.

27. Pimentel, Paganino e as Taboas Perpetuas astronomicas escreveram *Tapoã*; Mariz Carneiro *Tapoam;* porém mais conforme á etymologia fôra dizer-se e escrever-se *Itapuam*; *Ita*, pedra; *puam*, redonda.

28. No final d'este capitulo 28 se encontra a noticia que melhor se desenvolve no capitulo 2.º da 2.ª parte (com. 76), ácêrca do facto que deu lugar a ser Diogo Alvares apellidado de Caramurú. Consulte-se a dissertação que citamos (com. 9), impresso no tom. 3.º da 2.ª serie da *Revista* do Instituto pag. 129.

29. *Boipeba*, como escreve Soares, é nome mais correcto do que o de *Boypeda*, usado por Pimentel e seguido nos roteiros inglezes. *Boi-peba* significa cobra achatada.

30. Confirmamos não haver alteração na palavra *Amemoão* ao lermos *Memoam* na viagem de Luiz Thomaz de Navarro (1808), e *Mamoam* no mappa de Balthazar da Silva Lisbôa.

31. Deixámos o nome *Romeiro* aportuguezado, por assim o acharmos nos melhores codices; mas o homem chamava-se *Romero*, que é ainda hoje nome de familias castelhanas.

32. Os *Aimorés* são talvez os *Puris* de hoje, raça esta que, pelas palavras que se conhecem de sua lingua, ainda não podemos classificar entre as d'esta America Antartica.—Os antigos pronunciavam ás vezes *gaimurés*, e quando faltavám com o acento na ultima syllaba, o nome se apresentava como muito differente de que é, lendo-se *Gaimúres*.

33. *Palipe* quer dizer—esteiro do coqueiro (paty).—Assim melhor se escreverá, como faz Cazal (Tom. 2.º p. 101) *Patype*. O amanuense do exemplar que serviu á edição anterior escreveu na ultima syllaba um f em vez de p.—Cremos piamente que sem má intenção arranjou a palavra que d'ahi resultou.

34 *Sernambitibi* ou *Sernambi-tiba*, segundo a etymologia, é o verdadeiro nome do rio que de tantos modos se tem escripto, segundo dissemos nas *Reflexões criticas* (n. 26, p. 22).—Cazal (ou o escripto que o guiou) chegou a adulterar este nome, não só em *Simão de Tyba* (II, p. 71), como logo

Digitized by Google

depois (II. p. 78) em *João de Tyba!*—Estas e outras hão de chegar a convencer os nossos governos de que o conhecimento de um pouco da lingua indigena é para nós pelo menos tão importante, para não escrevermos disparates, como o de um pouco de grego e latim.—A lingua guarani já está reduzida a escripta, e salva de perecer de todo, graças sobre tudo ao *Thesouro* e á *Arte e Vocabulario* de Montoya. E se não tratamos de reimprimir estes livros e de os estudar, um dia os vindouros o farão; e nos chamarão a juizo por muitos erros em que houvermos cahido por nossa ignorancia; e por ventura por um pouco de filaucia em termos por linguas sabias e aristocraticas unicamente o grego e o latim.—Veja-se a nossa dissertação *sobre a necessidade do estudo e ensino das linguas indigenas* no Tom. 3.º da *Revista* pag. 53.

35. Novo exemplo dos inconvenientes de ignorar inteiramente a lingua indigena nos dá o nome de um rio do fim d'este capitulo 35, que foi interpretado *Insuacoma*, em vez de *Juhuacema*, que Luiz Thomaz Navarro escreveu *Juassema*. O principe Maximiliano de Neuwied em sua viagem (Tom. 1.º, pag. 295) diz *Jaússema*; e o Dr. Pontes na sua carta geographica poz *Juacein*. *Juacê* quer dizer sêde, e *eyme*, sem; de modo que o nome do rio significa talvez — Rio que não tem sêde;— nome que está muito no gosto dos que davam os indigenas, que no sertão chamam a outro—o *Igarey*—rio da sêde, ou sem agua.

36. D'este capitulo aproveitou Cazal no Tom. 2.º pp. 70 e 72. A mulher do donatario chamava-se Ignez Fernandes, e seu filho Fernão do Campo.

37. Por *Jucurú* se nomêa o rio que no mappa 3.º da *Razão do Estado* se diz *Jocoruco*, e n'uma grande carta do *Deposito Hidrographico* de Madrid *Jucurucu*.

38. *Maruipe* é quanto a nós um erro que se repetiu nos codices. Deve ler-se *Mocuripe* com Pimentel (pag. 239) e com Laet, n'uma das cartas do *Novus Orbis* impresso em 1633. Laet n'esta obra, que depois se publicou em francez, consultou sobre o Brazil os escriptos do paulista Manoel de Moraes. Esta edição latina foi a 3.ª; sendo as primeiras hollandezas, de 1625 e 1630, de Leyden.—O rio mencionado diz-se hoje *Mucury*; e Neuwied (I,236) escreveu *Mucury*.

39. *Tupiniquim* ou *Tupin-iki* quer dizer simplesmente o *Tupi do lado* ou—*visinho lateral*:—*Tupinaê* significa—Tupi mau.

40. Este capitulo 40 foi o que Vasconcellos transcreveu

Digitized by Google

quasi na integra nas suas *Noticias* (51 a 55); e que nos serviu para confirmar que elle tivera conhecimento da obra de Soares. *Aceci* ha de ser o—*Guasisi*—da *Razão do Estado*, *Aceci* de Brito Freire.

41. A doação da Ilha a Duarte de Lemos teve lugar em Lisbôa, aos 20 de Agosto de 1540, pelos serviços que o mesmo Lemos prestára ao Donatario, na defensa da Capitania. A confirmação regia é datada de Almeirim aos 8 de Janeiro de 1549 (Chanc. de D. J. III. fol. 108 v.)

42. N'este capitulo faltam no texto academico umas cinco linhas, aliás importantes, que no nosso se encontram no fim do 2.º § e principio do 3.º

43. Deve ler-se accentuado *Goaraparí*, que Vasconcellos na *Vida de Anchieta* (pag. 338) escreve *Goaraparim*, e a *Razão do Estado*, *Goaraparig*. O texto academico dizia *Goarapira*. *Leritibe* é adulteração de *Leritiba*, que em guarani significa — A ostreira —.

44. Tivemos occasião de consultar e de conservar em nossas mãos uma carta autographa de Pero de Goes para Martim Ferreira, de quem se faz menção n'este capitulo 44; e por ella conhecemos que é de lettra sua o texto do codice do Diario de Pero Lopes existente na Ajuda, que démos á luz; e isso se confirma com o asseverar aqui Soares que Goes acompanhara sempre o mesmo Pero Lopes, e com elle se perdera no Rio da Prata; isto é, na ilha de Gorriti do porto de Montevidéo, segundo sabemos. As emendas feitas nas primeiras paginas do dito texto do Diario são de lettra de Martim Affonso, que hoje distinguimos perfeitamente. Fiquem estas advertencias aqui consignadas, em quanto não temos para ellas melhor lugar.

45. O texto d'Academia diz *Tapanazes*, em vez de *Papanazes*. Este nome ou alcunha derivou, quanto a nós, da *Zygaena* chamada pelos indigenas *Papanã*, e pelos nossos antigos — peixe martello.—

46. Ainda que o autor no capitulo precedente havia dito que o gentio guaitacá tem a linguagem differente dos seus visinhos Tupiniquins, não podemos entender essa affirmativa muito em absoluto, á vista do que assevera agora—de que os Papanazes se fazem entender do mesmo gentio guaitacá e do tupininquim. Isto vai conforme com a idéa sabida de que os invasores que dominavam o Brazil na época da colonisação eram geralmente da mesma raça, havendo que excepctuar os Aimorés, que depois appareceram acoçados talvez do oeste. Remettemos a tal respeito o leitor

Digitized by Google

para o que dizemos em um escripto impresso no Tomo 5.º da 2.ª Série da *Revista* do Instituto pags. 373 e seg.

47. O texto da Academia dá 22º 3/4 ou 22º 45' S. á latitude da Ilha de Santa que em outros codigos achamos 22 1/3 ou 22' 20', o que mais se aproxima da de 22º 25' S. que hoje se lhe calcula.

48. O *Cabo-Frio* jaz segundo Roussin em 23º 1' 18" S., e segundo Livingston (1824) em 23º 1' 2" S., do que não se estava longe no tempo do nosso author que o arruma em 23º—

49. *Saquarema* se diz hoje, e não *Sacorema*.

50. Conservámos a palavra *Viragalhão* dos codices, pois seria adulteral-os o substituil-a pela mais correcta *Villegagnon*, que aliás é menos euphonica para nós. O ilhéo de *Jeribatuba*, que quer dizer do Coqueiral (de Jeribás)—é o que hoje se diz — I. dos Coqueiros.—

51. Por este capitulo se confirma que a primeira fundação de uma colonia n'esta bahia de Janeiro teve lugar na Praia Vermelha; e que o saco do Batafogo se chamava de Francisco Velho, por pertencerem essas terras ao talvez tronco primitivo da familia — Velho — no Brazil.—

As palavras—que se chama da Carioca—não se lêem no texto da Academia, mas sim no importante codice mais antigo de Evora, e em outros.

52. Porto de Martim Affonso era o esteiro que vai ter ao Aterrado. Chamou-se d'aquelle nome, não, quanto a nós, por via do celebre capitão de igual nome ; mas sim da aldêa do principal Arariboia, que no baptismo se chamou Martim Affonso.

A descripção da enseada d'esta nossa bahia não póde estar mais exacta. Os nomes *Unhauma, Sururuy, Baxindiba e Macucú*, são hoje quasi os mesmos. A ilha da *Madeira* é a das Cobras.

53. Mem de Sá foi nomeado por provisão de 23 de Julho de 1556. Partiu da Bahia para a conquista do forte de Villegagnon em 16 de Janeiro de 1560.—Chegou ao Rio a 21 de Fevereiro: rendeu o inimigo a 15 de Março.

54. Salvador Corrêa governou tanto tempo o Rio de Janeiro que a sua ilha se ficou chamando até hoje do *Governador*. Antes tinha-se denominado *Parnapicú, do Gato, dos Maracaiás* e *dos Engenhos*.

55. Apezar de todas as diligencias ainda até hoje nos não foi possivel encontrar o manuscripto de Antonio Salema sobre a *Conquista do Cabo Frio*.

56. Do texto da Academia consta que Salvador Corrêa foi

Digitized by Google

nomeado governador por provisão de 10 de Setembro de 1557.— Isto parece verdade; mas não cremos que fosse escripta. Nos melhores codices não se encontra essa clausula.

57. O primeiro sesmeiro da Ilha Grande foi o Dr. Vicente da Fonseca por carta de 24 de Janeiro de 1569.

A' ilha de S. Sebastião chamavam os indigenas, segundo Hans Staden, *Meyembipe*; e á dos Alcatrazes *Uraritan*.

O morro e ponta de *Caruçu* chama-se hoje vulgarmente de *Cairuçú*, e já assim escreveram Vasconcellos (p. 286) e Fr. Gaspar da Madre de Deus (p. 17).

58. *Tamoio* quer dizer avô, ascendente, antepassado. Era o nome com que os indigenas de S. Vicente designavam os d'esta provincia fluminense, o que comprova as nossas fortes conjecturas de que a emigração tupica marchou do norte para o sul. Os Tamoios chamavam-se a si Tupinambás, segundo Staden; e aos visinhos do sul apellidavam os *Temiminós*, isto é, seus—netos—ou descendentes.

59. A ilha da barra do porto de S. Vicente, que Soares diz parecer moela de gallinha, chama-se ainda hoje *da Moela*.

Os—Esquertes de Flandres—eram uma familia flamenga que se estabeleceu em S. Vicente. Um dos individuos chamava-se Erasmo Esquert, segundo Pedro Taques.

60. Martim Affonso recebeu cem leguas de costa por doação, e não cincoenta; e ainda assim a sua capitania sahiu uma das mais pequenas em braças quadradas. Esse grande capitão não voltou a S. Vicente depois de ser donatario; mandou sim providencias, lugar-tenentes, etc.

61. Tão pouco nos consta que Pero Lopes voltasse mais ao Brazil depois de ser aqui donatario, e temos quasi certeza que não.

62. E' sem verdade que Soares afirma que não havia n'outro tempo formigas em S. Paulo. Já Anchieta dá d'ellas conta. E S. Paulo é desgraçadamente terra proverbial quanta ás tanajuras, ás suúbas e ás tocas de copins.

63. Em vez de *Goaind* ou antes *Guaiand*, escreve Staden *Wayganna*.

64. Ilha *Branca* é talvez adulteração de ilha do *Abrigo*, que é a mesma, fronteira á ponta do padrão, de que no capitulo seguinte se trata.

65. O Cabo do Padrão chama-se hoje Ponta de *Itaquaruçá*. Segundo o exame que ahi fizemos pessoalmente em Janeiro de 1841 esse padrão ou padrões (pois existem tres iguaes) foram ahi postos por ordem de Martim Affonso, cuja armada (segundo P. Lopes) se demorou 44 dias no visinho

Digitized by Google

porto da Cananéa. O leitor póde consultar o que ponderamos a tal respeito no Tom. 5.º da 2.ª Serie da *Revista* do Instituto pag. 375.

66. A bahia das *Seis Ilhas* é naturalmente a enseada formada pelo rio Tajay.

67. O nome de ilha de Santa Catharina foi dado pelos castelhanos da armada de Loaysa. Antes chamavam-lhe *Ilha dos Patos*, e já lemos que os indigenas a denominavam *Xerimerim*.

68. Diz aqui Soares que a linguagem dos Carijós é differente da de seus visinhos; mas isso não se deve entender mui restrictamente; porquanto no çapitulo 63 assevera que com elles se entendem os Guaianás.

69. O nome de Porto de D. Rodrigo proveio de ahi ter estado o infeliz D. Rodrigo da Cunha, que tão tristes episodios passou n'esta costa.

70. Porto da *Alagôa* é o da *Laguna*. Não sabemos se a adulteração veio da penna do autor, ou se a causou algum copista que não quiz admittir em sua cópia aquellas palavras hespanholadas.

71. Chama-se aqui rio de Martim Affonso ao Mampituba; mas entenda-se que não foi n'este rio, mas sim no pequeno Chuim que aquelle capitão naufragou, o que se deduz da leitura attenta do Diario de P. Lopes. — A' lagôa dos Patos chamavam alguns antigos de *Tibiquera* ou — dos cemiterios — talvez em virtude de alguns dos indigenas que ainda hoje por ali se encontram, segundo nos assegura o Sr. conselheiro Baptista de Oliveira.

72. Nas ultimas linhas d'este capitulo 72 confirma Soares a geral opinião de que os indigenas de toda esta costa, ainda quando vivendo a grandes distancias uns dos outros, « são todos uns e tem quasi uma vida e costumes. » — De expressões quasi identicas se serve o seu contemporaneo Pedro de Magalhães Gandavo, o amigo de Camões.

73. Monte de Santo Ovidio é o conhecido cerro da bahia de Montevidéo, a que Pero Lopes quiz infructuosamente chamar — monte de S. Pedro.

74. O texto da Academia arruma, com manifesto erro, o Cabo das Correntes em 36° de latitude S.; outros textos que seguimos dão 39°; mas cremos que houve n'este numero tambem engano, e que Soares poria com os pilotos do tempo o cabo em 38°.

75. O texto da Academia põe a sahida de Thomé de Souza de Lisbôa a 1 de Fevereiro e não a 2, como os mais codices.

Digitized by Google

76. Volve Soares a occupar-se do celebre Caramurú, a cujo assumpto parece que dedicava certa predilecção. As noticias são ainda mais minuciosas que as que chamaram nossa attenção no com. 28.

77. O primeiro assento da povoação da cidade era proximo á barra, e segundo a tradição onde hoje está o bairro da Victoria.

78. A's sabias providencias da metropole em favor da colonisação da Bahia deveu talvez Portugal a conservação de todo o Brazil, segundo melhor desenvolveremos em outro lugar.

79. No texto da Academia se dão mais as seguintes informações ácerca do governador D. Duarte: « fidalgo muito illustre, filho de D. Alvaro da Costa, embaixador d'el-rei D. Manoel ao imperador Carlos V. » — Não as admittimos por não se acharem nos melhores codices.

80. A explicação de — Porto Seguro até o cabo Santo Agostinho — com que conclue o 1.° § não se contém no texto academico.

81. Ao lermos esta parte da descripção da cidade, quando aportamos na Bahia em principio de Maio d'este anno, quasi que acompanhavamos o autor passo a passo; tanta verdade ha em sua descripção.

82. Quasi no fim do capitulo em vez de — capellães da misericordia ou dos *engenhos* — diz incorretamente o texto da Academia — capellães da misericordia ou dos *engeitados*. —

83. A respeito do collegio dos padres da Companhia na Bahia parece-nos que o leitor levará a bem que lhe demos aqui outra descripção; ainda quando não seja senão para lhe fazer constar a existencia de um curioso livrinho como é a obra do P. Fernão Cardim, que imprimimos em 1847. Diz este escriptor em 1585: « Os padres tem aqui collegio novo quasi acabado, é uma quadra formosa com boa capella, livraria e alguns treze cubiculos, os mais d'elles tem as janellas para o mar; o edificio é todo de pedra e cal destra, que é tão boa como a de pedra de Portugal os cubiculos são grandes, os portaes de pedra, as portas de angelim forradas de cedro; das janellas descobrimos grande parte da Bahia, e vimos os cardumes dos peixes e balêas andar saltando n'agua, os navios estarem tão perto que quasi ficam á falla; a igreja é capaz bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e rôxo, veludo verde e carmesim,

Digitized by Google

todos com tela de ouro, tem uma cruz e thuribulo de prata, etc...

A cerca é mui grande, bate o mar n'ella, por dentro se vão os padres embarcar, tem uma fonte perenne de boa agua com seu tanque, aonde se vão recrear; está cheia de arvores de espinhos, etc....»

84. Corrigimos *hortas* onde no fim do capitulo dizia *outras* o texto academico; e tambem segundo a lição dos melhores codices dizemos *vinte religiosos*, em vez de *doze*.

85. Tambem aqui seguimos os melhores codices, escrevendo Sua Magestade duas vezes e não Sua Alteza.

86. Este capitulo foi bastante retocado á vista das copias mais dignas de fé, como o leitor póde deduzir pela confrontação. A observação de Soares de melhorarem de sabor e aroma os vinhos fortes que passam a linha é hoje tão admittida como é verdade que da Europa se mandam vinhos a viajar através da zona torrida, só para os beneficiar.

87. Na ante-penultima linha do § 1.º do capitulo 13 dizia erradamente o primitivo texto — por civilidade —, em vez de — possibilidade — como escrevemos.

88. Chamamos a attenção do leitor sobre a relação de 1 : 2 : 3 : entre as classes dos defensores da Bahia em 1587; a saber: dois mil colonos europeus, quatro mil africanos, e seis mil indios civilisados.

89. O nosso autor que tanto enthusiasmo e predileção mostra pelo Brazil, não contente com o haver dito no proemio que este estado era «capaz para se edificar n'elle um grande imperio» — repete esta sua aspiração á nossa independencia e nacionalidade dizendo n'este capitulo que já D. João III, com mais alguns annos de vida, podéra ter aqui edificado «um dos mais notaveis reinos do mundo.»

É sabida a anecdota referida pelo autor dos *Dialogos das grandezas do Brazil* (obra escripta no seculo de seiscentos) da profecia do astrologo, que, ao chegar a Lisboa a nova do descobrimento da terra da Vera Cruz, vaticinou que havia ella de ser abrigo e amparo da metropole. Depois da acclamação de D. João IV tratou a Hespanha de lhe ceder o Brazil, e tornar a reunir a si Portugal; o que se teria realisado se a França não se mettesse de permeio. O marquez de Pombal ideou trazer ao Pará a sede da monarchia; depois d'elle o poeta Alvarenga convocava para o Brazil a rainha Maria I (*Florilegio da poesia brazileira*, T. 2.º, pag. 370) e o alferes Lisbôa (em 1804) desejava que em Minas

Digitized by Google

o principe D. João fosse estabelecer seu imperio (*Florilegio*, pag. 574). — Estes factos pelo menos são curiosos.

90. Na doação da ilha de Taparica, ou Itaparica como agora se diz, se comprehendia a de Tamarantiba. Receberam ambas foral em 1556.

91. Onde se diz — da parte do Padrão — parece-nos que houve salto de uma palavra e se deve entender — da parte da ponta do Padrão.

92. A ilha de Maré de que se faz aqui menção é a mesma que inspirou o poeta bahiano Manuel Botelho de Oliveira que tão bellamente a descreveu na sua *Musica do Parnaso* (Lisbôa 1705, pag. 127). — Essa bonita composição foi reproduzida no *Florilegio*, Tom. 1.° pag. 134

93. O texto da Academia contém depois da palavra Pirajá do 3.° § d'este capitulo, as seguintes linhas que não encontramos nos melhores codices, e devemos julgar introduzidas por curiosos: « Esta enseada tem na barra de fundo duas braças de preamar; cabem até 80 navios de força, os quaes entram descarregados e hão de sahir na mesma fórma. Tem na boca duas fortificações, uma maior de uma banda, e outra mais pequena da outra. »

94. O texto a que nos temos referido trazia — Alteza — onde outra vez admittimos — Magestade. —

95. Diz o mesmo texto — *Ponta do Toque* em vez de *P. do Toque-toque* — como sabemos que se chama.

96. *Aratú* lemos n'um dos codices, e admittimos a lição, ao saber que havia por alli um engenho com tal nome; o que se não dá segundo nos asseveram varios Bahianos entendidos com o nome *Utum* do texto academico. — *Otuim* e *Utuim* se lê porém em alguns manuscriptos. — No texto mencionado lê-se tambem *Curnuibão* em vez de *Carnaibuçú* ou *Carnaybuçú* como lemos no J. de Coimbra n. 86 pag. 67.

No mesmo texto se lê ainda erradamente *Sacarecanga* e *Pitanga*, em vez de *Jacarecanga* e *Pelinga*.

97. A palavra *Tayaçupina* a que puzemos um ponto de interrogação não nos foi possivel decifrar adequadamente.

98. *Caîpe* ou *Cahype* quer dizer o — esteiro do mato. — Tratando do engenho de Antonio da Costa, lê-se no texto d'Academia depois da frase — que está muito bem acabado — as seguintes palavras — evidentemente anachronicas para o livro de Soares: « que depois foi de Estevão de Brito Freire, que Deus perdoe, e fez outro engenho por nome S. Tiago, bem no fim de Pernamerim, para a banda da fre-

Digitized by Google

guezia Tamarari de agua das melhores que hoje no Brazil ha.»—De Itapitanga volve a occupar-se o autor no cap. 187.

99. Notam-se grandes variantes entre o nosso texto e o d'Academia. Além de linhas que lá faltam, leram-se errados os bem conhecidos nomes *Paraguaçú*, *Marapê*, *Acúm*, *Cajaîba* e *Tamararî*. Farreirey foi erro que escapou ainda no nosso texto: lêa-se Tareiry.

100. No mesmo texto academico lê-se Antonio Penella e Rodrigo Muniz, em vez de Antonio Peneda e Rodrigues Martins, como encontramos nos codices mais dignos de credito.

101. Aqui temos um novo rio de *Igaraçú*, o que prova que habitualmente alli chegavam, como fica dito (com. 15), as náos dos Europeus.

102. *Pujuca* é o nome que dá o nosso texto á ribeira que, entre outros, o da Academia escreveu *Puinqua*.

103. O rio *Irajuhi* é o que hoje se diz *Pirajuhia*. No texto da Academia encontram-se *Irayaha*, o que procedeu naturalmente de má leitura do copista.

104. *Jiquriçá* é o nome que hoje se dá ao rio que Soares designa por *Jequeirijape*.

105. Conclue Soares com a sua minuciosa descripção de todos os Reconcavos da Bahia cuja extensão, sem metter os rios d'agua doce, avalia em 53 leguas; e n'essa extensão conta 39 ilhas além de 16 do interior dos rios. A topographia do Reconcavo ainda até hoje não teve melhor, nem mais exacto alumno.

106. São curiosas as notas estatisticas da Bahia (em 1587), e permitta-se que as recapitulemos: 36 engenhos, que exportavam annualmente para cima de 120 mil arrobas d'assucar; 62 igrejas, entrando 16 freguezias, e 3 mosteiros e 1400 barcos de remo.

107. Algumas variações encontrará o leitor no nosso texto, graças á confrontação de tantos codices. As primeiras eguas valiam a 60$ rs. e ficaram depois a 12$; e não eram a 100 e ficaram a 20$; os cavallos que por negocio se levavam embarcados a Pernambuco eram lá pagos a 200 e 300 cruzados, e não a 20 e a 30, o que quasi equivalia aos preços da Bahia, etc.

108. No exemplar da Academia diz-se (pag. 135) á cerca das plantas de sócca — « que são as que rebentam e brotam das primeiras cortadas »— Foi por certo explicação de algum copista animado de excesso de zelo.

109. No ultimo §, tratando-se dos inhames trazidos das

Digitized by Google

ilhas de Africa, vem no texto d'Academia, em vez d'aquelle nome, o de taiobas, que é nome indigeno, e não se encontra nos mais codices; mas sim inhames.

110. Hortaliças que já se cultivavam na Bahia em tempo de Soares, e por este apontadas no capitulo 36 :—Cucumis sativus—Cucurbita pepo—C. citrullus—Sinapis nigra—Brassica napus—Raphanus sativus—Brassica oleracea crispa—B. o. murciana—Lactuca sativa—Coriandrum sativum—Anethum graveolens—A. fœniculum—Apium petroselinum—Mentha sativa—Allium cepa—Allium sativum—Solanum melongena—Plantago—Mentha pulegium—Sisymbrium nasturtium—Ocimum minimum—O. basilicum—Amaranthus blitum—Portulaca oleracea—Cichoneum endivia—Lipidium sativum—Daucus carota—Beta vulgaris—Spinacea oleracea, &c.—

111. Não respondemos pela devida exactidão na orthographia dos nomes das especies de mandioca apontados no capitulo 37.—No texto academico vem differentemente, e Marcgraf e Vasconcellos trazem outras denominações. O mesmo faz José Rodrigues de Mello, que escreveu em verso latino o melhor tratado que conhecemos á cerca d'esta raiz alimenticia; este tratado em dois cantos foi traduzido pelo Sr. Santos Reis, e publicado na Bahia, com outras composições analogas, em um tomo com o adequado titulo de *Georgica Brasileira*.

112. A tapioca de que Soares trata era preparada um pouco differentemente da que hoje se usa no commercio.—Este nome e o da mandioca são puros guaranis; e foram ambos adoptados pela Europa, como tantos outros nossos indigenas, segundo iremos vendo.—

113. Não deixou Rodrigues de Mello de escrever com elegancia ácerca das propriedades venenosas do sumo da mandioca crua :

Fac procul hinc habeas armenta, omnemque volucrum
Atilium gentem, positos neque tangere succos
Permittas: namque illa quidem niveoque colore
Innataque trahit pecudes dulcedine captas
Potio; mortiferum tamen insidiosa venenum
Continet: et fibris ubi pestem hausere, furore
Huc illuc actae pecudes per prata feruntur,
Et gyros agitant crebros, &c.

Digitized by Google

114. A pronunciação *tipeti* ou aportuguesadamente *tipitim*, temol-a por mais conforme á dos indigenas do que a de *tapeti, tapetim*, etc. Moraes adoptou aquella primeira; mas esta ultima parece-nos mais euphonica. — *Urupéma* (segundo o Dicc. Braz., pag. 27) era qualquer crivo: a orthographia de Soares é a seguida por Moraes.—Ha porém quem escreva *gurupema* (Cunha Mattos), *gurupemba* (Mem. da Acad de Lisbôa, Tom. 7.°), *goropêma* (João Daniel, P. 5.ª, p. 24) e *oropêma* (Antonil, p. 117 da 1.ª Ed.)

115. Quæ succo nocuit radxi, feret ipsa salutem
Jam prælo domita elicitoque innoxia succo

diz Rodrigues de Mello a respeito da *carimã*.

116. As palavras—algumas jornadas—no principio do capitulo faltam no texto academico.

117. E' curiosa a variedade de orthographia com que se tem escripto o nome que adoptamos dos indigenas para a planta de raiz amylacea que Pohl denominou *Manihot Aypi*, seguindo para esta denominação da especie a orthographia de Lery (p. 135 da edição da Rochelle de 1578), do *Tesoro Guarani*, de Martinière (T. 1.°, p. 120), que adoptaram Denis e St. Hilaire; Vasconcellos tambem uma vez assim escreve (not. 140), bem que em geral seja n'isso irregular (V. liv. 1.°, not. 71, 73 e 74).—Soares com o seu contemporaneo Gandavo (fl. 16 da ed. 1576), parece ter preferido a mais aportuguesada de *aipim*, seguida por Antonil (pag. 69), por Vandelli, alferes Lisbôa, Rebello (pag. 110) e os viajantes Spix e Martius (T. 2.°, pag. 526). Botelho de Oliveira escreveu *aypim* (*Floril.* pag. 142), e Cazal (I, 115) igualmente; Marcgraf *aipii*, e assim se lê no *Coro das Musas* (T. 1.°, pag. 143), e nos diccionarios portuguezes, que tambem dão *impim*. O autor do Caramurú (C. 4.°, est. 19) escreveu *aipi*.

Esperamos que o leitor nos desculpe a digressão que fizemos sobre esta palavra, ácerca da qual desejavamos que se assentasse em uma orthographia. Apezar da preferencia que já a sciencia deu a *aypi*, nós em linguagem prefeririamos, com os classicos Gandavo e Soares, *aipim*.

118. No capitulo 44 descreve Soares varios *Convolvulus*, a *Dioscorea saliva*, o *Caladium sagittifolium* (Vent.), e talvez o *C. Poecile* de Schott.

119. Ao *Zea Mais* L. se diz no texto que chamavam os

Digitized by Google

indios *ubatim* : cremos que diria Soares *abatim* ; pois *abaty* e *avaty* encontramos em muitos autores.

120. Abbeville (fl. 229) refere que os indigenas do Maranhão chamavam ás favas *comandá*, e o P. Luiz Figueira na sua grammatica da lingua geral (pag. 87 da 4.ª ed.) dá o mesmo significado.

121. A' conhecida planta leguminosa *Arachis hypogœa* L. chama Soares, á portugueza, *amendoî*, como se proviesse de amendoa. O nome é degenerado do *mandubi* ou *manduí* indigena. Abbeville escreveu (fl. 226 v.) *mandouy*. Em Hespanha chamam-lhe *avellanas* (avelãs) *americanas*.

122. No capitulo 48 trata Soares das pimentas que dão varias solaneas capsicinas do Brazil, das quaes não se esqueceu de tratar Fingerhuth na sua monographia imp. em 1832.— Cremos que o nosso autor menciona successivamente o *Capsicum cerasiforme*, *cordiforme*, *baccatum*, *longum* e *frutescens*.— Montoya (*Arte y Bocab.* p. 141) chama á pimenta *quîyi* ; o Dicc. braz. *kyynha* ; Monteiro de Carvalho, com Piso, *quiya*.

Jukiray quer dizer — molho de sal — *jukyra* sal (Dicc. braz. p. 70), e *ay* molho (id. p. 52).

No codice da Bib. Portuense ($\frac{1919}{6}$) lê-se mais no fim d'este capitulo o seguinte : —

« Ha outra casca de pimenta a que chamam *Cuîmerim*, por ser mais pequena que todas ; da qual se usa como da demais e tem as mesmas qualidades, cuja arvore é pequena. — Ha outra pimenta a que chamam *Cuiepiá*, que na feição é mais redonda e pequena da qual se usa como das mais e tem as mesmas qualidades, cuja arvore não é grande.—

« Ha outra pimenta a que chamam *Cuiepupuna* do tamanho de um gravanço muito redondo. Esta em verde é muito preta e depois de madura faz-se vermelha, e queima a seis palmos, e dá fruta em todo o anno : todas estas pimentas são cheias por dentro de umas sementes brancas da feição da semente de mastruços, que queima mais que a casca, e d'ellas nascem as pimenteiras quando as semeam.—

« E já que dissemos das pimentas que queimam, digamos agora das que o não fazem e que são muito doces, uma das quaes se chama *Saropó* que é tamanha como uma avelã, a qual como é madura se faz vermelha, e de toda a maneira é muito doce, cuja arvore é de cinco a seis palmos, e dá todo o anno novidade : estas pimentas se fazem em conserva em assucar.—

Digitized by Google

« A outra casta a que chamam *Ayo*, que é da feição de uma bolota, e do seu tamanho, a qual se faz vermelha como é madura, e sempre é muito doce, a qual se faz tambem em conserva em assucar e se faz arvore grande, que em todo o anno dá fruto.

« Não é bem que se faça pouca conta da pimenta do Brazil, porque é muito boa e não tem outro mal que queimar mais que a da India, e quem muito a tem em costume folga mais com ella, e acha-lhe mais gosto que á da India, da qual por esse respeito se gasta pouca no Brazil, onde os Francezes vão buscar a natural da terra, porque da casca vermelha se aproveitam nas tintas da mesma côr, e se quando vão resgatar a esta costa achassem muita d'ella, estimal-a-iam muito mais que o páo brazil; e das sementes de dentro se aproveitam pisando-a bem e lançando por cima das pimentas da India, com o que a refinam e abatem: ainda que se faz este beneficio a esta pimenta, poderá entrar em Hespanha muita somma, se S. Magestade dera licença para isso: de tal massa é esta terra da Bahia, que se lhe lançarem a semente do cravo o dará, como noz moscada, que tem o sabor d'ella, e dá outras arvores que dão canella: se for á terra quem a saiba beneficiar será como a de Ceilão, de que se dirá adiante.»

123. Soares dá noticia de mais especies de anacardios do que as conhecidas dos naturalistas; mas no sertão vimos nós ainda uma especie (talvez genero) mas cuja planta é rasteira. O cajú oriental é descripto pelo conhecido botanico portuguez Loureiro, na *Flora Cochinchinensis* (Ed. 1790 II, 248; e Berlim 1793 p. 304).

A palavra *calinga* no sentido de mato carrasquento ou charneca de moutas e matagaes é de origem indigena e deriva de *ca* e *tinga*, mato brancacento. Catinga no sentido de máu cheiro, se não derivou d'esta mesma accepção, deve ser voz africana.

124. D'este capitulo parece deduzir-se que já antes da introducção no Brazil das bananas da Africa e da Asia, havia na terra pelo menos duas especies de pacobas: grandes e pequenas.

125. *Mamão* (Carica Papaya L.) não é fructa indigena do Brazil: porém outro tanto não succede á papayacea *jaracatiá* a que o nosso Velloso chamou (*Flora Flum.*) *Carica dodecaphylla*.

126. As arvores fructiferas indigenas com que se occupa

Digitized by Google

Soares no capitulo 52 (*) estão hoje quasi todas conhecidas e descriptas pelos naturalistas. A *mangaba* é a *Hancornia speciosa* de Gomes; os *araçás* pertencem, bem como as guaiabas, ao genero *Psidium*; o *araticú* é uma *Anona*: vem depois o *abajerú* (Abbeville fol. 224 escreve *Ouagirou*) que parece um *Chrysobalanus*; segue talvez a rosacea *Rubus idaeus* ou *occidentalis* (Velloso V. est. 81 e 82); notamos depois entre outras a *Byrsonima Crisophylla* de Kunth; a *Vitex Tarumã* e *Ingá edulis* de Martius; a *Spondias myrobalanus* de Velloso (Flora Flum. IV, est. 185); a *Moronobea esculenta* d'Arruda ou *Platonia excelsa* de Martius, o *Caryocar Pequi*, etc. Tudo isto salvo engano.—

O ambú, imbú, ombú ou umbú (que para todas as orthographias ha autoridades) é a notavel planta que o nosso Arruda (Discurso dos jardins) denominou *Spondias tuberosa*.

128. Das fructas do sertão da Bahia que Soares reune no cap. 54 ha menos conhecimento. Trata-se de um *Lecythis*, segue-se talvez uma planta rhisobolacea, outra apocynea (talvez outra cariocar), um *Genipa*, e o conhecido *oyty* de que Arruda fez o novo genero *Pleragina*. Cazal (II 60) escreve *goyty*, Vasconcellos (II, 87) *gutti*, Abbeville *ouity*.— Este capitulo necessita mais estudo.

129. Para melhor se identificar o leitor com a synonimia das palmeiras remettemo-lo ao exame da magnifica monographia d'esta familia do celebre Martius, — precedendo a elle, se for possivel, o conhecimento pratico das mesmas.

Nas *Reflexões criticas* enganámo-nos a tal respeito em varias de nossas conjecturas, feitas sem fudamento e só quasi inspiradas, como em outros lugares da secção 4.ª d'esse escripto, pelo desejo de acertar.

130. Bem conhecida é a passiflora *maracujá-açú*, com que se começa o capitulo das hervas fructiferas:—Não nos acontece outro tanto com a planta de que se trata depois, e que nos parece alguma *solanea*. Segue um *Cactus*, com nome indigeno por nós desconhecido, logo depois um *Astrocarium* e termina o capitulo em duas plantas bem conheci-

(*) Na presente edição deve attender-se á deslocação que por descuido typographico padeceram alguns periodos que devendo ir n'este capitulo depois do 1º § na pag. 182, passaram para as paginas 187, 188 e 189. Estes periodos perfazem quasi duas paginas e meia desde—Os araçazeiros—inclusive, até—Cambucá — exclusivamente.—N'estes commentarios nao demos consideração a essa deslocação accidental. Vej. a errata.

Digitized by Google

das; uma bromeliacea e um *Piper*, segundo cremos; talvez o *unguiculatum* de Ruiz e Pavon. No nosso texto se escrevem ellas *caraatá* e *nhamby*. Esta ultima palavra escreve Piso e a Pharmacopea Tubalense *nhambi*. Quanto áquella, Vasconcellos (II, not. 70) diz *caragoatá*; Antonil (p. 113) *caravatá*; Piso e Brotero *caraguatá*; Bluteau *caragoatá* e tambem *caroatá*; Fr. Antonio do Rosario *caraatá* e Moraes *carahuatá*; mas hoje mais geralmente em quasi todas as nossas provincias se adoptou *gravatá*.

131. O ananaz offerece exemplo de mais uma palavra indigena nossa que passou ás linguas da Europa, e á linguagem das sciencias, depois que Thunberg formou o genero Ananassa. Vamos registando estes factos para decidir se para nós a lingua guarani é ou não digna, a par da grega, de ser cultivada como lingua sabia, necessaria para dar esclarecimentos não só na ethnographia e na botanica, como nos differentes ramos da zoologia. Só na botanica, além do mencionado genero *Ananassa*, temos com nomes brazileiros os generos (não fallando nas especies) *Andira*, *Apeiba*, *Jacarandá*, *Icica* e *Ingá*.

132. A cabureiba está hoje designada como *Miroxylon Cabriuva*. Não sabemos qual especie de copaifera é mais geral na Bahia, á qual se referia Soares. As virtudes do seu oleo foram já em 1694 apregoadas pelo Dr. João Ferreyra da Rosa no tratado da *Constituição Pestilencial de Pernambuco*, pags. 51 a 56.

133. *Embaiba* (ou segundo outras orthographias *embauba*, *imbaïba*, *ambaiba* e *ambayva*) é a conhecida Cecropia, arvore urticacea de cujas folhas se alimenta a preguiça (animal, se entende). Quanto ás *caraobas*, os indigenas davam este nome a varias plantas bignoniaceas, e não nos é facil acertar quaes d'ellas são as duas de que se occupa Soares, bem que imaginemos a primeira a da estampa 50 da Flora de Velloso, e em tal caso é a que Martius classificou como *Cybistax antisyphilitica*.

134. A arvore da almecega ou *icica* (*ygcyxa* no Dicc. Braz.) é do genero que Aublet designou com o proprio nome guianense (e que tambem é nosso) de Icica. — *Corneïba* é a *Schinus aroeira*, de Velloso; *Geneüna* é uma Cassia, não nos é facil saber qual; — *cuipeüna* parece um Myrtus; seguem dous cipós leguminosos; e o conhecido *Rhizophora mangle*, L., ou mangue vermelho.

135. As plantas descriptas no capitulo 61 são todas de uso commum e por isso mui conhecidas; vem a ser: a

Digitized by Google

nicociana, o ricino ou mamona, a batata de purga ou jalapa *(jeticuçú)* e a rubiacea ipecacuanha, que o nosso autor escreve *pecacuem*, e os antigos jesuitas *ipecacoaya*, d'onde derivou o nome *poaya*, que muitos lhe dão. Ao tabaco chama Soares *petume;* segundo Montoya (Voc. pag. 203), dizia-se em Guarani *petyma*, ou como traz o Dicc. Braz. *pytyma*. Damião de Goes (Chron. de D. Manuel P. 1.ª cap. 56) e com elle Balthazar Telles (Chron. da Comp. de Jesus P. 1 ª Liv. 3.º cap. 3.º pag. 442) chamam-lhe *betum*. O chronista do rei D. Manuel narra como essa planta foi levada á Europa por seu irmão Luiz de Góes, que ao depois foi jesuita, e de quem nenhum botanico tem feito caso até hoje, apezar do serviço que fez, muito maior do que Nicot. As minuciosas informações sobre o como se fumava são hoje mui curiosa prolixidade, por isso mesmo que todos sabem o que é *beber fumo*, como Soares chama ao fumar.

136. *Manyú* deve entender-se o nome indigena do algodoeiro *(Gossypium vitifolium* de Lam.).— O Dicc. Braz. diz *amanyú*, e Montoya (pag. 151) *Amandiyú:* — em Abbeville (fol. 226 v.) lemos *amonyiou*.— A *Lantana Camará* é hoje conhecida por toda a parte: *ubá* ou taboca é o *Ginerium sacharoides* de Kunth: Não sabemos se ha engano na palavra *jaborandi* ou na ultima *jaborandiba*, quando nos diz o autor que o nome dado pelos indigenas ás duas plantas era o mesmo: o ultimo é evidentemente o *Piper jaborandi* de Velloso. Não afiançamos a correcção orthographica em *caapiam;* deveria talvez ler-se, com Piso, *caaopiá*, planta do genero que Vandelli denominou *Vismia*, em honra do seu amigo Mr. de Visme.

137. Aos fedegosos *(Cassia sericea*, Sw.*)* chamavam os jesuitas *tareroguy*, d'onde se póde vêr que não haverá erro no nosso texto em *tararucú*; bem que nos inclinemos mais á desinencia em *quy*, e seriamos de opinião que a preferissemos para a nossa lingua em todos os casos identicos; pois até parece que os muitos *uu* tornam a linguagem tristonha. Para reduzir as outras plantas, apezar de terem algumas nomes conhecidos, até na botanica, encontramos contrariedades, as quaes todas só poderá aplanar algum naturalista que se ache na provincia em que o autor vivia.

138. O cedro chamado *acayacá* pelos indigenas (Dicc. Braz. pag. 23) é segundo se nos assegura do genero Cedrela.

139. Não respondemos pela correcção do nome da segunda arvore que o nosso texto chama *Guaparaiva*, e menos

Digitized by Google

ainda pela do da Academia *quoapaijú*; pois nem sabemos o que seja. Da *jutaipeba* propoz-se Balthazar Lisboa a fazer um novo genero com o nome de *Jatahypeba valenciana*.

140. Tambem quiz o mesmo Balthazar crear um novo genero com o nome de *Massaranduba*, talvez sem saber se esta sapotacea, embora no Brazil scientificamente desconhecida então, não pertencia a algum velho genero.—Para se classificar de novo na botanica é necessario ter sobretudo muita erudição dos escriptos da sciencia: muitos generos se contam hoje que se hão pouco a pouco ir reduzindo a especies de outros. Quanto ás especies, principalmente na America, onde as physionomias naturaes tem tanta semelhança umas com outras, apezar das distancias, estamos persuadido que mais de metade d'ellas se verão reduzidas a simples variedades, quando haja viajantes naturalistas que percorram todo este continente, e tratem de harmonisar os trabalhos dispersos de tantos, cada qual a querer-se fazer celebre e aos seus protectores.—Um classificador de plantas deve ser exclusivamente botanico.

Segundo o nosso texto chamavam os Indios *andurababaparí* ao angelim, que Piso chama *Andira Ibacariba*, e Martius reduziu sob o titulo de *Andira rosea*. A palavra *andira* faz crer que alguma cousa tinham os morcegos que ver com esta arvore.

O codice academico diz *andurababajari*,e o coronel Carlos Julião (ult. num. do *Patriota* p. 98) o teria visto em manuscripto. No Dicc. Braz. (pag. 12) chama-se-lhe *Pobúra*.—Arruda tinha denominado o angelim *Skolemora pernambucensis*. Lamarck havia já proposto o genero Andira, de que é synonimo o Geoffroya de Jacquin.

O gequitibá não sabemos que esteja reduzido. Ubiraem é naturalmente o burayén de Antonil (p. 57), que o Sr. Riedel classificou como *Crysophyllum Buranhem*.— Sepepira é a sicopira (assim escreve Moraes): talvez a mesma que Balthazar queria designar com o nome de *Joanesia Magestas*.—Antonil (p. 51, 56 56) escreve sapupîra, e o autor do poema Caramurú supopira. A *Bowdichia major* de Martius é uma sicopira; a *Urucurana* do Rio de Janeiro foi reduzida pelo Sr. Dr. Freire Alemão a um genero novo a que deu o nome de *Hyeronima alchorneoides*. Não sabemos se a da Bahia é differente.

141. Antonil (p. 57) escreve *Camassarí* e Cazal *camaçarí*. — O autor pondera mais adiante (cap. 191) o valor d'esta

Digitized by Google

arvore, da qual seria facil extrahir alcatrão.—Guanandî é talvez uma clusiacea, e poderá ser a mesma *Moronobea coccinea* que encontrou Aublet na Guiana franceza.

142. Das arvores que dão embira mencionadas no capitulo 68 é mais conhecida a que Velloso IX est. 127) designou por *Xylopia muricata*.

143. Das madeiras de lei de que n'este commentario cabe tratar, só nos consta que estejam classificadas a do páo ferro, e a que Soares diz ubirauna, se é a braúna vulgar (*Melanoxylon Brauna* de Schott).—*Ubira-una* significa madeira preta e *ubira-piroca* madeira cascuda ou escamosa.

144. *Tatagiba* ou antes *Tatajuba* (*juba* significa amarello) é a *Broussonetia tinctoria*, Mart.; — Sereíba a *Avicennia nitida*, L.; e a terceira arvore, cujo nome não podemos ainda justificar, é a *Laguncularia racemosa* de Gaertner.

145. A apeîba, com este mesmo nome, deu a sciencia um genero, na ordem natural das Tiliaceas. Aqui trata-se da *jangadeira* ou arvore das jangadas, que Arruda appellidou *A. cimbalaria*.—Sobre as outras arvores não nos atrevemos a fazer reflexões sem mais conhecimento especial d'ellas: deixamos essa tarefa para os que forem botanicos de profissão; o fim d'este commentario é outro, e ainda quando estudassemos toda a vida as sciencias que abrange hoje o livro de Soares, em alguns pontos deixariamos de ser juizes competentes. O nome da arvòre com que começa o capitulo deveria etymologicamente talvez ser *Catanimbúca*, isto é, páo de cinza.

Uoiragára quer dizer arvore de canôas.—Cremos que seja a figueira do mato ou gameleira (*Ficus doliaria*, Mart.)— Se soubermos algum dia a lingua tupí ou guaraní, e estudarmos bem os seus nomes de arvores, animaes, etc., acharemos que todos elles terão como este sua explicação das propriedades e usos dos respectivos objectos;— o que já advertimos com a palavra *andira* no com. 140.

146. *Carunje* parece-nos palavra adulterada. *Inhuibatan* escreve J. André Antonil (p. 57). *Jacarandá* é já um genero botanico creado por Jussieu; não sabemos se a elle pertence o de Soares.—*Mocetayba* escreve o jesuita Vasconcellos (II,80), e *messetaúba* Antonil (p. 56 e 57)—*Ubiratáya* é talvez a *ubiratahi* ou *uratahi* descripta por José Barbosa de Sá (fol. 361 v.), n'um extenso livro manuscripto do seculo passado, obra feita no sertão quasi com tantas informações filhas da propria observação do autor, como esta de Soares que ora commentamos. *Tangapemas* lemos em Vasconcellos

Digitized by Google

(II, n. 18). — Referimo-nos d'este jesuita quasi sempre ás *Noticias Curiosas*, que tiveram terceira edição no Rio de Janeiro em 1824, em um volume de 183 paginas de 4.°

147. *Ubiratinga* quer dizer madeira branca.

148. *Anêma* significa — cheirar mal — (Dicc. Braz. p. 40); de modo que *ubirarema* quer dizer — madeira fedorenta. — *Guararema* se lê no *Patriota* (III, 4.°, 8); outros dizem *ibirarema*.

149. A leguminosa de que primeiro se trata com o nome *comedoy* é naturalmente do genero Ormosia. — *Ara'icupana* (como diz o texto da Academia e vem em Moraes) é a *Annona palustris* L. — *Anhangákybába* seria mais correntemente a traducção de — pente do diabo. — Cuiê-yba, ou arvore das cuias é a conhecida *Crescentia Cujete* L. Da *jatuaiba* ou *jatuahiba* trata tambem Barbosa de Sá, fol. 365 v.

150. O timbó-cipó é a *Paullinia pinnata* de Linnêo; o cipó-embé o *Philodendron Imbé* de Schott (Velloso, Flora Flum. IX est. 109).

151. Tocum, segundo é sabido, é uma especie de Astrocarium.

152. A ave que Soares designa por aguia *Caburéaçú* é, pelos indicios que nos dá, a *Trachypetes Aquilus* de Spix. — *Nhandú* ou ema é a *Struthia Rhea* de Linnêo. — Abbeville (fol. 242) escreveu *Yandou*. — O *Tabuidid*, que Baena (Corogr. p. 100) diz *Tambuiaiá*, pela etymologia se julgaria um *Anser*, pois que *aiá* que dizer pato; mas a descripção conforma-se mais a que seja algum *Cassicus*.

153. O *Macucagoá* descripto por Soares não é o macuco vulgar: parece antes a *Perdix Capoeira* de Spix, e por conseguinte não *Tinamus*: — Abbeville escreve *macoucaoua*, e Staden *mackukawa* (P. 2.ª cap. 28). — O *motum* de Soares é exactamente o *Crax rubrirostris* de Spix (Av. II, Tab. 67). O *jacú* por elle descripto não nos parece nenhum dos gallinaceos classificados no genero *Penelope*; cujos nomes brazilicos para as especies *jacupema*, *jacutinga*, etc, a ornythologia já admittiu.

Tuiuiú é reconhecidamente o *Tantalus loculator* de Linêo. Em Cayena chamam porém *Touyouyou* á *Micteria americana*.

154. O *Canindé* de Soares é uma variedade da *Aratinga luteus* de Spix (Av. Tom. 1.° Tab. 16). Confronte-se tambem a descripção de Buffon (Hist. Nat. Tom. 7° p. 154 e 155, edic.

Digitized by Google

4.° gr.) — A *ardra* e *tocanos* são bem conhecidos. — *Embagadura*, entre os indigenas, era o punho da espada, segundo melhor se explica no capitulo 173.

155. *Uratinga (Ouira-tin* de Abbeville fol. 241), é a *Ardea egretta* de Linêo; *Upeca, Vpec* de Abbeville (fol. 242), *Ipecû* do Dic. Braz. (pag. 59), é ave do genero — Anas. — *Aguapeaçoca ou Piassoca* a *Palamedea cornuta* de Linêo; *Jabacatim* a ribeirinha que Moraes (no voc. — Papapeixe —) designou por *jaguacati*. Os *gariramas* são do genero *Tringa*. *Jacuaçú* é evidentemente a *Ardea Scolopacea* de Gmelin, para a qual Vieillot propoz o genero *Aramus*, havendo sido por Spix denominada *Rallus ardeoides*.

156. O *Nhambú* é conhecidamente o *Tinamus plumbeus* de Temnink. *Picaçú, parari, juriti* e *piquepeba* parecem as *Columbinas griseola, strepitans, caboclo e campestris* de Spix.

157. Papagaio é voz africana; era o nome dado em Guiné aos cinzentos, primeiros que se levaram a Portugal. O nome brazilico é *agerú* ou *ajurú* como admitte Moraes (Dicc. Port.) — Abbeville (fol. 234) escreveu *juruue*. — Assim *agerú-assú* (que outros escrevem *juru-assú*) significa papagaio grande, e *agerú-été* papagaio verdadeiro. O primeiro, bem como *corica* parecem antes do genero Ara. Thevet (fol. 93 das *Singul.*) escreveu *Aiouroub*. Tuim será um dos *Psitaculus gregarius* de Spix.—Soares escreveu com Gandavo maracaná; outros porém dizem *maracanã*. — Consulte-se Marcgraf (pag. 20); Johnston, Avi. pag. 142; Willugby, Ornithol. pag. 74, e Brisson, Ornithol. Tom. 4.°, pag. 202.

158. O capitulo 84 occupa-se de varias aves ribeirinhas; talvez da *Ardea garzetta* de Gmelin; da *Sterna magnirostris* de Spix; de uma *Procellaria*; da *Micteria americana*; de alguns *Ibis, Tringa*, etc.—*Socory* deve ser *Sócóboy* ou *Ardea Cocoi* de Lath. Em vez de *margui* lemos em uns codices *margusi*, e talvez se devesse ler *majuî* que é o nome dado ás andorinhas (Dicc. braz. p. 12).—*Pitahuãa* parece que se diz no Peregrino da America (p. 48) que era o *bem-tevi*; mas a descripção de *pitaoão* não se conforma.

159. *Urubû* é o *Vultur Jota* de C. Bonaparte: *cardcará* o *Polyborus vulgaris* de Vieillot: oacauoam o *Astur cachinnans* de Spix (Tom. 1.°, tab. 2.°)—*Urubutinga*, á vista da descripção não póde deixar de ser o *Cathartes Papa*, e impropriamente chamou Linnêo a uma aguia negra *Falco Urubutinga* quando esta ultima palavra quer dizer *urubú branco;* mas igual troca já se fez com a Ararauna. Difficil

Digitized by Google

será reduzir a especie de *Falco* ou *Milvius* de que trata o autor com tão pouca explicação.

160. A primeira e terceira aves parecem *Strix*. A segnnda cremos que será o *Trogon Curucui* de Levaillant.— Desculpe-se a Soares o occupar-se, a par d'estes, de um cheiroptero, seu companheiro de noite.—Quanto á orthographia dos nomes Souza Caldas escreveu (Canto das Aves) Jacorutú, e Abbeville em francez *Joucouroutou*.

161. *Uranhengatá* é o passarinho do Brazil que substitue no canto o canario e o pintasilgo. Gorinhatá escrevem alguns; e Nuno Marques Pereira, no Peregrino da America (Lisbôa, 1760 pag. 48), Guarinhatãa. Hoje diz-se Grunhatá (Cazal I, 84, e Rebello, Cor. da Bahia, 1829, pag. 56).— Parece o *Icterus citrinus* de Spix. *Sabiatinga* (que ainda hoje em algumas partes se chama *sabiá branco)* é o *Turdus Orpheus* de Spix. *Tié piranga* é o nosso mui conhecido tihé *(Tangara nigrogularis* de Spix)—*Gainambí* é o nome indigeno dos beija-flores, que hoje constituem varios generos; e *Ayayà* o da linda colheireira que Vieillot designou como *Platalea aiaia*. Jaçanã, pelo nome, deve ser do genero *Parra*; e n'este caso talvez a de que trata Soares seria encarnada por metamorphose que essa especie soffra, como acontece aos guarás *(Ibis ruber)*—Segue-se a *Tangara cœlestis* de Spix, e mais duas aves que tambem podem ser do mesmo genero, se alguma não é antes *Muscicapa* ou *Lanius*. A ultima ave é da familia psittacina.

162. Os passaros que melhor conhecemos, além do que primeiro tratou no cap. anterior, e torna a occupar-se, são: o *sabiácoca* ou *sabiá da praia*, que Spix denomina *Turdus rufiventer*, e do qual diz (pag. 69 do texto) ser « cantu melodico uti philomela europæa insignis »: e o *Querejua* ou *Crejoà* que é a *Ampelis Cotinga* de Linnêo.

163. *Nhapupé* é o *Tinamus rufescens* de Temnink. A *saracura* pertence ao genero *Rallus:* Spix descreve-a como *Galinula Saracura*. *Orú* é o *Trogon sulphureus* de Spix, e *Anú* (que Moraes diz *Anum*) o *Crotophaga Anî* de Linnêo. Segue-se a *Ardea Maguari* de Vieill, e talvez um *Tinamus*, varios *Turdus*; e conclue-se o capitulo com um trepador picapáu *(Picus)*, manifestamente o que Spix denominou *P. albirostris*, e que, segundo Cuvier julga, tem analogia com o *P. Martius* de Linnêo.

164. Occupa-se o autor de dar noticia geral dos orthopteros e lepidopteros. No Dicc. Braz. (pag. 42) lemos *tu-*

Digitized by Google

cuna, e em Abbeville (fol. 255 e 255 v.) *pananpanam* e *araraa*.

165. Seguem varios hymenopteros da familia mellifera. Da *canajuba* trata Baena (Corog. pag. 121) e da *copueruçú* Carvalho (cap. 351) e Piso (pag. 287), que tambem se occupa da *Taturama* (pag. 289).

166. Os outros da familia diptoptera de Latreille—e alguns dipteros, etc.—Abbeville escreve (para ser lido por Francezes) *Tururugoire* e *merou* ou *berou* por *terigóa* e *merú*.

167. Mais dipteros, um orthoptero e um coleoptero da familia dos longicornios de Latreille, ou cerambycios de Lamk.

168. *Tapir-eté* ou simplesmente *tapir* era o nome que davam os indigenas ao conhecido pachyderme *Tapir americanus*, que Buffon descreve no tomo undecimo de sua obra (Edic. de 4.°, pag. 444).—Os Castelhanos lhe chamaram *ante* e *danta*, e os Portuguezes *anta*, porque designavam a esse tempo com tal nome (derivado do arabigo que é semelhante) o bufalo *(Bos bub alus* de Lin.) que havia na Africa e no sul da Europa, e cujas pelles curtidas de côr amarella, que muito se empregavam nos vestuarios e armaduras no seculo 16, poderam substituir pelas do nosso tapir, com mais vantagem ao menos no preço. A resistencia das couras de anta á estocada era proverbial.

169. *Jaguareté* ou *jaguar verdadeiro* é a Felis onça de Linnêo.

170. Ha talvez engano em suppor um animal *Felis* habitador dos rios ou amphibio; no tamanho das prezas tambem deve haver engano; pois não podem ser de um palmo.

171. Julgamos mais acertado não querer reduzir sem bastante segurança as tres especies de cervos de que se occupa Soares; se bem que uma nos pareça o *C. rufus* de Cuvier, e outra o *C. tenuicornis* de Spix.

172. Occupa-se o autor do *tamanduá-açú* ou *Myrmecophaga jubata*. Segue-se talvez uma especie *aguarachai* ou *Canis Azaræ*; e depois o coaty, especie de *Nasua*, o maracaiá ou *Felis trigrina* e o *serigué* ou gambá, que no Rio da Prata chamam *micuré*, especie do *Didelphis* de Linnêo. Gandavo (fl. 22 v.) escreveu *cerigoês* e Vasconcellos (Liv. 2.°, not. 101) *çarigué*.— Ao bolso do abdomen chamavam os indigenas *tambeó*.

173, *Jaguarecaca* (talvez antes *jagualecaca*) diz Soares ter

Digitized by Google

sido o nome do conhecido *Mephitis fœda* de Ill., que Cazal (I., 64) designou por *Jaraticaca*.

174. Os pachydermes que se descrevem todos parecem *dicotyles* e nenhum *sus*. Deixemos a reducção das especies aos que tenham á vista bons exemplares adquiridos nas immediações da Bahia.— Os nomes nos manuscriptos não soffreram adulteração; mas hoje alguns variam em *caitetú*, *tayatitú* e *teririca*.

175. Poucas palavras terão soffrido entre nós mais variedade na orthographia do que a da *capivara*, que assim se pronuncia e escreve hoje quasi geralmente o nome do *Hydrochœrus Capibara* de Cuvier.

Os outros amphibios não podemos determinar só pelos nomes: um póde ser a *Mustela lutra brasiliensis*; os outros talvez *Viverras*.

176. Chama-se *Tatú-açú* ao *Tatú-aï* ou *Dasypus Unicinctus*: *tatú-bola* é o *D. tricinctus*; os dois ultimos parecem ambos da especie *D. novemcinctus*.

177. As pacas e cotias bem conhecidas são, assim do vulgo como dos naturalistas.— *Cotimerim* ou antes *Coatimerim* é o estimado *Caximguenguelé*, especie do genero *Sciurus*.

178. O capitulo 104 dá razão de cinco animaes da ordem dos quadrumanos, cada um de seu genero. O guigó é *Callitrix*; a guariba *Myceles*; os saguins da Bahia, *Jacchus*; os do Rio, *Midas*; e os anhangás ou diabos são evidentemente *Nocthora*.

179. Se o autor andou tão systematico no capitulo que acabamos de commentar, não succedeu assim no immediato, onde ajuntou varios animaes mui differentes: *Saviá* (ou talvez *Sauiá*) e seus compostos *S. tinga* e *S. coca*, são especies dos generos *Mus* e do *Kerodon* de Neuwied.— *Aperiás* são os *Preás* ou *Anœma Cobaia* L.: *Tapotim* é a *Lepus brasiliensis* de Gmelin; e *Jupati* um marsupial, provavelmente a denominada marmota (*Didelphis murina*).

180. Para não interrompermos o pouco que falta da classe dos mammiferos, não nos deteremos com largo exame no capitulo em que Soares dá noticia de alguns reptis do genero *Emys*, e talvez de mais algum da familia *chelonida*. O nome brazilico *jabuti* já está tambem consignado nos tratados da sciencia zoologica, e nos museus do Universo.

181. A preguiça (genero *Bradypus* de Lin.) é pelo jesuita

Digitized by Google

Vasconcellos denominada (Liv. 2.°, n. 100) *Aig.*—*Haût* dizia Thevet.

182. Não sabemos como entende Soares que *Jupará* ou antes *Jurupará* queira dizer noite. *Jurú* significa boca, e noite ou escuro traduz-se por *pyluna*. Sabemos que existe ainda nas nossas provincias do norte um animal d'aquelle nome, que se caça de noite, quando vem comer fruta em certas arvores, e que em algumas terras lhe chamam *jurupary*. Este nome quasi equivalia entre os indigenas ao de *anhangá*. Assim talvez o animal seja algum do genero *Nocthora* (com. 178). O *cuandú*, *cuim* e *queiroá* são especies de *Hystrix*.

183. Enceta-se uma das ordens dos reptis com a giboia mui propriamente chamada *Boa Constrictor*. Actualmente ha duas d'ellas vivas no nosso museu. Veja-se a dissertação sobre Ophiologia do Sr. Burlamaque na Bibliotheca Guanabarense, que publica os trabalhos da *Sociedade Vellosiana* (Agosto de 1851).

184. São conhecidos os ophidios de que trata o capitulo. Ao ultimo chamou Abbeville *Tarehuboy*, e Baena (Cor. do Pará p. 114) *Tarahiraboia*.

185. Hoje diz-se vulgarmente jararaca (*Trigonocephalus jararaca*, Cuv.) — A *ububoca* ou *coral*, pelo nome deve ser a *Elaps Marcgravii* de Spix.

186. O nome de *Boicininga* cahiu em desuso e só ficou o de cascavel (*Crotalus Cascavella.*) Os Chiriguanos chamavam-lhe *emboicini* o *boiquirá*; assim como, segundo J. Jolis (Saggio del Chaco p. 350), chamavam *boitiapó* á que Soares diz *Boitiapoia*, mais conhecida por *cobra de cipó*, talvez pelo uso dos indigenas de açoutarem com ella, pelas cadeiras, a suas mulheres quando lhes não davam filhos.

Ubojara é naturalmente a *Cœcilia Ibiara*, Daud, pag. 63 e 64.

187. *Trigonochephalus Surucucu* chama Cuvier ao ophidio que em vulgar designamos com este ultimo nome.— O ubiracoá parece a *Natrix punctatissima* de Spix. Os outros são talvez especies de *Xiphosoma*. *Urapiagára* ou *Guirau-piagára* quer dizer « comedora dos ovos dos passaros. »

188. Na ordem dos saurios menciona Soares um jacaré, que como se sabe é genero da familia dos crocodilos.— Sanambús e Tijús (ou Teyús) são *Iguanas*. *Anijuacanga* talvez seja adulteração de *Teju-acanga*.

189. Trata-se de alguns amphibios da familia *Ranidœ*. — O sapo é o *Pipa Cururú* de Spix. *Jut giá* quer dizer rã

Digitized by Google

do gemido,— e por este nome é hoje conhecido em algumas provincias este batrachio.

190. Não sabemos individuar os apteros myriapodes, que Soares descreve n'este capitulo, por nossa mingua de conhecimentos entomologicos, e falta de collecções que nos sirvam de guia. Piso (p. 287) escreve *Ambuá*.

191. Outro tanto dizemos acerca dos pyrilampos ou vagalumes que devem naturalmente pertencer, como os que conhecemos, á ordem dos Coleopteros.— Piso (p. 291) disse *Memoá*.

192. Da classe arachnidea trata-se no capitulo 118, bem como dos articulados do genero Scorpio, Mygala, etc.

193. Não nos foi possivel encontrar collecções contendo os Hymenopteros tratados nos quatro capitulos que seguem. Abbeville (fol. 255 v.) chama *Ussa-ouue* á formiga saúba ou tocanteira.

194. A palavra *goajugoajú* parece-nos não ter soffrido adulteração : é uma *Formica destructrix*.

195. O Diccionario de Moraes anda falto de um accento na segunda syllaba da palavra *Içás*.

196. *Tacyba* é em geral a palavra para dizer formiga na lingua guarani.

197. *Copi* ou *Cupim* é o conhecido *Termes fetale* de Lin. (Cuvier T. 3.° p. 443).— N'este capitulo ha no nosso texto melhoramentos de variantes importantes.

198. Abbeville (fol. 256) chama *tou* ao que Soares e o Padre Luiz Figueira (Gram. p. 48) dizem *tunga*, e *Attun* Hans Staden. E' á *nigua* dos Hespanhoes, e *chique* dos Francezes (Labat, *Viag.* 1724; T. 1.° p. 52 e 53).

199. O nome *pirapuã* dado pelos indigenas ao cetaceo balêa póde traduzir-se por peixe redondo — ou — peixe ilha.

200. Segundo nos informa o Sr. Maia não consta que o espadarte frequente hoje a nossa costa. E se nunca a frequentou é elle de opinião que o de que Soares trata seja antes o *Histiophorus americanus* de Cuv. O peixe monstro de que se faz menção seria naturalmente algum cachalote de extraordinario tamanho.

201. A idéa de homens marinhos era familiar aos Indios. Gandavo (fol. 32) dá noticia d'elles, com o mesmo nome que Soares, apenas diversamente escripto,— *Hipupiára*. O P. João Daniel no Thesouro do Amazonas (P. 1.ª cap. 11) tambem se mostra em tal assumpto credulo.—Soares não poude ser superior ao que terminantemente ouvia afirmar, e ao seu

Digitized by Google

seculo; pois que era idéá antiga tambem na Europa, com as serêas, etc. Bem conhecida é a passagem de Dante tantas vezes citada:

« Che sotto l'acqua ha gente che sospira,
E fanno pullular quest' acqua al summo.»

As assaltadas de que se faz menção seriam talvez obra de tubarões ou de jacarés, uma vez que por alli não consta haver phocas.

202. Trata o cap. 128 de peixes dos generos Pristis, Squalus, etc. Romeiro é o *Echeneis Remora* de Lid. Abbeville (fol. 245 v.) escreveu *Araouaoua*, e Thevet (*Singul.* fol. 133 e *Cosmogr.* fol. 967 v.) *Houperou*, o que comprova a exactidão nos termos *Aragoagoay* e *Uperu* de Soares, attendida n'aquelles a orthographia franceza.

203. *Goardguá* ou *Guarabá* (Dicc. Braz. p. 60) é o conhecido cetaceo do genero Trichechus.

204. O beijupirá, sem questão o mais estimado peixe do Brazil como assevera Soares, é o scomberoide antes denominado Centronotus, e hoje classificado como *Elacate americana* (Cuv. e Val. Hist. des Pois. 8,334). Olho de boi (que deve ser algum *Thinnus*) diz-se em guarani *Tapir-siçá*. Do *Camoropi* tratam Laet (p. 570), Lago (p. 62), Abbeville (fol. 244), Gandavo e Pitta (p. 42).

205. Ainda que sejam mui nomeados os peixes que Soares reuniu no capitulo 131, confessamos que só d'elles conhecemos a cavalla, scomberoide do genero Cybium (Cuv. e Val., *Hist. des Pois.*, tom. 8.° pag. 181).

206. Melhor acertamos ácerca dos peixes cartilaginosos. *Panapaná* (nome que tambem nos transmittem Thevet e Abbeville) é a *Zygena malleus* de Valenciennes, genero da familia dos *Squalidæ*, bem como os cações. Os bagres são *Siluridæ* talvez do genero Galeichthys e Pimelodus. Piso trata d'elles com nomes analogos *Curui* e *Urutú*. Caramurú é um cyclostomo, talvez Petromyzon. As raias do Brazil são de varios generos: Raia, Pastinaca e Rhinoptera: e os nossos pescadores d'esta parte da costa as distinguem com as denominações de Santa, Barboleta e Manteiga, Ticonha, Boi (a negra), Treme-treme, etc. Jabybyra é significado que se confirma no Diccionario Brazilico, pag. 66.

207 Preparemo-nos para encontrar em um capitulo peixes muito dissemilhantes entre si.— Vereis ao lado de algum Lobotes (?) um Thynnus, uma Coryphena, um Scomber, um

Digitized by Google

Serranus, um Elops. Julgamos o roncador dos Scienidas, as agulhas dos Esocidas, o peixe porco dos Balistidas e este ultimo mui provavelmente Monocanthus. Quanto aos nomes indigenas temos por exactos todos os do nosso texto. —*Guaibi-coara* explica a denominação que menciona Piso (pag. 56); porquanto guaibi ou guaimim (segundo escreveu o autor do Diccionario Brazilico) quer dizer velha. *Jurucuá* é, segundo Piso, o nome das tartarugas, que Soares teve a lembrança pouco feliz de arrumar n'este capitulo.

208. De novo attende Soares a outros peixes, como se juntos tivessem sahido de um lanço de rede. Trata-se primeiro da *Mugil Albula* de Linneo, que é dos mais abundantes da nossa costa.

O peixe gallo em questão é do genero Argyreyosus ou do Blepharis, ou de algum dos outros que constituiam o Zeus de Lin., os quaes se podem comprehender na familia dos Scomberoides. *Pororé* é o nome que significa enxada; porém a enxada peixe, ou o peixe enxada é da familia chetodontida, e do genero Ephippus, quanto alcançam nossos exames. A coirimá ou coriman, pertence ao citado genero Mugil. Arobori deve ser dos Clupidas, e carapeba do genero Sciena.

209. Jaguariçá é naturalmente da familia dos Cyprinidas;— pirasaquê do genero Conger. O bodião é peixe differente, segundo os paizes.— O nome *Atucupâ* verifica-se pelo de *Oatucupâ*, que dá o Dicc. Braz. (pag. 62) para a pescada.

A palavra *Goaybi-coati* tem o que quer que seja que vêr com velha (com. 207).

210. Uramaçá ou aramaçá, segundo os que seguem Marcgraf, é do genero Pleuronectes. Aimoré parece um Lophius. — O baiacú é um Tretraodon e o pira-quiroá um Diodon. Estes dous peixes da familia gymnodontida servem de confirmar a propriedade que guardavam os Guaranis em suas denominações: ao baiacú que ainda hoje serve de proverbial comparação para os que imitam a rã da fabula, designaram elles por sapo; e pira-quiroá traduzido ao pé da letra quer dizer peixe-ouriço ou peixe porco-espinho, nome dado pelos pescadores. Concluiremos o que temos a dizer sobre o cap. 136, depois de parar algum tempo admirando Soares a descrever a *Malthea Vespertilio*, que tão frequente é em nossas aguas, com o nome de morcego do mar. Foi com um exemplar preparado, que tem o nosso museu do Rio de Janeiro, e depois com outro que se acabava de

Digitized by Google

pescar, á vista, que tivemos bem occasião de admirar o genio observador e talento descriptivo de Soares. *Vacupuá* é seguramente adulteração de *Baiacu puá*.

211. Deixamos para os que venham a fazer ex-professo estudos sobre a nossa Ichtyologia, tão pouco estudada até agora, os exames que não nos é possivel ultimar ácerca da doutrina d'este capitulo, além do muito que deixamos nos capitulos já commentados. O de que tratamos conclue com um crustaceo bem conhecido.

212. Seguem outros crustaceos.— Ussá é o Cancer uca de L. ou Ocypode fossor de Latr.

213. Mais crustaceos do genero Cancer, Grapsus, etc.— O uso já admittiu a pronuncia e orthographia de *Serí* com preferencia a todas as outras. O nosso autor dava-lhe novo cunho de autoridade.

214. *Leri* é o nome generico da ostra, e ainda nos lembramos da graça que os Tamoios acharam ao francez Lery de ter um nome como o d'elles. Abbeville (fol. 204) diz Rery, e d'esta maneira de pronunciar (mais exacta visto que segundo Soares os indigenas não tinham o l de Lei) veio Reritygba (Vasconc. not. 59).

215. Os testaceos de que trata Soares são conhecidamente Anodon, Unio, Mytilus.

216. Descreve-se a Ampularia Gigas de Spix, alguns Bulimus, Helix, etc. Nos nomes indigenas notam-se variantes dos do texto academico que traz o *Papesi*, *Oatapesi* e *Jateloasu* differentes.

217. Comprehende o capitulo varios Echinodermes, Parenchymatosos, Polypos, etc.

218. São-nos mui familiares os nomes e o gosto dos peixes lembrados no cap. 144, os quaes se encontram nos rios do sertão: mas sem exemplares á vista não queremos arriscar opinião sobre o lugar que elles occupam na Ichtyologia, sendo mui natural que pela maior parte estejam por classificar: ainda assim conservamos lembrança da fórma petromyzonida dos muçús; da cyprinida das trahiras; da silurea dos tamoatâs; da percida dos ocarîs, etc.

219. Vem de novo alguns testaceos e crustaceos: são Anodon, Helix, Unio, etc., de agua doce.

220. O texto da Academia nomeava *Goachamoi* o que em outros codices lemos *Guoanhamú*: hoje dizemos *Ganhamú*.

221. Não havia, e insistimos ainda n'esta idéa, no Brazil nação Tapuia. Esta palavra quer dizer contrario, e os indigenas a applicavam até aos Francezes, contrarios dos

Digitized by Google

nossos, chamando-lhes *Tapuy-tinga*, isto é *Tapuia* branco (Veja-se o Dicc. Braz., Lisb., 1795, pag. 42). Antigamente no Brazil, como actualmente ainda no Pará, chamava-se Tapuia ao gentio bravo; e tapuia se iam chamando uns aos outros, os mais aos menos civilisados. Quando os Tupis invadiram o Brazil do norte para o sul (e não do sul para o norte como pretendeu Hervas e com elle Martius), chamaram *Tapuias* ás raças que elles expulsaram.— Os Tupis, que a si se chamavam Tupinambás ou Tupis abalisados, foram logo seguidos de outros de sua mesma raça, que se chamavam tambem a si Tupinambás e deram aos vencidos, que empurraram para o sul e para o sertão, o nome de *Tupi-ikis* e de *Tupin-aem*, isto é Tupis lateraes e Tupis máos, como já dissemos (com. 39).

222. O fraccionamento crescente na raça tupica, que se estendia por quasi todo o Brazil na época do descobrimento, era tal, que não exageram os que crêm que a não ter lugar a colonisação europea, a mesma raça devia perecer assassinada por suas proprias mãos; como quasi vai succedendo n'esses mattos virgens em que temos indios bravos, fazendo-se uns a outros crua guerra.— Sem a desunião da raça tupica nunca houvera uma nação pequena como Portugal colonisado extensão de terra tão grande como a que vai do Amazonas ao Prata.— Os primeiros colonos seguravam-se na terra á custa d'esta desunião, protegendo sempre um dos partidos, que com essa superioridade ficava vencedor, e se unia aos da nova colonia, mesclando-se com ella em interesses, e até em relações de parentesco, etc. A's vezes chegavam a fomentar a desunião politica, o que não deve admirar quando vemos que isto ainda hoje é seguido, e que nações, aliás poderosas, não conquistariam muitas vezes nações fracas, se dentro d'estas não achassem partidos discordes em quem pudesse encontrar ponto de apoio sua alavanca terrivel.

223. O nome indigena do termo da Bahia deve estar certo, porquanto os Jesuitas o repetem, escrevendo-o porém *Quigrigmuré*.—Cremos ser a mesma Bahia o local a que se quiz referir Thevet (fl. 129) com o nome de Pointe de *Crouestmourou*. Não andaria porém já n'este nome a idéa da residencia do Caramurú?

224. N'este capitulo confirma Soares que o nome dos indigenas, antes de se dividirem, era o de Tupinambás:— e que fallavam geralmente a mesma lingua por toda a costa, e tinham os mesmos costumes, etc.

Digitized by Google

225. O principal ou cacique dos Tupinambás tinha (e tem ainda) entre elles o nome de *morubixaba*. No nosso museu ha o retrato de um de Mato-Grosso todo vestido de gala, e que no baptismo se chamou (como o governador) José Saturnino.

226. A respeito da condição da mulher entre os Tupinambás consulte-se o que diz o P. Anchieta (Tom. 1° da 2.ª S. da Rev. do Inst., pag. 254). Esse escripto de Anchieta devemos á bondade do nosso amigo o Sr. Dr. Cunha Rivara, bibliothecario de Evora, e que tantos outros serviços tem prestado ás lettras brazileiras.

227. As axorcas usadas pelas mulheres eram denominadas como diz o nosso autor; pois que o confirma Abbeville escrevendo (fl. 274) *Tabacoura*.

228. Os primeiros apellidos derivavam entre os Tupis, segundo Soares, 1.° de animaes, 2.° de peixes, 3.° de arvores, 4.° de mantimentos, 5.° de peças de armas, etc.

E' o que succede por toda a parte com a raça humana. Nos nossos mesmos nomes não acontece isso? Vejamos: — 1.° Leões, Lobos, Coelhos, Cordeiros, Carneiros, Pacas, etc.; 2.° Sardinhas, Lamprêas, Romeiros, etc.; 3.° Pinheiros, Pereiras, Titara, etc.; 4.° Leites, Farinhas, Trigos, Cajús, etc.; 5.° Lanças, Couraças, etc. O que dizemos dos nossos nomes póde applicar-se aos inglezes, francezes, allemães, etc.

229. *Metara* era o nome indigeno dos botoques da cara: ás vezes tinham a fórma de uma bolota grande; outras vezes eram como uma muleta em miniatura. E' claro que, com taes corpos estranhos na boca e nas faces, a falla dos gentios se difficultava ou antes era mais difficil entendel-os, nem que tivessem a boca cheia, como diz Thevet. Quando tiravam o botoque sahia a saliva pelo buraco, e por graça deitavam elles ás vezes por ali a lingua de fóra. Temos visto botoques de marmore, de ambar e de cristal de rocha.

230. O bicho em questão de pelle peçonhenta é descripto por Soares no cap. 66, sob o nome de *Socaúna*.

231. O parentesco mais prezado d'este gentio depois do de pai a filho, era o de tio paterno a sobrinho. Pelo sangue de mãi não havia parentesco, o que tambem era admittido entre os antigos Egypcios. Os Romanos tambem faziam grande differença entre o parentesco dos tios paternos e maternos distinguindo *patruus* de *avunculus*, e sendo aquelle o segundo pai, padrinho ou preceptor nato. Assim a idéa da *fraternidade* de que o Evangelho se serviu, e se servem

Digitized by Google

hoje os philantropos como prototypa dos sentimentos da piedade e caridade, não era a que grassava entre essas raças: e na verdade já desde Caim e Abel, os irmãos por via de rivalidades quotidianas, nem sempre são modelo dos sentimentos puros, caridosos e pios, que o christianismo quiz symbolisar com a fraternidade. Os Tupis davam preferencia ao parentesco do *patruismo*, e diziam-se por ventura uns aos outros tios, como nós hoje em communhão social nos dizemos irmãos. Em Hespanha e Portugal, e mesmo entre nós no sertão, ainda se chama *tio* a qualquer homem do campo ou do mato a quem se não sabe o nome; *irmão* diz-se só aos pobres, quando se lhes não dá esmola, e *pai* ou *paisinho* aos pretos; sobretudo quando velhos.— Temos idéa de haver lido que o uso antigo de chamar-se a gente por tios, procede do tempo dos Phenicios e dos Egypcios.— Sendo assim teriamos n'estes factos mais um ponto de contacto para a possibillidade de relações de outr'ora entre o Egypto e a America, á cerca do que Lord Kingsborough apresentou tantas probabilidades. E' certo que a mesma expressão *Tupi* quer dizer tio, segundo Montoya, e póde muito bem ser que o nome que hoje damos á raça não signifique senão *tios*; assim Tupi-mbá significaria os tios boa gente; *Tupi-aem* os tios máos; *Tupi-ikis* os tios *contiguos*, etc. Os nossos africanos ainda se tratam mutuamente por tios,—e talvez que não só em virtude do uso europeu, como do dos Tupis, e quem sabe se mesmo d'elles africanos. Não faltará quem ache estas nossas opiniões demasiado metaphysicas; mas são filhas de duvidas que temos, e publicando-as não fazemos mais que leval-as ao terreiro da discussão.

232. Segundo Thevet (fl. 114 v.) para fazer o sal ferviam a agua do mar até engrossal-a e ficar ella em metade, e tinham então uma substancia com que faziam cristalisar esta calda salitrosa.

233. O *timbó* e *tinguí* são o trovisco do Brazil.—Quanto á criação de animaes e passaros domesticos era ella anterior á colonisação; por quanto já da carta de Pero Vaz de Caminha se vê que com isso se occupavam os das aldêas visinhas a Porto Seguro.

234. Recommendamos a leitura d'este capitulo 160 aos que sustentam o pouco prestimo do nosso gentio, que por *philantropia* estamos deixando nos matos tragando-se uns aos outros, e caçando os nossos africanos (a que chamam *macacos do chão)* só para os comer!

Digitized by Google

235. O uso de comer terra e de mascar barro é cousa ainda hoje vista entre alguns caboclos e moleques.

236. Tambem chamamos a attenção sobre este capitulo. Tal é a magia da musica e da poesia que a apreciam até os povos sepultados na maior brutalidade.

237. Quanto aqui se relata é confirmado por Lery, Thevet, Fernão Cardim e mais viajantes antigos.—*Ereiupê* era o Salamalah da raça túpi.

238. Cangoeira de fumo era nem mais nem menos do que um cigarro monstro, cuja capa exterior se fazia de folha de palmeira, em lugar de ser de papel, ou de folha de milho ou do mesmo tabaco.

239. O uso de curar feridas com fogo debaixo de si foi advertido por Pero Lopes, quando diz que se curavam ao *fumo*.

O ultimo § d'este capitulo não se encontra no texto da Academia.

240. O apuro dos sentidos entre os indigenas é proverbial; e ainda nos tempos modernos se vê confirmado por todos os viajantes que tem visitado as cabildas errantes em nossas matas.

241. Em vez de *tajupares* escreveu o autor do Dicc. Braz. (p. 21) *tejupaba*, e Abbeville (fol. 63 v. e 121) *aiupawe*.

242. *Caiçá* era o nome do tapigo, tapume silvado ou sebe, que fazia a contracerca ou circumvalação das tranqueiras ou palancas. E' palavra que se encontra tres vezes na *Relação da tomada da Parahyba* do P. Jeronymo Machado. *Cazia* diz o texto academico.

243. Como typo da eloquencia guerreira indigena eram consideradas as declamações do *celebre* principal Quoniambebe, de quem trataremos em outra occasião.

244. O appelido de nascença, de que tratamos (com. 228), só servia aos indigenas em quanto por alguma façanha não conquistavam outro mais honroso. Póde-se dizer que com este segundo nome ficavam titulares. Para memoria dos novos titulos sarjavam o corpo de riscos indeleveis; o que era honra de que só usava quem a conquistava. Eram os riscos como uma farda ou condecoração, que promoveriam o riso, quando trazidos por quem não as houvesse de direito.

245. *Mazaraca* dizia aqui, em vez de *muçurana*, o texto Academico.—As relações dos prisioneiros com as gentias, que lhes davam por companheiras, poderia talvez explicar

Digitized by Google

a salvação de alguns. D'este modo encaramos o assumpto do Caramurú como romance historico.

246. Era para o gentio reputado vil cobardia do prisioneiro o não afrontar a morte com arrogancia, e o não exhalar o ultimo suspiro com alguma afronta contra os vencedores. Assim os indigenas deviam fazer triste idéa dos christãos quando elles pediam a Deus misericordia na hora da morte, ou faziam alguma outra supplica. Foi por isso que a camara da Bahia, representando ao rei contra a inefficacia das ordens regias de se levarem os mesmos indigenas por meios de brandura, disse que elles não agradeciam esses meios brandos, antes se enfatuavam mais com elles, imaginando que provinham de medo.— « Se V. A. quizer tomar informações por pessoas que bem conheçam a qualidade do gentio d'esta terra achará que por mal e não por bem se hão de sujeitar e trazer á fé ; porque tudo o que por amor lhe fazem attribuem é com medo e se danam com isso. » — O mesmo assegura Thevet na sua Cosmogr. fol. 909, fallando dos antigos Tupinambás ou Tamoios do Rio de Janeiro. « Et estiment celuy là poltron, et lasche de cœur, lequel ayant le dessus de son ennemy, le laisse aller sans se venger, et sans le massacrer. » E' o que ainda succede com os dos nossos sertões. Os bugres recebem presentes de ferrinhos que no anno seguinte enviam contra o bemfeitor mui aguçados, nas pontas de suas frechas; ou assassinam aquelles que, depois de lhes fazer presentes, n'elles confiam. Ainda temos na idéa o horror que nos causou o assassinato do sertanista Barboza e seus dous companheiros, descripto em um numero anterior (n. 19) da *Revista do Instituto*.

247. *Embagadura* é o nome do punho da espada tangapema; acha-se repetido n'este tratado no capitulo 80.

248. *Moquem* (d'onde derivou o nosso verbo *moquear*) é a mesma expressão que na America do Norte se converteu em *boucan*, d'onde veiu bucaneiro.

249. Por este capitulo 175 vemos que entre os Tupinambás da Bahia só os moços iam á cova dentro de talhas pintadas (*iguaçabas* ou *camucins*) : falta pois examinar se essas mumias acocoradas que se tem encontrado em talhas contém cadaveres que se possam julgar de pessoas adultas.

250. Algumas particularidades narradas por Soares tem analogia com o que praticava a antiguidade, tanto no que respeita ao carpir os mortos, como ao desamparar ou matar os doentes em perigo,

Digitized by Google

251. O pequeno mui alvo de que dá noticia Soares, quanto a nós, é o caso de um albino na raça tupinambá. Não temos noticia de outros factos ou exames a tal respeito.

A frequencia e familiaridade com que Soares se serve já em seu tempo da palavra *mameluco* faz nos crer que ella foi adoptada no Brazil com analogia ao que se passava na Europa.— Sem nos occuparmos da etymologia d'essa palavra (que é arabe, lingua que não conhecemos), nem das accepções differentes em que foi tomada, sabemos que no seculo XV e XVI chamavam vulgarmente na Hespanha, e talvez tambem em Portugal, mamelucos os filhos de christão e moura ou de mouro e christã. O nome brasilico para mestiço era *Caribóca*, que hoje se emprega n'outra accepção.

252. *Tabudras* dizem algumas copias em vez de Tapuras, o que pouco dista de Tapuias. Abbeville (fol. 261 v.) é de parecer que *Tabaiares* quer dizer grandes inimigos; assim será: mas não se confunda com *Tabajaras* que quer dizer *os das Aldêas*, ou *Os Aldeões*. Talvez o nome em questão se devesse antes ler *Tapurd*, e n'este caso seria quasi o mesmo que *Tubirá* ou *Timbirá* que ainda hoje se dá a uma nação do sertão: *Timbirá* é nome injurioso como patife.

253. Pelo que nos releva Soares a invasão dos Tupinaéns devia ser muito numerosa; por quanto diz que elles «andadavam correndo toda a costa do Brazil» antes da vinda dos Tupinambás.

254. Amoipiras quer dizer os —Parentes crueis — *Amôig* — parente (*Tesoro* de Montoya fol. 32 v.) e *Pira*, cruel fol. 297 v. Merece pois quanto a nós menos credito a etymologia de Soares de um chefe chamado Amoipira.

255. O que Soares conta da industria dos Amoipiras é applicavel em tudo ao que praticava o mais gentio antes de communicar com os Europeus.

No nosso museu da Côrte e no do Instituto Historico se guardam varios utensis em tudo primitivos. As folhas dos machados eram umas cunhas de pedra esverdeada como de syenito ou diorito, bem que pela dureza se deviam julgar de porfido.— De pedra usavam tambem grandes bordões, como as alavancas ordinarias, que lhes serviriam de arma offensiva, e a perfeição como são feitas basta para caracterisar a paciencia dos artistas, que não usavam de metaes, nem de mós.

256. Vasconcellos (p. 146 e 148) dá noticia de outra nação de *Igbirayaras* a que os nossos chamavam bilreiros, no sul do Brazil.

Digitized by Google

Temos de novo que lastimar a credulidade do seculo: agora são mulheres de uma só têta, que pelejavam como Amazonas.

257. Soares com seu espirito penetrante, explica a verdadeira causa da victoria dos estrangeiros Tupis contra as antigas raças que habitavam o nosso territorio pela desunião d'ellas entre si: « Por onde se diminuem em poder para não poderem resistir a seus contrarios, com forças necessarias, por se fiarem muito em seu esforço e animo, não entendendo o que está tão entendido que o esforço dos poucos não póde resistir ao poder dos muitos.»

258. O nome de *Maracás* procedeu talvez, segundo muito bem nos lembra o nosso erudito amigo o Sr. Joaquim Caetano da Silva, de tremerem elles com a falla e imitarem com isso a bulha dos maracás.

259. Allude Soares, e só por informações geraes, a todo gentio que habitava as terras das hoje provincias de Goyaz, Matto Grosso e Pará.

260. Os habitantes das serras do sertão que viviam como troglodictas seriam naturalmente os Parecis.

261. A rocha que tanta admiração causa ao autor é talvez alguma de formação secundaria ou terciara abundante de incrustações.

262. As pedras d'alfebas são naturalmente productos zoophitos.—Com as *fôrmas* feitas de barro, sem ser louça nem telha e tijollo (se não houve erro dos copistas), queria talvez Soares designar os potes, cantaros, etc.

263. Dá uma idéa da prosperidade da Bahia em 1587 o haver ahi 240 carpinteiros e 50 tendas de ferreiros, com seus obreiros.

264. Da arvore *camaçarí* tratou sufficientemente Soares no cap. 67.— Cremos que até hoje não se tem ninguem aproveitado de sua lembrança para fabricar d'ella alcatrão e mais productos resinosos, como a therebentina, breu e o competente acido pyroleuhoso ou agua russa.

265. A palmeira de cujas *barbas* diz Soares que se faziam amarras era a conhecida *Piassaba*, nome que em Portugal se adoptou pronunciando-o *piaçá*.

266. *Adargoeiro* é talvez a arvore africana que hoje se diz *dragoeiro* que dá o sangue de Drago; e o nome dragoeiro anda corrompido se acaso a madeira da arvore serviu alguma vez para adargas.

267. Soares levado de bons desejos acreditou na exis-

Digitized by Google

tencia de minas de aço, e imaginou por ventura que o aço se tirava em Milão da rocha, já prompto.

Quanto ao que diz do cobre nativo não tardou que os factos o confirmassem, a ponto que de junto da Caxoeira sahiu um dos maiores pedaços de cobre nativo conhecidos, qual é o que se guarda na Historia Natural de Lisbôa.

268. Já dá Soares noticia que no seu tempo vinham do sertão de mistura com o cristal « pontas *oitavadas* como diamantes *lavradas pela natureza* de muita formusura e resplandor.»

Não teremos aqui a primeira noticia de diamantes no sertão da Bahia ?— Quanto ás pedras verdes dos beiços, que se tiravam de montanhas, já d'ellas faz menção Thevet (fol. 121) em 1557. Cabral viu já d'essas pedras em 1500, segundo Caminha.

269. As esmeraldas descobertas no seculo 16 seriam naturalmente as turmalinas. Thevet (France Antarctique fol. 63) diz ter visto pedras que se podiam julgar verdadeiras esmeraldas.

As rochas eram evidentemente de amethista ou quartzo hyalino violeta, cuja abundancia em nossos sertões é tal que foi causa de que baixassem de preço no mercado taes pedras.

270. Soares não contente com ter inculcado a um valido de Filippe II a grande importancia do Brazil (no livro que por vezes elle denomina francamente *Tratado*), receioso que essa côrte, onde só se attendia ás riquezas do Perú e á guerra aos hereges, não se commovesse senão por alicientes analogos, conclue sua obra com asseverar : 1.° que das minas do Brazil poderiam quasi, sem trabalhos nem despezas, tirar mais riquezas do que das Indias Occidentaes ; 2.°, que se não cuidavam do Brazil e os Lutheranos viessem a saber o que por cá havia, não tardariam em se assenhorear da Bahia, e se o chegassem a effectuar muito custaria a botal-os fóra.

Estas duas verdades profeticas fariam só por si a reputação de um homem, ainda quando elle não houvesse escripto, como Soares, um Tratado verdadeiramente encyclopedico do Brazil.—Os Hollandezes vieram na America vingar-se de Filippe II e do seu Duque de Alba, e as minas de *Minas* inundaram o Universo, do seculo passado para cá, de oiro e diamantes.—Do homem superior que tinha entregue grande parte do seu tempo a observar, a meditar e a escrever nenhum caso naturalmente se fez. O seu livro esteve

Digitized by Google

quasi dous seculos e meio sem publicar-se, e o autor naturalmente depois da dilação (como elle diz) de seus requerimentos em Madrid, veiu a passar vida tão obscura que nem sabido é quando, nem onde morreu. Assim aconteceu tambem, e ainda outro dia, ao homem que depois de Soares mais noticias deu acêrca do Brazil: — ao modesto autor da Corographia Brazilica.

Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1851.

F. Adolpho de Varnhagen.

Digitized by Google

INDICE

DA OBRA E DOS COMMENTARIOS DE GABRIEL SOARES

ARRANJADO PELO COMMENTADOR

	Pag. Com.	Pag. do Com.	
DEDICATORIA	V		
ADDITAMENTO. Noticia biographica acerca de Gabriel Soares	XIII		

PARTE PRIMEIRA

ROTEIRO GERAL DA COSTA BRAZILICA.

Proemio	1		
CAPITULOS:			
1. Primeiros descobridores da provincia do Brazil, e como está arrumada	3	1	333
2. Repartição que fizeram os reis catholicos com El-Rei D. João II de Portugal	5	2	334
3. D'onde começa a correr a costa do Brazil	6	3	ib.
4. Do rio Amazonas	7	4	ib.
5. Costa do Amazonas até o Maranhão	8	5	ib.
6. Do Maranhão até o Rio Grande	10	6	ib.
7. Do Rio Grande até o de Jagoarive	11	7	ib.
8. Do Jagoarive até o Cabo de S. Roque	12	8	ib.
9. Do Cabo de S. Roque até o porto dos Buzios	13	9	ib.
10. Do porto dos Buzios até a bahia da Traição, e como João de Barros mandou povoar a sua capitania	14	10	ib.
11. Da bahia da Traição até a Parahiba	15	11	335
12. Como se tornou a commetter a povoação da Parahiba	17	12	ib.
13. Vida e costumes do gentio Pitiguar	19	13	ib.
14. Do rio da Parahiba até Tamaracá, quem foi o primeiro capitão	20	14	ib.
15. Do rio de Igaruçú até Pernambuco	21	15	ib.
16. Da villa de Olinda, e da grandeza de seu termo, e quem foi o primeiro povoador d'ella	22	16	ib.
17. Do porto de Olinda até o cabo de S. Agostinho	24	17	ib.
18. Do cabo e rio de Ipojuca até o rio de S. Francisco	25	18	ib.
19. Quem são os Caités	27	19	336
20. Da grandeza do rio de S. Francisco	29	20	ib.
21. Do rio de S. Francisco até o de Seregipe	32	21	ib.
22. Do rio Seregipe até o Rio Real	33	22	ib.
23. Do Rio Real, e de seus merecimentos	34	23	ib.
24. Do Rio Real até o rio de Tapocurú	36	24	ib.
25. Do Itapocurú até Tatuapará	37	25	ib.
26. De Tatuapará até o rio de Joanes	38	26	337
27. Do Rio de Joanes até á Bahia	39	27	ib.
28. Como Francisco Pereira Coutinho foi povoar a Bahia, e os trabalhos que n'isso teve	41	28	ib.

Digitized by Google

	Pag.	Com.	Pag. do Com.
29. Da ponta do Padrão até o rio Camamú.....	43	29	337
30. Do rio de Camamú até os Ilhéos.....	44	30	ib.
31. Como se começou de povoar a capitania dos Ilhéos..	45	31	ib.
32. Quem são os Aimorès.....	47	32	ib.
33. Do Rio dos Ilhéos até o Rio Grande.....	49	33	ib.
34. Do Rio Grande até o de Santa Cruz.....	51	34	ib.
35. Do Rio de Santa Cruz até o de Porto Seguro....	52	35	338
36. Quem povoou a capitania de Porto Seguro.....	53	36	ib.
37. De Porto Seguro até o Rio das Caravellas.....	55	37	ib.
38. Do Rio das Caravellas até o Cricaré.....	56	38	ib.
39. Quem são os Tupiniquins.....	57	39	ib.
40. Do Cricaré até o rio Doce.....	59	40	ib.
41. Do rio Doce até o do Espirito Santo.....	61	41	339
42. Capitania do Espirito Santo a Vasco Fernandes Coutinho, que a foi povoar em pessoa.....	62	42	ib.
43. Do Espirito Santo até o cabo de S. Thomé.....	65	43	ib.
44. Como Pedro de Góes foi povoar á sua capitania da Parahiba ou de S. Thomé.....	66	44	ib.
45. Quem são os Goitacazes?.....	67	45	ib.
46. Quem são os Papanazes?.....	68	46	ib.
47. Do cabo de S. Thomé até o Cabo Frio.....	69	47	340
48. Reconcavo do Cabo Frio.....	70	48	ib.
49. Do Cabo Frio até o Rio de Janeiro.....	71	49	ib.
50. Entrada do Rio de Janeiro, e ilhas que tem defronte.....	72	50	ib.
51. Bahia do Rio de Janeiro, da ponta do Pão de Assucar para dentro.....	73	51	ib.
52. Dita da ponta da cidade para dentro.....	74	52	ib.
53. Governador Mem de Sá no Rio de Janeiro.....	76	53	ib.
54. Povoação d'esta cidade.....	78	54	ib.
55. Como foi governador do Rio de Janeiro Antonio Salema.....	80	55	ib.
56. Conclue-se com o Rio de Janeiro com a tornada de Salvador Corrêa.....	81	56	ib.
57. Costa do Rio até S. Vicente.....	82	57	341
58. Quem é o gentio Tamoio.....	83	58	ib.
59. Barra e povoações da capitania de S. Vicente...	84	59	ib.
60. De quem é a capitania de S. Vicente?.....	85	60	ib.
61. Capitania de Santo Amaro.....	87	61	ib.
62. Fertilidade da terra de S. Vicente.....	89	62	ib.
63. Quem são os Goaianazes?.....	90	63	ib.
64. Costa do rio de Santo Amaro até á Cananéa.....	91	64	ib.
65. Da Cananéa até o Rio de S. Francisco.....	91	65	ib.
66. Do Rio de S. Francisco até o de Itapocurú.....	93	66	342
67. De Itapocurú até o Rio dos Patos.....	93	67	ib.
68. Costumes dos Carijós.....	94	68	ib.
69. Costa do Rio dos Patos até o da Alaguna.....	95	69	ib.
70. Do porto da Alaguna até o Rio de Martim Affonso.	96	70	ib.
71. Do Rio de Martim Affonso até o porto de S. Pedro.	96	71	ib.
72. Como corre a costa do Rio de S. Pedro até o cabo de Santa Maria.....	97	72	ib.
73. Do cabo de Santa Maria até ao Rio da Prata....	98	73	ib.
74. Ponta do Rio da Prata, da banda do Sul, até além da bahia de S. Mathias.....	99	74	ib.

Digitized by Google

	Pag. Com.	Pag. do Com.

PARTE SEGUNDA.

MEMORIAL E DECLARAÇÃO DAS GRANDEZAS DA BAHIA.

TITULO 1.— Historia da Colonisação da Bahia.

1. Armada de Thomé de Souza	101	75	342
2. Quem foi Thomé de Souza	102	76	343
3. Edificação da Cidade do Salvador	103	77	ib.
4. Nova armada em favor da colonisação	104	78	ib.
5. Governo de Duarte da Costa	105	79	ib.

TITULO 2.— Descripção Topographica da Bahia.

6. Clima da Bahia: curso dos ventos na costa, e das aguas nas monções	107	80	343
7. Cidade do Salvador	108	81	ib.
8. Sitio da cidade	110	82	ib.
9. Como corre esta da Sé por diante	111	83	ib.
10. Como segue por este rumo	112	84	344
11. Como corre a mesma da banda da praça para a banda do Sul	113	85	ib.
12. Outras partes que a cidade tem para se notar	114	86	ib.
13. Como se tratam os moradores do Salvador e algumas qualidades suas	115	87	ib.
14. Como se póde defender a Bahia com mais facilidade	116	88	ib.

TITULO 3.— Da enseada da Bahia, suas ilhas, reconcavos, ribeiros e engenhos.

15. Grandes qualidades que tem a Bahia	117	89	344
16. Barras que tem, e como está arrumada a ilha de Taparica	118	90	345
17. Como se navega para entrar na Bahia	119	91	ib.
18. Tamanho do mar da Bahia, e de algumas ilhas.	120	92	ib.
19. Terra da Bahia da cidade até á ponta de Tapagipe, e suas ilhas	121	93	ib.
20. Engenhos de assucar de Pirajá	122	94	ib.
21. Fazendas que ha da barra de Pirajá até o Rio de Matoim	123	95	ib.
22. Tamanho do Rio de Matoim e engenhos que tem.	124	96	ib.
23. Feição da terra da boca de Matoim até o esteiro de Mataripe, e mais engenhos	126	97	ib.
24. Da terra da boca do esteiro do Mataripe até a ponta de Marapé, e dos engenhos que em si tem	128	98	ib.
25. Rio de Seregipe e terra d'elle á boca do Paragoaçú	130	99	346
26. Grandeza do Rio Paragoaçú, e os seus engenhos.	131	100	ib.
27. Terra do Rio de Paragoaçú tocante á capitania de D. Alvaro	133	101	ib.
28. Como corre a terra do Rio de Paragoaçú ao longo do mar da Bahia até a boca de Jagoaripe, e por este rio acima	135	102	ib.

Digitized by Google

	Pag.	Com.	Pag. do Com.
29. Tamanho e formosura do rio Irajuhi, e seus reconcavos	136	103	346
30. Da boca da barra de Joaguaripe, até Juquirijape, e d'ahi até o rio Una	138	104	ib.
31. Do rio Una até Tinharé, e da ilha de Taparica, com outras ilhas	139	105	ib.
32. Quantas igrejas, engenhos e embarcações tem a Bahia	142	106	ib.
33. Fertilidade da Bahia, e como se n'ella dá o gado.	143	107	ib.
TITULO 4.— Da Agricultura da Bahia.			
34. Algumas arvores de Hespanha, e como se criam.	145	108	346
35. D'outros fructos estranhos	149	109	ib.
36. Das sementes de Hespanha, que se dão na Bahia.	150	110	347
37. Da mandioca	153	111	ib.
38. Das raizes da mandioca, e do para que servem..	154	112	ib.
39. Quão terrivel é a agua da mandioca	155	113	ib.
40. Da farinha fresca que se faz da mandioca	156	114	348
41. Do muito para que prestam as raizes da carimá	157	115	ib.
42. Da farinha de guerra, e como se faz da carimá	158	116	ib.
43. Dos aipins	159	117	ib.
44. Alguns mantimentos de raizes que se criam debaixo da terra	160	118	ib.
45. Do milho	162	119	ib.
46. Legumes	163	120	349
47. Dos amendoins (mandobins)	164	121	ib.
48. Quantas castas de pimenta ha	165	122	ib.
49. Dos cajús e cajuins	166	123	350
50. Das Pacobeiras e Bananeiras	168	124	ib.
51. Dos mamões e jaracateás	169	125	ib.
TITULO 5.—Das arvores e plantas indigenas que dão fructo que se come.			
52. De algumas arvores que dão fructos	170	126	350
53. Da arvore dos ambús	172	127	351
54. De algumas arvores de fructo afastadas do mar: sapucaia, piquiá, macugé, genipapo, etc	172	128	ib.
55. Em que se contém muitas castas de palmeiras, que dão fructo	177	129	ib.
56. Hervas que dão fructo	179	130	ib.
57. Dos ananazes	181	131	352
TITULO 6.— Das arvores medicinaes.			
58. Das arvores de virtude	182	132	352
59. Da embaiba e caraobuçú, e caraoba merim	183	133	ib.
60. Da arvore da almecega, e de outras arvores de virtude	184	134	ib.
TITULO 7.— Das hervas medicinaes.			
61. Das hervas de virtude: tabaco, etc	186	135	ib.
62. Como se cria o algodão, e de sua virtude, e de outros arbustos	188	136	353
63. Virtudes de outras hervas menores	190	137	ib.

Digitized by Google

	Pag.	Com.	Pag. do Com.
TITULO 8.— Das arvores reaes e paus de lei.			
64. Do vinhatico e cedro	192	138	353
65. Do pequihi, e de outras madeiras reaes	193	139	ib.
66. Em que se acaba a informação das arvores reaes.	194	140	354
TITULO 9.—Das arvores means com differentes propriedades, dos cipós e folhas uteis.			
67. Da camaçari e guanandi	196	141	354
68. Das arvores que dão a envira	197	142	355
69. De algumas arvores muito duras	198	143	ib.
70. Arvores que se dão ao longo do mar	199	144	ib.
71. De algumas arvores moles	200	145	ib.
72. Algumas arvores de cheiro	201	146	ib.
73. Arvores de que se fazem remos, e hastes de lanças.	202	147	356
74. Algumas arvores que tem ruim cheiro	203	148	ib.
75. Arvores que dão fructos silvestres, que se não comem	203	149	ib.
76. Dos cipós, e para o que servem	204	150	ib.
77. Folhas proveitosas que se criam no mato	205	151	ib.
TITULO 10.— Das aves.			
78. Da aguia, emas, etc	206	152	356
79. Do macuaguá, mutum, gallinhas do mato, etc..	207	153	ib.
80. Dos canindés, araras e tucanos	208	154	ib.
81. Das aves que se criam nos rios, e lagoas da agua doce	209	155	357
82. Das aves que se parecem com perdizes, rolas e pombas	210	156	ib.
83. Diversidade de papagaios que ha	211	157	ib.
84. Algumas aves da agua salgada	212	158	ib.
85. Aves de rapina	213	159	ib.
86. Algumas aves nocturnas	214	160	358
87. Alguns passaros de diversas côres e costumes	215	161	ib.
88. De alguns passarinhos que cantam	217	162	ib.
89. De outros passaros diversos	217	163	ib.
TITULO 11.— Da entomologia brazilica.			
90. Alguns insectos com azas	219	164	358
91. Das abelhas	220	165	359
92. Das vespas e moscas	221	166	ib.
93. Dos mosquitos, grillos, bizouros e broca	222	167	ib.
TITULO 12.— Dos mammiferos terrestres e amphibios.			
94. Das antas	223	168	359
95. Do jaguareté	224	169	ib.
96. Tigres e alimarias daninhas	225	170	ib.
97. Dos veados	226	171	ib.
98. Alimarias que se mantém de rapina	227	172	ib.
99. Entranheza do jaguarecaca	228	173	ib.
100. Dos porcos do mato	229	174	360
101. Dos porcos e outros bichos que se criam na agua doce	230	175	360
102. Dos tatús	231	176	ib.
103. Das pacas e cotias	232	177	ib.
104. Dos bogios	233	178	ib.

Digitized by Google

		Pag.	Com.	Pag. do Com.
105.	Diversidade dos ratos que se comem	234	179	360
106.	Dos kagados	235	180	ib.
107.	Do bicho que se chama preguiça	236	181	ib.
108.	De outros animaes diversos	236	182	361
	TITULO 13.—Da herpetographia e dos batrachios e varios outros			
109.	Da cobra giboia	237	183	361
110.	Cobras grandes que se criam nos rios	239	184	ib.
111.	Das cobras de coral e das gereracas	240	185	ib.
112.	Que cobras são as de cascavel, e as dos formigueiros	241	186	ib.
113.	Cobras diversas,	242	187	ib.
114.	Dos lagartos e camaleões	243	188	ib.
115.	Diversidade das rãs e sapos	244	189	ib.
116.	Das lagartas	245	190	362
117.	Das lucernas e de outro bicho estranho	246	291	ib.
118.	Das aranhas e lacráos	247	192	ib.
	TITULO 14.—De varios hymenopteros etc.			
119.	Das formigas que mais damno fazem	248	193	362
120.	Das formigas de passagem	249	194	ib.
121.	De certas formigas grandes	250	195	ib.
122.	Diversas castas de formigas	251	196	ib.
123.	Do copim e dos carrapatos	251	197	ib.
124.	De varios insectos sevandijas	252	198	ib.
	TITULO 15.—Dos mammiferos marinhos e dos peixes do mar, camarões, etc.			
125.	Das baléas	254	199	362
126.	Do espadarte, e de outro peixe não conhecido que deu á costa	255	200	ib.
127.	Do que o autor julgava homens marinhos	256	201	ib.
128.	Do peixe serra, tubarões, tuninhas e lixas	256	202	363
129.	Do peixe-boi	257	203	ib.
130.	Dos peixes pezados e grandes	258	204	ib.
131.	Dos meros, cavallas, pescadas e xaréos	259	205	ib.
132.	Dos peixes de couro	261	206	ib.
133.	Das albacóras, bonitos, douradas, curvinas, etc.	262	207	ib.
134.	Peixes que se tomam em redes	263	208	364
135.	Algumas castas de peixe medicinal	264	209	ib.
136.	D'alguns peixes que se criam na lama, e andam sempre no fundo	265	210	ib.
137.	Da qualidade de alguns peixinhos, e dos camarões	266	211	365
	TITULO 16.— Dos crustaceos, molluscos, zoopbitos, echinodermes, etc. e dos peixes d'agua doce.			
138.	Dos lagostins, e ucás	267	212	365
139.	Diversas castas de caranguejos	268	213	ib.
140.	Das ostras	269	214	ib.
141.	De outros mariscos	270	215	ib.
142.	Da diversidade de buzios	271	216	ib.
143.	Estranhezas que o mar cria na Bahia	272	217	ib.

Digitized by Google

		Pag.	Com.	Pag. do Com.
144.	Dos peixes d'agua doce	274	218	365
145.	Do marisco que se cria n'agua doce	275	219	ib.
146.	Dos caranguejos do mato	276	220	ib.

TITULO 17.— Noticia ethnographica do gentio Tupinambá que povoava a Bahia.

147.	Que trata de quaes foram os primeiros povoadores da Bahia	277	221	365
148.	Proporção e feição dos Tupinambás, e como se dividiram logo	278	222	366
149.	Como se dividiram os Tubinambás	279	223	ib.
150.	Linguagem dos Tupinambás	280	224	ib.
151.	Das aldêas e seus principaes	281	225	367
152.	Maneira dos casamentos dos Tupinambás e seus amores	282	226	ib.
253.	Dos enfeites d'este gentio	283	227	ib.
154.	Da criação que os Tubinambás dão aos filhos, e o que fazem quando lhes nascem	284	228	ib.
155.	O com que os Tupinambás se fazem bizarros	285	229	ib.
156.	Da luxuria d'estes barbaros	286	230	ib.
157.	Das ceremonias que usam os Tupinambás nos seus parentescos	287	231	ib.
158.	Do modo de comer e beber dos Tupinambás	288	232	368
159.	Modo da grangearia dos Tupinambás, e de suas habilidades	290	233	ib.
160.	De algumas habilidades e costumes dos Tupinambás	291	234	ib.
161.	Dos feiticeiros e dos que comem terra para se matarem	292	235	369
162.	Das saudades dos Tupinambas, e como choram e cantam	293	236	ib.
163.	Como os Tupinambás agazalham os hospedes	294	237	ib.
164.	Do uso que os Tupinambás têem em seus concelhos, e das ceremonias que u'estes usam	295	238	ib.
165.	De como se este gentio cura em suas enfermidades	296	239	ib.
166.	Do grande conhecimento que os Tupinambás tem da terra	297	240	ib.
167.	Como os Tupinambás se apercebem para irem á guerra	298	241	ib.
168.	Como os Tupinambás dão em seus contrarios	299	242	ib.
169.	Como os contrarios dos Tupinambás dão sobre elles, quando se recolhem	300	243	ib.
170.	Como o Tupinambá que matou o contrario toma logo nome, e as ceremonias que n'isto fazem	301	244	ib.
171.	Do tratamento que os Tupinambás fazem aos que captivam, e a mulher que lhes dão	303	245	ib.
172.	Da festa e apparato que os Tupinambás fazem para matarem em terreiro a seus contrarios	304	246	370
178.	De como se enfeita e apparata o matador	305	247	ib.
174.	O que os Tupinambás fazem do contrario que mataram	306	248	ib.
175.	Das ceremonias que os Tupinambás fazem quando morre algum, e como o enterram	307	249	ib.

Digitized by Google

	Pag.	Com.	Pag. do Com.
176. Successor ao principal que morreu, e das ceremonias que faz sua mulher, e as que se fazem por morte d'ella tambem.....	308	250	370
177. De como entre os Tupinambás ha muitos mamelucos que descendem dos Francezes, e de um Indio que se achou muito alvo.....	309	251	371

TITULO 18.— Informações ethnographicas ácerca de outras nações visinhas da Bahia, como Tupinaé, Aimorés, Amoipira, Ubirajara, etc.

178. Dos Tupinaés.....	310	252	371
179. Costumes, e trages dos Tupinaés.....	311	253	ib.
180. Quem são os Amoipiras, e onde vivem.....	312	254	ib.
181. Vida e costumes dos Amoipiras.....	313	255	ib.
182. Da vivenda dos Ubirajaras, e seus costumes.....	314	256	ib.
183. Da terra que os Tapuias possuiram.....	316	257	372
184. De quem são os Maracás.....	316	258	ib.
185. Sitio em que vivem outros Tapuias, e parte de seus costumes.....	318	259	ib.
186. Alguns outros costumes.....	319	260	ib.

TITULO 19.— Recursos da Bahia para defender-se.

187. Pedra para fortificações.....	320	261	372
188. Commodo para se poder fazer cal, e como se faz...	321	262	ib.
189. Dos aparelhos, para se fazerem grandes armadas.	322	263	ib.
190. Mais aparelhos para se fazerem armadas.....	323	264	ib.
191. Aparelhos que faltam para as embarcações.....	324	265	ib.
192. Dito para se fazer polvora, picaria, e armas.....	325	266	ib.

TITULO 20.— Metaes e pedras preciosas.

193. Do ferro, aço, e cobre.....	326	267	372
194. Das pedras verdes e azues do sertão.....	327	268	373
195. Das esmeraldas e outras pedras.....	328	269	ib.
196. Da quantidade de ouro e prata.....	329	270	ib.

Digitized by Google

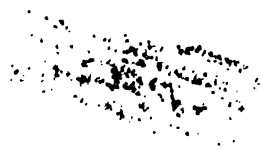
ERRATAS.

PAG.	LIN.	ERRO	EMENDA
53	30	Capital	Capitania.
135	2	e como corre	o como corre.
140	35	leguas da costa	leguas de costa.
151	3	roca	rota.
155	8	tapitim	tapeti.
157	37	aipis	aipins.
162	4	roça	rota.
169	37	jacarateá	jaracateá.
200	7	copaubuçú	copanibuca.
204	1	Araticurana	Araticupana.
235	30	jubutemirim	jabutimerim.
258	34	pesados	prezados.
277	28	araticurana	aritucupana.
332	6	de locaes	de lugares.
334	38	commento	capitulo.
341	3	escripta	escrito por G. Soares, senão erudição de algum copista.
342	7	Loaysa	Gabeto em 1526.
348	10	radxi	radix.
351	13	O ambú	127. O ambú.

Digitized by Google

Digitized by Google

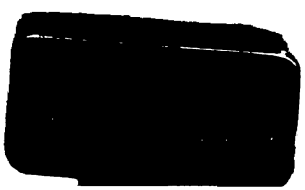
Digitized by Google



Digitized by Google

THE BORROWER WILL BE CHARGED AN OVERDUE FEE IF THIS BOOK IS NOT RETURNED TO THE LIBRARY ON OR BEFORE THE LAST DATE STAMPED BELOW. NON-RECEIPT OF OVERDUE NOTICES DOES NOT EXEMPT THE BORROWER FROM OVERDUE FEES.

WIDENER
BOOK DUE
CANCELLED
OCT 14 1982

CANCELLED
APR 14
APR 9 - 1987
2250698

Digitized by Google